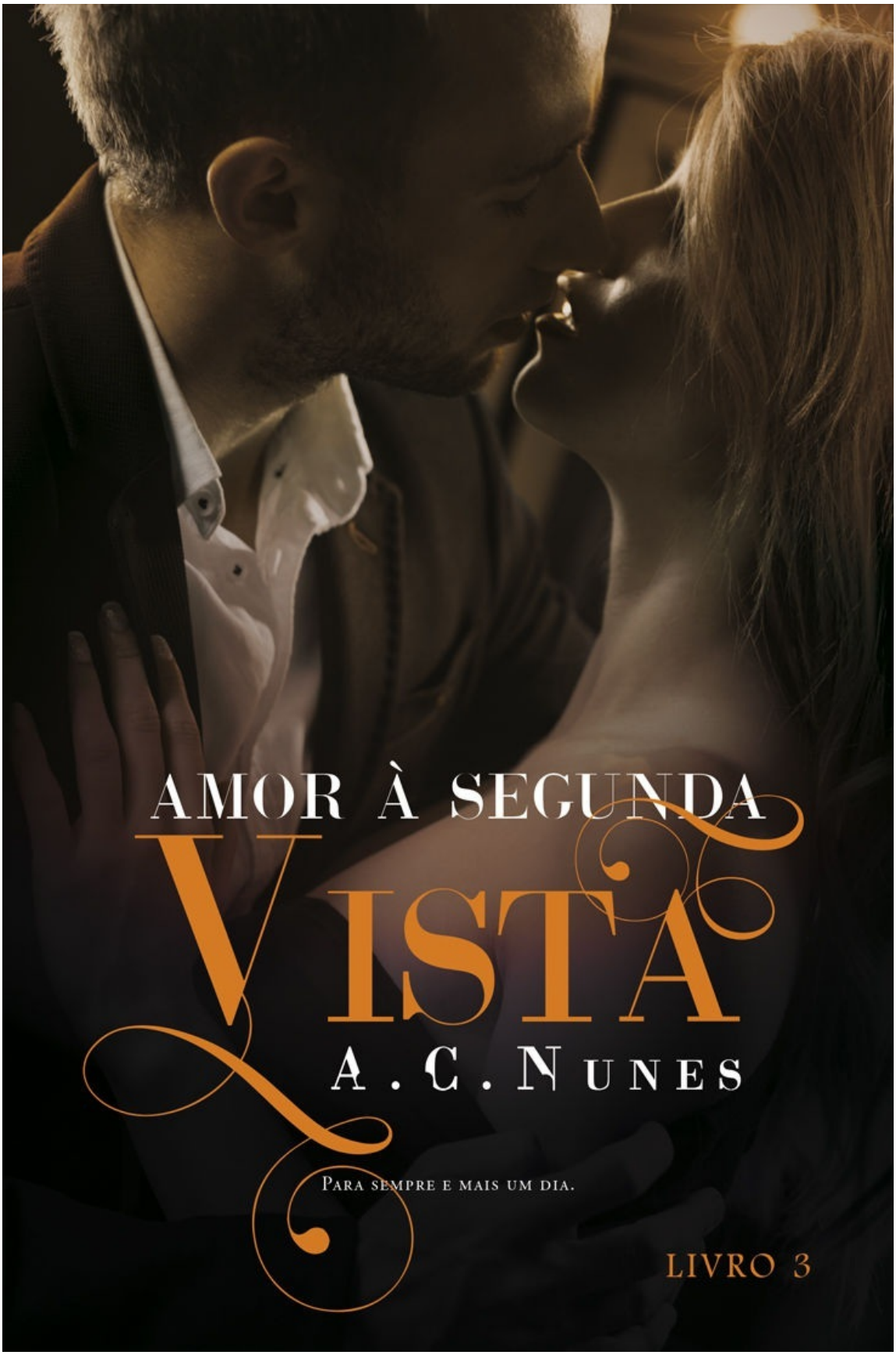

AMOR À SEGUNDA
VISTA
A. C. NUNES
Para sempre e mais um dia.
LIVRO 3

PERIGOSAS

AMOR À SEGUNDA VISTA

LIVRO 3

A.C. NUNES

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Copyrigth © 2017 by A.C. NUNES.

Todos os direitos reservados.

Direitos autorais do texto original.

REVISÃO

Amanda Nunes

CAPA

André Santos

DIAGRAMAÇÃO

Amanda Nunes

NUNES, A.C

Amor à Segunda Vista/ A.C. Nunes

1ª Edição, Campos do Jordão, SP: Independente, julho/2017.

(Amor à Segunda Vista; 3)

Está é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos, lugares ou situações é mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução desta obra, total ou parcial, sob quaisquer meios, sem o consentimento prévio e expresso da autora.

Lei 9.610/98

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

1. Ficção brasileira. 2. Romance. I. Título. II. Série NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ÍNDICE

PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

EPÍLOGO

CENA EXTRA

EPÍLOGO ALTERNATIVO

AMANTE IMPROVÁVEL

AMOR À SEGUNDA VISTA EM LIVRO FÍSICO

PLAYLIST

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

FIQUE POR DENTRO

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

PRÓLOGO

“EU NÃO TE AMO MAIS. NÃO SINTO NADA POR VOCÊ.”

Essas simples — e poucas — palavras quase fizeram Alfredo perder o rumo da vida. Formou-se um grande nó em sua garganta, o coração acelerou, rimbombando em ritmos descompassados dentro do peito, os olhos lacrimejaram

quase instantaneamente.

Os dois estão um de frente para o outro, após uma discussão acalorada.

Desde o incidente da noite em que saíram para jantar, Lívia é outra mulher.

Uma pessoa que Alfredo não reconhece. Não é mais a mulher exuberante, alegre e cheia de vida por quem se apaixonou pouco mais de quatro anos antes. Continua com sua determinação, sua força, a personalidade marcante, ainda é a mulher firme e segura de si. Em contrapartida, os sorrisos que tanto deixam Alfredo radiante estão cada vez mais raros, os carinhos são quase inexistentes. Lívia está mais distante, pouco demonstrou afeto desde sua saída do hospital, um mês atrás. Vive irritada por qualquer coisa, está impaciente com os filhos, tem crises de choro e pânico, rejeição, ataques de raiva.

Alfredo já não a reconhece mais e quer sua esposa de volta. Quer a Lívia amorosa, alegre, sua companheira e amiga, mulher e amante, sua cúmplice para os momentos bons e os difíceis. Quer os sorrisos segredados, as mãos suaves e aveludadas percorrendo o seu corpo, o beijo contra seu pescoço, as palmas resvalando pela sua barba, os dedos longos embolando em seus cabelos.

No entanto, Lívia mudara radicalmente. A mulher doce, de sorriso encantador, a mulher feliz de olhos castanhos brilhantes, deu lugar a uma pessoa irritada, amargurada e constantemente assustada.

E de todas as maneiras, Alfredo tentou ajudá-la, quis entender sua mudança repentina. Foi paciente, carinhoso, atencioso, compreensivo, para somente receber injúrias, ingratidão e maus-tratos nos últimos trinta dias.

Aguentou tudo. Cada palavra dura proferida, cada acusação, cada destrato, cada falta de afeto. Suportou tudo sozinho. Engoliu suas lágrimas, a mágoa que, às vezes, se formava em seu peito, a dor comprimindo seu coração NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quando sentia que Lívia não era mais a mesma pessoa. E se se sujeitou a tudo isso, foi por uma única razão: amor.

Sabia que tinha uma promessa com Lívia. Prometeu a ela que, não importasse o

que acontecesse, ele jamais a abandonaria outra vez, jamais sairia do seu lado, jamais desistiria do amor deles. E era o que vinha fazendo.

Mesmo com todo o fardo pesado das últimas semanas, Alfredo seguia suportando.

Fez suas pesquisas, buscou informações, conversou com um profissional, e tudo indicava que Lívia sofria de estresse pós-traumático. E, com isso, as reações dela, a falta de afeto, a rejeição com os filhos, era explicado. E mais do que nunca, Alfredo precisava estar do seu lado.

E embora estivesse determinado a ajudar sua esposa a se recuperar do choque, suas pernas quase perderam a vida com suas últimas palavras pronunciadas:

Eu não te amo mais. Não sinto nada por você.

Foi como se lhe tivessem arrancado o seu coração. A respiração para por um segundo, e ele a encara, os olhos úmidos.

— Não diga isso, Lívia. — murmura, ainda assustado com a declaração firme de sua esposa.

— Me perdoe, Alfredo — sussurra com a voz arrastada —, mas não sinto nada. Nada. Só uma tristeza profunda. Um medo aterrorizante. E uma raiva descomunal.

Cautelosamente, ele dá um passo à frente.

— Me deixe te ajudar. — Tenta segurar as lágrimas nos olhos.

— Você não pode.

— Eu posso, Li, eu sei… Eu prometi a você…

— *Esqueça essa promessa estúpida!* — Lívia brada de repente. — *Eu não me importo mais, você não vê? Eu não me importo com você nem com esse casamento!*

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

O coração de Alfredo rasga.

Lívia arqueja com dificuldade, os pulmões exigem por ar, as lágrimas descem, e ela não sabe dizer se é de medo, de raiva, de tristeza. Só sente vontade de chorar, de se isolar do mundo, de deixar Alfredo viver sua vida.

Fecha os olhos e acalma o coração, seus batimentos acelerados.

Já mais calma, torna a encontrar os olhos atônitos e entristecidos do homem que já não reconhece como seu esposo.

— Não quero que sofra por mim. Não quero que viva isso. Não quero isso para sua vida. — enuncia, com voz determinada.

Alfredo ensaia algo para lhe dizer. Apesar de ela estar irredutível, ainda assim não desistiria. Sabe que tudo é consequência do trauma vivido; toda a sua nova personalidade é somente sua forma de defesa. O amor de Lívia por ele está em algum lugar daquela mente e coração, adormecido, mas não morto.

Porém, não houve chances para proferir coisa alguma.

As próximas três palavras de Lívia são as piores coisas que ele poderia ouvir:

— Quero o divórcio.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

01

TRAUMA

Lívia

DIAS ANTES

A NOITE PROMETIA SER MARAVILHOSA.

Alfredo me levou para um restaurante esplêndido — e até fizemos a loucura de transar no banheiro do estabelecimento — para comemorarmos nosso segundo ano de casamento. A vida ao lado dele não poderia estar mais perfeita, embora nossa relação não fosse um mar de rosas e, como todo casal, enfrentássemos divergências.

Planejamos um jantar romântico e, para terminar a noite de forma sexy e prazerosa, uma parada no motel. Mas num segundo, eu vi todos os nossos planos serem mudados bruscamente.

Enquanto o aguardava retornar com o carro, dois homens encapuzados surgiram de repente — sabe-se lá de onde — e com armas empunhadas me renderam. Um medo aterrorizante se apossou do meu corpo no instante em que senti o cano frio da arma contra minhas costelas.

A garganta secou de imediato, os olhos lacrimejaram tão rápido que mal pude perceber. Paralisei de medo, apavorada. Uma vontade imensa de gritar por ajuda, gritar por Alfredo, mas engoli minha vontade tão logo recebi uma ameaça caso não permanecesse de boca fechada.

Consegui acenar freneticamente, minhas lágrimas rolavam dos olhos como cascata, e, balbuciando, pedia para não me machucarem.

— Está sozinha, boneca? — um dos homens encapuzados me perguntou, resvalando o cano da arma pela lateral do meu corpo. — Tem alguma coisa de valor para mim, hein?

— M-meu esposo… — a voz trepidava — foi buscar… nosso carro.

Pode levar o que quiser… Apenas não nos machuque. — Quase implorei.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Hummm, interessante… — E sorriu como o diabo. — Vamos esperar por ele, então. — Nisso, fui arrastada para um beco ali próximo.

Prensada contra a parede de tijolos frios, eu estava desesperada. O

impiedoso homem sobre meu corpo tampava minha boca, abafando meu choro. As lágrimas vieram ainda mais quando, de repente, senti a ponta da pistola do indivíduo subir pela minha perna esquerda, erguendo um pouco meu vestido.

Pelo rasgo da touca usada pelo homem, eu pude notar um sorriso malicioso se resplandecer. Mais prantos vieram; desespero, medo, agonia…

Todos esses sentimentos me invadiram. Pensei em Alfredo, em Lara, em Enzo… Pensei nas pessoas mais importantes para mim e temi deixá-los.

Temi pela minha vida… Temi pela vida de Alfredo.

— Você é bem gostosa… — murmurou ele; seu comparsa soltou uma risada esganiçada e concordou:

— Gostosa pra caralho.

A ponta da arma continuava a subir pela parte interna da minha coxa. E

meu desespero aumentava exponencialmente. O tato frio e áspero da pistola deu lugar ao toque quente de uma mão, enfiando-se cada vez mais para dentro do meu vestido. O cano da pistola se encontrou com a minha jugular, e uma ameaça não foi preciso ser verbalizada. Eu entendi: qualquer reação ao ato me custaria a vida.

— *Lívia?* — a voz de Alfredo ressoou pela noite escura.

O bandido largou-me no mesmo instante. Juntou-me pelos cabelos e me pôs em sua frente, apontando a arma para minha cabeça.

— É o seu marido, não é? Lívia… Belo nome… Combina com seu corpo gostoso. Responda, querida… É o seu esposo?

Balancei a cabeça freneticamente em positivo.

— Ótimo… — exclamou sussurrando, voltou-se ao seu comparsa e ordenou que esperasse no beco, até que o chamasse.

Tudo aconteceu muito rápido. Mal tive tempo de processar. Eu posso dizer que tive muito medo ao sentir o cano da pistola em minha cabeça ou na

jugular, ou as mãos asquerosas subindo pela minha coxa. Mas nada, absolutamente nada, é comparável ao medo que me dominou ao ver *Alfredo* em risco, sendo agredido impiedosamente, e até mesmo tendo a pistola apontada para sua cabeça.

Naquele rápido momento, eu o vi morto em minha frente. Uma dor alucinante se instaurou em meu coração. Eu sequer suportaria a ideia de Alfredo me deixar… nessas circunstâncias… dessa maneira.

Irracional demais, agi apenas no intuito de protegê-lo — como se de alguma maneira eu realmente pudesse — e reagi ao assalto.

Depois dessa minha reação, a confusão foi instalada, e minha mente se tornou um grande abismo de escuridão e esquecimento.

***

A primeira coisa que sinto quando, vagarosamente, minha consciência retorna, é o calor de uma pele em mim. Um toque sedoso, macio, confortável… *Conhecido*.

Meus dedos são levemente pressionados; as costas das minhas mãos, acarinhadas com amor, enquanto, ao fundo, eu posso distinguir algum lamento ou cochichos ininteligíveis.

Pouco a pouco, levanto meus olhos; as pálpebras pesam mais do que o habitual. Meus lábios ressecados exigem por água; o toque suave, incansável e constante segue me acariciando…

Com mais dificuldade que o costumeiro, viro o pescoço para o lado, na direção do toque, e vejo um par de olhos azuis — um misto de alívio, tensão e felicidade emanam deles.

Alfredo logo desenha um sorriso cansado nos lábios. Sua mão macia vem de encontro à minha testa, ao mesmo tempo em que a outra me segura em um aperto forte.

— Que bom que acordou, amor… — diz baixinho e terno. — Estava tão aflito.
— Não consigo responder nada. Alfredo deposita um beijo rápido em meus lábios e depois em minha testa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Em nenhum segundo suas mãos soltam as minhas.

— Estou… com… sede — ofego, minha garganta ainda seca.

Prontamente, Alfredo se prontifica a me buscar um copo com água.

Ajuda-me a inclinar o corpo e a sorver o líquido, que desce pela minha garganta e finda minha necessidade. Encontro seus olhos outra vez —

continuam atônitos e cheios de preocupação, mas também amorosos e repletos de esperança.

Apesar da confusão em minha mente, me permito olhar ao redor e tentar reconhecer onde eu estou.

Como um raio de lembranças, as cenas aterrorizantes que vivemos retornam à minha mente em um supetão, todas elas de forma desconexas e atemporais, confusas e igualmente assustadoras.

Lembrar-me de tal acontecimento é igual revivê-lo: a imagem de Alfredo sob a mira de uma pistola, o homem determinado a apertar aquele gatilho e tirar de mim o homem que mais amo… as lembranças terríveis pranteiam meus olhos e me preenchem de um medo imensurável.

Abraço-o fortemente, tentando afastar os pensamentos da minha cabeça e manter as gotas em meus olhos. Seus braços fortes me rodeiam como resposta, e o aperto que me traz mais para seu corpo me cobre por um instante de uma sensação de segurança.

— Oh, meu Deus, Alfredo… — quase soluço — Como você está?

— Estou bem, Li… Estou bem, amor…

— Aqueles homens… — tento dizer alguma coisa, mas sou calada com um beijo sereno.

— Esqueça isso por hora. Já fiz um boletim de ocorrência, e a polícia já está à procura deles. Você está bem, e é isso o que realmente importa, meu amor.

Abano a cabeça. O polegar de Alfredo seca minhas lágrimas; seus lábios mais uma vez pressionam-se contra os meus: sereno, terno…

romântico.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Um novo sentimento preenche minha alma. Não sei explicar com exatidão, mas em outro momento, em outra ocasião e circunstância, esse beijo abalaria minhas bases e me deixaria ainda mais apaixonada por este homem. No entanto, a emoção neste momento é completamente diferente do que eu já vivenciei um dia.

Alfredo desgruda nossos lábios, olha-me com doçura — o mesmo olhar apaixonado desde quando nos reencontramos e nos casamos. Tento forçar um sorriso, querendo ignorar uma angústia que começa a me consumir.

— Irei chamar o médico e dizer que você já acordou. — ele me diz, a voz sempre baixa e calma.

Sou capaz apenas de gesticular em positivo, mas, de súbito, meus olhos correm para o braço dele. Um pequeno ponto branco me chama a atenção.

Puxo-o pela mão, Alfredo volta-se para mim, ligeiramente assustado com minha ação repentina. Ergo a manga de sua camisa e ali eu vejo um pequeno curativo — já avermelhado pelo sangue seco.

Expilo um grunhido abafado, sem nem mesmo notar, e meus olhos outra vez pranteiam.

— Pegou de raspão, Li — Alfredo sussurra, ficando em minha altura.

Suas mãos grandes e sedosas tocam-me o rosto, trazendo meu olhar para o seu. — Eu só percebi depois de chegar aqui… Isso porque foi uma das enfermeiras que viu meu braço sangrando… Eu já disse, estou bem.

— Se eu não tivesse reagido a primeira vez…

— Isso não é culpa sua… — murmura em minha boca, me interrompendo; sinto seu hálito quente contra meu rosto, as lágrimas picam um pouco mais meus olhos. — Não existe um culpado, meu amor. Você está bem, eu estou bem, nada mais importa, querida. Esqueça isso agora.

Descanse… e não se preocupe. Estou aqui, aqui para você…

Novamente ele me envolve em seus braços aconchegantes, e por um segundo eu me permito ser abrigada por eles. Deixando um estalo no alto de minha cabeça, Alfredo se afasta dizendo que chamará o médico responsável de plantão.

O médico retorna com ele, um homem alto e de idade avançada, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

simpático e de voz calma, que me explica meu quadro clínico. De braços cruzados, Alfredo permanece no cômodo, como um guarda-costas, ou anjo da guarda, atento a tudo.

Segundo o doutor, eu sofri uma concussão com a queda. Já haviam realizado os exames de tomografia e constatado nada mais de grave, no entanto, precisarei permanecer doze horas em observação para terem certeza.

O que me custará ficar no hospital até o fim do dia.

— Tem algum sintoma que queira me relatar, senhora Hauser? —

pergunta, verificando minha pressão. — Dor de cabeça, sonolência, tontura…?

— Não, eu estou bem… Tirando o fato de estar um pouco deslocada…

Só agora me dei conta de ter perdido a noção do tempo.

O médico abre um sorriso sucinto e guarda seu instrumento de trabalho.

— É sexta-feira de manhãzinha. Está aqui apenas há algumas horas.

— Mas o suficiente para quase me enlouquecer de aflição. — Alfredo completa, uma leve pitada de humor.

O médico sem demora nos deixa a sós, mas ressalta que, se precisarmos de qualquer coisa, poderemos chamá-lo, além disso, logo me trariam alguma coisa para comer.

Alfredo vem para meu lado, me segura pelas mãos outra vez e me faz apoiar-me em seu peito, acariciando minhas madeixas. Permanecemos em silêncio por alguns segundos, até que pergunto de Enzo e Lara. Ele me certifica de que Enzo está sob os cuidados de Henrique; e Lara, dos meus pais.

Como prometera o médico, sem demora uma funcionária do hospital surge com uma bandeja para eu forrar o estômago, embora eu tenha alegado não sentir fome. No entanto, Alfredo me convence a comer pelo menos um pouco.

O dia avança, Alfredo não sai do meu lado nem mesmo para comer.

Fica comigo todo instante e se nega a tirar alguns minutos de descanso mesmo quando nossos parentes vêm me visitar. Meus pais, Henrique, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Victória e inclusive Carmen se oferecem para me fazer companhia, mas ele os dispensou, embora sob as advertências e alegações de que deveria ir para casa, pois estava comigo há quase doze horas.

Teimoso como ele só, Alfredo recusa todas as ofertas e continua prostrado em seu lugar, sem menção ou intenção de me deixar.

Recebo alta no início da noite, e seguimos para casa. Ao chegar, me deparo com uma pequena recepção de boas-vindas cercada por pessoas do meu convívio e que me são de extrema importância: meus pais, meus filhos, Carmen, minha melhor amiga e Henrique. Meus pequenos foram os primeiros a virem em minha direção e me receberem com abraços apertados e beijos. Um pequeno alívio

percorre meu corpo no instante em que recebo tais demonstrações de afeto; alívio por poder sentir esse amor novamente — pois, naqueles instantes de terror, uma das maiores preocupações era deixá-los e nunca mais viver esse amor que me rodeia.

Com a imagem das lembranças em minha mente perco um pouco minha compostura. Aflição me acomete e um grande nó se forma em minha garganta, me impossibilitando de ter qualquer outra reação.

— Querida, se sente bem? — Alfredo me chama, sua mão em meus ombros; viro-me em sua direção, dispersando os pensamentos, sorrio amarelo e lhe dou um beijo lacônico enquanto aceno em positivo.

A recepção de boas-vindas não se estende por muito tempo — acredito que todos tenham notado meu comportamento diferente, um comportamento que nem mesmo eu sou capaz de descrever, e se vão alegando que me deixariam descansar.

As crianças dormiram conosco, Lara agarrada ao meu pescoço, Enzo abraçado ao pai, mas logo Alfredo os leva cada um para seu quarto, e então ficamos sozinhos.

Um sorriso pequeno se manifesta nos lábios dele, enquanto sua mão alisa-me amorosamente o rosto. Não posso dizer uma única palavra. Fico apenas estática, sentindo suas carícias confortáveis…

É Alfredo quem rompe o silêncio:

— Fiquei tão assustado e aflito… — cicia, e as recordações me NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

amedrontam mais uma vez — Lívia, eu… eu não sei o que faria da minha vida se você…

— Podemos parar de falar desse assunto? — interrompo-o mais ríspida do que gostaria. — Eu só quero esquecer a noite de ontem — peço, já podendo prever minhas lágrimas juntarem.

— Claro, amor… — concorda, sussurrando. Aproxima-se dos meus lábios e deposita um beijo sereno e molhado.

Alfredo me traz para seu tórax e desliga a luz do abajur. Deseja-me boa-noite, depois de beijar meus cabelos, e adormece me acarinhando.

Observando-o dormir, embora eu tenha lhe dito que queria esquecer a noite passada, minha mente reprisa todo o curto momento de terror.

Fecho os olhos, me acomodo mais nos braços de Alfredo, tento afastar os pensamentos da minha cabeça, de fato esquecer que a noite passada existiu. Mas eles voltam para me atormentar em forma de sonho.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

02

DIFERENTE

Alfredo

EU ACORDO MAIS CEDO DO QUE DE COSTUME.

Lívia continua dormindo, o sono profundo, brando. Permito-me uns instantes para observá-la e venerá-la. E, de alguma maneira, eu a acho diferente. Uma pequena ruga entre suas sobrancelhas não lhe tira a beleza nem minha admiração. Eu continuaria amando essa mulher até nos piores momentos da minha vida.

Tento afastar dos meus pensamentos a ideia e o temor que vivemos naquela noite, e posteriormente com a internação dela. Eu nem gosto de me lembrar das horas terríveis que experimentei — isso me causa um grande aperto e uma enorme angústia no peito. Simplesmente não consigo me imaginar sem Lívia na minha vida… Ela é uma parte de mim, é como se fosse uma parte vital do meu organismo.

Deixo um beijo pequeno em seus lábios secos e me levanto com cuidado para não a acordar. Na cozinha, preparo um café da manhã reforçado. Enzo aparece

um tempo depois, visivelmente sonolento, carregando uma mochila. Puxa uma cadeira e se serve de um copo de leite.

— Bom dia, pai. Cadê a mãe?

— Bom dia. Ainda está dormindo. Caiu da cama? — indago, colocando uma fatia de panqueca para ele. Depois de abocanhar a guloseima, me responde:

— Papai vai vir me buscar para irmos pescar, não se lembra? Eu odeio pescar. — resmunga de forma engraçada, me fazendo gargalhar.

Sento ao seu lado, pondo um pouco de suco no copo.

— Me lembrei agora, está marcado desde a semana passada, não é? —

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Enzo abana a cabeça, pois a boca está cheia. — Já experimentou dizer ao Henrique que você não gosta desses passeios?

Enzo dá de ombros e limpa os lábios.

— Ele gosta. Tia Vic vai junto e sempre vibra quando pesca alguma coisa… E você precisa ver como os dois ficam felizes por pescarem um projeto de peixe — ele sorri de forma inocente e ri um pouco. — Não quero que ele fique chateado comigo.

— Você é um bom filho, Enzo… — murmuro, bagunçando suas madeixas. — Quer que eu sugira algo diferente para o Henrique te levar na semana que vem?

— Não precisa — garante, se levantando e deixando seu café pela metade quando ouvimos a campainha tocar. — Já combinamos de irmos ao parque aquático.

Acompanho-o até a porta. Henrique e Victória já o esperam. Convido-os para tomarem um café, mas alegam que precisam ir para melhor aproveitar o dia. Perguntam por Lívia e seu estado, e eu lhes garanto que ela está bem e dormindo.

— Está tudo tão recente. Acha mesmo certo levarmos Enzo para uma pesca em alto-mar tão já? — pergunta Victória, meio receosa. — Podemos deixar para a semana que vem…

— Foi apenas um susto, Vic… Lívia está bem. Não adiem nada por causa disso.

— Alfredo está certo. Além do mais, traremos Enzo amanhã à noite.

Não há com que se preocupar.

— Se não formos hoje para essa pescaria, não vamos na semana que vem. Prometeram me levar ao parque aquático. — Enzo faz sua observação em forma de protesto.

Depois disso, nos despedimos, Enzo me dá um beijo e um abraço e se vai.

Volto para o quarto; Lívia continua repousando. São sete e pouco da manhã. Eu gostaria de acordá-la, talvez fazer um sexo matinal antes de Lara NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

acordar, ou ficar na cama conversando amenidades, embolando meus dedos em seus fios macios e perfumados, assistir ao telejornal, ou ainda aos desenhos com a pequenina no nosso meio.

Deito-me ao seu lado; quem sabe consiga alguma de minhas aspirações.

Trago-a para meu peito e beijo seus cabelos, resvalando os lábios delicadamente pelo seu rosto. Ela se remexe e vem mais para perto de mim; abro um sorriso me sentindo confortável com sua aproximação.

Com o braço desocupado vou descendo meu toque pela sua pele, acariciando com ternura seu corpo. Inclino-me mais para sua boca; sinto sua respiração quente e ritmada contra meu rosto. Sorrio em seus lábios e os beijos com doçura. Escorrego um pouco mais meus dedos até alcançar seu abdômen. Essa mulher me deixa em êxtase.

— Eu te amo tanto, Li… — declaro bem baixinho. — A vida não teria sentido se eu te perdesse.

Inspiro fundo seu cheiro e deslizo minha boca até seu queixo, ao mesmo tempo minha palma avança mais para baixo, até se encontrar com sua coxa pequena e despida.

A excitação vibra meu corpo.

Um sorriso sucinto e malicioso se manifesta em minha boca colada à sua. Minha mão, enfim, chega à parte interna de sua perna sedutora.

Atrevido, vou subindo com um toque leve, apenas roçando nossas peles.

— Você é tão gostosa, amor… — cicio, meus dedos chegando à sua parte íntima.

E de repente, me assusto com a reação súbita de Lívia. Ao despertar assustada, ela me empurra, seguido de um grito angustiante:

— Não toque em mim!

Os olhos assustados estão me encarando. Algumas lágrimas de medo acumuladas fazem-nos brilhar. Estou assustado o suficiente com sua reação NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

para não ter nenhuma atitude nesse instante.

— Me desculpe… — ela balbucia, amedrontada. — Você me assustou, eu não queria…

— Tudo bem, Lívia… — acalmo-a e me levanto do seu lado, ainda abalado com sua reação repentina. — Você está bem?

Ela afaga o rosto e se ajeita melhor na cama, soltando um suspiro exasperado.

— Foi só um sonho ruim. Estou bem. — garante, um pouco trêmula.

Esforço-me para abrir um sorriso e tirar esse incômodo repentino que estou sentindo. Outra vez algo me diz que minha esposa está diferente.

Impeço meus pensamentos de me afligirem e digo:

— Preparei o café, está com fome?

Lívia sorri para mim — não dá mesma forma como ela sorria sempre quando eu tentava agradá-la com alguma coisa; é um sorriso pela metade, talvez entristecido — e afirma com um movimento de cabeça.

— Irei tomar um banho e já me encontro com você. — diz, se levantando.

— Quer companhia? — ofereço, esperançoso por um sexo sob a ducha.

Mas ela me encara com dúvidas em seu olhar. Embora hesitante, me permite acompanhá-la.

No banheiro, ajudo-a se despir e não posso deixar de contemplar seu corpo à minha frente. Lívia parece tímida ou receosa, como se nunca tivéssemos nos vistos nus. Trago-a para um beijo profundo e sereno e a arrasto para debaixo do chuveiro. Por alguns instantes, Lívia se permite envolver-se, e sob a água quente trocamos carícias e beijos cândidos.

— Eu te amo… — suspiro com seu lábio inferior entre meus dentes.

Lívia abre outro sorriso fraco e se apoia ao meu peito.

— Eu também te amo. Pode esfregar minhas costas? — pede, e prontamente eu a atendo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ensaboo sua pele delicada, estamos em um silêncio confortável.

Abraço seu corpo e nos conecto melhor. Deposito um beijo em sua nuca e acaricio seu abdômen com o sabonete. Lívia está relaxada e me permite deslizar meu toque para entre seus seios. Beijo-a sedutoramente na curva do pescoço, e um gemido de nós dois é incontrolável.

— Se lembra daquela vez… — sussurro ao pé do seu ouvido, resvalando minha palma pelo seu corpo pecaminoso — em que transamos dentro do carro no estacionamento do cinema? Tínhamos visto uma cena quente, e eu fiquei

excitado…

—… porque eu te provoquei — ela ri um pouco com essa lembrança, terminando minha frase. — Você estava selvagem e sexy naquele dia… Foi tão bom. — declara baixinho, quase inaudível por causa do chuveiro.

— Talvez devêssemos repetir a dose… — sugiro, beijando-a no outro lado do cangote.

— É… Talvez. Ou poderíamos transar na lavanderia, em cima da máquina, como no mês passado.

A ideia me agrada e faz meu corpo vibrar. Sob a água quente vamos relembrando esses momentos e rimos com as recordações de transas inusitadas. Somos dois tarados apaixonados um pelo outro. No desenrolar da conversa, entretido demais no momento, menciono:

— E por que não no banheiro de um restaurante como na noite…? —

Não tenho tempo de me impedir de continuar, Lívia se vira bruscamente. O

mesmo olhar assustado de antes se manifesta em sua íris agora.

Tento verbalizar um pedido de desculpas, ciente de que não deveria estar mencionando nada que a lembrasse daquele dia. No entanto, é ela quem se pronuncia:

— Eu já te pedi para esquecermos aquela noite.

— Eu sei, amor, eu só… Eu não tive a intenção… Juro, Li.

— Você nunca tem a intenção de nada — rebate, entre os dentes. — O

seu problema é que você nunca pensa para falar!

Sem me deixar abalar, abraço-a para acalmá-la.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não vai mais acontecer. Eu te garanto — sussurro e a beijo serenamente sem ela esperar.

Lívia corresponde, mas não na mesma intensidade, não com a mesma paixão, não com o mesmo entusiasmo nem com a mesma emoção.

Definitivamente, minha esposa está diferente.

Talvez porque ainda esteja tudo muito recente, talvez porque ela continue assustada com os acontecimentos apavorantes que vivemos. E eu sei, ela precisa de um tempo até esquecer, superar essa experiência desagradável.

Reforço para mim mesmo que, dentro de breve, aquele assalto não passará disso: uma experiência desagradável.

— Podemos fazer amor? — murmuro com nossos lábios selados.

Lívia fica em silêncio por alguns segundos; os olhos fechados recebendo o cair da água em seu rosto.

— Não me sinto disposta para isso. Podemos deixar para… a noite?

Assinto apenas. Viro-a de costas para mim outra vez e continuo a ensaboá-la.

— Obrigada… — cicia de repente.

— Pelo quê?

— Você é sempre tão compreensível.

— Eu só te amo o suficiente para respeitar a sua vontade.

Lívia nada responde. Digo novamente que a amo.

E ela escolhe permanecer calada.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

03

ILUSÃO

Lívia

— VOCÊ ESTÁ LINDA — ALFREDO ME DIZ.

Ele está encostado à porta, me observando.

É segunda-feira de manhã. O final de semana passou de forma lenta, e para mim foi um pouco agoniante. Queria de toda as maneiras poder estar na Hauser Alimentícia trabalhando e ocupando minha cabeça com assuntos da empresa para afastar alguns pensamentos que, subitamente — e sem explicação —, me acometiam.

Abro um pequeno sorriso e termino de trançar meus cabelos.

— A babá da Lara está atrasada — pronuncio, olhando o relógio.

Alfredo se aproxima de mim e me toca na cintura, um sorriso taciturno riscado em sua boca formosa.

— Ela me ligou ontem à noite, depois de você dormir. Está com conjuntivite, não poderá vir.

Viro-me em sua direção ao pronunciar essas palavras. Ergo os olhos para encontrar com os dele, e embora eu já esteja habituada com esse homem à minha frente, sua estatura imponente e o azul sedutor de seus olhos sempre me desestabilizam um pouco quando muito próximo.

Rio um pouco quando percebo sua gravata ligeiramente desengonçada.

Ajeito-a enquanto respondo:

— Vou ligar para minha mãe, nesse caso…

— Não precisa. Lara ficará comigo até meio-dia.

— Alfredo… — tento adverti-lo, mas sou calada com um beijo plácido.

NACIONAIS-ACHEROM

— Eu não tenho nada de importante hoje. Lara não vai me atrapalhar. E

à tarde, mamãe vai ficar com ela, não se preocupe.

Assinto rapidamente e termino de arrumar sua gravata.

— Sabe se sua mãe estará ocupada agora de manhã? Gostaria da opinião dela sobre a mudança na arte das embalagens dos produtos… Preciso dar uma resposta ainda hoje.

— A verdade é que sim, ela estará. — ele me responde, e posso senti-lo olhando com lascívia para mim. — Eu liguei para ela ontem, para pedir que ficasse com Lara hoje. Mamãe me disse… pasme… que de manhã não poderia porque tomaria o seu desjejum na companhia de um pretendente.

Subitamente olho para Alfredo, me divertindo com a informação dada e quase não acreditando no que meus ouvidos acabaram de ouvir.

— Sua mãe, um pretendente e um encontro? Por que eu não estava sabendo disso?

— Eu também não sabia. Mamãe disse que estava sendo discreta. —

Alfredo me acaricia no rosto, com ternura. — Só me contou para justificar por que não poderia ficar com Lara.

— Quem diria… — murmuro, fechando os olhos, me deliciando com o toque dele em minha pele.

— Tarciso Lacerda… O nome do meu futuro novo pai.

Não contenho uma risada alta e exagerada ao ouvi-lo e o estapeio nos ombros por ser tão bobo. Logo sou silenciada com sua boca me invadindo.

Correspondo ao seu beijo fogoso e suculento, meu coração dispara de forma boa. Lara entra correndo no quarto, interrompendo o momento. Traz uma mochilinha nas costas, dizendo já ter escolhido os brinquedos para levar ao café; Enzo vem logo atrás, protestando de sono, e já uniformizado para o colégio.

Alfredo instrui Enzo a ir até o carro com Lara, a acomodá-la no cadeirão e o esperar, pois não demoraria a levá-lo para a escola. A sós outra vez, Alfredo toma meus lábios com mais sofreguidão, quase sendo uma necessidade vital.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vou deixar você se arrumar para ir à Hauser… — cicia, rente à minha boca, e um tremor diferente corre pelas minhas veias. Nunca senti receio em dirigir sozinha, mas hoje, por algum motivo desconhecido, esse temor se aflora em minha pele. Antes de Alfredo partir, seguro-o pelo pulso.

Forço um sorriso, não quero preocupá-lo; acaricio seu peito largo e digo:

— Se importa se me levar hoje?

Se eu esperava ser questionada, não foi o que aconteceu. Alfredo veste um sorriso no rosto, parecendo satisfeito com o pedido, e abana a cabeça em positivo.

— Estarei no carro te esperando.

Alfredo me leva à Hauser e faz questão de me acompanhar até a presidência. Deixa Lara com algumas funcionárias que sempre ficam encantadas com a visita dela e me segue até minha sala.

— Se sente bem? — me pergunta, parado no meio da sala.

— Sim, estou. Por quê? — inquiro, mantendo-me ocupada em organizar minha mesa.

— Por nada. Me pegou de surpresa quando me pediu para te trazer.

Normalmente você vem sozinha.

— Só não estava me sentindo muito bem para dirigir. — alego, o que não é uma total mentira. Levanto os olhos para ele e sorrio de forma meiga

— E admita: você adorou meu pedido.

— Eu poderia te trazer todos os dias — comenta, suavemente — Não sei por que ser tão independente assim.

— Gosta de me ver dependente de você? — devolvo, mas não sou rígida.

— Não. Eu gosto de te agradar, de ter motivos para te ver… Como hoje, por exemplo. Posso deixar o Avennue mais cedo alegando vir buscar a minha esposa no trabalho… Depois que encerrar o seu expediente, nós dois podemos… Bem, eu pensei em… — Alfredo sorri maliciosamente e joga olhares sugestivos para minha mesa. Demoro um tempo a entender, e, quando o faço sinto, minhas bochechas se avermelharem.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não seja um tarado — digo baixinho, e ele ri alto, vindo em minha direção.

Descubro-me sendo abraçada pelos braços fortes e aconchegantes, os lábios dele me tomam outra vez, com amor, fogo e paixão…

— Estou há alguns dias sem fazer amor com você. Não deveria me culpar por estar tarado.

Deixo um ligeiro riso em sua boca, e logo sou acometida por lembranças que gostaria de esquecer. É inevitável. Ao mesmo tempo em que me recordo da nossa última transa, no banheiro do restaurante, aquele terrível momento acompanha meus pensamentos. Perco um pouco a firmeza das penas e preciso de um ligeiro esforço para segurar minhas lágrimas e acalmar as batidas do meu coração. Alfredo continua falando alguma coisa, talvez protestando por ter dormido nas duas últimas noites sem cumprir com a promessa de fazermos amor, sempre alegando dor de cabeça ou exaustão.

Mas a verdade sempre foi que não houve disposição, não houve *vontade* de fazer amor. Não que ele não me excite… Tenho completa ciência de que somente a voz dele seria o suficiente para me queimar de luxúria. No entanto, o sentimento indescritível me afligindo ultimamente tirou de mim qualquer disposição para transar com Alfredo. Me assustava a ideia de ter a mão dele escorregando pela minha coxa, sua voz sedutora e rouca murmurando obscenidades em meu ouvido me trariam as terríveis recordações, e junto, o medo aterrorizante.

Por um instante, me questiono por que não estou conseguindo superar e seguir em frente.

— … talvez hoje à noite? — Alfredo me traz de volta à realidade, e apenas posso oferecer um sorriso rápido e abanar a cabeça.

— Claro, querido… — mas não há firmeza em minha voz, e pela expressão dele, Alfredo tenta disfarçar sua decepção.

Dá-me um beijo apaixonado e logo se vai.

Passo boa parte do dia ocupada e atarefada. Uma reunião com a empresa de logística e, mais tarde, com a empresa de marketing ocupam minha mente por algumas horas e desviam as lembranças que, no silêncio e NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

solidão da presidência, vez o outra, retornam, angustiando meu coração.

Ao fim do expediente, Alfredo vem ao meu encontro. Parece-me um pouco mais animado do que a última vez em que esteve aqui. Traz um sorriso maroto nos lábios, cheira fortemente à colônia pós-banho importada, substituindo seu costumeiro perfume amadeirado. Meu corpo é colidido com o seu abruptamente quando, segurando minha cintura, arrasta-me para seus lábios em um beijo tentador.

Enquanto descemos até o carro, sou questionada sobre o meu dia.

Quero lhe contar sobre meus pensamentos e as lembranças insistindo em permanecerem na minha mente. No entanto, acuo um passo para trás nessa decisão. O que ele pensará se souber que continuo reprisando os acontecimentos, quando, na verdade, pedi (rudemente) para esquecermos aquele fatídico dia? Talvez fique chateado, irritado porque precisou o tempo todo estar escolhendo as palavras para falar comigo, e eu fico a remoer esses momentos.

Afasto da cabeça essa possibilidade e digo apenas que ocorrera tudo bem. Ele me conta sobre seu dia no café: de como foi fácil ficar com Lara durante a parte da manhã — teve ajuda de funcionárias e clientes, além de ela ter se comportado — e de como estava planejando redecorar o local.

— Pensei em fazer um jantar especial — digo, já dentro do carro; Alfredo ainda se acomoda em seu lugar. Ele me olha, sorriso bonito e malicioso manifestado.

— Ocasião especial? — pergunta, sugestivo.

— Não. Apenas quero cozinhar. Não sou a melhor pessoa na cozinha, eu sei, mas me agradaria ocupar a cabeça com alguma coisa. — explico. E de fato eu quero poder preencher minha mente e me atentar a outras coisas.

Talvez só assim eu possa superar e seguir em frente, ou simplesmente encarar o trauma como uma experiência ruim.

— Que bom. Vou passar no mercado, prometi levar chocolate para Lara; precisa comprar algo para esse jantar especial?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Acho que só um bom vinho e *champignon*.

No supermercado, compramos muito além do necessário. Eu tenho de várias vezes advertir Alfredo por estar levando coisas demasiada às crianças.

Além da caixa de chocolate de Lara, ele pôs no carrinho três caixas do cereal preferido de Enzo, embora tenhamos um estoque na despensa.

— É uma edição limitada. Vem brindes — justificou.

Também tirou das prateleiras biscoitos, sucos, iogurtes, latas de refrigerante, salgadinhos industrializados e diversas guloseimas, sempre com o pretexto “Enzo vai gostar.”, ou “Esse desenho na embalagem é o personagem favorito de Lara.” ou ainda “É para o lanche do Enzo”.

— Prometo que vai ficar tudo na caixa de guloseimas, trancado, e só comerão quando deixarmos. — alega, mas eu sei como as crianças saberão facilmente dobrá-lo para conseguirem as almejadas guloseimas.

Apesar da advertência, eu não posso privá-lo de querer mimar os filhos.

É uma qualidade-defeito impossível de tirar dele. Alfredo é assim. Nos últimos dois anos houve várias vezes em que saía para comprar uma caixa de leite, ou resolver alguma questão do café, ou simplesmente ir até a avenida, e voltava cheio de mimos para as crianças; ocasionalmente para mim também.

Alfredo ainda compra duas garrafas de vinho, queijo branco, algumas garrafas de cerveja… Fico atordoada quando ele pega *chantilly.* Um olhar malicioso, acompanhado de seu sorriso cretino, me revela suas reais intenções.

Passamos a compra no caixa, voltamos para o carro rindo do seu relato: Lara havia puxado a peruca de um senhor, cliente há meses da loja, e depois se assustou e começou a chorar.

— Não sabia se tentava acalmá-la ou pedia desculpas ao senhor Smith.

— conta-me, aos risos, enquanto gira a ignição.

— Eu imagino o seu constrangimento. — acompanho sua risada, contagiada pelo meu marido. — O que foi? — indago, o vendo bater as mãos no bolso.

— Meu celular… Devo ter esquecido no caixa. Vou voltar para buscá-
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

lo, não demoro.

Antes de eu poder protestar e manifestar meu desejo de acompanhá-lo, Alfredo já saiu do carro e se distancia. Engulo minha bílis. Vejo-me sozinha, a noite já caiu sobre a cidade, o estacionamento nesse ponto está quase vazio, um silêncio desolador atormenta meus ouvidos.

Instintivamente tranco as portas e fico atenta a qualquer movimentação suspeita. Alfredo parece demorar a eternidade para retornar. Meu consciente traiçoeiro mais uma vez me leva a momentos que queria enterrar no fundo da minha mente. Fecho os olhos e tento esvoaçar os pensamentos absurdos. É só um estacionamento vazio, num supermercado seguro, com câmeras de vigilância e vigilantes por todo lado.

Meu coração palpita tão forte que acredito ser possível ouvir as batidas

rimbombando sangue para o corpo.

Ao abrir os olhos, uma silhueta alta e corpulenta está sob a luz da lua, cinco ou seis metros distantes de onde eu me encontro. Usa um moletom com capuz cobrindo seu rosto e impossibilitando seu reconhecimento. Pouco a pouco, vem em direção ao carro, passos lentos, precisos, até mesmo determinados.

As lágrimas juntam instantaneamente nos meus olhos. Rogo baixinho para ser apenas outro cliente do supermercado; rogo para ser apenas uma peça da minha mente. Mas a figura continua a vir de encontro a mim.

Verifico as portas: trancadas. Pego meu celular para ligar para Alfredo. Sem bateria. O desespero me consume. O homem cada vez mais próximo. Alívio me acalma quando, simplesmente, a figura passa por mim. Olho para trás, suspiro o vendo depositar sacolas no porta-malas do seu carro.

Volto-me para frente e enxugo as lágrimas. Minha consciência ainda me levará à loucura.

De repente, um estalido no vidro chama minha atenção. O homem de antes voltou. Agora aponta uma arma para mim, enquanto bate o cano contra a janela e tenta abrir a porta, dizendo algo incompreensível. Sou possuída mais uma vez por desespero. Buzino desesperadamente, no intuito de chamar a atenção de Alfredo, dos seguranças ou qualquer outra pessoa que possa me ajudar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Com um soco forte, o vidro é quebrado, incontáveis pedacinhos voam pelo ar, um pouco atingem o meu rosto. Tento alcançar o banco do motorista

— preciso arrancar com o carro! —, mas minha ação é interrompida. O

homem abriu a porta e me puxa pelo tornozelo, ao mesmo tempo em que eu me debato e, desesperada, grito por ajuda.

— Lívia! Lívia! — Alfredo grita, sua voz sai abafada… batidas contra o vidro continuam ressoando como um som insuportável… o homem se foi.

— Lívia, abra a porta, amor. Está tudo bem! Lívia… Amor… — Há afobação em sua voz.

Encontro-me encolhida, deitada entre os dois bancos, as mãos em forma de concha nos ouvidos… o coração palpitante. O vidro anteriormente quebrado, como mágica, está restaurado.

— Querida, olhe para mim. Sou eu. Abra a porta, amor. Está trancada por dentro, estou sem as chaves.

Salto do banco e abro a porta. Quando Alfredo entra, abraço-o fortemente pelo pescoço, soluçando. Ele tenta me acalentar, dizendo estar tudo bem e me questionando sobre o que me assustou.

— Nunca mais me deixe sozinha, Alfredo. Não quero mais ficar sozinha! A culpa disso tudo é sua! — grito, esmurrando-o no peito. — Se não tivesse me deixado sozinha naquela noite, eu… Eu… Eu… — Não sou capaz de terminar, irracional demais para saber distinguir as palavras proferidas pela minha boca.

Eu sei que a culpa não é dele. Como eu poderia culpá-lo, Deus?

Abraço-o mais uma vez, me esforçando para parar de chorar. Alfredo segue acariciando meus cabelos e me embalando para a calmaria, sem se afetar com minha reação.

— Lívia, está tudo bem…

— Eu o vi. Alfredo, havia um homem me puxando, estava armado e…

— Amor, não havia ninguém… provavelmente se assustou com alguma coisa. Mas não havia ninguém aqui.

— E então…? — balbucio, confusa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Tudo não passou de projeções da minha mente?

— Talvez eu tenha te assustado. Você estava sozinha, e eu forcei a porta para abrir, não sabia que estava trancada. Depois bati contra o vidro, te chamando, para que destravasse. — Ele suspira, trazendo meu olhar para o seu. — Lívia, converse comigo. Me diga o que está acontecendo… Está revivendo seu trauma?

Afasto-me de seus braços no mesmo instante. Puxo o cinto de segurança e seco as lágrimas insistindo em descer dos meus olhos.

— Não está acontecendo nada. Estou bem… Você me assustou…

Apenas isso. É muito recente, Alfredo. É normal eu ainda estar apavorada. Só peço para não me deixar sozinha dessa maneira outra vez. Logo vou esquecer isso, não se preocupe — desato a falar, sem encará-lo. — Vamos para casa.

Quero ver as crianças.

Pela visão periférica, constato preocupação nos olhos azuis. Mas ele apenas acena em positivo e seguimos para casa.

Naquela noite, não houve jantar especial, não houve sexo lento e gostoso, nem o chantilly teve outra utilidade igualmente gostosa…

Continuava indisposta.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

04

AJUDA

Alfredo

ÀS CINCO E MEIA DA MANHÃ, JÁ ESTOU EM PÉ.

E apesar do frio matinal, me visto com bermuda e regata para meu habitual percurso de quinze quilômetros. Desde o ocorrido do assalto, há algumas semanas, e com a mudança brusca no comportamento de Lívia, abandonei por alguns dias minha rotina de exercícios.

Tomo cuidado para não a despertar, pois minha esposa dorme profundamente. Lara deita ao seu lado… levantou-se no meio da madrugada querendo a mãe.

Suspiro e afago os cabelos, já desesperado pelas últimas semanas.

Minha esposa mudou radicalmente, é uma pessoa que eu já não reconheço, e sei que ela está passando por algum tipo de trauma após o ocorrido.

Há uns dias, quando ela se apavorou no estacionamento do mercado, eu tive certeza. Tentei uma conversa, queria que ela se abrisse comigo, contasse o que estava acontecendo, para, assim, buscarmos pela ajuda necessária. Mas Lívia alegou o tempo todo estar bem, estar assustada apenas por tudo ainda ser recente… Garantiu-me que logo esqueceria tudo e melhoraria.

Não foi o que aconteceu. Minha mulher continua apavorada, odeia ficar sozinha, seja em casa, no carro ou até mesmo na empresa. Para trabalhar, ela pediu a sua assistente para montar uma mesa em sua sala e lhe fazer companhia. Também está um pouco paranoica: confere janela e portas o tempo todo enquanto estamos em casa, qualquer barulho a assusta e a deixa em alerta.

A superproteção com Lara e Enzo também é um fato a ser considerado.

Lívia sufoca as crianças com seu excesso de cuidados. Lara não pode correr
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

pela casa, pular na cama, brincar com o irmão… Se Lívia acredita que a brincadeira os machucará de alguma maneira, exige logo que parem; e isso aborrece nossos filhos, que se sentem presos e impossibilitados de se divertirem.

Enzo não pode mais nem mesmo ir à esquina sozinho. Precisa ser escoltado por algum adulto se quiser atravessar a rua, nem mesmo os percursos já acostumado a fazer sozinho — a casa dos avós, a volta da escola, e a ida e volta das aulas de violão — Lívia o poupou.

Anteontem, Lívia não queria deixá-lo ir à casa dos avós desacompanhado, e não havia ninguém, naquele momento, para acompanhá-lo. Apesar de Enzo sempre ter sido obediente, pela primeira vez ele se rebelou.

— “Você está insuportável!” — Lívia me contou quando cheguei em casa — Foi o que ele me disse, Alfredo! Enzo teve a audácia de me dizer isso! Dê um jeito *no seu filho!* — frisou, com um tom de voz que me assustou.

Conversei com Enzo , mas não fui rude. De alguma forma eu o compreendia. Lívia também não estava sendo boa comigo. Sempre que eu tentava compreendê-la recebia gritos e injúrias, tinha ataques de pânico e raiva, como cinco noites atrás. Começamos a assistir um filme e, para nosso azar, houve uma cena de sequestro. Foi muito para ela. Lívia chorou e pediu desesperadamente para trocar de canal; depois, me culpou outra vez por tudo o que aconteceu… *Se eu* não tivesse a deixado sozinha, *se eu* não tivesse viajado para França e adiado nosso jantar de aniversário , *se eu* tivesse a levado mais cedo , *se eu*…

Os transtornos não param por aí. Apesar da proteção ao extremo com Enzo e Lara, em alguns momentos age impacientemente com as crianças.

— Tire-a agora daqui! Lara está irritante — disse certa vez, depois de uma pirraça da pequena.

Lívia se trancou no quarto e não saiu até o dia seguinte.

— Mamãe não gosta mais de mim? — Lara indagou, partindo meu coração. Não é somente impaciência que afeta nossos filhos, mas também a NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

distância. Lívia já não se dedica tanto às crianças… As aproximações e afetos diminuem dia após dia. Os momentos de brincadeiras e amor são raros e curtos… momentâneos.

Tentei explicar à Lara que sua mãe passa por uma fase complicada, mas ela ainda nos ama, e muito.

Minha esposa também se distanciou de mim. Não fazemos amor mais; beijos e carinhos são demonstrados somente por mim, ela já quase não me diz

“eu te amo” espontaneamente, vive desanimada, irritada comigo sem razões, e desconta toda sua raiva e tristeza em palavras que ferem meu coração.

Embora a situação esteja insuportável, eu estou carregando toda minha angústia, engolindo meu orgulho ferido, não rebato suas alfinetadas… pelo contrário, tento ao máximo compreendê-la, continuo sendo amoroso, paciente, compreensível, continuo demonstrando meus sentimentos, apesar disso não ser tão recíproco, embora isso me fira… Há uma promessa. E eu irei cumpri-la

Fiz uma pesquisa na internet, recentemente, e pelos sintomas de Lívia, ela pode estar sofrendo de estresse pós-traumático, mas o diagnóstico só pode ser constatado por um profissional e após um mês de persistência dos sintomas. Antes disso, a reação psicológica da vítima diante o trauma pode passar em alguns dias.

Eu tive fé nisso. E esperei. Mas já faz um mês desde tudo. E Lívia parece só piorar. Então, decidi que é hora de ajudá-la. De buscar orientação profissional.

Deixo-a dormindo com Lara, despeço-me com um beijo sereno e saio.

Primeiro de tudo preciso pôr minha cabeça no lugar, organizar minha mente, meu coração… Corro mais do que o costume. Faço trinta quilômetros, e apesar da intenção de relaxar e abrandar meus pensamentos, continuo frustrado. Volto para casa, quase oito da manhã… Lívia já acordou; está num canto da cozinha, as mãos envoltas em uma caneca com café. Olha para mim, força um sorriso e traga um gole.

Dou-lhe um rápido beijo — quase não correspondido:

— Bom dia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Bom dia — responde muito baixo; preciso forçar meus ouvidos para escutá-la.

— Estarei pronto em cinco minutos. Quer que eu te leve à empresa?

— Não precisa. Cancelei meus compromissos de hoje. Não me sinto bem.

— O que você tem? — quero saber, um pouco preocupado.

Lívia suspira pesadamente.

— Não se preocupe. Até o final do dia estarei melhor. — responde, termina seu café e se vai, me deixando sozinho.

Mas eu sei, ela continuará da mesma maneira.

Bebo uma xícara de café e tomo um banho rápido. Lívia está no quarto, deitada, as janelas fechadas, a tevê ligada em um canal qualquer. A situação me preocupa ainda mais.

— Estou indo para o Avennue. Ficará bem sozinha? Eu devo chamar alguém para te fazer companhia?

— Você sabe que eu não quero ficar sozinha — rebate, meio ríspida. —

Mas você tem seus compromissos, eu sei…

— Posso cancelar.

— Não. Não precisa. A última coisa que quero é atrapalhar sua vida —

diz com uma tonalidade como se fosse algum estorvo para mim.

— Você não me atrapalha, sabe disso. — respondo, sereno. Sento ao seu lado e acaricio suas mãos — Se quiser, eu…

— Eu não quero sua companhia… — suas palavras me ferem no mesmo instante, ainda mais quando se esquiva do meu toque. — Quero dizer… Não quero que fique só por minha causa. Chame a Victória. Sei que ela virá.

Aceno em positivo apenas e despeço-me com um beijo sem vida. Antes de sair, Lívia me pede para fechar toda a casa e trancar bem as portas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Procuro Victória no restaurante, ela costuma chegar cedo para organizar os preparativos antes de abrir o restaurante.

— Precisamos conversar. — digo, um pouco alarmado, quando ela vem me atender. Ela me recebe em uma das mesas, nos fundos do local.

— Tudo bem entre você e a Li? — Ela parece ter pressentido.

— Não, nada está bem.

Victória me espia com olhares preocupados. Relato tudo o que está acontecendo nas últimas semanas. É claro, ela fica furiosa por eu não ter contado antes.

— Deveria ter me contado, Cretino. Lívia é minha melhor amiga, eu poderia ter feito alguma coisa em prol.

— Eu sei, me desculpe. Como eu disse, achei que as coisas melhorariam. Mas já tem um mês, Vic, e Lívia parece só piorar. Sei que o vizinho de vocês é psicólogo. Poderia me passar o endereço do consultório dele ou o telefone?

— Eu não tenho essas informações aqui. Somente em casa. Henrique estará por lá na hora do almoço. Passe lá e vocês conversam, talvez até encontre Luís no apartamento. — Ela me entrega a chave da porta. — Vá mais cedo, espere seu irmão lá. Tome uma cerveja — e sorri, sincera.

— Obrigado. — Guardo as chaves no bolso. — Pode fazer companhia à Lívia até eu chegar? Ela não quer ficar sozinha…

— Não precisa nem me pedir. Chegarei lá em dez minutos. Aproveito para tentar conversar com ela.

— Faça isso. E obrigado outra vez.

Por volta do meio-dia, eu já estou no apartamento em que meu irmão vive com Victória. Sigo seu conselho e pego uma cerveja na geladeira. Fico o esperando em sua cozinha, apoiado ao balcão, divagando nos pensamentos.

Tomo duas cervejas antes de a porta se abrir e Henrique surgir, carregando algumas sacolas. Ele me vê, mas nada diz. Deposita as sacolas ali perto, num canto qualquer, abre a geladeira e puxa mais duas garrafas, entregando uma para mim. Dá uma golada, direto do gargalo, limpa os lábios com as costas
NACIONAIS-ACHEROM

das mãos e apoia sua bebida na superfície; me encara.

Suspiro pesado e também trago minha cerveja — a terceira.

— Desculpe invadir seu apartamento. Victória me emprestou as chaves.

— Ela me ligou. Disse que estaria aqui. Problemas com Lívia?

— É… Desde o assalto… Lívia está diferente. Ela pode estar com algum tipo de trauma, eu acho. Eu queria ajuda profissional, sei que o morador ao lado é psicólogo. Victória me disse que vocês têm o telefone dele.

— Sim, mas não é preciso. Encontrei com ele no elevador. Está aí até o fim da tarde. Podemos ir falar com ele agora mesmo, se quiser.

— Eu quero — digo prontamente, já me levantando.

Henrique me acompanha até o apartamento ao lado. Luís nos recebe calorosamente. É um homem na casa dos cinquenta anos, conservado e elegante. Conversamos por uma meia hora. Relato a ele o acontecido e os sintomas de Lívia depois daquela noite. Luís me pede para tentar convencer minha esposa a ir a uma consulta, para ter um melhor diagnóstico; entretanto ressalta que os sintomas relatados apontam, sim, para um estresse pós-traumático. Quero saber um pouco mais do transtorno, e ele me esclarece muitas coisas, alega que, dependendo do nível do transtorno, pode ser necessário ou não acompanhamento psiquiátrico. Mas somente uma conversa pessoal com a paciente poderá nos dar uma resposta definitiva. E me atenta à importância do diagnóstico precoce.

Saio de seu apartamento com minhas esperanças renovadas. Há uma chance de trazer minha esposa de volta, de melhorar sua saúde mental, e eu farei de tudo para ela ter uma melhor qualidade de vida.

Volto para casa, ansioso para lhe contar, para dizer que podemos acabar com seus ataques de pânico e transtorno de ansiedade. Quando chego, pela primeira vez em um mês, a fé se resplandece em meu ser. Lívia está sentada no sofá, Victória a acompanha, as duas vestem pijamas, estão descabeladas e devoram um pote de sorvete. Lívia ri de alguma coisa, sua amiga a acompanha.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Felicidade emana da minha esposa, e eu sou preenchido de uma esperança esplêndida.

— Desculpe atrapalhar o *The Girls Time*. — interrompo o momento, adentrando a sala. Lívia me olha, desfaz um pouco o sorriso. Meu coração se parte mais um pouco, mas não me deixo abater. As coisas voltarão ao normal dentro de breve.

Victória tira o pijama ali mesmo, na sala, revelando sua roupa por baixo, e se despede de Lívia com um abraço amoroso. Puxa-me para um canto, longe o suficiente para ela não nos escutar.

— Ela parece bem…

— Só parece, Alfredo — Vic responde, com um suspiro. — Foi difícil animá-la. Está tão ansiosa… — divaga, olhando para Lívia, juntando a pequena bagunça na sala de estar.

— Eu que o diga…

— Conversou com Luís?

— Sim, marquei uma consulta para Lívia para amanhã. Não se preocupe… Vamos ter nossa Lívia de volta logo, logo.

Victória me abraça, erguendo-se um pouco nos pés por causa da diferença de estatura.

— Está cuidando bem dela, Cretino. Nunca achei que diria isso, mas…

— E se afasta para me olhar nos olhos, sorri pequeno e diz: — Você só tem feito bem à Lívia. Não a deixe nesse momento difícil…

— Claro que não, Victória. Nunca mais vou decepcionar a Lívia. Já lhe dei muitas decepções para uma vida.

Victória ri um pouco e me abraça novamente, dessa vez para se despedir.

Acompanho-a até o portão, agradeço infinitamente por ela ter feito companhia à Lívia e volto rapidamente para dentro. Quero lhe contar a novidade.

No quarto, minha esposa já está deitada, as janelas fechadas, apesar de ser três da tarde. Ponho-me ao seu lado, talvez não seja propício lhe falar NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

agora. Pedirei para mamãe ficar com as crianças, prepararei um jantar, tentarei uma conversa, tomarei cuidado para não a irritar.

— Melhorou de sua indisposição?

— Um pouco. A visita de Victória me fez bem, mas…

— Mas…?

Lívia suspira; se afunda mais entre os cobertores.

— Só preciso descansar. — responde, evasiva.

— Está com fome? Posso te preparar alguma coisa.

— Não precisa. Não precisa ir trabalhar?

— Ficarei com você. Sei que não quer ficar sozinha.

— Como quiser — se ajeita na cama e fecha os olhos.

Deito ao seu lado, mas não me aproximo. Às vezes, as aproximações a assustam, o toque, o beijo, as carícias… Só queria que ela conversasse comigo.

Imagino mais uma vez que, em breve, tudo acabará bem.

— Pode ir até a sala de brinquedos e ver se está tudo bem com Lara?

Ela está com a babá, mas eu… eu não confio. — pede, em meio à escuridão.

Tenho a impressão de que ela não me quer ao seu lado. Engulo minha bílis.

— Claro, querida. — sussurro e me afasto.

Retorno apenas à noite, depois de deixar Enzo e Lara na casa de mamãe. Lívia continua reclusa no quarto. Nem se importou quando disse que levaria as crianças para dormir fora.

Preparo uma sopa e levo para ela.

— Não te vi comendo nada hoje, amor… Coma alguma coisa.

Ela sorri… pequeno, mas sorri. Agradece e come apenas um pouco.

Sua falta de apetite também me preocupa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Enquanto ela come, preparo a banheira para ela tomar um banho e relaxar. Dou-lhe espaço e privacidade, Lívia parece confortável com meus agrados, mas pouco fala.

Agora, deitados, estou escolhendo as palavras certas para contar sobre a consulta com o psicólogo. Eu sei que ela fica facilmente irritada quando tomo decisões em seu lugar, e a última coisa que eu gostaria é de irritá-la mais.

— Eu posso te abraçar? — pergunto, cauteloso.

— Sim, Alfredo…

Abraço-a e inspiro seu cheiro. Eu sinto tanto a falta da minha Lívia…

odeio esse momento. Meu Deus, eu tive mesmo de pedir para abraçá-la?

Ficamos um tempo quietos, eu a envolvo em meus braços e desejo tirar todos os seus medos e angústias para mim.

Um momento estranho nos ronda. Não há diálogo entre nós. No passado, erámos cercado de espinhos e farpas, nunca nos faltou palavras —

mesmo as mais pesadas. Mas agora, eu não sei como conversar com Lívia.

Tenho medo de um surto ou de ela me interpretar mal, tenho medo de desencadear lembranças que ela já deveria ter superado… Por não saber como dialogar com Lívia neste momento, digo a última coisa que deveria dizer — a primeira que me surge na cabeça:

— Quero fazer amor, Li…

Posso ouvir um suspiro. Ela se remexe na cama, se afastando do meu abraço.

— Alfredo, eu já te disse, estou indisposta.

— Eu sei, Lívia, mas… Já tem um mês — sussurro a última parte, me arrependendo no mesmo instante. Tenho certeza, uma lembrança puxará a outra.

Lívia se levanta do meu lado, acende as luzes e me encara com um semblante irritado. Sem dizer nada, joga um robe no corpo e está prestes a sair.

— Aonde você vai?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu só quero dormir, Alfredo. E você não me deixa. Vou para o quarto de Enzo.

— Lívia, não, espera… — saio da cama rapidamente e a impeço, colocando meu corpo grande na frente da porta, obstruindo seu caminho.

Respiro fundo e olho em seus olhos. O momento é agora.

— Me desculpe, eu não queria te incomodar. Eu só quero que você se abra comigo… Me diga o que está acontecendo.

Embora eu saiba, provavelmente, se tratar de estresse pós-traumático, quero que *Lívia* se desabafe, me diga dos seus medos, para assim eu lhe falar sobre a consulta com Luís.

— Eu já disse mil vezes, estou bem…

— Lívia, é visível, você não está bem. Por que não conversa comigo?

Os olhos já estão lacrimejantes.

— Não temos o que conversar… — balbucia. — É só um mal-estar.

Vai passar logo.

— Estou cansado de desculpas, Lívia! — Aumento a voz sem perceber, exaurido por essa falta de confidência. — Fale comigo, amor… Você está irritada, em pânico, impaciente… Nós nem transamos mais! — despejo as palavras engolidas por todo esse tempo.

Lívia me encara com a face contorcida.

— É essa a sua preocupação? Na nossa vida sexual? A sua maior preocupação é *essa?*

Eu sabia; tentar conversar com ela chegaria a esse ponto. Eu não sei me expressar e odeio precisar escolher as palavras com cuidado para não a magoar e sempre acontecer o que mais temo. Abro a boca para me justificar, mas ela surta:

— Com tudo acontecendo na nossa vida, não transar comigo é sua maior preocupação?

A irritação me sobe pela cabeça.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Porra, Lívia, eu sinto falta de trepar com você, sim! Sou errado em sentir falta da minha esposa?!

— Você não sente minha falta! Como sempre, não sou nada além de um objeto sexual para você! É tudo que consegue ver em mim: uma trepada!

— Pare com esse drama! — Eu não quero dizer nenhuma das minhas palavras, mas é impossível não descarregar minhas angústias presas na garganta: — *Trepar com você é minha forma de dizer "eu te amo"… Você sabe disso, Li. Eu te amo, e você sabe! Eu só quero entender por que está me evitando. Eu quero que fale comigo, me conte as coisas, se abra… Sou seu marido, porra! E você*

não transa comigo há um mês!

— *Procure na rua!* — solta, duma vez. — *Não é isso o que você faz sempre quando não estamos bem? Não corre para os braços de qualquer vadia, Alfredo? Eu não me importo. Na verdade, estará me fazendo um grande favor…*

Eu nunca pensei que ficaria tão magoado e atingido com as palavras de Lívia. As lágrimas estão querendo vir, mas forço-as a ficarem nos meus olhos, a não se manifestarem. Preciso manter minha calma, findar com a discussão, mostrar a ela que precisa de ajuda profissional. Já mais calmo, digo:

— Eu só quero entender, Li. Nunca ficamos tanto tempo sem nos tocarmos… Só me diga por que não me toca mais e não fazemos mais amor…

Lívia me olha nos olhos, arqueja de cansaço… Não sei se pela briga, pelos gritos ou desgaste emocional. Mas convicção emana de seu olhar.

— Eu não te amo mais. Não sinto nada por você. — declara, de repente.

Quase sinto meu coração parar. As lágrimas tanto evitadas se manifestam.

— Não diga isso, Lívia. — murmuro, assustado com sua declaração.

— Me perdoe, Alfredo, — pede, a voz arrastada — mas não sinto nada.

Nada. Só uma tristeza profunda. Um medo aterrorizante. E uma raiva descomunal. — Ela começa a se abrir. É o momento propício para lhe falar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Cautelosamente, dou um passo à frente.

— Me deixe te ajudar. — Lágrimas rolam pelos meus olhos, embora eu me esforce para contê-las.

— Você não pode.

— Eu posso, Li, eu sei… Eu prometi a você…

— *Esqueça essa promessa estúpida!* — Lívia brada de repente — *Eu não me importo mais, você não vê? Eu não me importo com você nem com esse casamento!*

Meu coração rasga. Fico sem palavras por alguns instantes. Ela fecha os olhos, se acalma para enunciar com determinação:

— Não quero que sofra por mim. Não quero que viva isso. Não quero isso para sua vida.

Já penso em lhe falar sobre Luís e a consulta, porém, não há chances para proferir coisa alguma. Suas próximas palavras quase desestabilizam minha vida:

— Quero o divórcio.

Encaro-a completamente assustado. Divórcio está fora de cogitação.

Lívia está sob pressão do medo, da ansiedade, dos seus traumas… Não pode, de forma alguma, estar ciente de seu pedido. Eu jamais poderia deixá-la outra vez num momento tão delicado como esse. Lívia precisará do meu apoio, e mesmo se insistir nessa história de divórcio, eu jamais concordaria em me divorciar dela com ela nessas condições.

— Divórcio? — indago, aterrorizado com a ideia.

Eu não me imagino sem essa mulher na minha vida.

— Me desculpe, mas eu… — ela não consegue terminar, cai em prantos.

Aproximo-me e a abraço forte… Lívia não se esquiva, pelo contrário, se aperta em mim e soluça em meus ombros. Acarinho seus cabelos e seco suas gotas com beijos serenos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Me deixe te ajudar. — murmuro.

— Como? — A voz sai entrecortada. — Alfredo, você não pode…

— Eu, não; mas um profissional, sim. Li, conversei com um psicólogo… Algumas sessões podem resolver o problema. Só precisa ser diagnosticada… Talvez esteja com estresse pós-traumático. Por favor, Lívia… Eu te amo tanto. Não sabe como tem me quebrado te ver dessa maneira.

Lívia me fita com os olhos entristecidos, um pouco confusos e atordoados.

— Um psicólogo pode me ajudar, você acha, mesmo? Eu não quero continuar vivendo com esse medo… essa raiva…

Alívio começa a me percorrer. Lívia está abrindo espaço.

— Podemos tentar? Vamos tentar o que for preciso, Li, para você se curar. Só me diga que quer tentar a psicoterapia… Estou entrando em desespero por te ver assim. Não me importo se estamos sem transar, amor…

Deus!, eu nem sei por que disse aquelas coisas. Eu sou um idiota. Eu só quero te ver bem outra vez, minha vida…

Ela apenas acena em positivo e se encaixa outra vez em meus braços, abrandando os ritmos do meu coração — e os dela também.

Quero perguntar se o que ela me disse há pouco é real. Mas temo uma resposta.

Não suportaria ouvi-la dizer outra vez que não me ama.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

05

SESSÃO

Lívia

AS ÚLTIMAS SEMANAS FORAM UM VERDADEIRO TORMENTO.

As lembranças do assalto iam e vinham; às vezes acarretadas por outras recordações, às vezes vinham do nada, sem explicação… Simplesmente surgiam na minha mente, e eu revivia aquele dia assustador tudo outra vez. A sensação

que me acometia era tão apavorante como o evento em si… Era como se eu estivesse vivendo o assalto outra vez. O medo, a angústia, o desespero… Todas as emoções me acertavam forte, e minha ansiedade quase me corroía.

Eu ficava apreensiva, amedrontada, em alerta quase o tempo todo…

Tinha ataques de pânico e raiva, crises de choro, me irritava facilmente. Aos poucos, eu me distanciei das pessoas mais importantes para mim.

Como uma válvula de escape, eu queria evitar qualquer episódio capaz de me recordar daqueles minutos terríveis. Evitar Alfredo era uma dessas maneiras… Seu toque sobre minha pele, inevitavelmente, me bombardeava de recordações: a mão asquerosa do homem escorregando pela minha perna… O cano da arma tensionada contra minha jugular… O sorriso maléfico… As palavras maliciosas…

Sem me dar conta, eu me distanciei de Alfredo, e até mesmo perdi todo meu afeto. Algo que, no começo, me assustou. Onde estava toda a admiração e amor por ele? Onde estava o carinho e os meus sentimentos por ele? Eles se esvaíram de mim e deram lugar ao meu desespero, ao medo, à raiva e à angústia.

E ontem, após uma discussão com Alfredo, ele conseguiu me NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

convencer a vir a uma sessão com o psicólogo. E eu aceitei, pois tudo o que mais quero no momento é viver sem esse medo, sem estar em alerta ou em pânico. Sem sentir raiva ou ser impaciente

Eu só quero olhar para o homem ao meu lado e ver nele o homem que eu amo. Quero mirar dentro desses olhos azuis e me sentir desestabilizada, ébria, enamorada… Como sempre foi e como sempre deveria ser.

— Você está bem, amor? — Alfredo murmura, dispersando meus pensamentos.

Volto-me a ele. Olho para nossas mãos entrelaçadas, os dedos de Alfredo emaranhados carinhosamente aos meus, me acariciando num toque calmo. Sorrio um pouco, evitando meus pensamentos, e aceno em positivo:

— Só um pouco ansiosa para a sessão. — sussurro de volta, fazendo silêncio, pois estamos na sala de espera do consultório do doutor Luís. —

Tenho medo de isso não dar certo.

— Não seja tão pessimista, Li. Tudo irá dar certo, tenho certeza. — me diz de forma amorosa e traz minhas mãos de encontro aos seus lábios.

Respondo apenas com um rápido sorriso e volto minha atenção para frente. Recordo-me outra vez da noite e da discussão de ontem. O pedido de divórcio… minhas emoções que já não são as mesmas… Os olhos azuis que lacrimejaram com minhas palavras.

Eu não te amo mais, não sinto nada por você.…

Fecho os olhos e inspiro fundo. Tento buscar no fundo do meu âmago algum resquício de sentimento por Alfredo… Não sei se não encontro porque não há ou porque está em algum lugar inalcançável.

Talvez eu tenha exagerado, por causa das emoções à flor da pele e do calor do momento, e isso começa a me confundir. Eu não consigo olhar para ele e sentir o mesmo sentimento de sempre, somente uma angústia e ansiedade infinitas… Mas, ao mesmo tempo, me abranda o fato de ele continuar aqui, ao meu lado, tentando me ajudar.

Olho outra vez para Alfredo, e ele permanece ao meu lado, cabisbaixo, acariciando minha mão, entrelaçando nossos dedos. Penso em como ele não NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

merece estar passando por tudo isso mais uma vez.

Uma lágrima vem aos meus olhos. Conheço-o, sei qual a tendência de Alfredo de desistir diante os obstáculos. E se ele se cansar? E se as sessões não forem satisfatórias, e se Alfredo desistir de mim, de *nós*, desse casamento que já não me importo tanto mais? Ou acho que não me importo. Os pensamentos me assustam e me atordoam.

Suspiro e os afasto da cabeça. Concentro-me em ser positiva. As sessões poderão

me ajudar, e logo eu verei no meu esposo o amor.

— Senhora Lívia Diniz Hauser. — Luís aparece na porta, me chamando. — Entre, por favor.

Hesito por alguns instantes. Busco por Alfredo mais uma vez. Seus olhos me encorajam. Com um sorriso, eu o deixo na sala de espera e sigo para dentro do consultório.

A sessão com Luís foi menos desesperadora do que eu imaginava. Eu esperava uma terapia de choque, enfrentar meu trauma de frente, mas não foi o que aconteceu.

Pelo contrário. Luís foi atencioso e cuidadoso o tempo todo.

Inevitavelmente as perguntas sobre o assalto vieram, além de outras, como: como eu me sentia sobre falar do assunto; o que me fazia recordar do evento; qual era o meu humor naquele momento; durante a sessão, como estava meu humor desde o ocorrido; e como eu me sentia em relação às pessoas ao meu redor?

Apesar de a primeira sessão ter sido, acredito, um pouco pesada, não foi como exatamente imaginei. Luís me explicou que as demais sessões seriam diferentes da primeira, pois esta fora para me diagnosticar e escolher qual o melhor tratamento para minha recuperação.

Uma hora depois, a sessão acaba.

Alfredo continua do lado de fora, no mesmo, lugar, na mesma posição: cabisbaixo, mãos entrelaçadas. Parece não ter se movido um centímetro
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

durante todo o tempo de espera. Ao notar minha presença ergue a cabeça, abre um sorriso sucinto e vem prontamente em minha direção.

— Correu tudo bem?

— Sim, foi tudo bem.

Luís surge logo atrás com ares simpáticos.

— Foi tudo bem, senhor Hauser. A nossa próxima sessão será em dois dias, no mesmo horário. É importante virem. — nos lembra, e concordamos em uníssono.

Alfredo, muito mais exagerado, confirma mais de uma vez e garante não me deixar faltar por nada no mundo.

— Antes de irem, poderia ter cinco minutos com você, senhor Alfredo?

— Luís pede.

Alfredo me olha com receio nos olhos.

— Minha assistente não deixará sua esposa sozinha, senhor Alfredo. —

Luís garante, já sabendo do meu medo de ficar sozinha.

Com isso, ele aceita e entra no consultório do psicólogo. Fico na companhia da assistente de Luís, uma jovem de vinte e cinco anos; conversamos um pouco, mas eu continuo ansiosa e não consigo parar de olhar em direção ao consultório. Eu sei sobre o que eles irão conversar. Luís me pediu autorização para falar com Alfredo sobre alguns pontos que ele achou relevante para minha melhora.

Pouco menos de dez minutos, Alfredo surge, apertando a mão de Luís de forma calorosa. Já em casa, Alfredo quer saber como foi a primeira consulta. Conto-lhe algumas coisas, digo-lhe que me senti um pouco melhor com a conversa e estou esperançosa na minha melhora.

— Segundo Luís, por enquanto eu não preciso fazer uso de medicamentos. Isso é bom, não é, Alfredo? É um bom sinal, não é? E estou tão feliz por não precisar me afastar da empresa. Luís disse que trabalhar pode me ajudar ainda mais.

— É, sim, amor. É um ótimo sinal. — responde, me acariciando no
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

rosto. — E também fico feliz que não precise se afastar da empresa… Você mais

do que ninguém merece aquele cargo.

— O que vocês conversaram? — pergunto, mudando bruscamente o assunto.

— Nada demais, querida. Ele só me deu alguns puxões de orelha.

Não me contenho e rio um pouco. Como há alguns dias eu não conseguia rir.

— E por quê?

Alfredo suspira e se ajeita no sofá. Ele segura em minhas mãos e me olha nos olhos.

— Ontem, quando discutimos, eu acabei dizendo coisas que não queria.

Você sabe, normalmente eu ajo sem pensar. Eu sei que tudo por qual está passando não é drama, Li…

Ele me dá um sorriso pequeno e abaixa seus olhos. Suas palavras da noite anterior ecoam em minha mente. *Pare com esse drama!*

— Transtorno de ansiedade não é drama, eu sei disso… Pode me desculpar?

Apenas aceno, sem muito a dizer. Segundos depois, falo:

— Luís te puxou as orelhas por isso?

Alfredo abre um sorriso engraçado.

— Foi. Me alertou sobre nunca mais dizer isso a você. Acredito que tenha comentado isso com ele, em como você sentiu quando te disse isso?

— Sim, foi… — murmuro apenas.

Alfredo não responde. Traz-me para seu peito e acaricia minhas melenas de forma branda e protetora.

— Eu te amo muito, Lívia… — sussurra baixinho em meu ouvido. —

Eu só quero te ver melhor…

— Obrigada, Frê. — Foi a única coisa que pude responder.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Os sentimentos dentro de mim ainda estão alvoroçados e confusos.

— A nossa casa não precisa de uma reforma. — respondo quando Alfredo sugere pintarmos algumas paredes de casa.

Ele foi me buscar na Hauser para almoçarmos juntos — em casa — e inventou essa história absurda.

— E daí, querida? — contesta, de bom humor, enquanto guia o carro.

— Pense em como vai ser divertido apenas. Eu, você, Enzo e Lara com rolos de tinta.

A imagem me faz sorrir. Seria algo agradável e realmente divertido; vi Enzo e Lara sujos dos pés à cabeça, Alfredo e eu sujando um ao outro com as tintas. Suspiro e volto minha atenção à imagem urbana correndo do lado de fora.

— Tudo bem, só se eu escolher as cores.

— É você quem manda, amor. Podemos passar agora para vermos as amostras?

— Agora? — Ele me pega de surpresa com sua decisão tão súbita.

— Por que deixar para depois se podemos fazer agora?

— Tudo bem. — cedo, e Alfredo abre um sorriso tão largo que achei que não caberia em sua boca. Ele desvia o percurso e seguimos para a loja de tintas.

Como combinado, Alfredo me deixa encarregada de escolher a paleta de cores, e, enquanto eu analiso as amostras à minha frente, ele vai até a outra sessão para comprar rolos, lixas, pincéis e macacões. Um funcionário da loja fica em minha companhia, ainda há o receio de ficar só, mas também é para me auxiliar e tirar qualquer dúvida que eu tenha.

Um segundo cliente chega dali a alguns segundos e solicita uma NACIONAIS-

determinada cor, só disponível sob encomenda. Eu não me dou a o luxo de olhar para os lados e observar o cliente; foco-me nas amostras de cores à minha frente.

— Se importa se eu te deixar apenas um minuto para passar essa encomenda? — o funcionário me pergunta.

Um pouco apreensiva, eu assinto. Serão apenas alguns minutos, que mal há? E, além do mais, Alfredo voltará logo, também.

— Lívia? — uma voz indaga — Lívia Diniz?

Viro-me prontamente na direção da voz, me deparando com um par de olhos claros já conhecidos por trás de uma armação elegante de óculos e um sorriso de encantar qualquer mulher. Pestanejo enquanto o vejo se aproximar para me dar um abraço desajeitado.

— Não acredito, é você! Quanto tempo!

Eu nem tenho tempo de retribuir ao abraço, pois ele já se afastou e agora me encara com um sorriso largo.

— Meu Deus, como você está linda.

— Oi… David. — digo, um pouco desconcertada com esse encontro repentino.

David Menezzes: ex-namorado do passado, uma longa história e um coração partido. Continua tão lindo e adorável quanto quando nos conhecemos. Os cabelos louros ainda são muito bem-arrumados num penteado comportado, o queixo contornado por uma barba dourada rala, lhe conferindo charme e masculinidade, os olhos abrigam um par de óculos sem lhe tirar a beleza — aliás, apenas a acrescenta. E também se veste mais formalmente do que há alguns anos.

— Deus! Eu não te vejo há quanto tempo? Uns oito anos desde que terminamos?

— É… eu acho. — respondo, muito deslocada com toda a situação. —

O que está fazendo da vida? — pergunto, mais para disfarçar o nervosismo do que por interesse.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Senhor David… — o funcionário nos interrompe —, a sua encomenda ficará pronta até o final da tarde.

— Ótimo. Eu mesmo venho buscar, nesse caso. — Ele volta sua atenção outra vez para mim, tirando algo do bolso do blazer, um cartão de visita, e me entrega. — Foi bom te ver, Lívia. Desculpe, estou trabalhando num projeto e estou atrasado. Mas me ligue ou me faça uma visita na minha loja de arquitetura. Será um prazer pôr nossa conversa em dia. — Olho para o pequeno cartão enquanto ele fala.

David Menezzes

Arquitetura e Urbanismo

— Claro, eu e meu esposo estamos mesmo pensando em redecorar nossa casa. Talvez você nos ajude.

— Marido? — Ele parece alegremente chocado. — Você e Henrique se casaram, mesmo?

— Henrique não é meu marido, na verdade eu me casei…

— Ow, é realmente difícil acreditar que alguém foi capaz de atravessar esse muro em torno do seu coração.

Coro um pouco diante suas palavras.

Penso em responder, mas somos outra vez interrompidos, agora pelo soar de seu telefone. Ele olha com preocupação para a tela piscando:

— Eu realmente preciso ir. Foi um prazer te rever, Lívia. Espero a sua visita — enuncia, atropelando as palavras, apressado. Despede-se com outro abraço desajeitado e se vai, atendendo à sua chamada.

Depois desse encontro súbito, retorno minha atenção às amostras de cores, ainda indecisa na minha escolha. Olho para trás, depois para o cartão de visitas de David. E se eu o visitasse e pedisse uma opinião? Esvoaço os pensamentos quando Alfredo surge, me chamando. Rápida, guardo o cartão em meu bolso e lhe forço um sorriso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Já escolheu as cores? — quer saber, apoiando uma enorme sacola no chão.

Alfredo sempre exagera em tudo.

— Ainda não. É difícil fazer uma combinação perfeita quando não se entende nada. Talvez devêssemos falar com um arquiteto? Como quer pintar as paredes, poderíamos redecorar a casa toda… — digo, para minha própria surpresa. Eu, de maneira alguma, quero rever David. Ou quero?

Alfredo me olha, pensativo.

— É… talvez tenha razão. Conhece algum?

— Sim.

— Quer ir falar com ele agora?

— Oh, não. Estou morrendo de fome. Vamos almoçar. Isso pode ficar para outra hora.

Alfredo concorda, pega sua enorme e exagerada sacola, agradecemos a atenção do funcionário alegando voltarmos para escolher a paleta com a ajuda de um profissional e deixamos a loja, Alfredo animado, contornando meu dorso com seus braços largos.

Logo quando retorno para Hauser, peço à minha assistente para me dar cinco minutos sozinha. Retiro o telefone do gancho. Puxo o cartão de visitas de David para fora do bolso e disco o número.

Depois de alguns toques, ele atende.

— David…? Sou eu, Lívia.

— *Eu sabia que você ia me ligar!*

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

06

COINCIDÊNCIAS

Alfredo

EU SEI: NOSSA CASA NÃO PRECISA DE REDECORAÇÃO.

Entretanto, foi uma das maneiras encontradas para Lívia se reaproximar de mim e das crianças; uma forma natural e sem pressão, seguindo os conselhos do psicólogo de que ela precisa do apoio da família mais do que nunca. Além de querer reaproximá-la de nós, a ideia é também fazê-la ocupar sua mente. Permitir que Lívia continue à frente da empresa a ajudará no tratamento, assim, da mesma maneira, envolvê-la em outras atividades apenas reforçará a terapia e consequentemente sua melhora será mais rápida.

Por isso, eu a incumbirei de planejar sozinha toda a redecoração da nossa casa. Sutilmente eu lhe darei um pretexto para não estar tão presente nesse projeto, e assim Lívia terá mais coisas para ocupar sua cabeça.

Além dessa ideia, eu já tenho algumas outras coisas em mente e aplicarei com o tempo, com o avançar das sessões. Eu estou disposto a fazer todo o necessário por Lívia, não só pelo nosso casamento, mas também pela sua saúde mental. Quero vê-la bem e com um sorriso radiante no rosto outra vez.

Um bater na porta me desperta dos meus devaneios. Então, recordo-me de estar no escritório de casa, analisando alguns documentos financeiros do Avenue quando desviei meus pensamentos para Lívia, por um segundo, para contemplar um retrato seu sobre minha mesa.

Conserto a postura e permito a entrada de quem bate à porta.

Enzo surge primeiro. Está de mochilas nas costas, e isso me assusta um pouco. Se já está no horário do almoço, então devo me encontrar com Lívia na Hauser Alimentícia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Oi, pai. — diz, vindo até mim para me dar um beijo e um abraço.

Logo atrás, Ana Beatriz aparece, um sorriso contagiante esboçado, uniformizada e de mochila.

— Oi, tio Alfredo. — cumprimenta-me toda alegre, me abraçando também, depois de Enzo se afastar.

— Ei, vocês dois. — exclamo, contente em vê-los, principalmente Ana, pois não a vejo há algumas semanas, por conta de uma viajem de última hora com sua tia. Nos últimos dois anos ela continuou muito presente nas nossas vidas, é uma garota especial com quem me identifiquei desde quando a conheci, na clínica de fisioterapia, e por quem cultivo um carinho profundo.

Ana é como uma filha para mim, sim, e eu a trato como tal. Depois de muita insistência com sua tia, consegui convencê-la a deixar Ana estudar no mesmo colégio de Enzo, tudo custeado por mim, e com frequência eu a presenteio, inclusive no seu último aniversário lhe fizemos uma comemoração.

Lívia também a adora (pelo menos, até antes de tudo) e fica encantada com a forma como Enzo e ela se dão muito bem. Os dois estão sempre juntos, para cima e para baixo, muito mais desde que começaram a estudar juntos. O

próprio Enzo já me disse que Ana é sua melhor amiga.

— Quando voltou de viagem?

— No final de semana. Titia não me deixou vir falar com vocês antes.

Disse que incomodaria.

— Você nunca incomoda. — Enzo e eu falamos ao mesmo tempo.

Isso nos rende algumas risadas.

— Fico feliz por ter vindo; estão com fome?

— Sim, mas tia Vic vai vir nos buscar para almoçarmos com ela e papai. Íamos da escola para lá, mas Ana quis vir te ver antes.

— Eu também queria ver a tia Lívia. Enzo me disse o que aconteceu.

Mas ela não está, não é?

— Não, tia Lívia não está. Mas por que não vem esse final de semana?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Pode dormir aqui em casa, vocês brincam com Lara, nadam na piscina.

Podemos até fazer um piquenique no gramado, todos nós.

— Se a minha tia deixar, eu venho. Será bom, pois Enzo vai me ajudar a pôr minha matéria em dia. Essa viagem repentina me fez ficar com tudo atrasado.

— Vou falar com ela. Ninguém me diz não quando sou insistente.

Enzo e Ana concordam com um aceno de cabeça enquanto abrem um sorriso.

— Ana pode vir essa semana na hora do almoço para cá, pai? Temos alguns trabalhos em dupla do colégio, e também para ajudá-la com os trabalhos atrasados.

— Claro, filho. Ana pode vir quando quiser. É bom saber, amanhã farei almôndegas para o almoço. É seu prato favorito, não é, Ana?

— Você sabe mais de mim do que minha tia. — pronuncia de forma engraçada, o arrancando de mim uma rápida risada.

Uma buzinada na frente de casa anuncia a chegada de Victória para buscá-los; eles se despedem me dando outro beijo e abraço e se vão.

Confiro as horas e percebo que já deveria ter ido buscar Lívia e saio rapidamente ao seu encontro. Quando chego, Lívia está ansiosa me aguardando e quase tem um surto ao me ver.

— Achei que tivesse acontecido algo com você! Você demorou, Alfredo. — protesta, irritada.

— Me desculpe, querida — peço, lhe dando um abraço rápido. — Enzo e Ana Beatriz apareceram em casa, acabei perdendo a noção da hora.

— Ana já voltou da viagem dela?

— Sim, inclusive vai passar o final de semana conosco. Tudo bem por você?

— Claro. A companhia de Ana faz muito bem a Enzo. Ele fica tão feliz quando estão juntos… — Ela me parece querer abrir um sorriso. — Mas tem de me prometer: os policiará o tempo todo. — diz, rígida.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Faço minha promessa e seguimos para casa.

— Ligou para o arquiteto? — pergunto, enquanto ponho a louça na lavadeira.

Lívia está na bancada, comendo algumas uvas após almoçarmos juntos.

Ela me olha estranhamente. Não consigo decifrar com exatidão a estranheza em seu olhar, mas ela parece insegura consigo mesma. Dá um pigarreio antes de dizer:

— Sim. Na próxima semana, ele virá aqui em casa para conhecer as partes que pretendemos mudar. Assim, ele cria um projeto para nós com mais facilidade.

Abano a cabeça em positivo e roubo uma uva de seu recipiente. Ela me olha com um pequeno sorriso e continua comendo as suas.

— Se importa se tiver de resolver sobre isso sozinha? — inquiro, surrupiando mais uma uva.

— Achei que fôssemos fazer isso juntos. — observa.

— E iremos. Quando estiver com tudo decidido, você me avisa, e colocamos a mão na massa. Bernardo me ligou essa semana, chega depois de amanhã no país, passará alguns meses aqui. Vou estar ocupado com ele e com alguns investimentos que pretendemos fazer na Avenue. Acredito que não terei muito tempo para te ajudar com isso. E além do mais, você tem um bom gosto melhor do que o meu para decoração.

Lívia sorri brevemente — um sorriso convencido.

— Tudo bem. Mas eu posso pedir sua opinião, não posso?

— É claro, amor — pego uma uva e ponho em sua boca. Lívia a abocanha, sorrindo, e aproveito para lhe roubar um beijo rápido. — Vou te deixar na Hauser e voltar para o Avenue.

Lívia acena em positivo e, para minha surpresa e felicidade, me beija por conta própria.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Bernardo janta conosco na noite de sua chegada ao Brasil. Faço um *foie gras* muito elogiado e um mousse de maracujá para a sobremesa. Ele já está a par da situação do meu casamento e do trauma de Lívia. Em torno da mesa, tocamos no assunto com sutileza, meu amigo a indaga sobre as primeiras sessões que já aconteceram e depois deseja sinceramente melhoras. Acabado o jantar, Bernardo brinca com as crianças, Lara sendo visivelmente sua queridinha.

No fim da noite, eu e ele ficamos um tempo na sala, sozinhos, tomando uma cerveja cada um e falando coisas sem importância. Na ausência de Lívia, lhe falo sobre a situação com a polícia e os bandidos que nos abordaram e fugiram naquela noite: nenhuma novidade até o momento. Eles, definitivamente se safaram. Depois, Bernardo me conta algumas novidades, a mais recente é estar interessado em uma mulher casada.

— Você não deveria se envolver com ela, Bernardo — tento alertá-lo.

— E se o cara é um marido ciumento? Você perdeu a noção do perigo?

— Ele nem se importa com a esposa, *crétin*. Na nossa primeira noite juntos, ela me disse que estava sem sexo há quatro meses. Você acha mesmo que ele não tem uma amante, também? E ele a trata feito um nada. Já ouvi algumas discussões deles, aquele *imbécile* já chamou Ann-Marie de feia, descuidada, está envelhecendo e com o corpo plácido e ninguém vai querer uma mulher como ela — Bernardo tira a carteira do bolso e puxa uma foto de sua amante, mostrando-me. — Olhe isso, Alfredo. Ela é uma mulher linda, não concorda?

Olho para a foto e quase não acredito no que estou vendo. É uma foto dos dois juntos, abraçados, com sorrisos enormes estampados em seus rostos.

Talvez eu nunca tenha visto Dousseau tão feliz com uma mulher.

— De fato, ela é linda, mas ainda assim, Bernardo. Tome cuidado.

— Não se preocupe — me assegura —, ela pedirá o divórcio quando eu retornar à França. Então viveremos juntos.

Bernardo me conta sobre como a conheceu, e a história me comove um pouco. Talvez essa Ann-Marie não esteja tão errada, afinal, em trair o marido.

(Mas essa história fica para uma outra hora).

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

No dia seguinte, após deixar Lívia na Hauser e Enzo no colégio, me encontro com Bernardo no Avenue. Conversamos bastante sobre a empresa, lucros, vendas, produtos, *marketing*. Acabo comentando alguma coisa sobre uma procura maior pela nossa empresa na zona norte da cidade, alguns clientes querem saber quando abriríamos uma filial por lá.

— E por que ainda não abrimos uma loja na Zona Norte?

— Primeiro, não havia procura. A Avenue é nova por aqui, não tem quatro anos. Mas agora, já temos uma clientela fiel e mais clientes querendo o café próximo de suas redondezas, talvez possamos considerar. Abrirá um *shopping* novo na

zona norte. Podemos procurar por algumas salas comerciais.

Bernardo se anima com a ideia, e sem demora nós vamos até o referido local. Levamos alguns dias para decidirmos sobre a nova filial, tivemos de traçar um plano de negócios e, somente depois disso, percebemos que o investimento vale a pena. Fechamos contrato de locação com a imobiliária responsável e começamos a comprar o aparato para a nova loja.

Bernardo sugeriu contratarmos uma *designer de interiores* para traçar um projeto de decoração para o café. Por mim poderíamos apenas seguir a mesma linha das outras lojas, mas ele insiste de que precisamos mudar o visual do estabelecimento; com isso até mesmo a nossa primeira filial no Brasil ganharia uma redecoração.

Ele chega ao local acompanhado de uma jovem mulher. Cabelos longos e castanhos, muito bem-vestida, postura confiante e, apesar de aparentar pouca idade, traz uma autoconfiança e maturidade que achei fora do comum.

— Alfredo, essa é Angelina Savhoya, a designer de interiores que te falei. Veio para conversar sobre a decoração do Avenue.

Cumprimento-a educadamente, e nos reunimos em uma mesa improvisada. Angelina nos apresenta algumas ideias já prontas, e depois Bernardo e eu lhe falamos o que temos em mente para a decoração do café, além de mostrar-lhe algumas fotos das filiais brasileira e parisiense.

Conversamos pouco mais de meia hora, e Angelina se compromete a nos trazer um projeto exclusivo para a Avenue na semana próxima.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Quem te indicou, senhorita Savhoya? — pergunto, num momento de descontração, depois de já termos fechado negócio.

— Por favor, me chame apenas de Angelina — pede, um brilho diferente emana de seus olhos para mim. — Tenho uma empresa em sociedade com o arquiteto desse shopping. Ele se encontrou com o senhor Dousseau, soube da necessidade dele e nos indicou. Aliás, ele ajudará no projeto de vocês. Ele é um ótimo

profissional como arquiteto e decorador.

Tem ideias maravilhosas.

— Que ótimo. Fico feliz que, ao menos uma vez, Bernardo tenha encontrado pessoas competentes. — provoco, e meu amigo me xinga em francês.

Com tudo combinado, marcamos de nos encontrarmos na próxima semana para avaliarmos a proposta que Angelina, junto de seu sócio, montará para nós.

À noite, estou no centro da sala, brincando com Lara e algumas bonecas, enquanto Enzo está no quarto fazendo o dever, e Lívia, no sofá, com uma pequena caderneta, anotando alguma coisa. Não deixo de observá-la por alguns instantes: as pernas despidas e dobradas, os cabelos úmidos desajeitados, os seios soltos sob uma blusa fina, os lábios delicados mordendo com constância a tampa de uma caneta. Ela me parece tão mais calma… E isso me alegra. Talvez só pareça. Sei que a terapia — ela compareceu a quatro sessões somente — ainda não surtiu o efeito esperado, mas eu começo a notar em sutis mudanças. Quem sabe seja exagero meu, pois estou ansioso para ter a minha esposa de volta, ou realmente Lívia está mais calma, mais segura de si, por causa das sessões com Luís.

— *Quelo mimi* — Lara resmunga, coçando os olhinhos, e desviando minha atenção.

Lívia a ouve e me vê a observando. Dá-me um sorriso curto e se levanta.

— Eu ponho Lara para dormir. Você deve estar cansado.

— Eu posso fazer isso. Estou bem, Li.

— Não, eu quero pôr minha filha para dormir. Vá tomar um banho e se
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

deitar. Sei que teve um dia longo. — Lívia chama Lara para seus braços e, antes de seguir para o quarto da pequena, me dá um beijo casto no rosto.

Sigo seu conselho e resolvo tomar uma ducha quente. Ao terminar, Lívia já está

deitada, o quarto é iluminado à meia-luz do abajur, e Lívia segue anotando alguma coisa na caderneta.

Enquanto me visto, pergunto:

— O que está escrevendo aí?

— Ah, não é nada. — balbucia um pouco, escondendo a caderneta contra o peito. — É só algo que Luís pediu para exercitar. Devo escrever minhas emoções durante o dia. De manhã, no almoço, à noite… Essas coisas.

Não respondo, apenas aceno em positivo e, quando estou vestido, me deito ao seu lado.

— Me fale do seu dia. — ela diz, olhando para mim. É a primeira vez, desde tudo, que Lívia quer saber do meu dia. Isso me faz vibrar interiormente.

— Foi bom. Vamos mesmo abrir outra filial do Avenue e já até contratamos uma empresa para a decoração interior. Já compramos algumas máquinas, mas vamos deixar louças, mesas e balcão para quando tivermos o projeto de decoração decidido. E o seu?

Lívia desenha um rápido sorriso, guarda sua caderneta na gaveta do criado-mudo e se afunda mais nos edredons.

— Foi produtivo. O arquiteto para a nossa redecoração esteve aqui hoje. Tirou algumas fotos, perguntou o que eu queria fazer, que tipo de decoração eu queria… E ele parece bem profissional, aqui mesmo já me deu algumas ideias. — Lívia me relata, parece mais animada e encantada do que há alguns dias.

Devo ter acertado nessa ideia de fazê-la ocupar a mente com a redecoração da casa.

— Você gosta de azul? Porque talvez eu pinte uma das paredes do nosso quarto de azul, por sugestão profissional.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Azul é perfeito. — murmuro, admirando sua beleza enquanto ela conversa comigo. Eu sinto falta de dialogar com Lívia, sinto falta de ela se aproximar, deitar sobre meu peito, ou sentar no meu colo, acarinhar-me o rosto.

Sinto falta de cada mínimo gesto insignificante dela.

— Me desculpe… — ela murmura, olhando para baixo.

Pestanejo, confuso.

— Pelo quê?

— Não queria conversar. Não queria ouvir sobre seu dia, nem falar do meu. Eu só queria deitar e dormir.

— Não estou entendendo…

— Luís me disse para tentar conversar com você, me reaproximar… —

cicia e persiste em não me olhar. — É só mais um exercício idiota para a sessão.

— Não diga isso, Li. Cada tarefa da sua sessão é importante. Não me importo que você tenha sido orientada a falar comigo — eu digo isso, mas, na verdade, me entristece profundamente saber que minha própria esposa só está tentando um diálogo entre nós por orientação do psicólogo. Ainda assim, eu jamais a deixaria saber sobre isso. — Estou feliz que esteja ao menos tentando. — Estas últimas palavras são sinceras. — Agora descanse. Temos um longo dia amanhã.

Beijo-a na bochecha e apago as luzes dos abajures. Segundos depois, sinto-a me abraçando e deixando um beijo rápido em minha nuca.

Isso me irradia de felicidade.

Angelina chega acompanhada de seu sócio. Eles conversam descontraidamente enquanto vêm em nossa direção. É um homem alto, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

também jovem, talvez com a minha idade, cabelos louros bem-arrumados para o lado, barba dourada contornando o rosto e um par de óculos que lhe dá certa

seriedade.

— Prazer — digo, lhe apertando a mão em um cumprimento, quando estamos frente a frente —, sou Alfredo.

— Muito prazer, Alfredo. Sou David Menezzes.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

07

MENEZZES

Lívia

RECEBO DAVID ALGUNS DIAS DEPOIS DA INSANA LIGAÇÃO QUE LHE FIZ.

Sem muita explicação, eu entrei em contato com ele, e conversamos por alguns minutos pelo telefone. Foi uma conversa inocente, onde eu lhe relatei que gostaria de fazer algumas mudanças na decoração da casa e, após aquele encontro na loja de tintas, achei interessante a opinião de um profissional.

— Eu sempre soube, você se dá muito melhor com planilhas e gestão de negócios do que com decoração — David Menezzes disse, na ocasião, sua voz suave e feliz atravessando a linha telefônica.

E eu não pude conter algumas lembranças cruzando, instantaneamente, a frente dos meus olhos. Durante nosso tempo de namoro, uns seis ou sete anos depois de Alfredo ir para a França, eu era o tipo de mulher fechada e durona, centrada no trabalho, às vezes, severa demais em relação aos meus compromissos amorosos. David foi um dos pouco caras a se esforçarem para me entender realmente, entender por que eu não conseguia retribuir aos afetos e carinhos, às demonstrações de amor. Como sempre, eu não me abria com ninguém — além de Henrique — sobre meu passado com Alfredo. David foi um dos poucos a persistirem na relação e tentaram atravessar, como ele mesmo disse no outro dia, o meu coração, quase intocável. Namoramos por cerca de um ano, e David, como alguns outros, saiu com o coração partido.

Ele me pediu para comparecer à sua loja, no centro da cidade, para conversarmos melhor. Na mesma hora eu quase senti o coração entalar na garganta. Ansiosa, toda uma série de acontecimentos começou a se formar na NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

minha mente só de imaginar e andar sozinha pela rua… Coisas que poderiam realmente nem acontecer.

Por isso, preferi passar meu endereço e lhe pedi para vir até mim.

David veio. Conversamos somente o necessário. Ele não especulou minha vida nos últimos anos; na verdade, David foi muito profissional.

Analisou os cômodos por qual eu o fiz percorrer, sempre me questionando como eu queria a nova decoração, para ele ter uma base e preparar o projeto.

Eu não soube muito o que responder. Apenas que queria um ambiente mais alegre e confortável. Ele não ficou mais que meia hora e pareceu entender de que eu não tinha a mínima ideia de *como* imaginava a decoração.

Ele se foi, prometendo me ligar em alguns dias já com algumas ideias prontas.

E, ontem, quando Alfredo me perguntou sobre “o arquiteto”, fiquei com uma terrível dúvida: eu deveria ou não lhe contar sobre o arquiteto ser um ex-namorado? Por um instante, a dúvida pairou sobre mim como uma nuvem tempestuosa. Receei que Alfredo se sentisse enciumado ou incomodado… Surtasse e imaginasse coisas inexistentes.

Afastando as dúvidas, acreditei ser melhor não lhe dizer nada, por enquanto, principalmente porque ele realmente me pareceu não se importar muito. Prometeu-me fazermos isso juntos, mas já desistira parcialmente. Com o pretexto de que estará ocupado, me deixou resolver essas questões sozinha… E também Alfredo sequer mostrou interesse em saber quem é o arquiteto, de onde eu o conhecia ou quem o indicou… E isso, de uma maneira esquisita, me aborreceu. A pouca demonstração de interesse do Alfredo me aborreceu.

Sendo assim, por ora não lhe direi nada.

— Você se dispersou outra vez, Lívia — Luís me traz de volta à realidade. Só então me dou conta de estar deitada sobre o divã com a minha caderneta de sentimentos na mão, analisando cada uma das emoções dos dias antes da sessão, e quando chegamos ao “duvidosa”, Luís me perguntou por que eu me senti assim, como também me perguntou por que eu me senti em relação aos anteriores.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Dou um pigarreio e me ajeito no divã.

— Isso ficará entre nós, certo?

— Claro — Luís assente, as pernas cruzadas, me olhando por cima dos seus óculos, com um habitual bloco de notas na mão. — Agora me diga por quê, e em relação a que, você sentiu dúvidas?

Tomo fôlego para meus pulmões e conto tudo a Luís. Da ideia de Alfredo pintar as paredes — porque seria divertido —, do meu encontro súbito com David, o ex-namorado, de eu tê-lo contratado para uma ajuda profissional e da minha dúvida se contava ou não para Alfredo sobre David ser quem ele é.

— Por que sentiu essa dúvida? — Luís pergunta, anotando alguma coisa em seu bloco.

— Não sei. Receei deixar Alfredo enciumado… ou alguma coisa assim.

Ele, às vezes, surta com facilidade… Talvez eu quisesse apenas evitar uma confusão.

— Nada mais do que evitar uma briga com seu marido? — o psicólogo instiga, e, nesse momento, eu preciso olhar para ele.

— Haveria algum outro motivo? — pergunto, querendo entender o tipo de insinuações Luís está fazendo.

— Se você queria evitar uma discussão é porque se importa com seu casamento?

Pestanejo um segundo.

— Não… quero dizer. Eu me importo, mas…

— Mas quando discutiu com Alfredo no outro dia havia dito não se importar e não o amar. Estou certo?

— Sim, eu disse essas coisas.

— Ainda acha que não o ama? Continua a não se importar com seu casamento?

Preciso de alguns segundos para analisar a minha própria vida conjugal.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Preciso me lembrar de Alfredo, do seu sorriso, do seu abraço, do seu modo sutil de estar tentando uma reaproximação — como essa história de pintura

—, e faço um esforço para sentir a mesma admiração de sempre. Mas encontro apenas uma mistura de descaso e carência. É um sentimento muito confuso.

— Na verdade, eu não sei. Desde tudo tenho dificuldade de me relacionar com Alfredo, nem consigo mais ter relações íntimas com ele…

Não existe muito ânimo para isso e porque sempre me recordo… — e paro por um segundo, sentindo um nó na garganta.

— Entendo. — ele diz apenas, e eu sinto necessidade de continuar.

— Mas, ao mesmo tempo, se Alfredo tivesse me dado o divórcio quando pedi, eu me sentiria extremamente irritada e magoada.

Luís parece interessado na minha confidência.

— Por quê? — indaga apenas.

— Porque ele estaria desistindo de mim, da nossa relação, mais uma vez.

— Mais uma vez? Ele já desistiu de você antes?

— Sim. Há uns dois anos. Estávamos noivos, e eu passei pelo momento mais delicado da minha vida. Enzo foi diagnosticado com leucemia, e Alfredo prometeu passarmos por essa fase juntos. Mas então ele descobriu a paternidade do menino, discutiu com Henrique, o irmão dele, porque queria reconhecer o filho. — Solto outro longo suspiro. Por que mesmo estou revivendo tudo isso? — Henrique se opôs, é claro, por uma vida inteira ele fez o papel a qual eu privei Alfredo… Não que à época fizesse diferença…

Enfim. A questão é: Alfredo desistiu. Voltou para a França e me deixou sozinha, com nosso filho numa cama de hospital fazendo tratamento contra a leucemia… Tudo para dormir com uma vagabunda qualquer! — Aperto o bloquinho em minhas mãos sentindo a raiva subir pelo meu corpo.

Ou seria ciúme por me recordar de me deparar com uma mulher no seu apartamento quando fui procurá-lo? Luís acena apenas e escreve algo mais no seu bloco de notas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Se Alfredo tivesse lhe dado o divórcio quando pediu, há pouco mais de um mês, acha que o sentimento de mágoa e irritação poderia ser comparado a quando ele retornou à França e te deixou?

— Sim, seria o mesmo sentimento.

Outro aceno de cabeça e mais algumas anotações. Passamos para os próximos sentimentos e fazemos o mesmo processo. Luís sempre instigando, apontando, questionando, perguntando, insinuando…

— Na última sessão, eu te pedi para tentar, aos poucos, melhorar sua relação com Alfredo. Você fez o que te pedi?

— Sim. Tentei uma conversa.

— E como se sentiu?

— Como me senti em conversar com meu próprio marido?

— Sim.

— Eu não queria conversar. Apenas deitar e dormir. Mas perguntei a ele como tinha sido seu dia no Avenue. E depois ele quis saber do meu. E só.

Não me estendi muito.

— E como você se sentiu? — Luís repete a pergunta, percebendo que eu não fora tão objetiva.

— Culpada.

— Por quê?

— Porque eu estava fazendo aquilo contra a minha vontade. Porque eu precisei me esforçar muito, *muito mesmo*, para iniciar um diálogo com ele.

Porque aqueles olhos azuis brilharam esperançosos quando eu lhe perguntei do seu dia… Eu me senti culpada por não estar sendo sincera com ele. E no final, eu acabei me desculpando por isso.

— Se desculpou com Alfredo por estar sendo orientada a conversar com ele? — Abano em positivo. — E qual foi a reação dele?

— Alfredo disse não se importar, disse estar feliz pela minha tentativa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— E como se sentiu em relação a isso?

— Eu não sei. Às vezes só tenho medo de magoá-lo.

— Se sente medo de magoá-lo é porque se importa? Talvez, lá no fundo, você sabe que ainda o ama?

E essa pergunta ecoa por um bom tempo na minha mente.

David me liga cerca de uma semana depois de estar em casa. Pede-me desculpas por ter demorado e explica ter sido por causa de um segundo projeto que

apareceu em sua empresa. Quando meu celular toca, e identifico seu número na tela, me afasto alguns metros, pois Alfredo está na sala jogando uma partida desastrosa de *God of War* com Enzo. Afasto-me pelo barulho de gritos e risadas dos dois e também porque quero um pouco de privacidade para falar com David.

Parece bobagem minha, mas continuo indecisa se falo de Menezzes para Alfredo ou não.

— *Já estou com seu projeto pronto* — diz ele, após se desculpar. —

Pode vir dar uma olhada quando quiser… — Faço um silêncio denso por alguns segundos. David parece me entender. — *Ou se você preferir, posso levar para você.*

— Seria ótimo se pudesse vir aqui em casa.

— *Claro, quando quiser.*

— Amanhã, por volta das dez, está bom?

— *Sim, está ótimo. Estarei aí nesse horário. Até lá, Lívia.*

Volto para sala, Alfredo ainda sentado no sofá, o controle na mão, retorcendo o corpo como se resolvesse para os movimentos do personagem do jogo. Ele ri, Enzo dá alguns gritos, indicando movimentos a serem feitos.

Por fim, Alfredo não consegue passar para o próximo nível e tem de ceder o controle a Enzo, que resmunga alguma coisa sobre mostrar a ele como se faz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo me vê parada perto à porta, encarando os dois com um leve sorriso — e ele sorri de volta.

Se sente medo de magoá-lo é porque se importa? Talvez, lá no fundo, você sabe que ainda o ama?

— Quem era ao telefone? — me pergunta, mas não sai do lugar.

— O arquiteto — e forço um sorriso. — Está com o projeto pronto, me trará amanhã. Estará aqui para ver comigo?

— Não poderei, amor — e suspira, como se realmente estivesse chateado com a situação. — Bernardo e eu teremos de ir até a prefeitura protocolar alguns documentos do alvará de funcionamento da nova filial.

Sabe como essas coisas são burocráticas, não sabe?

Cruzo os braços e sinto uma necessidade de me desviar do seu olhar.

Por que mesmo eu estou ficando magoada por ele estar tão desinteressado em algo que ele mesmo sugeriu?

— Tudo bem. Achei que poderia contar com a sua opinião, pois eu não moro sozinha nessa casa — despejo, mais ríspida do que ponderei.

Ele me olha, levemente assustado com a minha reação.

— Eu olho quando vier almoçar. Se eu tiver alguma objeção, você avisa ao arquiteto. Tudo bem assim?

Não lhe dou uma resposta verbalizada. Aceno em positivo e o deixo na sala com Enzo.

David chega no horário combinado. Está impecável e casual dentro de um blazer preto e jeans azul, os cabelos como sempre bem-alinhados, e com um cheiro quase inebriante de colônia importada. Traz uma pasta debaixo dos braços, que cai no chão quando, desajeitadamente, ele me dá um abraço.

Rimos de seu desastre, e eu o ajudo a juntar a papelada.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vamos até o escritório — digo, o conduzindo pela casa. —

Podermos conversar com mais privacidade lá.

David entra e parece analisar o cômodo se abrindo à sua frente. Atrás de uma

mesa de carvalho, perto de uma enorme janela de vidro, há uma estante com livros — também enorme. Entre livros e decoração, espalham-se molduras de fotos, diversas delas…

À direita do escritório, uma poltrona confortável nos convida para relaxarmos nela com algum livro nas mãos, enquanto, bem diante dos nossos olhos, a imagem do jardim desenha-se através da janela de vidro. David senta-se em uma das cadeiras frente à mesa. Pega um retrato nas mãos e olha para ele.

— É sua filha e seu marido?

O retrato em questão mostra Alfredo com Lara nos ombros, de costas, caminhando pela praia num entardecer esplêndido. Fora há cinco meses essa foto. Sorrio brevemente e me sento do outro lado da mesa.

— Sim, são eles.

— É uma bela foto. — elogia e a põe no lugar. Seus olhos vão para trás de mim, numa das prateleiras da estante. — E aquelas são…? — E aponta; olho para trás, vendo um retrato de Sophie com Lauren. — Desculpe, estou sendo tão intrometido…

— É a primeira esposa do Alfredo, e Lauren, filha deles.

David me encara com o semblante enrugado, confuso com minha declaração. O que é compreensível. Eu não fui muito clara.

— Sophie já faleceu, assim como a pequena Lauren, num acidente de carro. Tem uns três anos.

Esse fato o perturba um pouco, pois sua expressão muda bruscamente.

— Isso é terrível. — murmura, soltando o ar dos pulmões.

— Sim.

— E você não se importa em ter uma foto da primeira esposa do seu marido na sua casa, no seu escritório?

NACIONAIS-ACHEROM

— E por que eu me incomodaria? Não posso apagar da vida dele a passagem de Sophie. E nem quero. Ela foi de suma importância para ele…

Parte do que Alfredo é hoje se deve a ela.

— Claro. — David sorri, taciturno. — Poucas mulheres seriam tão compreensivas. — comenta, pondo sua pasta sobre a mesa e a abrindo. —

Talvez devêssemos mudar de assunto, não?

— Também acho.

David tira algumas impressões da sua pasta e vai mostrando algumas ideias criadas para a redecoração da casa. Ele é muito profissional, me explicando paleta de cores, combinações com ambiente, móveis e texturas.

Escolho três dos que ele me trouxe — um deles, inclusive, fez de toda a casa, do jardim à copa, por iniciativa própria — e eu lhe disse que mostraria a Alfredo para saber a opinião dele.

Ao final, eu o acompanho até a saída, conversando mais um pouco:

— A sua casa é linda e já tem uma decoração muito bonita também, não entendo por que quer redecorá-la.

Suspiro, levantando os ombros.

— É uma história um pouco longa. Quem sabe uma hora eu te conte.

David respeita meu silêncio. Sigo-o até seu carro, estacionado no pátio de frente para a casa. Ele entra, puxa o cinto e dá a partida. Antes de ir, olha para mim mais uma vez e diz:

— Acha que uma hora dessas poderíamos tomar um café juntos e colocarmos a conversa em dia? Para, talvez, você me contar essa história longa?

Um sorriso involuntário se manifesta em mim. Não sei se é certo ou errado, mas respondo, dizendo:

— Quando você quiser.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

08

MÃOS À OBRA

Alfredo

DESCARREGO AS LATAS DE TINTA DO CARRO.

A tarefa exige de mim um pouco mais de esforço do que o habitual.

Lívia me olha com uma cara engraçada, vendo minha dificuldade.

— Está tão pesado assim? — questioname, vindo em minha direção. —

Ou é você quem está ficando velho?

Lanço a ela um olhar duro — mas não sincero —, demonstrando como eu ficara (falsamente) ofendido.

— Não estou velho — respondo, fechando o porta-malas. — Elas estavam desajeitas.

Lívia ri de forma graciosa e apenas acena, no entanto, continua com o semblante zombeteiro.

O sorriso em seu rosto mexe comigo de uma forma boa.

Completamente boa. Eu adoro vê-la sorrir, adoro a forma como seus lábios finos se curvam perfeitamente, adoro a pequena pinta perto da boca, no lado esquerdo — a deixa tão sexy! —, amo cada vez que seu sorriso se abre para abalar minhas estruturas e me encher de amor e esperança.

Finalmente vamos fazer a tal pintura que propus três semanas atrás, mais ou menos. Depois de conselhos profissionais e de um projeto elaborado exclusivamente para nossa casa (grande parte das decisões foi Lívia quem tomou), hoje é dia de pormos a mão na massa.

E estou ansioso para isso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Levantamos bem cedo hoje, apesar de ser fim de semana, e tiramos alguns móveis do quarto, alguns outros arrastamos mais para o meio do cômodo e os cobrimos com lençóis velhos. Enquanto eu fui buscar as tintas, que tiveram de ser encomendadas, Lívia ficou com as crianças, forrando os pisos.

Enzo não gostou muito da ideia de levantar cedo em pleno sábado, mas não se opôs por muito tempo. A pequena Lara era a mais animada, queria, de todas as maneiras, brincar logo com os rolos e pincéis e pintar as paredes do seu quarto.

— Enzo perguntou daquele piquenique que você prometeu com Ana Beatriz — diz Lívia, me acompanhando para dentro, enquanto eu carrego uma das latas para cima. — O que aconteceu com o fim de semana que ela viria para cá?

— A tia dela não deixou. Ana estava com muita matéria para pôr em dia, segundo ela, por conta da viagem; ela só veio aqui no meio da semana para Enzo ajudá-la. — Deixo a lata em frente à porta, limpo o suor da testa com as costas da mão e inspiro fundo antes de continuar: — Não que eu não tenha tentando convencer Michelle de deixá-la vir.

Lívia puxa o celular do bolso e me entrega, dizendo:

— Ligue para ela agora, pergunte se Ana pode vir aqui. Depois da pintura podemos lanchar no quintal — ela sugere.

Ligo para Michelle e, com um pouco de insistência, consigo convencê-la a deixar Ana conosco nesse fim de semana. Marco de mandar alguém buscá-la dentro de meia hora e desligo. Carrego o restante das latas para os quartos; Lara está eufórica. Quer a todo custo começar a pintura.

— Venha cá, sua sapeca — corro atrás dela, Lara sai correndo aos gritos para o colo da mãe. Lívia a segura e finge protegê-la. — Eu sou o monstro do castelo! Vou te pegar! — E finjo um grito monstruoso.

Lara gargalha e esconde o rosto no colo da mãe. Lívia pega um jornal enrolado e finge ser uma espada.

— Aqui não, monstro feio! Nessa princesa ninguém toca.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Queremos a princesa! O rei ordena a sua presença. — Enzo surge, entrando na brincadeira, se juntando ao meu time. Ele puxa um grande pedaço de um dos papelões jogado ao chão para proteção e o faz de escudo.

— Renda-se, Rainha Má, e entregue-nos a princesa!

— Nunca! — E correndo, Lívia se esconde em um dos quartos.

Brincamos por alguns minutos inventando histórias fantásticas de reis, rainhas, princesas e dragões. É um momento família muito divertido. Lara se escondeu debaixo da cama, no meio do meu quarto; e Lívia, dentro do guarda-roupa. Eu a encontro, dou um enorme grito de guerra e estou prestes a puxá-la quando Lívia surge e me acerta com sua espada de jornal.

— Ó Deus, eu fui acertado — teatralizo uma agonia. — Estou vendo tudo escuro. Onde está meu fiel escudeiro Sir Enzo Hauser? Venha ao meu socorro! — E caio no chão, “morto”.

— Você matou meu amo! — Enzo surge na porta, ainda empunhando seu escudo. — Prepare-se para enfrentar a minha fúria. — Ele brada, em meio a risos, e avança sobre a mãe. Os dois lutam, rindo, Lara incentiva a mãe com gritos histéricos. E no fim Enzo é vencido. Ele cai ao meu lado, também “morto”.

— É isso o que acontece com homens metidos a valentões. Não há donzelas em perigo aqui, meus amores. — ela diz, toda orgulhosa e convencida.

Não posso não deixar de sorrir alegremente nesse momento. Posso ver Enzo e Lívia se recuperando de ataques de risos, de Lara gargalhando cada vez mais da brincadeira. A imagem da minha família unida me deixa em êxtase.

A campainha toca, e Enzo corre atender, sabendo que é Ana quem chegou. Enquanto ele vai ao seu encontro, Lívia, Lara e eu vamos nos trocar para começarmos a pintura. Visto uma calça de algodão preta e camisa regata branca, Lívia opta por vestir um macacão estilo jardineira, e Lara veste algumas roupas velhas.

Sobre uma mesa, abrimos os esquemas de projeto que o arquiteto de Lívia fez. Separamos todo o material necessário, seguimos as instruções de NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

melhor aproveitamento das tintas e as posicionamos cada uma em suas referidas paredes.

Antes da pintura, lixamos todas as paredes com a lixadeira. Lara continua impaciente. Lívia me ajuda com uma segunda máquina, parecendo desastrada com o utensílio. Isso me faz rir um pouco.

Enzo e Ana lixam as paredes manualmente, no quarto dele, foram instruídos e são constantemente vigiados para evitarmos qualquer acidente.

Acabada a primeira parte, começamos a pintar as paredes de branco primeiramente, para facilitar a demão de tinta colorida.

A impaciência de Lara acaba. Coloco um pouco da tinta em um pote e lhe dou um pincel pequeno, a ponho sentada à parede oposta onde pintarei, e ela fica ali, rebuscando a parede com seus desenhos e rabiscos tortos e fofos.

Lívia e eu ficamos na mesma parede, ambos com um rolo cada. A pintura é feita em silêncio. Eu penso em alguma coisa para conversar com ela, para incentivá-la a falar comigo naturalmente, sem ter de ser orientada a isso. Mas às vezes fico com receio de estar a pressionando, de forçá-la a algo que não queira, de sufocá-la. Não sei qual a maneira mais certa ou aconselhável a isso.

— Estava pensando em fazer um jantar um dia desses e chamar meus pais. Já

tem tempo desde a última vez. — Para meu alívio é Lívia quem quebra o silêncio. E eu realmente não me importo com que ela esteja fazendo isso como sua tarefa das sessões.

Farei esforço para manter essa conversa fluir até ser simplesmente natural entre nós. Como deveria ser. Sempre.

— É uma ótima ideia. — respondo, e lhe ofereço um sorriso animado e sincero. — Eu posso te ajudar a cozinhar, e tenho um vinho ótimo na adega, daquele que seu pai adora. Assim como você.

Lívia balança a cabeça, sorrindo.

Sei como ela gosta de vinho, sei *qual* vinho ela prefere mais. Então percebo: quando eu a agrado com coisas de sua preferência, Lívia fica satisfeita — talvez ligeiramente feliz. Trabalharei mais nesse requisito.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vou falar com eles e ver quando é melhor para virem.

— Ótimo.

— Pensando bem… — faz uma objeção, passando mais tinta no rolo.

— Quero um jantar entre família e amigos. Chame sua mãe, seu novo futuro pai — ela sorri largamente, me fazendo rir —, Henrique, Victória e Bernardo.

Podemos?

— É claro, amor. — Começo a ficar animado com a ideia. Aos poucos Lívia está voltando a ser ela outra vez.

— Legal… — murmura apenas, olha para trás para verificar Lara, se está tudo bem. A pequena continua entretida com sua tinta, já com a roupa bastante esbranquiçada.

Respiro fundo a observando. Não posso permitir ficarmos nesse silêncio intenso.

Eu passo um pouco de tinta na ponta do indicador, me aproximo com cuidado e a chamo. Lívia se vira para mim, e, neste instante, eu passo o dedo em sua bochecha.

Já espero por uma bronca, mas ela e ri protesta:

— Alfredo!

Ela me empurra levemente, e eu a seguro pela cintura, colidindo nossos corpos. Eu quero sentir o gosto da sua boca, mas não quero me atrever a obrigá-la a isso. Lívia ocasionalmente me evita, e a última coisa que quero é compeli-la a retribuir.

Droga! Como eu odeio essa porra. Como odeio ser obrigado a ter cuidado para beijar a minha própria esposa. Ignoro qualquer aflição minha e sorrio, enquanto ela está sorrindo para mim, permitindo nossos corpos juntos.

— Você está linda, senhora Hauser. — sussurro, da maneira como costumávamos nos tratar.

Lívia se aproxima do meu rosto, beija-me com delicadeza nos lábios.

Sinto seu gosto, seu hálito, a umidade boa de sua boca. Dou-lhe mais espaço, pouco a pouco, sentindo sua língua me invadir. Não é possível ela ter me dito, no outro dia, não me amar mais. Seu beijo agora parece dizer tão ao contrário…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia cessa o beijo… Estou sem fôlego.

— E você está sexy, senhor Diniz. — ela diz, escorrendo a palma pelo meu bíceps. — Mas acho bom terminarmos isso aqui — é durona, megera. E

eu adoro esse seu lado.

Toma o rolo em mãos e torna a pintar.

Depois de pintarmos todas as paredes de branco, esperamos cerca de vinte

minutos antes de começarmos a demão de tinta colorida. Pintamos a parede da cabeceira da cama de azul-cobalto. É uma cor fria, mas dá um toque charmoso ao quarto. As outras duas, as das laterais, pintamos de amarelo-claro.

Lívia mantém a conversa comigo. Rimos bastante quando vemos Lara com o rosto todo pintado. Ela limpa a pequena, enquanto eu continuo passando as demãos de tinta nas paredes.

A última parede, a rebuscada com os rabiscos de Lara, inicialmente deveria ser azul-cobalto, também. Mas vendo a “arte’ de Lara, uma ideia melhor surge em minha cabeça. Digo à Lívia para deixarmos esta parede por último, ela quer sabe por quê, mas eu apenas respondo ter uma ideia diferente.

Ela concorda, e então seguimos para o quarto de Enzo, onde ele e Ana estão parecendo dois ETs todos sujos de verde. Quando entramos, os dois estão rindo, jogando tinta um no outro.

Fazemos a pintura do quarto dele, que é todo verde — sua cor favorita

—, Enzo consegue fazer Lívia se manter entretida e conversando quase o tempo todo. Por algum tempo ela parece se esquecer de ter se tornado uma pessoa ansiosa e amedrontada. Ela abraça os pequenos, beija-os, suja-os com tinta nos narizes, e recebe de volta. Minha esposa e meus filhos riem e me fazem rir junto.

— Ei, Alfredo — Lívia me chama. Estou concentrado pintando o rodapé; levanto o olhar para ela e, no mesmo instante, ela passa o indicador sujo de tinta do meio da minha testa até abaixo do queixo, deixando um grande risco dividindo meu rosto.

Gargalhadas estouram por todo o quarto. Lívia está rindo junto. Seu
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

rosto com uma mancha branca que eu causei um tempo atrás se expressa num semblante vingativo.

— Venha aqui, sua megera. — explodo, aos risos, pegando um pincel e correndo atrás dela.

Lívia corre em círculos dentro do quarto, rindo. As crianças se juntam na brincadeira. Enzo protege a mãe, e Ana tenta me ajudar a cercá-la.

Consigo pegá-la e, desastrosamente, caímos no chão. Meu corpo choca com o seu. A gente ainda ri.

Pego meu pincel cheio de tinta verde e passo por seu rosto.

— Oh, meu Deus, Alfredo! — Ela se rebate por baixo de mim.

— Prontinho. Você agora é a princesa Fiona.

— Seu cretino. — Lívia me empurra, toma o pincel das minhas mãos e, num golpe baixo, pinta todo meu rosto. — E você é o Shrek.

Ao final do dia, estamos sujos de todos os tons imagináveis. O cabelo de Lara é colorido e duro, minha camisa branca não é mais branca, Ana e Enzo estão tão sujos tanto quanto a caçulinha. Apesar de cansado, eu estou feliz.

— E a última parede? — Lívia me pergunta quando estamos finalizando o quarto de Enzo, depois de tirar o verde de nossas caras.

— Enzo, preciso de bexigas. Sobrou algumas do aniversário que fizemos à Ana. Vá buscá-las. E também me traga um funil. — peço; e Enzo e Ana saem correndo buscar.

Encho algumas bexigas com as tintas, cada um de uma cor. Todos me ajudam. Temos por volta de trinta bexigas dentro de uma bacia no quarto.

Lívia olha para mim, ainda sem entender. Faço-os colocarem óculos de proteção (que usamos com as lixadeiras elétricas).

— Vejam. — digo, pego uma bexiga e arremesso na parede.

A bexiga estoura, e a tinta dentro dela se espalha por um pedaço de parede.

— Isso é um máximo! — Enzo exclama e faz o mesmo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

As crianças adoram a ideia e começam a arremessar bexiga atrás de bexiga. Lívia e eu entramos na brincadeira. Ao final, temos uma parede multicolorida, e eu sentirei uma felicidade imensa em dormir olhando para ela.

— E não é que ficou bonita? — Lívia diz, olhando para nossa obra de arte.

Sorrio, satisfeito. Ela se aproxima e me abraça pela cintura.

— Vou fazer um lanche para nós. Vá limpando essa bagunça enquanto isso, senhor Diniz. — manda.

— Você não vai nos ajudar?

— A ideia foi sua, querido. Se vire. — E ela sai, me fazendo rir.

Os meninos me ajudam com a limpeza, que não demora muito.

Tivemos o cuidado de forrar bem o chão e cobrir os móveis. Leva um pouco mais de uma hora para a limpeza e para colocarmos os móveis no lugar. Hora exata para Lívia nos chamar para comer um bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Ela preparou o jardim para um piquenique rápido. Já está entardecendo e esfriando.

Fazemos nosso lanche, que também é divertido e alegre. Lara dá grandes sinais de cansaço. O dia fora pesado para ela. Levo-a para um banho, enquanto as crianças ajudam Lívia a recolher tudo e limpar a cozinha. Às oito da noite, Enzo e Ana já estão de banho tomado e dormindo. Completamente exaustos.

Cansado, sou eu quem preciso de um banho. Preparo a água da banheira e fico submerso, os olhos fechados, sentindo a temperatura boa relaxar meus músculos. Penso ser capaz de cochilar aqui, tão cansado estou.

Um abrir de porta me faz despertar. Lívia entra e me olha, sorrindo.

— A água está boa?

— Sim. Já estou terminando para você vir.

— Está tudo bem, não se preocupe. Na verdade… Posso entrar com NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

você?

Sua pergunta me deixa feliz.

— É claro, querida.

Lívia tira sua jardineira. Meus olhos percorrem sua nudez, observando suas curvas, sua pele branca, o abdômen fino que eu tanto adoro beijar, o sexo feminino e parcialmente depilado. Subo para os seios, redondos, perfeitos e médios. Estão rijos de frio. E isso me deixa excitado. Sorrio fraco para Lívia, ela se aproximando da banheira a passos hesitantes. Não é possível ela ainda sentir receio de ficar nua na minha frente.

Penso que ela sentará na ponta oposta, mas Lívia vem até mim e se senta entre minhas pernas, de costas para mim. Segura em meus braços para cingi-los em sua cintura fina. Beijo-a na nuca, afastando seus cabelos soltos e os prendo em um coque para não os molhar. Abraço-a mais contra mim.

Deus, como gosto desse contato nosso, desse momento.

Lívia brinca com meu braço e com a espuma dançando contra a água.

— Quero te contar uma coisa. Mas tem de me prometer não surtar. —

ela diz baixinho, como se não quisesse romper bruscamente o silêncio que nos acolheu confortavelmente.

Tenho medo do que ela tem a dizer. Mas tomo fôlego para os pulmões e digo:

— Eu prometo.

— O arquiteto que eu contratei para fazer o nosso projeto…

— O que tem ele?

— Por que não quis saber de onde o conhecia?

— Não sei… — respondo com sinceridade. Realmente, o pensamento nunca me ocorreu. — Eu deveria saber?

Lívia fica em silêncio por uns segundos.

— Eu gostaria que você soubesse.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Soubesse o quê?

Outra pausa curta.

— Ele é um ex-namorado meu.

Eu encaro sua nuca, sem saber explicar o sentimento dentro de mim.

Lívia se vira lentamente em minha direção, me olhando nos olhos.

— E por que está me contando só agora? — quero saber, calmamente.

Ela dá de ombros e baixa os olhos.

— Porque não o verei mais. Eu tive medo de você ficar enciumado quando soubesse… durante o tempo em que eu estava em contato com ele.

Ela levanta o olhar para mim. Morde a parte macia do lábio inferior.

— Eu sou o tipo de imbecil ciumento? — pergunto, e Lívia ri, me dando um socozinho no ombro.

— Não. Olha, eu não sei por que não te contei antes. Só queria evitar que você ficasse com ciúme ou armasse uma confusão. Só não queria brigar com você.

— Desculpas aceitas. — enuncio, baixinho, e a beijo rapidamente.

— É assim? Tão simples?

Sorrio, viro-a de costas para mim e lavo suas costas.

— Eu estou queimando de ciúme, mas… — Paro um segundo. — Mas eu confio em você. Confio na sua fidelidade e no seu amor.

— E se eu te disser que ele me convidou para um café? Para conversamos um pouco?

Paro de ensaboar suas costas. Eu não gosto desse assunto. Mas o que diabos eu devo fazer? Proibir minha mulher de falar com outro homem porque eles são ex-namorados? Isso é antiquado e machista. Se eu a amo, se eu acredito no seu amor por mim, seu eu confio nela, por que raios eu devo me preocupar?

— Eu lhe diria para fazer isso. Conversar faz bem. Você precisa se
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

habituar outra vez a se socializar. — Minha resposta também me surpreende.

Lívia me olha. Ela está assustada.

— O que você fez com meu marido? — brinca.

Não me contenho. Rio. Depois a beijo.

— Li, não serei isso que você quer que eu seja. Não quero te proibir de nada, não quero te privar. Saia tomar um café com esse cara, depois, se quiser, me conte como foi. Só se afaste e me conte se ele tentar uma gracinha.

Sabe como são os ex, não sabe?

Ela acena em positivo. Volta-se para frente.

— Estou sentindo sua ereção nas minhas costas. — sussurra.

— Me desculpe, é mais forte do que eu.

Ela nada responde. Eu quero que ela se vire, se sente em meu colo e me peça para penetrá-la. Mas não acontece.

Simplesmente terminamos nosso banho.

Lívia quer uma taça de vinho para relaxarmos. Depois de nos vestirmos, descemos até a cozinha. Ela está usando apenas um short de algodão bem curto e uma regata de alças finas; o decote me deixa ver seus seios.

Isso só me deixa mais excitado.

Acendo a lareira. Sirvo-nos do seu vinho favorito e preparo alguns petiscos. O silêncio por toda a casa é confortável.

Sentamo-nos lado a lado no sofá. Lívia está tão linda dentro das suas roupas e com os cabelos úmidos desajeitados. Ela sorve seu vinho em pequenos goles, degustando com prazer a bebida. Ela me parece bem. E isso me deixa feliz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

De repente ela se levanta e vai até o aparelho de som. Observa atenta os meus discos. Escolhe um. Olha o verso. Retira o disco de dentro da proteção e põe para tocar. Reconheço a música. *Rhythm of Love*, Scorpions. Minha banda favorita. Sorrio com sua escolha.

— Se lembra da última vez em que ouvimos essa música? — Lívia me pergunta.

Aceno em positivo.

— Nosso aniversário de um ano. — Sorrio e me sinto dolorido com a lembrança. — Fizemos amor ao som dela.

As notas continuam ressoando baixinho pela casa. A batida lembra as da balada dos anos sessenta. É sensual e contagiante. Lívia a adora.

Ainda com a taça de vinho nas mãos, ela vai mexendo seu corpo curvilíneo e divino conforme o ritmo da música e versos da letra.

♪ Let's spend the night together

I know you want it too

A imagem a minha frente me deixa excitado. Porra, eu quero agarrá-la pela

cintura, arrancar esse short curto e entrar nela com vigor.

— Foi… — ela me responde, finalmente. — Fizemos amor nesse sofá, ouvindo essa música. Nunca entendi por que ouvimos essa se nossa música é *Still Loving You*.

— Íamos transar, e você queria algo mais sensual e quente — respondo, com meus olhos ainda nela, no seu corpo em movimento.

Ela dá um meio-sorriso, olhos fechados.

♪ The rhythm of love

Keeps me dancing on the road ♬

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia abre seus castanhos olhos para mim. De repente, eles estão entristecidos e duvidosos.

— Você quer tentar? Ainda não estou pronta, eu acho… Mas se me prometer parar se eu pedir, a gente pode tentar, Frê…

Pestanejo, confuso.

— Tentar o quê?

— Transarmos. — responde sem titubear. — Sei que está com vontade.

Você está há quase dois meses sem sexo. — E morde o lábio inferior.

Levanto-me do sofá e deixo minha taça na mesa de centro. Vou até ela.

Lívia permanece no mesmo lugar, me olhando com seus olhos confusos e cabisbaixos. Tiro a taça de sua mão e a deixo em algum canto. Entrelaço nossos dedos, faço-a a olhar para mim.

— Não quero tentar.

Minha resposta a surpreende.

— Não?

— Não. Não quero que você *tente* transar comigo, Lívia. Você precisa *querer* transar comigo. Entende a diferença? Deve ser natural, Li. Quero que você se sinta com vontade e confortável para fazermos isso. Eu terei paciência para esperar. Eu te amo, Lívia.

Ela me olha com a expressão abatida. Seus olhos estão úmidos.

Lívia me abraça forte. E eu a amo mais por isso.

♪ *The rhythm of love*

Is the heartbeat of my soul ♬

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

09

PARA SEMPRE E MAIS UM DIA

Lívia

ACORDO SENTINDO UM BEIJO EM MEU ROSTO.

Não abro os olhos. Ainda sonolenta, ouço passos no quarto e um fechar de porta. Rolo na cama e não encontro o corpo dele ao meu lado. Tateio seu lugar, mas a ausência de Alfredo ainda é presente.

Abro os olhos para me ver sozinha. Busco as horas. Sete e meia da manhã. Sento-me na cama, o quarto parcialmente escuro. Ao lado da cama, então, reparo no suporte trazendo uma bandeja de café da manhã, uma flor colhida do meu jardim e um cartão. Olho para a bandeja com suco, cereal, frutas e ricota com um

sorrisinho pequeno e alegre. Há muito tempo não recebo um café na cama.

Tomo o cartão em mãos e vejo a caligrafia conhecida rabiscada num verso de música:

“Você e eu fomos feitos para amar um ao outro agora. Para sempre e mais um dia.”

Tenha um bom dia,

Com amor, Alfredo.

Eu sorrio, como uma boba apaixonada, e puxo a flor para inspirar seu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

perfume enquanto cantarolo a música. Eu a conheço. É *You and I,* mais uma das inúmeras músicas do repertório de sua banda favorita. Alfredo sempre parece ter uma canção do Scorpions para cada momento das nossas vidas.

Deixo-a de lado e tomo meu café da manhã, pensando em como Alfredo está sendo bom comigo nas últimas semanas. Ele tem se dedicado a mim e a esse casamento com amor e carinho, e isso mexe comigo de uma forma boa.

Ele tem cumprido sua promessa.

Na semana passada, eu me senti bem e segura enquanto pintávamos (sem necessidade) as paredes de casa. Foi um momento divertido e alegre —

como Alfredo me garantiu que seria —, e eu amei seu gesto e dedicação, amei muito mais a sua compreensão.

Após o café, sigo para o banho, onde a água quente me ajuda a despertar e a relaxar meu corpo. Preparo-me para ir à Hauser; opto por uma saia cinza com vincos charmosos na frente, uma blusa de bojo sem alça, um blazer bege e *scarpin* preto.

Na cozinha, encontro Alfredo elegante dentro de calças e colete sociais azul-marinho. O paletó do conjunto descansa na cadeira, enquanto ele, muito

desastrosamente, tenta fazer Lara aquietar-se no cadeirão e comer algo que identifico como mamão amassado. Mas a pequena recusa-se teimosamente, querendo apenas brincar com um jacaré de borracha. Sinto a ausência de Enzo.

— Mamãe! — ela se exalta quando me vê, estica os bracinhos e balança as pernas.

Alfredo sorri — sorriso largo — e murmura um *"você está linda"* .

Pego Lara no colo, beijo-a no rosto, e então vou até seu pai. Ele se ergue para me beijar, e eu correspondo a seu beijo profundo, sentindo todo seu amor por mim.

— Obrigada — murmuro em sua boca. — Adorei o café da manhã, e a flor, e o cartão. — Acaricio-o no rosto, a aspereza de sua barba contra a minha mão me traz lembranças boas e antigas. Encaro-o nos olhos azuis, reluzindo brilhantes e esplêndidos. Subo a palma até seu cabelo, recordo-me NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

de como sempre adorei Alfredo de madeixas médias, e ele pareceu arrumá-las à maneira que me agrada: penteadas para trás, bem-arrumadas e fixadas com pomada capilar.

— Não foi nada. Eu te amo. — sussurra, me arrastando para outro beijo, dessa vez, um beijo rápido. — Já está indo para a Hauser?

— Sim. Onde está Enzo?

Alfredo pega Lara do meu colo e continua tentando fazê-la comer.

— Henrique veio trazer a mochila que ele esqueceu esse final de semana por lá. Aproveitou e o levou para o colégio. Acho que Enzo vai passar uns dias com Henrique.

Sento-me à cadeira, observando Alfredo conversar com Lara, insistindo e esforçando-se para convencê-la a comer. Ele brinca, faz "aviãozinho", experimenta e diz estar muito gostoso, mas Lara segue teimando.

Essa imagem é uma imagem que me deixa apaixonada. Ver Alfredo

empenhando-se nos cuidados e criação da pequena me enche de amor e orgulho. Ele é um bom pai — como sempre acreditei que seria —, e é impossível eu não me recordar de todo o seu carinho, dedicação e cuidado. Se fosse alguns anos antes, jamais poderia dizer que esse Alfredo e o Alfredo de quatorze anos atrás são a mesma pessoa.

— Você já está pronta? — pergunta, interrompendo meus devaneios.

— Sim, podemos ir quando você quiser.

Alfredo consegue convencer a pequena a comer um pouco do mamão até a babá chegar. Ela chora um pouco com nossa partida, mas logo é contida por conta dos brinquedos e diversão que será seu dia. Alfredo me deixa na Hauser e segue cumprir seus compromissos.

Durante a manhã, cumpro alguns compromissos meus, assino alguns contratos e analiso tantos outros. Há dois dias dispensei a companhia da minha secretária, estou tentando me habituar a ficar sozinha novamente (outro dos exercícios necessários para a sessão com Luís), e não está sendo muito fácil, no entanto estou me esforçando.

Em algum momento, eu me recordo do cartão com a flor colhida do
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

jardim, a bandeja de café da manhã, o trecho de música. E só então eu percebo: a flor com o trecho de música foi o que ele fez no seu primeiro ano de volta ao Brasil e estava tentando me conquistar.

Abro o navegador na *web* e digito o endereço eletrônico do *YouTube*, na aba de pesquisa pesquiso por *You And I — Scorpions.* Ponho a música para tocar e fico ali, ouvindo, atenta aos versos, imaginando que Alfredo tenha a escolhido porque, por algum motivo, fala de nós.

♪ I love you, girl, I always will

(Eu te amo, garota, eu sempre vou te amar)

I swear, I'm there for you

(Eu juro que estou aqui para você)

Till the day I die

(Até o dia que eu morrer)

Eu nem percebo, mas estou com lágrimas nos olhos por conta dos últimos versos. Sinto uma vontade imensa de vê-lo, de sentir-me entre aqueles braços longos e acolhedores, de olhar nos olhos azuis, de inalar fundo seu cheiro masculino, de experimentar da sua boca… Talvez eu chame um táxi e vá lhe fazer uma visita.

Alguém bate à porta, me dispersando.

— Atrapalho? — É Henrique quem surge na porta.

— Não, de forma alguma, entre.

Ele se aproxima e se senta de frente para mim.

— Alfredo comentou que Enzo ficará em casa essa semana?

— Sim, ele me disse. Está tudo bem. Precisa de alguma coisa?

— Não, ele tem tudo lá.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Claro.

— Você está bem? Digo… Sobre as sessões e seu trauma? — Ele parece realmente preocupado.

— Sim, estou melhorando. Já consigo sentir os efeitos das sessões.

— E Alfredo, como ele está com isso tudo?

— Paciente e dedicado. Às vezes nem acredito que é ele.

Henrique ri um pouco, balançando a cabeça.

— Isso é bom.

— Sim. Aliás, quero você e Victória em casa esse fim de semana.

Faremos um jantar.

— Vamos com todo prazer. — Ele sorri, feliz. — Falando nisso, preciso ir. Tenho um encontro com Alfredo na Fundação daqui a pouco.

Olho no relógio; quase horário do almoço. Eu poderia pegar uma carona com Henrique, fazer uma visita rápida, talvez até o espere para almoçarmos juntos, e assim mato essa vontade súbita que eu senti dele.

— Eu posso ir com você? Quero mesmo ver o seu irmão.

Henrique anui, e seguimos até a Fundação *Anjos Dubois.* Quando chego, vejo Alfredo com mais uma meia dúzia de pessoas; ele conversa seriamente e anda ao lado delas pelos corredores da sede — a antiga casa dele com Sophie. Ele me vê. Primeiro, expressa surpresa; depois, sorri largamente e vem em minha direção, me recebendo com um beijo lacônico e apaixonado.

Logo, nota a presença do irmão e o cumprimenta.

— O que está fazendo aqui, amor?

— Queria te ver. Aproveitei a vinda de Henrique e peguei uma carona.

Alfredo me olha, seus olhos brilham intensamente.

— Se eu estiver atrapalhando, posso voltar outra hora.

— Você não atrapalha, Lívia. Venha, quero te apresentar para algumas pessoas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo segura-me pelas mãos e me arrasta para o meio daquelas pessoas. Ele me apresenta ao grupo, são homens e mulheres, contribuintes e voluntários da

fundação.

— Essa é a senhorita Angelina Savhoya — Alfredo me apresenta a uma mulher bonita, mais ou menos da minha altura, mais nova do que eu uns bons oito anos , de cabelos longos e escuros. — Ela é a *designer* da nova filial da Avenue, eu lhe contei sobre a Fundação, e ela se interessou em conhecer para se tornar uma voluntária.

A tal Angelina me encara e estica a mão para um cumprimento, o aperto em minha mão — somado ao seu sorriso forçado — me dá uma primeira má impressão dela.

— Muito prazer, Lívia.

Respondo apenas com um sorriso e tento ficar mais próxima de Alfredo, abraçando-o pela cintura. Alfredo pede licença para os demais para se retirar comigo.

— Alfredo, eu voltarei para o Avenue para ver como andam as obras por lá — Angelina se pronuncia, o abraçando e se despedindo com um beijo.

Alfredo é cordial e se despede dela educadamente.

Seguimos para sua sala, no andar superior.

— Ela te chamou de *Alfredo*? — indago, um pouco incomodada com o tratamento tão informal de Angelina para ele — Ela é tão íntima assim para te tratar pelo primeiro nome?

Alfredo me cinge pela cintura, abre um sorriso estonteante.

— Está com ciúme? — ele me provoca.

— Não… quero dizer. — hesito um pouco. Sim, eu estou sentindo ciúmes. — É falta de educação. Ela deveria te chamar de “seu Alfredo” ou

“senhor Hauser”.

— Eu me sinto velho quando me chamam de “seu Alfredo” — ele diz, se divertindo com meu ciúme.

— Você é um velho bonito. — rebato, e ele solta uma gargalhada alta.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Sinto-me bem por vê-lo sorrir.

Tenho a necessidade de beijá-lo, e por isso o faço. Envolvo nossas bocas, ele retribui, e novamente sou capaz de sentir todo seu amor transbordando da sua boca para a minha.

— Eu não quero parecer um idiota, mas… — ele diz, baixinho, em minha boca — o que fez você vir até aqui?

— Senti sua falta. — Sou sincera. — Só queria te ver.

Alfredo me olha com seus olhos apaixonados. Desenha outro sorriso, dessa vez há muito mais que felicidade e satisfação em seus lábios.

— Adorei sua visita. — cicia, me acariciando no rosto.

Ele me leva para um sofá em sua sala, senta-se do meu lado e me afaga nas mãos.

— Quem eram aquelas pessoas todas? — quero eu saber.

— Vieram para tratarmos de um caso novo. Uma criança, um ano e três meses, ficou órfã. Estamos dando todo o apoio, Henrique vai pegar o caso judicialmente, os avós paternos irão criar o pequeno Juan. Eles não têm muitas condições, então chamei alguns dos contribuintes para levantarmos um montante de comida, roupas, dinheiro, remédio, tudo que eles precisarem.

Olho para esse homem à minha frente, com o peito cheio de orgulho e com os olhos em lágrimas. Alfredo se tornou um homem maravilhoso, não é exagero quando digo que às vezes não o reconheço. Há muito ele deixou de ser o egoísta mesquinho que gostava de ferir, e hoje é um alguém que ajuda outras pessoas, que conforta em vez de machucar, ajuda em vez de enganar.

Ele é a prova viva de que as pessoas podem mudar. Seja pelo amor ou pela dor.

E a mudança de Alfredo se deu pelos dois.

E eu sinto um imenso orgulho do meu homem por isso.

— Isso é terrível — murmuro, cheia de empatia pela criança e pelos avós. — Essa tragédia… todos esses casos que você atende e ajuda, Alfredo, não lhe faz mal de alguma maneira?

— E por que faria? — questiona , movendo sua cabeça um pouco para NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

o lado.

— Você não revive o *seu caso?* Não se lembra de Sophie, de Lauren, do *seu* acidente? Eu nunca te perguntei, mas… Isso não te machuca?

— Eu me identifico com a maioria das pessoas que eu ajudo, e às vezes, sim, eu tenho lembranças de Sophie, principalmente de Lauren, e eu sinto falta delas, sinto saudade, às vezes a dor dói mais que o habitual. Mas eu já aprendi a conviver com isso, Li. Eu estou seguindo em frente, e faço dessa Fundação um meio de sanar minhas feridas, de pagar minha dívida com Sophie… Eu transformei toda minha dor em algo bom; e isso me mantém estruturado para não desabar.

Alfredo tem os olhos marejados, a ferida, embora cicatrizada, ainda dói.

E eu me sinto péssima por tocar em um assunto tão doloroso. Trago-o mais para mim, beijo-o no rosto e vou descendo até encontrar sua boca. Um desejo cresce em meu peito, três palavras estão subindo do meu coração para minha garganta, e, de qualquer maneira, eu preciso dizer isso a ele:

— Eu te amo.

Alfredo me afasta, me encara, aturdido. Eu não disse nada demais, mas ele me olha como se pronunciasse essas palavras pela primeira vez.

— Eu sei o que disse há algum tempo — pronuncio baixinho, olhando em seus olhos, afagando seu rosto —, mas eu estava errada, estava com medo e confusa.

Mas eu sei, Frê, eu te amo, e vou te amar sempre.

Ele nada responde. Simplesmente me traz para outro beijo, muito mais cheio de emoção.

— Não desista de mim… — enuncio em sua boca. — Nosso casamento ainda não está como antes, eu sei; mas, por favor, não desista de mim.

— Nunca, Lívia. — devolve, resvalando sua palma grande pelo meu rosto. O toque em minha pele é bom e me dá segurança. — Estarei aqui, amor. Sempre.

Sua promessa me faz bem.

— Algum compromisso para hoje à noite? — me pergunta, sorrindo de forma meiga, se afastando um pouco de mim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não, por quê?

— Quero que venha a um lugar comigo.

A ideia não me agrada. Me remexo um pouco, Alfredo repara no meu incômodo e também me compreende.

— Olha, amor, tenta fazer um esforço. Você vai gostar, eu aposto.

Inclusive, já reservei mesa e estacionamento no local, e eu ficarei o tempo todo do seu lado, não te deixarei nem mesmo para ir ao banheiro.

Rio um pouco de sua colocação.

— E se você sentir vontade de fazer xixi?

— Bem, aí eu te levo junto.

Dou-lhe um murro amigável nos ombros. Alfredo ri como o céu. Ele me pressiona. Inspiro fundo. Desde tudo eu não saio à noite com Alfredo, sempre insegura e com medo. Dessa vez, eu resolvo ceder.

— Tudo bem. Mas se eu não me sentir bem…

— Voltamos para casa na mesma hora — ele completa.

— Aonde vamos?

— É surpresa, senhora Hauser. Esteja pronta às oito.

Ele está casual. Como na sua juventude, quatorze ou quinze anos atrás.

Usa uma calça jeans preta, que contorna com perfeição as pernas longas; a jaqueta jeans azul e camisa branca o deixam atraente e sexy, principalmente com esse cabelo jogado para trás e seu perfume lembrando a uísque. Eu opto por um vestido azul e blazer branco para me aquecer do frio gelado.

A babá chega para o pernoite, e logo partimos, Alfredo ainda fazendo mistério sobre aonde iremos. Vinte minutos depois, ele estaciona o carro ao lado de uma casa de shows. Tira o cinto, olha para mim — sorrisinho NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

convencido.

— Se lembra do show do Bon Jovi que te levei há uns quatorze anos?

— Eu nem poderia esquecer. Foi maravilhoso. Não me diga…

Ele ri.

— Não. Claro que não. É uma banda *cover*, a oficial no país. Estarão fazendo uma apresentação aqui hoje. Eu realmente queria te levar em um da banda original, mas pelos próximos dois anos não terá nenhum.

Ele desce do carro e o contorna, abrindo a porta para mim. Seguro em sua mão e seguimos para dentro da casa de show. Há uma área com mesas espalhadas, pequenos abajures iluminam fracamente cada uma delas, e todas estão cheias de pessoas à espera da banda. Alfredo nos encaminha para nossa mesa reservada, um local com vista privilegiada para o palco onde ocorrerá a apresentação. Nesse mesmo palco, enquanto as pessoas aguardam pela entrada da banda, há

um *karaokê*, onde alguns amadores se arriscam a cantar.

Alfredo pede um gim com limão; eu prefiro um suco de laranja.

Pedimos alguns petiscos e ficamos ali, conversando, assistindo os desastrados cantarem. De começo eu me sinto um pouco acuada. O lugar é escuro, uma pequena claustrofobia quase se apodera de mim. Minha mente ansiosa imagina uma centena de coisas: assaltantes saindo do meio da escuridão, uma mão tapando minha boca e me arrastando, um soco atingindo Alfredo sem nunca sabermos a direção, por causa do breu. Mas aos poucos eu vou me habituando e relaxando. Nada de mais irá acontecer. O show está previsto para às 22h30. Ainda são nove horas.

Uma mulher acaba uma canção brasileira e desce do palco. Um homem surge com uma folha na mão. Ele chama um nome, dessa vez um homem, ele sobe e começa a cantar. Pessoas descem e sobem, eu e Alfredo as assistimos, às vezes rimos dos mais desafinados, aplaudimos os mais aguçados.

— Cantando *Always,* Alfredo Hauser — o homem anuncia, e eu o olho, surpresa. Ele sorri, como se soubesse desde sempre que seria chamado. Se levanta e segue para o palco, nossa mesa é bem perto, fazendo-o não se distanciar muito de mim.

— Para minha esposa, Lívia Hauser, eu dedico essa música — ele diz
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ao microfone, enquanto as primeiras notas ressoam.

Meu coração está na boca. Ele começa a cantar. Alfredo é consideravelmente afinado e parece cantar com sinceridade. Pela primeira vez, ele escolhe uma música da *minha* banda favorita, e não da dele.

♪ And I will love you, baby, always

And I'll be there forever and a day, always ♬

No final, ele é aplaudido, e eu já estou de olhos lacrimejados e de sorriso largo de ponta a ponta. Ele volta para mim, receboo com um abraço e um beijo

intenso.

— Você foi ótimo — digo para ele. Alfredo sorri, é enigmático e misterioso.

— Cantando *Have a Nice Day*, Lívia Hauser. — o mesmo homem de sempre anuncia.

Eu o encaro, olho para o palco, em busca de uma segunda e improvável Lívia Hauser. Não há nenhuma.

— É você, querida. — Alfredo sussurra.

Ele colocou meu nome lá!

— Alfredo, eu…

— Se divirta, Li. É uma das suas preferidas. Vá. — ele me incentiva.

As pessoas me esperam.

— Isso não ficará assim, Cretino — sussurro para ele antes de subir no palco.

Sinto-me deslocada com o microfone na mão. A tela à minha frente exibe algumas imagens enquanto a introdução da música toca. Minhas mãos suam, meu coração bate forte, estou tão sem-jeito diante de todos. Penso em desistir, envergonhada, mas aí vejo Alfredo, na nossa mesa, todo-sorriso, me incentivando com seus olhos. As primeiras letras ressoam, continuo travada
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

no meu lugar, envergonhada, encabulada, sinto as bochechas avermelharem.

Alterno o olhar entre as pessoas e a tela com a letra da canção.

Estou horrível!

Vejo Alfredo cantando comigo. Isso me anima um pouco.

Vou me soltando pouco a pouco, até que, no refrão, eu surto sem perceber:

♪ Shining like a diamond, rolling with the dice

Standing on the ledge, I'll show the wind how to fly

When the world gets in my face… I say...

Have a nice day!

Have a nice day! ♬

O público se diverte com minha performance. Eu não reparo, mas estou cantando e mexendo o corpo, sentindo e deixando a música levar todo o medo e tudo de ruim em mim. Isso me contagia. A música acaba, palmas explodem por todo canto. Abro os olhos, Alfredo está batendo palmas e assoviando. Sorrio largamente, leve comigo mesma, segura de mim, como há muito eu não me sentia. Corro para os braços dele, o abraço forte o ouvindo dizer que eu me saí bem. Sinto-me em segurança envolta em seus braços.

— Você é um cretino, Alfredo Hauser — digo, voltando para nossos lugares. — Eu achei que fosse ter um infarto de tanta vergonha. — E bato em seu peito.

Alfredo gargalha e me traz para outro beijo, apaixonado, cheio de emoção e sentimentos. Aproveitamos o restante da noite. Assistimos a apresentação da banda, ela canta a grande maioria das minhas músicas favoritas, e me impressiono com a qualidade do show. São tão bons quanto os originais. Rimos, cantamos e até me arrisco a beber; Alfredo deixa o gim, passa para o uísque e ousa tomar vodca, posteriormente experimentando alguns *hi-fi*. Eu quero adverti-lo, mas Alfredo parece feliz, está se divertindo, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

vermelho de tanto gargalhar. Como dois adultos imprudentes, fazemos competição de copos: quem tomar mais e mais rápido. Alfredo já está bêbado quando começamos, por isso não aguenta muito, e sou eu quem vence.

Ao fim do show, nos dóis escoramos um no outro, rimos de qualquer coisa e mal conseguimos ficar em pé. Chamamos um táxi, deixamos nosso carro no estacionamento na casa de show e seguimos para casa. Abraçados um ao outro, tentamos subir as escadas, nossas pernas trançam e se confundem. A cada

degrau, é uma risada sem sentido. Eu o ajudo a subir, e ele *me* ajuda a subir. É uma cena cômica. Cômica e feliz. Alfredo tropeça nas próprias pernas, se desequilibra e rola alguns degraus escada abaixo.

Horrorizo-me com a cena, volto até ele, Alfredo tenta se levantar, incrivelmente ri.

— Meu Deus! Você está bem? — Minha voz sai mole.

— S-sim — confirma, aos risos e com voz embriagada.

— Certeza? — Eu começo a rir também — Precisa de um médico?

— Eu tô bem, amor! — protesta e se levanta, fazendo esforço, mais por estar bêbado do que machucado.

Voltamos a subir as escadas, usando o corrimão como apoio. No meio do caminho, eu perco o equilibro, Alfredo tenta me segurar, continuamos rindo, eu caio nas escadas, ele vem por cima. Mais risadas. Nossos olhos se encontram. As gargalhadas cessam, encaramo-nos nos olhos. Toco-o na face, Alfredo acarinha-me os cabelos. Aproximamos nossas bocas e trocamos beijos alcoolizados. A boca dele tem um gosto que é um misto de vodca e uísque — e tanto outros mais.

— Eu te amo — ele me diz, a voz muito arrastada. — Sinto tanto sua falta — e, embora eu esteja bêbada, eu sei, ele se refere a sexo. — Sinto tanto sua falta, Li. Tanto… tanto.

Eu não sei o que responder. Primeiro porque estou bêbada, segundo porque eu realmente *não sei* como lidar com isso.

— Eu juro… — faço uma pausa — não vai demorar muito.

Ele apenas abana a cabeça, levanta-se outra vez e me ajuda. Depois de
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quase uma batalha, chegamos ao quarto. Juntos, tomamos um banho. Ele me beija e abraça, e ele está excitado, mesmo bêbado ele tem essa proeza. Pede-me

desculpa, mas eu não tenho o que desculpá-lo.

Nos divertimos mais um pouco quando ele resolve me ajudar a me vestir. Alfredo deita apenas com uma boxer branca deixando-o sexy. O

mundo roda ao meu redor, ele resmunga de dor de cabeça. Abraçamo-nos para um ser o conforto do outro. Apesar do mal-estar causado pela bebida, eu durmo profundamente, sentindo os braços dele me amando e protegendo.

E eu o amo mais por isso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

10

ADMIRADORA SECRETA

Alfredo

SIGO COM BERNARDO ATÉ O PRÉDIO DA NOVA FILIAL.

Estou com uma ressaca dos infernos, por conta da minha bebedeira da noite passada com Lívia, e dor nas costelas — dor essa causada pela minha queda na escada, acredito eu. Apesar do incômodo, a felicidade crescendo em meu peito é maior. Ela tem se recuperado aos poucos, e me deixou feliz como um adolescente apaixonado quando disse me amar.

Só Deus sabe a alegria que me invadiu de ponta a ponta com o simples pronunciar daquelas palavras… E hoje, mais do que nunca, eu sei o quanto fiz bem em não ter concordado com seu pedido de divórcio e, em vez disso, ter-lhe oferecido ajuda. Lívia sempre me amou, e sempre vai me amar.

Quando chegamos, David Menezzes está acompanhado de sua sócia, Angelina Savhoya. Há uma mesa improvisada no meio da loja, um esboço do projeto aberto, segurado por pesos também improvisados, evitando que as folhas se fechem. David e Angelina estão curvados sobre a mesa, em pé, discutindo alguma coisa, olhando para o projeto, apontando vez ou outra para alguma parte do esquema, concordando ou discordando um do outro.

Eles notam nossa chegada e vêm nos cumprimentar.

David nos pede para acompanhá-lo, e seguimos até a mesa improvisada onde ele nos mostra vários aspectos do projeto de decoração, o que já fora feito e o que ainda precisava ser feito.

— Tem uma previsão de quando tudo ficará pronto? — Bernardo pergunta, seu sotaque francês preenchendo o local.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Dentro de um mês, no máximo — David assegura. — Com todo o projeto incluso, claro. De pintura à decoração da loja. Angelina já está cuidando dessa parte.

Savhoya toma a voz, pondo-se ao meu lado. Tem um sorriso amigável no rosto e se veste de forma impecável:

— A parte mais demorada é a decoração, porque a entrega dos materiais demora alguns dias. Aliás — ela se vira para mim e sorri ligeiramente —, estou com as fotos dos produtos escolhidos para a loja…

Mesas, cadeiras, luminárias… Gostaria da sua opinião, Alfredo — e, mirando para Bernardo, completa: — E a sua também, obviamente.

— Claro — respondo. — Podemos ver agora?

— Ah, me desculpe. Acabei esquecendo na *Menezzes e Savhoya*; se importa se eu passar na Avenue mais tarde e levar para você?

Aceno em positivo, e continuamos a conversar sobre o projeto da nova filial da Avenue. Alguns minutos depois, estou retornando com Bernardo para nossa loja. Pedimos um café expresso cada, sentados a uma mesa afastada dos demais clientes. Bernardo está na minha frente, usa um paletó marrom-claro e calças cáqui. É uma combinação horrível, e eu não me atrevo a opinar. Ele bebe seu café entregue há pouco e me olha por cima da borda de sua xícara.

— Então você tem uma admiradora secreta? — indaga, puxando um sorriso de

lado. — Bem… não tão secreta.

— Não sei do que está falando… — desconverso, olhando o movimento da rua pela vidraça.

— Ah, vamos lá, *crétin*, você, mais do que ninguém, reconhece uma mulher quando ela está interessada em um homem. Principalmente quando o homem é *você.*

Deixo um suspiro escapar de mim. Encaro-o de volta, Bernardo está sorrindo de forma cretina, a xícara ainda à boca. Inspiro fundo e sorvo um gole da minha cafeína.

— Está falando da Angelina?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— *Exactement.* — confirma. — Eu percebi o modo como ela te olha, o tom de voz quando fala com você, o jeito como pronuncia o seu nome…

— Eu também percebi. Desde o primeiro dia em que a conheci. Mas para o azar dela, sou casado e amo minha esposa.

— Compreendo… — Bernardo cruza as pernas, traga um gole generoso de sua bebida. — Ainda assim, é aconselhável você tomar certo cuidado.

Encaro-o, vincando as sobrancelhas, sem realmente entender o que ele quer dizer com *tomar certo cuidado.*

— Tomar cuidado com o quê?

Bernardo me olha, umedecendo os lábios, enquanto, acho eu, ele precisa as palavras, como se as escolhesse com cuidado para me dizer.

— Bem, Alfredo… Ela sabe que você é casado, mas mesmo assim flerta com você. Ela me parece o tipo de mulher com preferência por homens casados e… é determinada, sabe?

Fito-o, ainda mais perplexo.

— Bom, eu já disse: para o azar dela, sou casado e amo minha esposa.

Eu não preciso tomar cuidado.

Dousseau se remexe em seu lugar. Apoia a xícara sobre seu pires e se curva em minha direção.

— Sejamos realistas, amigo… Ela é uma mulher bonita, atraente, está interessada em você. E você é… — ele faz uma pausa. — Bem, você é homem. E passa por uma crise no seu casamento. Está sem sexo há dois meses, um pouco mais, talvez… E, Alfredo, é natural do homem procurar meios de se satisfizer. Não te culparia se isso acontecesse, levando em consideração a sua situação atual.

Olho para Bernardo com as sobrancelhas franzidas, completamente sem palavras diante essa declaração descabida de meu melhor amigo. Por alguns segundos, eu nada respondo. Apenas fico o encarando, tentando digerir palavra por palavra sem me curvar aqui mesmo e vomitar. Bernardo não pode estar sugerindo tal coisa. Finalmente minhas palavras encontram o caminho NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

para lhe responder:

— Não vou dormir com Angelina, se é o que está insinuando.

— Eu sei que não, Alfredo, você ama Lívia, não duvido do seu amor por ela, mas, às vezes… A carne é fraca, Hauser.

— Sim, disse bem — retruco, e agora já estou impaciente —, eu amo Lívia. Não dormiria com outra mulher estando com ela, mesmo em crise!

Você me ofende quando fala dessa maneira, Bernardo. Sou fiel à minha esposa!

Bernardo percebe minha exaltação e se assusta com meu tom elevado.

Ele tenta se redimir:

— Me desculpe, Alfredo, eu só disse…

Não o permito terminar, interrompo-o rispidamente:

— Então não diga mais nada, pois já está dizendo asneiras.

Levanto-me com brusquidão e o deixo sozinho, irritado com tamanho disparate dele. Nego-me a acreditar que Bernardo tenha mesmo sugerido tal coisa. Chego à minha sala e fecho a porta com um baque. Droga! Estou tão agitado com essa insinuação de Bernardo.

Afago o rosto, encostado à porta. Um medo aterrorizante soca meu peito, e, por um milésimo de segundo de insanidade, eu tenho medo de Dousseau estar certo.

“Bem, você é homem. E passa por uma crise no seu casamento.”

“… você ama Lívia, não duvido do seu amor por ela, mas, às vezes… A carne é fraca, Hauser.”

Engulo minha bílis, as malditas palavras de Bernardo zunindo da minha cabeça repetidamente. Tomo um copo d’água, recupero minha respiração e acalmo o coração. Eu amo Lívia o suficiente. Meu amor por ela deve ser maior que meu apetite sexual.

Mas, lá no fundo, eu não desejo pagar para ver. Temo uma maldita recaída.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Bernardo aparece minutos depois. Pede-me desculpas por suas palavras, e eu, já mais calmo, as aceito de bom-grado. Também me desculpo por ter sido grosseiro anteriormente, e nenhum desentendimento é o bastante para abalar nossa amizade. Continuamos juntos mais algum tempo, resolvendo os trâmites da nova filial. Lembro-o, também, de ir nesse fim de semana em casa para um jantar em família e amigos.

— Victória estará com meu irmão — provoco-o —, tudo bem pra você?

Ele revira os olhos, rindo.

— Já superei essa mulher, Alfredo.

Rimos juntos, e ele confirma sua presença. Antes do meio-dia, Bernardo se vai, há alguns processos burocráticos no banco que eu o incumbi de resolver. Eu estou pensando em seguir passar na Hauser, ver Lívia um pouco, talvez levá-la para casa e almoçarmos juntos. A lembrança de ontem à noite me faz sorrir suavemente: Lívia sob o meu corpo, sua boca com gosto de álcool na minha, ternamente… Recordo-me dela no palco, cantando uma de suas músicas favoritas. Primeiro estava acanhada, mas depois se deixou levar pela música.

E, *Deus!* , como ela estava linda e encantadora.

Uma batida na porta me traz de volta ao mundo real. Uma das funcionárias do café entra, anunciando haver uma senhorita à minha espera.

Pergunto quem é, e ela me diz se tratar de Angelina. Um tremor esquisito percorre meu corpo. Sinto-me um pouco desconfortável na presença dela, muito mais agora, depois das insinuações imbecis de Bernardo. Quero dispensar sua vinda, mas isso vai soar mal-educado, eu sei, e também sei que ela veio para tratar de assuntos relacionados ao café.

Com um suspiro, e a contragosto, permito sua entrada.

Angelina está da mesma maneira como da última vez em que a encontrei, há pouco menos de três horas; está sem seu blazer preto, e sua camisa branca de botões revela um discreto decote. Ela me cumprimenta com um beijo, e seu perfume feminino quase me deixa tonto, de tão forte.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Convido-a para se sentar e me ponho atrás da mesa, de frente para ela.

Angelina abre sua pasta e retira várias fotos; fala quase sem parar sobre modelos, cores, preços, combinações… Mostra-me foto por foto, e a cada uma, ela faz uma observação, dá detalhes e sugestões. Ela é uma mulher muito profissional, mas percebo, vez ou outra, alguns olhares e sorrisos mais sugestivos.

— Todas as opções são muito bonitas, senhorita Savhoya — digo, após uns

quarenta minutos. — Se importa em deixar o portfólio comigo? Quero mostrar para o Bernardo.

— Não há problema algum, Alfredo — responde, insistindo em me tratar pelo primeiro nome. Não sei se isso me incomoda ou se sou indiferente.

— E, por favor, me chame apenas de Angelina — pede-me outra vez.

Minha resposta é apenas um acenar de cabeça. Guardo a pasta na gaveta da minha mesa, ensaio algumas palavras para dispensá-la educadamente, mas Angelina me interrompe quando diz:

— Aliás, adorei conhecer a sua Fundação. Você faz um trabalho muito bonito. Você é uma boa pessoa, Alfredo. O mundo precisa de mais homens como você.

Fico ligeiramente sem-jeito com tanta bajulação. Forço-lhe um sorriso.

— Obrigado. Estou apenas fazendo a minha parte.

— Há quanto tempo faz esses trabalhos sociais?

— Não tem dois anos.

— Mas aposto que já ajudou muitas pessoas nesse curto espaço de tempo.

— Sim, mais do que ajudei uma vida toda antes dessa Fundação.

Angelina acena e abre outro sorriso. Discretamente ela ajeita o decote em sua camisa. Desvio o olhar, penso em um modo sutil de encerrar essa conversa.

— O que te levou a fundar a Anjos Dubois? Não me lembro de ter me contado a história. Ouvi algumas especulações, mas…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— O que você ouviu?

— Que sua esposa e filha morreram. — responde com delicadeza, como se o assunto fosse um tabu para mim.

E de certa forma o é. Maneio a cabeça, um pouco distante.

— Foi exatamente o que aconteceu. A perda delas foi um grande choque na minha vida. Com a Fundação, encontrei um modo de desviar minha dor… E aceitar melhor a morte delas. Transformei minha dor em algo bom.

Angelina Savhoya desenha um pequeno sorriso, compadecida. Como uma boa parte fica ao saber da minha história.

— Eu sinto muito. — murmura, apiedando-se — Nem imagino o quanto isso desestruturou a sua vida.

— Está tudo bem. — asseguro-a, abanando a cabeça.

— Nossa, isso deve ter sido tão difícil para você. Eu sou muito empática, Alfredo, então… — e, nesse momento, ela me pega de surpresa, tocando em minha mão — sinto de verdade pela sua perda.

Tudo acontece dentro de um milésimo de segundo. Eu sinto seu toque, olho para baixo, vendo sua delicada mão sobre a minha. Penso em me esquivar desse toque, enquanto ela continua dizendo alguma coisa e continua afagando minha mão, então a porta se abre, Lívia surge, trazendo Lara ao colo e uma bolsa rosa. Ela vê Angelina com sua mão em mim, alisando-me.

Seu semblante se fecha instantaneamente, enquanto Lara, eufórica, se agita e estica os bracinhos, gritando “papai”. Levanto-me rapidamente, surpreso com sua visita e ligeiramente assustado com a cena presenciada pela minha esposa. *Porra!* , só espero que ela não deduza nada.

— Querida… — Vou até ela e a recebo com um beijo. Lívia pouco retribui. Lara se agita mais.

— Ei, princesa… — pego-a do colo de Lívia e a beijo nas pequenas bochechas.

— Papai, papai!

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Noto um olhar mortífero de Lívia em Angelina, e Angelina, naturalmente, se levanta e sorri, não se importando com os ameaçadores olhos da minha mulher.

— Hum, Angelina, já conhece minha esposa… Lívia? — quebro um pouco a tensão que empossou minha sala. Lara se remexe no meu colo, brincando com minha gravata vermelha.

— Claro, fomos apresentadas ontem. É um prazer revê-la, Lívia.

Lívia apenas acena, emudecida.

— E quem é essa princesa mais linda? — Angelina diz e se atreve a se aproximar de mim para brincar com Lara. Entreolho Lívia brevemente.

Tenho medo de ela pular em Savhoya aqui mesmo.

Engulo em seco e tento manobrar a situação.

— Essa é minha princesa. Se chama Lara.

Angelina brinca com as pequenas mãozinhas da minha filha, enquanto conversa com ela de forma meiga.

— Ela é muito linda, Alfredo! É claro, só poderia ser. Tem a quem puxar tanta beleza, não é, Lara?

Só agora me dou conta de como essa mulher é descarada. Preciso dar um jeito de fazê-la ir embora.

— Sim, ela tem toda a beleza da mãe — respondo, e jogo um sorriso pequeno à Lívia; ela corresponde com um sorriso forçado, pouco amigável.

— Claro que tem — Angelina concorda, menos animada. — Bom, eu deixarei essa família linda se curtirem, preciso ir. — Ela beija Lara na bochecha, que se agita, gostando da carícia. Olha para mim. — Não se esqueça de mostrar o portfólio para o Bernardo. Fico aguardando a decisão de vocês. Até mais, Alfredo — se despede dando-me um beijo no rosto. Ela passa por Lívia e diz apenas um tchau.

Alívio percorre meu corpo quando Angelina finalmente se vai.

Encontro o olhar duro de Lívia, a testa vincada, os lábios comprimidos.

— Então… você e essa Angelina estão o tempo todo juntos? Andando NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

para cima e para baixo?

— Não, amor, estávamos tratando de trabalho.

— Trabalho? Vocês não pareciam estar falando de trabalho.

— Tínhamos acabado naquele instante que você entrou, ela só quis saber da Fundação.

— E segurou sua mão por quê?

Suspiro, trazendo junto um sorriso. Lívia está com ciúme. Por um lado, isso é bom.

— Só estava dizendo que sentia pela morte de Sophie e Lauren, é só isso, amor. — explico-me.

Lívia pega Lara do meu colo, abre uma gaveta na minha mesa — a que ela sabe onde guardo folhas e rabiscos da pequenina — e pega alguns sulfites e giz de cera. Põe a bebê sentada num canto e lhe dá o material para rabiscar.

Apoia a bolsa de Lara no sofá da minha sala. Senta-se atrás da minha mesa, onde anteriormente eu estive. Ergue seus olhos castanhos para mim.

— Não gosto dela. — pronuncia-se, brincando com uma caneta.

— Ela não é má pessoa. — Aproximo-me dela, puxo-a para mim e a beijo apaixonadamente. Ela retribui, agora mais animada, e seus dedos se afundam nos meus cabelos. Sento-me no meu lugar e a trago para meu colo.

— Não se faça de idiota, Alfredo. — murmura, olhando para meus lábios. — Sabe que ela está interessada em você. Viu como ela te cantou na caradura? Como ela disse, mesmo? Ah, sim, foi *"Ela é muito linda, Alfredo!*

É claro, só poderia ser. Tem a quem puxar tanta beleza, não é, Lara?”.

Repete, tentando imitar a voz e a maneira de Angelina. Isso me arranca uma gargalhada. Acaricio seu rosto, pondo uma mecha do seu cabelo atrás de sua orelha.

— Não precisa sentir ciúmes. Não me importo com quantas mulheres estejam interessadas em mim. A única mulher que me interessa é você.

— Eu acho bom, senhor Diniz. — retruca, puxando-me pela gravata e colando nossas bocas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Veio me fazer mais uma surpresa?

— Sim. Trouxe Lara dessa vez. Chamei um táxi, passei em casa e a peguei; dispensei a babá. Quero passar a tarde com vocês. Você pode?

— Bom… — finjo pensar. — Claro que posso, amor. Já almoçou? —

Ela nega com a cabeça e me diz ter vindo justamente para almoçarmos juntos.

Tiro Lara de sua distração, abraço minha esposa pela cintura e sigo com as mulheres da minha vida até um restaurante.

O decorrer da tarde é agradável. Larinha fez a maior bagunça no restaurante, sujando-se toda com a comida. Para nossa sorte (porque Lívia é uma mãe precavida) pudemos colocar uma roupa limpa na pequena e limpar seu rostinho. Depois, fomos até o parque arborizado da cidade, uma grande área de preservação, repleta de pipoqueiros, sorveteiros, *playgrounds*, estátuas de personagens do folclore, rodas d’água e tantas outras atrações.

Sentamo-nos à sombra de uma árvore, Lara se distancia alguns metros, quis ir brincar numa casinha de boneca. Lívia vem entre minhas pernas, e eu a abraço pela cintura, beijando os fios macios de seus cabelos. O contato e nossa aproximação me fazem bem. Lívia se encaixa melhor em meus braços e apoia a cabeça em meus ombros, de modo que nossos olhos se encontram.

Beijo-a na boca. Ficamos um tempo em silêncio, apenas curtindo um ao outro, nosso contato, o vento refrescante contra nossas peles, o canto dos pássaros e o balançar das folhas nas copas das árvores. Ficamos assim, unidos, atentos à distância de Lara, brincando, agora, com um montinho de areia.

— Lembro-me de Enzo nessa idade — ela começa, quebrando o silêncio entre nós. — Era um rapazinho meigo, tão hiperativo. Não podia deixá-lo um segundo sozinho. Uma vez ele comeu terra, tanta terra, que Henrique e eu precisamos levá-lo ao hospital.

Jogo minha cabeça para trás, numa risada alta e exagerada. Lívia me acompanha, me segura nas mãos e me acaricia. Recupero-me aos poucos, beijo-a na nuca. Gosto de ouvi-la falar de Enzo, das coisas que ele fez e aprontou. Apesar de mexer um pouco comigo — porque fui idiota o suficiente para perder onze anos da vida do meu filho —, eu gosto de ouvir essas histórias. Acho que me aproxima mais de Enzo. Agora, percebo, também está me aproximando mais de Lívia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— E o que aconteceu?

— Nada de mais grave. O doutor receitou um vermífugo, apenas.

— Sinto muito ter perdido esses anos da vida dele… — sussurro, trançando seus fios.

— Você não tem culpa, Alfredo. Eu te privei de ser pai dele.

— Nós dois somos culpados, nesse caso.

— Vamos encerrar esse assunto, Frê. Já nos martirizamos demais com isso, não acha?

— Tem razão — digo, lhe dando um beijo no ombro.

— Já convidei Bernardo para nosso jantar no fim de semana — mudo de assunto.

— Ótimo. Já avisei Henrique, também. Só falta sua mãe.

— Podemos passar lá quando voltarmos.

Lívia concorda. Ela se vira para mim. Beija-me profundamente, escorregando sua palma pelo meu rosto. Nosso momento é interrompido porque Lara chora. Olhamos ao mesmo tempo para a direção do choro, Lara está no mesmo lugar, perto do montinho de areia, chorando exageradamente.

Lívia corre até a pequena, eu a acompanho praticamente no mesmo instante.

Lara chora muito, a ponto de perder o fôlego. Não sabemos o que aconteceu. Lívia pega-a no colo e tenta acalmá-la, fazê-la voltar o ar, mas nada acontece. Minha esposa começa a entrar em desespero. Deus, sei como isso será um choque para ela, justo agora que começara a dar mais espaço para as crianças se divertirem, deixando sua ansiedade diminuir aos poucos.

— Deus do céu, Alfredo! Faça alguma coisa. — Lívia pede, aos prantos.

Lara continua sem ar, está ficando roxa, e, agora percebo, seus olhinhos e rosto estão inchando. O desespero me consome. Lívia chora alto, aumentando meus nervos à flor da pele. Pego Lara de seu colo e faço-a voltar o ar e, embora respirando, ela segue chorando alto, os olhos e rosto avolumando-se. Corremos até o hospital próximo, Lara é logo atendida. Lívia NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

está ansiosa, anda de um lado a outro, tento abrandá-la enquanto esperamos pela vinda de um médico. Não sabemos nem mesmo o que aconteceu com Lara. Mas, pelo inchaço, pondero ser alguma picada de inseto. Cerco-me de Lívia, quero abraçá-la e dizer que tudo ficará bem, mas ela se esquiva de mim, como se meu toque fosse brasa quente.

— Amor, vai ficar tudo bem.

— Viu por que eu estava redobrando a atenção em cima das crianças?

— cospe as palavras, os olhos pranteados. — Um minuto que nos distraímos e Lara se machucou! Um minuto, Alfredo! Um minuto! E se acontecer alguma coisa… E se…?

Não completa sua sentença, cai no pranto. Abraço-a, e, apesar de relutante, ela me permite abraçá-la.

— Não vai acontecer nada, Lívia.

— Alfredo, eu não sei se aguento se Lara morrer.

Afasto-a de meus braços, assustado com sua declaração. Encaro minha esposa, atônito, aterrorizado, mas também compadecido. Desde o assalto, Lívia projeta coisas que talvez nunca aconteçam e sofre em antecipação por isso.

— Ela não vai morrer, meu bem… — Seco suas lágrimas e a beijo.

Abro a boca para lhe dizer alguma outra coisa, mas o pediatra de plantão nos chama. Lívia dispara na dianteira, querendo saber da nossa filha.

— Ela está bem. Já estamos tratando o inchaço.

— O que ela teve, doutor? — minha esposa pergunta, a voz trépida. —

Ela vai ficar bem, não é?

— Reação alérgica, provavelmente picada de abelha ou vespa, mas os exames de laboratório vão nos confirmar. Mas ela ficará bem, sim, não há com que se preocuparem.

— E como ela está agora? — sou eu quem pergunta.

— Bem, está dormindo feito um anjinho, já a medicamos e estamos dando-lhe toda a atenção. Fizeram bem em trazê-la logo. Se demorassem NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

mais alguns minutos, Lara ficaria sem passagem do oxigênio, ela teve uma crise de broncoespasmos, e isso poderia trazer muitas complicações.

Lívia soluça. O pediatra nos informa que Lara poderá ir para casa quando o inchaço diminuir um pouco — levará cerca de meia hora. Lívia se senta no sofá, na recepção, apoia as mãos contra o rosto e fica ali, parada, chorando baixinho,

eu acho. Ponho-me ao seu lado e a abraço.

— Você ouviu o pediatra, Lívia. Vai ficar tudo bem.

Ela ergue o olhar para mim:

— Acho bom mesmo, Alfredo. Se algo de mais acontecer à Lara, isso será sua culpa, por querer ir àquele parque idiota! — ela responde, se levanta e entra no toalete.

Jogo minha cabeça para trás. Suspiro pesadamente, rebobinando todas as injustas palavras. Por um segundo eu quero desistir. Quero desistir porque já não suporto tanta acusação, não suporto mais ter os meus limites testados.

E aí eu me lembro de que as tribulações mal começaram, mal começaram e já quero desistir, fugir como um maricota, permitir que meu medo e sofrimento sejam maiores do que meu amor por Lívia. Lembro-me de que eu não posso desistir da minha mulher, da minha família. Da última vez, eu não lutei por ela, fui um maldito fraco. Mas não agora. Agora eu enfrentarei tudo isso de frente.

Embora eu esteja a ponto de desabar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

11

EM FAMÍLIA

Lívia

OS BRAÇOS DELE ME CONTORNAM DE REPENTE.

Eu me sobressalto, assustada com a chegada de Alfredo, tão repentina.

Sua boca atrevida encontra a pele sensível do meu pescoço, e seu nariz inala fundo meu cheiro:

— Que cheiro gostoso… — murmura ele, ao pé do meu ouvido.

Estou na pia, picando alguns tomates para o jantar em família e amigos que planejamos. Cheiro a alho, cebola e pimenta-do-reino, além do meu perfume tradicional; rio de Alfredo… cretino… não sabendo se ele se refere a mim ou ao aroma da comida saindo das panelas no fogão. Sorrio com seu atrevimento, seu corpo grande e quente rodeando o meu, e seus lábios —

suculentos e finos — descendo pelo meu pescoço.

Viro-me para ele, a faca na mão, e o envolvo pela nuca, aproximando nossas bocas. Ele me toma em um beijo terno, cheio de amor e sentimento.

Desenho um sorriso durante nosso beijo, o momento me agradando demasiadamente. Alfredo tem sido tão paciente e bom… E sempre quando penso nisso, muitas das vezes em que fui grossa me sinto arrependida. Como há três dias.

Há três dias, Lara teve uma reação alérgica a uma picada de abelha.

Entrei num estado de desespero quase indescritível. Toda aquela sensação de semanas atrás de que algo ruim estava para acontecer voltou com toda força, impactando em mim como a onda de um tsunami. Tive um medo apavorante, temi por mim, por Alfredo… Minha mente paranoica já projetava coisas terríveis e negativas. Só Deus sabe como eu me apavorei com a ideia (precipitada) de Lara… morta. Pode não parecer, mas eu também pensei em NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo. Outro choque dessa magnitude na vida dele… não sei se ele aguentaria…

Com a minha mente me atemorizando em precipitação a cada segundo, entrei num estado de angústia que me consumiu por inteira, e assim, injustamente, acusei Alfredo pelo incidente com Lara. Entrei no banheiro, tive uma crise de choro. Fiquei lá por uns dez minutos, chorando… Uma mistura de medo e arrependimento. Quando saí, Alfredo estava na porta, o olhar aflito, e veio logo me perguntando se eu me sentia bem… Mesmo depois de ter sido estúpida, ele ainda se preocupava. Abracei-o fortemente e solucei mais um pouco em seus ombros. Pedi desculpas por minha grosseria e prometi ser mais cuidadosa nas palavras. Eu sei que o fere o modo bruto de tratá-lo. Na época em que oscilava

no seu humor e me tratava mal, eu me sentia péssima, e, certa vez, lhe disse para pensar antes de agir, e não agir e depois pedir perdão. Então eu me dei conta de que começava a viver a mesma condição dele. E eu precisava me esforçar para não magoá-lo com minhas palavras.

A reação alérgica passou dentro de alguns minutos, e o inchaço em seu rosto foi contido. Dois dias depois, Lara estava cem por cento recuperada, para meu alívio, brincando com uma criança saudável, embora um pouco traumatizada: se visse um mosquito, já estava chorando. O susto passado, perdão pedido e aceito, eu resolvi me concentrar no jantar do fim de semana.

Liguei para Victória, para lembrá-la, avisei meus pais, pedi para Alfredo confirmar com Bernardo e comunicar sua mãe — disse a ele para ressaltar a Carmen para trazer seu pretendente.

Alfredo me acompanhou ontem no mercado, onde compramos todo o necessário para o jantar. Ele insistiu em querer cozinhar (Cretino! Insinuou que eu não cozinharia tão bem.), mas persisti até o fim para prosseguir com minha ideia de comandar o fogão — mais um modo encontrado para ocupar minha cabeça.

A combinação do jantar não é tão refinada, Alfredo mesmo apontou isso, a testa vincada, porém, dei pouca atenção à sua indicação, e resolvi preparar assim mesmo os pratos escolhidos na internet: macarrão ao molho de frango e queijo cheddar, arroz à grega, bolo de carne, couve refogada na manteiga, salada e, de sobremesa, bolo de sorvete e pudim de leite condensado. Para acompanhar, peguei escondida um *Bordeaux* da adega de NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo.

A preparação do jantar estava sendo divertida. Enzo e Alfredo ficaram encarregados de arrumar a sala e a mesa de jantar, dispondo os talheres de forma impecável (da forma como imaginei e os incumbi), mas eles brincaram quase o tempo todo. Em certo momento tive até de interromper uma guerra de almofadas, onde Alfredo quase derrubou uma escultura de vidro comprada na Espanha, uns anos atrás. Depois da advertência, fi-lo subir e arrumar as crianças, ordenando a se vestir adequadamente também. Distrai-me picando alguns tomates para a salada, foi quando ele surgiu, me abraçando pela cintura.

— Está falando de mim ou da comida? — pergunto, finalmente, abrindo um sorriso perto de sua boca.

— Estou falando de você com cheiro de comida… — responde, um sorrisinho canalha esboçado.

— Já estão todos prontos? — questiono, virando-me para meus tomates. Alfredo continua agarrado a mim, e, apesar de atrapalhar minha mobilidade, não protesto por sua aproximação.

— Sim. Lara pegou no sono, na verdade. Enzo está no quarto, falando com Ana por mensagem. Vai descer em breve. Precisa de ajuda? Talvez queira que eu termine isso aí para você poder ir tomar um banho.

— Faria isso por mim?

Ele responde girando meu corpo e tomando a faca da minha mão. Então só agora noto em como ele está atraente. Veste uma calça jeans tingida, camisa azul social, sem gravata, os primeiros botões estão abertos. Os cabelos jazem para trás, impecáveis e fixados com pomada capilar.

Surpreende-me ele não estar banhado em seu tradicional perfume amadeirado.

— Já estou fazendo. — devolve, prestativo, os lábios curvados lindamente.

Agradeço-o com um beijo em seu ombro e subo me arrumar. Tomo um banho rápido e, hoje, prefiro usar algo mais ousado. Ponho um vestido com um corte sensual e chamativo nas laterais da minha cintura, prendo os cabelos NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

e esfumo os olhos em dégradé de preto e marrom. Na cozinha, Alfredo está terminando de dar os últimos retoques na comida. O cheiro bom preenche cada canto da casa. Alfredo me olha como um adolescente apaixonado ao notar minha presença. Um pequeno e sincero sorriso se abre lentamente em minha direção, e, como sempre, eu me sinto encurralada por seu olhar intenso e predatório.

— Deus do céu… — murmura, olhando fixamente para mim. — Você está tão… tão linda, amor.

Minhas bochechas ficam rubras. Alfredo é o único homem que, mesmo tendo intimidade comigo, consegue me intimidar.

— Obrigada — balbucio, enquanto sou recebida com um beijo. —

Tudo pronto? Sala arrumada, mesa posta, comida pronta…? — pergunto, olhando em redor.

Alfredo traz meu olhar para o seu outra vez. Suas mãos macias me acariciam o rosto.

— Está tudo certo, Li. Não precisa ficar ansiosa.

— Não estou ansiosa — minto, mas o Cretino me conhece. Ele arqueia uma sobrancelha; me rendo. — *Ok*. Só um pouco. Tenho medo de isso ser um desastre.

Alfredo abre um sorriso suave.

— Vai ser uma noite maravilhosa junto das pessoas que amamos.

Suas palavras me proporcionam um pouco mais de segurança e confiança. A campainha toca exatamente às oito da noite — um dos convidados é pontual. Enzo desce correndo as escadas — preciso adverti-lo

— e atende a porta antes de qualquer um.

— Vovó! — exalta-se ao ver Carmen do outro lado.

Ele a recebe com um beijo e um abraço amoroso. Alfredo e eu nos aproximamos para também recebê-la. Carmen está acompanhada de um homem de meia-idade, elegante, vestindo um casaco marrom de *tweed* e calças *brim* confortáveis. É um senhor de cabelos grisalhos e médios, bem-penteados e repartido ao meio. É alto, quase da altura de Alfredo, e traz um NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

sorriso simpático.

Alfredo o cumprimenta com um aperto de mão caloroso, após sua mãe fazer as

devidas apresentações. Também os cumprimento e os convido a entrarem. Acomodamo-nos na sala, em volta do sofá, Alfredo oferece alguns petiscos de entrada para esperarmos a chegada dos demais — que não tardam.

Meus pais aparecem apenas cinco minutos depois, e, enquanto os recebo, Bernardo estaciona o carro na garagem. Henrique e Victória são os últimos a chegarem — mas não estão demasiadamente atrasados —, Victória tem uma risota maliciosa na boca pintada extravagantemente de vermelho, e eu imagino o porquê de seu leve atraso. Enzo fica agitado com a chegada de Henrique, ele o abraça e começa a tagarelar muitas coisas, e o pai precisa intervir senão não conseguiria cumprimentar mais ninguém.

Ficamos reunidos na sala por algum tempo, fazemos as apresentações dos que ainda não se conhecem, Henrique e Alfredo estão num canto, juntos, conversando alguma coisa, talvez falando sobre Tarciso Lacerda, o namorado de Carmen. E, por alguns segundos, eu os observo. Eles conversam e riem, muito naturalmente, como dois irmãos que são… Quem não os conhece e os vê agora, tão íntimos e unidos, nem imagina o quão eles se odiavam até alguns anos atrás.

Meu pai e Bernardo conversam sobre política com Tarciso — um homem muito educado e sábio —; mamãe está com Enzo, ouvindo-o falar sobre suas aulas de violão animadamente. Victória está com a sogra, reclamando alguma coisa de Henrique, o que faz Carmen rir e aconselhá-la.

— Onde está a Lara? — papai pergunta, me trazendo de volta ao mundo real. — Ele está melhor daquela picada de abelha?

— Está dormindo, papai — respondo, me pondo mais perto dele. — E

está ótima, foi apenas um susto.

Meu pai acena e se vira para Enzo:

— E você tem ajudado sua mãe a cuidar da sua irmã?

— Claro, vovô! — Enzo rebate, muito orgulhoso. — Eu esquento a mamadeira, ajudo no banho, escolhendo a roupa dela… Ou a faço dormir. Às NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

vezes, Lara gosta de dormir comigo, na minha cama. — Ele abre um sorriso meigo. — Mas quando ela começa a chorar muito, eu deixo minha mãe cuidar dela. Ou meu pai, quando ele está aqui.

— Enzo é um ótimo filho. — Alfredo entra na conversa. Olha para o irmão. — Vocês não poderiam ter dado educação melhor pra ele.

— Nós o educamos bem — Henrique responde, tem um sorriso orgulhoso —, mas Enzo também tem personalidade própria, e muito do que ele faz é natural, é dele mesmo. Enzo é genuinamente uma criança boa.

— Não sou mais criança… — Enzo resmunga em seu lugar, arrancando muitas gargalhadas de nós.

Aproximo-me dele e o beijo na bochecha.

— Pois sempre será meu menininho para mim.

— Mãe! — protesta, avermelhando-se.

— Mães são sempre assim, Enzo. — É Alfredo quem diz. — Sua avó me chamava de Alfredinho quando eu já tinha barba na cara. — ele relembra, e mais risadas explodem por todo canto.

— Se reclamar, chamo até hoje — Carmen rebate, nos arrancado mais risos.

O momento antes do jantar decorre da maneira mais perfeita e agradável. Por alguns minutos, as mães presentes relembram dos apelidos carinhosos que chamavam seus filhos. Alfredo era o Alfredinho (ele rola os olhos quando Carmen o chama assim, provocativamente), Henrique, até os quinze anos, era chamado de Rique; Victória o chama de Henri, atualmente; mamãe costumava me chamar apenas de *pingo de ouro*, papai entra na conversa e diz que me chamava de Lili até os seis anos (eu me lembro, na verdade), mas hoje, ele, como maioria quem eu conheço, me chama apenas de Li. E ficamos ali, falando de apelidos passados, muitos deles engraçados.

— Nenhum apelido supera o *Cretino Hauser* — Victória pronuncia-se, jogando olhares provocativos para Alfredo.

Ele ri, revirando os olhos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— E você nem tem vergonha de me chamar assim na minha frente —

Alfredo responde, bem-humorado, e Victória dá de ombros.

Jogamos mais um pouco de conversa fora até às 20h30, e nesse horário eu convido todos a nos reunirmos em torno da mesa para jantarmos. Alfredo nos serve, e ele me lança um olhar quando repara em seu *Bordeux* predileto sobre a mesa. Dou-lhe um sorriso sapeca e estico minha taça. Meu esposo não tem muita opção a não ser me servir.

À volta da mesa, a prosa segue fervorosa. Rimos, comemos e bebemos, e não nos falta assunto de maneira alguma. Por muitos instantes eu noto a alegria nos olhos de Carmen em ver Alfredo e Henrique se divertindo juntos, conversando sem brigas ou desentendimentos — tudo o que ela sonhou por quase uma vida.

Isso também me alegra. Alegra a Enzo, que não se sente traumatizado ou confuso em chamar os dois homens de pai (na verdade, Alfredo é “pai” e Henrique é “papai”, assim, sempre consigo distinguir um do outro quando se refere a eles). Meu filho é, na realidade, um garoto feliz e animado, mesmo tendo dois pais, mesmo tendo acreditado boa parte da sua vida que era seu pai o homem que deveria ser chamado de tio, e o outro, a quem conheceu muitos anos depois, e deveria ser chamado de pai, o chamou por alguns anos de tio.

E quando a verdade veio à tona, ele não se abateu, não se confundiu, e hoje adora contar para todo mundo que tem dois pais.

Essa família, por mais confusa e distorcida, é uma família feliz —

crescendo pouco a pouco.

Tarciso Lacerda não parece assustado e surpreso com toda a história que envolve essa família, talvez Carmen já o tenha preparado para isso, e ele aceita tudo com muita compreensão.

Não me recordo com exatidão como chegamos ao assunto, mas, em determinado momento, estamos falando de erros e acertos, de boas e más escolhas. Alfredo,

ao meu lado, segura na minha mão; os olhos azuis estão suaves e repletos de ternura:

— Eu fiz minha melhor escolha quando resolvi me casar com você, mas eu juro, se eu pudesse, voltava no passado e mudava muita coisa… — se pronuncia, sinceramente. — Uma delas seria não ser um idiota, ou um NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

covarde. Se pudesse, eu faria tanta coisa diferente…

Não posso evitar um sorriso diante suas palavras; alguns presentes concordam com Alfredo e também afirmam que, se pudessem, mudariam suas escolhas ruins.

Por um instante, eu preciso discordar disso.

— Isso não é de todo mal. Os erros fazem de nós o que nós somos. —

Olho para Alfredo, acaricio sua mão — Você é o que é hoje devido a suas escolhas, boas ou ruins. Se pudesse voltar no passado, mudaria seu envolvimento com Sophie? — Ele acena em positivo, mesmo hesitante, sem saber aonde quero chegar com isso. — Pois então, se você pudesse mudar isso, sua Fundação não existira hoje, e várias das milhares de pessoas que você ajuda não seriam ajudadas. Nossos erros, quando aprendemos com eles, não são *exatamente* erros, e nos moldam a sermos seres-humanos melhores.

Alfredo me encara com um brilho nos olhos. Estão marejados, mas também orgulhosos.

— Senhores… — cicia, sem desencontrar seu olhar do meu — peço perdão pelas vossas esposas, mas acho eu me casei com a mulher mais incrível do mundo. — Ele me beija com amor e necessidade, e me sinto feliz pelo momento, por mim e por ele.

A noite avança; depois do jantar (muito elogiado) e da sobremesa, nos juntamos outra vez na sala, Alfredo abre mais uma garrafa de vinho, já está levemente bêbado, eu sei disso porque ele está vermelho e rindo de qualquer coisa. Papai fala das aulas na faculdade; mamãe, dos seus projetos no jardim de infância;

Bernardo conta entusiasmadamente sobre sua vida na França e sobre uma mulher chamada Ann-Marie; Victória e Henrique são questionados se não terão um filho, e eles negam com veemência.

— Não seria uma boa mãe, eu acho. — Victória diz, e ninguém a contraria por isso. Todos nós entendemos ser uma escolha pessoal e deve ser respeitada.

Um pouco alterado, Alfredo diz que quer ter mais um filho, quer tentar um menino.

— Para quem nunca pensou em ter filhos, você parece um coelho, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

agora — Bernardo comenta, e muitas risadas irrompem pela sala.

Lara acorda, podemos ouvir o choro dela pela babá-eletrônica. O pai quer ir buscá-la, mas, trançando as pernas como já está, eu não permito e vou eu mesma ao seu quarto. Trago-a para baixo, onde os presentes fazem a festa com ela, a passam de colo em colo, conversam, riam e brincam com a pequena. Aqueço uma mamadeira e, no colo do avô, sacia sua fome.

Perto da meia-noite, Lara está dormindo outra vez, Enzo cochila no colo de Henrique, e eu também me sinto exausta. Alfredo parece feito de ferro, está no balcão do bar — no extremo da sala — rindo de alguma coisa com Bernardo. Ele está mais bêbado e terá uma ressaca amanhã. Um a um, os convidados se vão, deixando nossa casa: meu pai e minha mãe são os primeiros; depois de Henrique levar Enzo para seu quarto, ele segura na mão de sua esposa e se vão em seguida; Carmen e Tarciso agradecem pelo jantar e pelo momento agradável em família. Bernardo é o último a ir embora. Preciso chamar um táxi para ele, pois está alcoolizado.

Estou juntando a louça da mesa quando outra vez sinto-o me abraçar.

Agora, não tão firme como da primeira, pois Alfredo balbucia nas pernas.

— E aí, gostou? — murmura, e consigo sentir o cheiro de vinho vindo de sua boca. — Saiu como a senhora planejou?

— Foi tudo perfeito — respondo, encontrando com seus olhos. —

Obrigada por tudo. — Acarinho-o no rosto, ele fecha os olhos, se aproveitando da carícia.

Trago-o para um beijo intenso, o doce de sua boca mesclado ao gosto do vinho, numa mistura tentadora e gostosa. Sinto-o trabalhar sua língua em mim, tomando-me fervorosamente ao ponto de quase me tirar o ar. Ele me invade com sua boca, sua mão forte me segura com firmeza pela nuca, como se temesse me

afastar dele. Mesmo bêbado, Alfredo tem a maestria de me trazer para seu colo e suportar meu peso.

Ele me põe na mesa, afastando alguns pratos, desajeitadamente, afunda-se mais contra a minha boca, suas mãos correndo livres pelo meu corpo.

Inclina-se sobre mim, desesperado e sôfrego.

Eu penso em afastá-lo, aqui não é o lugar adequado, e nem sei se é o
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

momento propício para isso, mas Alfredo para por si só. Ele me encara, sorriso e olhos embriagados.

— Vamos para cama, senhora Hauser? Estou cansado, bêbado e com sono.

Dou-lhe um largo sorriso e um beijo rápido.

— Vamos, sim, senhor Diniz.

Penso em descer da mesa, mas ele me agarra pela cintura, me levantando com facilidade. Minhas pernas o contornam; Alfredo ri, acompanho-o, quando ele se desequilibra um segundo — no entanto, não demora a manter nas pernas.

— Você aguenta comigo? — pergunto, olhando seus lábios.

— Você me ofende fazendo essa pergunta — responde, caminhando a passos pequenos.

Rio baixinho e deito em seus ombros. Durante o caminho até o quarto, vez ou outra ele me beija, os olhos fechados, ainda caminhando com maestria, como se conhecesse o trajeto como a palma de sua mão e não precisasse de visão ou lucidez. Ele me põe no chão.

— Pode me ajudar com o vestido? — peço, fazendo o máximo de silêncio.

Alfredo me vira de costas para ele, deposita um beijo em meu ombro despido e, sem tirar sua boca, abre o zíper da peça… É vagaroso e sedutor. O

vestido cai nos meus pés, fico apenas com a *lingerie* preta e posso sentir seus olhos lascivos em mim. Um toque em meus ombros me move a ficar frente a frente. Sem dizer nada, ele me beija, dessa vez é mais sereno, mas continua sendo um beijo profundo, que arranca todo meu ar e me transmite todo seu amor…

Lentamente, ele me direciona para a cama, sua boca sempre na minha, Alfredo ofega e arqueja… Deito na cama, Alfredo vem sobre mim, com cuidado, ficando entre minhas pernas, não para de me beijar. Fecho os olhos, engolfo meus dedos em seus cabelos médios, repuxando os fios suavemente, podendo sentir a eletricidade correndo pelo meu corpo, o momento se estende NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

para além do bom… Os lábios dele se afastam da minha boca e resvalam pela minha pele, encontram o pescoço, deslocam-se para a clavícula, alcançam o colo… Um pequeno grunhido escapa de mim no contato de seus lábios com meus seios… Sua mão é vigorosa contra minha cintura.

O ar começa a ficar escasso. Alfredo repousa as mãos nos meus seios e vai descendo sua boca provocante pelo meu corpo, até atingir meu abdômen.

Remexo-me sobre ele… Não sei se quero isso.

Mas ele parece ouvir meus pensamentos. Volta para cima, beija-me com ternura agora, sua palma macia e branda de encontro ao meu rosto, tão terno e singelo…

— Eu te amo… — enuncia, embriagado.

Brinco com os fios de sua nuca, sorrio pequeno olhando em seus olhos.

— Eu te amo — respondo, lhe dando um beijo rápido. — Desculpe as vezes em que fui grossa ou…

Ele me impede, tocando seu indicador em meus lábios.

— *Shhh*, esquece isso.

— Não, Alfredo… Não esqueço — rebato, baixinho. Baixo os olhos, brinco com

a gola de sua camisa. — Conversei com Luís sobre isso, falei do que aconteceu aquele dia, de como eu me senti, de como te acusei… Não quero que isso vire rotina… Você não tem culpa de nada, eu sei. Nem do incidente com Lara, nem do assalto… E, é sério, Frê, estou tentando ver o lado bom de tudo isso. Embora esteja sendo difícil.

Ele está mudo, me encarando com seus olhos brilhantes. Abre um sorriso confortante e compreensivo. Resvala sua palma pelo meu rosto.

— Já conseguiu ver o lado bom?

— Estamos mais próximos? — indago, duvidosa. — Quando deixamos nossos compromissos no meio da semana para passearmos no parque?

Alfredo concorda, emitindo uma risada baixa e gostosa.

— Prometa-me que isso vai durar para sempre. — peço a ele.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Isso o quê?

— Estarmos mais próximos. Não nos preocuparmos com compromissos e irmos ao parque, ou sem motivo algum darmos um jantar em família, ou dar um cartão com trecho de música, ou flores, ou pintarmos a casa… Fazermos um piquenique. Ou cantarmos no *karokê* na frente de umas cem pessoas.

— Eu prometo… — cicia e me beija mais uma vez. — Eu te amo…

muito, te amo muito — repete seguidas vezes, e isso me faz resplandecer um grande sorriso.

— Eu também te amo muito. Pode me dar licença para tomar um banho?

Alfredo gira o corpo, saindo de cima de mim. Ajeita-se com dificuldade na cama, e eu sigo para o banheiro. Demoro mais que o costume sob o chuveiro, relembrando dos beijos cândidos e doces em meu corpo. Mordo o lábio inferior, pensando em procurá-lo e tentarmos…

Enrolo-me em um roupão e saio para o quarto:

— Frê, eu acho… — mas paro quando o vejo dormindo profundamente, de sapatos e jeans, abraçado a um quadro onde nós quatro estamos juntos.

Isso me quebra e me enche ao mesmo tempo.

Tiro seus sapatos e a calça jeans. Ele resmunga muito até eu conseguir convencê-lo a deitar debaixo das cobertas. Ponho o porta-retratos no seu devido lugar. Beijo-o no rosto… mais resmungos… apago o abajur. Abraço-o pelo tronco, um pouco desajeitada porque meus braços são curtos, e o corpo de Alfredo, grande.

Estou quase pegando no sono quando meu celular apita. Pego-o sobre o criado-mudo e vejo que é uma mensagem de David. Franzo o cenho. Está tão tarde… Abro o SMS.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

De: David Menezzes

Ei, garota. Está me devendo um café.

Dvid.

Balanço a cabeça, ele escreveu o próprio nome errado. Pergunto-me o que o levou a me mandar essa mensagem a essas horas. Resolvo não responder. Uma segunda mensagem chega em seguida.

De: David Menezzes

Desculpa, estou voltando de uma festa. Meio bêbado, ignore a primeira

mensagem.

Rio baixinho, deixo o celular de lado. Volto a abraçar Alfredo. Seu cheiro bom sobe pelo meu nariz. Sem explicação, suas palavras ressoam pela minha mente… *“Eu diria que você deveria mesmo fazer isso. Conversar faz bem. Você precisa se habituar outra vez a se socializar”*.

“Saia tomar um café com esse cara, depois, se quiser, me conte como foi. Só se afaste e me conte se ele tentar uma gracinha.”

Numa decisão quase impensada decido seguir o conselho de Alfredo.

Pego o celular e respondo a mensagem de David:

Estou livre depois de amanhã.

Às 15h.

Lívia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

12

A VOLTA

Alfredo

MINHA SEGUNDA RESSACA EM MENOS DE UMA SEMANA.

Acordo lentamente com minha cabeça latejando. Tento ignorar o desconforto também em meu corpo — uma mistura de dor muscular, calor e transpiração. Giro na cama, não tenho ideia das horas. O lugar de Lívia está vazio. Abro os olhos, seu lado da cama quase perfeitamente arrumado. Sento-me e coço os olhos, ainda muito sonolento, a cabeça parecendo a ponto de explodir. Busco pelas horas. Dez da manhã.

Demoro a notar que estou sem minhas calças, o que eu realmente não sei explicar como as tirei. A última coisa de que me lembro é de me deitar na cama, ficar admirando o retrato da minha família, enquanto Lívia estava no banho. Não me recordo de tê-la visto sair, ou de tirar minha roupa. Inspiro fundo e massageio as têmporas. Preciso de uma aspirina.

Então, noto que minha camisa — a que usei na noite passada — está desabotoada e aberta; e minha barriga, rabiscada com batom vermelho e com a marca de um beijo.

Rio um pouco ao ler, meio desajeitado, os dizeres.

I ♥ U

Levanto-me, querendo um banho. No banheiro, sobre a bancada da pia, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

há um bilhete pequeno perto de um comprimido: *Para sua ressaca, senhor Diniz.*

Amo você.

Sua Li

E, por alguns segundos, eu fico ali, segurando o pequeno bilhete, em letra cursiva e bonita, a declaração breve, mas o bastante para me balançar e arrancar de mim um sorriso suave e cheio de sentimentos. Tomo minha aspirina e meu banho. Me visto adequadamente enquanto faço uma ligação para Lívia. Leva alguns toques até ela atender.

— *Oi, querido.*

— Oi… Obrigado pela aspirina. E pelo batom. Você usou um à prova d'água, sabia? Quase arranquei o couro esfregando com a esponja para tirar.

Aliás, eu também te amo. — Ela gargalha alto, uma risada boa e contagiante.

Em frente ao espelho, faço malabarismo para fechar os botões do paletó e continuar ao telefone com ela.

— *Era essa a ideia…* — responde, recuperando o fôlego.

— Onde você está?

— *Na Hauser. Trabalhando.*

— Foi com quem? E Enzo?

— Vim sozinha, Frê. Estou tentando voltar à rotina normal… Eu o deixei na escola.

— E como se sentiu?

Um pequeno silêncio. Posso ouvir sua respiração do outro lado. É um NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

pouco pesada.

— Um pouco ansiosa… e amedrontada. Mas estou me esforçando.

— Isso é bom… E por que não me acordou? Estou atrasado.

— Você estava dormindo tão profundo… Quis que descansasse.

— Agradeço a preocupação. Te vejo no horário do almoço?

— Ah, hoje não, amor. Tenho um almoço de negócios. Sinto muito.

— Sem problemas. Passo aí depois, se eu tiver um tempo. Eu te amo, senhora Hauser.

— Até mais, senhor Diniz.

Encerro a ligação e desço para a sala. Lara está com a babá no jardim, brincando na pequena área montada para ela. Ao me ver, vem correndo ao meu encontro, os passinhos ainda desajeitados. Pego-a no colo, dando-lhe um beijo amoroso no rosto. Brinco com ela por um tempinho… a empurro no balanço, a seguro no escorrega, tomo chá-de-mentirinha na casinha de bonecas, ergo e a abaixo na gangorra.

— Papai precisa ir trabalhar, amorzinho… — digo-lhe, Lara em meu colo, enquanto embalo vagarosamente a cadeira de balanço na varanda.

— Não, papai, fica.

— Papai não demora, anjo. Te dou um chocolate, o que acha?

Ela nega com um movimento de cabeça, me abraçando forte.

— Não *quelo chocoiate*. *Quelo* você.

— Dois chocolates? Hum, que tal?

Ela me olha, leva as pequenas mãozinhas à boca.

— *None* de *chocoiate*, papai.

Solto uma risada alta. Sigo até a cozinha, Lara animada. Ponho-a no cadeirão. Pego o exigido e dou a ela, que se lambuza com o iogurte de chocolate. Enquanto Lara se farta da guloseima, dou-lhe um beijo de NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

despedida, deixo-a sob os cuidados da babá e sigo para a Avenue.

Penso em passar na nova filial, saber do andamento das obras. Mas hesito. Quero evitar o máximo de contato com Angelina… eu sei: talvez esteja por lá. E, de qualquer maneira, também sei, se não for até lá, ela virá para cá, para saber se eu e Bernardo já decidimos sobre os móveis, a qual ainda nem lhe mostrei ainda. Bernardo surge pela porta. Trabalhamos por algumas horas e decidimos qual a mobília queremos. Aproveito sua presença e lhe peço para levar a decisão até Angelina.

— Evitando-a? — Bernardo pergunta, levantando-se.

— Não… eu apenas…

Mas ele sabe que sim. Suspiro.

— Sinto-me desconfortável na presença dela.

— Entendo. E faz bem…

— Bernardo… — advirto-o, não gosto de sua insinuação.

Ele encolhe os ombros e se vai. Deixa-me sozinho, com meus pensamentos. Mas não são pensamentos conflitantes ou duvidosos. Penso em Lívia, na nossa relação, nas coisas que estamos fazendo para mantermos esse casamento. Ainda não transamos desde tudo. Isso me deixa frustrado.

Demasiadamente. Mas não quero que Lívia pense ser sexo o mais importante para mim nesse momento. Só desejo vê-la melhor, e confortável pra isso. Não sei exatamente o que ou como fazer para ela se sentir assim, todavia, tenho tentado. Por isso, divago um instante, pensando em mais um modo de deixá-la feliz.

— Alfredo?

Uma voz me chama. Ergo o olhar, mamãe está parada à porta que já estava aberta, os óculos no rosto não escondem um olhar preocupado.

— Oi, mãe… Entre. — Faço sinal, ela entra e se senta de frente para mim. — Está tudo bem?

— Sim, querido, tudo ótimo. — Sorri brevemente. — Recebi uma ligação hoje, pela manhã. São notícias da Alemanha.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Franzo o cenho, perdido na conversa.

— Alguma coisa sobre os produtos da Hauser exportados para lá?

— Não, querido… É sobre seu tio. Fritz. Se recorda dele, não é?

Balanço a cabeça em positivo. Apesar de não vê-lo há muitas décadas, eu me recordo, sim, do velho e ranzinza Fritz Hauser. Das minhas lembranças, consigo me recordar das histórias de mamãe me dizendo como ele quase faliu a empresa no começo, com seus caixa-dois e gastos exorbitantes para manter suas prostitutas. Então, ele voltara para a Alemanha, e apenas usufruí dos lucros de suas ações.

Não me passa nada pela cabeça a não ser:

— Ele morreu?

Mamãe abre um sorriso soturno.

— Não. Ele está voltando para o Brasil. Passará uma temporada aqui.

Em casa, mais exatamente.

— Oh — é o que consigo dizer inicialmente. Processo um pouco a informação antes de continuar. — Quais as intensões dele voltando para cá?

Dona Carmen levanta os ombros e ajeita os óculos em seu rosto.

— Ainda não sei. Ele apenas disse que quer visitar a Hauser, saber dos negócios…

— Ele passou uns trinta anos pouco se fodendo para a empresa, agora quer saber como andam os negócios?

Mamãe me adverte com o olhar, mais por causa do meu palavrão.

Desculpo-me, e ela continua:

— Seja lá o que seu tio quer, devemos recepcioná-lo. Farei um jantar amanhã à noite, é quando ele chega. Você deve ir. Já avisei seu irmão.

— Certo — murmuro, um pouco preocupado com essa volta repentina.

Algo dentro de mim insiste em me dizer que esse retorno não será bom e há segundas intenções por trás disso. Fritz nunca se importou com a NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

empresa, sempre esteve alheio e ausente nos negócios; nas últimas décadas ele se importou apenas em receber os lucros das suas ações e gastá-las sabe-se lá de que maneira, muito provavelmente em prostíbulos.

Convido mamãe para almoçarmos juntos, pois Lívia estará ocupada.

Ela me acompanha até o restaurante de Victória, não muito distante do Avenue,

e, durante nosso momento juntos, ela me diz como gostou da noite ontem, em casa. Aproveito o momento para lhe perguntar sobre Tarciso, mas ela é bem evasiva. Diz-me apenas gostar da companhia dele e é um homem agradável e gentil.

Não posso deixar de notar suas bochechas brancas se avermelharem ligeiramente quando abordo o assunto. Eu não sei por que a vergonha, mas deduzo ser porque mamãe sempre foi muito discreta, e falar sobre seu pretendente, assim, tão abertamente, lhe incomoda um pouco. Respeito sua vontade de não querer se aprofundar mais sobre Tarciso e mudo o rumo de nossa conversa. Ela quer saber de Lívia e do acompanhamento com o psicólogo. Garanto-lhe que as sessões estão lhe fazendo bem, e, pouco a pouco, Lívia retorna à rotina normal. Mais do que nunca, sei como fiz bem em procurar pela ajuda necessária precocemente. Se eu tardasse mais um pouco, talvez a melhora dela não seria tão fácil, como parece que está sendo.

Depois do almoço, de volta à Avenue, ofereço-me para levar mamãe para casa, mas ela diz estar com seu carro. Despede-se de mim com um abraço apertado e um beijo carinhoso, frisa que não devo me esquecer do jantar amanhã à noite e então se vai.

Em casa, perto do anoitecer, estou junto de Lara e Enzo, na sala, me divertindo com os dois. Para o jantar de hoje, optei fazer uma pizza, apenas.

Lívia chega do trabalho, e eu a admiro, apaixonado. Cada vez mais. Ela está linda vestindo uma saia cinza justa ao corpo e uma camisa social branca, os primeiros botões abertos mostra-me seu decote. Sorrio a vendo se aproximar e beijar os filhos, sentando-se no sofá e pegando Lara no colo. Ela quer saber se Enzo fez os deveres da escola, e como foi o seu dia, enquanto ajeita os acessórios nos cabelinhos de Lara.

Então, ela olha para mim, sorrindo.

— Oi… senhor Diniz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Oi, meu amor. — Vou até ela e me sento ao seu lado.

Lívia me dá um beijo rápido. Quero beijá-la profundamente, mas sei como ela evita carícias exageradas na frente das crianças.

— Fiz pizza para o jantar. — digo-lhe.

— Quer me deixar gorda? — brinca, deitando sua cabeça em meu ombro.

Lara está no chão outra vez, desceu para brincar com alguns brinquedos apropriados para sua idade. Beijo suas madeixas e sorrio um pouco.

— Talvez eu queira.

— Cretino… iria me querer mesmo gorda? — Ela olha para mim.

— Eu iria te querer mesmo se pesasse 150 quilos.

Lívia solta uma risada alta, empurrando-me amigavelmente. Seu riso me contagia, deixa-me feliz. Ela logo para. Me pega na mão e brinca com meus dedos. Ela está quieta, estranha. Não sei o que há.

— O que foi?

— Não é nada… — fala baixinho. — Vamos jantar?

Decido não insistir no assunto, apesar de desejar profundamente que minha esposa converse comigo. Mais tarde, depois de pormos as crianças para dormir, estou deitado, olhando para o teto. Ainda não comentei com ela sobre a volta de Fritz, e não sei por que exatamente não lhe disse isso. Deve ser porque quero falar com ela sobre isso com calma, sem as crianças nos interrompendo o tempo todo.

Lívia está no banho, minutos depois ela sai, vestindo uma camisola branca e curta. As pernas finas e perfeitas me seduzem, os seios soltos me deixam excitado. Ela se senta ao meu lado, pega seu livro na gaveta do criado-mudo. Lê algumas páginas.

— Quero te contar uma coisa — falamos ao mesmo tempo.

Rimos um para o outro.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você primeiro — ela me diz, suavemente.

— Primeiro as damas, querida.

— Não vale… eu disse primeiro.

Sorrio de lado. Ajeito-me na cama.

— Certo. — Inspiro um pouco antes de continuar. — Sabe meu tio Fritz?

— Sim, o que vive na Alemanha. O que tem ele?

— Está voltando para o Brasil. Quer saber dos negócios. Chega amanhã à noite, mamãe irá recepcioná-lo. Teremos de ir.

Ela fecha o livro e o guarda outra vez na gaveta. Deita-se de lado, puxando o cobertor para cobrir seus braços despidos.

— Tudo bem. Levaremos as crianças?

— Eu não sei… Talvez sim.

Lívia apenas anui. Chega mais perto de mim, apoiando sua cabeça em meu ombro.

— Sua vez… — murmuro, beijando seus cabelos.

Lívia põe sua mão macia por dentro da minha camisa e sobe seu toque brando e quente pela minha barriga, numa carícia gostosa.

— Eu estou pronta…

— Pronta para quê?

— Transarmos… — sussurra.

Desencosto-a de meu peito, olhando em seus olhos.

— Li, eu já te disse… — mas sou interrompido.

— Eu sei o que me disse, Alfredo. Mas eu quero, quero tentar porque eu *quero fazer*.

Fico inquieto por um segundo. Uma dúvida martela a minha cabeça.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ela realmente quer isso comigo ou é só mais uma das suas tarefas das sessões? Ou porque ela tem medo de alguma coisa? De que eu a traia, por exemplo.

Engulo minha bílis. A vida seria mais fácil se não houvesse esse questionamento em minha cabeça, se essa situação não existisse entre nós. Eu jamais lhe falaria isso, mas odeio essa situação, odeio o fato de, provavelmente, ela estar querendo isso por alguma orientação ou força maior.

— Está bem… — é só o que consigo dizer.

Eu deveria estar feliz por essa decisão, certo? Não sei o que é transar com minha esposa há pelo menos dois meses… Mas estou tão incerto. Essa decisão não parece ser espontânea.

— Você não parece muito animado — ela observa.

— Não é isso, amor… É só…

— Só…?

— Não quero que se sinta forçada a isso, Li, por qualquer razão. Eu já te disse: terei paciência e te espero estar preparada pra isso. Tem certeza que você quer?

Lívia abre um largo sorriso, desce sua palma pelo meu rosto, acariciando meu rosto. Deixa um beijo molhado na minha bochecha, depois, nos meus lábios.

— Agradeço sua preocupação e zelo, e sim, eu quero. Mas… será dentro de quatro dias. — Ela é convicta e convincente nas palavras. O que me alivia. E me anima, também.

— Por que dentro de quatro dias? — inquiro, curioso. — Por que não hoje, agora?

Ela ri, deitando-se em meu peito.

— Estou menstruada. Veio hoje pela manhã.

— Ah, eu não me importo com um pouco de sangue — respondo.

Lívia gargalha alto e me estapeia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não seja nojento, Alfredo!

Acompanho-a na risada, e envolvo mais seu corpo em meus braços.

Sinto-me bem com o calor da sua pele, o seu cheiro penetrando minhas narinas, sua cabeça repousando em meu peito.

Ficamos em um silêncio confortável por algum tempo, e, em minha mente, eu fico divagando em momentos vividos, em *tudo* o que vivemos até aqui. De cada decisão infeliz, de cada decisão errada, mas também de cada acerto e de cada decisão certa. Cada uma delas nos permitiu ser o que hoje somos. Refletindo sobre isso, só preciso concordar com Lívia quando ela disse, ontem, que somos os nossos acertos, mas também nossos erros.

Muito do que sou devo a essa mulher do meu lado, devo, também, à Sophie. Ambas passaram pela minha vida para me tornar um homem melhor, uma pessoa melhor, e eu lhes serei grato eternamente.

Lívia dorme nos meus braços. Só agora percebo. Ela é serena e linda.

Ajeito-a mais sobre meu tórax, beijo-lhe o rosto e adormeço, sentindo as batidas calmas do seu coração, e eu só entendo que ela me ama.

O velho Fritz Hauser está parado na nossa frente, apoiando-se a uma bengala. Usa um casaco de Tweed marrom, é largo nos ombros e parece ser um número

maior do que seu manequim, as calças são cinza e do mesmo material, e nos pés traz mocassins pretos. Ao seu lado, põe-se uma jovem moça de corpo escultural, ela usa um vestido vermelho curto e o segura pelo braço, como se fosse algum tipo de apoio para o velho ranzinza não despencar no chão, caso suas pernas não suportem mantê-lo em pé.

Mamãe o recebe cordialmente, muito porque é o protocolo, pois sei como ela também gostaria de mandá-lo para o inferno. Ela lhe pede para entrar e se sentir em casa, enquanto um segundo homem desce as escadas depois de deixar suas malas em algum quarto de hóspedes. Ele recebe uma gorjeta miserável e se vai.

Fritz é auxiliado pela bela moça a dar alguns passos até se sentar no

sofá. Troco um olhar com Henrique, meio tenso. Ele está ao lado de Victória, que troca olhares com Lívia, ao meu lado.

— Fritz, esses são… — mamãe começa, mas o velho a interrompe com um levantar brusco de mão.

Ele tosse um pouco, depois, limpa os lábios com um lenço vermelho.

— Não precisa, Carmen — maneia a cabeça, vagarosamente. O sotaque alemão preenche a casa. — Eu já os conheço, posso estar velho, mas ainda sei quem são meus parentes.

Nisso, Fritz olha para mim.

— Deus, se eu encontrasse com você na rua, e seu eu não soubesse que meu irmão está morto, poderia dizer que você é Klaus, quando na sua idade.

Deus o tenha.

Eu o encaro, sem reação.

— Alfredo, não é? Fisicamente, se parece muito com seu pai. Na personalidade, diria, é como eu. — Ele abre um sorriso cheio de dentes amarelados por causa do tabaco, insinuando alguma coisa. — Ou era. Soube que uma mulher o pôs no

eixo — e busca por Lívia.

Ela se agarra a mim.

— Em contrapartida — o velho continua —, Henrique tem a personalidade de Klaus — e olha para meu irmão, o mesmo sorriso de sempre. — E se parece mais fisicamente comigo, eu acho.

— Você está informado — mamãe diz, sentando-se numa poltrona.

— Sim, estou, Carmen. A presidência da Hauser está mesmo nas mãos de uma mulher? — pergunta, jogando um olhar rápido para minha esposa.

Essa sua colocação me incomoda como o inferno. Faço um esforço muito grande para me conter. Prevejo que Fritz será um idiota.

— Algum problema em eu estar à frente do grupo? — Lívia pergunta, ríspida.

— Não, claro que não. — ele balança a cabeça, novamente limpa seus
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

lábios com o lenço puído. — Mas achei que a presidência deveria ser comandada por um Hauser. Por um *homem*. Klaus designou isso, não foi? —

Fritz olha de mim para minha mãe e depois para Henrique. — Alfredo quem estava na Presidência, estou certo?

— Pelo jeito não está tão informado assim — respondo.

Ele abre um sorriso jocoso.

— Você sofreu um acidente, por isso se afastou do cargo — rebate, mostrando-me estar inteiramente informado. — No entanto, você está bem há algum tempo… Ela não deveria ter lhe devolvido a presidência?

— Eu a rejeitei.

— Claro. E foi muito conveniente para sua esposa… Que também teve uma relação com Henrique, estou certo?

Eu penso em perguntar aonde ele quer chegar com isso tudo, mas mamãe toma a palavra antes de mim, mudando o rumo do assunto bruscamente. Levanta-se, dizendo já estar pronto o jantar e será servido. Ela o convida para ir até a cozinha, a mulher de vestido vermelho o ajuda a se levantar, e, mancando e se apoiando à bengala, o velho Fritz acompanha minha mãe, que segue elogiando Lívia e a gestão da empresa em suas mãos, como se, de alguma maneira, ela tentasse lhe mostrar o lado bom de a empresa estar sendo presidida por uma mulher. Como se realmente fosse necessário isso, porque de forma alguma é ruim ter Lívia — uma mulher —

na presidência da empresa.

Lívia está inquieta, movendo os dedos constantemente. Trago seu olhar para mim:

— Ei, está tudo bem, amor…

Ela balança a cabeça em positivo, lentamente. E, assim como ela, pressinto que essa volta de Fritz vai nos abalar.

De alguma forma.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

13

MENTIRAS

Lívia

O JANTAR PARA RECEPCIONAR O TIO DE ALFREDO NÃO FORA TÃO

DESASTRADO.

Devo confessar: eu não gostei de conhecê-lo, principalmente por conta da sua

insinuação sobre eu estar à frente do grupo Hauser Alimentícia. Algo em seu tom, no modo como suas palavras foram pronunciadas, me induziu a acreditar que meu cargo na empresa o incomodou, de alguma forma.

Entretanto, Fritz não insinuou mais nada do gênero, e também não foi amplamente direto sobre os motivos de sua volta ao Brasil. Falara um pouco por cima, evasivo, evitando prolongar o assunto quando era questionado. Por conta desse jantar marcado em cima da hora, tive de desmarcar o café com David, pois era no mesmo dia do jantar. Mandei-lhe uma mensagem e remarcamos para o dia seguinte.

Agora, enquanto preparo o lanche de Enzo para o colégio, observo Alfredo tentando conter Lara no cadeirão para lhe dar colheradas de Danone.

A imagem me permite sorrir brevemente, o esforço diário de Alfredo em sempre tentar mantê-la sentada e quieta para seu café da manhã. Finalmente ela se aquieta e come, com a boquinha mais gostosa do mundo, a sua primeira refeição do dia. Enzo desce as escadas correndo, a mochila quicando nas costas. Preciso adverti-lo. Ele guarda o lanche e segue para o carro me esperar.

— Não precisa me levar hoje, Frê… — digo-lhe, o abraçando por trás, ele ainda alimentando a pequena Lara. — Enzo e Lara me farão companhia, e essas tarefas de Luís têm me feito bem.

Ele se vira para mim, sorriso sucinto. Abraça-me pela cintura e depois
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

me acaricia suavemente no rosto. O gesto é demasiadamente bom. Fecho os olhos, quero senti-lo melhor, sentir melhor seu toque brando e confortável.

— Tem certeza? Eu posso te levar… Você sabe, não me importo.

— Tenho certeza. Aliás, precisa saber de uma coisa… — Alfredo me olha, os olhos suaves, sua mão continua sobre meu rosto, o sorriso apaixonado ainda desenhado de forma perfeita. — Se lembra daquele café…

com o ex-namorado arquiteto?

Vejo um ligeiro incômodo em seus olhos, mas ele se esforça para não transparecê-lo, e eu finjo não notar.

— Claro. — diz apenas.

— Bem… marcamos esse café para hoje, tudo bem? Se não, eu…

Sou calada com um beijo inesperado e profundo. Alfredo me traz mais para junto do seu corpo quente e grande, o atrito entre nós resultando numa faísca ardente e intensa. Sorrio com sua boca colada à minha. Quero-o, quero-o muito. E o terei, dentro de três dias.

— Vá… — sussurra em minha boca. — Está tudo bem. Promete me contar depois como foi?

— Claro, amor… — anuo e me ergo nos pés para alcançar seus lábios suculentos outra vez.

Despeço-me dele, pego Lara no colo, junto com uma bolsa de roupa extra. Estou chegando à porta quando ele me chama:

— Ah, Li…

Volto-me em sua direção.

— Sim?

— Hoje, vou chegar um pouco mais tarde… Tenho uma reunião com Bernardo. Não precisa me esperar para o jantar.

— Está bem, querido.

Ofereço-lhe um sorriso rápido e me vou.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Após deixar Enzo no colégio, sigo para a cafeteria com Lara, onde remarquei o encontro com David. O percurso é tranquilo, apesar de, constantemente, me manter em alerta e dirigir com mais precaução do que o comum. Para entreter

minha mente e não permiti-la criar paranoias, seleciono algumas músicas e também vou conversando bastante com Lara. Minha pequena boneca abre sorrisos encantadores e solta risadas contagiantes.

Na cafeteria, David já está lá, sentado em uma das mesas, com um jornal na mão. Usa calça meia-canela, com calçados combinando, uma camisa xadrez vermelha, os óculos de sol no rosto o tornando atraente. Ao notar minha presença, levanta-se e vem em minha direção, recebendo-me cordialmente.

— Olhe só… — exclama, brincando com as mãos de Lara. — Que garotinha mais linda…

Lara se agita com David e fica toda sorridente. Ajeitamo-nos na mesa, pondo meu pequeno serzinho no cadeirão e lhe dando um brinquedo para distrai-la. Fazemos nossos pedidos, opto apenas por um café preto, enquanto David prefere um suco natural de laranja. Peço o mesmo para Lara.

A garçonete nos deixa a sós para repassar nossos pedidos, e Menezzes se volta para mim com um sorrisinho amigável.

— Primeiro quero me desculpar por aquela mensagem do outro dia, te cobrando. Eu realmente não tinha a intenção. Mas eu estava bêbado e… Bem, acabei agindo sob efeito de álcool.

— Não se preocupe. Promessa é dívida, não é?

Ele sorri um pouco e abana a cabeça, olha para Lara mais uma vez e conversa com ela, sempre amável.

— Então… e a história longa que tinha para me contar? — inquire, voltando-se para mim.

A garçonete traz nossos pedidos. Sorvo uma pequena dose da minha cafeína, sem açúcar, como gosto.

— Longa demais… Por que não me conta sobre você, primeiro? O que fez esses anos todos depois do nosso rompimento? — pergunto, enquanto NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

disponho o suco de Lara na mamadeira.

David não parece incomodado com o assunto. Ele sempre fora, na realidade, uma pessoa muito paciente e educada. Depois de bebericar um gole do seu suco, e de oferecer a Lara, que aceitou se hesitar, embora eu esteja terminando de preparar o seu, ele me diz:

— Eu fiquei solteiro por um tempo. Um ano e pouco depois eu conheci uma garota, numa festa de aniversário, e a gente se envolveu por alguns dias.

Foi algo muito súbito, sabe? Em duas semanas estávamos namorando, em três meses, casados.

— Súbito demais — murmuro, concordando.

— Sim. — afirma, parecendo sem jeito. — Ficamos casados por quase cinco anos. Há sete meses estou divorciado.

— O que houve? — quero saber e entrego a mamadeira à Lara.

— Não sei. O casamento caiu na rotina, muitas brigas, pouco afeto. Um dia conversamos e optamos pelo divórcio. Foi uma decisão amigável.

— Entendo. E sinto muito.

— Não sinta. São coisas da vida. — Ele abre um sorriso sincero, então aponta pra mim. — Agora, sua vez.

Tomo um pouco de ar para os pulmões. Não sei como ou por onde começar, mas quero resumir toda minha história com Alfredo. Então, resolvo ser direta.

— Me casei com o irmão do Henrique.

Minha declaração o deixa levemente atônito, e eu o compreendo por isso.

— Então… seu marido é “tiodrasto” de Enzo? — pergunta, de repente, me fazendo rir com o termo usado.

Por um segundo, esquecime de que David ainda não sabe sobre a paternidade de Enzo. Busco por Lara, continua quieta em seu lugar, sugando o suco da

mamadeira e brincando com seu jacarezinho.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Se vou te contar isso, preciso começar desde o início. — declaro.

Então eu conto para ele tudo desde o começo, meu passado com Alfredo, a sua volta anos depois, nosso reencontro na boate, depois, na casa da sua mãe, suas declarações, nosso envolvimento, minha vingança… O

casamento dele com Sophie, suas perdas trágicas e bruscas, nossa reaproximação por causa do acidente, e quando eu, finalmente, me dei conta de que sempre o amava, e então reatamos. Falo sobre a paternidade de Enzo, a leucemia dele anos atrás, a reação de Alfredo ao saber da notícia…

Finalmente chego à parte em que nos entendemos e nos casamos, mas, depois de dois anos, outro choque desestrutura nossa vida.

— Alfredo inventou aquela história de pintar alguns cômodos da casa somente como maneira de ocupar minha mente e me ajudar… — finalizo, dando um último gole no café, toda a história desde o começo.

David me olha. Está claramente surpreso.

— Ufa! Que história. — exclama, abrindo um sorriso lacônico. —

Admiro o amor desse homem por você. E o seu amor por ele… Enfrentarem tudo isso e ainda permanecerem juntos… Não é pra qualquer um.

— Não se engane — contesto-o —, por muitas vezes eu duvidei do amor de Alfredo por mim. Ele tem tendências a… desistir nas horas mais vulneráveis. Posso parecer egoísta, mas… às vezes ainda sinto essa insegurança com ele.

David fica mudo um segundo. Está distante. O copo nas mãos, quase vazio, no meio do percurso até sua boca.

— Seu esposo… — murmura, de repente — é Alfredo Hauser?

Pestanejo um segundo, estranhando sua questão súbita.

— Sim… Por quê?

— Meu Deus… Que coincidência. — Solta um riso nervoso e depois bebe o restante do seu suco. — Eu o conheço. Estou trabalhando para ele, na verdade. Eu e minha sócia, Angelina Savhoya, montamos um projeto para a cafeteria dele e do sócio… Bernardo.

Também fico surpresa com tamanha coincidência.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim, é ele mesmo. Que surpresa já conhecê-lo. Mas, peço desculpas por isso, não simpatizei com sua sócia, Angelina.

David solta uma risada sonora, e Lara, que achei estar alheia à conversa, o acompanha.

— E por que não?

— Não sei… — digo sinceramente. — Quando se tem um marido bonito como o meu… bem, é natural um pouco de ciúmes, não?

Ele concorda, ainda rindo, com um aceno de cabeça.

— Bom, não precisa se preocupar com ela. Angelina é inofensiva. E

mais — levanta o indicador, como em advertência — Alfredo te ama, certo?

Acredita no amor dele por você?

— Acredito… claro.

— Então não há com que se preocupar.

Sua declaração dá-me uma sensação estranha de segurança.

— Ainda é difícil acreditar que Henrique e Victória estão juntos. —

comenta, chamando a garçonete para pedir a conta. — Mas fico feliz por ele também. Nenhuma outra pessoa no mundo merece tanto a felicidade como ele.

— Tem razão — não deixo de concordar. — Henrique merece por esse momento na vida dele. Oh, deixe, eu pago meu café, David — protesto quando o vejo sacando o dinheiro para pagar tudo.

— Nem pensar, Lívia. Eu te convidei, e te cobrei por esse café, pago com maior prazer.

Não insisto, pois sei que não valerá de nada. Caminhamos juntos até meu carro, estacionado não muito longe, David me falando um pouco dos seus projetos, negócios e até mesmo um pouco sobre os trabalhos no Avenue, que eu tive o descuido de até agora não mostrar interesse para Alfredo.

— Obrigado por aceitar o convite — agradece quando chegamos ao estacionamento. — Foi ótima a nossa conversa, e fico feliz por você… pelo seu casamento. E te desejo melhoras. Mande um abraço a Alfredo, se vê-lo NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

antes de mim.

— Claro… Pode deixar.

— Ah, e Lívia… — ele objeta, já estou pondo Lara na cadeirinha. —

Eu li no jornal essa semana sobre a justiça aceitar a paternidade dupla nos documentos de uma pessoa. Seria interessante para vocês, não?

— Sim… Sim. Alfredo abriu mão do reconhecimento legal da paternidade do Enzo, por causa do irmão, mas se o que me diz for verdade…

— Procure um cartório, se informe melhor.

— Farei isso. Obrigada, David.

De volta para casa, deixo Lara sob os cuidados da babá e sigo para a minha sessão com Luís. Ele quer saber, principalmente, sobre minhas emoções, e elas,

nos últimos dias, estão mais controladas, apesar de eu continuar mais ansiosa que o habitual. Luís quer saber do meu trabalho, se minha ocupação me ajuda de alguma maneira. Obviamente me ajuda, e muito. Trabalho na Hauser com muito amor e esmero, e não me vejo afastada do meu cargo, do meu trabalho, do local onde batalhei para chegar. Essa melhora não seria possível se eu não estivesse trabalhando.

Ao fim da sessão, sigo para a Hauser Alimentícia, é por volta de onze da manhã, almoçarei na empresa para compensar as primeiras horas perdidas.

Hoje estou trabalhando muito mais leve e suave, comparado com os dias anteriores. Estou me dispersando demais, inclusive, sempre me pego deixando os olhos de um relatório ou documento importante para encarar um retrato de Alfredo sobre a minha mesa. Quando percebo, estou sorrindo feito adolescente apaixonada encarando o sorrisinho estúpido e cretino que ele exibe na foto.

Num outro retrato, ainda, há as três pessoas mais importantes pra mim: Enzo, Lara e Alfredo. E eu fico aqui, sentada, encarando-os com os olhos úmidos, pensando no meu amor enorme por eles. Só volto à realidade quando, de repente, minha porta se abre. Ponho-me em pé no mesmo instante, irritada com a invasão de Fritz. Helena, minha secretária, entra logo atrás, como se tentando impedi-lo.

— Senhora Lívia, eu tentei impedi-lo de entrar, mas…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Me impedir? — o velho rosna, com forte sotaque alemão. — Sou um Hauser! Sou um dos donos. Não tem de me impedir de nada.

— Está tudo bem, Helena. Pode se retirar. — acalento a situação, enquanto Fritz está observando minha sala atentamente.

Mantenho o controle em minhas veias. Gostaria muito de ser hostil com ele, pois bem… o velho fora um mal-educado sem tamanhos entrando em minha sala sem ser anunciado. Entretanto, esforço-me para controlar minha estupidez. Serei cordial.

O velho se locomove apoiando-se a uma bengala e arrastando a perna esquerda.

Inclusive, noto a ausência de sua acompanhante no jantar da recepção. E ele me parece mais saudável e menos frágil que ontem.

— Há algo em que posso ajudá-lo, senhor Hauser?

Fritz segue olhando minha sala, atento. Vez ou outra limpa os lábios com um lenço retirado do bolso externo do seu paletó grande em seu corpo, tornando-o desengonçado.

— Poderia começar saindo da Presidência dessa empresa — diz-me, petulantemente.

Suas palavras me acertam como um soco no estômago. Ainda assim, mantenho-me firme em minha postura. Ele se senta no sofá, encarando-me com um enigma nos olhos. Permaneço em pé.

— Não sei por que se incomoda com meu cargo na empresa.

— São apenas dois motivos, *mein lieber.* Primeiro, você é uma *mulher.*

Seu lugar é em casa, cuidando dos filhos e afazeres domésticos… Os negócios são para os homens. Em segundo lugar, esse cargo deveria ser ocupado por um *Hauser.*

Meu sangue está borbulhando em minhas veias. Com que direito esse velho ranzinza vem até minha sala me insultar dessa maneira?

— Escute, Fritz, em primeiro lugar: onde eu deveria estar ou não, quem decide sou eu. E se os homens fossem tão competentes nos negócios como são as mulheres, talvez você não tivesse quase afundado essa empresa, no passado, se recorda disso? Segundo, devo lembrá-lo: eu *sou uma Hauser!*

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não, querida Lívia. Você *se tornou* uma Hauser. Muito convenientemente você se *tornou* uma Hauser! — Ele se levanta de seu lugar e caminha até mim. — Você não é uma Hauser genuína.

Tento manter o controle das minhas emoções, as lágrimas em meus olhos, meus nervos no lugar.

— Querendo você ou não, e embora não me considere uma Hauser, eu sou a presidente do grupo, e não há nada que você possa fazer contra isso.

— *Nien?* Será que não, mesmo? — Um sorriso diabólico se abre vagarosamente nos lábios ressecados.

— O quê… quer dizer com isso? — Todo esforço de permanecer inabalável se esvai de mim rapidamente como o ar deixando uma bexiga mal amarrada.

— Estou acostumado a mulheres como você, *liebe* Lívia. Enfeitiçam homens bem-sucedidos, dão o golpe na barriga e então… — outra vez o rasgo em sua boca se curva num sorriso curto e maléfico. — Alcançam os lugares onde os homens bem-sucedidos deveriam estar.

Sinto todo o ar sair de mim. Cada partícula de oxigênio deixa meu pulmão, e, por um segundo, eu perco a vida em mim. Uma dor perturbadora me invade, e se antes eu me mantinha firme e impassível, agora já não tenho tanta firmeza. Minhas pernas balbuciam, sinto todo meu corpo num tremor nervoso e descompassado, a respiração cortada, os olhos úmidos. Ouvi-lo resumir toda minha luta e batalha de uma vida para chegar onde estou hoje a um golpe de barriga acaba comigo. Deixa-me em um estado emocional inexplicável. É injusto e mesquinho. Levo um tempo para raciocinar sobre suas acusações e palavras, tempo suficiente para lhe dar brechas para continuar proferindo:

— Mas devo admitir… você não é como as outras. É mais esperta. Não se contentou em enfeitiçar apenas um Hauser, mas dois… dois irmãos que nunca se entenderam… E os dois, hoje, assumem o seu filho… E isso fará de Enzo, num futuro próximo, o maior acionista desta empresa, visto que herdará as ações de Henrique e de Alfredo.

Não sei como ainda estou em pé. Na minha garganta há um nó enorme
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

me impedindo de rebater suas palavras indecorosas. Balbuciando, não sou capaz de dizer nada além de:

— Saia da minha sala.

— Sua sala? Sim… — ele move sua cabeça de cabelos grisalhos ligeiramente.
— Sim, sua sala. Mas por pouco tempo, *mein lieber.* Por pouco tempo.

Não há tempo para resposta. O velho Fritz sai arrastando sua perna e apoiado à sua bengala.

Meu choro arrebenta, e eu odeio estar vulnerável, odeio esse sentimento de impotência. Eu simplesmente deveria ignorar todas as palavras de Fritz, mas não posso, não consigo. Pego o telefone e ligo para a única pessoa capaz de me confortar um pouco nesse momento.

Alfredo.

Eu o abraço forte quando ele entra pela porta. O impacto de nossos corpos quase o faz perder o equilíbrio nas pernas, mas eu não me importo.

Preciso apenas descarregar toda minha angústia, todo esse peso nos meus ombros. Eu o abraço muito forte, e, assustado, Alfredo retribui aos poucos, questionando-me sobre o que aconteceu.

Entretanto, por alguns segundos, nada sou capaz de responder. Quero apenas atar-me a ele e deixar toda minha aflição se dissipar de mim.

— Amor, estou preocupado. Me diga o que houve. — murmura, amaciando meus cabelos, a voz suave, mas também trêmula.

Afasto-me dele apenas um pouco, o bastante para encontrar seus olhos azuis atônitos.

— Alfredo, você me acha uma interesseira?

Ele me fita nos olhos, perdido e confuso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não… Li. Absolutamente não. Por que essa pergunta?

— Seja sincero, Alfredo… Nunca me achou uma aproveitadora? Nem quando assumi a presidência porque você… você…

— Lívia, não! — ele me silencia, a voz firme. — Amor, eu nunca pensaria isso de você. Se está aqui hoje, foi por seu esforço…

Seu polegar vem de encontro aos meus olhos, secando as gotas teimosas ainda descendo. Eu o abraço mais uma vez, e mais uma vez Alfredo quer saber por que lhe fiz tal pergunta. Então, conto a ele sobre a vinda de Fritz e das suas insinuações.

— Foi tão… tão doloroso, Alfredo, ouvi-lo dizer aquelas coisas. Ele resumiu toda a minha luta para chegar aqui a um simples golpe de barriga.

Você sabe… não é?… eu sempre trabalhei e dei meu sangue por essa empresa. Comecei de baixo, como qualquer pessoa, eu… eu… — Minhas palavras falham. Dói-me somente em me lembrar de todas as coisas ditas injustamente pelo velho Fritz.

“Muito convenientemente você se tornou *uma Hauser!”*

— Velho maldito… — cicia, enraivecido, quase em transe.

Toma-me entre suas mãos, me induzindo a olhar diretamente dentro de sua íris azulada.

— Não dê atenção às palavras daquele velho, Li. Todos nós sabemos que seu sucesso é fruto do seu esforço. Prometa-me não dar mais ouvidos àquele velho ranzinza.

Balanço a cabeça vagarosamente em positivo. Ele tem razão. Não posso me deixar abater por apenas palavras. São só *palavras*, e não as deixarei me atingirem de forma alguma.

— Eu prometo… — suspiro, forçando um sorriso. — E obrigada por ter vindo. Eu precisava muito de você.

— Não tenho o que te desculpar, minha vida…

Alfredo inclina-se para mim e me beija profundamente. Seu beijo me faz olvidar

de qualquer aflição ou angústia, e toda minha necessidade agora é NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ele. Somente ele. Quero sentir cada centímetro da sua boca em mim, inspirar todo o perfume dos seus cabelos, tocar cada parte da superfície de sua pele macia. Deus, eu o amo, e como fui tola em pensar, algum dia, o contrário disto.

— Você vai mesmo chegar mais tarde hoje? — pergunto baixinho, afastando nossas bocas apenas um centímetro.

— Infelizmente, sim. — devolve, também sussurrando, e sem demora o conforto do toque de suas mãos está contra meu rosto, me permitindo ter uma sensação de segurança, amor e confiança.

— Tudo bem… Mas poderia me fazer companhia agora? Ou precisa voltar para o Avenue?

— Eu posso matar algumas horinhas do meu dia — ele diz, abrindo um sorriso jocoso em minha boca.

Atrás de si, Alfredo tranca a porta. Com um movimento brusco e sedutor, me traz mais para junto de seu corpo, e eu gargalho, contagiada e, diria até mesmo, excitada por ele. Outro beijo de tirar-me o fôlego acomete minha boca, e, quando percebo, estou com as pernas circundando sua cintura, e ele me leva até o sofá.

Ali, nós trocamos beijos, carinhos e palavras por algum tempo.

São 21h30min. E Alfredo ainda não chegou. Lara já está dormindo no berço, como um anjo, serena e calma. Ao seu lado, eu observo as bochechinhas rechonchudas, os cabelinhos finos, mas compridos e cor de mel, caindo sobre seu rostinho tranquilo. Uma manta cobre seu corpinho delicado, e, abraçada ao cachorrinho de pelúcia, seu Zack, ela dorme calmamente, alheia às preocupações mundanas. Deixo um beijo em sua testa, acendo o abajur e apago a luz do quarto. A porta fica entreaberta, não gosto de fechá-la totalmente.

Passo no quarto de Enzo. Duas batidas antes de entrar. Ele está deitado,
NACIONAIS-ACHEROM

fones no ouvido, um livro na mão. Ele me vê e para com sua atividade.

— Oi, mãe.

— Querido, já deveria estar dormindo.

— Posso terminar mais esse capítulo?

— Falta muito? Está tarde. Precisa descansar.

— Não. Só cinco páginas.

— Certo, termine e vá dormir. Não se esqueça de escovar os dentes. E

nada de ficar conversando até tarde no celular… com a Ana.

Ele me olha, surpreso. As bochechas se avermelham um pouco.

— Sei que outro dia vocês estavam se falando por mensagem. Sou sua mãe e te conheço. Me entendeu?

— Sim, mãe.

— Aliás, fez todos os seus deveres?

— Sim, estão na escrivaninha.

Adentro mais o quarto e confiro os trabalhos perto do computador.

— Certo. Termine isso aí e vá dormir.

Aproximo-me dele e deixo um beijo em sua bochecha. Ele também me beija. Desço para a sala. A demora de Alfredo está me deixando aflita, como nunca costumei ficar. Odeio não ter notícias dele, e minha mente perturbada começa a projetar coisas assustadoras.

Tento, de todas as maneiras, ignorar minha preocupação. Ele avisou sobre sua chegada tardia, então não há motivos para preocupações. Preparo uma taça de vinho, ligo o rádio em volume aprazível e me sento no sofá.

Quero esperar por ele. Apesar dos meus esforços, minha ansiedade é maior.

Por isso, ligo em seu celular. No entanto, ele não me atende. Tento mais algumas vezes; insucesso. Ligo, então, para Bernardo.

— *Olá, ma chère.* — atende, todo cordial e alegre.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Oi, Bernardo. Alfredo está perto de você? Quero falar com ele, mas não atende ao celular.

— *Crétin? Ele não está comigo. A última vez em que o vi fora quando encerrava o expediente, às dezoito.*

— Ele não tinha uma reunião com você hoje? — pergunto, ajeitando-me no sofá, estranhando sua resposta.

— *Non, não tínhamos uma reunião hoje. Ele te disse isso?*

Uma sensação esquisita atravessa o meu corpo. Alfredo mentiu pra mim.

— Sim… quero dizer. Estou me lembrando agora. Ele tinha uma reunião com outra pessoa, com alguém da Hauser, sobre a volta do tio dele…

Alguma coisa assim. Desculpe te incomodar. Deve ser o vinho.

Bernardo dá uma risada única.

— *Certo, chère, qualquer coisa, me telefone. Até mais.*

Seguro o telefone contra meu peito, ainda não acreditando que Alfredo mentiu pra mim. Ao mesmo tempo, tento entender o porquê de sua mentira.

Talvez, ele tenha se confundido, talvez a reunião com Bernardo seja só outro dia, ou talvez ele se confundiu e disse ter uma reunião com Bernardo quando queria dizer que tinha uma reunião com outra pessoa.

De qualquer maneira, eu me esforço para não criar paranoias e esperar pelo seu

retorno e ouvir a sua versão dos fatos. Degusto o vinho vagarosamente, minha cabeça insistindo em criar coisas sem sentido. Odeio essa sensação de ansiedade!

A porta se abre de repente, e Alfredo surge. A gravata está desengonçada, como se tivesse a tirado e a posto outra vez de qualquer maneira.

— Lívia? — Parece surpreso com minha presença na sala.

São dez da noite.

— Oi. Você demorou.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ah… me desculpe. Estava me esperando até agora?

— Sim. Como foi a reunião com Bernardo? — Jogo a isca.

Interiormente, rezo com todas as forças para Alfredo ser franco comigo.

Alfredo dá alguns passos para dentro, até se deitar no sofá, sobre minhas pernas. Ele abre um sorriso pequeno, olhando-me de baixo para cima.

— Foi boa. — Então eu sinto.

Cheiro de álcool. Cerveja, mais precisamente.

— Você bebeu?

— Um pouco. Estávamos lidando com planilhas, registros de caixa.

Essas coisas são um porre. Não se pode analisá-las sem uma boa garrafa de cerveja.

Uma pressão muito grande cresce em meu peito. Ele mentiu. Ele *está* mentindo. E isso me enfurece, me entristece, me deixa insegura. Quero gritar com esse cretino, exigir explicações para estar mentindo tão descaradamente.

Mas eu me contenho.

— E você veio dirigindo mesmo após ingerir álcool?

— Não, né, amor. — Balança a cabeça e brinca com uma mecha do meu cabelo. — Um funcionário do Avenue me trouxe, eu lhe dei uma boa gorjeta e paguei o táxi de volta.

— Ah… claro. — murmuro, sem saber o que dizer.

— Se acabou o seu interrogatório… pode me dar um beijo, agora?

Forço um sorriso e me inclino para beijá-lo. Não sei se é uma peça da minha cabeça, mas tenho uma leve impressão de sentir um cheiro de perfume diferente… É mais adocicado e suave que seus perfumes tradicionais. É

como se fosse… A ideia me deixa atônita. É como se fosse perfume feminino. Isso está me corroendo.

— Não me disse como foi seu café com o ex-namorado arquiteto.

— Foi bom. — digo-lhe, evasiva.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Estou dando o máximo de mim para me controlar. As mentiras dele, as chamadas não atendidas, o álcool, a gravata desengonçada, o perfume… o qual acho ter sentido, tudo isso me sugere algo nunca cogitado.

— Terá outros assim?

— Não, acho que não. Conversamos um pouco e só.

— Certo… — movimenta a cabeça em sinal de positivo. — Preciso de um café forte.

— Quer que eu te faça?

Estou surpresa com a minha calma. É o que mais preciso nesse momento. Talvez eu vasculhe seu celular, seus e-mails, talvez amanhã eu lhe pergunte sobre suas mentiras. Mas antes, eu preciso ver até onde Alfredo vai com suas mentiras.

— Não precisa — alega, se levantando com um pouco de dificuldade

—, eu mesmo faço. Está cansada do seu dia, não é?

Afirmo com um gesto.

— Você quer um também?

— Não, obrigada. Ah, Alfredo. Antes de eu me esquecer…

— Sim?

— Eu dei uma lida, amanhã quem sabe eu procure um cartório, mas acho ser possível você reconhecer o Enzo legalmente sem tirar o nome do Henrique. Dupla paternidade. A justiça está aceitando isso agora.

Por um instante, eu esqueço todas as minhas questões e desconfianças, e me atento aos olhos azuis refletindo um brilho intenso.

— Isso é sério?

— Sim, ouvi dizer. Deveríamos buscar mais informações, não acha?

Alfredo abre um sorriso eufórico, feliz.

— Eu não pedirei mais nada na minha vida se isso acontecesse… —

murmura, emocionado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

O álcool sempre o leva de um extremo ao outro. Ou fica muito emotivo ou muito enraivecido. Dou-lhe apenas um sorriso, e ele segue até a cozinha para preparar sue café.

O primeiro minuto é como a eternidade no inferno. Quero poder investigá-lo, invadir sua privacidade, vasculhar suas chamadas, seus e-mails, segui-lo… Deus, mas, ao mesmo tempo, quero enfrentá-lo, exigir uma explicação, simplesmente porque minha ansiedade é maior. Porque quero pressioná-lo contra

a parede e tirar dele toda a verdade.

Mas também, sei que preciso de cautela e de evidências suficientes para fazê-lo falar a verdade em vez de conseguir contornar a situação. Mas invadir sua privacidade parece algo tão errado…

Decido, então, ser necessário questioná-lo sobre a falsa reunião com Bernardo. Vou até a cozinha, atrás dele, mas paro subitamente ao ouvi-lo no telefone. É errado, mas escuto sua conversa:

— *Sim, acabei de chegar. Não, ela não desconfiou de nada, eu acho.*

Está agindo normal. — Pequena pausa. Olho rapidamente, ele está de costas para mim, perto da cafeteira, a cabeça abaixada, uma das mãos segurando o telefone contra o ouvido. — *Não se preocupe, não vou dar fora algum, estou um pouco bêbado, mas ciente das minhas ações. Lívia não vai saber. Sim, eu tenho certeza, estou garantindo que ela não descubra. Certo. Vou inventar alguma coisa para quando for viajar, em o quê…?Uns dois dias. Vou pedir à Victória pra fazer companhia a ela, vou ficar só um dia fora, mas não quero Lívia sozinha… Tudo bem. Combinado. Vou te pegar cedo para irmos. Ei, antes de desligar… Obrigado por estar comigo nesse momento. De verdade.*

A gente se conhece há tão pouco tempo e você têm sido uma ótima pessoa pra mim… Sim, eu sei, mas você entendeu o que eu quis dizer — Uma risada nervosa. — *Não achei que fosse te dizer isso um dia, mas eu… eu te amo e…*

Eu te amo.

Ele disse "*eu te amo"* para outra pessoa, para uma *mulher.*

Eu não fico para ouvir o restante da sua conversa. Saio dali e subo para o quarto, meu coração parecendo se quebrar lentamente para me machucar e me torturar. Alfredo mentiu, marcou um encontro com outra mulher…

Apesar de ouvir sua conversa, eu me recuso a acreditar nisso. Deito na cama
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

e cubro a cabeça, tento chorar baixinho, não quero que ele me veja assim.

E eu não sei o que fazer nesse momento. Simplesmente não sei. Alfredo entra no quarto.

— Li?

— Já estou deitada.

— Você me deixou sozinho lá embaixo.

— Desculpe, estou um pouco indisposta — respondo, sem nunca descobrir a cabeça ou olhar para ele.

— Vou tomar um banho e já me deito com você.

— Alfredo… quer transar? — pergunto de repente. Seco minhas lágrimas e olho pra ele, finalmente, evitando emitir toda minha raiva através dos meus olhos.

— Você disse…

— Podemos no chuveiro. O que é um pouco de sangue na água corrente?

Ele pestaneja, está indeciso.

— Amor, eu também estou cansado. — balbucia nas palavras.

Alfredo está negando *sexo*. Está há mais de dois meses sem transar comigo, e quando tem a oportunidade, simplesmente nega.

Cansado…? Ele está se aliviando com uma vagabunda qualquer, isso sim!

— Posso esperar até seu ciclo menstrual acabar. — Se aproxima de mim e me beija brevemente. Essa boca que, com toda certeza, está beijando outra.

Não lhe digo mais nada. Ele entra no banheiro.

Banho-me em lágrimas cogitando essa possibilidade. Ele está me traindo… E isso é inconcebível pra mim. Todas as suas juras e promessas de amor morreram na primeira provação… como eu sempre desconfiei que NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

morreriam. Não sei por que ainda estou surpresa com essa atitude de Alfredo… É típico dele. Seu amor (se existir) nunca será forte o suficiente nas horas difíceis. Ele me ama apenas quando estamos bem.

“A gente se conhece há tão pouco tempo e você tem sido uma ótima pessoa pra mim…”.

Suas palavras martelam em minha cabeça.

“A gente se conhece há tão pouco tempo...”.

Súbito, eu penso por um segundo. Não consigo pensar em outra pessoa que ele conheça *há tão pouco tempo.*

Angelina Savhoya.

Pego meu celular, as mãos trêmulas, visão turva, e digito uma mensagem.

Para: David Menezzes

Alfredo e Angelina estão transando.

Tenho quase certeza.

Por favor, David, se puder, descubra algo pra mim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

14

CONFRONTO

Lívia

— ELE NÃO ESTÁ TRAINDO VOCÊ — DAVID DIZ COM VEEMÊNCIA.

Estamos numa cafeteria, distante do centro da cidade. Pedi um chá de camomila, querendo acalmar meus nervos. Desde ontem, quando descobri as mentiras de Alfredo e depois de ouvir sua conversa pelo telefone — sabe-se lá com quem,

provavelmente com a oferecida da Angelina —, estou numa ansiedade fora do comum.

Sinto um medo aterrorizante de ele estar se envolvendo com outra mulher, *com ela*. E, pensando nessa possibilidade, praticamente obriguei David a não dizer nada sobre nos conhecermos e tentar descobrir alguma coisa, se os dois estão ou não se envolvendo. Apesar de achar uma tremenda loucura, ele aceitou e, depois de estar com Alfredo pela manhã, ligou-me para nos encontrarmos.

— Ele não te trai com a Angelina, nem com ninguém, Lívia.

Suspiro pesado, querendo acreditar nisso. Não sei como David pode ter tanta certeza. Desvio os olhos para o movimento na rua, depois, olho para meu chá e sorvo um gole. Talvez ele tenha razão, talvez seja apenas paranoia da minha cabeça. Mas, e se não for? Alfredo parecia estranho, mentiu, a sua conversa pelo telefone… a embriaguez, a gravata desarrumada, o ligeiro cheiro de perfume feminino.

Com tudo indicando uma traição, David afirma estoicamente não existir uma, nem com Angelina, nem com mulher alguma.

— Como pode ter certeza? — indago, bebendo mais um pouco do meu chá.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Bom, eu estive com ele, conversamos, e, Lívia, sinceramente, ele não me parece estar traindo você.

— Alfredo engana que é uma beleza… — murmuro, mais para mim do que para ele.

Odeio me lembrar do nosso passado, das coisas que aconteceram entre nós. Isso já passou, e deveria ficar para trás, fora das nossas vidas. No entanto, por algum motivo, lá estão as lembranças ruins me atormentando, me dando uma sensação incômoda de tristeza por tudo o que já houve entre a gente. Inspiro fundo e trago mais um pouco do chá.

Preciso me acalmar, pôr a cabeça no lugar, pensar no que realmente farei. Só não

quero ficar remoendo um passado com qual eu e ele já nos acertamos.

— Escute, Lívia — David prossegue —, Alfredo agiu normal, te fez mil e um elogios, ele *ama* você, e não duvido disso. Quanto a Angelina… ele até parece evitá-la, não lhe dá nenhum tipo de atenção especial. Também falei com ela, fui sutil, e acredite, eu trabalho com ela há pelo menos cinco anos, sei exatamente quando está se relacionando com alguém… e no momento, ela está sozinha. Não acho mesmo que ele esteja te traindo com Angelina, ou com qualquer outra pessoa.

— Então como você explica a ligação, ele dizendo *eu te amo* pra alguém, marcando de viajarem… Ele vai mentir pra mim de novo! Vai me inventar uma desculpa qualquer e vai viajar. David… eu não sei mais no que pensar ou acreditar.

Menezzes me dá um sorriso cansado e deixa seus ombros caírem. Sorve uma dose generosa de sua cafeína, limpa os lábios e então continua.

— Eu realmente não sei. Talvez você esteja interpretando as coisas de forma errada, Lívia. O melhor a se fazer nesse caso é sempre dialogar.

— Dialogar? — Quase cuspo as palavras. — Você quer que eu lhe diga

“Alfredo, acho que você está me traindo, mas vamos conversar. Chame sua amante para tomarmos um café e vamos conversar”.

Uma sonora gargalhada escapa de David.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não, não é bem assim. Mas você não tem certeza de nada, não é? —

Sem perceber, me vejo concordando. — Pois bem, você quer vasculhar a vida dele, invadir sua privacidade… Você pode descobrir algo terrível, como pode não descobrir nada. E toda sua desconfiança, sua invasão não vão te valer de nada… Pelo contrário, pode piorar sua situação com Alfredo. Não há nada pior numa relação do que a falta de confiança, Lívia. Como você se sentiria se Alfredo, desconfiado, invadisse sua privacidade?

Não preciso articular uma resposta, David sabe qual é. Eu me sentiria péssima, e por esse mesmo motivo também cogitei ser errado investigá-lo.

Mas, diante de todas as evidências e circunstâncias, volto a ponderar essa atitude paranoica.

— O que você sugere?

— Diga a ele que sabe das mentiras, da falsa reunião com Bernardo, da conversa ao telefone. Seja franca com ele, Lívia. E exija uma explicação

— Eu não sei… — cochicho, atordoada e indecisa. — Ele pode mentir mais.

— Você vai perceber se ele estiver mentindo, claro. Alfredo não espera que você saiba de tudo, e quando você o pressionar, logicamente ele ficará surpreso, e não terá como não demonstrar isso.

Balanço a cabeça vagarosamente. Baixo os olhos para meu chá. Ele não fez muito efeito. Continuo aflita e com os nervos à flor da pele.

— Se eu o pressionar contra a parede, e Alfredo ficar estranho, juro, David, não pensarei duas vezes em acessar seu e-mail, revirar o celular, segui-lo.

— Não posso te dizer para não fazer isso, mas tente conversar antes, de qualquer forma.

— Vou seguir seu conselho. E se ele… confessar…? Admitir a traição?

— Bom… a vida segue, não é? Peça o divórcio, ou o perdoe. Quanto a isso, só você pode decidir o que é melhor.

Abro um pequeno sorriso e termino meu chá. A conversa com David me fez bem, estranhamente. Por algum motivo vim até ele acreditando que NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

sairia daqui com minha cabeça mais paranoica, a ansiedade maior; esperava, realmente, ouvir David me dizer ter certeza da traição de Alfredo. No entanto, ele foi o total oposto.

Eu duvidaria desses conselhos se viessem de alguém próxima a Alfredo, como Bernardo, por exemplo, que seria capaz de encobri-lo, mas David mal o conhece, e, mesmo assim, parece estar convicto em sua inocência.

Pensando em seu conselho, volto para casa, quero tentar essa conversa com ele. Ensaio algumas formas sutis de abordá-lo. Não quero escândalo, nem confusão, apenas resolver isso da forma mais pacífica e civilizada possível, apesar de, interiormente, eu já me imaginar em lágrimas e batendo contra seu peito largo se ele me confessar estar com outra mulher ou eu descobrir.

Quando chego, ele está na cozinha, com as crianças, para variar tentando fazer Lara aquietar-se no cadeirão, enquanto Enzo está sentado na mesa, pés na cadeira, ensaiando algumas notas no violão. Alfredo me vê e vem até mim, recebendo-me com um beijo profundo, o mesmo beijo que me transmite todo seu amor… E, por um segundo, só por um segundo, eu me esqueço de todas as minhas indagações e desconfianças, me esqueço dos meus medos e ansiedade, e acredito apenas no amor desse homem por mim, porque nós já passamos por muita coisa para ele deixar de me amar, assim, do dia para a noite.

Enquanto retribuo ao seu beijo, eu me agarro fortemente a essa ideia.

Quero acreditar cegamente que o amor de Alfredo não acabará e será forte o suficiente para enfrentarmos essa fase juntos, e ele, como David disse, não está se envolvendo com mulher alguma, porque ele me ama o suficiente para deixar uma paixão passageira e boba destruir nosso amor, tão arduamente conquistado.

Nós passamos por muito, e nosso amor é forte. E eu quero acreditar nisso. Com todas as forças do meu coração, eu quero acreditar nisso.

Então, eu deixo minhas indagações de lado, vendo-o, agora, alimentar a pequena Lara, um sorriso enorme estampado nos lábios perfeitos, enquanto conversa com a filha adorada e brinca animadamente com ela; a felicidade emanando dele e de seus sedutores olhos azuis é tão genuína e contagiante…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Deus, me recuso a acreditar em Alfredo estar trocando toda a sua família por outra mulher, por apenas *sexo*…

Apesar de querer conversar com ele, eu adio esse momento. Adio porque não me vejo no direito de interromper o instante agradável entre nós, em torno da mesa. Alfredo quer saber do dia de Enzo, como foi a escola, as aulas de violão… E então ele segura minha mão, me acariciando como o céu, sorri para mim… há tanta sinceridade nele… e suavemente quer saber do meu dia, e ele me instiga a falar. Quer saber sobre as sessões com o psicólogo, se me sinto melhor, como tem sido a experiência pra mim. Depois, temos um momento brincadeira durante o lavar das louças, sinto-o me sufocar com seus grandes braços quentes quando estou na pia — ele seca e guarda os pratos —, seus lábios atrevidos e suculentos me beijam no pescoço, descendo para os ombros. Um pequeno sorriso de felicidade se manifesta em mim, sentindo o calor do seu corpo ao meu, sua boca gostosa em beijos atrevidos. E, mais uma vez, eu sinto todo seu amor passando para mim nesse simples gesto, tão corriqueiro, mas Alfredo consegue torná-lo a coisa mais importante e confortável do mundo. Um simples abraço, um simples beijo, mas quando sou abraçada , quando sou beijada por ele, deixa de ser algo simples. Seu amor por mim torna-se praticamente palpável.

— Eu te amo, Lívia… — sussurra, ao pé do meu ouvido, ainda atado a mim, seu abraço tão confortável e aconchegante, sua declaração soando tão sincera.

Viro-me para ele, correspondendo ao seu abraço, encaro-o nos olhos. E

eu não sei como posso cogitar ele estar me traindo. Alfredo está agindo normalmente, não está distante ou evasivo, ou carinhoso demais… Está apenas sendo ele mesmo.

— Eu também te amo, Alfredo. Eu não suportaria te perder, sabe disso, não é? — murmuro, olhando em seus olhos.

— Não vai me perder, Li. — Segura em minha mão e a beija. — Vou te amar para sempre e mais um dia, amor. Para sempre e mais um dia — cicia roucamente e me traz para outro beijo profundo e apaixonado.

Mais uma vez me vejo numa balança de indecisão, e a cada hora ela pende para um lado. O peso da desconfiança agora é menor. Como posso desconfiar de Alfredo depois destas palavras?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Talvez David tenha razão, talvez seja alguma paranoia da minha cabeça, ou tenha realmente interpretado tudo errado… Mas ao mesmo tempo em que quero acreditar ser tudo uma grande confusão, todas as evidências vem à tona, me atormentando, me corroendo em ansiedade e me confundindo… Sendo um peso para o lado da balança da dúvida, da insegurança e do temor.

Pomos as crianças para dormir, e Alfredo se deita do meu lado depois de um banho. Ele cheira a lavanda, um perfume tão suave e agradável, e deixa em êxtase. Sou levada a me deitar em seu peito desnudo, a pele macia e cheirosa, ainda meio molhada. Beijo-o na mama esquerda e o sinto me acariciar os cabelos; toco-o na tatuagem tribal em seu bíceps subindo pelo braço, o risco preenche uma parte de seu ombro e chega até a metade mama direita; sigo o caminho da tinta com a ponta do indicador, como gosto de fazer. O desenho o deixa tão sexy.

— Li… — ele me chama e me arranca do meu torpor. Olho para ele. —

Vou precisar viajar amanhã cedo, volto até o anoitecer. Eu chamo Victória para te fazer companhia quando chegar da Hauser?

Sinto a bílis subir pela minha garganta, dos meus olhos as lágrimas querem vir, mas não as permito. *Deus!* , ele está mentindo, está *mesmo* mentindo.

— Viagem de quê? — pergunto, e não quero ouvir mais mentiras.

Desejo fortemente que ele não minta e haja de verdade uma viagem marcada.

— Me chamaram para uma palestra num Congresso. Foi de última hora.

Ele me olha, sua mão continua me acarinhando amorosamente, um sorriso apaixonado riscado com perfeição.

— Posso ir com você? — indago baixinho e fecho os olhos.

Rogo a Deus para ele dizer sim. Não quero ouvi-lo inventando qualquer desculpa para minhas suspeitas aumentarem. Ele deve me dizer “*claro, amor”* para me deixar mais tranquila.

Um pequeno silêncio se faz entre nós. Alfredo pigarreia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ir comigo? Eu… Bem, Li, tem as crianças, Enzo não pode… não pode faltar no colégio, e… — ele balbucia nas palavras.

Afasto-me de seus braços e o encaro, as gotas tanto evitadas se manifestam timidamente:

— Está mentindo para mim… — não é uma pergunta.

— O quê? Não, amor. Não estou, eu só…

Balanço a cabeça devagar, me libertando subtilmente das minhas lágrimas e angústias.

— Está mentindo, eu sei, Frê… — digo, mas sem forças ou ânimo para dizer com raiva.

Alfredo me olha assustado, separa os lábios para dizer alguma coisa, mas o interrompo, pois continuo:

— Sei que não esteve em uma reunião com Bernardo, ontem. Eu liguei pra ele. Depois, sem querer, ouvi sua conversa na cozinha. Combinou de viajar com alguém, disse que iria inventar alguma desculpa para mim, e então você… — minhas palavras travam no meio do caminho, um enorme nó na minha garganta, uma dor angustiante no peito. As lágrimas rolam já sem cerimônia. Alfredo está me olhando, assustado —… você disse *eu te amo* para outra pessoa.

Limpo meus olhos, desembaçando a visão.

— Seja franco comigo, Alfredo Hauser, e me diga a verdade. Você está… está me traindo?

Primeiro, Alfredo me encara atordoado, os olhos azuis perturbados com minha declaração. No segundo seguinte, ele ri.

Uma alta e sonora risada escapa dele, me deixando confusa.

— Te traindo? Amor, de onde tirou isso? Eu não estou te traindo, Lívia.

— Mas… a sua embriaguez, as mentiras, o telefonema, sua gravata desengonçada, o cheiro de perfume feminino… Alfredo… eu…

Sou calada com um tocar macio de dois dedos em meus lábios.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você entendeu tudo errado. — sussurra, brando.

— Então me explique, antes que eu tenha uma crise de ansiedade. —

imploro, o nó ainda na minha garganta.

Alfredo me traz para mais perto dele, amaciando meus fios com seu toque singelo e prazeroso. Solta um longo suspiro antes de dizer:

— Era pra ser uma surpresa…

— O quê?

Então, Alfredo me conta toda a verdade.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

15

SURPRESA

Alfredo

QUANDO MEU EXPEDIENTE NO AVENUE ACABA, SIGO PARA O APARTAMENTO

DE HENRIQUE.

Na noite anterior, no jantar para recepcionar o velho Fritz, depois da comida, eu e ele estávamos em um canto, falando sobre essa volta repentina de nosso tio e das verdadeiras intenções dele por trás disso tudo. Enquanto levantávamos conjecturas, me foi impossível não observar Lívia, no outro extremo da sala, conversando com mamãe e Victória. Sua expressão era preocupada e tensa, e eu tinha a certeza de que o motivo era Fritz. Seu retorno tão súbito e sem explicação não era um bom sinal.

Quis afastar preocupações desnecessárias da minha cabeça e me concentrar apenas em suas palavras horas antes, em casa. Ela finalmente estava pronta para transar comigo. À primeira vista, a decisão parece estranha, visto que somos casados. E, por não ser nada extraordinário, eu não deveria me sentir ansioso para tal. Eu não estava somente ansioso, como queria fazer isso de forma diferente. Não gosto da ideia de Lívia pensar que é só sexo, porque com ela nunca é *somente* sexo. Eu queria um momento especial e só nosso, algo fora da rotina, do dia a dia, eu queria que, quando estivéssemos transando, ela tivesse ciência de todo meu amor. Eu queria que ela soubesse que estávamos *fazendo amor*, não apenas sexo.

Com isso em mente, comentei com Henrique que queria um lugar para passar uns dias com Lívia, sozinhos, talvez um ou dois dias longe, só nós dois, contudo, fiz minhas exigências: um lugar em especial, mas não clichê.

Ele me disse ter alguns *folders* de pousadas e hotéis em seu apartamento e eu poderia ir até lá para dar uma olhada, visitarmos os sites, fazermos algumas ligações.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Então, eu menti para Lívia. Inventei uma reunião com Bernardo. Eu não consegui encontrar motivos fortes o suficiente para lhe dizer que estaria com Henrique, e foi mais fácil falar de uma falsa reunião com Dousseau.

Henrique me recebe com algumas garrafas de cerveja, abre seu notebook sobre a mesa e espalha *folders* e revistas de viagem encontradas nas recepções da Hauser Alimentícia, juntamente com algumas que ele já tem.

— Você tem alguma coisa em mente? — ele me pergunta. Folheio uma revista

com sugestões de cidades turísticas. A gravata me aperta e me incomoda, por isso eu a afrouxo ao máximo.

— Não sei. Um lugar mais tranquilo e afastado. Mas ao mesmo tempo romântico, sabe? — Confiro alguns folhetos, dando um gole no gargalo da garrafa vez ou outra.

— Sei… — responde, evasivo, e começa a revirar o monte de papéis sobre a mesa, uma confusão de revistas, *folders*, cartões de visitas, recortes e guias turísticos. Deus, como ele pode guardar tanta tralha? — Tem um lugar… fui com Victória no ano passado. É incrível. — fala, ainda revirando o amontoado.

Bebo outro gole da minha cerveja e agora mudo minha atenção para o notebook. Abro a página de pesquisa e jogo algumas palavras-chaves. Eu quero fazer algo diferente, mas não tenho a mínima ideia do que ou de *como* fazer. Olho alguns sites, fotos e anúncios. São lugares extremamente bonitos, mas nenhum deles me interessa. Parecem mais do mesmo.

— Achei! — meu irmão se exalta.

Henrique segura um folheto cheio de marca de dobras e passa para mim. Olho para os anúncios, há, o que me parece, uma cabana de eucalipto, dois andares, uma chaminé de pedras brancas, uma varanda pequena fechada nas laterais por vidros, uma rede e uma cadeira de balanço… em torno, uma mata natural, bem ao estilo campestre. As imagens ainda mostram um lago, salão de jogos, restaurante, atividades ao ar livre, como arborismo, tirolesa, cavalgada, pesca esportiva… Há infinitas opções de escolha e lazer.

— Refúgio dos Sonhos… — leio o nome do lugar, escrito em *mono cursiva*. — É tipo uma pousada?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim, mas ao invés de apartamentos ou quartos, são chalés. Distantes um do outro, realmente para privacidade. O lugar é lindo, Alfredo. É

diferente o bastante pra você?

— Sim, realmente, pelas fotos, o lugar é magnífico. E um pouco de tranquilidade e ar das montanhas é tudo o que Li e eu precisamos.

Viro o folheto e procuro pelo site do lugar. Acesso o endereço eletrônico e estudo mais um pouco. Olho mais fotos, pacotes de diárias, avaliações de clientes. Descubro haver um *Residencial Refúgio dos Sonhos* e segue o mesmo estilo dos chalés, e fica a apenas quinze quilômetros da pousada e pertence ao mesmo dono. Henrique segue ao meu lado, tagarelando sua experiência com Victória no lugar. E, falando nela, ela irrompe pela porta, de repente. Carrega algumas sacolas e ainda veste um *dólmã.* A imagem me faz rir. Ela deixou o restaurante e se esqueceu de tirar o uniforme.

Meu irmão se levanta e vai ao seu encontro para recebê-la com um beijo e um abraço e lhe ajudar com as sacolas.

— Por que não me disse que tínhamos visitas, Henri? — ela o questiona olhando para mim. — Oi, Cretino. Cadê a Li?

— Oi, Vic — cumprimento-a, sorrindo, e trago outro gole da minha cerveja, agora, a segunda garrafa. — Está em casa. Não pode dizer a ela sobre eu estar aqui.

Victória olha para mim e para Henrique, exigindo uma explicação.

Contamos a ela sobre minhas intenções, sobre a cabana, e ela se anima e diz que o lugar é esplêndido.

— Então, decidido? — Henrique volta pra mim, enquanto Vic se retira para o quarto deles.

— Sim, mas quero ver esse lugar de perto… Talvez eu vá até lá.

— Não precisa, Alfredo… Eu garanto, o lugar é magnífico.

— Eu sei, mas… Gostei desse residencial. Quero visitá-lo e, se eu realmente gostar, e Lívia também, talvez eu compre um. Para passarmos os fins de semana.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Entendo — ele acena, olha por cima dos ombros, verificando se Victória não está por perto. — Eu estive pensando o mesmo, esses dias…

Mas, para outra finalidade.

Fito-o, sem entender. Henrique olha outra vez por cima dos ombros; constatando em estarmos sozinhos, retira uma caixinha de dentro do bolso de paletó e me mostra, um sorriso enorme se estampa em seu rosto.

— Vou pedir a Vic em casamento.

— Isso é sério? — Estou surpreso, mas, ao mesmo tempo, feliz por meu irmão.

— Sim, é muito sério. Não tenho mais dúvidas de que quero passar o resto da vida com Victória. E eu quero fazer isso da forma certa. Sabe como sou ortodoxo, não sabe?

— Eu sei, é claro. E fico feliz por você, Henrique. De verdade.

Parabéns! — digo-lhe, e lhe dou um abraço fraternal.

— Quero você e Li como meus padrinhos.

— Sem dúvidas, irmão.

— Não diga nada à Lívia, ainda. Farei o pedido informal primeiro, e quando eu tiver o sim dela, vou oferecer um jantar de noivado.

— Como você quiser.

Victória surge novamente, e Henrique se apressa em guardar a caixinha de veludo. Ela vem até ele com dois fracos de perfume, os cabelos estão molhados, indicando ter tomado banho.

— Qual deles você mais gosta? — pergunta-lhe, esborrifando um pouco de cada em cada punho dele. Henrique faz sua escolha. — Tem certeza?

— Sim. Por quê, Vic?

— Uma amiga está vendendo. Quero o que mais te agrada. — responde com um sorriso enigmático.

Isso me faz revirar os olhos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Como isso é ridículo — resmungo para provocá-la.

Em resposta, ela me dá um chute na canela e espirra o perfume em mim. Nós três temos um momento de risada, e Vic me convida para ficar e jantar. Eu aceito, e, abrindo mais garrafas de cerveja, continuo com meu irmão na sala, jogando conversa fora e acertando os detalhes para minha surpresa para Lívia, inclusive, faço as reservas. Eu fico na companhia deles por mais um tempo, sem me dar conta do avançar das horas e sem me atentar ao celular em modo vibra. É um momento raro com meu irmão, mas me agrada, e até me sinto estranho e desconfortável. Somos próximos há pouco tempo, é como se, apesar de sermos irmãos e nos conhecermos desde sempre, nos conhecêssemos há pouco, e que também fossemos melhores amigos.

Quando me lembro das horas, se passam das nove e estou levemente bêbado. Chamo um funcionário do Avenue para me levar embora, porque Henrique também não tem condições. Já em casa, eu preciso de um café.

Henrique me liga para saber se eu já cheguei e garantir que eu, bêbado, não estrague a surpresa.

— *Você já chegou em casa? Lívia desconfiou da sua demora?*

— Sim, acabei de chegar. Não, ela não desconfiou de nada, eu acho.

Está agindo normal . — Faço um pequeno malabarismo para segurar o celular com os ombros e fazer meu café.

— *Tome cuidado para não dar um fora e contar a ela. Está bêbado.*

— Não se preocupe, não vou dar fora algum, estou um pouco bêbado, mas ciente das minhas ações. Lívia não vai saber .

— *Tem certeza? Você também fala dormindo.* — Reviro os olhos. Eu não falo dormindo, não mais.

— Sim, eu tenho certeza, estou garantindo que ela não descubra.

— OK. Precisa dizer à Lívia alguma coisa para justificar a sua viagem. Já decidiu quando vamos?

— Certo. Vou inventar alguma coisa para quando for viajar, em o quê…? Uns dois dias. Vou pedir à Victória pra fazer companhia a ela, vou ficar só um dia fora, mas não quero Lívia sozinha…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vou falar com Vic, ela não vai negar. Então, combinado?

— Tudo bem. Combinado. Vou te pegar cedo para irmos.

— Certo, te espero. Até amanhã…

— Ei, antes de desligar… Obrigado por estar comigo nesse momento.

De verdade. A gente se conhece há tão pouco tempo e você tem sido uma ótima pessoa pra mim…

— Alfredo, somos irmãos. Nos conhecemos desde sempre.

— Sim, eu sei, mas você entendeu o que eu quis dizer — Solto uma risada nervosa. Não nos conhecemos há pouco tempo literalmente, mas a nossa reaproximação e a convivência fraternal ocorreu de dois anos para cá.

Até então, éramos como dois desconhecidos, por mais de trinta anos compartilhamos do mesmo sangue, mas não do mesmo amor. Hoje, eu posso dizer que essa relação mudou, e eu sei, sei do meu amor por meu irmão. —

Não achei que fosse te dizer isso um dia, mas eu… eu te amo e… — inspiro fundo, fazendo uma pausa. — Henrique, me perdoe por ter sido um babaca por tanto tempo.

Há um pequeno silêncio entre nós.

— Isso são águas passadas, Alfredo. Eu também te amo. Agora, vá dormir e

ficar com a sua mulher.

Em um raro momento, eu não contrario meu irmão.

No dia seguinte, pela manhã, eu preciso ir até a nova filial do Avenue.

As obras estão caminhando satisfatoriamente e, para nos adequarmos ao projeto feito por *Menezzes & Savhoya,* foi preciso algumas mudanças e adaptações do espaço. Quando chego, Angelina e David estão acompanhando o caminhar do projeto. E isso me agrada, gosto do comprometimento deles com o projeto e de sempre estarem presentes, se certificando de tudo estar saindo como o traçado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Fico na presença deles por alguns minutos, ouvindo-os me detalharem o andamento das obras, do que já foi feito e do que ainda precisa fazer. Como sempre, eu evito a proximidade com Angelina, não quero lhe dar alguma ilusão de poder haver algo entre a gente, porque não há a mínima possibilidade de isso acontecer, e converso com ela somente o necessário.

Mais tarde, eu sigo para a Fundação, passo pouco tempo lá, apenas o suficiente para me certificar se tudo está em ordem, e sigo novamente para o café. Pouco antes do almoço, recebo David, ele veio me trazer um relatório do andamento do projeto, apesar de ele já me ter relatado horas antes. De qualquer maneira, mostrarei a Bernardo, que também precisa estar ciente.

— Gosto desse método que vocês trabalham — digo, analisando os papéis. — São comprometidos e competentes… me agrada.

— Nós gostamos de deixar nossos clientes sempre a par de tudo. A ideia é realmente envolvê-los e criarmos um vínculo, sermos além de apenas contratado e contratante. Somos transparentes quanto a isso.

— Por isso podem contar sempre com a minha indicação. Aliás… —

olho no calendário. — Preciso te fazer uma transferência essa semana, não é?

— Ah, que isso, Alfredo… Espere até o fim das obras.

— Combinado não sai caro, David — pontuo, já acessando meu *Internet Banking*. — Farei a transferência de uma parte do valor, como foi combinado.

— Como quiser, mas não se incomode.

— Não é incômodo algum…

— São seus filhos? — pergunta, apontando para os retratos atrás de mim.

Viro-me na direção indicada. A foto a qual ele me pergunta é uma de Enzo com Lara . Ele está sentado no gramado de casa; e a irmãzinha, entre suas pernas; os dois riem delirantemente. Este dia foi um dia feliz. Era o primeiro aniversário de Lara, a foto foi batida enquanto arrumávamos tudo para a festividade.

— Sim, são os meus filhos. Enzo e Lara.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— É uma bela família… É casado com a mãe deles? — Seu questionamento me deixa curioso.

— Sou. Por quê?

— Curiosidade. Saí de um casamento há alguns meses, sem filhos. Às vezes, eu gosto de ouvir experiências de outras pessoas.

— Entendo… — murmuro e olho para uma foto de Lívia sobre a minha mesa.
— Por que se divorciou?

— O casamento caiu na rotina. E fomos precipitados. — Ele encolhe os ombros.
— Nos casamos quando não tínhamos três meses que nos conhecíamos.

— Bom… não acho que isso seja motivo. Eu me lembro de querer me casar com Lívia no segundo mês de namoro. E eu só não fiz porque… —

paro um instante, refletindo nas palavras. A história é longa demais, íntima demais. — Aconteceram algumas coisas. Enfim… eu amo minha esposa, e não precisei namorá-la anos para ter certeza disso. Eu a amo, e a amarei até meu

último suspiro. Ela é uma mulher extraordinária, eu me apaixono por Lívia todos os dias.

David me encara, emudecido, talvez eu tenha soado extremamente patético, mas não dou importância a isso. Eu quero mais que as pessoas saibam do meu amor pela minha esposa, pela minha família, que saibam da minha mudança de vida, de personalidade e de comportamento. Lívia foi a responsável por me moldar, me tornar um homem melhor, e eu jamais poderia sentir vergonha disso.

Termino a transferência e imprimo o comprovante.

— Você tem razão… — David diz, de repente. — Meu casamento com Emilly não deu certo, e não foi porque nos precipitamos. Foi porque nunca nos amamos de verdade.

— Sim, talvez seja isso.

Abro um sorriso sucinto. David me agradece por recebê-lo e então se vai.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

***

Eu abraço Lívia depois de lhe explicar toda a confusão. Seu perfume adocicado e suave preenche meu nariz, me extasiando da maneira como só ela é capaz. *Deus*, eu a amo muito e odeio pensar na ideia de perdê-la, de tê-la longe de mim. Afago seus cabelos delicadamente, enquanto ela me aperta forte contra seu peito, algumas tímidas lágrimas rolam pelo seu rosto. Ela está angustiada. E, confesso, me doeu levemente quando Lívia acreditou que eu estava a traindo. Eu tenho me dedicado a esse casamento, não somente desde o assalto, mas desde quando nos casamos. Sempre demonstrei meu amor, toda minha feição — às vezes, admito, fui descuidado —, mas ela *sempre* esteve ciente do meu amor incondicional.

No entanto, quem poderia culpá-la? E a agradeço mentalmente por preferir conversar comigo a ter agido precipitadamente, armado um escândalo e me acusado injustamente.

— Está mais calma, amor? — indago, ela em meus braços, estamos deitados.

— Sim… e, *oh*, Deus, me perdoe por ter pensado isso de você, Alfredo… eu estava…

Beijo-a profundamente, impedindo-a de continuar. Não quero ouvir mais nada, nenhuma explicação. Nos entendemos, isso pra mim basta. Estou cansado de sempre permitir que as coisas interfiram entre nós.

— Está tudo bem. Mas você estragou a surpresa.

Ela ri, sua boca rente à minha. Acaricia-me amorosamente no rosto, sue toque brando e confortante.

— Tecnicamente, foi você quem estragou. Não combinou com Bernardo e mentiu muito mal. Já mentiu melhor, sabia?

Acompanho-a na risada. Aproximo-me mais do seu corpo, trazendo-a para meu peito.

— Estou perdendo a prática.

— Ainda bem… — cicia, sua palma escorregando livre pela minha NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

pele.

Seu toque me excita, me deixa ébrio e enérgico.

— Sim, ainda bem. — concordo, acariciando seus cabelos.

— Então, que lugar é esse em que vai me levar?

— Ah, Lívia, não vou realmente dizer… Promete ter paciência e esperar? Fiz nossas reservas para o começo da próxima semana.

— Por que não um fim de semana? Alfredo, eu tenho compromissos, e você também.

— Primeiro, os fins de semana são mais agitados, a procura é maior.

Quero um pouco mais de sossego e tranquilidade pra nós dois. Segundo, se lembra de ter me pedido para não nos preocuparmos com compromissos e aproveitarmos um ao outro?

Lívia abre um sorriso curto — mas grande o suficiente para balançar meu coração. Ela se estica para alcançar meus lábios e beija-me com ardor, seus dedos longos se enveredando em meus cabelos. Ela sabe — a megera sabe! — que gosto dessa sua carícia, dos seus dedos se fechando contra meus fios, puxando-os com a delicadeza. Lívia me conhece mais do que eu mesmo me conheço, e não há nada que ela não saiba sobre mim. Ela conhece o meu eu mais profundo, os meus desejos mais secretos, cada canto da minha alma, meus erros e acertos, ela conhece todos os meus defeitos e também minhas qualidades.

Ela sabe muito a meu respeito.

Mas só há uma coisa que Lívia precisa saber sobre mim: que eu a amo.

Que sinceramente eu a amo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

16

LEMBRANÇAS

Lívia

ACORDO VAGAROSAMENTE, NO MEIO DA ESCURIDÃO.

Ainda é madrugada, o alvorecer está longe. Não sinto Alfredo do meu lado e estranho sua ausência. Acendo o abajur somente para confirmar que ele não está deitado. Procuro pelas horas. São duas e meia da manhã.

Levanto-me e me enrolo em um roupão. Saio pé por pé até alcançar o corredor submerso à meia-luz. Passo no quarto de Enzo, ele dorme desajeitado, de bruços e descoberto, apenas com uma bermuda de algodão.

Enquanto adentro o quarto e o cubro outra vez, reparo em como Enzo espichou

de dois anos para cá. Não é mais o garotinho pequeno e travesso, hiperativo e engraçado. Já com quase quatorze anos, está se tornando um homem, cresceu consideravelmente na estatura e no amadurecimento, ainda é agitado e enérgico, e, olhando agora para ele, sinto falta de sua inocência infantil. Sinto falta do meu menininho.

Deposito um beijo amoroso e materno em suas madeixas escorridas, apago a luz e fecho a porta. Paro no quarto ao lado, no quarto de Lara, e ela também dorme, mas está coberta, a chupeta na boca a deixa tranquila e em sono profundo. Confiro sua fralda; está seca. Beijo-a também, amacio seus cabelinhos e a deixo descansar.

Torno a caminhar pelo corredor, em direção às escadas, de onde, posso ver agora, um pequeno feixe de luz quebra a escuridão do andar de cima.

Desço as escadas, vejo Alfredo na sala, sentado no sofá, está apenas com calças de algodão, os músculos rijos e longos à mostra o deixam sexy sob a luz fraca do cômodo. Na mesinha de centro há uma taça *bourdeaux* com vinho em ¼.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

De pernas cruzadas, e sorrisinho curto curvado nos lábios, Alfredo está olhando alguns álbuns de fotos, a expressão feliz e nostálgica, enquanto, baixinho, *The Zoo*, da sua banda favorita, preenche agradavelmente o ambiente.

♬ We eat the night, we drink the time

Make our dreams come true

And hungry eyes are passing by

On streets we call the zoo ♪

— Frê…? — murmuro, e ele levanta os intensos e encantadores olhos azuis em minha direção. — O que está fazendo fora da cama? — indago, chegando até ele.

Ele me puxa pelo punho, fazendo-me sentar em seu colo.

— Acordei com Lara chorando. Levantei para ver o que era. Troquei a fralda e lhe dei de mamar. Fiquei com ela até ela dormir. Depois disso tudo, acabei perdendo o sono.

— Por que não me chamou? — inquiro, acariciando seu rosto preenchido de barba. — Sou eu quem está de plantão essa semana, se lembra?

— Você não acordou com o choro dela, deduzi que estava cansada.

Quis te deixar descansar.

— Você é um fofo. — cicio, beijando-o suavemente. — O que está fazendo aí?
— Olho para os álbuns de fotos. Um deles é o do nosso casamento.

— Bem… como fiquei sem sono, peguei algumas fotos e estava olhando, gosto de me lembrar dos momentos bons. Me faz bem.

Pego o álbum do nosso casamento, saio do seu colo, sentando-me do
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

seu lado, e apoio a cabeça em seu ombro. No mesmo instante, sinto sua mão me acariciar nos cabelos, e o ato me proporciona uma sensação boa — como sempre. Eu gosto dessas carícias, dessas sensações que seus dedos me propiciam. É um misto de conforto, de segurança, bem-estar…

Folheio as primeiras fotos, que não são do casamento exatamente. São alguns ensaios que Alfredo e eu fizemos um dia antes. Há uma série, é a minha preferida. Estava usando um *cropped* branco de cetim, deixando minha barriga gestacional — na época de 15 semanas — à mostra. A elevação era pequena, quase imperceptível. Numa delas, Alfredo está me abraçando por trás, suas mãos grandes repousam sobre minha barriga, e as minhas repousam sobre as suas. Em outra, ele está agachado, um dos joelhos toca o chão, e ele beija minha barriga. Numa terceira, ele está com seu sorriso cretino na boca, segurando uma plaquinha “*Bebê a bordo”* , e numa quarta, Alfredo está desenhando um coração em minha pele usando um batom.

— Sabe qual a minha preferida? — ele me pergunta, beijando meu ombro.

— Sei. — respondo, abrindo um pequeno sorriso. — É esta. — E

aponto para a foto.

Por algum motivo, ela também é a minha preferida. Na foto em questão, estou apenas com uma calcinha branca, sem sutiã, e Alfredo, atrás de mim, está apenas de calça jeans preta, tapando meus seios com suas mãos.

Ele sorri feito um canalha, o mesmo sorrisinho safado de canto, os cabelos desgrenhados jogados de lado, os olhos azuis emitem uma mistura de felicidade e lascívia.

— Eu fiquei excitado nessa foto, você sabe, não sabe?

Solto uma sonora gargalhada, sequer me importando com as horas tardias, e balanço a cabeça em afirmativo, quase podendo me recordar de sua ereção na minha coluna.

— Você é um safado… — passo as fotos, ainda as olhando. Alfredo tem razão: recordar momentos bons faz bem.

— Sou um safado que te ama.

Olho para ele, ele me olha apaixonadamente, sua mão acariciando meu
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

rosto, meus cabelos.

— Como está a nossa viagem? — sussurro, atenta aos seus lábios.

— Tudo em ordem. Ontem fui até lá com Henrique visitar o lugar… é lindo. Tenho certeza, você vai adorar.

— E as crianças?

— Enzo ficará com Henrique, e Lara, com seus pais. Já está tudo certo, querida.

— Também já desmarquei meus compromissos. Estou curiosa por saber para onde irá me levar.

— Se contenha, senhora Hauser — rebate, inalando fundo meu cheiro do pescoço, depois, descendo beijos molhados até minha clavícula. — Só mais dois dias.

— Certo — sussurro e o afasto de mim. — Mas quem precisa se conter é você, seu pervertido.

Alfredo ri exageradamente, e tornamos olhar as fotos. E a cada uma delas, eu sinto em meu âmago uma emoção completamente boa e diferente. É

como se eu pudesse sentir todo meu amor correndo em minhas veias. Gosto da lembrança do meu casamento, de Alfredo segurando minhas duas mãos —

como uma das fotos mostra —, o olhar apaixonado, e então um beijo inocente na testa; ou o momento em que trocamos as alianças, ou nosso beijo depois de oficialmente casados, ou durante a festa, quando dançamos juntos, ou quando joguei o buquê — Victória quem pegou, ressalto —, ou dos nossos amigos e familiares conosco, nos abraçando.

Cada foto traz uma lembrança diferente, uma sensação diferente, mas um sentimento de felicidade estupidamente bom como há dias eu não sentia.

Pela primeira vez desde tudo eu me sinto realmente *feliz,* de forma completa.

Sem restrições ou indagações. E isso me faz bem, de certa forma.

Ficamos algum tempo olhando os álbuns, rimos com as lembranças, e Alfredo sempre me rouba um beijo quando encontra oportunidade para tal.

— Vamos voltar para a cama? — digo, um tempo depois. Estou com sono, e as horas avançam para perto das quatro da manhã.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo concorda e se levanta, me pegando em seus braços fortes. Um grunhido estridente de surpresa escapa de mim, rindo como uma boba com a atitude dele.

— Alfredo!

— Vamos voltar para nosso quarto, senhora Hauser. — declara, apagando a luz e desligando o som com o controle remoto.

— Eu consigo andar, sabia? — digo-lhe baixo, repousando a cabeça em seu ombro.

— É para você acostumar.

— Acostumar com o quê? — indago, curiosa.

Ele sorri maliciosamente, os olhos enigmáticos.

— Para depois de voltarmos da viagem. Ficará uns dias sem andar… e sem se sentar, também.

— Oh, meu Deus! — exclamo, rindo demasiadamente, quase tendo um espasmo. — Você não vale nada, Alfredo!

— Vou fazer amor com você até esquecer o meu nome… — sussurra, rouco, mordendo meu lábio inferior, a respiração quente contra o meu rosto, curta e irregular, cheirando a vinho, chiando dentro do peito. — Porra, Lívia, eu estou louco pra entrar em você…

— Quer fazer agora…?

— Não… — responde de pronto, quase autoritário, praticamente sem fôlego de subir as escadas. — Vamos esperar… quero que seja especial.

Sorrio um pouco com seu zelo e palavras e não o respondo. Apenas o beijo ternamente. Sem dificuldade, ele abre a porta, entra no quarto e me deita na cama, vindo logo ao meu lado e me puxando para seu tórax. O calor do seu corpo passa para mim e me conforta.

— Como vamos viajar… — ele quebra o silêncio de repente — vou trabalhar amanhã no Avenue. Não gosto de trabalhar aos fins de semana, mas… Bernardo é um inútil, você sabe. Preciso deixar tudo em ordem.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Rio um pouco pelo seu tratamento com o melhor amigo.

— Tudo bem, querido…

Ele me beija pela última vez, deseja-me boa-noite e então pegamos juntos no sono.

***

— E então, como foi com Alfredo? — David me pergunta, bebendo seu café e me olhando por cima da xícara.

Estamos na mesma cafeteria que nos vimos nas outras vezes. Ele me enviou uma mensagem pela manhã, querendo saber como havia sido a conversa com Alfredo. E eu pedi para nos vermos aqui, para lhe agradecer pessoalmente.

— Foi tudo uma grande confusão. — digo, suspirando de alívio e também de vergonha. Olho para Lara, no assento elevado com uma mamadeira de suco nas mãos. Limpo sua boquinha suja e ajeito o babador no peito — já quase saindo.

— Sério?

— Sim. Segui seu conselho, conversei com ele primeiro. O cretino mentiu pra

mim, mas foi por uma boa causa. Está planejando uma viagem para nós; e a pessoa ao telefone era o irmão dele, que estava o ajudando.

David Menezzes ri e apoia sua xícara ao pires.

— Então foi tudo uma paranoia da sua cabeça?

— Pois é. E te agradeço por ter me aconselhado a conversar com ele antes de tudo. Eu nem sei o que seria de mim se fizesse um escândalo, se invadisse a privacidade dele e descobrisse ser tudo uma grande má interpretação dos fatos.

— Tudo bem, não precisa me agradecer. Fico feliz por ter sido útil para alguma coisa. Fico feliz por vocês.

— Tem mais uma coisa que quero te pedir.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Claro.

— Pode ainda não dizer nada a Alfredo sobre nos conhecermos? —

peço, e David me encara, desaprovando meu pedido com seus olhos.

— Lívia…

— Eu mesma quero contar a ele, mas… mas não até as obras na Avenue acabarem.

— Por quê?

— Quero que fique de olho em Angelina pra mim.

David umedece os lábios e desvia o olhar. Ele sente o peso do meu pedido. E eu também sei, não é o pedido mais correto e honesto do mundo.

Eu confio em Alfredo — pelo menos, eu acho —, mas eu não confio nela.

— Eu não sei. Não é certo. — Ele reluta em me atender. — Lívia, precisa confiar

no seu marido. Ele já provou seu valor, não?

— Eu sei, mas, por favor, David. Angelina está interessada nele, e os dois passam um bom tempo juntos. Tenho medo… medo de ela ser uma dessas mulheres paranoicas, tenho medo de ela armar alguma coisa para nós e…

— Cabe a você não acreditar nas coisas que ela disser ou fizer, então —

David me interrompe. — E não acho que ela seja esse tipo de mulher…

Lívia. Precisa deixar suas preocupações de lado.

Inspiro profundamente. David tem a maldita da razão, mas mesmo sabendo disso eu não consigo para com a ideia absurda de lhe pedir para vigiá-los para mim.

— Só até as obras acabarem. — digo, mais uma vez, quase suplicando.

— Só precisa prestar atenção quando os dois estiverem juntos, no modo como ela se comporta perto dele, se ela é a mesma depois que ele se vai… Se ele age normalmente perto dela.

— Lívia, escute, eu já presenciei os dois juntos, e já te disse: Alfredo até a evita.

— Eu sei, Dave… Mas isso foi *uma vez*, e isso não me dá certeza de
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

nada.

— Não confia nele? — pergunta incrédulo. — Lívia, não confia no seu próprio marido?

Envergonhada, com a resposta entalada na minha garganta, abaixo o olhar para minha xícara de café expresso com leite. E eu não sei como articular as palavras.

— Escute… — murmurejo — eu tenho motivos para não confiar nele cem por cento, não enquanto essa mulher estiver por perto. E eu sei, parece errado e paranoico, mas eu… eu o amo demais e me aterroriza a ideia de ele me deixar outra vez… Principalmente por causa dessa fase por qual estamos passando.

David, você me entenderia se tivesse vivido o que eu vivi com ele.

— Você precisa deixar o passado no passado. Não pode basear toda sua vida no agora pensando em como ele agiu antes. Precisa dar uma chance a ele.

— Eu cansei de dar chances ao Alfredo. Ele desperdiçou todas elas.

David, eu imploro… não precisa se transformar num espião… Só fique de olho neles pra mim.

— Isso não é certo — declara, deixando algumas notas no balcão, parece irritado. — E eu não concordo com isso. Desculpe, Lívia, mas eu não posso. Não posso entrar nisso.

Ele se levanta, beija Lara na bochecha, se despede, é quase inaudível, e se vai. Por algum tempo, eu fico no meu lugar, pensando nas bobagens que eu disse, em como minha desconfiança é sem base alguma. Menezzes tem razão. Até quando vou deixar meu passado com Alfredo ditar nossas ações do presente e do futuro?

De volta à minha casa, eu mando uma mensagem em seu celular, me desculpando por tentar envolvê-lo nessa insanidade. Na mensagem, eu ainda peço para ele não comentar nada com Alfredo sobre nós. Eu mesma quero fazer isso. Ele responde mais tarde:

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

De: David Menezzes

Não se preocupe, está tudo bem.

Não falarei nada para ele. Mas, por favor, não me envolva nisso mais do

que o necessário. Conte o mais rápido possível. Se cuide.

***

Alfredo põe duas malas no porta-malas. Ficaremos longe dois dias, num lugar que ainda para mim é um mistério. Enzo está com Henrique desde o fim de

semana, e sua estadia na casa do pai se estenderá até quando retornarmos. Meus pais já vieram buscar Lara, e a mala dela foi maior do que a minha e a de Alfredo juntas: roupas para dois dias e extras, fórmula, leite em pó, vitamina, brinquedos, fraldas, lenços umedecidos, fraldas de pano, babadores…

A ideia de deixar meus bebês para trás aperta um pouco meu coração.

Mas sei como Alfredo e eu precisamos desse tempo só nosso. Além do mais, estarei em contato com meus pais e Henrique o tempo todo para saber deles.

— Está pronta, amor? — Alfredo pergunta, fechando com força a porta.

Volta-se para mim e precisa de apenas um passo longo para me alcançar e estar perto o suficiente para me envolver em seus braços.

— Sim, estou ansiosa. Por que não me conta logo aonde vamos?

— É surpresa, eu já disse. Não seja insistente — ele reafirma, dando um peteleco em meu nariz.

— Certo… e você tem certeza de que é seguro dirigir à noite? Está bem descansado? Disposto? O carro está ordem… Mandou fazer um *chekc-up* geral? A viagem é longa e…

— Li, eu já tomei conta de tudo. A viagem vai durar só três horas.

Vamos chegar antes das vinte e duas.

— OK.

— Certo, então, vamos?

— Só mais uma coisa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim?

— A estrada é segura?

— Segura em que sentido?

— Em todos… A via, o trânsito — faço uma pequena pausa — as pessoas…

Alfredo suspira um pouco. Me segura pelo rosto com suas mãos macias e faz-me olhar dentro dos seus olhos.

— Eu queria te dizer que sim… Mas essas condições são improváveis e imprevisíveis em qualquer lugar. Mas em geral… é uma estrada segura.

— Certo… — murmuro, tentando afastar o medo bobo da minha cabeça.

Tento me recordar das sessões com Luís e dos exercícios de “fuga”

necessários para sempre quando esse medo irracional me acometer.

Estamos prestes a entrar no carro e partir quando o interfone da portaria toca. O porteiro de plantão anuncia a visita de dona Carmen, e Alfredo e eu estranhamos sua chegada repentina, pois ela sabe da nossa viagem.

Aguardamos até sua entrada, ela vem num carro guiado por Tarciso. Assim que desce do carro, vamos ao seu encontro rapidamente, Alfredo está preocupado.

— Mãe… aconteceu alguma coisa? — pergunta enquanto a abraça em forma de cumprimento.

— Aconteceu… — responde, o tom de voz cansado.

Prevejo serem más notícias.

— O que é? — minha indagação sai no mesmo instante.

Carmen olha para mim, parece compadecida e também preocupada.

— Não podem viajar agora.

— Mãe, diga logo o que aconteceu — Alfredo intervém, ele também sentiu a urgência em Carmen.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Fritz reuniu o Conselho. — Ela faz uma pausa breve, então olha para mim, os olhos pesarosos. — Ele quer te tirar da Presidência, Lívia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

17

O CONSELHO

Alfredo

O CONSELHO É UM CORPO DENTRO DA HAUSER ALIMENTÍCIA.

Esse corpo reúne os dez maiores acionistas da empresa. É encabeçado por minha mãe — a atual maior acionista —, seguido de Fritz (a vida toda ausente e representado apenas por um advogado de sua escolha), Hélio e demais sócios. Normalmente, o Presidente da companhia obtém poder suficiente para decidir sobre o rumo da empresa; no entanto, o Conselho é reunido para tomar alguma decisão importante — que às vezes o Presidente não pode tomar sozinho.

Agora, na grande sala, em volta de uma mesa oval de vidro, homens e mulheres bem-vestidos estão aguardando a chegada de Fritz. Lívia está sentada ao lado de minha mãe, na ponta da mesa. Minha viagem com ela foi frustrada, e Lívia teve uma noite turbulenta. Demorou a pegar no sono, ansiosa e irritada com essa intromissão de Fritz nas nossas vidas.

E eu a entendo. Andando de um lado a outro na sala, eu mesmo estou precisando me segurar para, quando esse velho Hauser surgir pela porta, eu não lhe dar um pontapé tão forte capaz de mandá-lo de volta à Alemanha numa viagem sem escalas!

E como se eu tivesse invocado um demônio, o velho irrompe porta adentro, uma das pernas é arrastada, uma mulher o auxiliando nos passos. Eu dou um passo à frente, furioso, quase incontrolável, já me vendo tirando satisfações com esse velho raquítico. Contudo, mamãe pronuncia meu nome advertidamente, sendo capaz de me conter. Fritz debocha de mim com seus lábios enrugados e curvos

num sorrisinho.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Por que não se senta, Alfredo, para conversarmos com mais calma?

— Estou ótimo em pé, Fritz — respondo. — Por que *você* não diz logo a porr… — paro instantaneamente e escolho melhor minhas palavras — o que você quer.

O velho adentra mais o recinto, sem tirar seus olhos de mim, parecendo me desafiar. Sua assistente lhe puxa uma cadeira, a qual ele recusa com um murmurar em alemão. Fritz se inclina sobre a mesa, olhando para os presentes. Depois, ele olha para trás, para mim.

— Eu quero, querido sobrinho, junto com o Conselho, contestar a legitimidade do cargo da senhorita Diniz.

— Senhora Hauser — repreendo-o rispidamente.

— Como queira — Fritz resmunga.

— Meu cargo é legítimo, Fritz — minha esposa diz, suavemente.

— Será? — insinua, o forte sotaque alemão quase me deixando enojado.

— Aonde você quer chegar, Fritz? — É minha mãe quem intervém agora.

O velho resolve então se sentar, arregaça as mangas do paletó.

— Quero chegar a um novo consenso. — Em alemão, Fritz se vira para a assistente, carregando uma pasta, e lhe pede alguns papéis. — Segundo nossas normas internas, o presidente do grupo deve *sempre* ser um Hauser.

— Lívia é uma Hauser! — rebato, alterado. Deus, como odeio essas malditas insinuações.

— O documento se refere a um Hauser de linhagem, Alfredo — o velho me responde, folheando uma cópia de nossas normas. — Lívia se *tornou uma*, isso é bem diferente.

Meu sangue borbulha em minhas veias mais do que achei ser possível.

É um milagre eu já não ter explodido com Fritz. Eu penso em refutá-lo, mas Lívia outra vez interfere na conversa, mostrando-se completamente competente em se defender sozinha:

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— É bom você citar as normas desta empresa, Fritz. Porque você também deve saber, em falta de um candidato à presidência de linhagem direta, pode ser nomeado um candidato indireto, como eu, por exemplo, ou qualquer outro acionista, desde que o Conselho vote unanimemente a favor dele. Me encaixo nos dois casos. Sou uma Hauser, e quando assumi este cargo, todos estiveram de acordo. Podemos, agora, encerrar essa reunião patética?

O velho Fritz encara minha esposa com um misto de incredulidade, arrogância e admiração por Lívia. Talvez ele não esperasse que ela fosse tão confiante de si. Um pequeno sorriso se manifesta em mim. Lívia é uma megera de personalidade forte, e Fritz Hauser está mexendo com a mulher errada.

Lentamente ele se vira para mim, os olhos com expressões feitas pelo tempo me encaram com o mesmo misto indecifrável, o silêncio insólito.

— Você se casou com uma mulher determinada, hein? Na minha época, para começar, elas nem poderiam trabalhar fora. Opinar, então… nem se fale. E se uma mulher falasse com seu pai, irmão ou marido nessa tonalidade a qual a *sua esposa* me dirigiu a palavra, teria uma bela de uma lição.

— Então volte para sua maldita época e nos deixe em paz — Lívia diz, e agora a suavidade de sua voz se foi. Ela está irritada e é visível.

Mamãe tenta abrandá-la com um cochicho, e as pessoas ao redor a olham, assustadas. Ela recompõe sua postura, murmurando um pedido de desculpas e sorvendo um pequeno gole de água.

— Felizmente, Fritz, os tempos mudaram. — Carmen intervém, levantando-se do seu lugar. — Agora, por favor, diga-nos suas pretensões, todos nós reunidos nesta sala temos vida pessoal e compromissos a serem cumpridos.

Fritz limpa a garganta e passa pelos lábios um lenço cinza. Novamente, ele se levanta, tem um pouco de dificuldade, mas logo está em pé.

— Bem… num ponto você está certa, querida Lívia. Temos algumas exceções, é claro, se não houvesse, Carmen, sua sogra, não poderia ter NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

assumido a presidência por tanto tempo. Meu irmão Klaus faleceu, os herdeiros ainda eram pequenos, e eu estava na Alemanha e abri mão do meu cargo por direito. E como uma Hauser fora da linhagem, como manda as normas, ela pôde assumir o cargo. Contudo — ele levanta o indicador enrugado —, a situação agora é diferente. Por mais que, à época, você tenha assumido o cargo porque não havia mais ninguém para tal — Fritz olha para mim, sorri enigmaticamente —, Alfredo se recuperou há muito do seu acidente. Tem condições físicas e psicológicas de estar à frente desta empresa. E você deveria ter-lhe devolvido o cargo.

— Eu renunciei a este cargo. — respondo ao mesmo tempo em que Lívia diz:

— E você acha que eu não quis devolver a ele?

— Você é um Hauser, Alfredo, não tem escolha. Seu destino sempre foi estar nesta empresa. Mas eu respeito sua renuncia, compreendo-a. E é um direito seu, na realidade.

— Ainda não entendemos a que ponto quer chegar — Hélio se manifesta pela primeira vez. — Ninguém nunca contestou isso, Lívia está fazendo um ótimo trabalho aqui, não vejo motivos para questionar seu cargo.

— Sim, não nego isto, Hélio. No entanto… quero um novo consenso porque há um herdeiro direto nesta fila. — ele diz, e todos nós nos espantamos.

O silêncio seria absoluto se não fossem os cochichos entre os acionistas. Busco por Lívia, ela está olhando para Fritz, quase apavorada. Ela não me vê olhando para ela, e, mesmo daqui, mesmo a quatro metros de distância, eu posso sentir sua tensão, seu medo, posso quase adivinhar seus pensamentos. Se há um herdeiro — sabe-se lá quem e *de quem* —, a possibilidade de ela ser afastada é grande. Oh, Deus, e agora até eu estou com medo por ela. Sei como este cargo é

de extrema importância em sua vida, sei como ela sempre se dedicou a esta empresa, em sua vida profissional, para estar onde está.

— Há dez anos descobri que tive um filho. Foi fruto de um envolvimento com uma meretriz polonesa — comenta casualmente, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Na época, eu contestei a paternidade NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

do garoto, claro. Filho de uma mulher da vida. Mas a mãe dele morreu há cinco anos e ela escreveu-me uma carta, deixou uma amostra de seu sangue.

O DNA confirmou a paternidade em 99%. — E abre um sorriso quase involuntário e frio. — Ele é um herdeiro, e tem direito de estar onde você está, Lívia.

Lívia mantém-se estática, a postura ereta, a expressão neutra, mas eu sei, por dentro é um poço de pavor. E neste instante eu não sei o que lhe dizer, não sei o que dizer a Fritz. Na verdade, não há nada a ser dito. O velho está com a maldita da razão.

— O que você propõe, Fritz? — mamãe intercede. — Nunca vivemos um impasse como esse dentro desta empresa. Nem sei se há uma norma clara para esta situação.

— Sim, há. O correto seria o afastamento de Lívia, e meu filho, a qual eu já reconheci, assumir o seu cargo por direito. Porém, quero resolver isso de forma democrática. Quero propor um debate com o Conselho e uma nova votação.

— Agora? — eu indago. — Ótimo… então…

— Não, não agora. Vocês nem conhecem Aleksy. Obviamente o Conselho seria unânime em manter Lívia no cargo. Como toda boa eleição, precisamos levantar prós e contras de ambos os candidatos. Proponho nos reunirmos novamente em três semanas, tempo suficiente para prepararmos uma pequena campanha.

— Isso é patético, Fritz! — Lívia responde, está com raiva.

— É a sua melhor opção, querida.

— Acha que eu sou boba… Está fazendo isso para ganhar tempo. De uma maneira ou de outra, você pretende me tirar deste cargo. Está apenas jogando para me deixar mais ansiosa do que já tenho estado!

— Pense o que você quiser, Lívia. Estou sendo justo demais com você.

Poderia simplesmente te tirar deste cargo agora mesmo, baseando-me nas normas da Hauser Alimentícia. Não farei isso porque considero seu trabalho por esta empresa, por está família… apesar de tudo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— O que quer dizer com *apesar de tudo?* — ela o indaga, sentindo profundamente sua insinuação.

Fritz nada responde, ele se agarra ao braço de sua jovem assistente e sorri misteriosamente.

— Você sabe a que estou me referindo. Sabe… sabe muito bem. — o velho murmura, dando passos cautelosos até a saída. — Vejo todos vocês dentro de três semanas, exatamente, neste mesmo horário. — decreta pela última vez e se vai.

— Li, vai dar tudo certo — digo-lhe, amaciando seus fios. Estamos na cozinha depois de virmos da Hauser. Fiz a ela um chá de camomila e nos sentamos em torno da mesa. Ela beberica seu chá de forma vagarosa, parecendo distante. Quase não me disse uma palavra desde a reunião com o Conselho.

— Eu sei — responde baixinho —, mas tenho medo de seu tio conseguir o que veio procurar.

Suspiro, e não admito ter o mesmo medo. Suas verdadeiras intenções para explicar essa volta e interesse na empresa repentinos foram revelados.

Desde que soube de sua estadia no Brasil, tive uma impressão estranha, parecendo um sexto sentido. E pelo jeito, não estava errado.

— Ele não vai conseguir nada, amor — asseguro com um sussurro, beijo suas

madeixas e acaricio seu rosto. — Ninguém será doido o suficiente para tirar você da presidência, que vem desempenhando um papel excelente, para dar a um homem que sequer conhecemos.

— Ele tem direito. Isso é o suficiente, Alfredo. — Ela me dá um sorriso pequenino, quase sem vida.

— Olha, esqueça isso, sim? Vou remarcar nossa viagem para esse fim de semana, o que acha? Vamos tirar uns dias de descanso, recuperarmos as energias e o humor.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não sei… Prefiro esperar. — me diz, me deixando espantado.

— Esperar?

— Sim… Olhe, Alfredo, você está ansioso para essa viagem, eu sei, mas eu não quero viajar com preocupações, e é exatamente o que vai acontecer se formos agora. Quero resolver essa questão, primeiro. Você me entende, não é?

Não, eu não te entendo! , quero dizer isto a ela. Quero gritar, quero ser estúpido, quero protestar, quero dizer a ela para irmos logo a essa porcaria de viagem porque eu não estou somente ansioso. Engulo todas as minhas palavras, seguro sua mão e a afago.

— Entendo. Eu te entendo, claro.

Lívia me dá um sorriso um pouco mais caloroso e se aproxima para me beijar nos lábios.

— Mas não precisa esperar pela viagem para fazermos amor. Faremos hoje à noite, depois de as crianças dormirem… — enuncia em meus lábios, mordiscando o inferior.

— Não. — nego-a outra vez. Deus, o que há comigo? — Eu quero esperar, quero que seja especial.

Ela suspira.

— Não precisa se preocupar com essa bobagem.

— Bobagem? — indago, cético. — Não é bobagem… eu… só quero fazer algo diferente. Não foi isso que me questionou há um tempo? Não me disse que eu estava apenas preocupado com a nossa vida sexual? Pois bem, quero te provar o contrário — respondo-a, me levantando do seu lado.

A irritação percorre meu corpo. A irritação não é somente com ela, mas com tudo, com *todos*. Com cada maldito acontecimento que surge para atrapalhar nossa vida.

— Preciso ir à Fundação — digo-lhe, um pouco mais calmo. Não posso permitir ser consumido pela raiva e descontar nela. Ela não me responde. Está olhando para baixo, para sua caneca. — Lívia…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia se levanta e passa por mim, sem me dizer uma palavra.

Derrotado, eu sigo para a Fundação.

***

— Senhor Hauser…? — Uma de minhas assistentes na Fundação bate à porta entreaberta.

— Sim, entre, Carina.

Carina entra, logo ela é acompanhada por um homem de meia-idade, cabelos negros grisalhos, magro e de poucos músculos.

— Este é o senhor Joel Morais. Ele está aqui para se voluntariar à Fundação.

— Isso é ótimo. Entre, senhor Joel, por favor. Sente-se — e indico a cadeira de frente para minha mesa.

Carina nos deixa um momento a sós, e o homem parece entrar com receio. Ele se

veste humildemente com um a calça jeans surrada, camisa vermelha e um boné dos Eagles, também gasto.

— Com licença — ele sussurra, parece um rato assustado, e se senta. —

Muito obrigado por… me receber, senhor Alfredo.

— Eu quem agradeço a sua visita. Carina te mostrou nossas instalações, te falou do trabalho que realizamos?

— Sim, eu vim aqui na semana passada e me interessei.

— Isso é bom. E em que área o senhor gostaria de se voluntariar?

O homem se remexe em seu lugar, denunciando estar desconfortável.

— Bem, senhor Hauser… — ele faz uma pequena pausa — eu sou um homem de pouco estudo, não terminei o segundo grau, não poderei ser tão útil aqui como alguém com boas instruções. Mas eu vi… — Joel olha para fora através da janela — seu jardim… ele precisa de cuidados. Posso cuidar dele com muito zelo. Não é muito, mas…

— Entenda, senhor Joel… — interrompo-o delicadamente. —Aqui, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

nesta Fundação, o mínimo, se feito com carinho, se torna o suficiente.

Ficaremos felizes em tê-lo como nosso voluntariado. E não se preocupe, sua formação não é importante, sua força de vontade, é.

Joel Morais me dá um singelo sorriso, mas ainda desconcertado na minha presença, e isso me faz estranhar sua postura.

— Certo… me anima poder ser útil.

— É claro que pode. Vou fazer a sua ficha de voluntário, e você poderá começar quando quiser.

— Hoje mesmo, pode ser? Eu tenho comigo todo aparato necessário no meu

fusquinha velho — e ri, nervosamente.

— Bom, se você quiser ou puder, claro, pode começar.

Faço a ficha de Joel; leva apenas alguns minutos. Terminado, ele se vai com Carina, para ela lhe mostrar onde deixar seus pertences, lhe mostrar o jardim e por onde começar.

O dia avança, e eu não paro de pensar em como fui estúpido com Lívia, não paro de pensar na raiva sentida, em como eu pensei em gritar com ela, dar um soco naquela mesa, tirar a caneca da sua mão e arremessá-la contra a parede. Eu só queria surtar em paz porque toda essa merda tem me levado ao meu limite e eu preciso me descarregar. No entanto, eu me concentro em manter a calma. Lívia não tem culpa de nada, talvez esteja tão sobrecarregada quanto eu, seria injusto não pensar nela, no seu lado da história, em como ela está lidando com isso.

Lembro-me de, quando chegar em casa, conversar com ela calmamente e pedir desculpas pelo modo como a tratei.

Horas depois, já estou me preparando para sair quando batem levemente à porta.

— Senhor Hauser… com licença — É Joel.

— Entre, senhor Joel. Ainda por aqui?

— Estava terminando de cuidar de algumas flores. É um lindo jardim, aquela roseira nos fundos parece bem especial — diz-me, as mãos para trás.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim, ela é. Minha falecida esposa quem plantou. Ela também cuidava com muito carinho.

— Compreendo — o homem diz, a voz mudando bruscamente para um tom arrastado. — Se casou outra vez, correto? Vi a aliança em seu dedo.

— Sim. Por quê?

Joel traz as mãos para frente, revelando algumas rosas colhidas.

— Colhi algumas rosas… para levar à sua esposa.

Sua atitude me pega completamente de surpresa, e não sou capaz de entender esse ato súbito. Joel se aproxima com passos pequenos até estar perto o suficiente para me entregar o ramalhete.

— Nunca dê rosas somente em ocasiões especiais. — ele me diz, um sorriso simpático e ao mesmo tempo entristecido. Talvez haja alguma história por trás dos seus olhos e do modo como fala.

— Obrigado — agradeço, tomando o buquê em mãos.

Joel responde apenas com um maneio de cabeça e se vai, murmurando um “até a manhã”. Olho para as flores em minhas mãos; reflito se Joel, de alguma forma, sabia sobre eu e Lívia estarmos passando por uma fase delicada, ou se ele fez apenas de boa vontade. Afasto qualquer indagação da cabeça e sigo para minha casa.

Quando chego, Lívia está com Enzo na sala, ela o ajuda com as tarefas da escola, e Lara brinca no chão, sentada no tapete, concentrada em um pianinho cantarolando e piscando animadamente. Ela me vê e vem até mim correndo, os passinhos um pouco desengonçados.

— Papai! — Lara pula no meu colo, eu a pego somente com um braço e beijo suas bochechas.

— Oi, minha bonequinha.

— O que é isso? — me pergunta, apontando para as flores.

Olho para Lívia, ela olha para mim; ainda está brava, vejo em seu rosto.

— São flores. Eu trouxe para a mamãe.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— E pra mim? Também “quelo” — protesta e faz um biquinho. Um biquinho que eu beijo e rio ao mesmo tempo.

— Posso trazer amanhã? Hum… Pode ser?

— Não esquece?

— Não, eu não esqueço. Agora, vá lá brincar com seu pianinho. —

Ponho-a no chão, e Lara volta ao seu divertimento, cantarolando e dançando junto com o brinquedo.

Chego-me até Lívia, ela pouco me dá atenção, está entretida demais ajudando Enzo em um cálculo matemático.

—… x está multiplicando, agora passa dividindo. Você divide os dois valores e obtém o valor de x. Entendeu, Enzo? — Enzo afirma em positivo, me cumprimenta e volta a fazer seus cálculos, como sua mãe o instruiu.

— Oi… — digo, me inclinando para um beijo.

Ela sorri pequeno e me beija.

— Oi. Pode fazer o jantar? Estou ajudando Enzo.

— Claro, querida. Podemos nos falar um minuto?

Ela instrui Enzo a fazer mais alguns exercícios e se levanta, me acompanhando até a cozinha. Lívia prepara um vaso com água e pega as rosas da minha mão.

— São lindas, onde as comprou? — pergunta, centralizando o vaso com as flores, na mesa.

— Não comprei. Um voluntário da Fundação as colheu pra mim.

— O que quer conversar? — muda de assunto, voltando-se para mim, tocando na minha cintura.

— Me desculpar, fui rude com você.

— Tudo bem…

— Li…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Tudo bem, Alfredo. — reafirma, encostando a cabeça em meu peito.

— Remarque a nossa viagem para esse fim de semana. Você tem razão. Não vou deixar aquele velho gagá interferir no meu humor, na minha vida com você, na nossa viagem. Eu amo o seu zelo e a sua preocupação, mas você já esperou demais, e eu também. Então remarque nossa viagem.

— Me promete: não vamos deixar nada nem ninguém nesse mundo atrapalhar nossa viagem dessa vez? Deus, Li, nem que esteja chovendo canivetes…

Ela ri, graciosa e contagiante. Então olha pra mim, acaricia-me o rosto.

Não parece mais estar irritada por eu ter sido estúpido.

— Eu prometo. — murmura, ergue-se em seus pés e alcança meus lábios, tomando-os para si suavemente, num beijo repleto de paixão.

Envolvo sua pequena cintura em meus braços, trazendo-a mais para perto de mim, tendo uma necessidade enorme dela. Enquanto a beijo, mais uma vez eu sei, jamais poderia viver sem essa mulher, pois sem ela eu não estou por inteiro.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

18

FRENTE A FRENTE

Lívia

— NÃO HÁ RESERVAS POR DOIS FINS DE SEMANA.

Alfredo me diz, com um suspiro de derrota, desligando o telefone, se referindo às reservas para nossa viagem. Estamos no escritório de casa, o dia amanheceu

estranhamente frio. Não me recordo de temperaturas tão baixas nos últimos oito anos. Ele está atrás da mesa de cerejeira, dispensou o habitual terno para se vestir elegante e lindamente num casaco cinza, cachecol de tricô e calça jeans azul-escuro.

Tomo um gole do meu chocolate quente e me aproximo, sentando-me à poltrona de frente para a mesa.

— E agora? — indago, e olho para o líquido quente, sentindo a fumaça subir contra o meu rosto e me aquecer.

— Marquei para daqui a quinze dias, vamos numa quarta e voltamos na sexta. É a data mais próxima, amor.

— Por que não marcou antes?

Ele sai de trás da mesa e vem atém mim, ficando em minhas costas e massageando meus ombros.

— Tenho alguns compromissos com Bernardo e um congresso na CONAD. Quero que venha comigo, aliás.

Solto um pequeno suspiro e sorvo mais um pouco do chocolate quente, enquanto aprecio as mãos delicadas contra meus ombros.

— Você vai esperar mais quinze dias? — pergunto, e viro-me para olhar em seus olhos. — Alfredo, você sabe, não precisa…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu já disse, quero esperar… — corta-me suavemente, resvalando sua palma pelo meu rosto, um sorriso confortante e sincero resplandece. —

Quero que seja especial, já disse isso umas mil vezes. — E sorri suavemente.

— Então vamos esperar. São só mais quinze dias.

— Pra você isso seria uma eternidade. — ressalto, tentando soar engraçada.

Alfredo ri um pouco, volta a massagear meus ombros.

— E é. Mas por você, eu não me importo em esperar a eternidade.

Escolho o silêncio diante essas palavras, continuo degustando meu chocolate quente e a massagem em meus ombros. Então, eu sinto sua respiração em minha nuca, seus braços fortes me rodeando e sua língua atrevida me acariciando a carne do pescoço; começa com beijinhos cândidos, escorregando para o ombro, descendo para a clavícula, ele desvia seu beijo indecente para o canto da minha boca, sorri maliciosamente, volta para a nuca, o contato de seus lábios ardentes me estremecem interiormente e, numa ação mecânica, fecho meus olhos, querendo aproveitar o momento. Alfredo continua com sua carícia pervertida, me segura delicadamente pelos cabelos, dando-lhe melhor e mais acesso à minha pele, e retorna com sua boca pecaminosa e seus beijos estimulantes.

— Frê… — minha voz não é nada além de um murmúrio estrangulado.

— Se quer esperar, não me provoque.

Consigo sentir sua boca se curvando no sorriso cretino que tanto me encanta. Ele não responde. Pelo contrário, segue me provocando, suas mãos atrevidas se embrenham por dentro do meu casaco, o calor de suas palmas me dão um arrepio maravilhoso.

— Deus, você é tão gostosa… — ele diz, ainda me beijando no pescoço, suas mãos ainda subindo pelo meu tronco até alcançar meus seios.

Sinto-me desconfortável no mesmo instante, um nó se forma em minha garganta e um pouco de minha postura se esvai de mim, mal escuto Alfredo, ainda dizendo alguma coisa libertina.

Aquela maldita noite retorna à minha mente como uma maldição que me perseguirá pelo resto da vida: a mão asquerosa em minha pele, o cano da pistola na jugular, o medo… De olhos fechados, eu posso sentir minhas NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

lágrimas.

Suspiro, tremulante, mas não impeço Alfredo e suas carícias. Se há um jeito de enfrentar isso, deve ser de frente. Recordo-me das sessões com Luís, dos exercícios que ele me passou para sempre quando esses medos irracionais, essas lembranças malditas me atormentarem. Inspiro fundo, tento conter as gotas se juntando mais e mais, tento controlar minhas mãos, agora trêmulas, e tirar a imagem do homem mascarado, do revólver ameaçando minha vida, das mãos desonrando minha integridade.

— Lívia… amor — a voz dele soa longínqua, enquanto me esforço em me concentrar a não ser atormentada por essas coisas. — Querida, se acalme… amor.

Quando abro os olhos, sequer percebi, mas estou debulhando em lágrimas, e meu coração palpita tão forte que é possível ouvi-lo do outro lado da casa. Alfredo está na minha frente, assustado, segurando em minhas mãos.

Ele me abraça forte e afaga meus cabelos enquanto volto ao meu normal.

— Eu… — tento dizer algo, mas ele não permite.

— Me perdoe, eu me esqueci completamente… Me perdoe, Li, por favor.

— Não é… sua culpa — consigo dizer, agarrada aos seus braços que, pouco a pouco, me embalam e me acalmam.

Alfredo me afasta de seus braços e me olha, secando minhas lágrimas suavemente. Eu tento lhe dar meu melhor sorriso, e, de repente, ele começa a conversar comigo, falando de lembranças boas. Diz sobre o show do Bon Jovi, tantos anos atrás, do sexo no estacionamento do cinema, de como eu o sujei com bolo no aniversário de Enzo no ano passado, de um final de semana de passeio onde ele levou um tombo, e eu, em vez de ajudá-lo, comecei a rir até perceber que ele deslocou o ombro.

Pouco a pouco, com as lembranças boas dando lugar às ruins, Alfredo consegue me fazer rir e voltar ao meu estado normal. Subitamente, estamos nós dois gargalhando enquanto ele segue recordando momentos engraçados: quando coloquei fogo no pano de prato numa tentativa desastrosa de cozinhar, quando ele caiu da escada esses dias atrás, bêbado; ou quando ele NACIONAIS-ACHEROM

se deixou ser maquiado por Lara.

— Você está melhor? — me pergunta, após se recuperar de um ataque de risos. Suas mãos ainda seguram as minhas.

— Sim… estou, obrigada — e me inclino para abraçá-lo forte.

— Tente isso — diz, acarinhando minhas costas —, tente sempre se lembrar dos nossos bons momentos quando essas lembranças ruins te atormentarem.

Eu não lhe respondo nada, apenas o aperto mais contra mim, e o agradeço infinitamente por ser este homem que ele é.

***

Os dias transcorrem quase de forma lenta e dolorosa. Estamos a sete dias da viagem, e até o momento nada apareceu para nos atrapalhar.

Agora, estou numa das minhas consultas com Luís, consultas que, por conta do progresso, foram diminuídas. Numa das últimas sessões, contei-lhe sobre o episódio do outro dia, e ele quis saber qual foi a minha reação e qual maneira eu usei para dominar as minhas angústias. Eu pensei seriamente em mentir, em dizer que a lembrança não me acarretou nenhuma sensação aterrorizante, queria dizer ao psicólogo o que ele realmente queria ouvir; eu não queria que Luís pensasse que eu estava regredindo no tratamento e por isso combinasse as sessões com o psiquiatra e remédios. No entanto, refletindo melhor, decidi contar a verdade, era o mais certo, e se fosse preciso a combinação de remédios e psiquiatra… bem, que assim fosse.

Para minha sorte, Luís não mencionou nada, acredito muito por conta do modo como superei o episódio, o qual eu lhe relatei, com o método sugerido por Alfredo, e pelo jeito tem dado certo. Sempre quando me pego sentindo a aflição, a ansiedade inexplicável, eu penso em nossas boas ocasiões, em momentos de descontração e de felicidade.

Alfredo também teve uma conversa rápida com Luís, mas foi somente para estar por dentro do meu tratamento.

Ao final da sessão, por volta das 14h, vou até a casa dos meus pais, onde Lara está, e passo um tempo com eles em torno da mesa com um farto NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

café. Às 15h, tomo Lara no colo e sigo até a Fundação ao encontro de Alfredo. Quando chego, ele está numa reunião, segundo sou informada, e resolvo aguardar no jardim, num *playground* montado na frente da casa.

Balanço Lara vagarosamente, a brisa refresca o calor que voltou nesta última semana de frio. A pequena não para, logo quer ir até o escorrega e sou obrigada a acompanhá-la e a segurá-la para ela não cair. Não dura um minuto até Lara estar correndo pelo gramado, querendo ir para a gangorra. No meio do caminho, ela esbarra em um senhor agachado perto de um arbusto; ele veste um macacão jeans gasto e boné o protegendo dos raios solares. Com a colisão, ela perde o equilíbrio e cai sentada. Ando rapidamente até minha bebê, já na intenção de embalá-la caso ela chore com o tombo — ou com o susto.

No entanto, o senhor agachado, um homem de meia-idade, expressão cansada e barba ruça, se vira e a ajuda a se levantar enquanto conversa e pergunta se ela se sente bem e se não se machucou. Apesar do impacto, Lara não chora, nem de dor nem de susto. Ele me dá um sorriso caloroso, como se já me conhecesse, e se levanta, murmurando:

— Crianças… Toda atenção nelas e não basta.

— Eu que o diga — respondo, pegando Lara no colo e devolvendo seu sorriso. — Meu filho mais velho era ainda pior nessa idade.

— Ah, eu compreendo — o homem suspira, nostálgico, e volta a podar os arbustos —, tenho quatro filhas, hoje já são moças, mas, quando crianças… Jesus! Brigavam muito, pintavam o sete, não havia um só dia sem nos darem dor de cabeça. Mas, sabe…? — Volta-se para mim outra vez, tenho a ligeira impressão de ver seus olhos se abateram um pouco — Tudo isso é sempre sinal de boa saúde, não é?

— Claro. Prefiro mil vezes vê-la correndo por esse gramado a vê-la numa cama, doentinha.

— Claro, claro. — concorda e torna a se concentrar em seu serviço. —

Sou Joel, aliás. Desculpe não poder apertar sua mão, estão sujas de terra e…

— há uma pausa, a frase fica no ar, como se ele não quisesse terminar.

O silêncio persiste, ele parece perturbado. Por isso, digo: NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não se preocupe. Sou Lívia, muito prazer, senhor Joel.

— É a esposa do senhor Alfredo, estou certo?

— Sim… — respondo, e, analisando melhor agora, ele deve ser o funcionário das rosas que Alfredo me levou na semana passada. — E você é o voluntário das rosas que meu marido me levou?

Ele ri um pouco desajeitado e abana a cabeça.

— A senhora gostou?

— Sim, era um ramalhete lindo.

— Senhora Lívia? — Uma terceira voz entra em cena, na direção oposta a nós, e eu me viro, vendo Carina, uma das assistentes de Alfredo na Fundação, se aproximar. — O senhor Alfredo já saiu da reunião. Está esperando pela senhora.

Despeço-me de Joel e sigo com Carina até a sala de Alfredo. Ele nos recebe com um enorme sorriso, beija-me profundamente e faz cócegas em Lara. Antes de seguirmos para casa, Alfredo passa nas obras do Avenue, não há nada de importante a resolver, quer somente acompanhar o andamento do processo. Alfredo carrega Lara nos ombros, brincando com ela, e dispara na frente. Alcanço-os apenas quando entramos na loja. Para meu desagrado, Angelina está aqui, orientando os funcionários, e ela põe no rosto seu sorriso de satisfação quando vê Alfredo.

Bernardo está junto e logo vem tomar Lara de Alfredo para andar com ela pelas lojas do shopping.

— Não demore, Dousseau. Já estamos de saída. — adverte ao amigo, e Bernardo pouco se importa, continua se distanciando com a pequena.

Eu o seguro pelos braços quando Angelina vem até nós e nos cumprimenta, perguntando sobre nossa visita inesperada.

— É só uma visita de rotina — Alfredo diz, ignorando os olhares sugestivos e indiscretos de sua admiradora.

Uma forte onda de raiva me atinge enquanto os dois conversam, eu quero arrastar Alfredo para longe dela, ou obrigá-lo a romper contrato com NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

essa mulher, contratar outra empresa. No entanto, eu também penso em David, sócio dessa mulher, e não posso prejudicar o trabalho, a empresa dele, por causa de um ciúme sem fundamento.

Respiro fundo e forço um sorriso, tento me recordar de Menezzes me afirmando com convicção sobre ele acreditar no amor de Alfredo por mim e de seus conselhos sobre confiar no meu esposo.

— E David, quando volta de Miami? — Alfredo indaga, e então me recordo que, desde meu último encontro com David, eu não o vejo e também não contei a Alfredo sobre conhecê-lo. E, enquanto Angelina estiver envolvida nas obras da nova filial, talvez nem conte.

— Na próxima semana. David sempre aproveita esses cursos de especialização no exterior. Esses cursos valorizam o currículo dele, e por isso ele é tão procurado na cidade, deixando os concorrentes aflitos e loucos —

ela tenta ser simpática para ganhar a admiração do Alfredo, ou para me irritar, talvez os dois, mas, para o azar dela, Alfredo mantém sua postura neutra em relação a essa mulher e diz, com voz profissional:

— Certo. Quando ele chegar, me avise, por favor.

Angelina acena em positivo, e já estamos nos preparando para sair em busca de Bernardo e Lara quando ela chama mais uma vez:

— Ah, Alfredo… — meu esposo se vira para ela — você se importaria se eu deixasse as obras sozinhas só por um dia? Eu comprei ingressos para uma palestra do CONAD na terça-feira, achei que David voltasse a tempo, mas ele não vai voltar.

— Você também vai nessa palestra? — Alfredo pergunta, interessado na conversa, e isso quase me queima de ciúme. E eu nem consigo imaginar esses dois respirando o mesmo ar além do local de trabalho.

— Sim, vou com uma amiga, ela insistiu muito pra eu ir de companhia.

Ela está se formando em administração, a palestra vai servir para completar as horas de atividade complementar da faculdade. Por quê? Você vai?

— Sim… — Alfredo balbucia um pouco. — Bem, os trabalhos não podem ficar sem supervisão, e eu também estarei nessa palestra.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Talvez você tenha de desistir — interfiro na conversa pela primeira vez e soo mais ríspida do que eu queria.

Angelina me encara com um sorriso pequeno — e cínico, como se me desafiasse.

— E Bernardo? Ele poderia supervisionar até minha chegada. Minha ausência será só durante a palestra da terça-feira, eu prometo, quando acabar, volto para cá.

— Fale com ele. Acredito que Bernardo estará desocupado. Mas se não estiver, eu peço para, por favor, não deixar os trabalhos sem supervisão.

— Pode deixar, Alfredo — odeio esse tratamento tão informal dela com ele —, e obrigada mais uma vez.

Alfredo apenas acena, emudecido, se agarra a mim outra vez e caminhamos ao encontro de Lara e Bernardo, que estão numa loja de brinquedos logo adiante. E Bernardo parece ser mais infantil do que Lara.

À noite, depois de as crianças já terem dormido, estamos no sofá da sala. Alfredo abriu um vinho e me serviu e preparou o *rechaud* para um *fondue* de queijo. A temperatura tornou a cair, por isso, acendemos a lareira, pegamos alguns cobertores e nos enrolamos no sofá. Jogamos um pouco de conversa fora apreciando o vinho e o fogo crepitando e nos aquecendo, falando e fazendo planos para nossa viagem, dentro de apenas uma semana.

— Onde você arrumou aquele seu voluntário do jardim…? —

pergunto, quando já estamos na quarta taça de vinho. Já nos fartamos com pão italiano, salame e pedacinhos de frango mergulhados em queijo gorgonzola, requeijão e provolone, e agora estamos deitados no sofá, eu entre as pernas dele, enquanto Alfredo me acaricia os cabelos com a mão desocupada.

— Na verdade, ele quem apareceu por lá… Você o conheceu hoje?

— Uhum… — ronrono, brincando com seu braço em torno da minha
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

cintura. — Ele me pareceu tão… estranho.

— Estranho? Por quê?

— Não sei… Só tive essa impressão. Sabe, como se ele escondesse alguma coisa? Ou fosse essas pessoas cheias de segredos…

— Você está assistindo novelas demais… — Alfredo brinca, me arrancando uma pequena risada. — Também achei isso dele — me diz, de repente. — No primeiro dia em que esteve lá, parecia nervoso, ansioso, amedrontado… algo do tipo.

— Sua impressão passou?

— Não… — sua mão quente deixa meus cabelos e agora desce para minha barriga em carícias aconchegantes. — Eu ainda tenho essa impressão.

Mas talvez seja só o jeito dele. Inclusive ele é um bom homem, uma pessoa calma, generosa. No outro dia, ele colheu duas rosas para eu levar ao túmulo da

Lauren. Foi uma atitude esquisita, mas… foi algo sincero, pude sentir, entende?

— Entendo. Acha que ele pode se identificar com você, com a sua dor?

— Pode ser. — Alfredo murmura, a voz entrecortada, carregada.

Viro-me sobre seu colo, tiro sua taça da mão e ponho-a na mesa de centro, junto com a minha. Beijo-o suavemente, me inclinando mais contra seu corpo grande. Sorrimos durante a troca de beijos, ele me segura firme pela cintura enquanto se deita melhor sobre o sofá e me ajeita em seu colo.

— Senhora Hauser… — rouqueja, quase ar — vamos devagar. Ou vai estragar nossa viagem especial.

— O momento está tão propício, senhor Diniz… — rebato, enveredando minha mão direita por seu abdômen musculoso, subindo até as mamas, podendo sentir o toque abrasante entre nós. — Friozinho, lareira, vinho… É propício para nós…

Ele me impede de continuar, tocando nos meus lábios.

— É propício, mas não especial. Já transamos nesse sofá, com a lareira acesa, um milhão de vezes. Vamos esperar, Li, por favor? Eu quero, mesmo,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

que seja algo diferente pra nós. Pode ser?

Com esse pedido, com esse zelo todo, eu me vejo atendendo ao seu pedido. Apoio a cabeça em seu peito, sinto o estalar de um beijo em meus cabelos e os seus braços grandes me rodeando. Ficamos um tempo em silêncio, curtindo o calor um do outro, e só percebemos o passar do tempo porque acordamos no outro dia, ainda no sofá.

***

Faltam dois dias para nossa viagem, mas nossas malas já estão prontas desde ontem à noite. Escondida de Alfredo, fui até uma loja no shopping e comprei algumas peças novas — e especiais — para nossa viagem. Estou realmente animada, muito porque *ainda* não sei para onde vamos, onde fica esse tal lugar,

se *realmente* é tão bonito como Alfredo me relatou. Ele tem feito suspense desde quando soube desses planos e se manteve firme na decisão de não me contar, embora eu tenha o ameaçado a fazer greve de sexo (mas ele sabia se tratar de um blefe muito mal dado).

Com esses planos, me esqueci por alguns dias do maldito do Fritz e das suas intenções idiotas de me tirar da presidência. Eu não o vi mais desde a reunião do Conselho, e tenho me empenhado em meu trabalho, nos últimos dias, muito mais do que o habitual. Ao contrário do que me foi sugerido, não estou "fazendo campanha" alguma de mim; os acionistas, funcionários e empresários da Hauser me conhecem desde sempre, desde quando cheguei à empresa como uma simples estagiária no setor de RH. Eles sabem da minha competência e comprometimento com o grupo, e de como a vida toda batalhei e dei meu sangue pelo meu trabalho, visando meu crescimento profissional e também o crescimento da empresa. Não há campanha melhor para mim do que meu próprio currículo, minhas conquistas e meus méritos.

Quanto a isso, estou confiante em demasiado. Fritz não vai me tirar da presidência, e eu não me afligirei por conta de suas mal-intencionadas ações.

Nunca estive tão segura de mim.

Deixo a Hauser Alimentícia no horário do almoço para me encontrar com Alfredo. Vamos almoçar junto com Bernardo — ele tem somente mais uns dias no Brasil antes de precisar voltar para a França. Ele aceitou supervisionar os trabalhos na nova filial amanhã, para Angelina se ausentar para a palestra da CONAD, a qual eu e Alfredo também compareceremos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Dirijo até a Anjos Dubois — Alfredo tem passado mais tempo na Fundação —, e a viagem é rápida. Carina está na recepção e me recebe com um sorriso caloroso.

— Senhora Lívia, boa tarde. Surpresa a senhora por aqui.

— Vou almoçar com Alfredo. Onde ele está?

— Ele está na sala, conversando com um dos voluntários. Devo chamá-lo?

— Não, está tudo bem. Eu posso esperar, vou andar pelas instalações enquanto isso, dar uma olhada. Quando ele desocupar, peça pra ele me procurar ou me ligar. Estou atenta ao celular.

Ando pela casa que um dia foi dele com Sophie, onde os dois viveram como marido e mulher por um ano, e, andando pelos corredores, vendo as diversas divisões adicionadas aos cômodos, sinto meu coração pesar sem uma explicação racional. Sinto tanto pela morte dela, de Lauren.

Visito uma das repartições. É uma ala pediátrica, há algumas crianças em reabilitação, fazendo tantos exercícios como Alfredo fizera anos atrás.

Algumas delas sofreram sequelas irreversíveis, mas os fisioterapeutas seguem com as baterias de exercícios para lhes dar mais conforto, autoestima e esperança.

Numa segunda ala, fica a reabilitação dos adultos, há menos de seis pessoas aqui, mas a fundação atende muito mais. Por causa da falta de espaço, eles são transferidos para clínicas especializadas e em parceria com a Fundação; o tratamento dos pacientes da Fundação recebe descontos e é pago com doações de colaboradores e voluntários.

Também tem a parte jurídica, onde Henrique e mais três advogados trabalham como voluntariados, e, na sala de espera, há uma senhora conversando com uma segunda mulher, bem mais jovem, e pelo que ouço, ela está tentando obter a guarda definitiva do neto; a criança atualmente está com o pai bêbado — a mãe morrera num acidente causado pelo pai embriagado, que somente teve a carta de motorista suspensa, pagou fiança e foi liberado, condenado apenas a prestar serviços sociais.

Na cozinha, são preparados alimentos para receber os pacientes, os
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

voluntários e abastecer as garrafas dos cafezinhos nas diversas salas da casa.

Victória vem cozinhar aqui duas vezes na semana, os mesmos dias em que Henrique atende.

Com um pouco de lágrimas nos olhos, eu percebo como o trabalho coordenado por Alfredo é bonito e altruísta.

Cerca de meia hora depois, eu retorno para a recepção, pois Alfredo não me ligou. Estou chegando quando vejo uma movimentação histérica em torno de sua sala, que está fechada.

Carina bate à porta com os punhos fechados, tem lágrimas nos olhos e pede para abrirem para ela. Outras duas mulheres também falam alto, uma delas grita por ajuda, a outra já diz ter solicitado a presença de um homem para arrombar a porta ou trazer uma cópia da chave. Aproximo-me rapidamente, agora muito preocupada com a imagem se desenrolando. Perto o suficiente, eu posso ouvir a voz potente e carregada de raiva de Alfredo reverberando pela casa, vindo de dentro de sua sala.

—… você tem ideia? Seu verme! É um maldito assassino! E eu vou te matar! Por elas, eu juro, eu vou te matar! Tem ideia do que tirou de mim?

— Carina, o que está acontecendo? — pergunto, aflita, nervosa e em pânico, ainda ouvindo os gritos de Alfredo.

— Eu não sei, senhora Lívia. Estava tudo bem, de repente, seu Alfredo começou a gritar, a quebrar coisas ali dentro, eu…

Ela não termina de falar, um voluntário surge trazendo uma cópia da chave da porta. Rapidamente ele a abre, e uma manada de gente entra, numa confusão de histeria e nervos à flor da pele.

A imagem que se forma à minha frente, num primeiro momento, é incompreensível aos meus olhos. A sala está toda destruída, a mesa elegante de vidro foi virada e agora há apenas cacos se misturando a retratos quebrados, fotos e livros espalhados pelo chão. Do outro lado, encostado contra uma parede, Joel tem os olhos esbugalhados, o nariz sangrando e parecendo até quebrado, ele chora e murmura alguma coisa incompreensível, enquanto Alfredo o segura pelo colarinho e o leva cada vez mais de encontro à parede, socando as costas do homem sem piedade. E segue gritando, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

alucinado, perdido, fora de controle, e também chorando.

— *Maldito cretino! Você não merece estar vivo! Não merece!* — E a cada palavra, Alfredo o desencosta da parede e o bate ainda mais forte de volta.

Antes de qualquer pessoa, eu corro até ele, precisando urgentemente evitar uma tragédia maior. Seguro-o pelos ombros, tentando puxá-lo de cima de Joel.

— Alfredo! Alfredo! Alfredo, pare. Alfredo! Por favor, Alfredo! —

grito, e ele então me olha, soltando Joel, que se estatela no chão.

Sua camisa branca está salpicada de sangue do nariz do pobre homem, as veias do pescoço saltam de tanta tensão e raiva acumulada, os olhos estão tão vermelhos como eu nunca vi antes em toda minha vida, os cabelos desgrenhados, a expressão uma mistura de raiva e dor.

Abro a boca para dizer alguma, então ele cai de joelhos, suas lágrimas arrebentando de seus olhos.

— Tirem esse homem daqui — ordena, repleto de cólera. — *Tirem esse maldito homem daqui!* — vocifera, fazendo todos estremecerem. — *Tirem esse homem daqui, o levem pra longe, não quero vê-lo mais. Nunca mais.*

Nunca mais! Tirem esse homem daqui. Tirem-no daqui! Agora!

Carina se apressa a ajudar Joel a se levantar e a sair com ele.

Alfredo está chorando copiosamente, catatônico, ainda de joelhos, balançando o corpo para frente e para trás, num embalo mecânico e fúnebre.

— Me deixem a sós com ele, por favor — peço aos presentes que restaram, olhando por cima do meu ombro.

Prontamente, sou atendida. Quando a porta se fecha, eu me cerco mais de Alfredo e o abraço. Ele se agarra a mim como se eu fosse a sua única salvação e soluça alto, repelindo um grito angustiado, e junto, uma dor lancinante.

E eu fico ali com ele, ajoelhada, o embalando como se ele fosse uma criança assustada.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

19

CÓLERA

Alfredo

JOEL ENTRA NA MINHA SALA COM SEU SMEBLANTE ENIGMÁTICO.

Como de praxe.

Eu sempre estranhei sua postura, o modo como me olha, o medo explícito nos seus olhos e, muitas vezes, na voz também. Contudo, eu nunca dei muita atenção a esse fato, apesar de achar completamente estranho.

Acredito ser apenas seu jeito, sua personalidade.

Ele se aproxima com passos cautelosos e se senta na poltrona de frente para a minha mesa quando lhe indico para se sentar.

— Está tudo bem, senhor Alfredo? — pergunta, talvez surpreso por eu ter pedido para o chamarem.

— Sim, está tudo ótimo, Joel. Quero apenas conversar.

Joel acena e me espera continuar. Por alguns minutos, minha conversa com ele é apenas o habitual, como costumo fazer com todos os voluntários.

Quero saber sua opinião sobre a Fundação, do serviço que ele está desenvolvendo aqui como voluntariado, se suas horas de voluntariado não estão o atrapalhando de alguma forma, pois, se tivesse, poderíamos remanejar os horários de seus trabalhos. Mas Joel parece completamente satisfeito com tudo, até mesmo com as horas que fica por aqui, se dedicando a cuidar do jardim.

— Quando chegou aqui, para se voluntariar, me disse que você faz apenas trabalhos eventuais, certo? — indago, mudando um pouco de assunto.

— Sobrevive com pequenos trabalhos de jardinagem quando te chamam.

— Exatamente, senhor Alfredo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Gostaria de um emprego fixo? Com carteira assinada e todos os seus direitos trabalhistas garantidos?

Joel me olha por alguns segundos, surpreso com a oferta. Há alguns dias eu tenho o observado, observado o trabalho dele aqui na Fundação. Joel vem todos os dias e se dedica de duas a três horas para cuidar do jardim. E é um trabalho benfeito, feito com zelo e esmero. Inexplicavelmente, eu senti uma necessidade de ajudar essa pobre alma, mesmo sem conhecê-lo, sem ter ideia da sua vida, da sua família.

— Eu ficaria muito grato se pudesse me recomendar para alguém.

— Não é necessário te recomendar para ninguém. Gostaria que trabalhasse pra mim, na minha casa. O meu jardineiro está para se aposentar, precisarei de outro em breve.

Joel Morais fica num silêncio capaz de me perturbar sobremaneira. Ele me encara com seus olhos miúdos e incompreensíveis, entrelaça os dedos como num tique nervoso.

— Trabalhar para o senhor? — indaga, surpreso.

— Isso. Há alguma objeção?

— Eu agradeço a oportunidade, senhor Alfredo, mas eu… eu não posso.

Encaro-o, um pouco desconfortável pela sua negação.

— Compreendo. — digo-lhe, apenas, acenando com um movimento de cabeça.
— Bom, eu só gostaria de ajudá-lo, pois…

— Eu não mereço sua ajuda — ele diz de repente, a voz falha, a cabeça baixa,

olhando para as mãos tremulantes e unidas. — Se me voluntariei a essa fundação foi porque eu… eu só queria me redimir, me redimir com o senhor.

— Joel parece divagar, e para mim está dizendo coisas sem sentido.

— Não sei do que está falando, senhor Joel.

Subitamente, o homem ergue seus olhos para mim, eles estão lacrimejantes.

— Como pode não me reconhecer, não reconhecer meu nome?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Pestanejo por um instante, o encarando, tentando compreender do que ele está falando.

— Eu deveria? — pergunto-lhe.

Joel nada responde por algum tempo. Baixa os olhos novamente para as mãos suando frio.

— Eu… eu me envolvi no seu acidente — ele diz, a voz baixa, falha, um tom de vergonha e arrependimento emana de sua voz.

E, ao pronunciar destas palavras, como uma facada no peito, elas me acertam forte, impiedosas, dilacerando meu coração. Por alguns segundos eu sei apenas encarar o homem à minha frente, ainda cabisbaixo, sem saber exatamente como explicar a sensação martelando meu peito.

Desde quando tive a infeliz ideia de pesquisar pelo meu acidente, anos antes, e de ter visto fotos que não deveria, eu nunca mais me interessei por notícias ou informações desse acontecimento trágico na minha vida. Nem mesmo quis saber o nome do responsável por tirar de mim a coisa mais importante que um dia eu tive simplesmente porque sou um covarde e não sei lidar com a realidade e, o quanto for possível, preciso evitar lembranças dolorosas.

— Isso não tem graça — murmuro entredentes, acreditando ser uma piada de mau gosto.

Ele ergue seu olhar sombrio para mim.

— Não estou brincando, seu Alfredo… e eu imploro pelo seu perdão.

Eu…

— Cale a boca… — cerro os dentes e os olhos, me negando a acreditar em estar, de fato, frente a frente com o desgraçado assassino responsável por tirar a vida das pessoas mais importantes pra mim. Sophie, minha esposa.

Lauren, minha filha.

— Seu Alfredo…

O ódio me domina de ponta a ponta. Dou um soco na mesa e sequer sinto a dor do impacto.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Cale essa maldita boca! — Meu coração começa a se despedaçar. —

Você está mexendo numa ferida ainda dolorida; ainda dói muito. Pare. Não tem graça!

Faço um exercício mental para manter o controle. Eu não quero surtar, não quero deixar o antigo Alfredo Hauser, o de humor oscilante, o que surtava facilmente, sobressair-se e me dominar. Levanto-me bruscamente, aperto a ponte do nariz e ando de um lado a outro. Preciso me acalmar, preciso, urgentemente, me acalmar.

— Eu sinto muito — Joel segue dizendo e agora ele soluça. Olho para ele, lágrimas despontam dos seus olhos timidamente. — Se eu vim até aqui, me voluntariar, foi porque eu sentia que tinha uma dívida, eu queria me redimir, pagar um pouco meus pecados. Eu sei que nada…

Aperto os ouvidos fortemente, não quero mais ouvi-lo, me recuso a acreditar nessa confissão, nesses fatos. Este homem na minha frente não pode ser o mesmo que matou minha pequena e frágil Lauren.

—… não há um só dia em que eu não me arrependa de…

Sua voz continua ressoando pelo ar, e agora estou entorpecido demais para ter qualquer outra reação. Por alguns breves segundos não consigo sentir nada além de um grande e doloroso buraco no peito.

Então, subitamente, eu explodo.

No primeiro segundo, eu derrubo alguns retratos sobre a mesa e nas prateleiras logo atrás. Deixo um grito primitivo, agoniado e colérico escapar de mim.

Joel se levanta do seu lugar, numa ação instintiva, e tenta me dizer alguma coisa, mas estou alucinado demais para entendê-lo. Livros na minha estante também vêm ao chão, sofrendo com toda a minha fúria, a minha alucinação. Ergo o olhar para Joel, ele parece mais um rato assustado enquanto olha para mim, o queixo treme como um tique nervoso.

Ando em sua direção a passos determinados quando alguém bate à porta perguntando se está tudo bem. Joel recua instintivamente, e eu ignoro a pessoa do outro lado enquanto giro a chave na fechadura para trancar a porta.

Ninguém deve interromper o que estou prestes a fazer com esse miserável.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Com que audácia você vem até a minha Fundação se voluntariar? —

questiono, segurando-o pelo colarinho, cerrando os dentes a ponto de quase partir meu queixo. — Responda-me, verme maldito!

— Eu sinto muito… — balbucia, em prantos. — Eu só queria me redimir… Eu só queria… — ele soluça alto, chorando como uma criança perdida. — Eu sinto muito.

Sacudo-o fortemente, sem controle das minhas ações.

— Você sente muito? *Você… sente… muito?* — vocifero, quase salivando. — Acha que seus sentimentos vão trazer minha filha de volta, a mãe dela de volta?

Joel desvia os olhos, ainda chora muito, e eu o chacoalho ainda mais forte, completamente fora de mim, fora de controle. Estou alucinado, como nunca estive antes em toda a minha vida. Uma raiva visceral me acomete, dominando-me totalmente.

— *Olhe pra mim, seu crápula!* — grito com ele, o sacolejando mais e mais, apertando meus dedos em torno do seu colarinho, reprimindo uma vontade bárbara de matá-lo. — Teve coragem de vir até mim, se voluntariar na Fundação que só existe porque *você* matou minha esposa e minha filha, teve coragem de ficar frente a frente comigo e confessar ser o desgraçado bêbado responsável pelo meu acidente! Agora seja homem o suficiente para me encarar e enfrentar minha fúria — empurro-o fortemente, Joel cai no chão, lamentando, em lágrimas, repetindo incansavelmente “eu sinto muito”.

Meu coração está acelerado, a ira eletriza meu corpo, meus pensamentos, embaça minha visão, provoca uma grande dor no meu peito.

Continuo reprimindo uma enorme vontade de matar Joel, um resquício de insanidade é como um ponto de luz na escuridão total e me impede de cometer a maior loucura da minha vida.

Mas eu sinto raiva, tristeza, dor, ódio… e eu preciso descarregar tudo isso ou vou enlouquecer, ou vou descontar tudo neste ser-humano na minha frente, assustado, acuado, no chão, chorando de desespero, de medo, talvez arrependimento também. Como um selvagem, eu grito e viro minha mesa, ela se espatifa no chão e se parte em inúmeros pedacinhos de vidro.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

No entanto, nada ameniza meu ódio. Vou até ele novamente, irracional demais, e o levanto do chão o puxando pela gola da camisa rulê.

— *Diga alguma coisa!* — salivo.

— Eu… — ele tenta, mas as lágrimas ainda o acometem.

— *Seu Alfredo,* — uma voz atravessa a porta com um leve bater — *está tudo bem por aí?*

Ignoro Carina do outro lado e continuo com minha atenção em Joel.

— *Tem ideia do que tirou de mim?* — A raiva me sobe ainda mais a cabeça, e, sem pensar, desfiro um soco em Joel, partindo seu nariz no mesmo instante. Ele urra de dor, continua em lágrimas, emudecido, apenas aceitando minha fúria. Talvez ele ache merecido. — *Tirou tudo o que eu tinha… você tem ideia?!* — Enraivecido, dou-lhe outro soco, seguido de outro e mais outro, o sangue do seu nariz espirra em minha camisa. — *Seu verme! É um maldito assassino! E eu vou te matar! Por elas, eu juro, eu vou te matar! Tem ideia do que tirou de mim?* — brado cada vez mais alto e o sacudo ainda mais, buscando forças em mim que eu não sabia existir.

Joel cai no chão, seu sangue se mistura às suas lágrimas.

— Me… perdoe… — ele balbucia, fraco, quase moribundo.

Carina bate enlouquecidamente na porta**.**

Forço-o a se levantar outra vez. Aperto meus dedos em torno de sua gola e, enquanto ando e o faço andar, digo, entre dentes e com lágrimas rolando em meus olhos:

— Te perdoar? — Bato fortemente suas costas contra a parede mais próxima. — Como acha que posso te perdoar? Você interrompeu os sonhos de uma mulher cheia de planos, uma boa mãe, uma boa esposa, uma boa pessoa. Ela tinha sonhos, planos e desejos para serem realizados. E você interrompeu isso tudo! Como posso te perdoar se você matou uma bebê de oito meses? Uma criança com uma vida pela frente, a minha maior alegria, o meu amor mais sincero, o meu motivo de acordar todas as manhãs e ser um homem melhor! — Quando percebo, estou soluçando, lágrimas debulham meu rosto, e estou o empurrando contra a parede inúmeras vezes.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu sei… eu sei… — ele cicia, os olhos esbugalhados.

Raiva outra vez me domina. Novamente, soco suas omoplatas contra o concreto, gritando, alucinado:

— Maldito cretino! Você não merece estar vivo! Não merece!

Estou desvairado demais para notar a porta se abrindo. Tudo o que desejo no momento é matar esse maldito com minhas mãos. Ele não merece viver… não depois de tirar a vida da minha filha, a vida de Sophie, de me causar uma dor insana, uma tristeza profunda.

Encolerizado demais, eu teria feito isso. Mas algo, talvez alguma coisa divina, me impede. Uma mão suave e pequena me puxa pelos ombros, ouço uma voz conhecida chamando meu nome.

— Alfredo! Alfredo! Alfredo, pare. Alfredo! Por favor, Alfredo! —

reconheço-a instantes depois.

Viro-me e vejo Lívia, a minha única salvação nesse inferno todo. Eu vejo seus olhos castanhos alarmados, e então eu volto a mim e percebo o que estava prestes a fazer se ela não tivesse entrado. Eu teria matado Joel. Sem pestanejar.

Essa realidade me atormenta e me perturba. Eu não sou ninguém para tirar a vida de outra pessoa, não sou Deus para decidir quem vive, quem morre, quem merece punição ou Paraíso. Eu sou apenas um filho da puta cheio de traumas e dores, tentando sanar minhas maiores feridas e viver minha vida. Eu não sou juiz e executor. E não me cabe julgar o homem atrás de mim, com o nariz arrebentado.

Eu o odeio. Com todas as forças dentro de mim eu o odeio. Mas não quero me tornar o que ele foi para Lauren e Sophie: um maldito assassino.

Com meu resto de lucidez, sem mais forças para suportar todo o peso em meus ombros, eu desabo de joelhos, chorando copiosamente, e, para evitar uma loucura, digo:

— Tirem esse homem daqui . *Tirem esse maldito homem daqui! Tirem esse homem daqui, o levem pra longe, não quero vê-lo mais. Nunca mais.*

Nunca mais! Tirem esse homem daqui. Tirem-no daqui! Agora!

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Entro num estado de catatonia, e nada do que acontece depois é registrado pela minha mente perturbada. Eu mal consigo sentir os braços dela rodeando meu corpo, mal consigo ouvir sua voz branda e suave me dizendo para ter calma. Eu mal sinto meus joelhos dobrados de encontro ao assoalho, ou minhas lágrimas escorrendo dos meus olhos. Eu não consigo sentir direito as coisas ao meu redor, nada além de uma raiva visceral e uma tristeza profunda. Uma tristeza que há muito eu não sentia; uma raiva que eu nunca pensei existir dentro de mim.

Meu coração ricocheteia dentro do peito, minhas mãos estão trêmulas, e minhas pernas perderam a firmeza.

— Alfredo… — escuto alguém me chamar, mas estou letárgico e catatônico demais para distinguir de quem é a voz. — Querido, fale comigo.

Um toque terno chega ao meu rosto e sou levado a erguer minha cabeça. Através das minhas lágrimas, eu a vejo. Minha mulher, na minha frente, a expressão compadecida e assustada, enquanto suas mãos tentam acalmar meus nervos alvoroçados.

— Está tudo bem, agora… Alfredo, meu amor. Está tudo bem — ela sussurra pra mim, me acariciando, tentando me fazer voltar a mim.

Mas eu não consigo. Mais lágrimas arrebentam dos meus olhos, a tristeza me atingindo e me consumindo como nenhuma outra vez. Lívia me abraça, trazendo-me para seu peito, e segue dizendo que está tudo bem, como se suas palavras fossem um mantra a ser rogado.

— Alfredo, pode me dizer o que houve? — me pergunta, a voz calma e sussurrada.

— Era ele… — balbucio e solto um soluço cavernoso, a dor me acertando com uma intensidade mortal. — Joel… foi ele… ele matou minha Lauren. Foi ele, Li. Ele quem tirou a vida da minha bebê… foi… — não consigo continuar, as lágrimas me interrompem, fazendo-me chorar mais e mais alto.

Agarro-me mais forte à minha esposa, numa esperança urgente de ela sanar minha tristeza, minhas dores e traumas, como ela já fez inúmeras vezes desde todas as minhas perdas bruscas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Meu Deus… — ela murmura, me apertando mais em seus braços, embalando-me vagarosamente, agora também assustada.

— Eu estive a ponto de matá-lo — não sei como exatamente consigo soltar minhas palavras, por causa da minha dor, das minhas lágrimas. — Se você não tivesse aparecido, eu… Deus, Lívia, eu teria matado aquele homem com meus punhos. Eu senti tanta raiva quando ele me confessou, eu senti tanto ódio como nenhum outro momento da minha vida. Eu não sabia que essa raiva ainda existia dentro de mim.

Ela fica comigo por um tempo, parece ser a eternidade. Acaricia-me ternamente e me deita sobre seu colo, embalando-me como se eu fosse um menininho assustado. Não sei quanto tempo exatamente se passa até eu conseguir me acalmar, apesar de uma dor agonizante ainda se forçar contra mim. Finalmente eu recomponho minha postura, no entanto, continuo transtornado.

— Está melhor? — pergunta-me.

— Não. E talvez nunca fique… — respondo, rouco, cheio de dor.

Lívia me acaricia no rosto.

— Quer ir pra casa? Descansar um pouco?

Eu aceno em positivo e só volto a mim outra vez quando estou em casa, Lívia me ajuda a me deitar na cama e me traz um chá de camomila.

Novamente, minha mente se torna confusa e obscura, e então eu desperto horas depois, alguém pula na cama.

— Lara — uma voz sussurra, tirando o pequeno peso sobre mim —, papai está dormindo.

— Papai… — a menininha diz — acorda.

Volto lentamente para o mundo real, e então meus olhos focalizam Enzo

segurando Lara nos braços, tirando-a da cama, onde pulava sobre meu corpo segundos atrás.

Sento-me e coço olhos, por um momento eu me pergunto se tudo não passou de um sonho terrível. Mas eu ainda visto a camisa salpicada de sangue e, instantaneamente, a dor me acomete.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Pegue uma camisa limpa pra mim, Enzo — peço, seco e rouco.

Ele me atende de pronto, enquanto Lara torna a pular na cama e vem ao meu encontro, abraçando-me pelo pescoço.

— Você acordou. — diz alegremente, e me enche de beijos.

O simples gesto preenche meu coração de uma alegria inexplicável e genuína. Eu sorrio, a trago para meu colo e também a encho de beijos.

— Como eu durmo com você espoleteando, hein? — indago e faço cócegas nela; Lara ri delirantemente.

Enzo me entrega a camisa e, com uma dificuldade mórbida, eu me troco. A porta se abre, e Lívia surge com uma caneca nas mãos. Ela olha para Enzo.

— Pedi para ver se seu pai havia acordado, não para acordá-lo, Enzo.

— Foi a Larinha. Ela pulou em cima dele. — defende-se, sentando-se ao meu lado e esticando as pernas.

Lívia se aproxima de mim, de pé na minha frente, sorve um gole do seu café — sinto o cheiro de cafeína.

— Como está se sentindo?

— Melhor — sou sincero.

— Quer um café?

— Não. Apenas um banho. Que horas são?

— Seis da tarde.

Levanto-me depois de beijar Lara e Enzo — ele se entretém no celular.

Vou até o armário e escolho uma roupa, constantemente tentando afastar os acontecimentos dessa tarde da minha mente.

— Sua mãe ligou e nos convidou para jantarmos lá. Iremos, se você quiser.

— Tanto faz — respondo, entrando no banheiro, mal percebendo que estou sendo estúpido.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Demoro mais do que o comum para me lavar. Há tanta coisa me atormentando. Visto-me com uma vagarosidade mórbida. Não me sinto bem, apesar de, se comparado a horas atrás, estar bem melhor. Contudo, continuo perturbado com as coisas de hoje à tarde.

No quarto, Lívia está com Lara, contando-lhe uma história infantil.

Paro na porta, observando as duas. Enzo continua deitado na minha cama, no celular, às vezes atrapalha a fluência da leitura para irritar a irmã. A ponta do que acredito ser um sorriso surge timidamente em mim.

— Vocês já estão prontos? — interrompo o momento.

Lívia me olha com um breve sorriso.

— Ficaremos em cinco minutos. — sussurra, então sai com Lara e puxando Enzo, que protesta dizendo estar com uma roupa ótima.

Consigo sorrir mais uma vez. Desço até a sala e bebo uma dose de uísque. Continuo com a necessidade de esquecer todas as memórias me transtornando. Dez minutos depois, eles descem, prontos, e seguimos para casa de mamãe. Faço a viagem em silêncio, Lívia quer me perguntar como eu me sinto, eu sei, e só

não o faz porque ela sabe: eu estou sendo o Alfredo de humor oscilante e a qualquer momento eu posso explodir. No entanto, eu não quero de forma alguma ser aquele homem outra vez, por isso, quando chegamos à casa de mamãe, enquanto Enzo dispara com Lara para dentro, eu a puxo pelos punhos e a beijo de surpresa.

— Não precisa se preocupar — digo em sua boca, acarinhando seus cabelos —, vou ficar bem.

Ela me dá um meio-sorriso e acena; se enrosca ao meu braço.

— Ainda vamos fazer nossa viagem em dois dias, não é? — ela me pergunta.

— Claro, querida — digo-lhe quando entramos na sala de estar.

Mamãe nos recebe com alegria, e parece que Lívia não lhe disse nada sobre meu surto hoje mais cedo. Henrique e Victória também estão aqui, e brincam com Lara, meu irmão a joga para cima e a pega ainda no ar. Lara ri como o céu.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia vai até a amiga para lhe cumprimentar, e minha mãe me dá um abraço desajeitado, sempre alegre, e me diz para sentar, pois o jantar será logo servido. Karlita surge trazendo alguns petiscos e me adverte quando eu pego um sem o uso do guardanapo. Pela quarta vez, eu consigo sorrir.

As pessoas de extrema importância pra mim vão, pouco a pouco, me fazendo voltar ao normal, tirando a angústia do meu peito, acalmando meu coração, acalentando minha alma, me confortando. Vejo Lívia com Vic, as duas riem de alguma coisa; vejo Enzo brincando com Henrique e com Lara, despertando em mim um sentimento bonito e reconfortante, ouço minha mãe alegremente falando sobre alguma coisa a qual não dou muita atenção, pois estou preso demais neste pequeno momento me invadindo e me consolando.

Como para quebrar esse bom estado de espírito meu, Fritz surge na escada, descendo com sua bengala de costume, o casaco grande em seu corpo. Ele tem um sorrisinho convencido nos lábios enquanto anda com dificuldade.

— Toda a família reunida. Que imagem mais bonita. — Ele abre um sorriso com dentes amarelados. — Quem diria, hein, Carmen? Éramos uma família pequena, e agora olhe isso… Essa casa está repleta de gente.

— E logo vamos encher mais — respondo sem desgrudar os olhos dele.

— Lívia e eu ainda teremos mais um filho. Um menino agora, não é, meu bem? — Busco pela minha esposa, ela me olha com um olhar indecifrável.

Ela não sabe se estou falando sério sobre ter mais um filho ou se é somente para provocar o velho Fritz.

Fiz pelos dois motivos, essa é a verdade.

— Ah, claro que sim… — Fritz diz, terminando o lance de degraus. —

Ela não seria tão tola em não ter mais um herdeiro Hauser. — insinua.

Meu sangue ferve, mas eu me contenho.

— Só quero que saiba, Fritz, meu humor hoje não está bom, então…

cuidado com suas palavras. Já estou de saco cheio de você e suas insinuações referentes à minha mulher.

— Alfredo, por favor… — Lívia murmura, se aproximando de mim. —

Esqueça isso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não. Alguém precisa pôr esse velho no lugar dele!

— Meça seu tom, meu jovem — Fritz me desafia.

— A única pessoa que precisa medir alguma coisa aqui é você. Você não conhece Lívia, não sabe nada sobre ela, e ainda assim insiste em sugerir que ela está onde está não por mérito, mas por se aproveitar desta família.

— Filho… — mamãe também tenta me acalentar, mas nada neste mundo seria o suficiente para me acalmar.

Na verdade, eu não sei o verdadeiro motivo de estar dando corda a Fritz e suas provocaçõezinhas mesquinhas e fúteis. Talvez eu ainda esteja irritado sobre hoje à tarde e precise descontar urgentemente minha ira em alguma coisa, simplesmente para aliviar minha tensão.

— E eu disse alguma mentira? — Fritz é insistente e provocador.

Encolerizado, dou um passo à frente, pronto a quebrar a cara desse velho maldito, mas Lívia se põe em meu caminho, o rosto numa máscara alarmada. Isso é o bastante para me impedir de continuar.

— Vamos embora agora — digo, indo até Henrique, pegando Lara de seu colo e puxando Enzo pelos punhos.

— Alfredo, o jantar ainda… — Lívia começa, mas a impeço.

— Vamos embora agora, Lívia — falo com mais firmeza, já me dirigindo para fora.

No carro, estamos em um silêncio tenso. Eu sequer despedi de minha mãe ou de meu irmão e fui extremamente rude com minha esposa. Eu não quero justificar minhas ações com o ocorrido de hoje mais cedo, mas eu preciso com urgência de um saco de pancadas, preciso descarregar minha raiva, minha angústia, a tristeza ainda martela meu peito. E eu estive a ponto de fazer isso com um homem beirando os setenta anos.

Entro no quarto e bato a porta com força. Lívia vem logo atrás, puxa-me pelo braço.

— Precisa se acalmar, Alfredo.

— Eu estou calmo, droga!

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não, não está. Olha o seu estado. Está transtornado, fora de controle.

Se acalme, querido, antes que faça uma bobagem. — ela me diz, segura minha mão e me senta na cama.

— Lara…

— Está no outro quarto, com Enzo.

De repente, eu caio em lágrimas. Lívia me abraça e murmura palavras que me acalentam. Eu tenho uma enorme necessidade inexplicável de me descarregar, de encontrar uma válvula de escape. E agora, sentindo o cheiro dela, as mãos sobre minha pele, eu sei que não preciso espancar ninguém, eu só preciso transar com a minha esposa. Tendo isso eu não preciso de mais nada. Mas ainda faltam dois malditos dias até nossa viagem, e não sei se aguento até lá.

Sem perceber, já estou mais calmo, envolvido nos braços da mulher que amo, da mulher que esteve todas as vezes aqui pra mim.

— Me desculpe, Li… Eu sou um idiota.

— Está tudo bem, Alfredo. Eu te entendo. Está mais calmo?

Balbucio um sim.

— Precisamos conversar. — ela diz séria. Encontro-me com seu olhar.

— Está falando sério sobre ter outro filho?

Pela quinta vez, eu sorrio.

— Por que não? Você não quer?

Ela me olha com um sorriso pequeno, os olhos cintilam verdadeiramente. Lívia me faz um carinho no rosto, sua palma branda de encontro com minha barba áspera.

— Talvez a gente encomende um em dois dias, o que acha?

Como resposta, eu apenas a beijo, tomando seus lábios de forma urgente e desesperada, sôfrego. Lívia me puxa pela gola da camisa, e sou inclinado a me

deitar sobre ela. O momento esquenta. Sinto-me excitado e até mesmo disposto a esquecer essa coisa idiota de viagem e transa especial.

Quero-a agora. Com urgência.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Amor… — ela sibila quando me vê desfivelando o cinto — as crianças… não podemos… elas estão acordadas.

— Oh, inferno! — murmuro sobre seu corpo, inspirando profundamente ar para os pulmões.

— Tome outro banho. Desperte. Depois quando eles dormirem, nós…

— Não. Eu aguento. São só dois míseros dias, Li. Eu aguento.

— Alfredo…

— Eu aguento.

Lívia não me responde, apenas fica me acariciando nos cabelos até, mais uma vez, minha mente se obscurecer, e eu dormir atado à minha mulher, sobre seu colo, sentindo a maciez dos seus lábios em meus cabelos; uma onda de conforto e amor dominando todo meu corpo.

E nesse momento não há mais lugar para raiva ou tristeza.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

20

ESPECIAL

Alfredo

NO DIA SEGUINTE, ACORDO COM MEU CORAÇÃO EM PAZ.

Embora, lá no fundo, exista um pequeno indício de tristeza.

Lívia já está em pé, lindamente com uma camisa cambraia amarela e jeans escuros. Ela fala ao telefone, resolvendo algo sobre a Hauser, suponho, enquanto passa uma máscara de cílios, em frente ao espelho.

—… só irei à tarde. Agora cedo estarei num Congresso na CONAD com Alfredo. Sim… obrigada. — Ela encerra a ligação e abre um sorriso generoso quando me vê acordado. — Bom dia, querido. Acho melhor se apressar. —

diz-me e continua com seu ritual de beleza.

Levanto-me e, antes de seguir para um banho quente, beijo-a nos lábios. Quando termino e saio para quarto, ela já está pronta, sentada na cama com uma xícara de café forte e amargo nas mãos. Visto-me com um jeans e blazer — estou desinteressado hoje em estar formal —, enquanto ela me pergunta se dormi bem.

— Sim, eu… — sou interrompido pelo meu celular sobre a escrivaninha. Lívia olha para ele e instantaneamente exibe um semblante desgostoso. — Quem é? — indago, me aproximando.

— Angelina. — responde com desdém.

— Deixe tocar — volto-me para o espelho, ajeitando a gola da camisa social.

— Pode ser importante.

— Não é.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Posso atender? — Eu a olho através do espelho, um pouco surpreso com sua oferta. Aceno em positivo, e ela atende a ligação.

— Alô? — Enquanto termino de me arrumar, fico atento à conversa das duas. — Ele está ocupado, Angelina. Estamos nos arrumando para a CONAD.

— Uma pausa demorada. Lívia pega lápis e papel na gaveta do criado-mudo e

escreve alguma coisa — Tudo bem. Esteja pronta em quinze minutos.

Passaremos aí. — pronuncia e encerra a ligação, devolvendo meu celular à mesinha de cabeceira.

— O que ela queria? — pergunto, levemente curioso, escolhendo uma colônia para usar.

— Pedir uma carona para a CONAD. O carro dela furou um pneu, e o táxi vai demorar pelo menos cinquenta minutos.

Volto-me para Lívia, cenho enrugado, estranhando o rumo dessa conversa, o fato de ela ter aceitado dar uma carona à Angelina.

— E você aceitou dar uma carona a ela? Lívia… — advirto-a.

— Qual o problema? — questiona, vindo até mim; me segura pela gola e a ajeita, olhando-me nos olhos com um olhar apaixonado. — É só uma carona, e eu estou junto. Não pense em fazer isso caso um dia esteja sozinho.

— Eu não faria de qualquer maneira — digo, mirando seus lábios doces. — Quero distância dela.

— Ótimo, senhor Hauser. Agora vamos, pois estamos atrasados.

Seguimos até o apartamento de Angelina, anotado no pedaço de papel com as letras de Lívia. O fato de ter de dar uma carona a ela me incomoda demasiadamente, e me é difícil compreender por que minha esposa decidiu ter tal atitude para com Angelina, um alguém que, claramente, ela não suporta.

Decido não contestar os motivos de minha mulher.

Chegamos até o prédio dela, estaciono numa vaga com permissão para estacionamento por cinco minutos, aciono o pisca-alerta e ligo em seu número para avisá-la que já a esperamos. Muitos toques sucedem, e ela não atende. Tento mais duas vezes, e nada de Angelina atender ao telefone.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Descemos do carro e seguimos até a portaria, onde peço para o porteiro me anunciar, mas Savhoya não responde ao interfone.

— Se o senhor quiser, pode subir até o apartamento da senhorita Savhoya — diz-me o atencioso porteiro.

— Claro. — respondo, exasperando um suspiro. O porteiro nos informa o número do apartamento de Angelina e libera nossa passagem, mas Lívia se opõe.

— Eu prefiro ficar aqui, Alfredo. Estacionamos o carro em lugar inadequado com o pisca-alerta ligado. Darei a volta no quarteirão e volto aqui, é tempo suficiente pra você chamá-la e voltarem.

Eu não tenho tempo de contestar, minha esposa já pegou as chaves do meu bolso e se foi. Inspirando profundamente ar para meus pulmões tomo o elevador até o andar de Angelina. Paro frente ao apartamento 183 e toco a campainha. Em apenas um minuto a porta se abre e me revela uma Angelina de roupão, rosto maquiado e toalha na cabeça.

Olho no relógio. Ela já deveria estar pronta.

— Está atrasada. — indico, a voz áspera.

— Ah, eu sei, Alfredo. Tive uma porção de imprevistos, você nem imagina. Mas entre, estarei pronta em dois minutos — diz, já me puxando pelos punhos.

Não tenho uma oportunidade para relutar, quando vejo, já estou dentro do apartamento dela, em sua sala, enquanto Angelina segue para terminar de se arrumar. Um minuto inteiro se passa, e eu me sinto completamente deslocado e desconfortável na casa dela.

— *Eu estou indecisa* — ela fala alto, de algum canto do apartamento

—, *qual você prefere, Alfredo?* — Sua voz se aproxima pouco a pouco, até ela estar na sala, de calcinha e sutiã, para o meu espanto. — O vestido vermelho ou preto? — pergunta, segurando um vestido em cada mão.

Viro-me de costas instintivamente, muito por respeito, muito por ser idiota o suficiente de vir para cá sozinho.

— Vista qualquer coisa. Te espero lá fora — e já caminho em direção à NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

porta quando, de repente, sou impedido. Angelina toca meu ombro e me faz virar em sua direção.

— Por que está nervoso? Parece que nunca viu uma mulher seminua na sua frente — sussurra, acariciando meu braço, tentando me seduzir.

Então eu percebo, tudo não passou de uma bela armação para me atrair até aqui. E eu fui idiota o bastante para cair nessa armadilha.

— Sou casado, Angelina — ressalto, afastando-a de mim —, e você deveria ter um pouco de respeito.

— Adianta estar casado se não transa com sua mulher há meses? —

inquire ela, para minha surpresa, e torna a me acariciar no braço, a me olhar com desejo e paixão.

— Como você sabe disso? — Estou surpreso demais para protestar sua mão em meu tórax, seus olhares indecentes.

— Sei mais de você do que pode imaginar, querido — enuncia, baixinho, e se ergue no pé para deixar um beijo em meus lábios.

Afasto-me prontamente, mas Angelina ainda me alcança, juntando nossos corpos mais uma vez. Estou prestes a rebater, mas suas próximas palavras congelam as minhas e minhas ações:

— Você está tenso por ontem, por causa daquele homem, ele te causou tanto sofrimento… e precisa descarregar. E você só vai encontrar conforto no sexo, aquilo que você gosta — Angelina segue dizendo sensualmente, e nem percebo ela, vagarosamente, tirar meu blazer. Sinto-me catatônico por ela saber tal coisa, sinto-me dolorido por tais lembranças, sinto um misto de sentimentos inexplicáveis: tensão, raiva, tristeza, dor, ódio… — E eu estou aqui para isso, Alfredo, já que sua esposa não lhe quer…

Outra vez Angelina me beija nos lábios, e, num segundo de loucura, eu retribuo, trazendo seu corpo ao meu, permitindo sua língua me invadir; suas mãos percorrem meu corpo, alcançam meu zíper. Uma crescente dor se faz em mim, tenho ciência da loucura que estou cometendo, do meu erro imperdoável sendo consumado… Mas eu não me importo, não me importo com nada. Não me importo quando ela abaixa minha calça e me envolve com suas mãos, enquanto sua boca ainda está na minha; não me importo quando NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ela se despe completamente, me leva até o sofá e se senta sobre mim.

Não me importo quando sinto prazer pela penetração e gemo dolorosamente, porque, em meu interior, há uma maldita crise moral. É

errado, eu sei, mas o errado está me dando um orgasmo, e — porra! — eu não me importo.

— Meu deus — sibilo em meio ao prazer —, você é gostosa…

Ela sorri delirantemente.

— Isso… — ela murmura, cavalgando em mim — você não pode chamar sua esposa assim, pode? — Ela me olha nos olhos, e eu estou perdido demais para questionar como diabos ela sabe sobre isso. — Mas a mim você pode… pode me chamar do que quiser.

Jogo a cabeça para trás, arfando, lágrimas se juntam nos meus olhos.

Eu devo parar com isso. Não é certo, não é justo com Lívia. Lembranças me acometem. Eu fiz o mesmo com Sophie, e foi pior: a traí no dia do nosso casamento. E agora estou traindo minha esposa, a mulher que amo, a mulher que me perdoou mais vezes do que um ser-humano é capaz de perdoar, a mulher que esteve pra mim em todos os momentos da minha vida.

Eu penso em parar, em tirar Angelina de cima de mim, em dar um basta nisso tudo, mas então…

— Alfredo? — Lívia murmura, parada à porta, olhando pra mim com os olhos

cheios de lágrimas. — Como pôde? — acusa-me, as lágrimas rolam.

Uma tristeza cruciante me atinge.

E então eu acordo.

***

Puxo ar para os pulmões desesperadamente. Demoro a perceber que estou chorando, suando frio, com as mãos trêmulas, já sentado na cama. A escuridão se estende à minha frente, e levo um tempo até entender que tudo não passou de um sonho… um sonho terrível, insano, incompreensível.

Deus, como eu pude sonhar com Angelina? Controlo minhas emoções, tento manter minhas lágrimas pra mim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Frê…? — Lívia sussurra, sonolenta, e põe sua mão sobre minhas costas desnudas. Eu sequer me lembro de ter me despido depois de dormir em seus braços — Você está bem?

— S-sim — titubeio, ainda atordoado com o maldito sonho. — Só um pesadelo — explico-me, e então me levanto. Reparo que estou com calças de algodão.

— Com Lauren? — ela pergunta, preocupada, e acende o abajur.

Olho para minha esposa com um grande nó na garganta. Eu quero desabafar, como fazia quando tinha meus pesadelos, mas eu simplesmente não posso lhe dizer ter sonhado que eu transava com Angelina… não, eu não posso. Isso partiria seu coração.

— Sim — minto, as lágrimas continuam vindo, mas estou fazendo um esforço sobre-humano para não desabar em sua frente. — Só preciso de uma água.

Antes de ter qualquer resposta, desço até a cozinha a passos rápidos, meu coração acelerado. No caminho, eu deixo as lágrimas me tomarem, eu preciso chorar pra ter controle da situação outra vez. Pego uma água gelada na geladeira

e sorvo dois copos cheios.

Nada me acalma.

Encosto-me à geladeira e, lentamente, deslizo até o chão. Escondo-me entre minhas mãos, choro outra vez, e nem sei por que choro. Talvez eu sinta medo de não ser forte o suficiente, de me deixar levar pelos desejos da carne… Mas eu não quero isso.

Dou um murro forte na porta de inox da geladeira, precisando mais uma vez de alguma coisa pra descontar minha raiva, minhas frustrações, precisando de uma válvula de escape, precisando tirar o peso dos meus ombros.

— Querido… — de repente, Lívia está agachada na minha frente, tocando meu joelho dobrado até a altura do peito. Só então noto meu estado deplorável: choro num canto da cozinha, sozinho, abraçando meus joelhos, feito a droga de um garotinho de quatro anos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ela quer me abraçar, mas não permito. Há uma enorme necessidade de ser franco com ela, de lhe pedir perdão…

— Me desculpe — soluço —, eu não sei o que houve comigo, Li… me desculpe.

— Te desculpar pelo quê, Alfredo? — ela pergunta, branda, acariciando meu cabelo.

— Eu sonhei… sonhei que te traía… eu transava com outra mulher.

Eu… não sei por quê… eu só…

— Shhh — ela me impede de continuar, ainda acaricia meu rosto. —

Foi só um sonho, Alfredo.

— Não é normal, Lívia… não é normal… e eu sinto tanto… sinto muito, muito, mesmo.

— Olhe pra mim — Lívia me diz, suavemente, e ergue meu olhar em direção ao seu. — Foi só um sonho, não tem significado nenhum pra mim…

Você está sem sexo há algum tempo, sofreu uma grande pressão ontem, e tem sofrido uma grande pressão desde tudo… Eu te entendo, meu amor… — Ela é toda sincera, e então me beija profundamente; eu me seguro a ela, pois Lívia é minha única salvação.

Eu não entendo como Lívia pode ser tão compreensiva a esse ponto. Eu não entendo, e não quero entender. Só preciso dela ao meu lado, com sua compreensão, seu sorriso sincero e bonito, dando-me toda a motivação necessária para eu seguir em frente.

Trago-a mais para perto de mim, aprofundando nosso beijo. Ela desvia sua boca úmida e quente da minha e desce pelo meu queixo, passa pelo pomo de Adão e chega à clavícula. Ela se senta melhor em meu colo, seus dedos se fecham em meus cabelos, minhas mãos sobem pelas suas costas — ela está usando uma regata branca e um short de algodão cinza —, e sinto a maciez de sua pele que tanto me deixa extasiado.

Lívia sorri em minha boca quando sente o ligeiro volume entre minhas pernas.

— Vamos para o quarto… — sussurra — continuamos lá. — Lívia
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

puxa meu punho, mas eu permaneço no mesmo lugar.

— Não — digo firme e rouco —, eu disse que aguento, Lívia. Quero que seja especial… vamos esperar. Falta pouco.

Com um suspiro pequeno Lívia se agacha, tocando um joelho no chão.

— Esqueça isso, Alfredo.

— Lívia…

— Escute… — Ela alcança minhas mãos e as acaricia amorosamente

— não importa onde, como ou quando nós transamos. Nossas transas serão *sempre* especiais pra mim. Nossa primeira vez foi especial, apesar de tudo; aquela vez no estacionamento do cinema foi especial; no banheiro do restaurante foi especial; logo quando você voltou da França foi especial… Na nossa lua de mel foi especial; em Paris, quando tínhamos rompido, foi especial. Todas as vezes em que nós transamos, Alfredo, nos últimos anos, foi especial de alguma maneira.

Eu a encaro dentro dos olhos e não consigo dizer nada, verbalizar sequer uma palavra. Eu só quero ficar diante dela, ouvir sua voz macia e branda conversando comigo, relembrando nossos momentos mais marcantes.

— Todas as vezes em que transamos naquele sofá com a lareira acesa foi especial. Seria especial até mesmo se eu transasse com você agora, nessa cozinha. — Sua mão chega ao meu rosto, tocando-me ternamente, um sorriso sincero ilumina a nossa cozinha, mergulhada em uma escuridão parcial. —

Não precisa me levar a um lugar paradisíaco, ou enfeitar uma cama com pétalas de rosas, ou planejar uma viagem para termos uma transa especial. Eu sei que você me ama, eu sinto isso todos os dias, no nosso dia a dia, te observando, vendo sua dedicação. Não precisamos fazer uma viagem para você me mostrar isso. Eu acredito no seu amor pra mim, e — vamos combinar? — nossas transas mais especiais acontecem em momentos incomuns das nossa vidas, quando menos esperamos, sem nenhum planejamento. E todas elas se tornam inesquecíveis pra nós.

Lívia termina seu pronunciamento, e agora, aqui, se ainda havia alguma dúvida, já não há mais, eu tenho certeza de ter me casado com a mulher mais esplêndida da face da Terra.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Quero que saiba disso, mas, se ainda quiser esperar até a viagem, nós vamos esperar.

— Eu não quero… — respondo, cheio de paixão. — Quero você agora, eu disse que aguento, mas eu não aguento. Preciso de você.

Lívia me dá um sorriso — me encanta e me excita.

— Vamos subir — ela tenta me puxar outra vez pelos punhos, e outra vez eu não me movo.

— Não. Você disse que transaria comigo nessa cozinha, e é aqui que vamos transar.

Antes de ela me responder, já estou em pé, tomando sua boca fervorosamente num beijo ávido e profundo, somente querendo tirar-lhe todo o ar dos pulmões. Lívia me afasta delicadamente, tem um sorrisinho enigmático nos lábios.

— Espere… — ela ofega, vai até um Ipod sobre nosso balcão e seleciona uma música. As primeiras notas ressoam pelo ar, difundidas pelas caixinhas de som nos cantos extremos do cômodo.

Quero agarrá-la e beijá-la novamente, mas Lívia é megera o suficiente para não permitir. Ela me empurra fortemente contra a porta da geladeira, suas mãos suaves contra meu peito desnudo.

Ela me olha com lascívia e sensualidade, combinando com a melodia ressoando baixinho pelo ambiente — um rock alternativo com batidas sensuais, como as de músicas eletrônicas, e solos de guitarras inconfundíveis.

Demoro até reconhecer, é *Supermassive Black Hole*, Muse.

♬ Ooh, baby, don't you know I suffer?

Ooh, baby, can't you hear me moan?

You caught me under false pretenses

How long before you let me go? ♪

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia se aproxima da minha boca vagarosamente, deixando-me à beira da loucura. Ela me morde delicadamente no queixo, enquanto sua mão —

atrevida — escorrega de forma lenta até meus quadris, tocando-me com uma simplicidade que me ensandece. Sinto um leve apertão em minhas partes, e a danada sorri em minha boca, sentindo minha ereção.

— Pronto para ter o melhor sexo da sua vida, senhor Diniz? — me pergunta, a voz rouca, baixa, sensual.

Sinto-me excitado ao extremo. Não consigo respondê-la.

Ela cola sua boca em meu colo e então vai descendo com beijos úmidos, mexendo o corpo de forma sexy, acompanhando as batidas da música. Seus lábios estão em minha barriga, e sua mão agora se envereda para dentro das minhas calças, permitindo o contato direto de sua palma com meu membro pulsante.

Um gemido inumano escapa de mim quando Lívia me envolve com seus lábios de veludo, suculentos, sugando-me com delicadeza. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, me perdendo cada vez mais.

— Santo Deus… — murmuro entre gemidos. E para aumentar minha excitação, ela me olha de baixo para cima, intensificando a intensidade de suas chupadas, acariciando-me os testículos. — Puta que me pariu, Li…

Lívia sorri, sua boca ainda me contornando. A visão me enrijece mais e mais.

♬ Glaciers melting in the dead of night

And the superstars sucked into the...

(ooooh-ahhh, you set my soul...)

Supermassive black hole ♪

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Desvairado de amor, eu a puxo para cima, beijando sua boca freneticamente, enquanto a encaminho até o balcão. Tiro seu short, sua calcinha e sua regata com movimentos rápidos e desesperados; agachado na altura da sua intimidade,

minha excitação lateja.

Quero chupá-la até não sentir mais meus lábios. No entanto, uma ideia me passa pela cabeça. Ponho-a no balcão, e Lívia me espera, a expressão extasiada, até eu voltar com chantilly em um sifão.

— Oh Deus, Alfredo — ela murmura, os joelhos separados dando-me visão da sua intimidade, já sabendo das minhas intenções.

— Eu comprei esse chantilly há algum tempo para somente uma finalidade… — digo, me aproximando e tocando sua vagina molhada. — E

vou usá-lo hoje.

Ajeito-a melhor sobre o balcão, apoio seus pés na superfície e separo seus joelhos. Ela joga a cabeça para trás no instante em que sente o chantilly gelado encontrando-se com sua intimidade. Sem nem mesmo pensar, eu caio de encontro para o vão de suas pernas, sentindo o gosto natural da minha mulher mesclado ao doce do chantilly, e é um sabor incomparavelmente maravilhoso. Chupo-a até ela estar limpa novamente, incentivando seu ponto sensível, penetrando-a superficialmente. Lívia geme baixo, se contorce, e aumenta meu tesão. Repito o processo mais algumas vezes, até eu a sentir gozar em minha boca, seu gozo se misturando ao creme branco e açucarado, dando-me um sabor único e delicioso.

— Alfredo… — ela sibila, os olhos fechados, as pernas trêmulas —

entre em mim.

— Ainda não, amor — sussurro de volta, e agora traço um caminho de chantilly da sua vagina até sua boca. Limpo o traçado de chantilly com a língua, passando pela barriga, pelos seios, até chegar aos seus lábios e sugá-los febrilmente.

Lívia me contorna com suas pernas, suas mãos se agarram aos meus cabelos, necessitada, ela me traz para sua boca, aprofundando nosso beijo, inclinando seus quadris de encontro ao meu. Seguro seu rosto com apenas uma mão, olho para ela, ofegante, aperto-a nas maçãs do rosto com delicadeza. Com a outra mão, coloco um pouco de chantilly em sua boca, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

então a beijo outra vez, enquanto me ajeito entre suas pernas e a penetro com força.

Gememos em uníssono, e eu quase não consigo acreditar que, depois de tanto tempo, estou dentro da minha mulher outra vez. Por um instante insano, tenho medo de ser tudo um sonho, medo de acordar a qualquer momento.

Fecho os olhos querendo aproveitar melhor esse momento, me segurando para não gozar… Deus, estou numa seca desgraçada.

— Mais rápido, Frê… — ela me pede, arranhando meu peito, mordendo meu lábio inferior. — Com mais força.

Eu não penso sequer um segundo. Seguro sua fina cintura com mais firmeza e me enfio mais dentro dela com mais rapidez, mais força.

Sinto seu corpo se amolecer vagarosamente, ela está a ponto de gozar outra vez, eu sei. No entanto, eu saio de dentro dela, e Lívia protesta com um gemido engasgado. Puxo-a do balcão, pondo-a em pé, e a coloco de costas para mim, deitando-a de bruços na superfície gelada. Traço outro caminho de chantilly por suas costas e, enquanto a penetro mais uma vez com força e rispidez, nessa posição me deixando desatinado, eu chupo o caminho de creme em seu dorso.

— Porra, Lívia. — gemo, abraçando seu corpo. — Amor… amor, você é tão… tão gostosa. Porra de mulher gostosa — uivo, me acometendo mais contra ela.

E, com as minhas palavras, eu a sinto tensa. E então me lembro, não deveria ter usado essa palavra. No entanto, eu não posso conviver evitando chamá-la assim pelo resto dos meus dias. É preciso superar essa maldita palavra.

— Sou eu, querida — digo em seu ouvido, diminuindo os ritmos do sexo. Acaricio a ponta de sua orelha com minha língua e percorro seu corpo com minhas mãos num toque suave e romântico. — Sou eu, amor. O seu Cretino… o senhor Diniz… o homem que te ama mais do que tudo nessa vida e te acha a mulher mais gostosa do mundo.

Ela me enlaça com seus braços em torno do meu pescoço, sua cabeça se encosta ao meu ombro, dando-me acesso e visão ao seu pescoço branco e NACIONAIS-ACHEROM

delicado, vejo algumas de suas veias, a cor arroxeada delas em contraste com a porcelana de sua pele. Aproximo-me para beijá-la nesse sua parte, onde sei que lhe causa tesão e arrepio. Ela se move contra mim.

— Diga outra vez… — suspira, os olhos fechados.

— Você é gostosa, amor… Deus… Lívia — e, sem delicadeza, eu a inclino de volta ao balcão, entrando nela com força. — Você… é… muito…

gostosa.

— Diga outra vez… Não seja delicado, droga! Diga, Alfredo! Não seja romântico, seja o meu Cretino.

Então eu perco toda a minha estabilidade. Nós dois fazemos um sexo selvagem e louco. Eu tiro todo meu atraso de meses sem sexo com Lívia. Eu me perco nas suas curvas em todos os cantos da cozinha: no balcão, contra a geladeira, no chão, na mesa, na cadeira, na dispensa… Eu gozo pelo menos duas vezes antes de acabarmos no sofá, ela de costas pra mim, ajoelhada, me dando um terceiro orgasmo.

Estamos suados e cansados, no meio da escuridão engolindo a sala, deitados sofá, sendo um o cobertor do outro. Lívia pousa sua cabeça em meu tórax e roça a ponta do seu indicador contra o desenho da minha tatuagem, como é de seu costume, e como me agrada sobremaneira.

— Foi especial o suficiente pra você, senhor Diniz?

Sorrio pra mim mesmo, arfando, sem ar nos pulmões. O Ipod ainda está ligado, as músicas continuam ressoando pelas caixas de som em um volume agradável e baixo o bastante para não acordar as crianças no andar de cima.

— Foi melhor do que eu planejei na viagem — respondo, deixando um beijo em seus cabelos. Ela sorri e se ajeita melhor em meus braços. — E você tem razão… você *sempre* tem razão… nossas melhores transas são feitas sem planejamento.

— Eu sei que sempre tenho razão — ela brinca, e me faz rir.

Ficamos um tempo em silêncio, somente curtindo a presença um do outro, nossas respirações e o calor dos nossos corpos.

— Ainda faremos a viagem, certo? — pergunto a ela.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Obviamente. Precisamos de um tempo só nosso.

— Ótimo… — cicio e a beijo outra vez nos cabelos, o seu cheiro de suor me inebria. — Vamos subir e dormir? São quatro da manhã.

Lívia abana a cabeça e parece-me cansada. Pego nossas roupas e nos vestimos, desligo o Ipod e voltamos para o quarto. Lívia mal cai na cama e já está dormindo, nem quis tomar um banho para se limpar. Ao seu lado, vigiando seu sono, depois de uma ducha quente, eu fico a observando, tentando me imaginar como eu seria se ela não estivesse na minha vida.

Tentando imaginar *quem* eu seria sem ela.

Provavelmente, eu não seria ninguém.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

21

VIAGEM

Lívia

A IMAGEM SE REVELANDO À MINHA FRENTE É UM PARAÍSO VERDE.

E Alfredo não exagerou quando disse que o lugar é magnífico.

Com uma atmosfera rústica e de interior, o sol escaldante acima de nós, o céu azul e límpido, montanhas imponentes, o canto dos pássaros e o som de cachoeira vindo das profundezas da mata, a paisagem é completamente

estonteante aos meus olhos, o suficiente para me fazer perder o ar.

Finalmente fizemos nossa viagem. Foram três horas até chegarmos aqui, uma cidade turística de sessenta mil habitantes de clima tropical e matas verdejantes. Estamos parados na entrada do local, numa guarita com a cancela fechada.

— É lindo, não é? — Alfredo diz, olhando para mim, as mãos no volante, o sorriso encantador, enquanto esperamos a cancela se abrir lentamente.

— É perfeito, Alfredo — murmuro, ainda maravilhada.

Olho para ele com um largo sorriso. Alfredo está usando uma camisa azul-claro de linho e uma bermuda branca de sarja. Há um par de óculos escuros pendurado no colarinho, os cabelos médios jogados para trás lhe dando um charme peculiar e deslumbrante.

— Você gostou? — sussurra, roubando-me um beijo.

— Eu adorei, querido — respondo, colocando uma mecha de seu cabelo para trás.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

A cancela termina de abrir, Alfredo passa a primeira marcha e avança vagarosamente, seguindo algumas placas de indicação. Paramos ao chegarmos a um segundo portão com uma segunda guarita.

— Sejam bem-vindos ao *Refúgio dos Sonhos* — um homem surge de dentro da atalaia e para ao lado da janela do motorista.

Vestindo jeans confortáveis e uma camisa verde com o logo da empresa, o homem nos recepciona calorosamente. Com uma simpatia alegre, o funcionário nos indica a recepção para fazermos o *check-in* e diz que um encarregado levará nosso carro até a recepção juntamente com nossas bagagens para fazermos o pequeno trajeto a pé, nos convidando a respirar o ar da montanha e conhecer o local. Deseja-nos uma ótima estadia e, com a mesma alegria que nos recebeu, nos acompanha até a recepção.

Caminhamos por cento e cinquenta metros, Alfredo com seus braços circundando minha cintura, e sem demora entendo por que o local nos sugere essa pequena caminhada. Pelo caminho, nos deparamos com coqueiros, redes de descanso amarradas às araucárias, lago com peixes nadando calmamente, um lindo casal de pavão, esquilos subindo pelos troncos rapidamente, assustados com nossa chegada.

A entrada do local é um grande salão rústico. O balcão de atendimento é feito de um tronco de árvore perfeitamente envernizado, acentuando a atmosfera campestre do lugar. Depois de fazermos nosso *check-in* e recebermos um folder com todos os lugares e atrações do local, seguimos para nosso chalé, agora com nosso carro trazido pelo motorista. Andando vagarosamente em segunda marcha, muito por conta da estradinha estreita de terra e para observamos a paisagem também, passamos por diversos chalés enumerados até, quase um quilômetro depois, chegarmos ao nosso. Alfredo fez questão de reservar um dos mais distantes, e quando lhe questionei sobre isso, com sua resposta veio o sorriso maroto, o olhar sem-vergonha:

— Não queremos os outros hóspedes ouvindo nossos gemidos, queremos?

Eu enrubesço na mesma hora, gargalho e o estapeio no ombro.

Alfredo estaciona o carro ao lado do nosso chalé, numa área apropriada. Ainda do lado de dentro, eu observo a singela acomodação. De NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

dois andares, feito de madeira, no estilo chalé suíço, há uma varanda aconchegante com uma rede colorida, a balaustrada na entrada dá um charme e um requinte e conversa com o ambiente e com a estrutura do lugar, a chaminé de pedra branca grudada à parede do lado direito sugere noites frias em alguma época do ano.

Entramos no local, a madeira rangendo sob nossos pés.

A sala à nossa frente se revela pequena, mas receptiva. Há dois sofás, uma mesinha de centro reaproveitada de um antigo carretel, a lareira está do outro lado acomodando uma TV, um frigobar logo ao seu lado. A única janela veneziana, ao lado da porta de entrada, está fechada, e há uma cortina branca e

fina é graciosa o suficiente para transformar a atmosfera num ambiente familiar e confortável.

Os sofás estão quase embaixo de uma escada que nos leva até o andar de cima. Rio quando Alfredo precisa se abaixar um pouco, por conta da arquitetura do telhado, e, enquanto ele desfaz nossas malas, vou até o deque, me encosto ao balaústre e observo a vegetação, sinto o vento refrescante tocar meu rosto, escuto o som da correnteza de um rio e de uma cachoeira trazidos pela brisa.

— Então, você gostou? — ele murmura, abraçando-me por trás e deixando um beijo na minha nuca.

— É o lugar mais lindo que já vi, Alfredo — respondo, meus olhos grudados à paisagem campestre.

— O que você quer fazer primeiro?

— Vamos andar um pouco, conhecermos o lugar. Vi algumas placas e trilhas no caminho. A menos que queira descansar da viagem.

— Não estou cansado.

— Ótimo. Quero aproveitar cada segundo dessa viagem com você —

viro-me em sua direção, cinjo seu rosto com as mãos e o beijo profundamente.

Aproveitamos o restante da tarde — chegamos aqui por volta das 14

horas — conhecendo o lugar. Voltamos até a recepção do hotel, onde,
NACIONAIS-ACHEROM

também ali por perto, fica o restaurante, salão de jogos, sala de TV a cabo, um bar, um pequeno cinema, uma biblioteca acolhedora, piscina aquecida e coberta e piscina tradicional, uma área infantil chamada *Brinquedoteca* — e eu não deixo de pensar em como as crianças ficariam felizes se estivessem aqui — e uma ampla área de descanso com muitas redes espalhadas, debaixo de sombras de coqueiros onde os hóspedes podem tirar um cochilo ou ler um livro emprestado da biblioteca do próprio lugar. No entorno, há ainda algumas lojinhas artesanais de lembranças e um salão de beleza.

Alfredo e eu passamos boa parte do tempo sentados no gramado, à beira de um lago, jogando ração para os peixes, sob o sol escaldante, rindo de qualquer asneira dele. Ele quis voltar e pegar o carro e visitarmos a cidade, mas eu preferi me esticar ali mesmo, sentir os raios quentes aquecerem minha pele, observar o céu que, como nenhum outro lugar, parece azulíssimo. Em algum momento, nós caímos em um cochilo rápido, causado pela sonolência do calor em nossas peles.

Perto das dezoito horas, voltamos para nosso chalé, tomamos um banho e caminhamos até o restaurante novamente. Apesar da distância entre nosso chalé e o “centro” do local, a caminhada é agradável, e de noite, com a brisa fresca soprando os cabelos de Alfredo, é ainda melhor. Agora, ele está usando uma camisa branca de cambraia com alguns botões abertos, deixando à mostra o peito moreno, e calças jeans.

Apesar de simples, está estonteantemente lindo.

Temos um jantar agradável, num ambiente à meia-luz e familiar, com um cardápio tipicamente brasileiro. Por volta das vinte e uma horas, estamos outra vez em nossa estalagem.

Mal entramos, e ele já me toma fervorosamente em sua boca e, desajeitado, me guia a subir as escadas. Rio enquanto trocamos beijos e tento nos manter equilibrados, sentindo suas mãos devassas erguendo meu vestido, se enveredando pelas minhas costas para arrancar meu sutiã.

— Não seja tão apressado, Cretino… — murmuro em sua boca, o afastando de mim com delicadeza. — Tenho uma surpresa pra você.

Alfredo me encara com um sorriso no rosto, os olhos sedutores reluzindo e quase iluminando toda a noite. Puxo-o pelos punhos e NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

terminamos de subir até o quarto, giro seu corpo grande e o jogo na cama, montando em sua pélvis em seguida, segurando seus braços acima de sua cabeça. Inclino-me e o beijo, aspirando seu ar.

— Me espere aqui, vou me trocar — sussurro, mas quando estou prestes a sair de cima dele, Alfredo me impede, segurando em minhas mãos.

— Qual fantasia comprou para hoje? Da última vez, você foi uma aluna bem safadinha — diz, com seus sorriso cretino de lado, seus dedos dedilhando a lateral do meu corpo.

E eu já começo a sentir sua ereção.

— Por que sempre tem de estragar a surpresa? — retruco, apertando seu membro se erigindo.

Ele geme um pouco antes de responder:

— Eu te conheço. Quando você diz “tenho uma surpresa pra você”, eu já sei que você vai acabar com meu estoque de sêmen no meu saco escrotal.

Uma gargalha alta e exagerada escapa de mim instantaneamente.

Contagiado, ele me acompanha, e rimos como dois bobos por algum tempo, até eu sentir sua palma grande e macia contra meu rosto, me trazendo de volta ao mundo real.

— Você me faz tão feliz… eu não me vejo sem você na minha vida, Li.

— declara, de repente, me deixando com uma sensação esquisita de felicidade.

— Eu te amo, Frê — falo baixinho, deitando em seu peito, sentindo uma necessidade de ouvir as batidas do seu coração, de sentir seus braços protetores me rodeando.

Ele me abraça suavemente e deposita um beijo em meus cabelos.

— Vá se arrumar — rouqueja em meu ouvido, estremecendo minhas bases. Adoro a voz rouca desse homem.

Saio de seu colo, pego minha *nécessaire* e minha bolsa e vou até o banheiro.

Troco-me, a fantasia é de um tecido transparente, de frente única, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

deixando minhas costas e laterais descobertas, meus seios — já enrijecidos

— estão livres sob o tecido fino. Na cintura, faço o laço de um minúsculo avental agregado à peça, do mesmo tecido, para manter a fantasia fixa ao meu corpo. Subo a calça-liga vermelha pelas minhas pernas e visto o scarpin branco. Passo um batom vermelho forte, esborrifo um pouco de perfume e, depois de dar um sorriso para mim mesma, saio do banheiro e paro à porta.

Alfredo está deitado, somente de cueca.

— Jesus! — exclama, olhando para mim com seus olhos cobiçosos, molhando os próprios lábios.

— Se sente um pouco doente, senhor Diniz? — murmuro sensualmente, me aproximando dele aos poucos.

— Estou com um problema, e você pode resolver, doutora… —

responde, a voz cheia de desejo carnal.

— E qual o seu problema? — indago, ainda sensual, passando meu indicador em sua perna e subindo vagarosamente para as coxas.

— Excesso de ereção.

Olho pra ele, rindo. Alfredo está com um sorriso e um olhar convencidos.

— Você é muito convencido, senhor Diniz. Mas eu posso, mesmo, resolver seu problema. — Sento-me em seu colo, escorregando a palma pelo seu abdômen

definido. — Vamos dar uma olhada nisso. — E, com um sorriso sem-vergonha, abaixo sua cueca.

Seu pênis completamente enrijecido salta para fora, Alfredo já está arquejando. Seguro-o com leveza e movimento a mão para cima e para baixo delicadamente. Ele arfa, engole em seco e joga a cabeça para trás.

— Porra, Lívia… — suspira baixinho.

Sorrio para ele e vou aumentando os movimentos gradualmente até ele estar se remexendo, movendo seus quadris e arquejando mais do que anteriormente. Subitamente, ele me agarra, arrastando-me para um beijo tresloucado, seus dedos procuram por minha intimidade desesperadamente; retribuo, mas logo me afasto, encostando-o com força contra a cabeceira da NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

cama, estapeando sua mão atrevida. Levanto-me, pondo-me ao seu lado, falando em voz de advertência:

— Você está muito abusado, senhor Diniz — tiro minha calcinha lentamente, eu vejo chispas de paixão e excitação saltarem dos olhos azuis quando Alfredo vê minha intimidade nua através do tecido fino, a boca manchada pelo meu batom o deixa com uma cara engraçada —, por isso, vou precisar ter conter.

Delicadamente, junto seus dois punhos e os amarro com minha calcinha branca.

— Seja um bom menino, e talvez eu te solte.

— Lívia… — ele tenta protestar, mas se contém quando envolvo seu membro pulsante com minha boca, ainda em pé, de costas para ele, inclinada para lhe proporcionar prazer.

Ele geme, ofega pesadamente e posso senti-lo tentando soltar os punhos presos com minha calcinha. Paro subitamente e me viro para ele; ele suspira em frustração.

— Continue… droga! Continue, amor.

— Não deve se soltar, me entendeu? — advirto-o, me inclinando para seu pênis

outra vez, deixando meus lábios apenas a um centímetro de sugá-lo novamente.

— Eu quero te tocar, porra.

— Não. Ou você fica quietinho ou não vai ter nada de mim.

— Você é uma megera — suspira de novo, jogando a cabeça para trás, tentando manter as mãos presas comportadas sobre seu colo.

Dou-lhe outro sorriso, viro-me de costas, inclino-me e torno a chupá-lo e sugá-lo, ora com delicadeza, ora com mais força.

Delicio-me com sua ereção, delicio-me quando vejo suas pernas tremerem, os olhos fechados fortemente. Dá-me um prazer indescritível quando o vejo tão rendido a mim dessa maneira. Meu centro pulsa e clama por ele, pelo prazer que só Alfredo sabe me proporcionar. Sento-me em seu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

colo. Olho no fundo dos seus olhos. Ele arqueja, quer se livrar da amarra feita pela calcinha e me tocar, passar a ponta dos seus dedos pelo meu corpo, segurar meus seios, encontrar meu ponto sensível… eu vejo cada desejo dele de me sentir na palma da sua mão se manifestar em sua íris azul e encantadora.

Deslizo-o para dentro de mim de uma só vez, e antes de ele gemer, eu o calo com um beijo intenso, movimentando-me sobre ele, sugando toda partícula de ar de seus pulmões. Alfredo treme embaixo de mim, eu me afasto, ele respira pesadamente, sem ar, soltando suspiros trêmulos de prazer.

— Deus… quer acabar comigo, Lívia? — Sua voz treme, as palavras saem entre gemidos, e quase não o entendo.

Sorrio para ele outra vez, levo minhas mãos até seus cabelos e os agarro, depois, desço minha palma pelo seu rosto, passo pela barba — ainda cavalgo sobre ele, ele ainda geme como o céu, a respiração dificultosa — e chego ao seu peito. Arranho-o do tórax à barriga, lhe proporcionando mais excitação, marcando-o com minhas unhas. Alfredo ainda se contorce, quer ficar livre. Provavelmente vai me agarrar, trocar de posição e entrar em mim com vigor, como um animal indomável e selvagem. Mas hoje eu irei controlar essa fera insaciável dentro dele o quanto for possível.

Seguro seus punhos, mas ele ainda reluta.

— Senhor Diniz, não está sendo um bom menino. Terei de castigá-lo.

— Saio de cima dele, separo suas pernas e fico entre elas. Tomo seu membro em mãos e o bombeio levemente. Encontro seu olhar.

Coloco-o em minha boca outra vez, agora posso sentir meu próprio gosto, sem desconectar nossos olhares. Isso me excita. Isso *o* excita.

— Lív… Oh, Deus! — ele geme alto, arfando, quando, com uma mão eu o acaricio nos testículos, e com a outra eu o arranho do peito à virilha. —

Não faz isso comigo, Li. — silva, inebriado de prazer.

Passo a língua em meus lábios, beijo a cabecinha de seu pênis e então volto pra ele.

— Quer que eu te solte? — indago, enquanto volto a pô-lo dentro de mim e cavalgo lentamente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo mal consegue abanar um sim.

— Promete se comportar? Você precisa ser um bom menino para a doutora aqui encontrar o melhor jeito de tratar essa ereção excessiva — digo, os gemidos me escapam involuntariamente. Ele é tão grande dentro de mim.

— Eu já vi que esse método não está funcionando. — Seguro-o firme entre minhas mãos. — Prometa-me!

— Eu prometo tudo o que você quiser. — oscila, revira os olhos, arqueja. — Eu só preciso te tocar. E te foder com força.

Antes de eu ter tempo de soltá-lo, ele próprio já conseguiu fazer isso.

De repente, Alfredo já está sentado, me segurando pela cintura, invadindo minha boca em um beijo sôfrego e se enfiando com mais força para dentro de mim.

Minha cabeça faz um movimento para trás quando sinto sua estocada forte, mas com um movimento bruto ele me traz para seus lábios outra vez.

No próximo segundo, estou debaixo dele, recebendo toda a fera até há pouco contida, recebendo toda sua força, excitação, virilidade e masculinidade.

Estamos nós dois incontroláveis agora, e mentalmente eu o agradeço por ter escolhido um chalé longe, pois eu não consigo controlar meus gemidos nem suas intensidades.

— Você está muito gostosa com isso, senhora Hauser — uiva, entre os dentes, seus quadris batendo rispidamente contra mim —, mas está me atrapalhando. Então… me perdoe por isso. — Com um movimento rápido e másculo, ele rasga minha fantasia.

Meus seios saltam para fora e logo são abocanhados por Alfredo que tem uma maestria incrível e não perde o ritmo de suas estocadas em mim enquanto me chupa e dedilha seus dedos pela lateral do meu corpo.

— Vamos fazer um menino — murmuro para ele, laçando seus quadris com minhas pernas.

Alfredo ergue seu olhar para mim, me olha nos olhos, ainda mantém o ritmo intenso do sexo.

— Li…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Eu ergo mais minhas pernas e o puxo mais para mim.

— Nessa posição… — trepido de prazer — as chances de um menino são maiores. Ponha-se mais dentro de mim com força e me dê outro filho, Alfredo.

Alfredo fecha seus dedos com mais força na minha cintura e atende o meu pedido, mas, de repente, ele diminui sua frequência e cala meu questionamento com um beijo sereno, mas profundo. Fazemos amor lentamente, e eu noto que ele precisa disso agora, precisa da calma e da lentidão, porque nosso sexo

vagaroso também lhe dá prazer.

— Eu escolho o nome — me diz, com um sorriso ébrio e emocionado.

Sem esperar, lá está o Alfredo intenso e libertino outra vez, me acometendo com mais força, enfiando-se na curva do meu pescoço para abafar um gemido alto e estrangulado enquanto ele se satisfaz dentro de mim.

E interiormente, eu rogo a Deus para me conceder a felicidade de ter mais um filho com Alfredo.

Dormimos nus e abraçados. Depois da primeira rodada de sexo, Alfredo acordou e encontrou ânimo para um sexo de dez minutos às duas da manhã. Foi um amor mais lento, mas tão quente e intenso quanto anteriormente.

Estou num estado de semiconsciência quando acordo perto das sete da manhã, eu posso ouvir a voz baixa dele — arrastada e entristecida —

murmurando alguma coisa. Levanto as pálpebras lentamente e me descubro de lado, deitada de frente para ele. Alfredo ainda está dormindo, o rosto abatido se manifesta em suas expressões e é acentuado pelas rugas em torno de seus olhos. Os lábios se movem num murmuro incompreensível e quase inaudível. Apuro minha audição e aproximo o ouvido de seus lábios.

Ele murmura outra vez, a voz amarga de tristeza, e então percebo que ele está falando em francês. Não consigo entender uma palavra sequer, e eu
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

fico apenas olhando para ele, o vendo falar dormindo, murmurando num idioma desconhecido pra mim, me perguntando o que ele está dizendo, *com quem* ele está conversando enquanto sonha.

Depois de um ou dois minutos o vendo oscilar em sua conversa, ele murmura suas últimas palavras, me fazendo perceber quem estava com ele em seu sonho.

— Je t'aime, Sophie. Maintenant, allez. Au revoir. Pour toujours, au revoir.

O nome de sua falecida esposa se pronuncia com uma sinceridade forte e ao

mesmo tempo com uma grande dor emanando de sua voz. Uma empatia muito grande toma conta de mim, e eu me aproximo mais de seu corpo, envolvo seu rosto com as duas mãos e deixo um beijo em seus olhos, secando uma pequena lágrima descendo timidamente e acentuando a tristeza em seu rosto bonito. Eu quero que ele acorde e converse comigo sobre esse sonho —

se ele se lembrar —, quero poder lhe dizer alguma coisa para confortar seu coração.

Mas ele não acorda, segue dormindo com o rosto marcado de tristeza.

Penso em me levantar, tomar um banho, caminhar um pouco até ele acordar.

Mas quando me afasto apenas um centímetro do seu lado, seus braços me apertam mais para ele, como se Alfredo sentisse que eu saía de perto dele.

— Eu amo você, Lívia — diz de repente, me fazendo acreditar que ele acordou. No entanto, quando busco seus olhos, ele está dormindo. Apenas murmurando mais uma vez, submerso e perdido na inconsciência de algum sonho. — E vou te amar até… meus últimos dias.

Então, novamente ele se cala. Longos minutos se passam, e ele não murmura mais nenhuma outra palavra. Beijo-o serenamente nos lábios, afagando seu rosto, e então sua expressão, antes entristecida, se suaviza e é mais alegre.

— Eu te amo, Alfredo — murmuro baixinho, acreditando que ele possa me ouvir. — E vou te amar para sempre e mais um dia. Para sempre… e mais um dia.

Como resposta, ele sorri meigamente ainda dormindo, abraça-me forte,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

e então caímos em sono profundo um nos braços do outro mais uma vez.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

22

PERDÃO

Alfredo

O SOL ESCALDANTE QUEIMA MEU ROSTO.

Por um instante, eu não consigo me localizar, não consigo me recordar de onde estou ou como vim parar aqui. Abro os olhos vagarosamente. O céu azul e límpido se apresenta acima de mim, a brisa fresca e agradável assopra contra meus cabelos, enquanto estou de costas, sobre a grama macia.

De repente, eu sinto um pequeno corpo, seguido de um grito estridente, pular em cima de mim. Eu perco o ar por um momento, porque Lara atinge justamente meu diafragma, mas logo eu sou rendido por sua gargalhada alta e exagerada, e a acompanho enquanto acaricio seus cabelinhos cor de mel.

Então me recordo de estarmos em algum parque, fazendo um piquenique em família. Deitei na grama para apreciar o calor sobre meu corpo e devo ter cochilado sem perceber.

— Mamãe vai cortar o bolo de chocolate! — ela diz toda animada, se levantando sobre meu tórax. Lara faz menção de pular sobre mim, mas eu agarro suas perninhas, a deito na grama e venho sobre ela, enchendo seu corpo de beijos e carinhos. Lara ri mais e mais, aumentando exponencialmente o meu amor por esse serzinho de três anos e meio.

— Eu vou comer todo esse bolo!

— Não pode, papai! — Lara protesta, se contorcendo em baixo de mim

— Não seja guloso. Tem que dividir.

— É, precisa dividir — ouço a voz da minha esposa, logo ao meu lado.

Ela está sentada na grama, ajeitando a toalha vermelha xadrez com o bolo cortado. Usa um vestido florido folgado, mas consigo ver a saliência em seu

abdômen. Uma saliência indicando uma gestação avançada. Talvez sete ou oito meses. — Eu, no entanto, preciso comer por dois. Augusto está morrendo de fome.

— Augusto é um guloso! — Lara se queixa, fechando o rostinho, arrancando de nós uma risada.

— Augusto precisa comer mais do que nós, Lara — Enzo explica. Está no lado oposto ao da mãe, um violão descansa em seus braços. É um rapaz adolescente, de cabelos negros escorridos fazendo contraste com o azul intenso dos olhos —, porque está em fase de crescimento. Precisa de muita proteína.

Temos um momento divertido enquanto Enzo toca algumas músicas no violão, Lara continua tagarelando sobre o irmãozinho ser guloso com a boca cheia de bolo de chocolate. Lívia senta-se entre minhas pernas, eu acaricio sua barriga gestacional, e observamos juntos nossos filhos, imaginando como cresceram rápido, sentindo saudade de tempos passados.

De repente, Lara quer brincar de pique-esconde a todo custo. E eu sou obrigado a bater primeiro. Fecho os olhos, sentado, pernas cruzadas, e começo a contar até cinquenta.

Quando termino a contagem, estou sozinho. Eles se esconderam em algum lugar, atrás de algum arbusto, árvore ou *playground.*

Levanto-me e tiro a poeira do corpo, olho ao meu redor atentamente, procurando por algum lugar onde eles possam estar.

Caminho vagarosamente, atento. Passo por um casal de senhores no banco, por alguns meninos jogando bafo. Ao longe, há uma moça de vestido branco com um bebê. Ela está perto de uma casinha de bonecas, onde eu acho que Lara possa estar escondida. Ao passo que me aproximo da mulher com o bebê e da casinha, eu a vejo ninando vagarosamente o filho em seus braços.

Sem demora, eu reconheço a cantina de ninar.

Era a mesma que Sophie cantava para Lauren na hora de dormir. Sinto um nó se formar em minha garganta. Paro a um metro da mulher, ela continua

cantarolando a cantiga, em francês.

— Sophie? — murmuro, surpreso, assustado, enérgico. —Sophie?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Êtes-vous? — pergunto em francês, quase não acreditando.

Ela se vira para mim, o mesmo sorriso genuíno e sincero se manifesta em sua boca agora. O vento balança de forma angelical seus cabelos soltos.

— *Mon chèr*… — ela me diz, se aproximando aos poucos e me recebendo com um abraço desajeitado.

Eu olho para ela, sem compreender o que ela faz aqui, como ainda está viva, e nossa bebê…

Meus olhos prateiam quando ela estica a bebê em seus braços em minha direção. É Lauren, minha Lauren. Minha filha. É tão pequenina apesar de estar maior do que a última vez que a vi em vida. Ela parece me reconhecer e faz esforço para ficar em pé no colo da mãe, sorri alegremente e balança seus bracinhos rechonchudos pra mim.

Eu a tomo em meus braços e a abraço fortemente, podendo sentir seu coraçãozinho batendo contra meu peito.

— *Oh, mon Dieu* — murmuro pra mim mesmo enquanto sinto o calor do corpinho de Lauren contra o meu —, como eu senti falta de abraçar esse pacotinho. Quanto tempo ela já tem, Sophie?

— Um ano, *chèrie.* — responde-me ao meu lado, olhando para a filha com ternura, acarinhando seus cabelos amarrados em uma chuquinha.

Por longos segundos eu não digo nada, apenas fico abraçado a Lauren, matando um pouco da saudade insana e imensa que sinto todos os dias dela.

O contato me traz paz e conforto, alegria e felicidade.

— É sua família, Alfredo? — Sophie me pergunta em francês, olhando atrás de mim.

Eu me viro na direção em que ela olha, e então vejo Lívia, Enzo e Lara no mesmo lugar de antes, talvez uns quarenta metros ao longe; Enzo toca seu violão, Lívia acaricia sua barriga, e Lara brinca com um ursinho de pelúcia.

Volto-me para Sophie, sinto-me sem-graça e deslocado.

— Sim. — respondo, titubeando.

— Aquela é Lívia? E ela está grávida? — continua questionando, mas
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ela não é somente curiosa. Há um enorme sorriso em seu rosto, como se ela sentisse felicidade por isso, por mim, pela minha família.

Limpo a garganta. Ponho Lauren no chão, ela engatinha e resolve brincar com um carrinho de madeira.

Sinto-me muito constrangido diante de Sophie. Ela nunca soube do meu passado, do meu envolvimento com Lívia. E, somente agora, eu me sinto sujo por nunca ter sido cem por cento franco com ela.

— Sim, nos casamos há algum tempo. Eu nunca te contei, mas Lívia e eu tínhamos uma história antes de eu me casar com você. Inclusive, Enzo é meu filho biológico. Soube muito tempo depois.

— É a sua noiva que nunca esqueceu? — Seu questionamento é tão natural quanto sua expressão. Sophie não parece abalada ou triste com os fatos.

Eu consigo manear apenas um sim com a cabeça, constrangido e culpado demais para verbalizar alguma coisa. Permanecemos em silêncio por alguns segundos que parecem a maldita da eternidade. Finalmente, encontro coragem suficiente para encará-la nos olhos e lhe dizer:

— Pardon… — a voz sai quase engasgada.

Ela olha para mim, está visivelmente curiosa com meu pedido.

— Me perdoe, Sophie, eu…

— Te perdoar? — indaga, branda. — Te perdoar por quê? Porque você está vivendo a sua vida?

— Porque eu não vivi o meu luto — respondo de pronto, a dor começa a massacrar meu coração, as lágrimas vêm de forma tímida para tornar minha dor palpável. — Porque eu não chorei a sua morte o suficiente antes de me casar outra vez.

— Eu nunca quis que você vivesse o luto por mim, *mon chèrie.*

Ergo meus olhos para ela, sinto-me dolorido por dentro. Eu nunca parei pra pensar verdadeiramente sobre a minha falta de luto por Sophie. Eu sofri por sua morte, muito, mas nunca questionei se o meu luto foi o suficiente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Estranhamente, só agora me questiono sobre isso. Só agora, depois de estar frente a frente com ela, todos os questionamentos que nunca me fiz vêm à tona, me acertando como um soco forte no estômago.

— Eu não te amei o suficiente, eu não sofri por você o suficiente.

Como… como pode ser tão indiferente a isso?

— Você não me amou o suficiente? Por que diz isso?

— Porque é a verdade. Eu te amei, mas não foi o bastante. Eu não te amei como você merecia ser amada, eu não te amei direito, Sophie… eu… —

as palavras não saem mais da minha boca, me engasgo com elas, com a culpa me invadindo por eu nunca ter sido o que ela merecia.

Sophie se aproxima de mim e envolve carinhosamente meu rosto com suas mãos, trazendo o meu olhar para o seu.

— Continue… desabafe, *chèrie.*

Tomo um tanto de fôlego e coragem, tento afastar minhas lágrimas e continuo:

— Eu te amei… eu nunca te disse isso porque não te amei da forma certa. Eu tinha medo de você se sentir ofendida com o meu jeito distorcido de te amar.

Eu lhe digo isso tendo a coragem de olhar em seus olhos — coisa que eu nunca fiz enquanto estivemos casados. E o meu medo de magoá-la foi o que me impediu de dizer a ela a forma esquisita com qual eu a amava. Eu demorei a perceber que amei Sophie. Percebi isso três ou quatro meses antes de ela morrer, eu percebi que Sophie era profundamente especial pra mim, muito porque ela me perdoou de tudo o que eu fiz, porque ela sempre foi paciente comigo, dedicada no nosso casamento, não havia cobranças entre nós, ou tristeza ou ciúme exagerado. Talvez ela nunca tenha me dito essas coisas para não me aborrecer, mas somente o fato de ter me aceitado de volta, de ter sido uma esposa dedicada, de ter me amado mais do que eu merecia, tudo isso me fez amá-la, de uma forma especial, diferente, não como eu amo Lívia, não como um marido deveria amar sua esposa. Inegavelmente, eu a amei. Mas não o suficiente. Não da forma correta. E isso me mágoa e me corrói de uma forma inimaginável. Porque ela merecia mais de mim. E eu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

não pude lhe dar.

Sophie me dá outro sorriso brando, sincero e cheio de amor. Acaricia outra vez meu rosto, o ato é repleto de sentimentos, como se, de alguma maneira, ela ainda estivesse conectada a mim.

— Não há jeito certo de amar, Alfredo. O amor não tem forma, ou método, ou receita… O amor é… só o amor. E se você me amou, se em algum nível você me amou, isso basta pra mim, *chèrie.*

Mais uma vez eu a encaro dentro dos olhos, emocionado pelo tamanho da sua compreensão e bondade.

— Obrigado… — é tudo que consigo dizer, olhando dentro dos seus olhos.

— Tem uma coisa que gostaria de te pedir. — ela diz, ainda com sua voz fraca e

paciente, o sotaque francês se dissipando pelo vento. — Não precisa fazer agora, mas me prometa que irá, ao menos, tentar.

— Tudo o que você quiser, Sophie…

— Precisa praticar o ato do perdão, Alfredo. Mesmo sendo difícil e doloroso.

Por um momento, eu não sei do que ela está falando. Mas então, eu me dou conta: Sophie se refere a Joel. Sinto como se tivesse sido atingido por um trem. Não consigo realmente conceber que Sophie esteja me pedindo para perdoar o desgraçado responsável por tirar tudo de mim.

— Me peça qualquer coisa, Sophie, menos isso. Menos perdoar aquele crápula. Ele matou minha filha! *Sua* filha! Pode, só por um momento, não ser tão altruísta? Deveria odiá-lo!

— O seu ódio não me trará de volta nem Lauren, o seu ódio somente vai te fazer mal, *mon chèr*… — Sophie não muda seu tom de voz, e suas mãos continuam em meu rosto, me afagando carinhosamente. — O perdão fechará sua ferida — ela apoia a mão sobre meu coração — e te tornará mais forte. Os fracos não perdoam, Alfredo. Os fracos odeiam.

— Eu não sou forte… — balbucio, as lágrimas voltam.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Claro que é, *chèrie.* — ela me acalenta e me encoraja. — Só o perdão trará a paz necessária em seu coração. Você nunca se sentiu completamente em paz, e você sabe disso. Não tem de perdoar Joel prontamente. Mas me prometa tentar perdoá-lo.

— Eu não sei… — fecho os olhos, ainda é tão difícil pra mim. — O

que *você* faria se estivesse em meu lugar? Perdoaria aquele desgraçado? Ele tirou a vida da nossa filha, Sophie… isso é tão imperdoável.

— Sim, eu o perdoaria, *chèr.* Como eu perdoei seus erros.

— Se não tivesse me perdoado, se tivesse me odiado em vez de me perdoar, estaria viva. Você e Lauren — soluço, e agora eu me sinto, mais uma vez, culpado pela morte delas.

— Comece *se* perdoando, Alfredo. Você nunca teve culpa de nada.

Estávamos no lugar errado, na hora errada. — Sophie segura firme meu rosto molhado, me forçando a encontrar com seus olhos castanhos. — Só me prometa pensar no assunto, tentar… ao menos.

Balanço a cabeça positivamente.

— Eu prometo.

Ela sorri meigamente.

— Ótimo. Agora, eu preciso ir. Volte para sua família.

Sophie pega Lauren no colo. A pequena se sujou toda de grama e terra, e, em meio às minhas lágrimas, eu encontro forças para rir. Uma dor insensata me acomete. Eu não quero me despedir. Eu não quero, pelo menos, me despedir sem dizer o que Sophie merece ouvir.

— Espere, Sophie… — digo, segurando em seus punhos antes que ela se vá.

Sophie olha pra mim, seu sorriso pequeno ainda continua nos lábios finos.

— Eu nunca te disso isso em vida porque eu fui fraco o suficiente pra isso. Mas vou te dizer agora.

Ela espera pelas minhas palavras, fitando-me dentro dos olhos, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

enquanto eu tomo fôlego e coragem.

— Eu amo você.

O pequeno sorriso se transforma. Ilumina minha alma de tal forma que, pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto bem e em paz comigo mesmo.

— Eu amei você, em algum nível, da minha forma mais idiota e distorcida, mas eu amei você. E você foi importante pra mim, para a minha vida. Muito do que sou, devo a você, Sophie. E nunca haverá palavras suficientes para agradecer por ter sido uma esposa esplêndida pra mim. Vá, Sophie, mas em paz por saber que eu te amei.

Dou um passo à frente, enlaço sua nuca e a trago para meus lábios, dando-lhe um beijo doloroso de amor e despedida, pois em meu interior, eu sei, esse é meu último contato com ela, a minha última chance de dizer a Sophie o que eu não disse quando ela estava viva. Ela retribui, Lauren se remexe alegre em seu colo.

— Alfredo… — ela murmura, emocionada, lágrimas nos olhos.

— Eu te amo, Sophie. — sussurro em francês, perto de seus lábios. —

Agora, vá. Adeus. Para sempre, adeus.

Ela se afasta de mim depois de deixar um beijo casto em minha bochecha. Vira-se e então se vai, sumindo em algum ponto.

Uma gargalhada me traz de volta ao mundo real. Um grito alto se segue depois.

— Um, dois, três, Enzo e Lara! — Enzo grita, correndo do seu esconderijo com a irmãzinha no colo até o ponto de início. — Ainda tem a mamãe, papai!

Pestanejo por um segundo. Então me recordo de estarmos brincando de pique-esconde. Recomponho minha postura. Eu sonhei acordado com Sophie e Lauren. Limpo meus lábios secos, preciso de um uísque.

A passos cambaleantes, caminho até uma árvore grande, de tronco espesso, podendo ver a ponta do vestido de Lívia voando ao vento e revelando sua localização. Aproximo-me vagarosamente. Sem ela esperar, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

puxo-a pelo braço.

Lívia grita de susto e de surpresa, e então caímos na gargalhada. Ela me acaricia o rosto, me olhando dentro dos olhos de forma amorosa.

— Você ainda não bateu o ponto, bobão — diz-me, olhando para Lara e Enzo acenando freneticamente em torcida pela mãe. Ela faz menção de correr para se salvar da brincadeira, mas eu a puxo pelos punhos e a beijo profundamente.

— Antes de você ir, precisa saber uma coisa. Quero te dizer isso para não ser tarde demais.

— O quê?

— Eu amo você, Lívia E vou te amar até… — faço uma pausa, olho em seus olhos e seguro suas mãos — meus últimos dias.

Lívia sorri largamente. Dá-me um beijo apaixonado. E então me empurra. E a megera sai correndo para bater seu nome no ponto de início da partida.

Enquanto ela corre, eu fico no meu lugar, olhando para ela, me sentindo repleto de felicidade.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

23

POR ELAS

Alfredo

DESPERTO VAGAROSAMENTE COM O SOM DA NATUREZA PREENCHENDO O

LUGAR.

O canto dos pássaros anuncia as primeiras horas do dia, o vento assobia e chacoalha as folhas nas copas das árvores, farfalhando em harmonia, o barulho de cachoeiras ao longe é inconfundível.

Sento-me na cama, recordando do sonho com Sophie, e um pequeno aperto se faz no meu coração. Um pouco de tristeza, um pouco de agonia, um pouco de culpa e arrependimento. O ódio quase incontrolável transforma minha bile em

gosto amargo só de pensar no pedido de perdão para Joel.

Afasto meus pensamentos da cabeça. Não quero pensar sobre isso agora. Procuro por Lívia na cama, ela está virada de costas pra mim, ainda dormindo, consigo, agora, escutar o ronronar baixinho da sua respiração. Um sorriso sincero se manifesta gradualmente em mim, principalmente quando o perfume natural da sua pele me atinge com força pra quase me embriagar.

Eu abraço seu pequeno corpo contra o meu e beijo seu ombro direito, deslizando meus lábios para seu pescoço e o deixando molhado. Lívia resmunga e se remexe, dá-me uma cotovelada para me afastar, mas eu me ajeito melhor, viro-a de barriga para cima e fico em cima dela, controlando meu peso sobre o seu corpo. Beijo seus lábios secos e vou descendo pelo seu queixo, jugular; chego ao colo e já estou inflado de amor e luxúria por ela.

Lívia veste uma camisa de alças finas que deixa seus seios para fora e está somente de calcinha. Abocanho delicadamente seus seios enquanto abaixo a sua calcinha; aos poucos ela desperta, sorrindo por causa da minha boca, agora resvalando pelo seu abdômen até alcançar sua intimidade feminina.

Jogo suas pernas sobre meus ombros e a chupo suavemente. Ela se contorce,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

soltando gemidos entre o prazer e a sonolência.

— Cretino… — ela murmura. Ergo os olhos para ela, Lívia continua de olhos fechados, mas a expressão de deleite é visível.

Agarro-me mais firme contra suas pernas e torno a sugar todo seu gosto natural e de mulher pra mim. Minha ereção lateja de ansiedade e loucura.

Somente Lívia consegue me deixar nesse estado.

Depois de ela gozar em minha boca, eu me ponho entre suas pernas e fazemos um sexo matinal, lento e gostoso. Deitamos lado a lado, ofegando, e a trago para meu peito. Lívia está completamente desperta agora, e seus cabelos alourados e desalinhados lhe dão uma fisionomia completamente sexy.

— Adorei acordar com um oral — me diz, a voz rouca de sono, o sorriso maravilhoso que embala meu coração. — Poderia me fazer isso mais vezes.

— E te deixar mal-acostumada? Nem pensar, senhora Hauser…

— Ora, podemos fazer uma troca.

— Começo a gostar da ideia — profiro, sorriso canalha, Lívia ri alto e se ajeita sobre meu tórax.

— Que horas são? — pergunta, fungando em minha pele suada.

Procuro pelas horas no relógio de pulso.

— Quase dez da manhã. Ainda conseguimos tomar o café?

— Sim, eles servem até as onze.

— Ótimo. Já matei minha fome de você — murmuro em seus lábios, beijando-a serenamente —, mas nem só de sexo viverá o homem.

Levanto-me com um pulo enquanto Lívia ri ainda mais, também saindo da cama e se espreguiçando.

— E quem disse essa frase célebre? — me indaga, procurando por uma roupa para vestir. Estamos completamente nus, e se eu continuar a olhar para sua nudeza, vou querer fazer amor com ela outra vez.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Um grande pensador contemporâneo chamado Alfredo Hauser.

Ela joga um pé de sapato em mim, mas eu me desvio, e rimos juntos como dois adolescentes. Tomamos um banho quente e longo, e há um momento em que nos abraçamos e deixamos a água escorrer sobre nossos corpos.

Por volta de 10h30 já estamos no salão da pousada, apreciando um café da manhã farto e saboroso. Após o café, decidimos passear pela cidade e conhecer as atrações turísticas. Lívia quer a todo custo entrar num parque de preservação

natural, e eu atendo seu pedido. O lugar é realmente bonito, com mata selvagem nos rodeando, lagos naturais, e fontes, dizem as lendas, milagrosas. Animais típicos da fauna regional se espalham por todos os lados, e não é raro nos encontrarmos com eles. Caminhamos lentamente pelas trilhas em nosso caminho, abraçados, Lívia maravilhada com cada detalhe ao nosso redor.

Depois do parque, temos um almoço agradável em um restaurante com música ao vivo. Em algum momento, ela pega o celular e liga para meu irmão. Quer saber de Enzo, se está tudo bem por lá, como ele está se comportando. Também telefona para os pais, que cuidam de Lara, também para saber como andam as coisas em nossa ausência. Após se certificar de que nossos filhos estão bem, voltamos a andar pela cidade, compramos algumas lembrancinhas para as crianças (ok, muitas coisas para as crianças, Lívia precisa tomar o cartão de mim, senão eu gastaria mais do que ela).

Voltamos para nosso chalé por volta das dezesseis horas, e eu resmungo muito porque queria comprar mais algumas coisas para Lara.

— Já comprou coisas demais para ela, Alfredo — Lívia me adverte, carregando nossas sacolas até o carro. — Meu Deus, você comprou uma boneca que ela *já tem* e um jogo de tabuleiro. Um jogo de *tabuleiro* para uma criança que não tem dois anos ainda, Alfredo!

— Não é um jogo de tabuleiro qualquer. — retruco, ainda resmungando. — É daquela *Princesinha Sofia*. Lara adora, sabe disso.

— Mas ela não sabe jogar.

— Ela vai aprender. Vou jogar com ela. — bato a porta do maleiro depois de descarregarmos todas as nossas coisas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você é um pai bizarro, sabia?

Lívia me segura pela gola da camisa e me puxa para um beijo.

— E eu adoro todos os seus exageros paternais.

Sorrio em sua boca. Em meu interior, eu sei, faço tudo isso como uma forma mórbida de compensar o que perdi com Lauren, dos brinquedos que deixei de comprar, dos mimos que jamais poderei dar a ela. Mais uma vez eu preciso tirar meu sonho com Sophie — e seu pedido de perdoar Joel — da minha mente e me concentrar no momento com Lívia.

— Quero voltar aqui com as crianças — Lívia me diz quando já estamos na pequena estradinha de terra que nos leva até nosso chalé. —

Poderemos vir nas férias de Enzo?

— Claro, amor. Será ótimo para todos nós.

— Sim, será. Nós precisamos de um dia com eles também, não precisamos? Estou me sentindo tão mal por estar aqui, me divertindo com você, e eles em casa, longe de nós.

Toco sua mão e encontro seus olhos e tento confortá-la de alguma maneira.

— São só três dias, Li. E nós estávamos precisando desse tempo só nosso também. Estamos com as crianças o tempo todo, amor. Não é errado querermos um pouquinho de privacidade.

— Certo. Tem razão. — concorda com um sorriso malicioso, e então sinto suas mãos escorregando para entre minhas pernas.

Estaciono o carro com seus dedos apertando meu membro, começando a ganhar vida.

— Se quer um conselho, não me provoque, querida. Eu não teria escrúpulos em te agarrar aqui mesmo, e você sabe disso.

Ela continua com seu sorriso safado, seus dedos me acariciando, agora mais ousados, se enveredando para dentro da minha calça, enquanto a outra mão abre meu zíper. Ela puxa meu pênis para fora e me masturba delicadamente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você me proporcionou um sexo oral hoje pela manhã. Hora de retribuir, meu bem.

Então ela se inclina e me envolve com seus lábios suculentos e úmidos.

Jogo a cabeça para trás e seguro um gemido primitivo. Olho para baixo, seguro seus cabelos caídos sobre seu rosto para ter uma visão melhor. Lívia vira seu olhar um pouco pra mim, me olha nos olhos enquanto continua sua sucção. E eu quase gozo com a visão.

A megera para de repente, e eu solto um gemido de frustração.

— Não, Li… porra, eu estava quase.

Ela limpa os lábios, o olhar travesso. Abre a porta do carro.

— Não… espere, Lívia. O quê? Aonde vai? Termine o que começou.

Mas ela não me escuta. Já saiu, fechou a porta e disparou chalé adentro.

Levanto minhas calças rapidamente e corro atrás dela. Alcanço-a ainda na escada, puxo seus braços e a viro pra mim. O desequilíbrio toma conta de nossos corpos. Caímos nos últimos degraus, Lívia por baixo. Beijo sua boca enquanto nos recuperamos da nossa crise de risos.

— Se lembra de como sempre foram boas as nossas transas inusitadas?

— pergunto-lhe, acariciando seu rosto, ainda caído sobre ela. — Qual delas foi a sua preferida?

Ela olha em meus olhos e me acaricia na barba.

— Bem… todas sempre foram ótimas, mas… se recorda daquela vez quando viajamos para o nordeste e transamos na piscina do hotel enquanto Enzo dormia no quarto? Eu estava grávida de sete meses da Lara — ela se recorda, arrancando de mim uma risada. — É a minha preferida. Era de noite, fazia um calor infernal. Você resolveu mergulhar às duas da manhã, eu fui te acompanhar porque não aguentava o calor e acabou acontecendo. Foi ótimo, Alfredo. Nem sei como transei com você com aquele barrigão.

— Bom saber… — sussurro.

— Por quê? — quer saber, curiosa.

— Porque vou te fazer ter dar uma nova transa preferida inusitada. E

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

vai ser hoje — respondo e me levanto, puxando-a para meus braços.

— Oh, meu Deus, Alfredo — ela ri, delirantemente, enquanto a puxo para o quarto e a empurro para dentro do chuveiro com roupa e tudo, beijando sua boca, sôfrego, necessitando todo seu amor por mim.

A água cai sobre nossos corpos, Lívia tenta tirar minha camisa ensopada — já grudada no meu corpo —, mas eu não facilito porque não quero desgrudar da sua boca. Abaixo-me à sua altura e ergo sua saia, rasgando sua calcinha. Chupo-a desesperadamente, Lívia joga sua perna esquerda sobre meu ombro, segura-me firme e me força a ir mais de encontro em sua vagina. Encontro seu ponto sensível e passo a língua em seu clitóris bem devagar e suculento, tomando-o todo pra mim.

— Isso, Alfredo… ah! Estou quase… — e então eu paro, levanto-me e seguro seus punhos acima da cabeça. — Alfredo…

Dou-lhe um sorriso safado.

— Agora estamos quites. — Deixo um beijo em sua boca e me afasto, me enrolando na toalha.

— Maldito cretino… — resmunga, jogando a cabeça para trás, a água caindo sobre seu rosto.

— Mas termine o banho. Ainda vou te dar uma transa inesquecível.

Ela morde os lábios olhando pra mim, ofegando. É bom mesmo ela recuperar o ar. Pois hoje à noite ele será escasso para nós.

Levo Lívia por uma das diversas trilhas existentes no lugar. São quase seis da tarde, o clima está quente e abafado, e a lua surge timidamente no céu.

Ela está curiosa. Quer saber para onde vou levá-la, mas eu faço mistério.

Lívia Diniz protesta incansavelmente durante o percurso, dizendo ser perigoso nos perdermos no meio da mata, por causa da noite escura e animais nativos: pode haver aranhas, cobras ou onças.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Continuo dando-lhe pouca atenção sobre seus medos e advertências, apenas tento abrandá-la e assegurá-la que não há nada de perigoso nas redondezas. Contudo, nada parece satisfazê-la. Ela continua me indagando sobre aonde vamos e por que temos de levar uma mochila com alguns pertences nossos: mudas de roupas, duas garrafas de água filtrada de 500 ml cada, dois sanduíches naturais comprados no caminho, devidamente embrulhados em papel-filme, uma manta pequena e duas lanternas.

— Ainda acho muito perigoso fazermos essa trilha à noite. — insiste ela.

— Relaxa, Lívia. O lugar tem mapas por todo lado. Além do mais, eu trouxe o celular. Qualquer coisa, só ligarmos na recepção. Fique tranquila e aproveite.

Caminhamos por pelo menos trinta minutos. Adentramos uma trilha cercada pela mata local e precisamos acender nossas lanternas. Alguns metros depois, a mata diminui, e o caminhar fica mais fácil, saímos, então, numa clareira.

Lívia caminha na minha frente e, logo ao se deparar com a paisagem à sua frente, para bruscamente pelo caminho, boquiaberta. Ela se vira para mim, lentamente, os olhos castanhos brilhando de emoção.

Dou-lhe um sorriso breve, apagando a lanterna. A clareira tem um pouco de iluminação artificial e também natural, a luz tênue do luar incidindo sobre as ondas fracas do rio, formadas pela queda d’água de uma pequena cachoeira.

— Alfredo… — Lívia murmura, quase sem palavras. — É tão…

—… lindo? — completo por ela, me aproximando e puxando sua mão para nos aproximarmos.

— Você já sabia desse lugar?

— U-hum — envolvo sua cintura, olhando nos seus olhos. — Dei uma explorada quando vim com Henrique pra cá. Pensei que ia gostar de conhecer esse lugar.

— Eu adorei, Frê… — cicia, encantada, olhando em torno.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vem… — puxo-a pelos punhos até uma árvore, onde nos acomodamos sob seus galhos e folhas. Descarrego nossa mochila, deixando água e lanche ao nosso alcance, assim como nossos celulares, caso seja preciso.

Lívia não se aquieta. Logo se levanta para andar pela clareira. Ela vai até um mapa do ponto onde estamos, olhando com atenção as informações contidas na placa sobre o local, a vegetação, os animais típicos da fauna.

Olha com fixação e surpresa para os vários caminhos se convergindo do ponto onde estamos para diversos lugares dessa imensidão de lugar, sendo, obviamente, os pontos em destaque a recepção e um “ponto de encontro”

mais próximo a alguns quilômetros ao norte.

Ela gira o corpo, tira o sapato e anda descalço pela grama macia, caminhando até a margem do rio e sentando-se, mergulhando seus pés dentro da água. Eu me aproximo, sento ao seu lado e também ponho os pés na água.

— Olha esse lugar, Alfredo… — diz baixinho, como se quisesse aproveitar o conforto do silêncio, somente os sons da natureza presente entre nós — é a coisa mais linda que eu já vi na vida.

Sorrio apenas e olho para o céu escuro pontilhado por incontáveis estrelas. Deito-me na grama, ainda olhando para o céu, e trago Lívia para se deitar comigo, sobre meu tórax.

— Quando a gente teve uma visão desse céu na nossa cidade? —

pergunto a ela, baixinho, também maravilhado com o espetáculo da natureza.

— Nunca, eu acho — ela devolve, também murmurando e olhando para cima. — Obrigada por esse momento, querido… É tão lindo.

— Eu te amo, Li — viro-me para ela, cingindo seu rosto com as minhas mãos e aproximando minha boca da sua. — Nada disso faria sentido pra mim se não fosse por você.

Lívia me abre um pequeno sorriso encantador e então me beija, profundo, apaixonada, lasciva. Levanto-me e a pego em meus braços, nossos olhos não se desgrudam nem por um segundo, e a levo para debaixo da árvore outra vez. Deito-a com delicadeza sobre a grama e solto aos poucos meu peso sobre o seu corpo, conectando nossas bocas mais uma vez. Afago NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

seus cabelos louros enquanto a beijo, e sua mão, macia e suave, escorrega pelo corpo, subindo pelas minhas costas por dentro da camisa.

— Vou terminar algo que comecei, amor… — sussurro para ela, tirando devagar sua camisa de cetim. Venero seus seios ainda acomodados no bojo do sutiã e resvalo a ponta dos meus dedos sobre sua pele branca e delicada, macia e sedosa.

Beijo-os, sensível, mas o bastante para ela arquear o corpo para trás e se agarrar aos meus cabelos. Pouco a pouco, trago seus seios já enrijecidos para fora e os abocanho suavemente, movendo minha língua em círculos pela sua aréola amarelada, meus dedos trabalhando para arrancar seu sutiã.

Sigo descendo pelo seu corpo, sempre com beijos cândidos e quentes, mantendo o contato dos meus dedos em seu corpo, pois eu tenho uma necessidade enorme de senti-la em mim, do calor do seu corpo, da maciez da sua pele. Eu necessito tudo dela, cada toque, cada gesto, cada centímetro do seu corpo. Não quero perder nada dela. Chego à sua cintura e, vagarosamente, abaixo sua saia justa.

Quando traço um caminho molhado com a língua pela sua virilha, o gemido que dela escapa me deixa ainda mais enamorado e excitado. Lívia se contorce

embaixo de mim e inclina seus quadris em minha direção, implorando pelo meu toque, pela minha boca e língua. Mas eu não tenho pressa e quero cumprir a promessa de lhe presentear com uma transa inesquecível. Continuo com minha boca próxima à área de sua vagina, entre as virilhas, parte interna de suas coxas e monte de Vênus, ainda coberto pela calcinha vermelha.

Lívia está impaciente e excitada. Contorce-se e se remexe, implorando pelo encontro da minha boca com sua intimidade. Lentamente, tiro sua calcinha; a brisa fresca sopra contra sua vagina molhada, e o contato direto parece excitá-la, também. Dobro seus joelhos e separo um pouco mais suas pernas.

— Olhe pra mim, querida — rouquejo, inflado de amor e excitação.

Seus olhos se encontram com os meus imediatamente, e, sem desviar nossos olhares, eu aspiro todo o seu aroma natural e gostoso, numa sucção sem gentileza e brusca, que não lhe proporciona desconforto, mas sim prazer.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Eu conheço cada pedaço dessa mulher como se fosse meu próprio corpo, e sei qual a melhor maneira de lhe agradar. Junto suas pernas e a trago mais para mim, seus gemidos baixos e irregulares invadem meus tímpanos e estimulam minha ereção. Encontro seu ponto sensível, um delicado e rosado clitóris se faz à minha frente, e, com sutileza, eu o toco com minha língua enquanto, para expandir seu prazer, eu a penetro com dois dedos, sentindo sua umidade.

Dou-lhe um sexo oral dos deuses, lambendo e chupando toda sua extensão: da vagina ao monte de Vênus, estimulando seu clitóris, penetrando com a língua, sugando todo seu sabor de mulher pra mim. Extasiada, ela me puxa para sua boca e me beija com intensidade e paixão, enquanto meus dedos continuam dentro dela, estocando-se mais para dentro.

— Quero você, Alfredo… — geme, fora de si, boleando seu quadril contra meus dedos. — Oh, Deus, eu preciso de você com urgência e força.

Tiro meus dedos de dentro dela, excitado com seu pedido, e olho para eles, podendo sentir a umidade obtida em sua vagina molhada e pronta para me receber. Chupo-os, saboreando seu gosto, enquanto ela me olha, excitada,

embevecida de prazer. Dispo-me em sua frente, sem pressa, sorrindo com malícia, e minha demora a frustra, sei disso.

— Seu pedido é uma ordem… senhora Hauser — digo-lhe, pondo-me no meio de suas pernas e as abrindo com brusquidão. Ela geme com o ato. —

Eu te juro, depois de hoje, essa transa vai ser a sua preferida. A *nossa* preferida — e então eu me deslizo para dentro dela com força.

Eu não posso conter um gemido alto e engasgado no instante em que nossos sexos se encontram e se acometem. Ela está quente e úmida, e é tão gostosa que eu preciso fechar os olhos e controlar minha respiração para não perder o controle. Ela geme alto e me estimula com suas palavras sem escrúpulos, arranhando minhas costas, meu tórax, meu abdômen, minha virilha — a megera conhece meu ponto fraco —, beijando-me com força e necessidade, inclinando seus quadris de encontro aos meus, pedindo-me com mais força, mais rápido.

E eu amo essa mulher lasciva e selvagem dentro de Lívia.

— Precisa ver uma coisa, amor… — Lívia diz, a voz trépida de prazer.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Sem eu esperar, ela troca de posição, deixando-me por baixo. — Tenha um orgasmo olhando para as estrelas, marido. — E então cavalga em mim, rápida, com força, incansável.

E ela tem razão. A visão do céu estrelado é ainda melhor em contraste com seus seios quicando na minha frente, com seu corpo divino e pecaminoso nu sobre o meu, me elevando a um nível de prazer que eu só alcanço com ela.

Fazemos amor ali na clareira, o vento gelado não apaga o fogo ardente do nosso amor consumado, nem atrapalha a paixão queimando em nossos peitos; na verdade, o vento, o som da cachoeira, a luz tênue do luar refletindo sobre a clareira, esse conjunto de coisas, na realidade, aumenta nosso prazer, intensifica nossa paixão, e, juntos, nós temos um dos melhores orgasmos das nossas vidas.

A experiência de transarmos com a natureza ao nosso redor é deliciosa.

Tanto, que nos arriscamos a mais uma roda de sexo debaixo das folhas farfalhando pelo vento noturno. É delicioso, incrível, excitante e inesquecível. Agora, sendo quase oito da noite, estamos deitados, ainda nus, cobertos apenas por uma manta que eu trouxe na mochila. Precisamos ficar muito próximo um do outro para dividirmos a pequena coberta e nos rende um pouco de brigas e gargalhadas. A noite ainda está quente, estava muito mais enquanto fazíamos amor ardentemente, mas com o fim do sexo, a temperatura despencou um pouco, e Lívia estremeceu de frio.

Seu cheiro de suor sobe pelas minhas narinas nesse momento e me deixa num estado ébrio de amor e paixão. Eu adoro o perfume natural e pós-foda dessa mulher. Lívia colocou sua *playlist* do celular para tocar e, enquanto apreciamos a noite esplêndida, curtimos alguns clássicos.

— Se alguém nos surpreender, podemos ser acusados de atentado ao pudor, você sabe, não sabe? — Lívia diz, baixinho, seus olhos presos ao firmamento ponteados de estrelas cintilantes, e incontáveis delas já devem ter morrido há milhões de anos-luz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Uma gargalhada involuntária escapa de mim.

— Sei, mas o risco valeu a pena, não?

— Valeu, valeu muito a pena — responde sussurrando e se apoiando em meu tórax para me beijar.

— Temos de voltar para o chalé e tomar um banho — pontua, passeando seu indicador pela linha da minha tatuagem.

— Por que tomarmos banho lá quando temos muita água *aqui?*

Ela me olha, espantada, e fica em seus cotovelos.

— Não vamos nadar agora. Está de noite, não conhecemos o lugar e…

a água pode estar fria.

— Está uma noite quente e, Li, não deve ser tão fundo. Prometo irmos com cuidado.

— Alfredo, nã… — mas eu não lhe dou tempo de protestar ou negar.

Ergo-a em meu colo e, parecendo Adão e Eva, nos levo até o rio de correntezas calmas.

Do contrário como prometi, eu não sou cuidadoso. Dois metros depois, eu tomo embalo e corro até o rio. Lívia grita em meu colo, protestando e me xingando.

— *CRETI…* — suas palavras se afogam quando caímos no rio e afundamos.

Debaixo d'água, ela se rebate e me chuta, com certeza sentindo o impacto da água gelada contra seu corpo quente. Subo para a superfície, aspirando ar para os pulmões. Ela surge um milésimo de segundo depois, tirando os cabelos grudados ao rosto.

— *Cretino desgraçado!* — Lívia esbraveja, enquanto caio na gargalhada. Ela vem até mim e me esmurra no peito. — *Eu poderia ter um choque térmico, Alfredo Hauser!*

— Não exagera, Li — dou de ombros, segurando seus punhos e a beijando.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— *Ou pior! Poderia haver pedras pontudas. Oh, Jesus, você é um irresponsável, Alfredo!* — ela segue me advertindo, e eu sigo me escarnecendo.

Dou a ela um minuto para se acalmar, segurando fortemente minha vontade de rir da sua cara carrancuda. Lívia é ainda mais linda quando brava.

Sua expressão se suaviza pouco a pouco, agora ela parece curtir a água envolvendo seu corpo nu e se aproxima de mim com algumas braçadas.

— Idiota… — cicia, mordendo meu lábio inferior e me abraçando pela nuca. — Você é um grande idiota.

— Estava pensando… — ignoro seus comentários — que tal mais uma rodada de sexo, agora aqui, na cachoeira? — Ergo uma sobrancelha e lanço um sorriso sugestivo.

Nesse instante, no celular ainda reproduzindo a *playlist* dela, ressoa pela clareira *Sinônimos*, Zé Ramalho.

♪ Quanto o tempo o coração leva pra saber Que o sinônimo de amar é sofrer

No aroma de amores pode haver espinhos

É como ter mulheres e milhões e ser sozinho Na solidão de casa, descansar

O sentido da vida, encontrar

Ninguém pode dizer onde a felicidade está ♬

Lívia olha para mim e no próximo segundo suas pernas estão contornando minha cintura. Eu a seguro, meio assustado com sua atitude brusca, e sua boca encontra a minha num beijo profundo e sôfrego. Outra vez eu a penetro, uma nova sensação invade meu coração com o momento, uma sensação de prazer, amor e excitação.

De repente, eu sinto uma grande aflição me atingir em meio ao prazer e NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ao amor que sinto por essa mulher. Por todo o dia eu afastei meus pensamentos da cabeça, guardei no lugar mais fundo da minha alma meu sonho com Sophie, da minha declaração, da consciência que eu tenho de tê-la amado (e talvez de ainda amar, de alguma forma), da tristeza que, às vezes, eu sinto pela sua morte. Eu guardei tudo isso porque não quero de maneira alguma que Lívia saiba, não quero magoá-la, ofendê-la ou incitá-la a um ciúme desnecessário.

Mas ao mesmo tempo me sinto desonesto por não ser sincero com ela, por querer guardar esse sonho — esse segredo — só pra mim.

Sua palma contra meu rosto molhado me traz de volta à realidade. A água nos rodeia e, apesar da temperatura fria, o calor parece aumentar com a fricção de

nossos corpos. Tento sorrir para ela e manter o ritmo da minha penetração, tento me concentrar em aproveitar esse momento.

♬ O amor é feito de paixões

E quando perde a razão

Não sabe quem vai machucar

Quem ama nunca sente medo

De contar os seus segredos

Sinônimo de amor é amar ♪

O sexo dura menos tempo. Estamos cansados pelas rodadas anteriores, mas, ainda altamente excitados, gozamos pela terceira vez. Lívia apoia a cabeça em meus ombros, suas pernas ainda me contornando, e me é um pouco difícil manter o equilíbrio das pernas por causa do empuxo da água.

Ela respira com dificuldade.

— Querida… — murmuro, acariciando seus cabelos — Quero te contar uma coisa.

Ela se desencosta de mim e olha nos meus olhos. Desce do meu colo e dá um mergulho para tirar os cabelos grudados em seu rosto.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— O quê?

Tomo um pouco de fôlego e coragem. Eu não quero somente ser franco com ela, mas quero desabafar também. Quero ouvir o que ela tem a dizer a respeito desse sonho.

— Eu sonhei com Sophie, essa noite.

— Eu sei — me diz, natural, nadando um pouco. — Você falou dormindo.

— Sério? — indago, surpreso.

— Sim. Eu não entendi nada porque conversava em francês, mas… eu reconheci o nome dela quando pronunciou.

Lívia nada de volta pra mim e me abraça. Seus olhos castanhos se encontram com os meus. Ficamos em silencio por alguns segundos, por todo o lado eu só ouço o canto dos grilos.

— Quer falar sobre isso? — me pergunta, branda e compreensiva. —

Estou aqui, Alfredo, pode se abrir comigo quando quiser.

— Por que não me perguntou nada?

— Porque eu não quero te pressionar. Quero que seja assim, espontâneo. Como está sendo agora. Quer me contar?

Eu abano a cabeça em positivo. Lívia me aguarda começar, toda nossa conversa se faz dentro do rio, e, apesar da singularidade do lugar, é uma conversa agradável. E eu lhe conto tudo. Lívia apenas me ouve, às vezes acaricia meus cabelos ou meu rosto, e não me interrompe nem por um momento.

— Eu não quero que você se sinta ofendida, Li, porque eu amei Sophie… eu só…

— Por que eu me ofenderia? Alfredo, por Deus, eu não quero apagar a Sophie da sua vida. Vocês se casaram, tiveram uma filha, uma história… Eu seria muito infantil se me sentisse ofendida ou sentisse ciúmes com isso. —

Seus lábios vêm aos meus em um beijo acolhedor e brando, suas mãos outra vez encontram minha pele em uma carícia que me transmite toda paz e
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

segurança, tudo o que eu precisava sentir nesse momento. — Não me importo que tenha amado Sophie, ou que ainda a ame, de alguma maneira. Eu acredito no seu amor por ela, no seu amor *por mim*, e eu sei conviver pacificamente com isso, querido. Você é um homem maravilhoso, Alfredo.

Tornou-se um. E eu tenho muito orgulho de você.

Eu não consigo dizer nada por alguns instantes. Eu nunca precisei de nada além dessa compreensão toda. Sophie sempre me compreendeu, Lívia está me compreendendo agora. Por um breve momento eu me sinto mais uma vez indigno de ter feito parte da vida dessas duas mulheres, principalmente pelo modo como eu *entrei* na vida delas.

Engulo em seco e seguro uma lágrima prestes a escorrer. Beijo minha esposa com todo amor dentro de mim.

— Obrigado, Li… eu te amo tanto. Às vezes acho que não mereço você na minha vida…

Ela encosta seu indicador nos meus lábios.

— Não diga mais isso, ok? — me adverte.

Apenas maneio a cabeça.

— Tem mais alguma coisa.

— Estou aqui para te ouvir, amor.

— Sophie falou sobre perdão… sobre perdoar Joel. Eu… eu não sei se sou capaz, Lívia. Eu não sei o que fazer.

— Respeito seu sonho com Sophie, Alfredo — ela me diz, calma e tranquila, sorrindo como o anjo que é —, mas, você sabe, ela não poderia de nenhuma forma se comunicar com você, não é?

Inclino a cabeça um pouco para o lado, sem entender aonde Lívia quer chegar.

— O que está sugerindo, Lívia?

— Não foi Sophie quem te pediu para perdoar o Joel, Alfredo… —

enuncia, sua carícia no meu rosto retorna. — Sophie foi apenas… uma forma de projeção, entende? Foi a forma como o seu subconsciente encontrou
NACIONAIS-ACHEROM

para… digamos… abordar o assunto com você. Esse desejo de perdoá-lo não veio de Sophie, mas daqui — e então ela põe sua mão sobre meu peito, bem em cima do meu coração.

Eu olho para sua mão em meu peito e me pergunto como *eu* poderia ter esse desejo de perdoá-lo quando, há apenas três dias, quase matei aquele homem com minhas próprias mãos.

— Sophie sempre foi uma pessoa genuinamente boa — Lívia continua, e eu levanto meu olhar para ela. — Ela te perdoou dos seus erros, aceitou um casamento sem o amor que você deveria sentir por ela, foi paciente e dedicada… e você sempre a admirou por isso, pela capacidade dela de perdoar com facilidade, da bondade que havia naquele coração. Seu subconsciente só projetou isso pra você, Alfredo. Mas o desejo de perdão está partindo de você. E isso é bom, querido. Isso é maravilhoso.

— Eu quase o matei, Li… — balbucio, as lágrimas queimando meus olhos — Como *eu* posso querer perdoá-lo? Eu sou incapaz disso… eu não…

isso não pode ser de mim.

— Claro que pode, meu amor. Só precisa descobrir um jeito de fazer isso.

— Não sei se consigo… — fecho os olhos e suspiro. Meu peito dói. —

Sophie o perdoaria, sei disso… mas *eu*.… eu não sou ela, não sou *como* ela.

Como você reagiria a isso, Lívia? — pergunto e abro os olhos, encarando-a.

— Se fosse *você* no meu lugar, o que você faria, Lívia? Perdoaria aquele crápula?

Lívia me olha por alguns instantes, mordendo o lábio inferior.

— Sinceramente? Eu não sei, querido. Eu não tenho ideia do que *você* está sentindo nesse momento, como isso tudo deve ser difícil e duro pra você.

Eu queria muito poder te dar uma resposta concreta… mas eu não posso.

Tudo o que faço é balançar a cabeça em positivo, pensando em todas as palavras de Lívia. Ficamos mais um tempo dentro da água, até nossas peles começarem a ficar arroxeadas pelo frio. Vestimo-nos sem sequer nos secarmos. Pegamos nossos pertences e voltamos rapidamente para o chalé, sem nos perdermos na trilha. A caminhada rápida aquece nossos corpos mais NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

uma vez, mas não o suficiente para espantar o frio.

Ao chegarmos, precisamos de um banho quente. Depois, acendemos a lareira, pois a temperatura caiu brusca e repentinamente, e pedimos um vinho e *fondue* de queijo. Na sala, frente ao fogo crepitando e nos aquecendo, enquanto esperamos pelo nosso pedido, Lívia se deita entre minhas pernas e se cobre com uma coberta e cochila um pouco. Eu estou cansado, mas elétrico demais para conseguir cochilar mesmo por alguns minutos. Um filme qualquer passa na TV, mas não lhe dou atenção. Minha mente está atordoada, ainda refletindo sobre a questão em perdoar ou não Joel.

Olho para baixo, Lívia ronrona baixinho, serena e bela. Beijo seus cabelos e a abraço contra meu corpo. E agora eu sei, ela tem razão; Sophie —

ou meu subconsciente — tem razão. Eu preciso encontrar um jeito de perdoar aquele homem… de encontrar a paz que eu nunca tive realmente.

Por elas — Sophie, Lauren e Lívia — eu farei isso.

Mais por elas do que por mim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

24

CONFISSÃO

Lívia

DR. LUÍS ESTÁ COM SEU HABITUAL BLOCO DE NOTAS.

Repousa-o sobre as pernas, e nos dedos uma caneta elegante bate levemente sobre o bloquinho, enquanto ele, me olhando por cima dos seus óculos, me ouve atentamente.

É uma segunda-feira de manhã e faz frio. Com uma xícara de chocolate quente, gentilmente oferecida por ele, eu seguro a pequena agenda com as minhas anotações de emoções, feitas durante os dias desde a última sessão, como parte dos exercícios proposto pelo psicólogo desde quando comecei o acompanhamento, três meses atrás, mais ou menos.

Como de praxe, conversamos sobre as emoções anotadas, uma por uma.

A ansiedade que me acometeu depois do assalto diminuiu consideravelmente, e Luís diz estar surpreso com meus resultados, pois o tempo de acompanhamento é relativamente recente. No entanto, a emoção

“*ansiedade”* aparece vez ou outra nas minhas anotações. E esse fim de semana não foi diferente. Alfredo resolveu ficar mais um dia na pousada campestre e conseguiu me convencer a voltarmos no sábado à noite. A viagem em si foi muito tranquila, mas havia a pontada de ansiedade alfinetando meu estômago e me fazendo suar frio de medo. Uma porção de acontecimentos se formava em minha mente: assalto, acidente, motor fundido, pneus furados. Eu tentei não demostrar meu nervosismo durante o percurso, mas Alfredo percebeu, claro, e me afagou as mãos, sorrindo lindamente e me garantindo que nada demais aconteceria. Seu gesto abrandou um pouco meus nervos, mas não o suficiente. A pontada no estômago NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

continuava, eu ainda tinha um medo bobo e irracional de revivermos aquela noite.

A ansiedade estava em, também, porque amanhã teremos a maldita reunião com Fritz e seu filho. E não que eu não esteja confiante de me manter no cargo, ou de que os demais acionistas não serão idiotas o suficiente para concordarem com a loucura de passar a presidência de uma empresa tão importante como a Hauser para uma pessoa que sequer conhecem. Quanto a isso, eu estou confiante em mim, no meu trabalho com a empresa. Porém, a cada dia mais próximo dessa

reunião, minha ansiedade parece aumentar.

Obviamente, escondi isso de Alfredo, mas não poderia esconder do meu psicólogo, que está justamente me ajudando a controlar isso tudo.

— A ansiedade é comum, Lívia — ele diz, anotando alguma coisa em seu bloquinho, depois de eu lhe falar sobre o sentimento anotado na minha agenda. — O ser-humano é propenso a ser ansioso em momentos de importância, é completamente normal. O que devemos analisar não é a *ansiedade* em si, mas a intensidade dela, me entende?

— Sim… — respondo, meneando a cabeça e olhando para as minhas mãos em seguida.

— Como está a intensidade da *sua?*

— Eu sinto que diminuiu bastante, apesar de, em alguns momentos, eu estar criando paranoias na minha cabeça. Como nesse fim de semana. Fiquei quase a viagem de volta toda tentando afastar pensamentos negativos da minha cabeça. Eu imaginava nosso carro sendo assaltado, ou sofríamos um acidente porque voltamos de noite. A cada curva muito fechada ou trecho mal iluminado ou de pouca visibilidade era uma sensação esquisita no peito. Mas não é tão constante como antes desde o assalto.

— Você fez alguma coisa para tentar amenizar a ansiedade?

— Eu e Alfredo conversamos bastante sobre os três dias em que ficamos na pousada. Isso me acalmou muito. Mas quando ele ficava quieto, quando o assunto acabava, eu pensava em coisas boas, como Alfredo mesmo me sugeriu há um tempo. Quando me dei conta, já estávamos chegando em casa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ele faz mais algumas anotações.

— Certo. E como está reagindo quando se recorda do assalto ou quando ouve *aquela* palavra?

Aquela palavra… Luís sabe exatamente a que se refere. Confidenciei a ele numa das nossas sessões porque era uma das coisas que ajudava a desencadear lembranças ruins e me fazia reagir negativamente. Como por muito tempo Alfredo evitou tocar na palavra, eu não tinha tido uma chance real de tratá-la e superá-la. Até a noite da nossa transa na cozinha. Ele não fora nem um pouco discreto ou cuidadoso. Senti meu corpo tenso no mesmo instante, aquela maldita palavra projetou a imagem dos dois homens, do cano da arma subindo pela minha coxa, o toque frio e perigoso. Mas Alfredo, com seu jeito cretino e libertino, ajudou a dissipar da minha mente as imagens ruins, e do meu coração, o medo patético. Eu era — e sempre seria — a *gostosa* dele.

A superação da palavra foi realmente mais fácil do que eu imaginava.

— Eu não gosto da lembrança… — respondo sinceramente — e até, confesso, sinto uma bile amarga na boca quando as recordações vêm, mas…

Mas não reajo mais como antes. Acho que se trata apenas de uma lembrança ruim. Quanto àquela palavra… eu a superei numa noite dessas. Não tem mais significado nenhum pra mim além daquela quando Alfredo está a pronunciando — abro um sorriso pequeno, sentindo um enrubescer leve subindo pelas minhas bochechas.

Luís me devolve o sorriso, satisfeito com o meu progresso.

— Próxima emoção?

Olho para minha agenda e digo:

— Felicidade.

Luís se ajeita em sua poltrona, arrasta os óculos aos olhos e troca o cruzar das pernas, apoiando a direita sobre a esquerda.

— Felicidade? — indaga, surpreso. — Que interessante. Pela primeira vez você anota essa emoção desde o começo do tratamento.

— Eu sei.

NACIONAIS-ACHEROM

— Por que se sentiu feliz?

— Foi um fim de semana muito bom — começo, me lembrando de cada momento com Alfredo. — Não é a primeira vez que me sinto feliz ao lado dele, mas… Esse fim de semana foi especial, sabe?

— Especial como?

— Não sei dizer. Tivemos um tempo só nosso, sem preocupações com trabalho ou filhos. Na nossa última noite… ele estava dormindo, eu me levantei com sede, fui pegar água no frigobar, voltei e me sentei na cama, observando-o dormir e me lembrando de toda a dedicação dele.

— Desde o assalto?

— Desde nosso casamento — respondo, sem titubear. — Ele é cheio de defeitos, como qualquer um… Mas se esforça muito. A questão é, naquela noite, olhando pra ele, eu me recordei de como Alfredo foi paciente em relação a sexo, como ele sempre procurou me deixar feliz, como a história de pintarmos a casa, ou me incentivou muito, como com o jantar em família ou o café com o ex-namorado. Foi uma paciência e uma dedicação que nunca imaginei partir dele. Na verdade, eu tive medo. Ele é tão propenso a desistir quando as coisas pioram. Ele *era* propenso a isso. — corrijo-me. — Alfredo mais do que provou estar disposto a seguir em frente e a lutar pela nossa relação, pelo nosso casamento. Então, enquanto eu o admirava dormindo e me recordava de tudo, eu senti muito orgulho dele, e junto, veio uma felicidade imensa de estar casada com ele. Uma felicidade que eu nunca senti, sabe?

— Entendo, claro — Luís anui. — Você sempre se sentiu feliz ao lado dele, mas, lá no fundo, mesmo escondido, havia a dúvida de, se fossem postos à prova, se Alfredo seria forte ou desistiria, como da última vez.

Quando ele te provou que nunca mais cometeria o mesmo erro, a dúvida se dissipou, e você se sentiu feliz por isso. Somada à felicidade que *já sentia* em estar casada com ele, o resultado foi uma felicidade maior e nunca sentida.

— Exatamente… — murmuro, chocada como Luís conseguiu ler meus pensamentos. — É exatamente isso.

Ele sorri e faz mais anotações.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Estou contente com sua recuperação, Lívia. Nesse ritmo, dentro de dois ou três meses você se livrará de mim — ele me diz, com humor. — Mas eu recomendo vir me ver ao menos uma vez a cada seis meses. O

recomendável para qualquer pessoa.

— Sou eu quem agradece, doutor Luís. Se não fossem essas sessões, acho que meu casamento já teria acabado.

— Nesse caso, agradeça ao seu marido. Foi ele quem me procurou e foi ele quem, também, contribuiu para sua recuperação, sendo paciente e dedicado. Eu sou apenas um mediador.

— Tem razão — concordo, sorrindo brevemente. — Mas Alfredo não merece apenas minha gratidão. Ele merece todo meu amor.

E, com isso, encerramos a sessão.

Alfredo está me esperando na recepção do consultório de Luís. Sentado no sofá, folheando uma revista, eu o observo enquanto caminho em sua direção. Traja uma malha cinza de lã em decote V, a gravata preta por baixo faz contraste com a camisa de linho branco, calças pretas de veludo e um cachecol em torno do pescoço.

Como sempre, está estonteantemente lindo. Ele me vê e então vem em minha direção, recebendo-me com um beijo rápido.

— E então, como foi a consulta? — Alfredo quer saber, enquanto caminhamos para fora, seu braço jogado sobres meus ombros.

Conto a ele positivamente sobre a sessão e de como estou confiante com o parecer de Luís sobre minha recuperação e o fim das consultas.

— Ele me recomendou vê-lo a cada seis meses depois de finalizarmos.

— Fico feliz por você, meu amor. — ele me diz e beija meus cabelos.

— Você vai para a Hauser? Preciso passar no Avenue e posso te deixar lá, antes… Se quiser.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Tudo bem. Posso ir mais tarde. Quero ir até lá com você.

Alfredo me dá um sorriso pequeno e me abraça mais contra seu corpo.

Seguimos, então, para o Avenue, com Alfredo me dizendo que quer fazer outra viagem como a desse fim de semana, mas dessa vez com as crianças.

Combinamos de nos organizarmos para irmos nas férias de Enzo.

Chegamos ao Avenue em reforma. Fica dentro de um dos novos shoppings da cidade, e é um espaço amplo e aconchegante. Algumas paredes já foram pintadas num tom salmão, dando elegância ao local. Há um homem de costas para nós quando entramos, conversando com um dos funcionários responsáveis pela adaptação do lugar. Ao passo que nos aproximamos, podemos ouvir o assunto da conversa. É algo sobre um atraso na entrega de um lustre.

Demoro a perceber que o homem de costas é David Menezzes. Quando ele nota nossa chegada e se vira, sua expressão é um pouco atordoada, mas David mantém o sorriso simpático no rosto.

— Alfredo… — cumprimenta-o, trocando um aperto de mão. — Que surpresa. Angelina me disse que estava ausente por uns dias.

— Voltei esse fim de semana. — Alfredo explica. — Deixe-me apresentá-lo à minha esposa. Lívia, David Menezzes, o arquiteto responsável pelo projeto do Avenue, sócio da Angelina. David, minha esposa Lívia.

David maneia a cabeça apenas, murmurando um “muito prazer”, como se de fato não nos conhecêssemos. Ele disfarça bem o incômodo em seus olhos. Eu prometi contar a Alfredo sobre nós, na última vez em que nos vimos, há mais de quinze dias, mas até então eu não fizera. Porque eu esqueci. Porque eu realmente

não quis.

Agora eu vejo urgência e desaprovação nos olhos dele.

Alfredo e David conversam por alguns instantes, David explicando a ele sobre um pequeno atraso na entrega do projeto por causa de um erro na fabricação das tintas e na logística dos móveis.

— A Angelina já está resolvendo essa questão das tintas com o fornecedor responsável — explica David, de forma profissional. — Acredito ser um atraso de dez ou quinze dias.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Claro, eu entendo, não é culpa de vocês. Bernardo tem passado por aqui?

— Sim, inclusive ele está no escritório com Angelina. Eles foram até lá para entrarem em contato com o fornecedor das tintas.

— Vou falar com ele. Você vem comigo, Li? — Alfredo se vira pra mim, segurando em minha mão.

Ofereço-lhe um breve sorriso e o beijo rapidamente nos lábios.

— Vou ficar aqui e dar uma olhada no lugar. Talvez eu vá até uma loja de sapatos que vi na entrada.

— Tudo bem, desde que não estoure os limites do meu cartão. — ele brinca, retribuindo meu beijo.

— Você sabe, eu não dependo do seu cartão, e você não paga as minhas contas, e o seu cartão não tem limites — respondo, puxando sua orelha. Ele ri e abana a cabeça.

— Não demoro — cicia em minha boca antes de se embrenhar para dentro da loja até o escritório improvisado.

Volto-me para David, já ensaiando algumas palavras, mas ele me impede,

dizendo:

— Não contou pra ele…

— Vou contar hoje. — garanto, mantendo uma distância respeitável de David.

— Como foi a viagem? — questiona, de repente, me deixando atordoada. Pensei que ele seria mais ríspido quanto ao assunto.

— Foi ótima. — digo apenas. — Angelina disse outro dia que estava em Miami.

Ele abana em positivo, olhando para os lados, como se supervisionasse a meia dúzia de pessoas trabalhando no lugar. O som de uma lixadeira vem dos fundos, atrapalhando nossa comunicação. David se aproxima um pouco, puxa um banquinho para mim perto de uma mesa improvisada. Indica para eu me sentar. Faço-o. Ele se mantém em pé, analisando a planta do projeto, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

enquanto segue conversando comigo:

— Sim, voltei na quarta-feira. Mas recebi um e-mail hoje pela manhã.

Farei uma viagem a Portugal dentro de um ou dois meses. Será o primeiro projeto internacional da *Menezzes & Savhoya*.

— Isso é incrível — digo-lhe, sinceramente. — Parabéns, David.

Ele me olha por cima dos seus óculos, as mãos espalmadas sobre a mesa, e torna a olhar o projeto, sorrindo, sucinto.

— Obrigado. Lutei para ter esse trabalho reconhecido.

— Eu imagino… — murmuro, e então permanecemos em silêncio por alguns segundos.

— Como acha que Alfredo vai reagir quando souber? — inquire, subitamente.

Inspiro fundo e dou de ombros.

— Sobre nós? Ele não tem motivos para se zangar. Afinal, a gente soube dessa coincidência há pouco tempo.

— Sim, mas… o fato de sermos ex-namorados… acha que não vai incomodá-lo?

Reflito sobre sua pergunta por um instante e não chego a nenhuma resposta precisa. Então eu olho para David, vejo muito mais dentro daqueles olhos claros por trás da armação de óculos elegante.

— David… — murmuro, desconcertada, percebendo o brilho diferente nos olhos dele.

Ele balança a cabeça, suspira, tira os óculos e o deixa sobre a mesa.

— Me desculpe, não queria ser tão indiscreto…

— Oh, meu Deus, você ainda…?

—… gosto de você? É, eu ainda gosto de você. Eu achei que não, mas… desde o nosso reencontro, eu…

Nesse instante, Alfredo surge, acompanhado de Bernardo, nos NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

interrompendo:

— Desde o reencontro de quem? — indaga, revelando não ter ouvido nossa conversa por inteiro.

Viro-me para ele, pensando em alguma resposta para lhe dar. No entanto, David diz rapidamente:

— Estávamos conversando sobre a minha ex-esposa. Eu a reencontrei esses dias, depois de voltar de Miami. Estava dizendo à Lívia que, desde quando a reencontrei, eu estou inquieto. Acho que ainda gosto dela — seu olhar recai sobre mim, de repente, mas ele se desvia tão rápido quanto como me olhou.

David põe seus óculos de volta nos olhos e enrola a planta do projeto.

— Bom… — Alfredo enuncia — espero que isso se resolva com ela.

David apenas sorri brevemente e balança cabeça.

Junto com Alfredo e Bernardo, eu o deixo para trás, um pouco desestabilizada com sua confissão.

Alfredo está no escritório, resolvendo alguma coisa da Fundação. Estou atrás da porta e, embora seja uma tremenda falta de educação, eu paro um instante para ouvir sua conversa antes de bater e entrar.

Ele me pede um instante, fazendo um movimento de mão, enquanto finaliza sua ligação. Sento-me à sua frente, na poltrona confortável. Alfredo encerra sua ligação e me encara com um sorriso.

— Você demorou hoje — diz, olhando no seu relógio de pulso. São por volta de dezenove horas. — Ficou até mais tarde na Hauser?

— Passei no supermercado, na verdade. Trouxe chantilly. — digo-lhe, sugestiva.

Vejo os olhos azuis se intensificarem e um sorriso cretino surgir.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Tenho certeza de que nossa noite será uma delícia — murmura, rouco.

— Tenho certeza de que sim, mas, antes, precisamos conversar, Frê —

falo, com seriedade.

Ele sente a gravidade em minha voz e tira o sorriso do rosto.

— Sobre?

— David Menezzes… — pronuncio, sem rodeios. — Eu já o conheço.

Se lembra do ex-namorado arquiteto? O que eu contratei para o projeto daqui de casa? É ele. Mas eu só descobri que ele está trabalhando com você também tem pouco mais de quinze dias, quando fomos tomar aquele café.

Há um instante de silêncio entre nós. Alfredo não parece irritado ou chateado com a revelação, está apenas surpreso.

— E está me contando só agora? — aponta, controlando a voz. Agora, sim, posso perceber que ele está chateado. — Outra vez você só me conta alguma coisa depois de *muito* tempo.

— Eu ia te contar antes, Alfredo, mas… mas aí eu escutei aquela sua conversa ao telefone, achei que estava me traindo com a Angelina, então pedi para David tentar descobrir alguma coisa pra mim, e o impedi de te dizer sobre a gente.

A face dele muda radicalmente.

— Você achou que estava dormindo com a *Angelina?* E pôs uma pessoa para me espionar?

Eu começo a sentir o descontrole em sua voz, a irritação está o tomando paulatinamente.

— Não é bem assim, Alfredo. Ele conversou com você, depois, com a Angelina, e me garantiu não acontecer nada entre vocês dois. Ele, inclusive, me aconselhou a conversar com você antes de tudo. Se não fosse esse conselho, com certeza eu teria perdido a razão com isso, teria feito as coisas da forma errada.

Alfredo se levanta com brusquidão, os pés da cadeira arranhando o
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

assoalho. Ele me encara, os olhos fumegam e me assustam, eu realmente não esperava por tal reação.

— Deixa-me ver se entendi direito: — sua voz é ácida — você achou que eu estava transando com a Angelina, desconfiou de mim, mesmo com todo meu esforço nos últimos anos; mas bastou um ex-namorado dizer a você que não para acreditar *nele?* — Sua voz sobe uma oitava agora: — Preferiu acreditar num homem praticamente estranho pra você a acreditar em mim, seu próprio *marido?*

— Você está exagerando, não acha, Alfredo? — Sou eu quem aumenta o tom de voz agora, e também saio do meu lugar. — O que queria que eu fizesse? É, eu

estava desconfiada de você, e David estava mais perto de você e da Angelina. Talvez eu tenha errado, e te peço perdão por isso, mas agora estou sendo franca contigo.

Ele respira com dificuldade enquanto me encara, o semblante incrédulo e de desapontamento expresso nitidamente nos traços do seu rosto, nos olhos azuis que perderam um pouco do brilho.

— Tem razão… — cicia, de repente, controlando sua respiração. — A culpa de você não confiar em mim é só minha. Traí sua confiança há mais de dois anos quando deixei você com meu filho com leucemia numa cama de hospital pra voltar para França e fazer o quê? — A pergunta é retórica. —

Trepar com outra mulher. Eu nunca te dei motivos pra confiar em mim, então… é natural a sua desconfiança. Tenho mais raiva de mim do que de você.

— Alfredo… — tento interrompê-lo, não o quero se culpando por tudo.

No entanto, ele abana a mão e sai do escritório, me deixando sozinha.

Saio do escritório na intenção de alcançá-lo e acalmar as coisas entre nós.

Enzo está do lado de fora, carrega uma mochila nas costas e, pela sua expressão, percebeu que o pai saiu pisando firme, segundos antes.

— Está tudo bem, mãe, entre você e o pai?

Forço um sorriso.

— Está, meu amor. Só… uma discussão corriqueira. Nada de grave.

Como foi o fim de semana na casa do Henrique?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Foi legal. Fomos a um campo de Paintball. Foi divertido.

— Imagino que sim. Vá tomar um banho e fazer os deveres. Quer algo pra comer?

— Só um copo de leite — ele vem até mim e me beija na bochecha, então segue para seu quarto.

Desço até a cozinha, a cabeça rodando. Não pensei que a conversa com Alfredo seria tão turbulenta. Penso em inúmeras coisas para lhe dizer capaz de amenizar essa situação, mas, ao mesmo tempo, não quero me submeter a ele. Talvez eu tenha errado, já reconheci isso e lhe pedi desculpas. Não vou correr atrás dele mais do que o necessário.

Na cozinha, eu o encontro dispensando a babá e pegando Lara no colo, a expressão se suavizou muito, nem parecendo que há dois minutos tínhamos discutido. Ele joga a pequena para cima, ela gargalha delirantemente, e a pega de volta, beijando-a a cada pouso em seus braços.

Ele nota minha presença, devolve Lara no chão e vai até o micro-ondas onde estava aquecendo uma mamadeira. Ele entrega para Lara, e ela corre até a sala para se deitar no sofá e assistir aos seus desenhos na televisão.

Estou na mesa, preparando o copo de leite de Enzo e um sanduíche recheado de creme de avelã quando sinto os braços dele me abraçarem, subitamente. Ele é um Cretino bipolar.

— Eu não queria ter surtado… eu só… — Alfredo suspira antes de continuar: — Li, é um o inferno saber que você não confia em mim e isso é culpa *minha*.

— Não é culpa sua… — digo baixinho.

— Claro que é. Traí sua confiança… e… eu sei como é difícil pra você confiar em mim outra vez. Não é a primeira vez que tento recuperá-la, não é?

— ele diz ao pé do meu ouvido. Rio baixinho e abano em positivo.

E de fato, ele tem razão. Eu confio facilmente, mas, se minha confiança é traída, então reconquistá-la é uma tarefa árdua.

— Eu confio em você… *agora* eu confio em você, Alfredo — viro-me para ele, laçando os braços em sua nuca. — Não foi bem uma desconfiança
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

aquilo com a Angelina… foi só… eu interpretei mal as coisas. Mas agora eu confio em você cegamente, você já me provou que não vai mais fugir quando as coisas entre nós ficarem críticas. Talvez eu tenha demorado a notar seu esforço, mas não se preocupe ou se culpe por isso. Confio em você, querido.

Ele sorri pequeno, mas é tão sincero e contagiante… balança meu coração de uma forma inexplicável. Alfredo se aproxima da minha boca e me beija com amor e paixão, e eu retribuo profundamente, sentindo todo nosso amor correr pelas nossas veias.

— Que bonito, hein — somos interrompidos por uma voz familiar —, eu estou atrapalhando o casalzinho?

Viramos juntos na direção da porta de entrada e vemos Enzo parado ao batente, os braços cruzados. Vejo no fundo dos olhos azuis a marca do pai dele — o mesmo olhar zombeteiro e sarcástico.

— Me esqueci de levar seu leite, não é? — profiro, me sentindo uma mãe desnaturada.

Ele não me responde, apenas se senta à mesa e começa a devorar o lanche.

— Vocês se entenderam — diz com a boca cheia —, é isso o que importa. Gosto de ver vocês felizes.

Sem dizer nada, Alfredo deixa um beijo no alto da cabeça de Enzo. E

mais uma vez eu me sinto completa e feliz ao lado dele.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

25

A DECISÃO

Alfredo

ACOMPANHO LÍVIA DE MÃOS DADAS PELOS CORREDORES DA

HAUSER.

Embora ela não tenha dito nada, eu sinto a tensão e o nervosismo correndo em suas veias, sinto isso em sua palma suando frio, na sua quietude repentina, no brilho fraco dos olhos castanhos que por toda uma vida me fascinaram.

Ela está ansiosa e nervosa por causa dessa maldita reunião com Fritz e o Conselho, essa reunião que decidirá o destino dela dentro da empresa. Eu sei, ela está confiante em se manter no cargo — e eu também estou —, não há dúvidas de ela ser a pessoa mais indicada e competente para estar à frente do grupo, e os acionistas do Conselho não serão estúpidos o bastante para afastarem Lívia — ela vem desempenhando um papel excelente como CEO

da Hauser — para nomearem um herdeiro completamente desconhecido, em todos os aspectos. Eu e ela sabemos disso e estamos confiantes. Porém, a ansiedade é inevitável.

Ela aperta seus dedos contra os meus levemente conforme avançamos.

Lívia preferiu tomar as escadas. Vinte andares até a presidência. Ela preferiu caminhar em vez da claustrofobia de um elevador. Subimos devagar, em silêncio. Eu olho para sua mão apertando a minha, uma ação mecânica e talvez inconsciente. Paro de andar. Estamos no horário.

— Amor, vai dar tudo certo — digo-lhe, acariciando seu rosto.

Lívia solta um suspiro longo e põe uma mecha do seu cabelo dourado e solto atrás da orelha. Eu a observo um instante. Está usando uma saia cinza justa ao seu corpo — e, Jesus, como ela fica sexy! —, camisa branca de seda e um lenço florido delicadamente amarrado ao pescoço.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu sei, Frê… Sou estou um pouco tensa.

Puxo-a pelo punho e volto a caminhar, saindo no andar do RH da Hauser. Atordoada, ela me pergunta para onde estamos indo, pois ainda temos pelo menos mais cinco andares até a presidência.

— Estamos no horário, temos tempo para uma coisa — respondo, andando apressadamente até uma sala de reunião desocupada.

Ela me acompanha questionando-me sem parar. Empurro-a para dentro da sala, tranco as portas duplas e fecho as cortinas persianas.

— Você está tensa… — pronuncio, caminhando pela sala parcialmente escura. — Talvez eu possa resolver isso.

— Alfredo… não está pensando em… — ela precisa as palavras e completa, sussurrando: — transar aqui e agora, ou está?

Eu me aproximo dela e a envolvo em meus braços, trazendo seu corpo quente junto ao meu, dando-lhe um sorriso cretino enquanto inspiro fundo o perfume exalando do seu pescoço esguio e branco.

— Bom… você está tensa e precisa relaxar.

Ela me afasta delicadamente.

— Pode ter certeza, transar no meu local de trabalho, na empresa da *sua* família, não vai me relaxar, Alfredo Hauser.

— *Nossa* família, Lívia — corrijo-a suavemente, acariciando seu rosto.

— E nós já fizemos isso uma vez, se lembra? Ainda estava na sua licença-maternidade, mas precisou vir até aqui pra resolver algumas coisas.

Transamos em cima da sua mesa, com Lara dormindo no carrinho de bebê.

Apesar da pouca luminosidade, eu consigo sentir seu corpo se retesando e suas bochechas se ruborizando.

— Aquilo foi uma imprudência sem tamanho — alega, tentando afastar minha mão descendo pela parte interna da sua coxa.

— Foi uma imprudência gostosa pra caralho.

Ela gargalha e me estapeia no braço.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não seja tarado, Alfredo. Não pretendo repetir essa loucura.

— Vamos fazer um trato… — digo-lhe, virando-a de costas para mim delicadamente, afastando uma cadeira nos atrapalhando. — Você tenta resistir a mim e, se conseguir, eu te deixo em paz.

Beijo sua nuca e abraço seu corpo, subindo minhas mãos pelo seu corpo.

— Se não conseguir… — murmuro em seu ouvido e posso sentir todo seu corpo estremecer de prazer — você se entrega pra mim aqui mesmo, nessa sala, em cima dessa mesa.

Lívia solta um suspiro trêmulo de prazer.

— Isso não é justo… — rebate, baixinho, enquanto enveredo minha mão por dentro da sua saia, alcançando sua pele sob a meia-calça preta. —

Estou em desvantagem. Você é irresistível, Alfredo…

Abro um sorriso convincente, afasto um pouco o tecido sobre seus ombros e o molho com beijos indecentes. Ela deixa sua cabeça cair para trás, apoiando-a sobre meu ombro, enquanto um murmúrio involuntário e delicioso sai de sua boca pecaminosa.

Continuo subindo minha mão pela sua perna, erguendo sua saia até a altura do umbigo, sem nunca separar meus lábios da sua nuca. Levemente, levanto sua perna esquerda e a apoio sobre o tampo de vidro da mesa, e a imagem da posição da minha mulher lateja meu pênis dolorosamente. Abaixo sua meia-calça preta, a cinta-liga por baixo da vestimenta a deixa terrivelmente sexy, e, só por um segundo, eu sinto um ciúme obsessivo de saber que ela vem trabalhar com esses acessórios por baixo da roupa, mas, ao mesmo tempo, aqui e agora, eu a agradeço infinitamente por esconder seu segredo sensual e erótico. Estou excessivamente excitado por ela, o corpo dela, suas curvas generosas e divinas alimentam minha imaginação.

— Você sempre vem trabalhar nesses trajes, meu bem? — murmuro, beliscado a ponta de sua orelha com meus dentes. Minhas mãos depravadas abaixam vagarosamente a meia-calça 7/8 e juntamente sua calcinha. No instante em que

minha mão encontra sua vagina, ela geme meu nome, retorcendo o corpo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você está com ciúmes, querido? — provoca ela, empinando sua linda bunda em minha direção, meus dedos ainda encontrando seu ponto sensível, sua fenda começando a se umedecer.

— Confesso… — sussurro, rouco, passando o restante de sua meia-calça e sua calcinha pelos pés calçados em um salto vermelho-escarlate —

senti uma ponta de um ciúme. Porra, você fica uma delícia nessa cinta-liga, e mostrando essas pernas pelos corredores… Deus, Lívia, quantos homens você quer enlouquecer, sua megera?

Ela ri entre um gemido e outro, enquanto subo beijando as pernas, passando pelas suas nádegas até encontrar seu sexo feminino latejando por mim.

— Eu só quero enlouquecer um homem, amor… e é você. — responde, a voz arfando pelo prazer se formando em seu centro com minhas chupadas e subindo pelo seu corpo.

Sendo o espaço em minhas calças pequeno o bastante para acomodar meu membro pulsante, eu o libero para fora, Lívia ainda de costas para mim, a perna esquerda descansando sobre a mesa. Sem avisá-la, eu a penetro com força, e então fazemos amor ali, por dez minutos. Dois adultos com alma de jovens irresponsáveis transando no escritório de trabalho.

Lívia se limpa com papel higiênico e esborrifa um pouco de perfume que sempre traz em sua bolsa para disfarçar nosso cheiro de pós-foda.

Estamos no banheiro feminino do andar, trancamos a porta para ninguém nos surpreender, e nos limpamos depois da nossa dose de insanidade e irresponsabilidade. Molho um pouco os cabelos e lavo o rosto. Lívia me olha com os olhos como quem quer dizer “maldito cretino, não acredito que me fez cometer uma loucura dessas”, enquanto me arrumo em frente ao espelho.

— E então, está mais relaxada? — indago, secando as mãos no secador

automático, contendo um sorriso cínico.

Ela termina de ajeitar seus cabelos e me dá um tapa nos ombros.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você é um cretino. — Quase não a ouço por conta do barulho do secador, e solto uma gargalhada alta. — E acho melhor desocuparmos o banheiro antes de os funcionários desconfiarem, e também porque a reunião começa em quinze minutos. — Ela me dá um tapa na bunda, abre a porta e espia para fora. — Saída liberada, senhor Hauser — diz-me, se põe a andar, e eu a sigo.

Voltamos a fazer nosso percurso até a presidência, e, embora ela não tenha admitido, eu a sinto mais relaxada. Isso infla um pouco meu ego e desperta em meus lábios um sorriso sucinto. Quando chegamos, todo o Conselho já está reunido, mamãe encabeça a ponta da mesa, Fritz está em pé do outro lado, acompanhado de um homem alto e bem-vestido, cabelos pretos penteados para trás e fixos com alguma pomada capilar.

Sabemos no mesmo instante se tratar do filho do velho Fritz. Ele aparenta ter entre 35 e 40 anos, a postura é rígida e destemida, mas, estranhamente, um pouco amigável também.

— Querida, Lívia, que bom que você chegou! — saúda Fritz com uma felicidade nitidamente ensaiada e forçada.

Ela não o responde, caminha até o centro com determinação e superioridade. Eu me acomodo numa cadeira perto dela, que se mantém em pé, tentando não olhar para o velho Hauser enojada.

— Já apresentei meu filho para o Conselho, agora, deixe-me apresentá-lo para você — ele se vira para o homem ao seu lado — Lívia, este é Aleksy Sadoski Hauser; Aleksy, esta é Lívia, a atual CEO do grupo Hauser… —

Fritz lança um rápido olhar para Lívia. — Por enquanto.

O tal Aleksy se aproxima de Lívia com apenas um passo e estica a mão, cumprimentando-a, com um forte sotaque polonês:

— Muito prazer, Lívia.

Ela olha para a mão dele e o ignora, depois levanta seu olhar para encontrar com os olhos pretos e miúdos de Aleksy.

— O *desprazer* é todo meu — retruca, ríspida, e se vira para frente, encarando o Conselho.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

O tratamento dela parece não incomodar o meu primo.

— Podemos começar essa reunião patética? — diz com desdém, voltando-se novamente para Fritz, certa de ganhar essa guerra.

Fritz ignora a rispidez da minha esposa, diz algumas palavras não muito relevantes sobre a presidência de Lívia nos últimos anos, apontando poucos erros e defeitos no modo dela em presidir o grupo. Erros e defeitos que não são nada em comparação a tudo que ela fez nos últimos anos. Como contra-argumento, Lívia lista todos os avanços e o crescimento da empresa desde quando assumiu o cargo. Por um segundo, eu sei que ela não quer tocar no assunto, não de um modo a me ofender, mas, cautelosamente, ela o faz do mesmo jeito:

— Fritz me disse que *homens* deveriam comandar essa empresa, mas o engraçado é justamente que nenhum homem no cargo de Presidente avançou tanto quanto eu, beneficiou a empresa tanto quanto eu.

— Talvez porque eles não tiveram oportunidades… — rebate Fritz, o sotaque alemão preenche o cômodo. — Klaus faleceu pouco depois de ganharmos reconhecimento, crescimento e retorno da empresa. Carmen ficou à frente do grupo por quase trinta anos. Alfredo assumiu o cargo por pouco mais de um ano… O que se faz em um ano, querida, Lívia, quando comparado aos quase quatro que *você* está na presidência?

— Pode pegar os números se quiser, Fritz — Lívia diz entredentes, o sangue começa a borbulhar em suas veias, e eu sei disso. — Compare o primeiro ano do Alfredo na presidência com o meu. Os números não mentem.

— São diferenças insignificantes. — resmunga o velho. — Uma diferença de crescimento de 4 ou 5%.

— Para uma empresa como a nossa, um crescimento de quatro ou cinco por cento de diferença do ano anterior é um bom crescimento. E você sabe disso.

— Certo — mamãe intervém para acalentar o ânimo entre os dois —, por que não votamos, então? Lembrando, a norma é nítida: para a nomeação de um presidente fora de linhagem o voto deve ser unânime.

— Nós conhecemos as normas… — responde Fritz com um olhar NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

indecifrável. — Bom… então votemos. — ele se vira para a mesa atrás dele e pega uma pequena urna. — Vocês devem colocar o voto de vocês aqui. Será sigiloso. — Ele passa um por um para os acionistas colocarem um pequeno pedaço de papel com seu voto escrito.

Terminando, Fritz abre a urna.

— Carmen, quer fazer a contagem dos votos? Não quero ser tachado de fraudador, caso a nossa querida Lívia perca.

Minha mãe se levanta para fazer a contagem. Há uma pequena tensão pela sala, e toda ela exala de Lívia. Eu me levanto e fico ao seu lado, tentando acalmá-la.

— Bem… — mamãe diz, parece levemente chocada. — Dos dez acionistas, sete votaram a favor de Aleksy, e apenas 3 a favor de Lívia.

A notícia nos pega de surpresa. Esperávamos unanimidade em relação a isso. O voto a favor de Lívia, sabemos, vem de mamãe, disso eu tenho certeza, os demais, por ter sido secreto, jamais saberemos.

— Isso não significa nada — intrometo-me, cortando o silêncio brusco.

— As normas exigem unanimidade. Lívia continua no cargo.

— Na verdade, querido sobrinho — Fritz intervém —, essas normas se referem a

um candidato fora da linhagem. Aleksy é um Hauser genuíno, já Lívia…

— O que você quer dizer? — digo entre dentes, dando um passo à frente. Lívia segura em meu braço, me impedindo de avançar no velho desgraçado.

— Quero dizer que, para um candidato fora da linhagem ser nomeado presidente, os votos precisam ser unânimes. Viu unanimidade aqui, Alfredo?

Já Aleksy é um herdeiro de direito… E herdeiros de direito não precisam de unanimidade… Precisam apenas do voto da maioria… ou do direito à presidência. E como você pode notar… — Ele abre os braços, com um sorriso convencido nos lábios enrugados. — Aleksy tem os dois.

— Fritz, você… — começo a pronunciar uma ameaça, mas Lívia me impede, tomando a minha frente com um puxão nos meus braços.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você quer a presidência? Para você ou para seu filho? Pois bem, Fritz, você a terá. Não irei contestar o resultado dessa votação ou as normas da empresa… Estou abrindo mão do meu cargo. Eu me demito.

Antes de eu ter tempo de adverti-la por sua decisão, Lívia já alcançou a porta e saiu, deixando-nos petrificados e boquiabertos por um rápido momento. Dois segundos depois, eu já estou indo atrás dela, caminhando pesadamente pelo corredor. Puxo-a pelo braço quando a alcanço, seus olhos estão úmidos.

— Não pode fazer isso! — protesto. — Precisa voltar lá e contestar contra isso, Lívia. Não pode desistir do seu cargo, não depois de tudo por qual você passou para chegar até ele.

— Não, Alfredo, estou cansada! E na verdade, eu nem teria chegado à presidência se não fosse seu acidente. Aquele cargo foi devido às circunstâncias, não por esforço.

Eu me inflo de raiva e, sem perceber, a empurro para dentro de uma sala vazia, fecho a porta com força e a prenso contra a parede, tomando sua boca em um beijo necessitado.

— Odeio quando rebaixa todo seu esforço a uma simples jogada de sorte. — murmuro rouco em sua boca. — Tudo bem, admito, se não fosse meu acidente, você não teria chegado ao cargo, mas, Lívia, pelo amor de Deus, existe mais gente nessa empresa que poderia ter sido nomeada. Mas mamãe escolheu você. O Conselho escolheu *você* justamente por todo seu esforço por essa empresa. Então, por favor, pare de dizer que todo o seu sucesso foi circunstancial.

Lívia respira com dificuldade, segurando todas as suas lágrimas que essa decisão lhe causou para si. Ela está tentando ser durona, ser megera e desprovida de sentimentos. Mas num segundo, ela desaba em meus ombros, apertando-me em seus braços em um abraço forte.

Eu não lhe digo nada, apenas acaricio seus cabelos e a espero se recuperar.

— Lívia, precisa voltar lá e…

— Não! — ela diz com força. — Se seu tio quer assim, se os acionistas NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

o escolheram… ou porque Aleksy tem direito… então deixe assim — ela se afasta dos meus braços, limpa suas lágrimas e recupera a postura. — Eu passei os últimos quatorze anos da minha vida trabalhando nessa empresa. Eu mereço umas férias forçadas. Mais cedo ou mais tarde, eles vão perceber o erro que cometeram e virão me suplicar para eu voltar a presidir. Estarei linda e elegante esperando por esse dia. — pronuncia, toda confiante e convencida, e isso preenche meu coração de orgulho e felicidade.

Rio um pouco, trazendo-a a para outro beijo.

— Aliás — diz, cessando o contato de nossas bocas —, eu não quis rebaixar o seu trabalho na empresa quando fiz aquela comparação, eu só…

— Você não disse nada além da verdade. E o fato de você ter feito um trabalho melhor do que o meu não me ofende.

— Você fez um bom trabalho — murmura, segurando a ponta da minha orelha carinhosamente —, eu peguei a presidência da Hauser num momento muito bom, eu só… dei continuidade ao que você começou… e melhorei um pouco.

Quatro ou cinco por cento — ela brinca, nos garantindo uma risada gostosa. — Me desculpe pela comparação, eu não quis te ofender, me vangloriar ou te rebaixar.

— Não fez nada disso, meu amor. Eu sinto muito orgulho de você, na verdade. Não me importa que seja melhor do que eu presidindo a empresa da nossa família. Isso não me ofende. Isso me deixa feliz. E eu estarei ao seu lado quando aqueles abutres virem te pedir rastejando de joelhos para você voltar à presidência… — murmuro, sorrindo, e a beijo profundamente outra vez.

— Enquanto esse dia não chega — continua, após me afastar de sua boca suavemente —, vou passar um tempo maior com Enzo, com Lara, com você… E vamos planejar e ter tempo para aquele terceiro filho.

Eu abano a cabeça, feliz por Lívia estar mesmo querendo outro filho comigo. Suas palavras enchem minha alma de bons sentimentos.

— Quer mesmo isso?

— Você quer… então eu também quero. Se te faz feliz, também me fará feliz, Alfredo — sua mão alcança meu rosto e me acaricia como o céu.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia se ergue nos pés para beijar minha bochecha e mordiscar minha orelha.

— E talvez devêssemos fazer outra tentativa aqui, agora mesmo.

Olho para ela, assustado.

— Aqui? Agora? Achei… — mas ela me interrompe beijando-me ardentemente e tirando meu blazer, enquanto, estabanada, tranca a porta.

— Não trabalho mais nesta empresa — diz-me com um sorriso safado e me empurra contra a mesa no centro da sala. — E agora é minha vez de retribuir seu favor, senhor Diniz.

Lívia tira meu cinto, abre meu zíper e traz meu pênis para fora, envolvendo-o

completamente com seus lábios suculentos.

Mais uma vez nos comportamos como dois adolescentes irresponsáveis, e não como dois adultos.

— Estive pensando — digo à Lívia, enquanto fazemos nosso caminho de volta para casa —, Bernardo está voltando para a França na próxima semana, que tal uma noite entre amigos como despedida? Você, eu, Bernardo, Henrique e Victória?

Minha esposa me olha com um sorriso lindo. Minutos atrás, Lívia conversara com mamãe, que também insistiu para ela contestar a decisão do Conselho, mas Lívia manteve-se convicta em sua decisão de se afastar da Hauser Alimentícia. Com um abraço amoroso, e quase materno, mamãe a agradeceu por todos os anos que Lívia se dedicou a nossa empresa.

— É uma ótima ideia, querido — responde, olhando para fora — E

aonde iríamos?

— Que tal uma partida de sinuca? — sugiro.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Oh, não! — exclama entre risos. — Eu sou péssima nisso, e você sabe! E não acredito que você ainda saiba jogar essa coisa.

— Claro que sei, meu amor. Te disse uma vez que meu hobby preferido é pegar no taco e nas bolas, não?

Lívia ri exageradamente, arrancando o melhor riso de mim também.

— Vamos ou não? — insisto esperançosamente.

— Está bem — ela cede. — Só porque quero te ver perdendo pra mim.

— Veremos, senhora Hauser.

Encontramos com Victória, Henrique e Bernardo na porta de um bar famoso e

movimentado na cidade. Ainda do lado de fora, já podemos ouvir as conversas altas, risadas e som do bom e velho rock n’roll atravessando as paredes. Lívia está encantadoramente linda e gostosa dentro de uma minissaia preta de couro (com muita dificuldade a convenci a usar), meia-calça também preta, botas de cano longo brancas, camisa de seda e jaqueta também de couro. Ela está um espetáculo, e eu preciso me esforçar pra não pensar em arrastá-la para algum banheiro e fazer amor com ela.

Ela resmungou muito pra usar a minissaia, argumentando não ser mais uma adolescente para aqueles tipos de trajes, e sim uma empresária mãe de dois filhos, que ela deixou com os avós pra sair para um bar com os amigos.

— Lívia… relaxa! — eu disse para convencê-la, cingindo sua cintura, enquanto ela se olhava no espelho. — Você está linda, e não há nada de errado com a sua roupa, nem em deixar nossos filhos com pessoas responsáveis para sairmos juntos e nos divertirmos.

Eu a convenci, então, dizendo que a queria sendo a mulher mais linda do lugar para eu me sentir o homem mais sortudo do planeta.

— Uau! — Victória exclama quando nos aproximamos. — Que mulherão é essa, hein, Alfredo?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia fica encabulada na mesma hora e adverte a amiga, enquanto o restante do grupo está rindo. Eu a trago junto de mim, laçando sua cintura.

— Um espetáculo, não? E é só minha. — provoco, e ela me belisca a costela. — Ai! Estou te elogiando! — protesto.

— Você é um cretino possessivo agora? Olha, vamos entrar antes de eu desistir de ficar aqui com essa roupa ridícula. — diz, mal-humorada, e sai na frente.

Já lá dentro, ocupamos uma mesa de sinuca e pedimos uísque e cerveja.

Nos reunimos em dupla, e isso obriga Bernardo a procurar alguém para ele; ele logo volta com uma nova amiga que topa jogar algumas (ou muitas) partidas de

sinuca conosco.

A noite é regada de muita risada, conversa e tacadas surpreendentes.

Revezamos as duplas entre as partidas, fazendo um rodízio justo. Eu e Henrique ganhamos quatro vezes seguidas enquanto formamos uma dupla, e, a cada encaçapada, vibramos como duas crianças, levantamos nossas garrafas de cerveja ou copo de uísque, brindamos e nos abraçamos. Para qualquer outra pessoa de fora, é uma comemoração comum entre dois irmãos, mas, para os do nosso círculo, é maravilhoso nos ver tão felizes um com a presença do outro.

Das três partidas que jogo com Lívia, perco duas. Eu resmungo dizendo que ela me deu azar, e sou repreendido com um tapa nos ombros e um “não me provoque, ou farei greve por um mês.”

Depois do rodízio, resolvemos fazer meninos versus meninas, então desfazemos as duplas e nos organizamos em trios. Elas ganham três vezes, e nós, cinco. Das meninas, somente Victória é a mais apta e acostumada ao jogo, mas, mesmo assim, Lívia e a amiga de Bernardo (depois de uma dúzia de cerveja e incontáveis copos de uísque, eu me esqueci do seu nome) fazem uma partida espetacular.

A noite decorre de forma divertida, e no final, estamos todos bêbados.

Somos levados para casa de táxi.

Agora, deitado na cama, eu sinto o mundo rodar acima da minha cabeça, mas, ainda assim, eu me sinto completamente feliz. Viro-me e olho NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

para o lado, para minha esposa, agora somente de calcinha depois de ter passado mal e vomitado no nosso banheiro. Logicamente, em vez de ajudá-la, eu ri muito primeiro. Depois lhe busquei uma aspirina. Ela não está muito acostumada a ficar bêbada, então quando fica, é um desastre.

Desastrosamente linda.

— Está melhor, querida? — sussurro pra ela, acariciando seu rosto.

—… dor… de cabeça… — devolve, se remexendo na cama.

— Quer um café forte?

— Não precisa… — ela para, toma ar e puxa o lençol para cobrir o corpo. — Vou melhorar logo.

Continuo acariciando seu rosto e deixo um beijo em seus lábios ressecados. Ela retribui e se aconchega em meus braços, ronronando baixinho. Antes de dormir, e ignorando sua dor, ela me diz como a noite foi especial para ela, e como se divertiu muito junto das pessoas que amamos, da nossa família, junto de mim.

— Obrigada, Alfredo… — cicia, sonolenta, quase sucumbindo ao sono.

— Não me agradeça, amor. A gente merecia essa noite.

— Não por essa noite… — responde, inalando meu cheiro do pescoço, se aninhando mais em meus braços, como se fosse possível ficar ainda mais perto de mim. — Mas por estar na minha vida.

Eu a olho, as lágrimas se formando nos meus olhos. O álcool me deixa sensível. Às vezes, irritado.

Eu penso em respondê-la, mas Lívia já está dormindo.

No dia seguinte, ignoro minha ressaca e vou até a Fundação com uma determinação nunca sentida em toda minha vida. Eu prometi algo à Sophie, embora inconscientemente, e é hora de cumprir minha promessa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Carina — digo, ao chegar. Ela está sentada em sua mesa na recepção e ergue os olhos para me receber alegremente. —, preciso de um favor. Anote pra mim o endereço do senhor Joel Morais. Na ficha de voluntariado dele tem. Deixe na minha mesa quando puder.

— Sim, senhor Alfredo. Algo mais?

— Sim. Me compre um botão de rosa e uma boneca de pano. — suspiro e olho para as minhas mãos, fazendo uma breve pausa. — Vou ao cemitério.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

26

UM NOVO MEMBRO

Lívia

ABRO A PORTA VAGAROSAMENTE.

Alfredo ainda dorme. Quase escondida em seus braços, dormindo em conchinha, Lara está com ele. Essa noite choveu torrencialmente, trovões e raios estalaram acima do nosso telhado, assustando a pequena — que acordou chorando. Para acalmá-la, Alfredo a trouxe para dormir conosco, e agora, apenas com uma calça de pijama, seu corpo enorme parece quase engolir o pequenino corpo de Lara num abraço de urso.

Sento-me na beira da cama e os observo por um instante. Há uma conexão muito forte entre os dois, e, às vezes, eu tenho medo de Lara se apegar dependentemente ao pai e Alfredo exagerar nas proteções paternais, ou se tornar, de alguma forma, dependente de Lara, se tornar um pai pegajoso e superprotetor. Mas eu guardo tudo isso pra mim, pois eu sei, talvez, todos esses mimos, cuidados e pequenos exageros com Lara são uma forma distorcida de ele recuperar o que lhe foi privado com Enzo e interrompido bruscamente com Lauren.

Ouço a respiração ritmada dos dois, dormindo serenamente, e Lara parece tão aconchegada e protegida nos braços dele. Recordo-me dos seus primeiros meses de nascimento, Alfredo recusava-se veementemente a deixá-la dormir sozinha no quarto, por isso mudou o berço dela para cá. Ele tinha uma preocupação exagerada de ela se afogar ou se engasgar com a própria saliva. Não contestei. Mas o berço ao lado da nossa cama também não o confortou de seu medo. Ele fazia questão de Lara dormir sobre seu tórax, enquanto ele a embalava com canções de ninar em francês. Quando Lara estava mais agitada Lara só se acalmava com a chegada de Alfredo; então ele a pegava no colo e a balançava e

cantarolava. Lara tinha quase oito meses NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quando finalmente consegui convencê-lo a deixá-la dormir em seu quarto.

— Alfredo… — murmuro baixinho, o sacodindo levemente. —

Querido… acorde.

Ele resmunga um pouco, abraça Lara mais forte. Chamo-o outra vez, baixinho. Ele acorda, por fim.

— Bom dia, amor — sussurro, acariciando seu rosto.

— Bom dia — responde, a voz grave, e beija minha mão. Alfredo percebe Lara quase perdida em seus braços, então ele a beija nos cabelos cor de mel.

— Fiz o café da manhã. Desça se alimentar antes de ir para a Avenue.

— Você fez o café da manhã? — pergunta, cético. É, realmente, algo raro. Alfredo se senta na cama, ainda mantendo a pequena dorminhoca perto de seu corpo gigantesco.

Dou-lhe um sorriso fraco. Desde que fui afastada da Hauser, há uma semana, venho tentando cumprir a promessa de ficar mais perto da minha família. Os primeiros dias, admito, foram um pouco mais difíceis. Parar abruptamente com a rotina de levantar cedo e ter um dia turbulento me deixaram quase num estado depressivo. Eu sentira falta das reuniões, dos relatórios, dos negócios, das viagens, das ligações e papeladas para assinar.

As horas pareciam não passar em casa. Eu sentia como se faltasse um pedaço de mim enquanto alimentava Lara — aquilo parecia não ser o suficiente —

ou enquanto ajudava Enzo com as pesquisas do colégio. Mas eu não demorara a me adaptar quando resolvemos inventar coisas para fazer, como: pôr Lara para me ajudar a assar um bolo; ou lavar a piscina com a ajuda de Enzo, ou organizar o quarto das crianças, separar para doação os brinquedos que Lara já não gosta; fazer uma pequena horta nos fundos do quintal e pôr as crianças para cavar a terra.

Hoje cedo, decidi fazer o café da manhã com as coisas que eles mais gostam.

— Sim, eu fiz. — respondo, enfim, me aproximando dele e o beijando.

— Não demore pra descer, vou acordar o Enzo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Estou prestes a sair quando Alfredo me interrompe:

— Li, amor…

Viro-me para ele.

— Sim?

— Como você está? Digo, em casa. Já tem uma semana… você anda inventando as coisas, eu sei, mas… Eu te conheço. Trabalhar é como um hobby pra você.

— Estou me adaptando, Frê… eu até estive pensando em defender uma tese de doutorado. O que acha?

— Terá todo meu apoio. — E ele sorri de forma encantadora. — Mas, olha, se quiser, pode vir trabalhar comigo no Avenue. Ou podemos… não sei… abrir a sua própria empresa. O que você quiser, querida. Se te fizer bem, faremos tudo o que você quiser.

— Agradeço a sua preocupação, amor — torno a me aproximar dele e o beijo profundamente, feliz com seu zelo —, mas, por enquanto, quero ficar mesmo com vocês. Ter mais tempo, me entende? E se lembra de que logo, logo terei de me dedicar a um terceiro filho? Quero poder fazer isso. Enzo e Lara foram tão diferentes. Quero poder amamentar o meu bebê sem estar recebendo ligações e tendo de sair para resolver problemas.

Alfredo ri e abana a cabeça, me beijando mais uma vez.

— Tudo bem… como você achar melhor. Sobre nosso bebê… já fizemos algumas tentativas, ainda nada?

Suspiro um pouquinho.

— Bom, meu próximo ciclo é para dentro de uns dias… teremos de esperar.

— Parou de tomar seus remédios, não é? — Ele roça seu indicador na entrada dos meus seios.

— Sim, eu parei.

— Deveria procurar a doutora Padilha. Se vamos planejar esse bebê, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

devíamos fazer do modo certo, não? Acho que você precisa tomar ácido fólico ou sulfato ferroso com alguns meses de antecedência e fazer exames…

— Eu não o deixo continuar. Alfredo às vezes é extremamente protetor e exagerado. Calo-o com um beijo e sinto suas mãos descendo pela minha cintura.

— Não se preocupe, senhor Diniz. Vou marcar uma consulta pra mim ainda hoje.

— Ótimo.

— Agora se levante, senão o café vai esfriar.

Nós nos reunimos em torno da mesa do café da manhã. Lara bate sua mamadeira com suco de laranja, enquanto Alfredo tenta fazê-la comer uma banana amassada com aveia. Eu me propus a alimentá-la para comer, mas Alfredo gosta desse momento em volta da mesa com Lara, ele gosta de estar mais próximo dela e aproveitar cada minuto de cada fase do crescimento dela. Ele e eu aproveitamos, ainda, para contar às crianças que pretendemos dar a elas um irmãozinho. Enzo aceita sem maiores problemas — até gosta da ideia —, mas Lara fecha a carinha e diz não querer nos dividir.

Alfredo é paciente e lhe explica que um irmãozinho poderá lhe fazer companhia, terá com quem brincar e assistir à televisão. No entanto, nada parece suficiente para desaborrecê-la.

— Com o tempo a gente te convence, princesa — Alfredo dá um peteleco no nariz dela e a beija, fazendo Lara se agitar e gargalhar.

Aproveitamos bem o momento que se desenrola. Enzo e Alfredo conversam bastante — as conversas e risadas se mantêm no mesmo nível de anos atrás, quando pensavam ser sobrinho e tio —, e me agrada ver a ligação de pai e filho deles, apesar de tudo entre nós. A ligação entre os dois sempre foi muito forte —

desde o dia em que se conheceram. Enzo, apesar de hiperativo, sempre foi também muito recluso, e não fazia amizade com estranhos com tanta felicidade. No entanto, quando conheceu Alfredo, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

naquela noite de domingo que ele acabara de voltar da França, houve uma relação de amizade instantânea e sincera entre os dois. E esse convívio se estende até hoje, e, na verdade, se tornou até mais afunilado.

Depois do café, levamos Enzo ao colégio, deixando Lara com a babá, e de lá sigo com Alfredo até o consultório de Sandra Padilha. Ele insiste em me acompanhar para marcar a consulta antes de seguir para o Avenue. Lá, conseguimos um encaixe para uma consulta no segundo horário, muito por sorte, pois uma paciente havia desistido da consulta.

Não demoro a ser atendida, e Sandra se alegra em nos ver.

— Não me digam que temos um bebezinho aí dentro — ela diz, toda alegre, apontando para as cadeiras em frente à sua mesa.

— Não — Alfredo responde — *Ainda não*.

— Estamos planejando, na verdade. Alfredo insistiu para eu me consultar. Sabe como ele é: exagerado.

Sandra ri graciosamente se sentando em seu lugar.

— Isso é ótimo! E Alfredo tem razão, Lívia. É sempre bom planejar um filho antes da gravidez.

Conversamos bastante durante a consulta. Sandra pega minha ficha e, enquanto me faz inúmeras perguntas, anota tudo. Ela me pergunta sobre nossa decisão de ter outro filho — se conversamos bastante sobre isso e se os dois *querem* isso —, ressaltando sobre como isso é de extrema importância.

Nós a asseguramos que a decisão foi tomada juntos, e eu até lhe confesso ser necessário ter esse terceiro filho. Quando engravidei de Enzo, Alfredo era um idiota e vivia na França; depois, com a de Lara, passávamos por uma crise na relação, embora tenhamos nos reconciliado ainda no início da gravidez.

Contudo, acho que nós dois merecemos planejar esse bebê, sem nenhum tipo de empecilho nas nossas vidas. Esse bebê é importante pra mim e pra ele, e virá para nos unir ainda mais.

Depois de me ouvir, Sandra me ressalta sobre a gravidez na minha idade — aos 35 anos. É arriscado e precisará de cuidados em dobro com atividades físicas e alimentação, além de ser um pouco mais difícil a gravidez, visto que minha fertilidade não é mais a mesma. Quando todas as NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

dúvidas são esclarecidas, Padilha me pede uma bateria de exames e dá alguns conselhos, como cortar o anticoncepcional (o que já fiz), diminuir a cafeína (o que será um pouco doloroso pra mim) e passar com a nutricionista para um cardápio saudável.

— Tudo isso, claro, depois de seus exames laboratoriais chegarem e termos certeza de ser aconselhável você engravidar. — ela completa, com um sorriso caloroso.

Alfredo fica atento o tempo todo, tira mais dúvidas do que eu, principalmente quando Padilha afirma sobre ser um risco engravidar na minha idade. Ele pergunta várias vezes a mesma coisa, e isso me deixa levemente irritada. Muitas questões foram respondidas e entendidas, mas ele insiste em perguntar mais uma ou duas vezes.

— É só pra ter certeza — resmunga, de forma engraçada, depois de repreendê-lo. Eu já entendi tudo, e não é mais necessário esclarecer nada.

Finalizada a consulta, Alfredo quase me arrasta para o laboratório para marcamos um horário para os exames — às sete da manhã do dia seguinte, em jejum de doze horas.

— Quer que eu te deixe em casa? — me pergunta, enquanto caminhamos até o carro.

— Se você não se importar, quero te acompanhar até o Avenue. Talvez eu tome um expresso.

Ele fecha a cara.

— Padilha te aconselhou a suspender a cafeína.

— Não… — rebato, rindo dele. — Ela me disse para eu *diminuir.* Vai ser só uma xícara, Frê!

— Como você é teimosa — muxoxa, olhando pra frente.

Eu rio, e fazemos nosso percurso.

Parece uma perseguição, pois, quando chegamos ao café, David e Angelina estão em uma das mesas, os dois conversam e riem animadamente, e Savhoya logo repara na nossa chegada.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Vocês por aqui — Alfredo diz, chegando-se a eles abraçando-me pela cintura. Cumprimentamo-nos rapidamente, e tento não demonstrar insatisfação com a presença de Angelina.

— Angelina insistiu pra tomarmos um café antes de mais um projeto.

— E o seu é o melhor da cidade, claro. — responde ela, com um sorriso felino na boca, lançando os mesmo olhares sugestivos para meu marido.

Uma eletricidade de ciúme me atinge e sobe pelo meu corpo; nada é capaz de me tirar a ideia da cabeça que, de todas as cafeterias da cidade, ela veio justamente aqui numa intenção proposital de ver o Alfredo.

— Obrigado — responde, apenas, e então olha para David. — Podemos nos falar em particular, um minuto?

David olha pra mim por um nanosegundo, se volta para Alfredo e sorri amigavelmente.

— Claro… — consente, e então se levanta e o acompanha para os fundos do café.

Sento-me em uma das cadeiras desocupadas da mesa de Angelina e forço-lhe um

sorriso amigável, no entanto, falho miseravelmente. É notável não me agradar a sua presença, e a minha não agradar a ela, a diferença é que Angelina consegue disfarçar melhor do que eu. Peço um café expresso e um copo com água.

— Então você foi afastada da Hauser? — É Angelina, o tom levemente presunçoso. Ela me olha por cima da borda de sua xícara com um olhar provocante. — Li no jornal da semana passada.

Tento manter minha postura.

— Na verdade, eu me demiti. — respondo. Eu fui mesmo afastada, essa é a verdade, quase usurpada do meu cargo, mas não darei o braço a torcer para essa mulher. — Decidi ter um tempo para minha família, Alfredo e eu estamos planejando um terceiro filho.

Angelina rasga um sorriso no canto da boca, nada contente com o que lhe disse.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ah… Você é corajosa em ter um filho na *sua idade*. Felizmente eu, com meus 27 anos, ainda tenho tempo de arrumar um bom pai para meu filho. Um homem *como* Alfredo. — E ela abre um sorriso cínico.

Eu sinto o ódio me consumir, e não entendo por que essa mulher é tão descarada dessa maneira.

— Vou te falar uma coisa, senhorita Savhoya — digo entre dentes —, eu já percebi há muito tempo suas insinuações para Alfredo, você flerta com ele mesmo com a própria *esposa* dele ao seu lado! Você não tem o mínimo de respeito para com um homem casado. Quero você longe do *meu marido*. E

não irei mais tolerar suas insinuações pra ele na minha presença.

Angelina não me responde, apenas me encara inabalável com meu aviso, ou ameaça, como quiserem. Meu café chega no instante seguinte, quebrando um pouco a tensão posta na atmosfera. Minha vontade é de pular na garganta dessa mulher e bater nela, por seu atrevimento, presunção e provocações, por ser tão descarada. Se não faço isso é para não me rebaixar ao nível dela, para não entrar

no joguinho dela — é exatamente o que ela quer — e por Alfredo. Eu lhe disse no outro dia confiar nele plenamente — e confio, mesmo, eu não confio nela —, por isso não perderei minha compostura.

Tomo meu expresso em silêncio, observando o movimento no café, ignorando a presença de Angelina, enquanto sinto seu olhar cínico sobre mim. Dois minutos depois, Alfredo e David voltam, e eles parecem sentir a tensão entre nós duas.

— Tudo bem aqui? — Alfredo pergunta.

Eu me levanto e o beijo laconicamente.

— Sim, meu bem. Pode me levar para casa?

Ele me olha, pestaneja um instante antes de acenar em positivo. Me despeço de David e ignoro sua sócia. No carro, Alfredo quer saber o que aconteceu entre mim e Angelina, mas eu o asseguro não haver nada.

— Alguma coisa aconteceu — Alfredo insiste, me seguindo até nosso quarto, já quando chegamos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não engulo aquela mulher — resmungo, tirando minha roupa.

Preciso urgente de um banho. — Ela é tão descarada, Alfredo… Não sei como você a suporta. — Raiva emana junto com minhas palavras.

Ele se aproxima de mim e me abraça por trás, beijando-me no pescoço.

O contato da ponta de seu nariz na minha pele faz percorrer uma eletricidade de excitação pelo meu corpo.

Alfredo me envolve em um abraço forte e aconchegante, escorregando sua palma pelo meu abdômen despido. Ele me faz virar de frente para ele e, inclinando-se, beija-me com lascívia cada um dos meus seios. Deus, eu odeio esse cretino. Estou cheia de raiva, e ele acha ânimo pra ficar excitado.

— Alfredo… o que está fazendo?

— Não quero falar mais dela — responde, olhando-me de baixo para cima —, tenho coisas mais interessantes pra fazer com a minha mulher — e desce sua boca, ficando de joelhos na minha frente, abre minha calça e a passa pelas minhas pernas. — Você é uma delícia, meu amor… e quero te chupar até toda sua raiva passar.

— Alfredo… agora não é hora.

— Não existe hora pra fazer amor com você¸ querida — diz e então me surpreende com uma sugada em minha intimidade e me faz gritar de prazer de uma forma que não me reconheço.

Nós fazemos amor, nossos corpos se conectam e se completam de uma forma que nos ensandece. Ele se move sobre mim para frente e para trás com força e intensidade, enquanto minhas unhas escorregam pelas suas costas, marcando-o para ele saber que é meu, somente meu… e eu o pertenço, e ele me pertence. Gememos um para outro baixinho, para a babá com Lara pela casa não nos ouvir; trocamos sorrisos quentes e sinceros, beijos brandos e estalados enquanto nossos corpos se acometem um ao outro. Ao final, estamos sem fôlego, minhas pernas balbuciam, e Alfredo está jogado na cama, debruço, respirando com dificuldade. Viro-me e deito minha cabeça sobre suas costas despidas e suadas, sentindo o subir e descer forte de seu tórax.

— Eu a ameacei… — falo baixinho, em suas costas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo se vira pra mim e deita minha cabeça em seu peito. Procura pelo meu olhar.

— Você ameaçou quem?

— Angelina…

Alfredo pestaneja, ajeita melhor seu corpo nu na cama.

— Como assim, querida?

— Eu a confrontei, Alfredo. Fiquei farta de vê-la se insinuando pra você… de me provocar… eu disse pra ela ficar longe de você e que eu não iria mais tolerar as insinuações dela.

— Lívia… não deveria ter feito isso.

— Eu sei… mas eu fiz. Não me aguentei, Alfredo. Eu tenho medo… —

meço as palavras. Paro um minuto e mordo o lábio inferior, envergonhada do que estou prestes a dizer a ele — tenho medo de te perder pra ela.

Alfredo irrompe em uma gargalhada seca e intensa. A risada dura só um minuto.

— Eu não te trocaria por ela, nem por mulher alguma.

— Confio em você, já disse. Mas ela, Alfredo… — suspiro — ela parece aquele tipo de mulher paranoica capaz de enviar uma mensagem comprometedora no seu celular só pra começar uma confusão.

— Então… o que tem de fazer é não dar ouvidos ao que ela disser. —

retruca carinhosamente, mordendo minha orelha. — É uma preocupação boba a sua, meu amor. Eu te amo, Lívia… Eu não desperdiçaria nossa vida, nosso casamento, a história que temos juntos, todos os obstáculos por qual passamos, todo ódio que nós vencemos por causa de outra mulher. Seja ela a Angelina ou qualquer outra. Eu jurei te amar para sempre e mais um dia, Li…

e vou cumprir.

Eu nem percebo, mas estou com olhos úmidos. Antes de poder respondê-lo, Alfredo recai sobre minha boca outra vez e me beija, tão profundo e intenso, suas mãos depravadas acariciando meu corpo suado e disposto a fazer amor com esse homem pelo resto da tarde. Pelo resto da NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

vida.

— Não há ninguém nesse mundo com quem eu quero estar a não ser você, Lívia.

— Alfredo… — murmuro, emocionada. — Eu te amo tanto… —

acaricio seu rosto barbado e vejo um sorriso nele me iluminar. — Prometo não deixar nada nos atrapalhar. Prometo sempre te ouvir primeiro, em quaisquer circunstâncias… Sei que ainda teremos altos e baixos no nosso casamento. Mas eu te juro, Alfredo Hauser, mais nada nessa vida vai atrapalhar nossa relação.

Ele não me responde. Segura meu rosto e me beija outra vez, profundamente, jogando seu corpo sobre o meu e me penetrando, me enchendo com seu amor.

E, enquanto o tenho dentro de mim, me amando, eu sei que nunca poderia amar alguém em minha vida como o amo. Meu amor sempre foi e sempre pertencerá a Alfredo Hauser.

E a mais ninguém.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

27

JOEL

Alfredo

— VOCÊ DEVERIA ESTAR TRABALHANDO, SABIA?

Lívia sussurra, traçando um caminho de beijos pelo meu peito desnudo e suado. Sorrio para mim mesmo, acariciando seus cabelos áureos e emaranhados de suor depois da nossa segunda rodada de sexo nessa tarde. E

Lívia tem razão. Eu deveria mesmo estar no Avenue, trabalhando, mas estou aqui, no meio do dia, fazendo amor com a minha esposa após ela se sentir irritada com as insinuações de Angelina. Tento não demonstrar minha frustração também diante às provocações daquela mulher… não quero causar atrito com Lívia por causa de alguém tão insignificante.

— É, eu sei. — respondo, beijando seus cabelos loiros. — Mas fazer amor com você é muito mais interessante — e esboço um sorriso canalha enquanto Lívia ri e me estapeia no tórax.

Ela se ajeita mais perto de mim e emaranha suas pernas nas minhas, roçando seu delicado pé em minhas pernas, subindo e descendo sedutoramente, num toque quente e confortável.

— Posso saber o que o senhor precisou conversar com David em particular?

— Fui pedir para ele se afastar de você.

— Alfredo! — ela me repreende, e eu gargalho alto.

— É brincadeira, Li. Fui falar sobre os últimos ajustes das obras no Avenue, a inauguração é dentro de duas semanas. E também… — ela me olha, curiosa, e me espera terminar — sobre vocês. Disse já saber sobre serem ex-namorados e sobre ele ter especulado minha vida a seu pedido.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia se vira, saindo de cima de mim, e fica nos cotovelos, me olhando.

Assim, de bruços, eu tenho uma visão magnífica da sua bunda branca e redonda e, por um segundo, nem presto atenção ao que ela me diz, me imaginando apenas por cima dela, a penetrando com força. Volto ao mundo real quando Lívia puxa meu queixo e me faz olhar dentro dos seus olhos.

— Você não ouviu uma palavra minha.

— A sua bunda… ela…

— Cale a boca, Alfredo! — grita, aos risos, me interrompendo.

— Certo. Ok. O que dizia? — Contenho algumas risadas exageradas e dou toda a atenção merecida à minha esposa.

— Como ele reagiu?

— Ah… foi normal, eu acho. Me explicou o mesmo que você: só soube da coincidência dias depois, e a seu pedido, ele não me disse nada sobre vocês, por causa daquela sua paranoia com a Angelina. Disse que estava apenas tentando ajudar.

Ela apenas abana a cabeça e se aproxima de mim para me tomar em um beijo capaz de mexer com todas as minhas estruturas. Continua em seus cotovelos, a visão de seu lindo e empinado bumbum continua na frente dos meus olhos. Penso em agarrá-la outra vez, montá-la sobre meus quadris e namorar mais um pouco, mas Lívia é uma megera. Sai do meu alcance antes de eu ter tempo de processar meus movimentos e mandar as funções para meu cérebro, ela já se afastou e está andando em direção ao banheiro, enquanto diz:

— Chega de mordomia, senhor Diniz. É hora de trabalhar.

Não comentei nada com Lívia. O que estou prestes a fazer é quase como um segredo. Demorei alguns dias para tomar coragem. Uma semana inteira para tomar essa decisão. Por muitos dias, na sala da Fundação, eu fiquei encarando o pedaço de papel com o endereço, um conflito interno se NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

acometendo dentro de mim. Primeiro, havia o ódio e o rancor quase me dominando, tomando uma decisão por mim, me influenciando a rasgar aquele papel e esquecer os últimos acontecimentos. Entretanto, por outro lado, havia um sentimento novo, inexplicável até então, e o pedido de Sophie — ou do meu inconsciente — sobre perdão. Por uma semana inteira eu fiquei analisando os dois lados da balança. Lá no fundo, ainda havia um resquício de ressentimento e raiva pelo homem que tirou a vida de duas pessoas que me transformaram em um homem melhor. Mas, junto com isso, dividindo espaço no meu coração e na minha alma, havia uma compaixão e empatia pelo mesmo homem, uma necessidade enorme de perdoá-lo para minha ferida se cicatrizar por completo e eu ter a paz interna que nunca tive desde a morte delas.

Agora, eu já tomei uma decisão definitiva, depois de muito pensar, de muito refletir. Precisei desses dias para isso, pois, qualquer que fosse minha decisão, deveria ser uma decisão verdadeira, da qual eu não me arrependeria no final. E eu já sei qual o correto a se fazer.

Dirijo por algumas ruas estreitas em um bairro pobre da cidade, atento ao endereço no papel e ao trânsito à minha frente. Por ser uma área escolar, há muitas crianças de todas as idades andando aqui e ali, outras jogam futebol na rua, correndo para as calçadas cada vez que um carro se aproxima. Faço uma curva à esquerda, entrando numa viela de terra, procuro pelos números nos portões, sempre atento. A realidade a minha volta me perturba. A vida toda eu sempre tive luxo, oportunidade de estudo pra mim, e, agora, pros meus filhos, e eles também têm uma boa vida. Coisas que a maioria das crianças pulando por entre poças d'água nesse bairro não conseguiria ter em dez vidas. Engulo o nó se formando em minha garganta, diminuo a marcha e sigo atento aos números das casas nos portões. Finalmente encontro a do endereço, no fim de uma rua sem saída. É um portão de madeira pintado de vermelho e conservado. Na laje acima, há um varal com roupas balançando ao vento. Desço do carro, me aproximo e bato palmas.

Espero por alguns segundos, uma mulher negra e rechonchuda, usando vestido havaiano e sandálias, os cabelos crespos presos em um lenço, surge na laje. Ela olha para mim de cima a baixo — repara no meu terno tão caro que o preço dele poderia alimentar sua família por meses, nos sapatos italianos do qual ela desconhece a marca. Depois, olha para trás de mim, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

atenta ao meu carro, um EcoSport FreeStyle preto. As expressões em sua face me revelam que está aturdida pela minha visita.

— Posso ajudá-lo, senhor? — a mulher grita da laje, dócil e prestativa, o sotaque nordestino.

— Claro. Procuro pelo senhor Joel Morais. A senhora o conhece?

— Ah, sim! Ele mora numa dependência aqui nos fundos. Quer que eu chame ele?

— Se importa se eu entrar? Gostaria de falar com ele num ambiente mais… digamos… — olho ao redor e procuro as palavras certas para não soar ríspido ou presunçoso — mais reservado; a senhora me entende?

— Sim, sim. Espere um minutinho, já abro o portão para o senhor.

Aguardo pelo retorno da mulher, que não tarda. Apenas um minuto depois ela surge, abrindo o portão vermelho, e me conduz por uma escada por debaixo da laje, subindo até sua casa. Ela se apresenta — se chama Conceição —, e eu me apresento. Intrigada, ela me pergunta como diabos se escreve meu sobrenome, pois ela não consegue identificar a escrita a partir da pronúncia, que seria algo parecido com *"ralssar"*. Rio um pouco de sua irreverência e soletro.

— Hauser? — ela pronuncia o sobrenome de forma errada, o s com som de z, com um "zer", mas não a corrijo. — Parece com aquela empresa alimentícia muito conhecida. Sabe, eu adoro os produtos deles. São de ótima qualidade e preços tão justos. Minha cesta básica é todinha só com produtos dessa empresa. — Ela se vira para mim após vencer os degraus da escada. —

O senhor tem algum grau de parentesco com os donos da empresa?

Estou pensando em responder quando ela mesma se interrompe:

— Oh, meu Jesus Cristinho, que intromissão a minha. Desculpe por tagarelar tanto, isso nem deve ser da minha conta.

— Não se preocupe… não é nenhuma intromissão. E pra dizer a verdade… sim, eu tenho grau de parentesco com os donos da empresa. Meu pai foi o fundador da Hauser Alimentícia.

— E o que é que um ricaço como o senhor faz por essas bandas? Ainda
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

mais procurando por um pé-rapado como o Joel?

Limito-me a um pequeno sorriso. E, de uma forma estranha, me deixa aliviado saber que essa senhora não tem conhecimento do envolvimento de Joel com meu acidente.

— Eu tenho uma Fundação… Joel, bem… ele prestava serviços voluntários para mim.

— Ah, sim… — a mulher balança a cabeça. — Ele comentou alguma coisa sobre isso.

— Pois bem… tivemos um pequeno desentendimento, e ele não apareceu mais. — conto-lhe parte da história — Então vim pessoalmente buscá-lo e me desculpar.

A mulher me encara por alguns segundos tensos, parecendo analisar a situação.

— O senhor quem quebrou o nariz dele?

A vergonha me atinge de forma a me deixar desconcertado e queimar minhas bochechas.

— É… Eu perdi o controle.

— Bem… aquele velho Joel estava mesmo precisando de uma surra.

Quando bebia, então… — e deixa a frase no ar, com um suspiro e um sorriso acolhedor. — Mas venha cá, fique acomodado aqui enquanto vou ver se ele está acordado; não vi cara daquele velho hoje o dia todo.

Antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa, ela já abriu a porta de sua casa, que dá para uma sala singela com um jogo de sofá gasto, adornado com colchas de crochê coloridas. Eu penso em dizer que posso esperar pelo lado de fora, mas, quando percebo, já estou seguindo a mulher, influenciado pelo seu humor e carisma. Ela me acomoda em um dos sofás, pergunta se quer algo para beber — “tem café fresquinho, fresquinho, e rosquinhas!” —, e quando eu lhe digo que estou bem, Conceição se retira, gritando ainda no quintal por Joel. Eu aguardo por alguns minutos, sentindo o aroma de café sendo passado invadir minhas narinas.

Joel Morais surge à porta, logo atrás da mulher negra, os cabelos NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

grisalhos molhados, o rosto úmido e, ainda daqui, consigo sentir o cheiro de creme de barbear barato, como se tivesse acabado de sair de um banho.

—… esse senhor aqui — a mulher lhe diz, apontando para mim.

— Seu Alfredo? — ele indaga, surpreso com a minha presença, arregalando seus

olhos miúdos e escuros para mim, o nariz já recuperado.

— Isso! Senhor Alfredo! Eu me esqueci completamente do seu nome, e esse sobrenome difícil de pronunciar. Sou uma cabeça-oca. — a mulher exclama, nem percebendo o susto e medo nas feições de Joel.

Levanto-me do meu lugar e abano a cabeça respeitosamente para o homem mais velho.

— Senhor Joel… Podemos nos falar, em particular?

O homem está visivelmente desajeitado com minha presença, e antes de finalmente conseguir murmurar em positivo, pigarreia e toma ar para os pulmões. Ele me pede para segui-lo até os fundos, onde fica sua casa. Preciso me abaixar um pouco para passar pela porta de uma cozinha-sala muito pequena. Há apenas três cômodos no ambiente. A cozinha, com um fogão, um armário na parede e uma pia pequena, divide o espaço com um sofá de dois lugares puído e uma mesa redonda com duas cadeiras; à direita da cozinha, apesar da parede, consigo ver a ponta de uma cama de aço, e à esquerda, noto uma porta e suponho ser o banheiro.

— O senhor quer algo para beber? Uma água, ou suco… ou café? —

Ele olha para sua pia, onde há uma garrafa térmica, então suspira. — Não…

café, não. É de ontem à tarde… meu pó acabou e…

— Estou bem, senhor Joel. Não se preocupe. — asseguro ao homem, cada vez mais nervoso.

— Certo… claro. Pode se sentar, se quiser — e aponta o sofá, ao mesmo tempo em que puxa a cadeira. — Onde o senhor se sentir mais confortável.

— Como está seu nariz? — pergunto, sentando-me à cadeira e apoiando os cotovelos na mesa. Ele permanece encostado ao balcão dividindo o cômodo feito de alvenaria e sem nenhum tipo de acabamento.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Está melhor. Tirei o gesso há três dias.

— Eu sinto muito por isso — sibilo, olhando para minhas mãos.

— Não sinta. Eu mereci.

Ergo meus olhos para ele, ainda parado no mesmo lugar, os olhos fundos e cabisbaixos, como se carregasse todo o tempo de uma vida. A calça jeans está gasta, a camisa vermelha parece mais nova, os cabelos espatifados parecem ter sidos penteados com os próprios dedos, e o cheiro de loção de barbear barata dá a esse homem um aspecto humilde e singelo, e, só por um segundo, meu coração se aperta no peito, me fazendo esquecer *quem* esse homem à minha frente é verdadeiramente.

— Não, não mereceu — respondo com um suspiro. — Imagine a anarquia que seria se todos resolvessem fazer justiça com as próprias mãos.

Ele não me responde, apenas move a cabeça uma vez em positivo.

Eu preciso fazer um esforço para me lembrar do que me trouxe aqui.

Mas antes tenho uma necessidade mórbida e melancólica de saber mais de Joel, da sua história. Olho ao redor, tudo indica que ele mora sozinho. Ele não tem esposa? Filhos? Pai, mãe…? Qualquer um a quem chamar de *família?* Busco por seus olhos miúdos, o olhar dele para mim o mesmo de sempre: submisso e amedrontado.

— Se importa em me contar um pouco da sua vida?

Joel move um pouco sua cabeça para o lado, com certeza, confuso com meu pedido.

— Não há muita coisa interessante sobre mim.

— Ainda assim, gostaria de ouvi-lo. Você não tem… família? Esposa, filhos…?

A pergunta parece ter o mesmo efeito de um método de tortura, pois Joel contorce o rosto e fica inquieto. Engole em seco, trança os dedos.

— Não mais…

Levanto-me sem nem perceber e vou até ele. Apoio a mão sobre seu ombro e o guio até a cadeira de frente para a minha. Joel se senta, um pouco NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

trêmulo. Volto para meu lugar e tento um contato visual.

— De alguma forma, eu sei, Joel… esse acidente… esse acidente não mudou só a minha vida… não interferiu só na *minha* vida, mas na sua também… E eu quero saber. Quero que me conte.

Trépido, ele abana a cabeça freneticamente, inspira fundo mais uma vez e começa.

Joel me conta que sempre teve problemas com a bebida. Metade do seu salário como motorista de ônibus era gasto com bebida. Apesar disso, sua esposa o tolerava, suas quatro filhas o toleravam. Ele não era do tipo homem-bêbado-violento, era mais do tipo homem-bêbado-deita-e-dorme. No entanto, a bebida atrapalhava sua vida conjugal. A esposa esporadicamente precisava ser o "homem da casa", arcar sozinha com as contas porque todo seu dinheiro era gasto em uísque barato, cerveja barata, aguardente barato… qualquer-coisa-que-tivesse-álcool barato. Quando, por causa da sua bebedeira, causou meu acidente, as coisas em sua casa mudaram drasticamente. Por três meses inteiros a mulher recusava-se a falar com ele, a dormir com ele, a lavar ou cozinhar para ele… Suas filhas também se recolheram um pouco do contato com o pai, evitavam alongar as conversas, ou contato visual, ou qualquer outra proximidade íntima. Embora por sua culpa duas pessoas tenham morrido — inclusive uma bebê com menos de um ano de idade — e ter deixado um homem em coma por semanas e o condenado à cadeira de rodas por meses, a bebedeira não parou. Ele sentia uma culpa imensa, insana, e sofria todos os dias por isso. Mas a bebida era seu único consolo. A causadora de todos os seus malditos problemas era a droga do seu único consolo.

Joel perdera o emprego não somente por sua imprudência, mas também porque fora proibido de dirigir por dois anos. Sequer fora preso por seu crime de trânsito. Sua sentença foi, por seis meses, três vezes por semana, fazer serviços comunitários e, uma vez por mês, pagar uma cesta básica. Impedido de dirigir, Joel teve de buscar outro ofício para sustentar a família, mas por muito tempo as

coisas não foram fáceis. Por causa dos serviços comunitários, e da sua ficha criminal, arrumar um emprego fixo fora quase impossível.

Conseguiu apenas serviços eventuais como jardineiro num condomínio, mas o dinheiro do mês mal sustentava seu vício — quanto mais sua família. Uma das filhas precisou parar com a faculdade para ajudar nas despesas de casa;
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

uma das mais novas, com quatorze anos na época, arrumou um emprego de meio período pra também ajudar. A mais velha, no último ano de faculdade, dava metade do salário para ajudar no que podia.

A bebedeira de Joel continuou por quase um ano desde o acidente. Foi quando, um dia, a esposa se cansou. Pediu o divórcio, fez as malas dele e as pôs para fora. Joel não protestou. Deixou todos seus bens conquistados ao lado da esposa durante vinte e cinco anos de casamento para ela e as filhas. A casa confortável, arejada e espaçosa, o carro e moto na garagem, todas suas economias na conta em conjunto do banco. Tudo. Se ele tinha direito à metade, não queria nada. Alugou uma casa menor, e, como um tratamento de choque, parou de beber — já tinha dois anos ou mais que não colocava uma gota de álcool na boca —, refez a sua vida da melhor forma que conseguiu.

Não tinha mais luxo, e mesmo depois de ter tirado sua carteira de motorista outra vez, ainda não poderia voltar à ativa. Eram ainda necessários mais dois anos de espera até poder tirar a categoria caminhão, depois dois anos para a categoria de transporte de passageiro. E ainda havia a questão de se haveria oportunidades para um homem com o *passado dele.*

Joel suspirou, olhou ao redor, para sua singela casa.

— Minhas filhas me ligam de vez em quando. Mas a mãe delas… não fala comigo desde quando saí de casa.

— Sabe como elas estão? — pergunto, depois de ouvir toda a história, me sentindo estranhamente empático para com esse homem.

— Mirela conseguiu terminar a faculdade, mas um diploma hoje em dia não é nada, continua desempregada. A mais velha, Isadora, trabalha e ajuda como

pode, mas teve de adiar uma porção de planos: tirar a habilitação, comprar um carro… morar sozinha. Ela não vai porque sabe que precisa ajudar em casa. A mãe delas trabalha em casa de família, mas ainda temos duas filhas em idade de escola, precisam de roupa, sapatos, material escolar… essas coisas. A Eduarda parou de trabalhar meio período, estava atrapalhando os estudos, então… a mãe dela proibiu. Eu, às vezes, mando um pouco de dinheiro, conforme posso. As últimas semanas, eu não enviei nada… Não consegui. Por causa do nariz, eu… eu, bem… não pude ir trabalhar, acabei perdendo meus extras.

Um nó se forma na minha garganta, meu coração está apertado. Se há
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

duas semanas eu desejei matar esse homem, hoje, agora, não sinto nada além de profunda compaixão. Estou ciente de que toda a situação dele é consequência de suas escolhas, do seu vício, mas… ainda assim, neste momento, não consigo sentir ódio por ele.

— Entendo… — sussurro, soltando um suspiro. — Quero poder fazer algo pelo senhor, Joel. Poder ajudá-lo de alguma forma. A oferta de emprego, que lhe fiz há alguns dias, ainda está em pé.

Ele levanta o olhar pra mim, a expressão indecifrável, o medo, a confusão e tristeza, tudo isso, misturado em seus olhos miúdos e escuros.

Engole a própria saliva e balança a cabeça, firmemente, em negativa.

— Eu agradeço… seu Alfredo. Mas não mereço ajuda. Ainda mais vinda do senhor. — Joel fecha os olhos e deixa algumas lágrimas descerem pelo seu rosto marcado pelo tempo. — Sou um miserável, e isso tudo por qual estou passando é minha sentença, meu castigo por ter… por ter tirado a vida de duas pessoas.

— Eu te perdoo por isso — digo, de repente, a sinceridade com qual profiro estas poucas palavras também me assusta. Depois do meu amor por Lívia e minha família, esse sentimento de perdão é a coisa mais forte e sincera que estou sentindo agora, diante desse homem. Joel me encara, os olhos úmidos, ele passa as costas da mão pelos lábios secos, como se precisasse urgentemente de uma dose de uísque. — Eu te perdoo por isso, e quero, de verdade, ajudá-lo.

— Seu Alfredo… Eu não sou digno de perdão.

— Todos nós somos, Joel, desde que haja verdadeiro arrependimento.

— Faço uma pausa pequena, tomando ar para os pulmões, tentando ignorar a dor açoitando meu coração com essa conversa. — Depois do acidente, eu me culpei por muito tempo pela morte delas. Eu achava que era a vida me castigando pelos meus erros, pelas coisas ruins que fiz às pessoas. Eu achava que… se eu não tivesse tomado certas atitudes ruins, Sophie não teria vindo da França me procurar, nosso casamento nunca teria acontecido e… hoje ela estaria lá, crescendo profissionalmente, talvez estivesse criando nossa filha ou talvez nem nossa filha teríamos, ou talvez, se tivéssemos, eu viajaria de tempos em tempos para visitá-la e mandaria o dinheiro da pensão todo mês.

Por muito tempo eu baseei toda a minha vida nos “e se…”, e isso me torturou
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

de uma forma que não posso pôr em palavras.

Joel Morais agora me olha com curiosidade, ainda há tristeza em seus olhos, mas parece interessado em conhecer um pouco mais da minha história.

— Demorei um tempo para me libertar da culpa da morte delas, e minhas escolhas, apesar de terem contribuído indiretamente para uma coisa ou outra, não causaram meu acidente. Nem era a vida me castigando. Aceitei que, aquela vez, estava no lugar errado, na hora errada… Eu carreguei por um tempo a culpa nos meus ombros, e tenho ideia do que o senhor tem carregado sobre os seus… — suspiro e faço uma pausa, secando uma lágrima teimosa.

— Mas estou fazendo com o senhor o que Sophie fez comigo: te perdoando.

Sophie era uma mulher extremamente boa, sem malícia, ela via o lado bom das pessoas… E se ela estivesse viva, Joel, pode ter certeza: ela te perdoaria.

Se eu aprendi alguma coisa enquanto estive casado com Sophie Dubois foi sobre perdão, sobre bondade, sobre como o ódio não nos traz nada de bom.

Odiar você não trará Sophie de volta, não trará minha filha de volta… Te perdoar

também não… mas… mas vai me dar a paz que eu preciso, a paz que eu perdi quando elas morreram, a paz que eu não tenho desde a morte delas.

Fazemos contato visual por alguns segundos, e os segundos parecem a eternidade. Joel tem seus olhos cheios de lágrimas, os meus marejam levemente e queimam, os lábios dele tremulam, como se procurasse as palavras certas para me dizer.

— Você precisa desse perdão, também, eu sei Isso vai aliviar o seu fardo, a culpa sobre seus ombros, vai lhe devolver um pouco da sua paz.

Ele cai em lágrimas e balança a cabeça afirmativamente. Sem sair do meu lugar, espero Joel chorar suas lágrimas, expulsar suas dores, seu arrependimento. Cinco minutos depois, ele ajeita a postura, seca as lágrimas.

— Não sei nem como te agradecer. — diz, a voz rouca pelo choro.

— Não precisa. Só… aceite a minha ajuda e o meu sincero perdão. Eu te perdoo, Joel, por tudo. E quero poder te ajudar. Faço por você, mas faço também por mim, pela memória da minha esposa que morreu acreditando no amor, na bondade, no perdão, e pela memória da minha filha que, eu tenho certeza, seria tão magnífica quanto a mãe.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Tudo bem… tudo bem… tudo bem. — sibila ele, a voz ainda chorosa.

Abro um pequeno sorriso, já sentindo minha alma começando a se aliviar desse fardo que ainda carrego. Apesar das minhas palavras anteriores, a morte de Sophie e de Lauren sempre terá uma participação indireta minha, e vou carregar isso pelo resto da vida. Apesar de não doer mais como os primeiros dias após o acidente, apesar de me conformar nunca ter sido culpa minha, eu preciso carregar essa minha parcela de peso nos ombros, preciso me sentir levemente culpado — preciso sentir a dor da culpa, ser açoitado por isso… só assim acredito estar pagando um pouco meus pecados.

— Então, amanhã vá até a Fundação. Me leve seus documentos e a carteira de trabalho. Quando poderá começar?

— Quando o senhor quiser.

— Certo. Comece na próxima segunda. Assim terá tempo de se organizar e fazer a mudança. E eu também terei tempo de me organizar com o antigo jardineiro, que está se aposentando.

— Mudança? — inquire, confuso, secando as últimas lágrimas.

— Sim. Vou registrá-lo como caseiro. Terá de se mudar para a minha casa… — ele arregala os olhos — Quero dizer… morará no mesmo quintal, mas numa dependência… e é maior e mais confortável do que esta.

Joel fica um instante emudecido.

— Não precisará pagar mais aluguel, e todas as despesas de água, luz e telefone são por minha conta. A dependência também fica em um local afastado da minha casa… tem, inclusive, entrada independente, o senhor terá toda a privacidade que quiser.

— E o que eu farei?

— Pequenas manutenções na casa, cuidar do jardim, limpar a piscina…

essas coisas. Sabe lidar com pregos, furadeiras, canos e eletrodomésticos?

— Sim, sim — diz, entre lágrimas e risos. — Eu sei.

— Então, ótimo. Quero empregar suas filhas, também. Uma delas tem
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

curso de Administração, não é? — Ele afirma com um aceno de cabeça. —

Vou precisar de uma gerente para o café que estou abrindo… E as mais novas… bem… posso conseguir um estágio para elas na Hauser Alimentícia… e vou garantir que elas tenham total liberdade para flexionar os horários de estágio para não atrapalhar os estudos delas.

— M-meu D-Deus, seu Alfredo… eu nem sei como agradecer.

— Não precisa me agradecer. Ligue pra suas filhas, peça a elas para me procurarem amanhã, na Fundação, a partir das dez da manhã.

— Eu vou… vou ligar, com certeza. Muito obrigado, seu Alfredo… —

Joel baixa o olhar e funga. — De verdade. Se não for abusar muito do senhor… — diz, baixinho, quase envergonhado. — Posso lhe fazer mais um pedido?

— Claro, Joel. À vontade.

— Eu poderia… poderia voltar a fazer meus trabalhos voluntários na sua fundação? Gostava muito de cuidar daquela roseira atrás da casa.

— Se voluntariar lá te faz bem?

— Mais do que o senhor pode imaginar.

— Pode voltar quando quiser, Joel… — e vejo um sorriso resplandecer nele.

E assim, com uma conversa tão aberta e sincera, eu finalizo mais um capítulo da minha vida.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

28

O PEDIDO RECUSADO

Lívia

— MAMÃE, A LARA FEZ XIXI NAS CALÇAS.

Ergo o olhar imediatamente a essas palavras. Estou na cozinha, avental preto contornando o tronco, mãos com cheiro de tempero, os cabelos presos de qualquer maneira. Enzo está comigo, picando alguns tomates para a salada do jantar e se revezando comigo em ficar de olho na pequena. Inventei essa semana de tirar Lara da fralda, conversei com ela sobre fazer xixi no peniquinho ou me pedir para levá-la ao banheiro, já está com o vaso adaptado. Mas a conversa não valeu de muito, pois já é a quarta vez no dia que ela faz isso.

Limpo as mãos no pano de prato rapidamente e vou até ela, sentada no meio da cozinha com alguns ursinhos de pelúcia, enquanto uma poça amarelada se forma em torno dela.

— Lara… — advirto-a suavemente, enquanto a levanto do chão e a pego no colo da melhor forma que consigo para não me sujar. — Mamãe não disse que deveria pedir para ir ao banheiro?

— *Quelo* a *flalda* — ela resmunga, o dedo na boca.

— Nem pensar, doutora… Se lembra de que vai ganhar um presente se deixar a fralda de lado?

Lara faz bico, cruza os bracinhos. A maneira como sua testa enruga quando está brava, a expressão em torno dos seus olhos e a forma como eles cintilam assustadoramente se parece com Alfredo irritado.

— Posso ganhar *agola*? — me pergunta, enquanto vou até seu quarto para lhe dar um banho e trocar de roupa. Instruo Enzo a ficar de olho no arroz NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

e limpar a poça de urina na cozinha.

— Não, só depois que não fizer mais xixi na roupa.

Lara brinca durante o banho na banheira, o patinho de borracha a distrai por um minuto enquanto eu a deixo sozinha para escolher um par de roupas.

Escolho uma jardineira que Alfredo comprou há meses, mas ficara grande em demasiado na pequena (ele é péssimo para número de manequins), e agora já está servindo, juntamente uma camisa branca com os dizeres *"Sou linda, mesmo. Papai quem fez"*. Não consigo segurar minhas risadas diante da frase. Alfredo é um maldito convencido até nessas horas.

Pego o roupão rosa e da *Ariel* de Lara, tiro-a do banho. No berço, ela não para um minuto, e peladinha, pula de um lado a outro; ela foge de mim, gargalhando alto, enquanto, com voz autoritária, porém sem efeito, chamo-a para se vestir. A porta do quarto se abre. Alfredo surge. Lara grita e ergue os bracinhos.

— Papai, papai! — ela se agita, quer até mesmo pular do berço, e eu preciso segurá-la.

— Ei, dona Peladona — ele se aproxima e a pega no colo, beijando suas bochechas vermelhas de calor do banho. — Oi, querida. — Vira-se para mim e me beija. — O que está acontecendo aqui?

— Ela não quer se vestir. Se vire com ela, Alfredo. Preciso terminar o jantar. Teremos visitas.

Lara finalmente se aquieta enquanto o pai a veste. Paro apenas um segundo para observá-los. Ela o obedece mais do que a mim, e agora, enquanto Alfredo conversa com ela e passa por sua cabecinha a camisa *"Sou linda, mesmo. Papai quem fez"*, eu noto ainda mais a ligação forte entre esses dois.

— Visitas? — pergunta, olhando por cima dos ombros.

— Sim. Seu irmão, Vic e Bernardo. Ele vai embora amanhã, no primeiro voo, um jantar pra nos despedirmos. Se esqueceu, Frê? Eu comentei com você antes de sair, hoje à tarde.

Ele passa a mão pelos cabelos médios, e, pelo seu gesto, tem alguma
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

coisa o deixando aflito. A postura recurvada também denuncia algum tipo de exaustão e estresse. Ele termina de vestir Lara e busca pela escova sobre a cômoda para pentear as madeixas delicadas; ela agora está quieta, brincando com uma boneca que fala.

— É, eu me esqueci. Dia pesado.

Alfredo não se vira pra mim, continua escovando os cabelinhos molhados de Lara, delicado, amoroso, paciente, enquanto ela brinca com sua boneca.

— Quer me contar? — pergunto, e me aproximo, massageando seus ombros. Ele apoia sua mão sobre a minha, se vira pra mim e me dá um sorriso cansado.

— Agora não. A gente conversa mais a noite. — E torna a pentear os cabelos de

Lara.

Abraço-o por trás, tentando envolver seu corpo grande com meus braços, e apoio a cabeça em suas costas.

— Tudo bem, amor. Vá tomar um banho, relaxe. Quer alguma coisa?

Talvez… encher a banheira… alguns sais de banho… uma cerveja?

Ele fica em silêncio por alguns segundos, a respiração pesada, chiando.

— Meu Deus, isso seria maravilhoso. — diz baixinho, e então eu rio em suas costas. Viro-o para mim e o beijo.

— Vou preparar o seu banho. Se importa em ficar com a dona Peladona? — Alfredo ri.

— Claro que não. Aproveito pra olhar Enzo. Ele estava sozinho lá embaixo, vigiando o arroz pra não queimar. Por que o deixou sozinho, aliás?

— A senhora Peladona fez xixi nas calças pela quarta vez no dia.

— Huuum. Então além de senhora Peladona, é uma dona Mijona, também? — Alfredo diz e faz cócegas em Lara.

Deixo-o irritando a pequena, enquanto ela ri e grita um “não sou mijona” e saio preparar seu banho. Encho a banheira, jogo os sais, escolho um roupão felpudo e confortável, toalhas limpas, acendo algumas velas e as NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

distribuo pelo cômodo, na bancada da pia, da banheira, e no chão. Baixo as luzes. Ligo o som, coloco sua banda favorita, Scorpions. Estou pensando em ir buscar uma ou duas garrafas de cerveja quando ele aparece, já trazendo duas entre os dedos, bebendo uma terceira.

— Não tem medo de ficar bêbado e se afogar? — indago, apontando para suas garrafas.

Ele ri, os lábios pressionados contra a boca da garrafa, e apoia as outras duas na pia.

— É preciso muito mais do que duas garrafas de cerveja pra me deixar bêbado, Li. — responde, sorriso canalha, desabotoando a camisa cambraia vagarosamente. — Aliás, não vou tomar as três. Tomarei duas. Uma é pra você.

— Alfredo… — ponho a mão na cintura, olho-o se despir na minha frente e já sei o que se passa em sua cabeça maliciosa. — Não posso agora.

Enzo e Lara estão lá embaixo, e tenho o jantar para terminar. Seu irmão e seu amigo chegarão em uma ou duas horas.

— Eu não disse nada, querida — ele diz, convencido, jogando a camisa para o outro lado do banheiro. Agora ele tira as calças, com a mesma vagarosidade anterior. — Eu só quero que fique aqui comigo e converse.

Apenas. Não vamos trepar.

Suspiro.

— Ainda assim, Enzo e…

— Enzo está com Lara, na sala, assistindo pela milionésima vez aquela *Frozen*, está cuidando bem da irmã — Alfredo dá um passo em minha direção, as pernas longas, torneadas e despidas, a cueca boxer deixando seu membro em evidência. Minha boca seca, se ele começar alguma coisa, não sou capaz de resistir. Ele toca meu rosto, brando, beija-me rapidamente. —

Ainda faltam duas horas pra eles chegarem. Tem tempo de sobra pra me fazer companhia aqui, por uma meia hora, e depois eu te ajudo na cozinha. Pode ser?

Não resisto. Cedo a este homem; ele termina de se despir e entra na banheira, mergulhando o corpo grande e gostoso na água. Sento-me à borda,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

depois de pegar minha cerveja, e o observo.

— Quer me falar do seu dia? — é ele quem pergunta primeiro, passando os dedos entre os fios médios e molhados.

— Foi ótimo. Fui ao supermercado à tarde com Lara, pra comprar algumas coisas para o jantar. Ela quase me quebrou uma garrafa de vinho de mil e quinhentos reais.

Alfredo ri, joga a cabeça para trás, fecha os olhos. Bebe um pouco mais da sua cerveja. De repente, fica estranhamente quieto.

— O que foi?

— Eu pensei — a voz sai grave — em como o dinheiro é relativo. Mil e quinhentos reais… o que é esse valor pra nós, Li? Dinheiro de bala. Enquanto pra outras pessoas… é tudo para passar o mês.

Eu não sei que resposta lhe dar. Apenas tomo outra golada da minha cerveja, brinco com a água espumando perto de suas pernas.

— Eu sei como é. Vim de uma família simples, se esqueceu?

Melhoramos um pouco de vida quando meu pai fez mestrado e passou a lecionar em faculdades, mas mesmo assim… nunca gastaríamos mil e quinhentos reais numa garrafa de vinho.

Ele me dá um sorriso fraco. Talvez esteja pensando na vida boa que sempre teve, de como nunca precisou, necessariamente, se esforçar por alguma coisa. Ao contrário dos pais, que lutaram para fundar a empresa, erguê-la e mantê-la no mercado. Alfredo, apesar do trabalho que exerceu na empresa, apenas usufruiu, e ainda usufrui, de todas as conquistas.

— Por que isso agora, amor? — resolvo perguntar, curiosa com sua questão tão súbita.

Ele pensa um segundo, bebe da sua cerveja, brinca um pouco com a água e com a espuma.

— Procurei pelo Joel, hoje.

A resposta me pega de surpresa, e não sei o que responder. Fico apenas olhando

para meu marido, tentando decifrar as inúmeras expressões de seu
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

rosto. Dou-lhe um pequeno sorriso e bato a mão na água do lado oposto ao dele, e Alfredo me entende. Troca de lugar e fica de costas para mim, e eu massageio seus ombros.

— Continue… — murmuro, incentivando-o.

Alfredo suspira, toma mais da sua cerveja.

— Conversamos, conheci mais da vida dele. O lugar onde ele mora, Li… aquelas pessoas, aquele bairro… são pessoas tão simples — ele vira o pescoço para me olhar — e parecem tão felizes com pouco. — Outro suspiro, outro gole na cerveja, e agora me pede a segunda garrafa; ainda não acabei a minha. — Ofereci um emprego para o Joel… aqui, como caseiro. Isso não é algum tipo de masoquismo mórbido? Uma… autoflagelação? Empregar na minha casa o homem responsável pela morte da minha filha e da mãe dela?

Eu não o respondo, não sei o que responder. Apenas continuo o massageando.

— Eu o perdoei. De verdade, Lívia. Não consigo sentir ódio dele, não mais. E isso está me assustando pra caralho.

— Por quê, Alfredo?

— Porque nunca pensei que isso pudesse partir de mim, entende? Eu deveria odiá-lo, querer que ele definhasse, sofresse, morresse, qualquer coisa… Mas hoje, quando ouvi a história dele depois do acidente, eu vi a dor naqueles olhos, eu vi arrependimento e vi: a morte da Sophie e da Lauren será algo que o atormentará pelo resto da vida. E então eu o perdoei. Eu não consegui sentir nenhum sentimento negativo… só uma compaixão muito forte. E então eu o perdoei e quis ajudá-lo, oferecendo-lhe um emprego, ajudando as filhas dele, também. E, Lívia, depois de hoje, quando saí da casa dele, eu… me senti leve, em paz, embora… abalado e cansado psicologicamente.

— Não foi uma conversa fácil, eu suponho.

Alfredo abaixa a cabeça e balança vagarosamente em negativo.

— Voltando de lá — ele continua, a voz baixou uma oitava, está mais rouca e mais forte que o habitual —, eu pensei em como todo nosso dinheiro NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

não compra nada, Li. Joel vive com pouco, e, pelos olhos dele, sei que daria a vida pra mudar o que aconteceu. E eu, Li? — Outra vez se volta pra mim, seus olhos estão úmidos pelas lágrimas — Vivo com muito, mas o dinheiro não me privou de ter perdas, e o dinheiro não pode trazê-las de volta, o dinheiro não pode comprar a vida delas… — ele suspira, trêmulo, e vejo ser necessário mudarmos de assunto. Mas não sei se tenho esse direito. Alfredo parece querer desabafar. E eu devo escutá-lo.

Beijo seu ombro despido e molhado.

— Tenho orgulho de você, Alfredo — resolvo dizer alguma coisa. —

Odiar é mais fácil do que perdoar. E você foi forte o suficiente pra perdoar aquele homem. E eu sinto muito orgulho de você por isso, amor.

Ele não me responde, mas posso sentir um sorrisinho se curvando em seus lábios finos e suculentos.

— Estive pensando… — murmura, a tristeza se dissipando de sua voz paulatinamente — em criar outra Fundação. Mas agora… agora para ajudar os mais pobres, dar oportunidades àquelas crianças. Não sei ainda, mas no caminho pra cá, pensei em algo como música, teatro, construção de escolas…

Meu dinheiro pode não devolver a vida da minha filha, mas pode ajudar a melhorar a de tantas crianças e famílias.

É inevitável. Eu não me seguro. Sou uma maldita chorona e, quando percebo, estou em lágrimas, orgulhosa do *meu homem*. Ele ouve meu soluço, se vira pra mim, sorri e toca meu rosto, sua mão molhada molhando-me também.

— Ei…

— Eu apoio — respondo, engolindo minhas emoções. — Vamos criar esse projeto juntos, tudo bem? Quero estar com você nisso, Alfredo.

Alfredo me dá um sorriso como resposta e, de repente, me puxa para a banheira, com roupa e tudo, e gargalhadas enchem nosso banheiro de felicidade.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Estamos reunidos na sala, cada homem presente segura uma garrafa de cerveja. Alfredo está levemente alterado, depois de algumas taças de vinho, doses de uísque e canecas de Chopp; o branco dos seus olhos agora já está vermelho, e ele ri exageradamente de qualquer coisa. Bernardo está conosco, resolveu não beber nada de álcool para não ter uma ressaca durante horas de voo de volta à Paris. Henrique está com Victória, sentado no sofá oposto ao nosso, um dos braços jogado pelos ombros de Vic. O jantar fora demasiadamente agradável, e agora, depois de pormos as crianças para dormir, estamos jogando conversa fora, rindo de piadas sujas e até nos arriscamos em uma partida de pife.

— Está no meu horário — Bernardo diz, se levantando. São quase dez da noite. — Amanhã levanto cedo para meu voo, quero estar bem descansado. — alega, com seu sotaque francês.

— Está cedo, Bernardo — Alfredo rebate, tomando o último gole de sua última cerveja. Não o deixarei beber mais.

— Eu queria poder ficar mais, *crétin*, mas preciso mesmo ir.

— Tudo bem, te acompanho até o portão. — Alfredo se levanta com dificuldade. Bernardo se despede de nós, e nós lhe desejamos boa viagem.

Alfredo retorna cinco minutos depois e despenca no sofá.

— Alfredo, posso ter um instante com você? — Henrique pergunta, o irmão acena em positivo, e eles vão para um canto, ainda em nossa vista, mas não podemos ouvi-los.

Estranho Henrique querer conversar com Alfredo em particular e fico curiosa sobre o assunto abordado. Victória se senta perto de mim, olha em direção aos

dois, Alfredo agora está olhando pra cá, lança-nos um sorrisinho cretino.

— O que acha que eles estão conversando? — Vic me pergunta, e eu dou de ombros.

— Não tenho a mínima ideia. E por que será que não podemos saber?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Deve ser coisa de macho. Sei lá, algum tipo de segredo entre irmãos.

Rio um pouco e balanço a cabeça. Menos de um minuto depois, os dois voltam para perto de nós, ambos com sorrisinhos e olhares misteriosos.

— Podemos saber o que os senhores conversavam? — pergunto, enquanto Alfredo torna a se sentar do meu lado, e Henrique continua de pé, de frente para Vic.

— Claro que sim, sem problemas. — Henrique responde e troca um olhar com Alfredo. Meu marido sorri de volta e passa um braço por cima dos meus ombros, deixando um beijo na minha têmpora.

Misterioso, Henrique se volta para Vic, um sorriso galante, um olhar conquistador. Remexe no bolso do paletó e tira de um dos bolsos internos uma pequena caixinha escura, de veludo. Victória arregala os olhos, um sorriso enorme se manifesta em mim, já deduzindo o acontecido.

Henrique de repente se ajoelha, de frente para Victória. Ela tapa a boca.

— Vic… — diz, abrindo a caixinha e revelando um anel de noivado de ouro puro, com uma pedra extremamente brilhante agregada ao anel. —

Estou fazendo isso aqui, agora, na frente da nossa família, das pessoas que amamos, porque os quero como testemunhas do meu amor por você, da felicidade que é estar ao seu lado. Quero Alfredo e Lívia como nossos padrinhos — Henrique se volta para nós, sorriso bonito. Ele merece tanto esse momento. — Quero me casar com você, Victória Santos. Quero ser seu esposo, e quero você como minha mulher. Victória, aceita se casar comigo?

Vic olha para Henrique, espantada, os olhos esbugalhados, a boca entreaberta.

— Henrique… — ela cicia, finalmente. — Meu Deus, que loucura é essa? Meu Deus… Henri. Eu… Por quê… ah, meu Deus, Henrique! — Há confusão em sua voz.

Olho para Alfredo, de repente. A reação de Vic é estranha. Henrique pareceu perceber também. Afrouxa um pouco o nó de sua gravata. Continua de joelhos, mostrando a caixinha com o anel.

— Sou louco por você, Vic. Sabe disso. — Henrique declara, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

segurando a mão dela e depositando um beijo. — Me dê a honra de ser seu esposo.

— Henrique, você já é meu marido. Moramos juntos há um ano. Já te considero isso, amor.

— Eu sei, Vic, eu sei. Mas gosto das coisas do jeito ortodoxo, do modo certo.

Victória se inclina para ele, segura o rosto preenchido de barba escura com alguns fios grisalhos e o beija profundamente, depois se afasta um pouco, olha em seus olhos, acaricia o seu rosto.

— Não existe modo certo, Henri. Estamos felizes, nos amamos, isso basta. Nenhum papel poderá mudar isso. Que diferença faz?

Henrique se afasta de repente, fica em pé, guardando a caixinha de veludo de volta no bolso interno do paletó. A sala é preenchida de uma tensão estranha. Alfredo me olha; eu olho para ele, nós notamos a negativa sutil de Vic ao pedido de casamento de Henrique, e isso nos deixa muito desconfortáveis. Eu não sei como agir, Alfredo não sabe como agir.

— Faz muita diferença, Victória — Henrique responde, enfim, a voz áspera. — Pra mim faz muita diferença. Eu quero isso, eu sempre quis isso.

Meu Deus… por quê… por que não aceitar? Se pra você casar legalmente ou só

estarmos em união estável não faz diferença, então por que relutar?

— Não estou relutando, Henrique — ela responde, com um suspiro cansado. — Só não acho… não acho necessário nos casarmos quando já somos *praticamente* isso.

— Disse bem… — ele rosna, os punhos cerrados forte. —

Praticamente casados… mas não somos! Poxa, Victória… eu só… — ele pensa em dizer, suspira e desiste. — Olhe, quer saber, esqueça…

Henrique se volta para nós, força um sorriso, tenta esconder a vergonha de ter sido rejeitado na nossa frente. Engole em seco.

— Obrigado pelo jantar. Acho que… já vamos.

— Henrique, não faça drama — Victória pronuncia, se levantando agora do seu lugar e cruzando os braços na frente do tórax. — Olha, posso NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

usar seu anel de noivado, é lindo, eu adorei… juro. Mas casamento…

— Eu já disse pra esquecer, Vic — Henrique rebate, ríspido, pegando sua carteira sobre nossa mesinha de centro. — Está tudo bem.

— Não, não está! Diz que está, mas ficará uma semana sem falar comigo por causa disso!

Henrique toma um pouco de ar para os pulmões. Alfredo decide se levantar, ficar perto do irmão, tentar amenizar a situação para não haver discussões desnecessárias entre nós.

— Você não pode ceder nunca, Victória? — Henrique diz, entre dentes, a voz arrastada. — Porra! Não quer ter filhos, não quer se casar… Só eu devo aceitar os seus termos? Só eu tenho de passar por cima dos meus sonhos para atender seus caprichos?

— Sempre soube das minhas convicções, Henrique. — É a resposta dela. — Se

aceitou ficar comigo mesmo assim, não pode dizer que não sabia.

— É, eu as aceitei; não ter filhos… tudo bem… aprendi, de certa forma, a concordar com isso, apesar de querer insanamente ter filhos com você. Mas respeitei isso em você, e me acostumei com a ideia. *Eu* deixei meu orgulho de lado por você, amei mais você do que o sonho de ser pai. Por que não pode se sacrificar um pouco? Por que não pode deixar as *suas* convicções, uma ou outra apenas, pra fazer o que eu quero?

— Olha, vocês precisam se acalmar, ok? — Alfredo tenta intervir. Olha para Vic. — Deveriam esfriar um pouco a cabeça, conversar sobre isso depois.

Levanto-me. Aproximo-me de Vic, estou prestes a dizer que concordo com Alfredo, mas Henrique toma a frente, e diz:

— A verdade, Victória, é que você nunca foi a mulher ideal pra mim.

É simultâneo. Nós três encaramos Henrique com surpresa. Victória tem os olhos lacrimejantes de tristeza pela declaração dele; Alfredo está sem reação, e eu estou assustada demais para dizer alguma coisa.

— Eu era a mulher ideal quando éramos amantes, não é? — responde ela, cheia de dor e raiva, e dá um passo à frente, peitando Henrique. Um NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

enorme e indescritível desconforto paira sobre nós. — Quando você me iludia, quando estava de saco cheio da sua vida com Lívia e vinha pra mim, para trepar comigo, quando jogava comigo e com ela… aí eu era a mulher ideal pra você, estou certa?

Baixo os olhos, meu coração acelera um pouco, estou sem jeito com isso, com o rumo dessa discussão.

— Victoria… — É Alfredo tentando dizer, mas minha amiga continua, o interrompendo.

— Sabe qual é a verdade aqui, Henrique? Você ainda é apaixonado por Lívia… e tem inveja do seu irmão, da vida dele com ela. Tudo o que você sonhou com

Lívia por uma década, é *seu irmão* quem está construindo com ela. Se casaram oficialmente, têm dois filhos lindos, estão planejando um terceiro… uma família completa… falta apenas um cachorro. Alfredo tem tudo isso com Lívia. E você sente inveja. Até o menino que você cria não é seu filho biológico. Isso te frustra, isso te *inveja!*

Nesse instante as palavras fogem de mim. Encaro Victória, assustada e triste com ela, por tais insinuações, por trazer para o meio de nós essa rixa ridícula do passado entre esses dois irmãos, por desenterrar algo que fez tão mal a todos nós. Busco por Alfredo, o rosto contraído, os olhos azuis abatidos subitamente. Ele dá um passo atrás, passa a mão entre os cabelos.

— Olha, Vic, dá um tempo — Alfredo diz de repente, calmo, mas grave. — Vão pra casa, descansem, esfriem a cabeça. Depois, vocês conversam com mais calma.

— Não quero um tempo… — Henrique intervém. A tonalidade de sua voz denuncia profunda tristeza, o indício de lágrimas em seus olhos reforça ainda mais a profundidade de seu desapontamento com Victória. — Pra mim já deu, Victória. Dormirei na casa da mamãe essa noite… Amanhã — ele suspira, desvia os olhos, como se recusasse a proferir suas palavras. —

Amanhã… é cada um por si.

Victória o encara, assustada, cética com o rumo disso tudo, com um rompimento tão abrupto. Penso em intervir, em dizer aos dois que é uma decisão radical e precisam descansar, esperar o efeito das doses de vinho e cerveja parar de influenciá-los, e então… deveriam conversar. Mas não há NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

tempo. Henrique se vai, a postura abatida.

Victória chora, se senta no meu sofá. Aproximo-me dela, sento ao seu lado e a abraço.

— Está tudo bem, Vic… Ele… vai pensar melhor até amanhã. Tenho certeza, ele vai te ligar e vai pedir para conversarem.

Minha amiga não responde, apenas esconde o rosto nas mãos e balança a cabeça afirmativa e constantemente. Ouvimos o som do carro deles roncar os motores e, em seguida, os pneus cantando no asfalto. Henrique está nervoso. Tenho medo de alguma bobagem.

— Quer que eu te leve pra casa, Vic? — Alfredo pergunta.

— Não precisa, eu… chamo um táxi.

— Deixe-o te levar, amiga — insisto.

— Não… — persiste, secando suas lágrimas. — E me desculpem pelo que eu disse. Não queria… ah, Deus… Eu disse sem pensar, Li. Eu juro.

Abraço-a outra vez e afago suas costas.

— Está tudo bem. Não se preocupe.

Um ruído preenche a sala, produzido pela babá-eletrônica. Lara acordou, está começando a chorar. Olho para Alfredo, e ele se prontifica a subir e a verificar se está tudo bem com a pequena. Acompanho-o com os olhos a subir as escadas, sua postura mudou radicalmente, parece mais cansada, mais pesada. Não sei se por causa do álcool ou por causa da discussão entre Henrique e Victória.

— Acha que ele ficou bravo com o que eu disse? — Vic me pergunta, e me traz de volta ao mundo real. Olho para ela, com pesar, com compaixão.

Suspiro.

— Não, Victória, claro que não. Você falou sem pensar… Alfredo sabe disso. E ele é mestre em falar coisas sem pensar quando está irritado. Ele te entende, amiga; não pense nisso agora.

Ela apenas balança a cabeça e me pede desculpas outra vez.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Conversamos por mais uns cinco minutos, e eu a advirto, suavemente, pela sua

atitude com Henrique. Ela não responde sobre isso, apenas dá de ombros.

Victória é orgulhosa demais para ceder sequer um pouco. Decido não insistir no assunto.

Ela se levanta, pede um táxi. Espero com ela no lado de fora, na rua, até ela embarcar. Volto para dentro, procuro Alfredo. Ele está no quarto de Lara, sentado na poltrona perto do berço, submerso em escuridão parcial por causa do abajur aceso com uma lâmpada fraca. Lara está nos seus braços, seu cobertor preferido cobre e aquece seu corpinho enquanto Alfredo a embala suavemente e canta uma canção em francês, sua voz grave ressoando baixinho. Paro à porta e o observo.

— *Frère Jacques, frère Jacques, dormez-vous? Dormez-vous? Sonnez les matines! Sonnez les matines! Din, dan, don. Din, dan, don*.

Ele nota minha presença e ergue o olhar para mim. Sorri, ainda cantando em francês, ainda embalando Lara, então volta a olhar para ela, e acaricia sua bochechinha rosa.

— … *Sonnez les matines! Sonnez les matines!*

Din, dan, don. Din, dan, don. — E então ele para, vê que Lara já dorme outra vez. Levanta-se, coloca-a no berço, cobre-a e apaga o abajur depois de deixar um beijo em sua testa.

Caminhamos para nosso quarto, em silêncio. Fecho a porta com cautela. Alfredo já está tirando o paletó e a camisa social.

— Sophie cantava para Lauren — cicia, olhando pela janela, para a noite escura lá fora, se referindo à cantiga que cantava há trinta segundos.

Encaro suas costas largas e fortes, as omoplatas parecem tensas. Aproximo-me e apoio a cabeça em sua pele despida. Alfredo é quase vinte centímetros mais alto do que eu, e preciso de um pequeno esforço para alcançar seus ombros e massageá-los.

— Você comentou uma vez. Não é a primeira vez que canta para ela.

Alfredo se vira para mim. Força um sorriso.

— Acha que Victória tem razão? Sobre Henrique ainda ser apaixonado por você e ter inveja de nós?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Seu questionamento me deixa desconfortável.

— Não, Frê. Ela disse aquilo porque estava com a cabeça quente.

Todos nós temos um pouco do histórico de usar nossas merdas do passado pra magoar quem amamos, sabe disso. Não me diga que sente ciúmes disso, Alfredo… Há tempos nós colocamos um ponto final nesse triângulo.

— Não, claro que não. — responde, e é sincero. — Só… sinto por meu irmão, entende? Queria, de verdade, a felicidade dele e que as coisas dessem certo pra ele. Não quero mais que Henrique sofra. Talvez devêssemos ajudar aqueles dois cabeças-duras.

Sinto sua mão quente sobre meu quadril, seu hálito alcoolizado é gostoso e me deixa inebriada. Sua pele nua na minha me conforta.

— E o que sugere? Prender os dois numa sala vazia e só liberá-los quando se entenderem?

— Não é uma má ideia. — retruca, sorrisinho safado, se aproximando de mim com sua boca pecaminosa. Ele desce beijos molhados pelo meu pescoço enquanto sua mão no meu quadril escorrega até o zíper na parte de trás da minha saia e o desce vagarosamente.

— Devemos deixá-los se entenderem sozinhos. Eles se amam. Não vão saber ficar um longe do outro por muito tempo.

— Espero… — murmura, abaixando minha saia, passando sua palma macia pela carne das minhas nádegas. — Meu irmão merece ser feliz. E

quero fortemente que ele seja. Mas agora, senhora Hauser, temos coisas interessantes a tratar.

Empurro-o na cama, ele cai, rindo, o olhar safado, enquanto me observa me aproximar. Ergo os pés, apoiando com delicadeza o bico do salto entre suas pernas, acariciando seu membro já ereto. Alfredo suspira de prazer. Tiro minha camisa de seda, sem parar de olhá-lo, sem deixar de acariciá-lo com o bico do salto.

— Fique bem quietinho, senhor Diniz — digo, passando as alças do sutiã pelos meus braços, ainda acaricio seu pênis cada vez mais rijo. — Se comporte e terá uma noite inesquecível de sexo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Todas as noites de sexo com você são inesquecíveis, meu bem.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

29

OS PAIS

Alfredo

UM SUSPIRO ALTO ESCAPA DELE QUANDO TOCO NO ASSUNTO.

Já aconteceu há duas semanas, mas os dois ainda não se entenderam.

Henrique baixa os olhos. Estamos numa das salas da Fundação, onde há sessenta segundos estivemos reunidos com alguns colaboradores e voluntários para tratarmos de quatro casos novos que chegaram até nós.

Finalizada a reunião, eu quis saber como ele e Vic estavam.

— Na mesma. Ela saiu de casa, mesmo eu dizendo que sairia. Sei lá, ela deve estar morando no apartamento em cima do restaurante dela com o Marcelo.

— Não há meio de vocês dois se resolverem? — pergunto, unindo as mãos em frente ao queixo.

— Sinceramente? Não sei… eu ando cansado com o fato de ela nunca ceder e as coisas sempre serem do jeito dela. Às vezes eu acho ter sido amaldiçoado…

— Não diga uma bobagem dessas — repreendo-o.

Henrique dá de ombros. E talvez eu o entenda. Mudo de assunto, convido-o para almoçarmos juntos, quero saber como andam as coisas na Hauser desde a mudança da presidência. Ele garante estar tudo bem, por enquanto, apesar de Aleksy ser quase um tirânico com os funcionários — ele já trocou duas vezes de secretária, nenhuma delas aguentou seus gritos e má educação por uma semana. Estamos prestes a seguirmos ao restaurante juntos quando seu telefone celular toca. Ele olha no visor e enruga a testa.

— É da escola do Enzo. — diz e atende prontamente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Fico um pouco tenso enquanto Henrique conversa com Deus sabe quem da escola de Enzo.

— Tem certeza? — pergunta ele, se levantando. Alguma coisa não está certa. — Tudo bem. Chego aí em dez minutos. — E encerra a ligação.

Henrique olha para mim, não tenho tempo de perguntar o que há com Enzo, e nem percebo já ter me levantado e estou pronto a segui-lo, pois Henrique me informa:

— Enzo se envolveu numa briga no colégio. Quebrou a costela e o nariz de um garoto do Ensino Médio. Está na diretoria.

Pestanejo diversas vezes, processando a informação.

— Enzo o quê? — indago, surpreso, cético. Enzo, apesar de hiperativo, sempre foi uma criança pacífica. Não consigo imaginá-lo se envolvendo em uma briga e ainda nocauteando alguém *maior do que ele*. Henrique suspira e já está saindo. Sigo-o enquanto ele me torna a repetir:

— É, também não acreditei. Ele está diretoria, pegou três dias de suspensão.

Tentaram ligar para Lívia, mas ela não atendeu. Alguém precisa buscá-lo.

— Vou com você.

Entramos no carro de Henrique, até me esqueço dos meus compromissos — às dezoito horas tem a inauguração do Avenue, e eu precisava passar por lá e ver se está tudo em ordem —, Enzo agora é o mais importante. Chegamos ao colégio dele em pouco mais de dez minutos e seguimos até a secretaria. Henrique nos apresenta:

— Somos os pais de Enzo Hauser. Fui informado que ele pegou suspensão.

Um funcionário nos guia para dentro da escola até a sala da diretoria.

Quando entramos, Enzo está num canto, um pequeno corte no lado esquerdo da boca, com sangue seco; há mais três pessoas na sala, um homem alto, uma mulher ruiva e um segundo garoto perto deles, retraído.

A diretora da escola nos pede para entrar, enquanto recebemos olhares desaprovadores do casal a nossa frente. Henrique olha para Enzo, ele fica
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

cabisbaixo. Vou até meu filho e afago seus cabelos.

— Oi, pai — ele me diz baixinho. Olha para Henrique. — Oi, papai.

— Vocês são os responsáveis pelo Enzo? — a diretora pergunta. É uma mulher de meia-idade, cabelos na altura dos ombros, pretos, e óculos de grau.

Está vestida elegantemente e tem um ar austero. É uma diretora nova, não a mesma do semestre passado, por isso ela não nos conhece.

— Somos os pais dele. Henrique e Alfredo Hauser — Henrique responde, nos apresentando.

Ela anui e sai de trás de sua cadeira.

— Enzo não me disse ser filho de casais homoafetivos — diz, de repente, se

aproximando de nós. — Sou Catarina Moreira, diretora e pedagoga.

Olho para Henrique, ele olha para mim. Catarina acha que somos gays.

Ótimo. Meu irmão está abrindo a boca para explicar a longa história, mas eu o interrompo:

— Ele faz isso pra evitar que o perturbem. — Henrique olha pra mim, abismado. Aproximo-me dele, seguro sua mão. — Na última escola, não o deixavam em paz, não é, querido?

Enzo está segurando uma risadinha, entrando no jogo. Henrique ainda me encara como se eu fosse um ET. Os pais do garoto do ensino médio também, como se nos enojassem. Henrique pisca, contrai o rosto, mas, sem soltar minha mão, volta-se para a diretora:

— O que aconteceu?

— Teu filho espancou o meu; é isso o que houve! — a mulher grita, massageando os ombros do filho emudecido.

— Ele xingou a Ana! — Enzo protesta em seu lugar.

— Enzo, abaixa a bola — Henrique repreende. Olha para a mãe do menino. — Me deixe ouvir a outra versão da história, por favor.

Catarina volta para seu lugar, senta-se atrás da mesa, massageia as têmporas. E nos conta o que houve. Segundo Enzo, ele e Ana Beatriz NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

estavam no intervalo, tomando o lanche, quando Kelvin — o garoto do ensino médio — veio perturbá-los com piadas e comentários racistas a Ana.

Enzo enfureceu-se, tomou as dores da amiga e partiu para cima do garoto —

três anos mais velho e quase dez centímetros mais alto. Quatro murros no nariz e cerca de sete ou oito chutes nas costelas.

— Então ele teve motivo para bater no seu filho, senhora Giglio? —

pergunto, cruzando os braços. — Piadas e comentários racistas… sério?

— Meu filho não é racista — o senhor Giglio se manifesta pela primeira vez. — Foi só uma piada.

— Perguntar quanto eu paguei na minha escrava é piada desde quando?

— Enzo se intromete mais uma vez.

— Não importa o que houve — Catarina intervém. — Violência nunca resolveu nada. Não instigue seu filho à violência, senhor Alfredo, justificando as atitudes dele. O correto teria sido ele e Ana Beatriz me procurarem, não trocar socos e murros.

— Ela está certa, Alfredo. Não aprovo as atitudes do Enzo, embora com motivos fortes. — Henrique responde e olha para Enzo. — Três dias de suspensão… — ele suspira, o menino está emburrado.

— Sim. Kelvin e Enzo estão suspensos por três dias. Lembrando, senhora Giglio, se Kelvin levar sequer uma advertência a partir de sua volta, ele será expulso do colégio. Enzo sempre foi um bom aluno. Me decepcionou hoje.

Henrique assina a suspensão de Enzo e, sob olhares raivosos dos Giglio, seguimos até o carro. Enzo se acomoda no banco traseiro, ainda emburrado, a cara amarrada. Olho-o do retrovisor. Ele espichou de uns três anos para cá. Já deve estar medindo quase um metro e sessenta.

— Ei, não fique assim, Enzo — digo, enquanto Henrique engata o carro e sai. — Estava só querendo defender a Ana, sabemos disso. Gosta dela, não é?

— Não foi a primeira vez — ele explica. — Kelvin estava implicando com a gente já tinha um tempo. Todo mundo tem um limite, pai.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— A gente sabe, Enzo — Henrique responde. — Não estamos bravos com você,

ok? Mas precisa entender: socar uma pessoa não adianta. Você estava defendendo a Ana Beatriz, sabemos disso, mas no fim, você também saiu como errado da história. Se tivesse procurado a diretora…

— É, eu já entendi. — ele resmunga, olhando para fora. De alguma forma, Enzo ainda acha justificáveis suas atitudes. — Vocês já foram suspensos do colégio?

— Suspensos? — indago, sorriso jocoso. — Eu fui expulso, garoto.

Enzo ri. Quer saber o motivo. E eu lhe conto: eu era apaixonado pela professora de sociologia, tinha lá meus dezessete anos, mas o professor de educação física a assediava todos os dias próximo à sala dos professores. Um dia eu perdi as estribeiras com ele e coloquei laxante em sua água e escrevi em todas as lousas de todas as salas da escola no intervalo: *Josué pinto-pequeno.*

Enzo e Henrique estão gargalhando alto.

— Isso é verdade? — Enzo quer saber, rindo.

— Sim. Eu ainda desenhei um pênis na caderneta de presença dele. Fui expulso por isso.

— E você, papai? — pergunta para Henrique, controlando suas risadas.

— Os dois. Peguei suspensão por transar no banheiro da escola. —

Henrique diz abertamente, e é esquisito. Enzo tem praticamente quatorze anos, mas até ontem só tinha nove e não poderíamos falar sobre sexo e garotas com ele. Agora é diferente. — Isso foi no segundo ano do ensino médio. No terceiro ano, eu fui expulso porque fumei maconha com uns colegas no pátio da escola. Ficamos chapados na aula de matemática.

— Mamãe pode saber que vocês me contaram isso?

— Não! — respondemos em uníssono.

E então gargalhamos o percurso todo. Muito mais com o fato de termos mentido para a diretora do colégio.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Obviamente Lívia teve um surto quando soube que Enzo fora suspenso por três dias. Trancou-se no quarto com ele e passou meia hora o advertindo, rezando sua ladainha de como Enzo nunca dera um pingo de trabalho no quesito comportamento, de como sempre fora um bom menino, um aluno exemplar, um filho comportado. Ela não queria que as coisas mudassem.

Preparei um chá de camomila para ela, para ela se acalmar. Lívia se sentou numa das banquetas no balcão, envolveu a xícara com as mãos e sorveu seu chá pouco a pouco.

— Se acalma, amor — digo, sentando ao seu lado. — Ele precisava passar por isso. Sua primeira briga na escola.

— Você diz como se Enzo merecesse uma medalha por isso — seus olhos me fuzilam. — Não o incentive, Alfredo Hauser.

— Não estou incentivando nada, Li. Eu e Henrique fizemos coisas piores na escola… Enzo não é de brigar, se o fez, foi porque perdeu a paciência com aquele sardento do Kelvin e seus comentários racistas. —

Seguro sua mão e a acaricio. — Nosso filho não vai se tornar um valentão, certo?

— Não é isso… é…

— Seu menininho está crescendo, Lívia. — Henrique se manifesta, encostado na pia, os braços cruzados na frente do peito. — É isso, não é?

Enzo está crescendo. Está deixando de ser um menino e está se tornando um homem.

Ela engole em seco.

— Isso é mais difícil pra mim do que pra vocês.

— Nós sabemos. — respondo, ainda afagando suas mãos.

— Ele sempre será meu menininho, não importa quantos anos tenha.

— Não o traumatize com isso, Lívia — brinco, e ela dá um tapa na minha mão. Trago-a para um beijo. Pela visão periférica, noto Henrique desviando os olhos discretamente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu preciso ir — ele diz. — Vejo vocês na inauguração do Avenue?

Assentimos, e ele se vai, um pouco abatido. Lívia olha pra mim, ela entende o desânimo de Henrique, me dá um sorriso fraco e afaga minhas mãos.

— Eles vão se entender, não se preocupe.

Lívia não responde, e eu não tenho tanta convicção disso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

30

A INAUGURAÇÃO

Alfredo

O LOCAL ESTÁ CHEIO.

Recebo mamãe e Tarciso — acho que eles têm um lance sério — com apertos de mãos e abraços. Acomodo-os em uma das mesas, enquanto Lívia está conversando com Henrique, num canto extremo do café. Observo-os por um segundo antes de receber os próximos clientes: Henrique está balançando a cabeça em negativa, nos dedos segura uma caneca de café expresso, enquanto dá um gole ou outro; Lívia parece tentar aconselhá-lo, convencê-lo de alguma coisa, certamente em relação à Victória e ao rompimento repentino deles.

Volto-me para frente quando ouço meu nome. Preciso forçar um sorriso simpático. Angelina. Está acompanhada de David, que me cumprimenta com um aceno de cabeça e um aperto de mão.

— O grande dia chegou, finalmente — ela diz, se aproximando e me cumprimentando com um beijo. Olho para trás; Lívia a viu, fechou a cara.

Pigarreio um pouco, zonzo com o perfume forte de Savhoya.

— Fiquem à vontade. — digo-lhes.

— Parabéns pelo trabalho, Alfredo — é David dizendo. — Sua cafeteria está incrível.

— Nada disso seria possível se não fosse o projeto de vocês. Eu quem agradeço. Reservei uma mesa pra vocês. Apreciem a vista da cidade e o café

— e os acompanho até um canto onde a parede é toda de vidro e é possível
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ver a cidade submersa na escuridão noturna.

Regresso até minha esposa, Henrique se retirou para conversar com Victória, que chegara há dois minutos. Abraço-a e a beijo serenamente.

Somos interrompidos por um grito estridente de “papai!” de Lara, chegando no colo do avô.

A inauguração do Avenue ocorre satisfatoriamente. Muitos clientes entram e saem, o lugar está movimentado. Passo a maior parte com Lívia, a quem eu fiscalizo a todo instante para não exagerar na cafeína. Desde que seus exames clínicos ficaram prontos e Sandra nos liberou para tentar um terceiro filho, eu venho controlando sua cafeína. Esse mês não deu para nós e, pensando melhor agora, Lívia já deve estar nos seus dias férteis outra vez.

Sorrio pra mim mesmo, olho o relógio: quase nove da noite. Quero ir embora pra casa, fazer amor com ela, fecundá-la.

Sou despertado dos meus devaneios quando Angelina se põe do meu lado e fala comigo:

— Você não tem ciúmes? — Estou parado na entrada da cafeteria, onde há

pouco acompanhei um cliente até a saída.

Olho para Angelina; enrugo o cenho.

— Ciúmes de quê?

Angelina sorri, passa a mão pelos cabelos pretos e soltos, os ajeitando, e desce a mão de forma provocante para seu colo. Involuntariamente eu acompanho seu movimento, a mão pousa sobre o colo e me revela seu decote discreto. Pestanejo e viro-me para frente.

— Dos dois ali atrás — me diz e olha rapidamente na direção sugerida.

Acompanho seu olhar e vejo Lívia e David conversando. Ela está tomando algo, tenho absoluta certeza: é café — droga! Mulher teimosa —, e David experimenta uma torta; os dois conversam animadamente, trocando risadas.

Volto-me para frente, observando a movimentação no *shopping*.

— Estão apenas conversando. Por que eu sentiria ciúmes?

— Hum… claro. Mas você sabe, né? David ainda é apaixonado por Lívia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu não sabia — respondo, tentando me manter neutro, lembrando-me constantemente de se tratar de uma provocação de Angelina. Ela está tentando me colocar contra Lívia, me deixar enciumado. — De qualquer forma — olho em seus olhos —, isso não me importa. Confio em Lívia.

— Mas não deveria confiar nele. David é… meio obsessivo, possessivo, sabe? A ex-esposa dele, Emily… — Angelina olha para trás, como se certificasse se estamos sozinhos e ninguém nos ouve, então completa, cochichando: — Tem até uma ordem de restrição, sabia?

Encaro-a por dois segundos, digerindo a informação.

— Ela conseguiu depois de muitas ameaças. Ele não aceitou o fim do casamento

deles, a perseguiu por muito tempo. Nem mesmo um namorado da Emily na época aguentou David ligando, enviando e-mails, mensagens, cartas. Quando viu que romantismo não estava funcionando, ele partiu para as ameaças. Disse que se ela não voltasse com ele, ela ia morrer… essas coisas terríveis.

Olho para David e Lívia conversando. Ainda estão animados, rindo de alguma coisa. Mas ele parece ser tão pacífico, mantém um olhar respeitoso para Lívia. Pelos dez segundos que os observo, não consigo notar nada de ameaçador em Menezzes.

— As aparência engam — ela sussurra. — Se eu fosse você, ficaria de olho nele.

Não tenho tempo de responder. Angelina já se afastou, me deixando com uma enorme dúvida pairando sobre minha cabeça.

Ela é uma maldita megera. E eu amo isso nela. Não consigo descrever o quanto estou excitado em vê-la de *lingerie* branca, o abdômen fino, os seios médios e rijos, os cabelos louros caídos sobre seus ombros, emoldurando seu rosto delicado, o nariz aristocrata, essa pinta no lado esquerdo do seu rosto que me excita e a deixa sexy. Lívia se aproxima de mim vagarosamente, sorriso sedutor. Eu nem vejo, mas estou acariciando meu amigo pra conseguir NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

segurar a excitação percorrendo meu corpo. Preciso estar dentro dela.

Eu agradeço a Deus por a inauguração do café não ter se estendido por muito tempo. Às onze da noite já estávamos em casa, as crianças dormindo, nós dois de banho tomado, cheirando a sabonete de lavanda, preparados pra fazermos mais um filho.

Lívia para diante do aparelho de som. Escolhe um álbum, seleciona uma música. Põe para tocar. Já disse amar fazer amor com ela com uma trilha sonora? As notas de *Garganta* ressoam pelo quarto enquanto ela se ajoelha na cama e engatinha até mim.

♪ Minha garganta estranha

Quando não te vejo

Me vem um desejo

Doido de gritar ♬

Lívia se senta sobre meu colo, passa suas leves mãos sobre meu peito desnudo, desce até minhas coxas torneadas, esfrega-se sobre meu pênis ainda dentro da boxer cor de vinho. Gemo quase involuntariamente, seu toque quente, sensual, sua boca encontra a minha num beijo lento e lânguido.

Lívia se afasta. Puxa-me pela gravata que ainda uso; depois da cueca é a única veste em meu corpo.

— Não faz isso comigo, Li — murmuro, alucinado, enquanto ela me arrasta para a poltrona no quarto e me faz sentar. Ela apoia seu pé entre minhas pernas, usa um salto-alto branco delicado, me acaricia sedutoramente.

— Tire, senhor Diniz — ordena, erguendo o pé na altura do meu tórax.

Dou uma espiada em sua parte íntima. A calcinha branca e de renda quase me ensandece.

Faço o ordenado. Observo seu pé delicado, as unhas benfeitas, pintadas
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

de vermelho. Ela me dá o outro pé, ordena o mesmo. Obedeço. Com o pé direito desnudo, ela continua me incitando e provocando. Jogo a cabeça para trás, reprimindo todos os meus desejos sexuais; preciso guardar tudo para ela.

Devagar, Lívia tira minha cueca, ajoelha-se na minha frente e então me põe em sua boca. Enquanto me chupa, ela sustenta seu olhar no meu, e isso me deixa mais duro do que realmente achei ser possível ficar.

— Droga, mulher! Vai acabar comigo.

♬ ***Atravesso o travesseiro***

Te reviro pelo avesso

Tua cabeça enlouqueço

Faço ela rodar ♪

Lívia sorri, segue me sugando com prazer. Uma de suas mãos me acaricia, a outra, toca seu ponto sensível. A visão me deixa enlouquecido.

Levanto-a, afasto sua calcinha e a faço sentar em meu colo, escorregando-me para dentro dela. Lívia se apoia em meus ombros para cavalgar em mim; enquanto alterno os beijos entre sua boca e seios, minhas mãos se revezam para percorrer cada centímetro de sua pele sedosa e suada do sexo. Em dado momento ela me olha nos olhos, suas unhas fincam em minha carne, deixando uma marca vermelha.

— Você me pertence, senhor Diniz? — indaga, gemendo, ainda montada em mim. Meu lábio inferior é trazido entre seus dentes. Diviso seus seios, agora livres do sutiã, saltitarem na frente dos meus olhos.

— Sou seu, senhora Hauser. Sempre fui, sempre serei.

Ela sorri com satisfação, joga a cabeça para trás, fecha os olhos. Suas unhas se fecham com força nos meus bíceps, suas pernas tremulam, e, com esses sinais, ela está perto de um orgasmo, bem sei. Seguro firme em sua cintura e a penetro com força.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Você quer gozar, sua megera? — murmuro, mordiscando sua orelha.

— Então goze ouvindo isso: Eu te amo, Lívia. Eu te amo pra caralho, Li…

Porra… Eu te amo. — E, com essas palavras, nós dois chegamos ao ápice ao mesmo tempo.

Ela me abraça forte, respirando com dificuldade, o rosto escondido na curva do meu pescoço. Afago suas costas, beijo sua têmpora, também arfo, mas encontro forças para nos levantar e levá-la para cama, deito-a, fico por cima, moderando o peso do meu corpo sobre o dela para não sufocá-la. Ela me afaga no rosto, sobre

a barba; sorrio, acaricio seus cabelos amarelos.

— Você é incrível, sabia? — me diz, se ajeitando sob meu corpo, como se me quisesse para aquecê-la. — Como vamos fazer com a escolha do nome do bebê?

Olho no fundo dos seus olhos, continuo acariciando seu rosto e cabelo.

— Menino, eu escolho; menina, você escolhe.

— Não… eu quero escolher, seja menino ou menina. — protesta, escorregando seu indicador pelo meu tórax.

— Ah, isso não é justo.

— Claro que é. Já escolheu o nome da Lara.

— Você escolheu o do Enzo.

— Tecnicamente, foi seu irmão.

Rio pouco e a beijo.

— Por que não tentamos entrar num acordo? Pelo menos, se for um menino.

— Não. Tenho um nome em mente e não vou mudar de ideia.

— Que mulher inflexível. — Dou uma chupada em seu pescoço. Ela ri e me adverte. Não quer marcas roxas na pele. — E que nome seria esse?

— Augusto.

Olho para ela, um sorriso se formando lentamente em mim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Se eu te contar ser esse o nome que eu escolheria, você acredita?

— Mentira!

— É sério. Se lembra do sonho com Sophie, quando estávamos viajando? — Ela anui, ainda brinca com a pele do meu tórax. — Bem, você estava nele… estava grávida. Era um menino, e a gente o chamava de Augusto. Gostei do nome.

Ela ergue o olhar pra mim, sorri lindamente, os lábios naturalmente rosados, os olhos castanhos brilham encantadoramente.

— Tive um sonho parecido, mas ele já era um bebê nascido… — Lívia faz uma pausa, agora brinca com meus bíceps. — Tinha os seus olhos, e o seu cabelo. O seu gênio também, teimoso feito porta.

Gargalho alto e saio de cima dela. Lívia deita sobre meu peito, enrosca suas pernas nas minhas.

— Bem, então estamos resolvidos? Se for um menino, se chamará Augusto? — ela me pergunta, dedilhando minha virilha.

— Sim, e que tal mais uma tentativa?

— Só se for no chuveiro.

— É você quem manda, senhora Hauser. — Levanto-me e puxo pelos punhos para arrastá-la até o banheiro.

Convencida, ela gargalha e diz:

— Eu sei, senhor Diniz.

É mesmo uma megera.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

31

RECOMEÇO PARA TODOS

Lívia

ACOMPANHO AS CRIANÇAS ATÉ O QUINTAL.

Alfredo acabou de chegar gritando para os quatro cantos que trouxe uma surpresa. Enzo é o primeiro a disparar, e Lara, segurando uma mamadeira de suco, sai correndo em suas perninhas.

No lado de fora, vejo dois filhotes de labradores cambaleando nas quatro patas no nosso gramado. Enzo já está segurando um deles (com lacinho azul), sorrindo largamente e brincando com o filhotinho. Lara grita estridentemente, corre para pegar o cachorrinho de lacinho rosa — uma fêmea — e senta-se de qualquer maneira para acarinhar o animalzinho.

Alfredo os observa sorrindo largamente, conversando com eles, perguntando se gostaram. Ele me olha e vem até mim, recebendo-me com um beijo profundo.

— Um casal de labradores?

— Sim… Em pelo menos alguma coisa Victória tinha razão: faltava um cachorro pra completar nossa família e felicidade.

Sorrio para ele, acariciando seu peito e afrouxando sua gravata vermelha.

— Você não existe.

— Claro que existo. Estou bem aqui. — responde, sorrindo e me roubando outro beijo.

Voltamos às crianças. Enzo agora corre pelo gramado, o filhotinho
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

corre atrás dele, latindo, gostando da brincadeira.

— Precisamos escolher um nome para eles! — Enzo diz, todo agitado, voltando com o cachorrinho nas mãos.

Reunimo-nos nós quatro no jardim, sentando em um círculo. Alfredo precisa pegar a femeazinha de Lara, pois ela, inocentemente, está a machucando com suas mãozinhas e excessos de carinho. Mas logo ela começa a chorar, então ele lhe devolve e a diz para tomar cuidado para não machucá-la.

— Já tem um nome em mente, Enzo? — Alfredo pergunta, vigiando Lara com a cadelinha nos bracinhos.

Enzo pensa um instante, afagando os pelos amarelados do labrador também em seu colo.

— Pensei em Spike. — responde.

— Spike é bacana! — Alfredo concorda. Passa a mão na pelugem do filhotinho e fala com ele. — Você gosta de Spike? — E como resposta, recebemos um latido. Rimos juntos, animados e surpresos com a inteligência do cachorrinho. Ele parece mesmo ter nos entendido.

— Ele gostou de Spike. Terá de cuidar muito bem dele, Enzo. —

pronuncio, acarinhando também o filhote.

Enzo afirma positivamente, também animado, já fazendo planos de passear, pintar uma plaquinha com o nome do filhotinho para colocarmos em sua casinha. Pergunta-nos se seu novo amiguinho pode dormir com ele em seu quarto. Sou contrária a isso veementemente, mas não por muito tempo.

Enzo é insistente e garante limpar toda e qualquer bagunça do labrador.

Alfredo apoia a ideia do filho, desde que ele cumpra com as promessas de manter tudo limpo.

— Podemos adestrá-lo pra fazer suas necessidades aqui fora e na caixa de areia — e a ideia deixa Enzo muito agitado. Ele corre até o pai para abraçar e beijá-lo, agradecendo-o infinitamente pela surpresa. Enzo se senta entre as pernas de Alfredo e continua brincando com Spike.

— Certo, agora temos de escolher o nome dessa belezinha aqui — digo,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

pegando a labradora e trazendo Lara junto para meu colo.

— Deixe Lara escolher — Enzo sugere.

— Você quer escolher o nome da sua cachorrinha, Lara? — pergunto à pequenina, e ela se agita em um sonoro “Sim, mamãe!”.

Ela pega a cachorrinha pelas patas traseiras, nos fazendo rir muito, e a ajeita em seu pequenino colo. Acaricia as pequenas orelhas do animal e diz:

— Lola.

— Lola e Lara. Uma ótima dupla — Alfredo zomba.

Passamos um bom tempo brincando com os filhotes e com as crianças.

É um sábado quente e ensolarado, e, enquanto os três brincam, vou buscar Ana Beatriz, a pedido de Enzo, para passar o fim de semana conosco. Logo, as três crianças estão correndo pelo jardim, os pequenos labradores correndo atrás e latindo. Alfredo reúne os três para pintarem uma plaquinha com o nome dos labradores. Enquanto Enzo faz uma plaquinha singela e sem muitos ornamentos na de Spike, Ana pinta arabescos, florezinhas e coraçõezinhos rosa na de Lola.

Agora, pela janela da cozinha, preparando um lanche para Enzo e sua amiga (Lara sucumbiu ao sono vespertino), observo os dois sentados ao longe, cada um com um cachorrinho nos braços, acariciando a pelugem deles, conversando, rindo e se interagindo, ainda sujos de tinta. É uma amizade forte entre os dois, e eu penso que Enzo sente algo a mais por Ana. Ele a olha de uma maneira diferente, e o fato de ter sido suspenso por ter brigado na escola para defendê-la reforça meus sentidos aguçados de mãe.

Alfredo surge pela porta, veste uma regata azul-marinho, deixando os bíceps fortes à mostra, calça moletom branca e tênis, carrega pregos e martelo nas mãos, que deixa num canto qualquer. Ele se aproxima e bebe um copo de água gelada.

— Terminou? — pergunto, acabando de colocar os sanduíches na cesta.

Alfredo se encarregou de pregar as placas nas casinhas e levá-las para o quarto de Enzo e de Lara.

— Sim. A casinha já está no quarto deles.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não se esqueceu das caixas de areia, não é? De sujeira, já basta a do Enzo e da Lara.

Alfredo ri e me abraça, roubando uma maçã da cesta.

— Sim, não se preocupe, senhora Hauser.

— Sabe, também, se Enzo não limpar a sujeira do Spike, você limpa?

Ah, e como Lara não tem idade, você limpa a sujeira da Lola.

Ele me segura pelos ombros e me vira para ele. Sorri feito um canalha.

— Sim, senhora, eu sei disso tudo. Mais alguma exigência, senhora Hauser? — responde, como se fosse um empregado. Estapeio seu peito forte.

— Leve o lanche para as crianças. — E estico a cesta para ele. Alfredo fecha a cara de uma forma engraçada, pega a cesta da minha mão e bufa. —

Não antes de me dar um beijo. — Puxo-o pelo punho e roubo um beijo gostoso dele.

Alfredo deixa a cesta sobre a bancada da pia, segura em meu rosto e aprofunda mais nosso beijo, encostando-me contra o balcão e aspirando fortemente todo meu ar. Sinto sua ereção crescer e o afasto, rindo. Olho para baixo, a calça de moletom deixa visível a saliência em sua cueca.

— Alfredo! — o advirto, e ele se escarnece em gargalhadas.

— Não posso fazer nada se você me excita.

— Fique aqui — ordeno, o empurrando. — Não pode ir lá fora assim.

— Aponto para suas calças, pego a cesta e o deixo sozinho.

Enzo e Ana se animam com o lanche, estão esfomeados, mas os faço esperar até estar tudo devidamente sobre a toalha xadrez, e eles, de mãos limpas. Resmungando, Enzo corre até a cozinha lavar as mãos antes de comer, junto com Ana. Os dois retornam, sentam-se em torno da toalha com o pequeno banquete:

há um bolo retangular, sanduíches, maçãs, suco e biscoitos. Os labradores ficam em cima, e os dois também os alimentam.

Enquanto volto para dentro, vejo-os começarem a comer, tão animados, brincando um com outro, em meio às risadas e alguma conversa sobre jogarem algumas partidas de Uno mais tarde no quarto dele.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo ainda está na cozinha, terminando de comer a maçã roubada da cesta, olhando para os dois através da janela de vidro. Ele me vê entrando, e então abre um sorriso encantador. Faz um movimento de cabeça apontando os dois lá fora:

— Um dia ainda se casam?

Aproximo-me dele e o abraço pela cintura.

— São só amigos, Alfredo.

Ele não responde, continua olhando lá fora, mastigando sua maçã. Um minuto depois, ele diz:

— Estava pensando em ir até a casa do caseiro, saber como Joel está…

sabe? Se se habitou ao lugar, se precisa de alguma coisa.

Joel está empregado há quase um mês como caseiro. Mudou há algumas semanas para cá, na dependência. Ele é quieto e reservado. Vez ou outra, o vejo caminhando pelo jardim, cuidando das flores, podando-as, aguando-as ou, quando encontra um espaçozinho, plantando outras mudas; fazendo reparos no *playground* de Lara, limpando a piscina, as calhas da casa. É um bom homem, em todos os sentidos. Um funcionário com iniciativa… no outro dia o procurei para lhe pedir para, quando tivesse um tempo, limpar a churrasqueira e desentupir o cano da pia da área de lazer.

Pois bem, ele já havia feito os dois.

— Deveria ir — incentivo-o.

— Vem comigo?

— Lara pode acordar.

— Bem… temos dois quase adultos ali, eles podem ficar de olho na pequena, caso ela acorde.

Com um suspiro, concordo. Não consigo negar um pedido de Alfredo quando ele curva os lábios num sorriso cretino. Incumbimos os dois quase adultos a ficarem espertos com Lara dormindo e vamos até a casa do caseiro, não muito distante.

Caminhamos de mãos dadas pelo pequeno bosque atrás da nossa casa, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

numa trilha fechada pela mata local, íngreme, enquanto Alfredo falando sobre como Joel também é empenhado na Fundação, aonde ele vai três vezes por semana. Andamos por cerca de um quilômetro. Quando estamos nos aproximando, vemos algumas coisas pelo lado de fora da casa, roupa no varal, tapetes estendidos, uma música suave soando, alguma melodia antiga dos anos 60.

Joel está de folga hoje — ele descansa aos sábados e aos domingos —, e sua casa parece movimentada.

Ainda mais perto, vemos uma mulher na varanda da casa, sentada numa cadeira de balanço, tricotando. Olho para Alfredo, ele me olha, também surpreso pela mulher ali. Joel sai um segundo depois, tem uma forma na mão.

A mulher olha para a forma e acena em positivo.

— Seu Joel? — Alfredo chama, e ele se vira para nós, surpreso com nossa chegada. A mulher parece se encolher na cadeira, parando de tricotar no mesmo instante.

— Seu Alfredo… — exclama, visivelmente desconcertado com nossa presença. — Ah… o senhor precisa de algo?

Alfredo e eu damos uma olhada rápida pelo local. As roupas no varal

— masculinas e femininas —, os tapetes estendidos, o cheiro de algo sendo assado ou cozido vindo de dentro da casa. Bom… parece que Joel arrumou uma companheira.

— Não. Na verdade, vim saber como está. Se você precisava de alguma coisa… sabe? Achei que um homem sozinho não se sairia muito bem com coisas domésticas. Me enganei, suponho — responde, sorrindo amigavelmente, olhando de relance para a mulher ainda sentada na cadeira,.

Joel olha para a mulher, está sem-jeito. Com um movimento de cabeça dele para ela, ela se levanta, deixando o tricô na cadeira e dando um passo à frente.

— Essa é Mercedes… mãe das minhas filhas. Mercedes, esse é o seu Alfredo, meu patrão, e a esposa dele, a senhora Lívia.

Alfredo dá um passo à frente para cumprimentar a mulher com um aperto de mão forte, e ele está realmente surpreso com a revelação. Ele me NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

contara que Joel era divorciado, a esposa o deixara um tempo depois do acidente porque Joel ainda bebia muito. Eu também a cumprimento, mas os advirto por me chamarem de “Senhora Lívia”. Somente Lívia é o suficiente.

— Ah, sim… Mãe da Eduarda, Isadora, Mariana e Mirela; estou certo?

— Sim, senhor Alfredo. Muito obrigada por ter dado uma chance a elas. Mirela está adorando trabalhar no seu café. A Duda e Ma estão amando o estágio que o senhor conseguiu para elas lá na sua empresa.

— Eu fico realmente feliz em ouvir isso.

Mercedes volta-se para a cadeira, pegando seu tricô, e diz:

— Joel me disse que vocês têm uma menininha de dois anos. Estava aqui tricotando algo para ela. Uma blusinha. Espero não ter abusado.

— É claro que não, dona Mercedes — respondo, saindo dos braços de Alfredo para pegar a peça tricotada que Mercedes estica para mim. A lã é fofinha e de

ótima qualidade, a cor uma mescla de rosa e lilás. — Querido, olhe isso. É tão quentinho para os dias frios.

Alfredo se aproxima mais, toca a pequena peça.

— É lindo; Lara vai adorar. Muito obrigado, dona Mercedes.

— Ainda não acabei, mas quando acabar, peço para Joel levar para o senhor.

Alfredo sorri com satisfação, realmente feliz com o zelo de Mercedes, e acena em positivo. Olha para Joel que, apesar de um sorrisinho tímido, permaneceu em silêncio.

— Estão se entendendo?

Joel avermelha-se, como Mercedes. O Cretino não sabe ser discreto.

Joel e Mercedes trocam um olhar envergonhado, como se nem eles soubessem como está caminhando a relação deles.

— É… bem, estamos tentando isso. Ela virá aqui somente aos fins de semana, um sábado ou outro, não se preocupe…

— Por que me preocuparia? Se vocês se acertarem, a casa é grande,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

tem espaço para você, Mercedes e suas filhas. Pra sua família, Joel…

Poderiam se mudar para cá. E pra não deixar a casa de vocês vazia, podem alugá-la, ter uma renda extra.

Joel olha outra vez para a ex-esposa, ou futura-esposa-novamente, pigarreia um instante.

— O senhor não se importaria?

— De forma alguma. Eu ficaria feliz se sua família estivesse aqui com o senhor.

— Obrigado… — ele balbucia na resposta. — Nós iremos pensar na

possibilidade.

— Não seja mal-educado, Joel. Convide-os para tomar um café conosco. — Mercedes intervém, lhe cutucando as costelas, ele ainda segura a forma na mão. — Fiz um bolo, está uma delícia. Deveriam entrar.

Ele nos convida para tomarmos um café, e aceitamos. Temos um momento bacana com Joel e sua… — futura-esposa-novamente? — com Mercedes. São realmente pessoas humildes, bem-humoradas, simpáticas ao extremo. Mercedes me deixa sem-jeito quando me mostra outras duas blusinhas para Lara, já tricotadas, uma delas, inclusive, tem um bordado à mão de uma princesa. Alfredo protesta quando tomo mais de uma xícara de café — ele anda insuportável com a minha cafeína desde quando Sandra me aconselhou a diminuí-la para facilitar a gravidez.

— Estão planejando um terceiro bebê? — Mercedes indaga, os olhos brilhando. Por que já posso prever um enxoval inteiro de pecinhas amorosamente tricotadas?

— Sim. Queremos um segundo menino agora. Só temos Enzo, e já está moço, e eu já tive duas meninas. — Alfredo responde. — Precisamos de mais homens naquela casa.

Há um silêncio insólito e quase sepulcral pairando sobre nós por um instante no momento dessas palavras. Joel abaixa a cabeça, entrelaçando os dedos. Mas Mercedes logo quebra a tensão falando sobre como é ter quatro meninas. Quase uma hora se passa sob conversas agradáveis e risadas sinceras. Só então percebemos que já devíamos ter voltado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Despedimo-nos do casal e retornamos para casa, o entardecer trazendo a brisa fria. Guardo com carinho as blusinhas tricotadas por Mercedes na gaveta de Lara, separando uma para usá-la quando a pequena sair do banho, que Alfredo está dando nela agora, provavelmente fazendo uma bagunça no banheiro, pelas risadas despontando de lá de dentro.

Depois do jantar, puxo a cama-auxiliar no quarto de Enzo para Ana Beatriz

dormir. Spike já está na sua casinha, intocado, dormindo. Eles se aprontam para também dormirem. Beijo cada um deles, desejo boa-noite e apago os abajures.

Volto para meu quarto, Alfredo está deitado, a tevê ligada, mas seus olhos presos à parede de frente para nossa cama, a mesma parede que

“pintamos” jogando bexigas cheias de tinta. No rodapé, é possível ver as duas mãozinhas de Lara, a marca da pequena. Aliás, ela está deitada em seus braços, a mamadeira na boca, sugando, mas os olhinhos fechados, já sendo derrotada pelo sono.

Deito-me depois de vestir uma roupa para dormir. Alfredo está cheiroso. Lara fica entre a gente. Já terminou de mamar; Alfredo põe a mamadeira no criado-mudo, e então me olha:

— Uma das minhas maiores felicidade — começa, falando baixinho para não despertar a pequena — é acordar todos os dias olhando para essa parede. Foi um dia divertido, não foi?

— Um dos mais alegres — concordo, também sussurrando.

E então ele continua olhando para a parede, sorrisinho feliz e meigo.

Tiro a mamadeira de Lara, acaricio seus cabelinhos.

— Vou levá-la para o quarto dela…

— Deixe-a dormir aqui essa noite.

— Não vai querer fazer amor? — pergunto, olhando-o com curiosidade.

— Tenho as duas mulheres que mais amo na vida aqui comigo. Há coisas mais incríveis e gostosas além de sexo, Li.

Não respondo com palavras. Sorrio. Apago as luzes e a tevê. Viro-me
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

de lado, de frente para Lara, e Alfredo se deita de frente para mim. Sinto o calor

do corpo deles me aquecendo. Sinto sua mão me afagando no rosto, me embalando vagarosamente para um sono tranquilo, profundo e cheio de amor.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

32

BEIJO ROUBADO

Alfredo

ELA TEM AQUELE OLHAR DE MULHER MISTERIOSA.

Lívia está com as mãos para trás, escondendo alguma coisa, descendo vagarosamente a escada. Dou apenas um passo para frente, querendo ir ao seu encontro, mas Lívia está atenta aos meus movimentos e volta dois degraus, erguendo um indicador em forma de advertência.

— Ah-ah! Nem pensar, senhor Diniz. Fique quietinho aí.

— Porra… é uma surpresa, certo, já entendi. Mas me diga o que é, pelo menos.

Acordamos há pouco, tomamos café da manhã juntos, conversamos.

Enquanto a ajudava com a louça, ela me disse haver uma surpresa pra mim.

Eu quis saber o que era, lógico; então Lívia me pediu para esperar na sala enquanto buscava a surpresa. Agora, aqui estou eu, esperando, enquanto ela desce as escadas, escondendo as mãos atrás dela, bem devagar para me provocar.

— Tenha paciência, Alfredo — diz, me provocando.

— Eu sou ansioso, sabe disso.

Lívia ri graciosamente e, por fim, chega-se até mim, me olhando nos olhos. Traz as mãos para frente, me mostrando um envelope pequeno e quadrado. Ela abre um sorriso enorme balançando o envelope na frente dos meus olhos.

— Adivinha o que eu tenho aqui… — enuncia, como uma menina sapeca, ainda

o balançando na frente dos meus olhos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Quase involuntário, minha boca se curva em um sorriso, já imaginando o conteúdo do envelope. Tento pegá-lo, eufórico, mas ela se afasta um centímetro.

— Se acalme, Alfredo. Eu disse para adivinhar.

— Fácil. É um teste de gravidez. Deu positivo? Oh, meu Deus! Deu positivo, não é? — digo, agitado, e Lívia ri ainda mais. — Porra, Li, deu positivo?! — Pego-a pela cintura e a giro, Lívia ainda gargalhando. Encho-a de beijos, enquanto ela tenta me afastar.

— Alfredo, calma…

— Precisamos marcar uma consulta com a gine…

— Não é um teste de gravidez, querido — interrompe-me, suavemente.

Olho para ela, um pouco desnorteado e frustrado ao mesmo tempo. — Sei como está ansioso por outro bebê, mas, por ora, não é um teste de gravidez positivo.

Suspiro, decepcionado, e cruzo os braços na frente do tórax.

— Então o que é?

— Adivinhe. — insiste, balançando seu corpo vagarosamente para frente e para trás na ponta dos pés.

— Não tenho a mínima ideia. Nada me faria tão feliz, além de um teste de gravidez positivo, e caberia num envelope.

Ela sorri mais uma vez, convencida. Pega na minha mão e deposita o envelope.

— Tem certeza? Abra-o, então. Tenho certeza que ficará tão feliz como se fosse um teste de gravidez.

Olho para o envelope na minha mão e duvido muito das suas palavras.

Suspiro e o abro. Há um papel delicadamente dobrado, parece esverdeado.

Olho para Lívia, ainda sorri encantadoramente. Tiro o papel e o desdobro vagarosamente. É uma certidão de nascimento. A certidão de nascimento do Enzo. Torno a olhá-la, confuso.

— Lívia… é só… é só uma certidão de nascimento.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Dê uma olhada na filiação, querido — incentiva-me.

Rolando os olhos, desço até a parte da filiação, ignorando data, hora e local de nascimento.

ENZO DINIZ HAUSER

FILIAÇÃO: Pai Socioafetivo: HENRIQUE SAYMON HAUSER, natural de São Paulo – SP.

Pai biológico: ALFREDO JOSEPH DINIZ HAUSER, natural de São Paulo – SP.

Mãe: LÍVIA LAURA DINIZ HAUSER, natural de São Paulo – SP.

Preciso ler duas vezes para entender o que tenho em mãos. Pestanejo, lendo outra vez a informação.

Pai biológico: ALFREDO JOSEPH DINIZ HAUSER, natural de São Paulo – SP.

— Ah, meu… Deus — murmuro, incapaz de explicar a felicidade crescendo em mim. — Ah, meu Deus… Li. — E então olho para ela.

— Agora, diante da lei, você também é pai do Enzo. — me diz, sorrindo pequeno.

Avanço sobre ela e a beijo profundamente, emaranhando meu dedo por seus cabelos. Não sou capaz de segurar um sorriso largo enquanto a beijo. E a megera tinha a razão. Estou tão feliz quanto se fosse um teste de gravidez.

— Que surpresa maravilhosa, Lívia… — sussurro em sua boca. — Eu nem sei… Deus, estou tão feliz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia me acaricia no rosto, em cima da barba, com um sorriso meigo em seus lábios.

— Venho trabalhando nisso há uns dias. Quis te fazer uma surpresa.

Gostou?

— Se eu gostei? Lívia, pelo amor de Deus… era tudo o que eu mais queria desde… desde que soube da paternidade de Enzo. Sabe disso, não sabe?

— Sim, eu sei, meu amor. Agora você, oficialmente, é pai do Enzo.

Parabéns, querido.

Não a respondo com palavras. Pego-a no colo, ela ri, delirante, e invado sua boca, sugando todo seu ar, beijando-a com intensidade. Subo as escadas com ela, Lívia protesta, diz que precisa fazer coisas… Ah, mas ela vai transar comigo antes. Ah, vai!

— Precisamos comemorar esse feito, amor. — alego, abrindo a porta com os pés e depois a fechando. — Vamos aproveitar que Enzo está na escola, e Lara com dona Mercedes experimentando mais uma porção de casaquinhos de tricô… — Deito-a na cama, viro-me para guardar a certidão ainda entre meus dedos, então ela se aproveita dessa brecha para fugir de mim.

Tento pegá-la, mas ela pula e corre, conseguindo se desviar, entra no banheiro e tranca a porta.

— Abra a porta, Li! Porra, eu já estou excitado. Não me deixe trabalhar excitado!

Ela não responde. Ouço a água enchendo a banheira. *Maldita megera.*

Então a porta se abre, ela já está nua, e eu venero seu corpo perfeito por um instante antes de entrar e avançar sobre sua boca. Ela retribui, mas logo me afasta para entrar na banheira. Lívia me olha, brincando com a espuma, de forma sedutora.

Aproximo-me e me agacho ao seu lado, vendo as pequenas ondas formadas pelos movimentos de seus braços baterem no seu colo, escondendo um pouco seus seios. Coloco a mão na água, sem me importar em molhar a barra da camisa, e passo a mão pelo seu abdômen, desço vagarosamente até

sua intimidade; ela sorri e geme quando toco seu ponto sensível e depois a penetro com dois dedos. Ela fecha os olhos, suspirando, enquanto continuo com os dedos dentro dela, sentindo a umidade de sua vagina — excitação e água da banheira —, movimentando-os vagarosamente. Lívia se inclina pra trás, os cabelos molhando-se pouco a pouco, a boca entreaberta para grunhir baixinho de prazer. Sem tirar a mão dela, inclino-me para beijá-la, então ela se agarra aos meus braços, meus dedos ainda a penetrando, cada vez mais forte e rápido, e Lívia me beija com intensidade como se esse fosse o nosso último momento juntos. Seu corpo estremece, então, eu sei: ela está gozando.

Ela me olha, sorrindo, cansada, os cabelos desgrenhados e molhados.

Tiro minha roupa e entro na banheira com ela. Lívia monta sobre meus quadris; a essas alturas estou excitado ao extremo, e então fazemos amor lentamente.

Um leve lance de batidas na porta tira a minha concentração. Estou no escritório de casa, resolvi trabalhar por aqui hoje. Ergo os olhos, dizendo um

“*entre”* , e, depois de conferir as horas — 14h30min —, torno a olhar para os papéis em mãos, batendo os dedos na calculadora ao meu lado. Enzo entra, o violão dentro da capa escorado aos seus ombros.

— Atrapalho, pai?

— Claro que não, Enzo — respondo, anotando o resultado dos cálculos no rodapé de uma folha qualquer. Olho pra ele, já sentado na minha frente.

— Pode conversar comigo um minuto, antes de eu ir pra aula de violão? — pergunta, parecendo um pouco encabulado.

— Claro, filho. — Afasto os documentos, deixando-os de lado, e lhe dou atenção. — Sobre o que precisa conversar?

Enzo tira o violão dos ombros, deixando-o ao seu lado, então ergue o olhar, ainda com a postura de quem parece envergonhado, talvez medindo as palavras.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Pode me contar como foi a sua… hã… bem… primeira vez?

Olho para ele, um pouco surpreso pela sua pergunta. “Primeira vez”, sei exatamente o significado, mas, por um instante, penso que ele está falando sobre andar de bicicleta sem rodinhas, e não de sexo.

Pigarreio, limpando os lábios com a mão, pensando nos motivos de ele em me fazer tal pergunta. É estranho. Até ontem Enzo só tinha nove anos, e também porque nunca pensei em ter uma conversa desse nível com ele.

Antes de qualquer resposta, pergunto:

— Está planejando ter a sua primeira vez… ou já teve?

Enzo morde os lábios e desvia os olhos; o movimento é tão idêntico ao da mãe

dele.

— Eu já… tive. E a segunda… e a terceira…

Bem… outro pai soltaria fogos de artifício. Mas não eu. Estou mesmo perplexo. Ainda não me habituei ao fato de Enzo estar crescido, um adolescente, já na puberdade. Apesar das mudanças físicas: a voz mudada, os ombros mais largos, a altura — Deus, ele era um tampinha quando o conheci

—, pra mim é como se ele fosse aquela criança hiperativa de nove anos que, quando me via, vinha correndo me abraçar pela cintura.

— Bem… — limpo a garganta. — Foi horrível, se quer saber — digo, finalmente conseguindo respondê-lo. Enzo ri um pouco e pergunta por quê.

— Por muitos motivos, tínhamos cabulado aula, começou a chover, a garota parecia não estar muito a fim… Então, bem, a terceira vez foi melhor do que as duas anteriores.

Ele abana a cabeça, segurando a risada.

— E quando aconteceu?

Penso um segundo.

— Tinha a sua idade, mais ou menos. Mais pra mais. Talvez 15. É.

Acho que 15. Não me lembro. Jesus, Enzo, tem mais de vinte anos, não espere que eu lembre, sim?

Enzo gargalha mais, afirmando.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não foi especial de alguma forma? Sei lá, dizem que quando a primeira vez é muito boa ou muito ruim, a gente se lembra.

— Ah, isso é papo! Eu me lembro de ter sido horrível, mas… a idade, exatamente? Impossível. Pelo menos pra mim.

— Certo. — diz apenas.

— Me conte agora. Quando isso aconteceu, Enzo?

Ele me olha, um pouco cabisbaixo.

— Precisa me prometer duas coisas. Um: não vai se zangar. Dois: não vai contar pra mamãe.

— Por que não contar para a sua mãe?

— É constrangedor. Ela ainda me vê como um menininho. —

resmunga, me fazendo rir.

— É, sei como é.

— Vovó soube quando começou a… fazer sexo?

— Soube — afirmo, rindo um pouco com a lembrança. — Eu fui descuidado, deixei um preservativo debaixo da cama, ela encontrou… e, bem… você imagina a ladainha que eu levei. Mas ela ficou feliz que, ao menos, eu me cuidava. Isso aconteceu quando já estava ativo, digamos assim, mas não tinha nem um ano desde a primeira vez.

— Foi constrangedor?

— Muito. Certo. Eu te entendo. Não vou contar pra sua mãe. Não por ora. — Enzo concorda. — Agora me diz.

— Certo. Não se esqueça: não vai se zangar. Aconteceu aqui em casa

— revela, e eu já estou prestes a soltar um “ah, meu Deus”, mas ele se apressa em dizer: — Prometeu não se zangar.

— Não estou zangado… Eu…

—… e foi com a Ana, naquele fim de semana que ela esteve aqui —

termina, rapidamente, me interrompendo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Encaro meu filho por um instante, digerindo a informação passada.

Sempre notei um carinho especial dele por Ana, diferente, e desconfiava que ele gostava da garota. É, estou zangado por ele ter feito isso aqui, mas…

porra, que lugar mais ele faria? Esqueço-me das minhas preocupações com isso e volto a conversar com ele. Enzo conta como aconteceu e também confessa ter sido algo planejado (o danado roubou um preservativo meu quando saí com Lívia até a casa do Joel), e também as demais vezes, ocorridas também com Ana. Aos poucos, eu vou me habituando com essa ideia de Enzo começar uma vida sexual. Conversamos por bastante tempo, e, claro, lhe dou alguns conselhos.

Fico feliz de Enzo ter vindo falar comigo sobre isso. De alguma maneira, eu senti falta de falar com alguém sobre o assunto quando na idade dele, quando comecei a fazer sexo. Falar com mamãe era constrangedor, apesar de as conversas com ela sobre isso terem sido todas confortáveis, mas acho que teria gostado mais se meu pai estivesse vivo para tal.

— Tem mais uma coisa… — Enzo continua. — E precisa me prometer ainda não ficar bravo.

— Não me diz que transou com a Ana no meu quarto, Enzo. —

murmuro, fechando os olhos.

— Não. — responde, aos risos. — Mas eu conversei com o papai antes, sobre isso. Como passei o último fim de semana lá com ele, bem… eu acabei comentando com ele primeiro.

— Sem problemas, filho.

— Ah, a Ana pode vir aqui esse fim de semana de novo?

— Vou precisar esconder meu estoque de camisinhas?

— Não, pai! — E gargalha.

— Tudo bem. Depois da aula de violão, passe no Avenue pra buscarmos a Ana. Vou pra lá agora levar esses documentos.

Na saída, encontramos Lívia com Lara no colo, a fazendo dormir. Ela olha pra nós dois, inclinando levemente sua cabeça. Trocamos um olhar confidente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— O que estão escondendo de mim? — pergunta, como se fosse uma vidente.

***

Conseguimos dobrar Lívia com uma mentira inocente. Enzo ainda se sentia constrangido sobre o assunto, e eu respeitaria, por ora, seu pedido de não contar nada à Lívia.

Vou até o Avenue para resolver mais algumas questões burocráticas e terminar os cálculos interrompidos com a chegada de Enzo. Outra vez sou tirado das minhas concentrações com um bater na porta. Ergo os olhos, a parede de vidro perto da porta me da uma visão parcial de quem possa ser.

Pelo horário e pelo porte do corpo não é Enzo voltando da aula de violão para buscarmos Ana.

— Entre — digo apenas, e a porta se abre. Quando ela surge, desejo ter ficado de boca fechada.

Angelina sorri sugestivamente, enquanto encosta a porta e permanece perto dela, as mãos para trás.

— Tem um minuto? — indaga, sua vinda aqui sendo um mistério pra mim.

Pigarreio antes de responder.

— Estou ocupado, Angelina. — E volto meus olhos às planilhas e calculadora.

— Vou ser bem rápida, prometo.

Então ela dá um passo à frente, e outro, e outro, até estar perto de mim, me olhando. Delicada, ela se senta numa das cadeiras de frente para minha mesa.

— Certo… o que há? — pergunto, finalmente encontrando os olhos dela.

— Bem… se lembra da minha visita à sua Fundação, um tempo atrás?

— Sim, estava interessada na época em se voluntariar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ainda estou, na verdade. Não o fiz antes por causa dos inúmeros projetos da *Menezzes e Savhoya*. Mas agora, terei um tempo livre. Quero poder ajudar.

— Obrigado, de verdade… passe lá quando quiser, leve seus documentos. A Carina, ou uma das assistentes, vai fazer a sua ficha. —

respondo, cruzando as mãos na frente do queixo. Olho em direção à porta fechada, seguro um suspiro. — Então… se era só isso… bem… hã…

— Calma, Alfredo. — enuncia, rindo, e tenta tocar a minha mão. Com muita sutileza eu consigo me afastar antes de ela conseguir. E Angelina nem parece desconcertada. — Eu não mordo…

— Eu sei… não é isso… é, preciso mesmo terminar isso, sabe? — E

indico os papéis. — Bernardo nem chegou à França direito e tem me pedido os relatórios do café.

— Precisa de ajuda? — oferece-se levantando do seu lugar e contornando a mesa, vindo até mim. — Sou ótima com cálculos e…

Saio do meu lugar e contorno pelo outro lado, saindo do seu alcance.

— Está tudo bem. Já estou terminando. Obrigado.

Ela me olha, inclinando a cabeça um pouco de lado, os cabelos pretos soltos, o sorriso de *“sou meiga e depravada ao mesmo tempo”* estampado no rosto.

— Temos uma amiga em comum. — diz de repente. — Wanessa, conhece? Ela se lembra de você, apesar de tudo — comenta, quase divagando, e vindo sutilmente até mim outra vez. — Quando disse que trabalhei para um “Alfredo Hauser” ela ficou bem eufórica, dizendo que há anos não te via, e vocês tiveram… bem… sabe… algo?

Balanço a cabeça em positivo, calculando mentalmente minha distancia da porta, pronto a abri-la e pedir, educadamente, para Angelina se retirar.

— Claro… Wanessa… sim, me lembro. Eu tinha só uns vinte e poucos anos na época, mas… sim, me lembro. — E forço um sorriso.

Estou a apenas quatro ou cinco metros da porta, penso em dar um passo, mas a essas alturas Angelina está perto de mim o suficiente, no meio NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

do caminho. Penso em passar por ela, mas então ela me diz:

— Diz que te chamava de Alfredinho… e você odiava. — Angelina ri, passando a mão pelos lábios, como se eu estivesse mesmo gostando da conversa.

— *Odeio*, na verdade. — friso, olhando para a porta. — Bem…

então… hum, eu preciso… — no entanto, sou interrompido mais uma vez.

— Vou lhe dizer: senti uma pontada de inveja dela. Ah, sim! Quando me disse sobre os encontros casuais…

Baixo ligeiramente o olhar para olhá-la, nossa diferença de estatura entre vinte e vinte cinco centímetros.

— Angelina… — tento dizer, e nem percebo as mãos dela sobre meu peito, enquanto ela segue dizendo:

— Alfredo… eu gosto de você. Sabe disso, não sabe?

Neste instante esqueço-me de qualquer outra coisa e então noto como Angelina está *muito* próxima de mim, me olhando de baixo para cima, as mãos delicadas

de unhas benfeitas sobre meu tórax.

— Sabe o que eu daria pra ter apenas *um* momento com você? — segue murmurando com a voz doce e afável.

Seguro-a pelos punhos, tirando suas mãos de mim. Abro a boca e penso em lhe repreender, mas Angelina não me dá chances.

— Eu já sonhei com nós dois… fazíamos amor loucamente… e você era tão intenso, Alfredo. E aposto que o é na vida real. Alfredo… — sussurra, mordendo o lábio inferior — despertei desse sonho muito excitada…

completamente molhada por você.

— Angelina, eu sou casado. Por favor, sim? Respeite ao menos isso. —

digo-lhe, afastando suas mãos de mim, ignorando suas palavras absurdas, mas ela consegue me tocar no tórax outra vez. — Não trocaria minha esposa nem por todas as mulheres do mundo.

— Não estou pedindo para trocar nada, Alfredo. Vai ser só uma noite, ninguém *nunca* vai saber. Vai ser o nosso segredo, Alfredo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Aperto seus punhos novamente, sentindo a raiva crescer em mim.

— Não, por Deus, Angelina! — protesto, saindo de seu alcance mais uma vez, evitando a todo custo o contato visual com essa mulher.

— Seja meu só por uma noite, Alfredo… — murmura, vindo até mim, se pondo no meu caminho mais uma vez. — Seja meu só por uma noite…

Seguro-a pelos ombros, sentindo a raiva possuir minha cabeça. Não quero ser estúpido ou grosseiro com Angelina. Mas sua insistência me deixa fora do sério.

— Não serei seu nem por uma noite, nem por um minuto. Agora, por favor, saia da minha sala.

Estou passando por ela, em direção à porta, mas, de repente, Angelina me segura pelo braço e, quando me abaixo para encontrar seus olhos, se ergue nas pontas dos pés e toma uma atitude que me surpreende: me beija.

Ela cola nossas bocas, segurando-me firme pela nuca e movendo seus lábios desesperadamente nos meus. Há uma parte do meu cérebro que, mecanicamente, responde a esse estímulo, e, só por um segundo, eu me vejo separando os lábios e retribuindo seu beijo. No segundo seguinte, eu a seguro pelos punhos e a afasto de mim com um movimento súbito.

Angelina ofega; meu coração bate forte.

— Até agora eu fui tolerante com você, senhorita Savhoya. Mas agora… você ultrapassou todos os limites. Quero que saia da minha sala e nunca mais… escute bem… nunca mais volte a me procurar, entendeu?

Dispenso até sua iniciativa de se voluntariar na Fundação. — digo, controlando-me ao máximo, viro as costas e tento abrir a porta. Está trancada.

Então me recordo de ela ter entrado e ter ficado com as mãos para trás, perto da porta, antes de adentrar a sala. Inspiro fundo, destranco-a e a abro.

Do outro lado, dou de cara com Enzo. Ele parecia prestes a bater quando a abri e me encara com um olhar surpreso.

— Oi… pai. Estou atrapalhando alguma coisa?

Forço meu cérebro a encontrar as palavras do meu vocabulário.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não, não está. Veio mais cedo?

— Alfredo, eu preciso ir — Angelina surge, passando os dedos pelos lábios, limpando a borra do batom. *Droga! Inferno!* Sutilmente passo a mão pelo meu rosto, pressentindo ter uma maldita marca de batom. — Oh, você deve ser Enzo. É lindo como seu pai — dá-lhe um beijo no rosto e então se vai.

— Enzo… — inicio uma tentativa de explicação, mas ele me corta:

— Sim, a aula acabou mais cedo. Imprevisto do professor. Vai recompensar na próxima aula. — responde a minha pergunta inicial, a voz um tom diferente, limpando o beijo de Angelina.

— Certo… eu preciso terminar uma coisa antes… de irmos… buscar a Ana. — Tomo um pouco de fôlego e viro de costas, passando a mão pelo rosto (*Será que tem a porra da marca de um batom aqui?*) . — Vamos assim que eu terminar.

— Ela não vai poder. Vai viajar com a tia — diz, ainda parado no lugar.

Viro pra ele. Enzo parece não ter se mexido um centímetro. — Mas eu quero ir pra casa, então… vou pegar um táxi ou…

— Eu levo você. Aquilo ali pode esperar.

Enzo apenas assente. No carro, sinto uma tensão entre a gente. Tenho certeza de que Enzo está interpretando as coisas de forma errada.

— Olha, Enzo, aquela mulher…

Enzo se vira pra mim bruscamente.

— É sua amante?

— Não! Pelo amor de Deus. Não!

— Vocês se beijavam. — E volta a olhar para fora, vendo a imagem do entardecer correr na frente dos seus olhos. — Eu vi pela parede de vidro quando cheguei.

— Não, Enzo. *Ela* me beijava. Entende?

— Está me dizendo que ela te roubou um beijo?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim.

— Vai contar pra mamãe, não vai?

Pestanejo um segundo, assimilando sua pergunta. Não, eu não vou. Não há necessidade de contar certas coisas à Lívia… e isso é uma delas.

— Vou, claro. — digo, apesar de não ter certeza.

Enzo apenas maneia a cabeça em positivo, ainda não me olha.

Chegamos em casa, ele anda na frente, passos rápidos, cabisbaixo.

Penso em alcançá-lo, chamá-lo num canto, conversar, explicar tudo, mas decido ficar para trás e escolher as palavras para conversar com Lívia sobre esse beijo. Enzo tem razão, preciso contar para a mãe dele. Deus me livre Angelina resolver procurá-la e contar ela mesma.

Mal entro em casa e Lívia já vem ao meu encontro:

— Pode me dizer o que está acontecendo? — Olho para Enzo, no sofá, o rosto contraído, braços cruzados. Lara está no chão, brincando com giz de cera e papéis sulfites. — Enzo chegou estranho e me disse que você poderia explicar.

— Sim, eu posso. — respondo, limpando a garganta. Olho meu filho.

— Enzo, pegue sua irmã e suba para o quarto, está bem? Aproveite e veja se os labradores não fizeram sujeira.

— Não. — retruca, para minha surpresa. Encaro-o, tentando entender se sua resposta foi sobre os cães não terem feito sujeira ou se está se negando a me obedecer. Suas próximas palavras tiram minhas dúvidas: — Não vou subir. Vai mentir pra minha mãe.

— Do que estão falando? — Lívia intervém, nos olhando.

— Eu não vou mentir pra sua mãe. Mas quero privacidade pra conversar com ela sobre isso. Agora, pegue sua irmã e suba para seu quarto.

— Ah, você quer privacidade? — indaga, desviando os olhos e dando uma risada esganiçada. — Privacidade igual àquela com a mulher na sua sala? Até trancou a porta pra ninguém interromper o beijo de vocês.

Fecho os olhos, desejando que essas palavras não tivessem sido NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

proferidas por Enzo. O que há com ele? Sempre fora tão educado e acatado, agora está simplesmente se rebelando contra mim? Abro os olhos e vejo Lívia na minha frente, as mãos na cintura.

— Que beijo, Alfredo?

— Ele estava beijando outra mulher, mãe! — Enzo bufa, a voz alta, agora em pé, apontando o dedo pra mim.

— *Cale a boca, Enzo!* — grito, o olhando por cima do ombro da mãe dele. Vejo Lara se estremecer no seu lugar e se encolher de susto. — *Faça o que eu mandei e suba agora pro seu quarto!*

— Alfredo, se acalma — escuto Lívia, também aumentando a voz.

Viro-me de costas e afago os cabelos, sentindo o nervosismo subir pela minha espinha. Nunca levantei a voz pra Enzo, mas hoje, *agora*, ele está tirando minha paciência. — Enzo, faça o que seu pai está pedindo. — Lívia insiste.

— Não! — teima mais. — Ele vai mentir como quando foi pra França.

O pai está te enganando de novo, mãe.

Volto-me para Enzo, enrugando o cenho. O que diabos ele quer dizer com "… *como quando foi pra França"* ? Os olhos azuis dele encontram os meus, e Enzo parece entender minha confusão, por isso diz:

— No outro dia, ouvi vocês discutindo, era alguma coisa sobre confiança. Aí você disse "… A culpa de você não confiar em mim é só minha. Traí sua confiança há mais de dois anos quando deixei você com meu filho com leucemia numa cama de hospital pra voltar para França e fazer o quê? Trepar com outra mulher."

Aperto a ponte do nariz, já me exaurindo dessa maldita confusão.

— Você mentiu pra mim. — alega, então nos olhamos mais uma vez.

Os olhos dele estão abatidos; e a voz, engasgada. — Me disse que precisavam de um tempo longe, mas você mentiu. Voltou pra França porque tinha uma amante lá! *Deixou a porra do seu filho doente por uma amante!*

— Ah, meu Deus, você está entendendo tudo errado! — Também ergo a voz, enquanto Lívia tenta acalmar nossos nervos e adverte Enzo por seu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

palavrão. — Aquilo… aquilo que eu disse… — inspiro fundo e afago o rosto.

— Olhe, isso não vem ao caso agora, Enzo. Só me obedeça e suba pro seu quarto.

— NÃO! — ele nega mais uma vez, ainda mais alto.

Toda minha paciência então se vai. Dou dois passos à frente, me pondo três metros de distância dele:

— PRO SEU QUARTO, AGORA! — grito, e Lara começa a chorar de medo e de susto. Nunca me viu gritando dessa maneira — ME OBEDEÇA PORQUE EU

SOU SEU PAI!

— POIS EU GOSTARIA QUE NÃO FOSSE! — Enzo devolve.

Raiva e tristeza me sobem à cabeça. Eu nem vejo que dou apenas mais dois passos, irado, Lívia tentando me impedir de avançar, falando-me de Lara assustada e aos choros. Desligo-me do mundo, não ouço Lara chorando desesperada e com medo, nem Lívia me pedindo calma e se pondo no meu caminho, mas eu consigo afastá-la do mesmo jeito para chegar até Enzo e estalar um tapa no seu rosto.

Um tapa tão forte que o derruba no chão.

Só então eu volto ao mundo real e vejo o que fiz.

— Meu Deus… — murmuro, estarrecido com a minha atitude. Tento me desculpar, mas as coisas acontecem rápido demais.

— *O que você fez, Alfredo?* — Lívia grita, assustada, não sabendo se esmurra o meu peito ou se ajuda Enzo a se levantar. — *Bateu no seu filho, seu cretino? BATEU NO SEU FILHO, ALFREDO?*

— Lívia, eu… *eu perdi o controle, ok?*

Ela parece não me escutar. Verifica se está tudo bem com Enzo, vejo resquícios de lágrimas nos olhos azuis dele, então ela corre até Lara, pega-a no colo e tenta acalmá-la.

— Lívia…

— *Cale a boca. Bateu no seu filho, Alfredo!* Meu Deus, como pôde?

Nunca toquei em um fio de cabelo do Enzo, e você… oh, Deus, veja isso, seu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

cretino! — grita mais, apontando o rosto do menino, já avermelhado.

Lívia inspira e expira fundo, abraça Enzo junto do seu corpo e beija o topo da sua cabeça, controlando sua vontade de chorar.

— Eu só queria conversar… eu só…

— Chega, Alfredo… — diz, trêmula, passando com Enzo e Lara por mim. — Não tenho cabeça pra saber de beijo com mulher agora.

— Lívia, me dê um minuto…

— Não, Alfredo! Não quero nem olhar na sua cara hoje! — responde, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Foi capaz de bater no seu filho! Acho bom trocar a roupa de cama do quarto de hóspede. — apenas diz, então sobe com as crianças, se afastando de mim como se eu fosse a porra de um carrasco.

Acordo atordoado com meu telefone tocando. Ainda estou com as roupas do dia

anterior, deitado numa das camas num dos quartos de hóspedes. Lívia fechou-se com as crianças no nosso quarto e não me deixou entrar, me explicar, nem me desculpar. Vencido, vim pra cá, querendo dar um tempo para ela esfriar a cabeça. E pensar que toda essa confusão é culpa daquela vadia da Angelina.

Disperso meus pensamentos. Busco pelas horas. Cinco da manhã.

Lembro-me de ter vindo pra cá às sete. Fiquei sozinho na cozinha, comi sozinho e bebi meia garrafa de uísque sozinho. Lívia desceu preparar o leite de Lara, mas não falou comigo. E eu respeitei seu silêncio. Às sete, eu vim pra cá, me deitei e chorei de raiva até pegar no sono.

— Já vai! — resmungo, sonolento, procurando pelo meu celular. —

Alô? — Atendo quando o encontro, sem nem olhar o identificador.

No outro lado da linha, o idioma é o francês. De uma recepcionista de um hospital em Paris. Uma notícia ruim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Bernardo foi baleado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

33

A DÚVIDA

Lívia

ENZO RESMUNGA A NOITE TODA DE DOR NO OMBRO ESQUERDO.

Por volta de cinco da manhã, resolvo levá-lo ao pronto-atendimento para tirarmos um raio-x. Atravessamos a casa em silêncio, Alfredo deve estar em algum dos quartos de hóspedes, e não quero acordá-lo. Ainda estou ressentida pelo fato de ele ter batido em Enzo. Nem eu nem Henrique nunca tocamos em

um fio de cabelo de Enzo… mas também não o culpo inteiramente. Enzo nunca falou comigo ou com Henrique daquela maneira como falou com Alfredo. Mas, ainda assim, continuo levemente magoada.

Havia outras formas de resolvermos a malcriação de Enzo sem usarmos a força.

Acomodo Lara no cadeirão, ainda dormindo, jogando uma coberta em seu corpinho, enquanto Enzo entra resmungando no lado do passageiro.

Ajudo-o a passar o cinto, e, quando esbarro em seu ombro, ele grita de dor.

— Dói muito? — pergunto, saindo de ré com o carro.

— Sim. Devo ter deslocado quando cai por causa… — Ele faz uma pausa longa. Olha para baixo, respirando com dificuldade. — Do tapa.

Olho para Enzo, agora já no percurso para o pronto-atendimento.

— Você deveria ter obedecido, Enzo. Não dou razão ao seu pai, mas também não dou razão a você.

— Ele ia mentir, mãe, não percebe? — responde, erguendo seu olhar ao meu. — Ele tem uma amante e ia mentir pra você.

Respiro fundo entrando à esquerda. Olho pelo retrovisor, conferindo Lara no cadeirão.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Enzo… nem sempre o que a gente vê é o que a gente pensa, entende?

— Está defendendo o Alfredo?

— Enzo… — repreendo-o por chamar Alfredo pelo primeiro nome. —

É seu pai, não o trate assim. — Enzo não responde, apenas olha para fora, para a negritude da madrugada. — E não estou defendendo ninguém. Você viu seu pai beijando outra mulher… certo. Eu suponho que era uma mulher jovem, mais nova, cabelos pretos…? — inquiro, já imaginando quem possa ser.

Enzo olha pra mim, um pouco surpreso.

— É… ela estava na inauguração do café com aquele seu amigo loiro.

Paro no sinal vermelho, apesar de não ter movimento algum na rua.

Olho para Enzo, segurando o braço esquerdo para amenizar a dor. Enzo não quis falar sobre o episódio de ontem à noite. Depois do tapa forte de Alfredo, subimos para o quarto, e ele ficou na minha cama, quieto, mexendo no celular ou assistindo à televisão.

— O nome dela é Angelina. — digo-lhe. O sinal é liberado, engreno a primeira e saio.

— Você a conhece?

— Sim… E eu não gosto dela, também, se quer saber. Exatamente por ser indiscreta e flertar com seu pai. Mas eu tenho certeza, Enzo… Alfredo nunca se envolveria com ela.

— Você também acha que o beijo foi roubado?

— Você viu seu pai a beijando? Digo… viu ele se aproximando para beijá-la?

— Não. Quando cheguei, já estava acontecendo.

— Então é provável ela ter roubado um beijo dele?

— É… é provável. — concorda, murmurando.

— Viu só? — questiono-o, baixinho. — Se tivesse deixado seu pai me
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

explicar, nada…

—… disso estaria acontecendo. Eu sei. Mas eu fiquei chateado. Eu o vi beijando aquela Angelina, depois me lembrei da discussão de vocês quando ele disse ter ido pra França pra trepar com outra mulher, e eu já estava chateado com outras coisas, então…

— Não use mais esse termo… “trepar”. Ou vou lavar a sua boca com sabão. É o seu segundo palavrão que escuto. — advirto-o, e Enzo rola os olhos de uma forma engraçada. — Com que outras coisas você estava chateado?

— Não é nada.

— Enzo…

— É sério, mãe, estou bem. Tirando essa porra de ombro.

— Enzo Hauser!

Ele agora gargalha alto e tapa a boca com a mão que segurava o braço.

— Quando voltarmos, vamos sentar eu, você e seu pai, e vamos conversar. E *você*, doutor, vai pedir desculpas a ele, não só por ter sido malcriado, mas também pelas suas palavras. Você o magoou. Tudo bem?

Enzo apenas assente e torna a olhar lá para fora.

Continuo nosso percurso até o pronto-atendimento, tentando entender a reação de Enzo ontem, e quais são as coisas que o deixaram chateado. Tenho notado Enzo estranho de uns tempos para cá… um estranho bom, na verdade.

E sei, ele e Alfredo me escondem alguma coisa. Eu vi os olhares segredados um para o outro ontem à tarde, depois de estarem no escritório. Contornaram-me com uma mentira — acreditam nisso —, mas não acreditei em uma só palavra. Mas também não os pressionei a me dizerem a verdade. Se era algum tipo de segredo pai-e-filho, coisas de machos — como diria Victória

— não quis estragar esse momento entre os dois.

Meu celular começa a tocar, de repente, para me dispersar dos meus pensamentos. Preciso fazer uma pequena manobra pra manter os olhos na estrada e uma das mãos no volante para pegá-lo dentro da minha bolsa.

Reconheço o número de casa.

NACIONAIS-ACHEROM

— Alô.

— *Porra, onde vocês estão?* — Alfredo brada do outro lado. —

Procurei pela casa inteira, Lívia. Pelo amor de Deus! Ainda são cinco e pouco da manhã!

— Primeiro, se acalma, Alfredo! Segundo, estou levando Enzo ao pronto-socorro. Ele teve uma luxação no ombro, tenho quase certeza.

— *Como assim, ele está bem? Meu Deus, Li, Enzo está bem? Me diga, ele está bem, não está? Foi minha culpa? Jesus amado, foi* minha culpa?

— Alfredo, se acalma, está bem?! Sim, ele está bem, deve ser só um deslocamento. Não se preocupe.

— *Tem certeza?* — Ele arqueja do outro lado da linha. Parece cansado, como se estivesse fazendo uma maratona, mas também parece perturbado com a notícia. — *Certeza absoluta, Lívia? Deus, eu não vou me perdoar se…*

— Sim, Alfredo. Enzo está bem. Não precisa fazer esse drama todo. —

respondo, mais ríspida do que eu gostaria.

Há um instante de silêncio até ele se pronunciar outra vez:

— *Certo. Escute, aconteceu uma coisa e…* — A ligação fica muda, de repente.

— Alfredo…? Alfredo…? — Olho para a tela do celular. Sem bateria.

— Ótimo. Está com seu celular, Enzo?

— Não, deixei em casa. Por quê? O que aconteceu?

— Não sei. Seu pai parecia agitado, disse que aconteceu alguma coisa, mas não conseguiu terminar de dizer. Vou ligar do hospital quando chegarmos.

A urgência na voz dele me deixa em alerta e também conturbada. Eu faço o resto do percurso duplamente preocupada. Primeiramente com Enzo, resmungando de

dor no ombro. Ele se encolhe dentro do moletom cinza com capuz a cada solavanco do carro. Também preocupada com Alfredo, curiosa em saber o que de tão grave aconteceu para deixá-lo agitado daquela maneira.

No pronto-atendimento Enzo demora um pouco a ser atendido. Apesar
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

do convênio com o hospital, o ortopedista de plantão está em uma emergência, mas nada que ultrapasse vinte minutos de espera. Lara acorda nesse meio-tempo, protestando de fome. Preciso ir com ela até a lanchonete e comprar um *Toddynho* pra acalmar a barriguinha roncando.

O médico apenas sabe se tratar de uma luxação quando olha para o ombro dele, Enzo ainda o segurando porque suspenso lhe causa ondas de dor, mas mesmo assim solicita um raio-x para avaliar melhor a lesão e constatar se há algum outro tipo de dano, além de uma ressonância para verificar os tendões e ligamentos. Os resultados nos mostram nada além da luxação, e isso me deixa aliviada. O médico plantonista quer saber como Enzo conseguiu tirar o ombro do lugar. Ele abaixa os olhos, olhando para as próprias mãos durante um minuto antes de responder:

— Foi na escola, eu acho, jogando basquete com os garotos. — mente, e eu compactuo com sua mentira.

— Vamos ter de colocar no lugar — o doutor diz, se aproximando.

Enzo está na maca em seu consultório, o braço esquerdo pra fora da manga do moletom. — E vai doer um pouco. Você aguenta, não aguenta?

— Sim.

— Bom garoto. — O médico se aproxima, segura-o pelo braço. Vejo Enzo retesar o corpo, como se estivesse com medo da dor. — Vou contar até três antes de colocar no lugar, certo? Feche os olhos e se prepare. Um… três

— sem aviso nenhum, o médico coloca o ombro de Enzo no lugar, fazendo-o gritar de dor.

Lara se remexe no meu colo com sua caixinha de Toddynho na mão, assustada com o grito do irmão. Acalmo-a dizendo que está tudo bem, enquanto o ortopedista pega uma tipoia no seu armário para imobilizar o braço de Enzo.

— Ficará com a tipoia por algumas semanas. Umas duas, talvez um pouco menos. Depois de tirá-la, precisará voltar com os movimentos bem devagar, comece com alongamentos, mas nada muito rígido. Volte aqui dentro de uma semana pra eu te avaliar melhor, certo? — diz o médico, atencioso e amigável, enquanto ajuda Enzo com a tipoia. Depois o ajuda a descer da maca. — Vou te receitar analgésicos e anti-inflamatórios para NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

amenizar a dor. Vai continuar doendo por uns dias — enuncia, escrevendo no receituário. O doutor olha pra mim e me entrega a prescrição, explicando a posologia e os horários a ser usado, em caso de dor.

Agradeço-o pela atenção, e nos despedimos. São seis da manhã, e, depois de passarmos na farmácia do hospital comprar os remédios, atravessamos a recepção para voltarmos para casa. Recordo-me de precisar ligar para Alfredo, mas, como já estamos voltando, deixo para saber o que aconteceu ao chegar em casa. Já estamos vencendo o extenso salão da recepção quando o vejo despontar das portas duplas de vidro.

Henrique vem até nós a passos rápidos, os cabelos estão bagunçados, e os olhos, inchados, como se acordasse há pouco. Estranho sua presença aqui.

— Bom dia — diz grave e rouco, se aproximando de Enzo e avaliando a tipoia em seu braço. — Alfredo me ligou, disse que estavam aqui. O que aconteceu com seu braço, Enzo?

— Ele não te contou? — pergunto, a voz meio ríspida e amargurada.

Sinto-me um pouco mais magoada a cada lembrança do tapa forte em Enzo.

— Não. Estava agitado, atropelando as palavras. Só me pediu pra vir até aqui te avisar. E disse que você explicaria tudo.

— Avisar o quê?

— Ele está indo pra França. Agora. Está indo com um jato particular da Hauser. Ele tentou te avisar, mas a ligação caiu e não conseguiu mais contato.

— França? — indago, sendo brutalmente reportada para a vez em que, numa das nossas crises, ele voltou para a França e tão logo estava trepando com outra mulher. Tento afastar os pensamentos da cabeça. Eu também senti uma urgência em sua voz quando me ligou, e talvez seja realmente algo importante, e ele não está se afastando pedindo um tempo. Até porque não faria sentido ele voltar para França assim, tão abrupto, se não fosse nada além de algo *muito* importante. — O que aconteceu?

— Bernardo, o amigo dele. Parece que foi baleado e está no hospital, nada bem.

— Meu Deus… — murmuro, chocada.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Entendo a razão de terem comunicado Alfredo. Bernardo é completamente sozinho na França desde os vinte e três anos. Teoricamente, Alfredo é a sua única família.

— Alfredo falou mais alguma coisa?

Henrique balança a cabeça em negativo.

— Não. Mas disse te ligar quando chegar à França. Agora, me diga o motivo desse braço imobilizado de Enzo.

Enquanto voltamos para o carro, Enzo permanece mudo e cabisbaixo enquanto eu narro toda a confusão desde o início — do beijo de Alfredo em outra mulher (o pivô disso tudo) ao tapa em Enzo por sua malcriação, o causador da luxação em seu ombro. Henrique também parece surpreso — e quem sabe um pouco irritado — com a agressão do irmão em Enzo, mas não manifesta nada. Talvez também não dê razão a nenhum dos dois. Ele olha para o filho com advertência e lhe dá alguns sermões sobre o ocorrido. Tão diferente da noite anterior, Enzo está acanhado e apenas balança a cabeça em positivo. Acomodo-o no banco do passageiro e Lara no cadeirão. Fecho um pouco a porta para eles não ouvirem minha conversa com Henrique:

— Estou preocupada com Enzo. Ele me disse que estava chateado com algumas coisas. Sabe o que pode ser?

Henrique pensa um instante, olhando para o filho dentro do carro, segurando o braço imobilizado, cabisbaixo, quieto.

— Não sei. Mas vou conversar com ele. Posso passar lá depois do almoço?

— Claro. — respondo, sentindo uma estranha sensação de que Henrique também mantém algum tipo de segredo pai-e-filho com Enzo.

O retorno de volta para casa é feito em silêncio. Enzo e Lara cochilam em seus lugares. No leste, o sol desponta timidamente, quebrando a escuridão da madrugada. Sinto um pequeno incômodo no peito por Alfredo ter partido sem conversarmos, sem nos entendermos. Mas tento não me deixar ficar aflita por isso.

O dia passa de forma pesada. Lara pergunta do pai o tempo todo, Enzo
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

fica recluso no quarto, lendo ou vendo tevê. Henrique vem como o prometido, e os dois conversam a sós. Quero saber se ele conseguiu alguma coisa de Enzo, mas ele apenas balança a cabeça em negativa. No entanto, tenho uma vaga impressão de ele também estar mentindo pra mim.

À noite, por volta das oito, Alfredo me liga. Chegara à França já tinha algumas horas e, mesmo exausto e ainda com a roupa da noite em que agrediu Enzo, está no hospital com Bernardo. Conversamos por uma meia hora, ele me explicando a situação do amigo — grave, dois tiros nas costas

— e como a coisa toda aconteceu. Bernardo estava se envolvendo com uma mulher casada, Ann-Marie, (lembro-me de Alfredo ter comentado alguma coisa), e, logo depois de voltar para Paris, os dois tornaram a se ver, e Ann pediu o divórcio ao marido. O cara não aceitou muito bem o pedido de divórcio, enlouqueceu, e ele sabia que a mulher tinha um amante — só não sabia quem. Seguiu-a, e pegou a esposa na cama com Bernardo, transando —

Bernardo, o dono do café de quem era um cliente fiel. Foi o suficiente para

Antony sacar a pistola e atirar em Bernardo.

— Como sabe de tudo isso se está aí há apenas duas ou três horas? —

pergunto, enrolada em uma coberta no sofá, com uma xícara de chá de camomila nas mãos.

— Já prenderam o marido da Ann. Ele confessou, explicou os motivos.

E também… — Alfredo faz uma pausa, como se precisasse as palavras —

Uma segunda fonte me informou tudo.

— Segunda fonte? Quem?

— Quando vim pra cá, depois de descobrir a paternidade do Enzo, e você veio me procurar para o teste de compatibilidade, se lembra de ter encontrado com uma mulher no meu apartamento?

— Claro, estava trepando nela. — respondo, mais ríspida do que eu gostaria. Arrependo-me instantaneamente e olho para os lados, me certificando em estar sozinha. As crianças não devem ouvir esse tipo de termo.

Alfredo faz silêncio, como se se sentisse culpado por uma coisa acontecida há anos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Pois bem. Avisaram Marie sobre o estado do Bernardo, era o primeiro número de telefone no celular dele nas chamadas recentes. Ela está fazendo companhia a ele, inclusive. Então ela quem me contou essa história maluca logo quando cheguei. Paris inteira já está sabendo do caso.

— Ah. — exclamo, um leve ciúme subindo pela minha coluna. Tento ignorar isso. Essa mulher — Marie — foi só mais um caso de Alfredo, tanto tempo atrás, como metade da França provavelmente foi. Por que sentir ciúmes de um caso do passado?

Alfredo continua falando, me explica como Bernardo e Marie se conhecem — ela o contou. (Deus, como dói imaginar esses dois conversando por horas). E eu me esforço para ouvi-lo. Ao final, torço pela melhora de Bernardo.

— Quanto tempo vai ficar aí? — questiono, pondo a xícara na mesinha de centro.

— Não sei, amor. De verdade. Preciso ficar com ele, me entende? Li, ele ficou comigo quando toda aquela merda na minha vida aconteceu. Eu devo isso a ele, você me entende, não entende, Lívia?

— Sim, Frê, eu entendo. Mas… — suspiro e passo a mão pelos cabelos. — Não quero ficar longe de você. Deus, ainda estamos brigados, se lembra?

Ele ri um pouco do outro lado da linha.

— Eu sei. E me perdoe por tudo. Eu não queria… ter perdido o controle. Mas quando Enzo me disse aquilo… eu fiquei mais com raiva do que ele me disse *do que* como *me disse, sabe?*

— Eu sei, Alfredo. Eu te entendo de alguma forma. Mas eu e seu irmão nunca tocamos num fio de cabelo dele… e você, de repente… de repente. —

suspiro pesado, fechando os olhos. — Mas Enzo também nunca ergueu a voz pra mim nem pro Henrique então…

Ficamos em silêncio por mais algum tempo, a respiração pesada dele atravessando a linha. Por fim, ele se despede e me assegura ligar no outro dia.

Os dias passam, e Alfredo faz contato sempre. Apesar de, num dia
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

desses, ter pedido para falar com Enzo, Enzo não quis falar com ele. Eu quase pude sentir o abatimento na voz de Alfredo quando ele disse um “tudo bem”

à recusa do filho. Alegrava um pouco falar com Lara, que, algumas vezes, chorou ao telefone querendo o pai. Bernardo está progredindo, ainda inconsciente, mas melhorando. Não tocamos mais no assunto da agressão,

achamos melhor conversamos sobre isso pessoalmente, e nós três, quando retornar. Durante sua ausência, fico encarregada de tomar conta do Avenue pra ele, me obrigando, vez ou outra, a me encontrar com Angelina por lá.

Alfredo já está há quase três semanas na França. Tenho tentado entreter minha cabeça para sanar um pouco a saudade e a mágoa por ainda estarmos, tecnicamente, brigados. Victória veio almoçar comigo hoje, e acabou me convencendo a sair com ela para a inauguração de um bar no centro da cidade. Estou terminando de preparar um lanche da tarde, pensando em subir e conversar com Enzo, ele tem estado estranho nos últimos dias e me dando trabalho, quando o telefone toca. É Alfredo.

— *Boas notícias. Volto pro Brasil depois de amanhã. Chego à noite.*

— Finalmente. Estou com saudades, e ainda precisamos conversar.

— *Eu sei, amor, eu sei. Bernardo vai voltar comigo. Vai passar uns dias aí, ele e a Ann-Marie. As coisas não estão legais por aqui.*

— Por quê, o que houve?

— *Explico quando chegar. Como estão as coisas por aí?*

— Difíceis. Estou preocupada com Enzo, Alfredo. Ele está recluso, se tranca no quarto quando chega da escola e fica lá, às vezes não come nada o dia inteiro. Ligaram para Henrique ontem; era da escola, fomos lá. Aliás, fiquei sabendo da piadinha de mau gosto sobre você e Henrique serem um casal gay. Esqueça, a questão é que Enzo se envolveu num bate-boca com um aluno, depois respondeu a professora de literatura quando ela tentou apartar a discussão. Ele disse… disse coisas terríveis e fez gestos obscenos. Três dias de suspensão e uma semana sem intervalo. Não sei o que está acontecendo com ele, Alfredo, e estou preocupada.

Alfredo suspira pesadamente e faz uma pausa curta.

— *Vocês conversaram com ele?*

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Claro. Quero dizer, mais ou menos. Enzo preferiu falar mais com Henrique, comigo falou muito pouco. Apenas insistiu haver algo o incomodando, mas não me falou o quê. Henrique me confirmou, mas também não me contou. Enzo pediu para não contar nada. Você sabe do que se trata, não sabe?

— *Talvez eu saiba…*

— Me conte. — exijo.

— *Quando eu chegar.*

— Certo. Vou sair com a Vic hoje. Ela insistiu muito. Se quiser falar com a Lara, ligue pros meus pais.

— *Está bem. Enzo não quer mesmo falar comigo?* — indaga, um pouco hesitante. Talvez também triste.

— Não, Alfredo. Nem mesmo comigo ele quer falar direito.

— *Tudo bem, então. É melhor assim. É bom conversamos pessoalmente. Se vai sair com Vic, tenha cuidado. E não dirija se beber.*

— Não tenho dezessete anos, Alfredo. — Ele ri um pouco, deseja-me uma boa saída com Victória e então desliga.

Subo para os quartos com o lanche. Enzo aceita o sanduíche, mas está quieto, se concentrando mais no celular, tento conversar, mas ele diz que não é nada e está tudo bem. Desisto de tentar entendê-lo e vou até o quarto de Lara, brincando com o casal de labradores, junto da babá.

À noite, Victória aparece na hora combinada para sairmos. Deixo os pequenos com meus pais e seguimos para nosso destino, perto das oito da noite.

— Você e Henrique não se entenderam, mesmo? — pergunto quando já estamos no barzinho. Tomamos cada uma, uma cerveja e comemos alguns petiscos.

— Não. — responde, olhando para os lados, tamborilando os dedos na mesa, acompanhando o ritmo da música soando pelo ambiente. — Tentamos,
NACIONAIS-ACHEROM

na verdade. Fui ao apartamento buscar um dólmã meu, e conversamos.

Trepamos antes, claro. Mas daí ele veio com aquele papo de casamento e…

bem, ainda estou irredutível quanto a isto. Discutimos, e eu fui embora.

— Vic… — suspiro — Por que não ceder um pouco? Vocês se gostam e…

— Olha, eu pensei, sim, em ceder. A gente trepou gostoso naquele dia, e, porra, Li, eu sinto tanto a falta dele. E depois eu pensei seriamente em aceitar os termos dele, de casar… Mas quando fui tomar um banho, encontrei um batom na gaveta do gabinete. Não era meu e era de uma marca que não conheço, de uma cor sou-santa, diferente dos meus sou-puta-assumida.

Entende? — Então ela se volta pra mim, o rosto levemente abatido. — A gente tá sem se ver há, o quê…? Dois meses ou um pouco mais? E ele já está levando outra pra cama dele, pra *nossa* cama. Pra cama onde a gente dormiu juntos por todos esses meses. — Victória suspira, dá outra golada na cerveja.

— Eu sei, não deveria dar importância a isso. Afinal, ele está solteiro, também, e eu nunca liguei pra essa baboseira. Mas *eu,* Li, a louca do sexo casual, eu não saí com ninguém nesse meio-tempo, sabe?

— Entendo como se sente, Vic, de verdade. Já passei por isso. Aliás, esse tipo de atitude deve ser algum traço genético — saliento, e, com a boca no gargalo da garrafa, ela ri e abana a cabeça em positivo. — Mas, olhe, não deixe se guiar pela mágoa ou pelo ciúme. Pense direitinho.

— Claro; sim, senhora. Falou a senhora Conselhos Amorosos. Aliás, até onde eu me lembro, você está brigada com o Cretino também.

Reviro os olhos e gargalho. Vic me acompanha e temos uma noite agradável, sem tocarmos mais em qualquer assunto sobre Alfredo ou Henrique. Há muito eu não me divirto com Victória tanto como hoje. Já estamos bêbadas, rindo de qualquer coisa, fazendo um jogo estúpido de tentar adivinhar o nome das pessoas passando na rua, se são boas de cama e quais seus fetiches.

De repente, alguém esbarra na minha cadeira, quase me derrubando.

Ouço um murmurar me pedindo desculpas, uma mão quente e macia pousando sobre meu ombro. Viro-me para encarar o desastre em pessoa e dizer que está tudo bem, apesar de ter perdido um pouco de minha sexta ou sétima cerveja.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não se preoc… Ah, David. — reconheço-o. Ele parece surpreso com minha presença e abre um sorriso galanteador.

— Oi. Se eu soubesse que era você, não tinha me desculpado. Sabe…

pelo meu coração quebrado? — diz, os olhos vermelhos; está bêbado.

Em outra ocasião, eu teria ficado com vergonha, mas agora, também alterada pelas cervejas, dou uma risada alta.

— Sem problemas. Está perdido?

— Comemorando. Aproveitando o último dia em três meses no Brasil.

Se lembra do projeto em Portugal? Estou indo pra lá amanhã à tarde.

— Ah, sim! Boa sorte, de verdade.

David agradece seguido de um sorriso caloroso. Então ele se retira, diz que estava indo ao banheiro. Volta dez minutos depois, e Vic o puxa pelos punhos para se sentar conosco e conversarmos. Ele reluta um pouco, mas acaba aceitando. Então ficamos nós três ali. David conta do seu projeto em Portugal, de como está feliz e otimista pelo seu primeiro projeto internacional, e até nos mostra alguns esboços que ele desenhou e salvou no celular. Victória engata e resume sua vida nos últimos anos — os dois não se veem desde quando eu e ele terminamos. Eu não tenho muito a contar, e omito o fato de eu e Alfredo termos brigado por causa de Angelina, não quero que isso chegue aos ouvidos dela. Para quê? Para lhe dar o gostinho de estar conseguindo seus objetivos? Nem pensar.

Na verdade, faço uma porção de elogios a Alfredo, e não é mentira.

Apesar de tudo, ele tem sido maravilhoso. Bom pai, bom esposo, bom homem.

Perto da uma da manhã, somos os últimos clientes, e o estabelecimento já está fechando. Compramos mais algumas cervejas e nos sentamos na calçada, bebendo, rindo e conversando.

Com quase doze garrafas de cerveja, eu perco um pouco da consciência. Lembro-me vagamente de Victória chamando um táxi, entramos aos tropeções. David na frente, Vic e eu atrás; caio sobre o colo dela, rindo e com vontade de vomitar ao mesmo tempo. Então, eu vejo Alfredo, está charmoso de blazer azul e cabelos molhados. Laço-o pela nuca, digo que o amo e lhe dou um selinho. Ele me afasta, sorri lindamente, estou jogada nos NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

braços dele, ele me diz que estou bêbada demais. Então, não me lembro de mais nada.

Acordo sentindo uma dor terrível na cabeça. Viro de lado, na cama, sentindo cheiro de café. Abro os olhos e me sinto confusa. Não estou no meu quarto. Sento-me, esfregando os olhos, tentando reconhecer o ambiente.

Talvez… na casa de Vic? Focalizo melhor o cômodo se abrindo à minha frente… é charmoso e aconchegante, uma atmosfera de quarto masculino. A foto de David com um pastor-alemão no porta-retratos no criado-mudo tira minhas dúvidas de onde estou.

No mesmo instante meu coração dá uma guinada forte dentro do peito.

Por que diabos estou aqui? Penso em me levantar, então noto que estou apenas de sutiã; meu coração então quase para.

Oh, deus, por favor, por favor, por favor, não!

— Ei, dorminhoca — uma voz se faz presente. Ergo meus olhos. David está parado na porta, todo arrumado, com um copo de água na mão. —

Imagino que esteja de enxaqueca, por isso já providenciei um comprimido.

— Ele se aproxima, aperto o lençol contra o meu peito, o coração pulando descompassado. David deixa a água e o comprimido no criado-mudo. — Fiz café, caso queira. Ah, eu vou buscar…

— David, o que estou fazendo aqui? — pergunto, com medo da resposta, minha voz trêmula.

— Bem… ontem nós pegamos um táxi. Vic desceu primeiro. Depois era pra ser você, mas não encontrou as chaves da sua casa. O taxista já estava impaciente com a gente rindo alto e falando asneiras, você revirou a bolsa e não encontrou nada. Pedi pra ele nos trazer pra cá. Você dormiu aqui. Não podia te largar na porta da sua casa naquelas condições.

Pestanejo e passo a mão pelos cabelos, sentindo as lágrimas virem.

— Onde está minha camisa? David, por favor, não me diga que nós…

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ah, meu Deus do céu — levo a mão à boca, horrorizada com a ideia.

— Ei, se acalma. Não fizemos nada. Você vomitou na sua camisa quando chegamos. Acho que foi o elevador. Você mesma a tirou. Depois deitou e dormiu. Eu dormi na sala. Não se preocupe, Lívia. Aliás, eu estava dizendo que ia buscar a sua camisa. Pus na lavadeira e na secadora. Está limpa.

Balanço a cabeça em positivo, ainda zonza com isso tudo. Deus, como eu consegui ser tão imprudente?

— Eu preciso ir pra casa. — digo-lhe. — Isso aqui foi loucura… Nunca devia ter acontecido.

— Você só dormiu aqui, Lívia. Não houve nada demais. Tirando apenas o fato de ter quase me beijado, me chamando de Alfredo. Mas eu te afastei, estava bêbada, com a camisa toda suja de vômito — e sorri um pouco, mas eu não acho graça no caso. Ele percebe minha seriedade e fica sério também. — Enfim, não se preocupe. A gente não fez nada.

Não tenho tempo de responder, ele se vai e volta dois minutos depois com uma xícara de café e minha camisa. Me visto depois de ele sair, tomo a aspirina e o café. Vou para sua cozinha devolver sua xícara.

— Obrigada, David. — murmuro, um pouco sem graça pela situação.

— Não me agradeça. Só não achei correto te deixar bêbada na porta da sua casa, sem as chaves.

— Eu sei, e te agradeço pela preocupação.

Ele apenas sorri.

— Bem, vamos? Pedi um táxi, vou te deixar na sua casa e depois vou direto para o aeroporto.

Assinto apenas, enquanto David junta sua bagagem, pego minha bolsa e encontro as benditas chaves. Como não as encontrei antes? Estamos saindo quando encontramos Angelina na porta. Ela nos olha por um instante, e eu sinto meu coração na garganta.

— Lívia… — diz, abrindo um sorriso sugestivo. — Você… aqui?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Interessante.

O gosto do ódio por essa mulher vem à minha boca.

— Angelina, não é nada do que você está pensando. — David se apressa. — E o que faz aqui?

Sem tirar os olhos de mim, ela estica um passaporte para David.

— Seu passaporte. Deixou ontem no escritório. Não sei como não percebeu. Eu vim aqui de noite, mas você não estava — então olha para ele, com um sorriso falso. — E não atendia ao celular. Talvez eu saiba por quê…

— Obrigado. — pega o passaporte, atônito, e me olha. — Mas não aconteceu nada… depois eu te explico. Preciso ir agora. Vamos, Lívia?

Aceno freneticamente, deixando Angelina para trás. E eu posso sentir seu sorriso de vitória nas minhas costas.

Despeço de David ao me deixar em casa. Desejo sorte ao seu projeto; ele agradece com outro sorriso e se vai. Tomo um banho quente, lavando o corpo e tentando me lembrar da noite passada. Dormir na casa de David foi um erro enorme, e eu preciso ser franca com Alfredo… Ainda mais por que Angelina apareceu lá e deduziu coisas. Ela é uma cobra e vai tentar fazer a cabeça do Alfredo. Suspiro pesado, já imagino um surto de ciúmes. Afasto os pensamentos da cabeça e tento não me preocupar em antecipação. Afinal, não aconteceu nada, certo?

No dia seguinte, resolvo levar as crianças para o Avenue para tomarmos um café da manhã juntos. Lara está feliz e agitada porque Alfredo chega essa noite. Enzo continua quieto, recluso, mas topa sair e se distrair um pouco.

Um pouco de raiva sobe pelo meu corpo quando a vejo. Ela vem até mim, brinca com Lara e cumprimenta Enzo.

— Posso falar com você um instante, Lívia? — Angelina me pergunta.

Aceno em positivo. Peço para uma das funcionárias ficar de olho nas crianças pra mim e nos encaminho para o escritório do Alfredo.

Ela entra na frente, sigo-a logo atrás e a vejo observando a sala, fixando o olhar num retrato de Alfredo com Lara em cima da mesa, um sorrisinho
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

indiscreto enquanto olha para a foto. Fecho a porta e caminho até ela.

— O que você quer? — Vou direto ao ponto.

— David me contou. — alega, olhando em volta. — Sinto-me na obrigação de ser sincera com você. Ele mentiu, Lívia.

— Mentiu? Não entendo.

— Ele te disse que você apenas dormiu no apartamento dele, certo? Ele me ligou logo quando chegou em Lisboa, conversamos, eu o pressionei um pouco. E, adivinha? Ele me confessou. Você dormiu com ele… e nesse caso, dormir é eufemismo.

Engulo em seco, meu coração dispara novamente dentro do peito. Ela está mentindo.

— Ele me garantiu que não houve nada. — alego.

— Mas David mentiu, Lívia. Ele disse aquilo pra não atrapalhar a sua vida com Alfredo. Uma traição é imperdoável, você sabe, não sabe? David também estava bêbado, talvez não tanto quanto você, mas estava. Se estivesse são, talvez não teria feito nada, mas… bem, ele não estava. E

quando acordou, percebeu a besteira que fez. Então ele mentiu, disse que não aconteceu nada simplesmente pra não comprometer seu casamento.

Fecho os olhos inspirando fundo. Meu coração agora ainda bate mais rápido, mais forte, e meus olhos começam a lacrimejar.

Se Angelina mente ou diz a verdade, eu não sei. Mas eu sei de uma coisa. Ela conseguiu plantar a semente da dúvida em mim.

E essa maldita víbora fará o mesmo em Alfredo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

34

RECONCILIAÇÃO

Alfredo

EU MAL ENTRO EM CASA E SOU RECEBIDO POR LARA.

Ela grita de felicidade e corre para pular em meu colo. Eu seguro seu pequenino corpo ao meu, a abraçando forte para matar a saudade dela, enquanto rio de seu jeitinho atarracado no meu pescoço, distribuindo vários beijos pelo meu rosto.

— Saudade, papai, saudade! — diz, agitada, e a ajeito no meu colo.

Afago seus cabelinhos cor de mel e deposito um beijo profundo no seu rosto, a apertando outra vez em meus braços.

— Também senti saudades, Larinha. — exclamo, e olho para trás dela, por cima dos seus ombrinhos, e vejo Lívia se aproximando, vindo da cozinha.

Está com um avental dobrado ao meio e amarrado à cintura, os cabelos louros presos num coque desajeitado, mas ainda assim a deixa extremamente linda aos meus olhos. Ela lança um sorriso em minha direção, segurando uma colher de pau nas mãos, se aproximando aos poucos. Bernardo surge logo atrás de mim, caminhando com dificuldade, acompanhado de Ann-Marie; mesmo um pouco melhor, ele continua fraco e em fase de recuperação.

Apesar dos dois tiros pelas costas, os projéteis não acertaram nenhum órgão vital dele.

— Olá, Bernardo — ela o cumprimenta. — Espero que esteja melhor.

— Estou melhorando, *chèrie. Merci beaucoup.* — meu amigo a agradece, passando por mim. — *Crétin*, se não se importa, eu preciso sentar.

Lívia se prontifica a acomodá-lo no sofá, e Ann-Marie ao seu lado; as duas se cumprimentam e se apresentam por intermédio de Bernardo — Ann não fala nada além do francês. Finalmente, Lívia vem até mim e me abraça,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

meio desajeitada porque Lara ainda está no meu colo, e me dá um beijo profundo e apaixonado. Eu tento conter a ansiedade em envolvê-la em meu braço, tomar ainda mais sua boca na minha e suprir toda minha necessidade dela. Foram longas e infernais três semanas longe de Lívia, tecnicamente brigados, como ela dissera, e estou com uma saudade insana, uma vontade enlouquecedora de estar dentro dela, fazendo amor febrilmente. Mas preciso conter todos os meus anseios, preciso sufocá-los; não é o momento certo.

Lívia fica abraçada ao meu corpo, comprimindo-me forte, posso sentir sua respiração arquejar, por um longo tempo.

— Estava com saudades, Alfredo. — cicia, finalmente, me apertando um pouco mais forte. — Nunca mais faça isso na sua vida.

Rio um pouco e afago seus cabelos com a mão livre, sentindo o ar quente do seu

pulmão contra a curva do meu pescoço.

— Também estava com saudades, amor. — sussurro, acariciando seu cabelo e rosto. Lívia então se afasta e me olha, a mão na cintura.

— Bem… ainda precisamos conversar. Mas faremos isso depois do jantar. Estou fazendo *Fettuccine Alfredo* — e sorri sapeca, puxando-me pelo punho até o centro da sala.

— Faz muito tempo que não me como — comento, e ela ri, junto com Bernardo, ouvindo nossa conversa.

Com uma leve dificuldade, Bernardo se ajeita no sofá, rindo, e diz:

— Se lembra da época de faculdade, Alfredo? Aquela vez, no sexto período… — comenta aos risos, e não preciso de muito esforço para me recordar do evento mencionado. Lívia põe a mão na cintura, alternando o olhar entre nós dois, sem entender o assunto abordado. Para esclarecer, Bernardo continua: — Alfredo tinha um encontro, uma vez. Dividíamos o apartamento, e, antes de sair, ele fez um *Fettuccine all' Alfredo* muito bom, e depois foi se trocar. Eu estava comendo quando o celular dele tocou. Era a garota com quem ia sair. Eu atendi, tínhamos isso. A menina perguntou

"Onde está o Alfredo?", automaticamente eu olhei pro meu prato pela metade, e já pensava em raspar o *pirex* e comer mais. Então eu soltei, meio mecânico, meio de propósito: "Bem, estou comendo ele agora." — Rolo os NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

olhos enquanto ele conta e ri devagar com a lembrança.

Lívia também está rindo.

— Nem preciso dizer que levei quase uma semana pra convencer a garota de que Bernardo se referia à massa, e não a mim, e nós não éramos um casal gay; Bernardo ativo, e eu, passivo. — aponto, quando os dois se recuperam da crise de risos causada pela história.

Lívia diz que irá terminar o molho e me ordena acomodar Bernardo e Ann no

quarto de hóspedes, descarregar as malas e verificar se eles precisam de algo mais nos toaletes e nos quartos — cobertores, produtos de higiene pessoal e bucal, toalhas. Obedeço-a resmungando por ser tão mandona, e faço todo o ordenado com Lara atrás de mim, às vezes nos meus braços, às vezes me seguindo com suas perninhas cambaleantes.

Depois de acomodar Bernardo e Ann no quarto de hóspedes, e dizer-lhes que os chamarei quando o jantar estiver pronto, vou até meu quarto, precisando de uma ducha quente. Sinto meu corpo massacrado pela viagem e pelo fuso horário. Para meu agrado, Lívia está aqui, enrolada num roupão, de banho recém-tomado, cheirando divinamente a sabonete de rosas e sândalo e condicionador de camomila. Um cheiro capaz de estimular meus desejos carnais.

Ela vem do closet, cheia de peças nas mãos, decidindo o que vestir, e me olha brevemente por cima do ombro, me dando um sorriso cansado.

— O jantar já está pronto. Vá se vestir, querido. — diz, autoritária com uma voz de comando, e isso me deixa excitado. Ela é uma megera mandona e sabe disso.

Sento-me à cama, próximo às malas ainda não desfeitas, e a observo, segurando meu membro pulsante para acalmá-lo. Lívia escolhe uma saia preta justa e, agora de frente ao espelho, tira o roupão, revelando-me seu corpo despido, como para me provocar. Sobe pelas pernas compridas a calcinha azul com rendas na frente e veste o sutiã meia-taça também azul, parte do conjunto, elevando seus seios lindos. A excitação chega a doer. Eu poderia agarrá-la agora mesmo e me deslizar para dentro dela. Até já me imagino empurrando-a contra o espelho, seu rosto colado ao próprio reflexo enquanto a penetro e lhe digo para se ver fazendo amor comigo. Sorrio com a NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ideia e de como a deixaria mais excitada se eu trocasse o “fazendo amor comigo” por “fodendo comigo” ou “sendo fodida”.

— Eu vou — respondo, enfim; ela sobe a saia preta pelas pernas esguias e sexy. — Mas antes queria ter uma conversa com Enzo. Ele está, falando nisso? Não o ouvi desde que cheguei.

Lívia solta um suspiro pesado, virando para pegar uma camisa de cetim azul-celeste, e, enquanto a veste, responde:

— Sim, está no quarto. Estaria isolado se não tivesse pedido para cuidar de Lara para eu me arrumar. Estou preocupada com o comportamento dele, Alfredo — sussurra, em tom preocupado e aflito.

Levanto-me e vou em sua direção; tocando em seus ombros, nossos olhos se encontram intensamente pelo nosso reflexo do espelho.

— Não fique assim, amor. — murmuro, beijando a parte de trás do seu ombro já com o tecido cetim. Lívia se vira pra mim, laçando-me pela nuca com seus braços, sorrindo pequeno.

Então me beija. O beijo contido na porta de entrada, porque estávamos na presença de outras pessoas, se liberta de dentro de nós, e num segundo estou sôfrego e ávido, querendo mais da sua boca e do seu corpo. Suas mãos macias viajam pelo meu corpo, descendo pelo meu tórax, chegando até o meio das minhas pernas, a protuberância em minha calça denunciando minha excitação. Ela sorri em minha boca quando gemo e me contorço com seu toque, então ela nos separa, mas permanece comigo, sua mão plantada agora em meu tórax.

— Sei que estão me escondendo alguma coisa — diz, de repente. —

Você, Enzo e Henrique. É algum segredo pai-e-filho, eu sei; respeito e admiro essa cumplicidade entre vocês três, mas, Alfredo, o comportamento de Enzo está me preocupando, e eu não gosto de estar alheia sobre qualquer assunto relacionado ao meu filho. — Ela brinca com a minha gravata cinza, desatando o nó. Olha-me de cima para baixo, e essa visão me deixa ainda mais duro. — Quero franqueza comigo, Frê. Vá lá, converse com Enzo, o papo de pai e filho, coisas de homens… mas depois, *vai* me contar. — O

"*vai*" enfático dela me faz perceber não ser um pedido, mas uma ordem. E

depois de três semanas sem sexo com Lívia não sou nem louco de não acatar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sim, senhora Hauser. — brinco, e ela me olha mais uma vez, atirando minha gravata pro outro lado, rindo de como lhe dirigi a palavra. —

Aliás, tenho uma coisa pra você.

Ela arqueia uma sobrancelha. Viro-me de volta às minhas malas, revirando-as, até encontrar um pequeno embrulho. Ela se aproxima, curiosa, e lhe entrego o pequeno pacote. Lívia abre, parece ter se esquecido de ainda não ter terminado de se vestir — sua camisa de cetim está aberta, mostrando os seios.

— Alfredo… — sussurra, tomando o objeto em mãos. É o cadeado com nossos nomes gravados. O deixamos na Ponte dos Cadeados na nossa lua de mel, mas eu o trouxera de volta. — Oh, Deus, como você…

— Bem… todo cadeado tem uma chave-cópia. — sorrio, segurando suavemente seus braços, precisando sentir o contato de nossas peles. — Eu guardei a cópia, sempre ando com ela na carteira.

— Isso não dá algum tipo de azar? — inquire, analisando o cadeado, com algumas marcas de ferrugem por causa da ação do tempo em mais de dois anos. — Quero dizer, você deveria ter jogado sua cópia no rio e não deveria ter tirado esse cadeado de lá.

Abro outro sorriso diante suas palavras e acaricio suavemente sua bochecha com meu polegar.

— Na nossa lua de mel, eu te disse que nosso casamento estaria protegido, não por superstições bobas, nem por esse cadeado, mas pelo meu amor por você — sussurro, encarando seus olhos. — Trouxe isso pra você se recordar, Lívia, de que não importa o que aconteça, não vou deixar mais nada interferir na nossa vida, nem vou desistir de você, do nosso casamento, ou dos nossos filhos. Eu perdi o controle naquela noite… — falo bem baixinho, desviando agora nossos olhos, envergonhado — quando agredi Enzo. Vou levar isso comigo no fardo das coisas de que me sentirei arrependido pelo resto da vida. Mas eu preciso que me desculpem, você e Enzo, pra eu poder suportar isso, me entende?

— Alfredo… — tenta dizer, mas não permito.

— Li, eu não preciso ouvir nada além de “eu te desculpo e te amo”.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ainda precisamos conversar. — cicia, baixando os olhos.

— Já estamos conversando, Lívia. Estou reconhecendo meu erro, me arrependo dele, e estou me desculpando e garantindo não acontecer mais.

Não há motivos para estendermos esse assunto, para nos cansar mentalmente.

Só me diz se você perdoa…

— É claro, Alfredo. Já te perdoei de coisas piores, não? — responde, encaixando-se nos meus braços e apoiando sua cabeça em meu tórax. Sinto-a estranha, como se estivesse com medo ou receosa. — Mas você precisa saber de uma coisa… Não sei como vai reagir.

Um peso enorme se põe no meu coração. Alguma coisa aconteceu nessas três semanas longe dela, e sinto serem notícias capazes de atrapalhar nossa vida mais uma vez. Fecho os olhos e inspiro fundo, e, com isso, o perfume de camomila dos seus cabelos úmidos me invade. Concentro-me lembrando da minha promessa de não deixar mais nada interferir nas nossas vidas.

— O que é, Li?

— Depois, Alfredo. Depois do jantar. Pode ser, por favor?

Suspiro e cedo.

— Claro, meu bem. Vou falar com Enzo antes de jantarmos.

Ela apenas anui, parecendo-me terrivelmente triste. Sua mudança brusca de postura me deixa em alerta. Não quero mais nada atrapalhando nosso casamento, mas, pela sua expressão, temo que o assunto vá, exatamente, me abalar.

***

Dou duas batidas na porta antes de entrar. Enzo está sentado na cama, Lara entre suas pernas rindo delirantemente por causa de cócegas do irmão.

Eles demoram a notar minha presença, e, durante esse espaço de tempo, permito-me observar meus filhos brincando e rindo e me lembrar de como Enzo tem um afeto imenso pela irmãzinha, muito além do comum entre irmãos de gêneros e

idades diferentes. E talvez eu o entenda. A partir do cordão umbilical de Lara encontramos a cura para sua leucemia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lara é a primeira a me ver na soleira da porta, então grita e corre até mim, pulando no meu colo. Beijo-a na bochecha mais uma vez e busco pelos olhos de Enzo; Enzo está um pouco abatido, talvez envergonhado, amedrontado ou intimidado pela minha presença, por isso desvia seu olhar de mim, brincando com os próprios dedos.

— Larinha, vá com a mamãe, papai precisa conversar com Enzo.

Ela abana a cabecinha, desce do meu colo e volta até o irmão, dando um beijo e um abraço nele.

— Tchau, *Zo*. — ela se despede, usando a forma diminuída do nome de Enzo como lhe é mais fácil de pronunciar.

Lara sai, nos deixando a sós, chamando pela mãe. Continuo no mesmo lugar por mais algum tempo, pensando em como abordá-lo, como iniciar essa conversa. Enzo ainda está introvertido, quieto, olhando para baixo e brincando com os dedos.

— Como foi sua viagem de volta? — É ele quem quebra o silêncio primeiro, para minha surpresa.

Não sei se minha falta de iniciativa foi porque estava me perguntando por que decepcionei esse garoto de novo e divaguei nesses pensamentos ou se eu não sabia como começar esse tipo de diálogo com meu filho adolescente, a qual eu perdi quase doze anos de sua vida porque fui um grande babaca antes de tudo.

— Foi tranquila — consigo responder, me aproximando e me sentando ao seu lado da cama depois de encostar a porta para termos um pouco de privacidade. — Como está o seu ombro? — Ele olha para o ombro, agora recuperado.

— Bem. Tirei a tipoia há uma semana.

Dou um longo suspiro, me culpando por ter lhe machucado fisicamente.

Minha boca já está aberta para um pedido de desculpas quando Enzo o faz primeiro:

— Me desculpe, pai. — Ainda não me olha. — Por ter sido mal-educado, desobediente e ter falado… falado aquelas coisas. — Parecendo NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

encontrar coragem para tal, Enzo ergue seu olhar pra mim, ainda cheio de medo e vergonha. — Eu nunca quis magoar você, eu só… — ele suspira um pouco, toma fôlego e torna a brincar com os dedos. — No enterro da Lauren, se lembra de ter destratado a mamãe? — pergunta, de repente, dando uma guinada no assunto que me deixa confuso.

Sem entender aonde ele quer chegar, apenas aceno em positivo. Então, ele continua:

— Naquela vez, eu quis saber se você não gostava mais dela, porque tinha sido rude, e você me disse que, às vezes, os adultos ficam chateados com algumas coisas e descontam isso em outras pessoas. Se lembra?

— Claro, Enzo. — afirmo, a lembrança vívida na minha mente. Enzo ainda era uma criança, e quase posso vê-lo sentado no gramado, com o graveto riscando a grama e me dizendo “Então, você não quis ser grosseiro?

Precisa se desculpar”. — Mas por que isso agora? — questiono-o suavemente.

— Bem… não só os adultos têm esses momentos — confessa, me olhando nos olhos agora. — Eu já estava irritado com umas coisas, então vi você com aquela Angelina, e daí eu me lembrei da discussão com a mamãe de você dizendo ter ido pra França por causa de outra mulher… A coisa toda se misturou, e eu acabei descontando isso de forma errada. Eu não tenho do que reclamar sobre você ser meu pai — abaixa cada vez mais a voz, numa tonalidade quase de pranto. — Apesar de ter sido ausente por um tempo, e depois achar que era meu tio, eu *sempre* admirei você. Sendo meu tio ou meu pai.

Deixa-me surpreso como Enzo fala sobre isso com naturalidade, apesar do tom

emanando vergonha. Sempre achei Enzo compreensível além da sua idade, talvez tenha sido a inocência que sempre partiu dele, ou nossa conexão, ou seu amor pela sua família esquisita.

— Então, me desculpe por aquilo.

— Sua mãe conversou com você?

Enzo consegue me olhar mais uma vez.

— Sim. O quanto eu permiti. Ela me explicou o lance da França, meio NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

por cima, mas me garantiu que você não voltou pra lá por causa de outra mulher. Então, você me desculpa?

Abro um pequeno e breve sorriso, sentindo uma necessidade enorme de me explicar desde o começo. Mas eu sempre poupei Enzo da história entre mim e sua mãe, muito para isentá-lo de estar a par dos meus erros cretinos do passado.

— Sou eu quem preciso me desculpar com você, Enzo. — digo-lhe, jogando meus braços sobre seus ombros. — Você se machucou porque me enfureci.

— Você se enfureceu porque fui desobediente — responde, me mostrando um sorrisinho rápido também. — E então? Me perdoa?

— Claro, filho. Você também me perdoa?

Ele me abraça forte, depositando um beijo no meu rosto como resposta.

Abraço-o de volta, e mais uma vez tenho uma necessidade quase vital de me explicar sobre tudo, toda essa história. Afasto-o um pouco.

— Escute, Enzo. Eu fiz muitas coisas e me arrependi de uma porção delas, e mais uma porção eu vou me sentir amargamente culpado pelo resto da minha vida. Ter voltado para França naquela vez, ter te agredido e uma parte da minha história com a sua mãe são uma dessas coisas. Quero que me ouça com atenção, pois eu te privei por muito tempo dessa história, mas agora… acho que está

maduro o suficiente pra escutá-la, pra entendê-la. Não me julgue num primeiro momento, só te peço isso, e se lembre sempre: apesar de todo meu passado com sua mãe, eu a amo, e vou amá-la para sempre. O que passou, passou, não nos importa mais. Só o futuro importa, entendeu, Enzo?

Ele maneia a cabeça, os olhos estreitos e atentos ao que está por vir.

Conto-lhe tudo desde o início, quando conheci Lívia naquele cinema, depois minhas segundas intenções de me aproximar, ocultando meu nome, mesmo sabendo que ela e Henrique namoravam na época, e quando a deixei porque já tinha conseguido o que queria com ela. Falo sobre minha viagem para França para estudar ter sido muito por causa disso, porque Henrique e eu —

já com uma relação muito desgastada — estarmos nos desentendo por causa desse conflito. Falo da minha volta, de quando reencontrei a mãe dele e me vi
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

verdadeiramente apaixonado, de repente, por Lívia. Minha vontade de reconquistá-la, sua vingança. E então como nos entendemos pouco a pouco depois do acidente e com a morte de Lauren e Sophie, até nos assumirmos definitivamente. Mas então, veio a doença dele, e de como eu descobri a paternidade, de como isso me abalou e como eu queria assumi-lo, mas sem prejudicar Henrique, que por tanto tempo o criou como seu filho.

— Decidi ir pra França pra pensar, esfriar a cabeça, eu precisava de um tempo sozinho, até mesmo pra levar as cinzas da Sophie. — Enzo não falou nada até agora e segue me ouvindo. — Foi uma decisão errada? A pior de todas, mas eu fui mesmo assim, porque sou cabeça-dura, teimoso e orgulhoso. A tal mulher que você ouviu, eu conheci quando já estava lá. E, você talvez um dia perceba, às vezes a gente não só desconta a raiva e a mágoa em outras pessoas, como age precipitadamente e… bem, nós homens pensamos mais com a cabeça de baixo em certas ocasiões. Me arrependo muito disso, Enzo. Você não tem ideia, é algo que me dá muita vergonha.

Agora você já sabe da história, e te darei um tempo pra pensar… e só aí fazer seu julgamento.

— Eu não vou te julgar — diz baixo, mas com uma forte sinceridade.

— Como você disse, o que passou, passou, e só nosso futuro importa. Você ama a mamãe, a mamãe ama você, vocês se acertaram sobre esse passado, não sou ninguém pra me intrometer. Se mamãe te perdoou, por que eu não o faria?

Abro um largo sorriso, emocionado. Enzo é, de fato, o melhor filho do mundo. Trocamos outro abraço, e então aproveito para lhe falar da preocupação de Lívia sobre o comportamento dele, me recordando de ele ter dito estar chateado com outras coisas.

Não preciso de muito para convencê-lo a conversar comigo e me contar a raiz do problema: Ana Beatriz.

— Ela me deu um fora — confessa, suspirando. — Eu gosto dela, de verdade, não só como amigos. Eu não transei com ela só por transar. Mas, naquele dia do beijo da Angelina, eu saí da aula de violão mais cedo, liguei pra ela e disse que íamos buscá-la pra passar o fim de semana com a gente.

Enzo faz uma pausa, olhando novamente para os dedos entrelaçados e movendo-se constantemente. Um segundo depois, continua: NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Mas ela disse que era melhor não, e devíamos manter uma “amizade saudável”. Não sei o que ela quis dizer com isso, mas ela me deu um monte de desculpas, e disse que não ia mais acontecer nada entre a gente, não era certo e blábláblá. Eu achei que ela estava triste porque a gente transou meio casualmente, e eu ia pedir ela em namoro naquele fim de semana, de qualquer maneira. Então eu me expliquei, falei sobre meus sentimentos, eu fui sincero, e até disse que queria namorá-la. Mas eu estava errado quanto a isso. Ana continuou dizer não querer nada comigo, nada além de amizade.

Enzo faz uma pausa longa, sem coragem de me encarar. Eu o observo por algum tempo, igualmente sem palavras. Ele só tem quatorze anos e está com esse tipo de preocupação.

— Desde então ela tem me evitado. Quero dizer, não me trata mal, me cumprimenta, fazemos nossos trabalhos escolares juntos… mas, sei lá, ela parece tão bem depois de tudo entre a gente. Enquanto eu… eu, bem…

— Você gosta dela e está mal por isso — completo sua frase, e ele abana a

cabeça em positivo. — Você já tentou conversar com ela?

— Sim, mas ela não me ouve, diz que não quer falar do assunto. Ela foge disso.

— Bem… olhe, não pode parar sua vida por causa disso, nem se comportar dessa maneira, se reclusando, brigando na escola. Sua mãe está preocupada com você. E, Enzo, você só tem quatorze anos, praticamente é uma criança ainda. Tem muito para viver.

Ele não responde, escolhe o silêncio e fica assim por muito tempo.

Depois, apenas vem até mim e me dá um beijo e um abraço.

— Vou tomar um banho para o jantar. Mamãe me quer bem-arrumado para o tio Bernardo. Ele está melhor, falando nisso?

— Sim, ele está — respondo, com um sorriso.

Enzo se levanta, pega uma toalha e, já na porta do banheiro, se vira pra mim e resmunga:

— E eu não sou mais uma criança.

E isso me faz rir alto.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

***

Depois do jantar muito agradável, eu tomo um segundo banho. Muito pra relaxar meus músculos e minha tensão — tem a tal conversa Lívia — e muito porque eu sei de como ela gosta do meu cheiro pós-banho pra fazermos amor. Quando saio para o quarto, ela está sentada na beira da nossa cama, ainda com sua saia preta justíssima ao corpo, de salto-alto, seminua da cintura pra cima, brincando com o relógio de pulso delicado e feminino. Paro ao batente da porta com a toalha abraçando minha cintura e observo seu corpo, seus seios dentro do sutiã azul, e a visão começa a me deixar rijo.

Ela ergue seus olhos pra mim, sorri pequeno e acompanha meus passos até ela. Lívia levanta um pouco o queixo quando seguro sua mão, para me encarar nos olhos.

— Vá se vestir. Precisamos conversar.

— Não… — nego, puxando-a com brusquidão para mim. Lívia se sobressalta quando nossos tórax batem um no outro, seus seios sob o sutiã comprimidos contra meu peito. Isso me deixa fodidamente excitado. — Eu quero fazer amor com você antes de qualquer coisa. Estive fora por três semanas, Lívia. Preciso te foder. E com força.

Eu vejo seus olhos brilharem com minhas palavras, e, antes de qualquer resposta dela, eu me lanço sobre sua boca, enfiando fervorosamente minha língua na sua, meus dedos enrolam-se em seus cabelos soltos e, segurando-a firme, trago-a mais para perto de mim, querendo engoli-la. Lívia retribui na mesma medida, puxando a toalha para baixo com força, deixando-me completamente livre e nu para ela. Ela se afasta de mim, girando-me e me jogando sentado na cama. Acocora-se na minha frente, sem tirar os olhos de mim, e separa meus joelhos. Eu começo a arquejar, agora completamente duro e ficando ainda mais duro com a imagem do que ela vai fazer comigo.

Lívia coloca-me em sua boca, sugando-me com avidez e necessidade.

Apoio as mãos no colchão, fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, controlando a intensidade dos meus gemidos. Quando volto a olhar para ela, para ter a visão da sua boca gostosa me chupando e me engolindo, no trajeto eu vejo meu reflexo no espelho de frente pra mim. Minha própria imagem me dá um tesão inexplicável, e me lembro de ter pensado em trepar com Lívia NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

com ela colada ao próprio reflexo enquanto eu, por trás, meto nela com força.

Gemo alto não somente com a fricção de seus lábios suculentos na minha glande e na coroa, a língua saborosa dela passando para cima e para baixo, sensual e provocantemente, mas também com a fantasia piscando na minha frente. E — Deus! — eu preciso fodê-la dessa maneira.

Agarro em seus braços e a trago para minha boca.

— Vá até o espelho — ordeno, ofegante. Ela olha para trás, depois, para mim, e então sorri. Faz menção de tirar sua saia, mas eu a impeço. —

Não tire. Quero te comer assim. Com saia, salto e tudo mais.

As palavras indecentes parecem fazer seu corpo vibrar de excitação.

Então, Lívia se vira e caminha até o espelho. Lá, de costas pra mim, ela me olha através dos nossos reflexos. Por um minuto eu continuo no meu lugar, acalmando meu pênis enrijecido ao extremo para não gozar só com a visão desse corpo maravilhoso — e ainda praticamente vestido. Movo suavemente minha mão para cima e para baixo sobre meu pênis, recuperando o ar e o controle sobre mim mesmo. Mas Lívia é uma megera gostosa. Ela traz seus seios para fora e começa a brincar com eles, beliscando com o indicador e polegar o bico, fazendo caretas de prazer, depois leva sua boca até o seio esquerdo, chupando lascivamente.

Eu nem percebo minhas pernas me levando até ela e encostando seu rosto contra o espelho, minha ereção dolorida contra sua coluna.

— Por que você me provoca, senhora Hauser? — murmuro em seu ouvido, beliscando o lóbulo de sua orelha, descendo minha boca pelo pescoço e ombros.

— Porque adoro ver você sem controle — geme, trazendo sua mão para trás e segurando meu pênis. Ela me bombeia com força, arrancando de mim um gemido animalesco e quase gutural. — Porque adoro saber que *sou eu* quem tem total controle sobre seu corpo. Eu, e mais ninguém.

Separo suas pernas com um chute suave em suas canelas, pressiono mais seu rosto no espelho. Escorrego meus dedos pelo seu abdômen até chegar a sua vagina, penetrando dois dedos nela.

— Céus, Lívia! — rosno, perdido na minha excitação. — Está tão NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

molhada pra me receber…

— Entre em mim, Alfredo — ela geme baixinho. Abre os olhos e me olha através do seu reflexo. — Entre em mim e me faça sua. Como sempre fui… e sempre serei.

Eu não preciso de mais, e nem ela de mais preliminares. Ergo sua saia até a altura do estômago. Vejo a calcinha azul de renda, a parte de trás acomoda sua bunda de forma sexy. Abaixo-a lentamente até um pouco acima de sua canela. Ela ainda me olha através dos nossos reflexos. Encaixo-me nela e entro com vigor.

Gememos em uníssono. Suas pernas tremem enquanto me estoco com força dentro dela, nossos gemidos se confundem, e não desgrudo nossos olhos em nenhum momento. Seguro em sua cintura fina para me ajustar em um ritmo mais forte, querendo poder estar completa e totalmente dentro dela.

Lívia endireita o corpo, deixando suas costas no meu peito, joga seus braços para trás e me laça pela nuca. Apoio o queixo em seu ombro e, apesar de arquejar, mantenho os movimentos constantes.

Sinto seu corpo relaxar, tremulante, e eu sei, ela está perto de ter um orgasmo.

— Goze… — rouquejo, inflado de desejo e com uma vontade insana de sentir seu orgasmo escorrer em meu pênis e por suas pernas. — Goze bem gostoso, Lívia… goze pra mim, sua megera gostosa do caralho.

— Alfredo… — ela suspira, espalmando contra o vidro do espelho e inclinando o quadril pra mim. Porra de mulher. Vou gozar antes dela, dessa maneira.

Seguro com delicadeza, mas firme, em seus cabelos e levanto sua cabeça para ela se olhar no espelho.

— Goze, Lívia. Goze se vendo sendo fodida. — verbalizo as palavras que imaginei horas atrás.

Lívia inspira profundamente, olhando-me com intensidade pelo espelho e, com um grito, ela se liberta, seu corpo se enrijece por um segundo, mas depois desfalece, como se perdesse todas as energias. Amparo-a trazendo para mim, suas costas mais uma vez no meu peitoril. Estoco mais forte nela, NACIONAIS-ACHEROM

apertando o bico dos seus seios, ainda nos olhando pelo espelho refletindo nossa sem-vergonhice. Levo apenas trinta segundos depois dela para gozar, jorrando meu sêmen quente fortemente dentro dela, enquanto gemo alto seu nome.

Trêmulo e cansado, agarro-me ao seu corpo e nos permitimos recuperar o fôlego por um minuto antes de decidirmos tomar um banho.

Lívia vem da cozinha trazendo duas xícaras. Para não me enfurecer, ela está bebendo camomila e sorri quando me vê suavizando a expressão.

— Diminuí ainda mais o café, não se preocupe. — diz, esticando a xícara de chá mate em minha direção. Ela está enrolada num robe curto cinza, os cabelos úmidos presos em um coque.

Ainda de corpo úmido por causa do meu terceiro banho na noite, visto apenas uma bermuda preta de seda. Pego a xícara das suas mãos e bebo um gole do mate quente. Lívia se senta do meu lado, olhando pra frente.

— Podemos conversar agora? — pergunta, após inspirar fundo.

— Li… estou tão cansado. Podemos deixar pra amanhã?

— Não. Precisa ser agora. Precisa ouvir isso da minha boca.

Eu sinto, mais uma vez, urgência em sua voz, alarme. Tenho medo do que possa ser.

— Tudo bem. Conte-me.

Lívia bebe seu chá mais uma vez, e então começa.

— Aquele dia… em que saí com a Vic… por acaso encontramos David. — Lívia não me olha, prefere olhar para seu chá. A menção do nome de David faz meu ciúme virar gosto amargo na boca. O que diabos tem ele?

— Vic o chamou pra se juntar à mesa e, bem… bebemos, conversamos. Foi um momento agradável. Mais eu bebi mais do que devia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— O que quer me dizer com isso, Lívia?

— Chamamos um táxi — continua —, Vic desceu primeiro… Mas eu… eu não me lembro… David me contou. Eu não encontrei minhas chaves e… e… daí ele… ele me levou pra casa dele. Passei a noite lá.

Uma onda explosiva sobe de dentro das minhas entranhas. É

inaceitável, enquanto ela sendo casada *comigo*, ela ter dormido na casa de outro homem. Mas eu me controlo pra não dar atenção a isso. Preciso ouvir o resto da versão dessa história.

— David disse que fez por preocupação, porque não queria me deixar bêbada na porta de casa, sem saber das minhas chaves. Era perigoso e… —

suspira, então consegue me olhar. — Ele não fez por mal.

— Certo — anuo, reprimindo meu ciúme violento subindo pela minha garganta. Eu quero surtar com isso, mas me contenho. Prometi não deixar nada mais interferir na nossa vida. — Quando eu o vir, vou agradecê-lo por essa preocupação com você. Se divertiu, pelo menos? — indago, como modo de contornar minha raiva. Uma raiva sem sentido, um ciúme sem sentido.

Lívia esconde o rosto, virando-se para o outro lado, deixando a caneca sobre o criado-mudo. Estranho sua postura. Bebo o resto do meu chá e faço o mesmo.

— Mas, Alfredo… você não entende. Eu acho que… aconteceu algo mais.

Suas palavras me acertam com peso. Minha raiva e meu ciúme se forçam contra mim, me obrigando a dar um grito com ela.

— Está me dizendo que *transou* com David? — A ideia me deixa alucinado, mas, de uma maneira incrível e inexplicável, controlo-me.

Lívia se volta pra mim.

— Eu não sei, não me lembro. Estava bêbada e…

Não a deixo terminar de falar. Levanto-me do seu lado, andando de um lado a outro.

— Como não se lembra, Lívia? — Ergo um pouco a voz.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não estou habituada a beber, Alfredo… — devolve baixinho. —

Não me lembro, não consigo me lembrar.

Afago o rosto, entendendo-a. Isso já me aconteceu uma vez, aos vinte e nove anos, em Loches, com Natalie Chermont. Engulo em seco.

— Por que simplesmente não pergunta ao David? Ou ele também não se lembra? — disparo, mais rígido do que eu gostaria.

— Ele não está no país — sua voz é um fiapo, os olhos marejados. —

Me perdoe, Alfredo… eu… eu…

— Vamos amanhã fazer um B.O contra ele. — disparo, de repente, entendendo o que se passa.

— O quê? — Lívia agora se levanta e vem até mim, atônita.

— Percebe o que esse David fez, Lívia? — pronuncio, entre os dentes, segurando minha raiva nos pulsos. Não raiva dela, mas dele. Meu ciúme agora se transformou em ira, e a rapidez dessa transformação me deixa confuso e surpreso também. — Ele se aproveitou do seu estado embriagado pra transar com você. Isso é *estupro!*

Lívia pisca infinitas vezes, as lágrimas descem. Não sei se ela considerou isso, mas, pelos seus olhos assustados, somente agora percebe o que *realmente* significa esse suposto sexo com David. Não traição, mas estupro.

— Eu… não… pensei…

Aproximo-me dela, a envolvendo em meus braços, deixando-a chorar.

— Se você não consentiu, Li, é estupro. Meu Deus, ele… ele estuprou você! — Raiva me atravessa como uma espada afiada. Tenho vontade de pegar esse David pelo pescoço e enforcá-lo até a morte. Fecho os olhos, recuperando meu controle. É inevitável não me recordar das palavras de Angelina algum tempo atrás. *"Mas não deveria confiar nele. David é… meio obsessivo, possessivo, sabe?"*

À época, acreditei apenas ter sido um modo de provocar, mas agora…

Parece fazer sentido.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Precisamos fazer um B.O. dele, Lívia.

— Não… — ela se desencosta de mim. — Eu não tenho certeza do que aconteceu. Angelina me disse…

— Angelina? — O nome dessa mulher sai da minha boca envolvida em raiva. — O que Angelina tem a ver com isso?

Lívia inspira fundo mais uma vez e abraça o próprio corpo.

— David me garantiu que não houve nada. E eu fiquei aliviada com isso quando me contou. Estávamos saindo do seu apartamento quando Angelina nos viu, foi levar o passaporte de David, ele havia esquecido no escritório e já estava para viajar naquele dia. Depois ela me procurou, dizendo que o havia pressionado numa ligação, e David confessou que nós…

transamos. Mentiu pra mim porque não queria atrapalhar meu casamento.

Então, de repente, *tudo* realmente faz sentido. Eu não sei por quê, mas uma euforia misturada a alívio passa pelo meu corpo de ponta a ponta. Meus músculos, tensionados pela revelação minutos atrás, ficam mais relaxados.

Torno apertá-la entre meus braços e beijo o alto de sua cabeça.

— Alfredo… então, eu não sei… não sei, de verdade e… se Angelina estiver certa?

— Não toque mais no nome dessa mulher. Não percebe, Li? Ela quer nos pôr em conflito. — Afasto-a um centímetro para enxugar suas lágrimas.

— Estou cansado dessa maldita mulher nas nossas vidas… Não percebe que isso tudo é culpa dela?

Lívia abana em positivo tristemente.

— Mas ela pode estar certa. — sussurra, e solta um soluço esganiçado depois.

— Lívia, escute. Ela disse que David mentiu pra você pra não atrapalhar nosso casamento, certo? — Afirma mais uma vez. — E você acha que David, preocupado com isso, contaria justamente pra *Angelina* sobre ter mentido pra você? Sabendo que ela viria correndo contar pra você pra *justamente* atrapalhar nosso casamento?

O rosto dela se retrai por alguns segundos, então ela me abraça mais
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

uma vez, forte, desabando um choro que é um misto de agonia e euforia.

Afago seus cabelos carinhosamente, em paz comigo mesmo e confiante.

— Você tem razão — sua voz sai abafada por estar contra meu peito.

— Estava tão assustada com a possibilidade… nem pensei nisso, Alfredo.

— Eu acredito na palavra do David, e não naquela víbora… Está tudo bem agora, Lívia…

— Mas preciso saber se você ainda me perdoa.

— Te perdoar pelo quê, querida?

Lívia se afasta de mim, segurando-me pelos bíceps.

— Por ter dormido lá. Ter ficado bêbada, ter perdido o controle… Isso não é postura de uma mulher casada… mãe de dois filhos.

Sorrio fraco e afago suavemente sua bochecha rosada.

— Não tenho o que te desculpar, Lívia. Você estava se divertindo com a sua melhor amiga. Não há pecado nisso. Eu nunca te culparia por você se divertir e alguém se aproveitar disso, do seu momento. Se tivesse acontecido, eu culparia o único responsável por ter se aproveitado de você: David.

Lívia me dá um sorriso meigo e encantador, emocionado também. Seca suas últimas lágrimas e me abraça, beijando apaixonadamente depois.

— Tive tanto medo de ter perder por causa disso — sussurra em minha boca, olhos fechados.

— Eu disse que não deixaria mais nada atrapalhar nossa vida, Li. Mais nada.

Encosto minha testa à sua. Lívia sorri de olhos fechados. E ela me é ainda mais linda assim.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

35

O TERCEIRO

Lívia

SINTO A RESPIRAÇÃO QUENTE DELE CONTRA MEU ROSTO.

Mesmo sonolenta, a presença de Alfredo na cama me conforta e me transborda de paz e amor. Antes de abrir os olhos, sorrio lentamente, gostando desse ar quente contra mim. Então, ele está aqui, apoiado no cotovelo direito, me olhando com seus olhos apaixonados, os cabelos médios desgrenhados de forma sexy, um estonteante e lindo sorriso riscado singelamente, o corpo despido e ainda cheirando a suor e a sexo da noite passada. E, Deus, seu cheiro másculo é tão inebriante e sensual.

Devagarzinho, me aproximo mais dele, deixando nossos rostos mais próximos, enquanto enrosco minha perna na dele, roçando minha intimidade despida em sua coxa, o seu calor ardente se transformando em excitação em mim pouco a pouco. Abraço seu tronco forte, inspiro fundo o cheiro do seu pescoço.

— Bom dia pra você também — ele sussurra, beijando meus cabelos e descendo sua mão atrevida pelas minhas costas. — Como dormiu?

— Muito bem… mas ainda estou cansada. — resmungo, me aninhando mais em seus braços fortes.

— Que bom — devolve com um sorrisinho, porque ele é um safado e sabe que minha canseira se deve à noite anterior, com três rodas de sexo maravilhosas. Uma antes do jantar, uma depois e a terceira quando ele acordou às duas da madrugada, excitado sabe-se lá por quê. Tirando apenas a de antes do jantar, todas as outras vezes foram intensas e demoradas, e fomos dormir um pouco depois das três da manhã.

Afasto-me um pouco dele e, por cima do seu ombro, busco pelas horas.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Um pouco mais de sete da manhã.

— Não foi fazer seu percurso matinal hoje? — indago, tornando a me deitar em seu peito.

— Não. Vou correr na esteira na academia. Quis ficar um pouco mais na cama com a minha mulher.

Minha mulher. Nem em mil anos eu me cansaria dessas palavras, ou da forma como Alfredo as pronuncia, ou do profundo significado delas, ou de como eu *realmente* me sinto dele, por toda uma vida como sempre fui, e de como sempre serei. Abro outro sorriso sonolento, inclinando-me um pouco para beijá-lo lentamente na boca. Sua mão direita sobe pelas minhas costas, me acariciando, enquanto seus lábios e sua língua reivindicam desesperadamente por mais espaço em mim. Pouco a pouco vou cedendo, permitindo aumentar a intensidade desse beijo. Ele se deita de costas e me traz para seus quadris, enfiando-se em

minha boca com avidez, seus dedos se emaranhando nos meus cabelos e me forçando a ir de encontro em sua boca, como se precisasse mais de mim e que eu acompanhasse seu ritmo.

Afasto-me dele e apoio a mão sobre seu peito largo. Dou-lhe um grande sorriso, riscando o contorno da sua tatuagem com a ponta das minhas unhas.

Alfredo suspira , fechando os olhos e jogando sua cabeça para trás.

— Não me torture, Lívia… — arqueja, rouco de excitação. Sinto seu membro livre crescendo de encontro à minha vagina. E — oh, Deus! —, como eu quero senti-lo dentro de mim.

Inclino-me sobre seu peito e deixo um beijo na pele salgada de suor, seu gosto masculino me dando água na boca, enquanto escorro minha mão pela lateral do seu corpo — dos braços até um pouco abaixo da sua coxa direita — num toque sensual e quente. Mordo seu lábio inferior e o beijo languidamente, então fecho um tufo de seus cabelos contra meus dedos, apertando-os com força. Do fundo de sua garganta vem um gemido alto e estrangulado.

Alfredo me segura nas nádegas e, com a facilidade de quem levanta uma pena, ergue-me para me fazê-lo sentar em seu pênis rijo feito pedra. Seu mastro desliza facilmente para dentro de mim, fácil por causa da minha excitação, minha vagina ensopada, sem nenhum tipo de esforço dele para me NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

excitar. A espessura de seu pênis me preenche e me completa de uma forma tão gostosa e delirante… Cavalgo sobre ele, começando devagar, espalmando contra o seu tórax definido e duro, dobrando os joelhos com os movimentos.

— Porra! — ele geme, fechando seus dedos longos contra meu quadril, marcando-me. — Porra, Li, porra… Você acaba comigo dessa maneira.

Não deixo de sorrir com essas palavras. Excita-me sobremaneira saber que tenho poder sobre seu corpo. Enquanto flexiono os joelhos para me sentar nele, Alfredo põe suas mãos debaixo da minha bunda, inclina os próprios quadris e se acomete contra mim, dando profundas estocadas, fazendo-me gemer delirante e quase inconscientemente. Seguimos nessa posição por um minuto, nossas coxas se batendo, o ângulo do sexo me permite senti-lo por completo, seu pênis

alcançando o mais fundo possível.

De repente ele troca de posição, me deixando por baixo, girando seu corpo sobre o meu, sem nos desconectar. O movimento me dá um prazer imenso, por causa do movimento de seu pênis dentro de mim, e quando eu vou gemer por causa disso, ele me beija com ferocidade, diminuindo bruscamente seus movimentos intensos. Alfredo afasta um milímetro da minha boca, arqueja alto e forte, indo para frente e para trás, aperta os olhos fortemente, e com esses sinais eu sei que ele está perto de se libertar, mas também está se segurando porque quer me fazer gozar primeiro e quer aproveitar mais alguns minutos.

— Droga — silva, abrindo os olhos e me olhando. — Droga, Lívia…

Como pode conseguir ser tão gostosa? — Sua mão se fecha firme na minha cintura, então lá está novamente o ritmo intenso, rápido e lascivo. — Como pode conseguir me prender tanto dessa maneira? Deus, eu não me enjoo da sua boceta nunca… — torna a fechar olhos, suas palavras inescrupulosas mandando uma onda de prazer no meu centro.

Não consigo responder, apenas jogo minhas pernas nas suas costas, inclinando um pouco os quadris para senti-lo mais dentro de mim.

— Ah, meu Deus… Você é tão apertada — outra vez ele desacelera o ritmo subitamente, ainda de olhos fechados. — Mesmo depois de ter trepado inúmeras vezes com você, sua megera… continua gostosa, continua apertada.

— Nunca comeu uma mulher tão gostosa? — incentivo-o, sabendo que NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ele está chegando ao seu ápice.

— Você sabe que não. — sibila, enfiando o rosto contra a curva do meu pescoço. Então, de repente, ele se afasta, seus olhos estão diferentes, e, apesar de os movimentos sexuais ainda serem intensos, estão mais vagarosos.

Alfredo desvia os olhos de mim para a minha mão, então a puxa para cima, na altura da minha cabeça, e fecha seus dedos contra os meus, me apertando de leve, num ato cheio de amor e sentimentos. Então me diz, bem baixinho:

— Lívia você sabe… eu nunca fiz amor com ninguém. Você sabe, não sabe?

Sim, eu sei. Não é uma afirmação literal, lógico, é mais metafórica. E

eu entendo perfeitamente o significado disso pra Alfredo. Pra quem viveu uma vida fazendo sexo sem compromisso, sem sentido e sem sentimento, comigo foi uma experiência completamente diferente. E eu me sinto feliz em ter proporcionado esse tipo de mudança em sua vida. Esse tipo de sentimento.

— Eu sei… — consigo responder, gemendo com seu pênis dentro de mim. — Eu sei, Alfredo.

— Você é a única pra mim, Li — declara, fechando mais sua mão na minha, encontrando minha boca em seguida num beijo profundo e gostoso.

— E sempre vai ser a única na minha vida. E eu te amo tanto.

Minha mão desocupada chega até seu rosto barbado e o acaricia ali, depois, sobe para seus cabelos.

— Eu também te amo — respondo, sussurrando.

Alfredo me beija mais uma vez, seu aperto em minha mão continua, como se ele quisesse se segurar em mim, se agarrar ao meu amor por ele, como se mais nada no mundo fosse importante a não ser esse momento entre nós.

Ele aumenta seu ritmo, se ajustando em estocadas rápidas e profundas, sem nunca desgrudar seu aperto do meu, até chegarmos ao nosso orgasmo juntos, numa explosão de prazer e amor.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Nosso sexo matinal não queimou calorias o suficiente? — indago, com um sorriso sapeca, o olhando correr na esteira.

Alfredo usa uma bermuda poliéster preta, tênis da *Nike* e está sem camisa, os cabelos molhados de suor. Ele ri, mas não para de correr.

Aproximo-me, ficando de frente para ele. Mesmo correndo, percebo seus olhos me esquadrinhando. Uso uma saia-executiva em couro marrom, uma camisa social manga longa azul e blazer ferrugem. O cabelo está repuxado num coque baixo, e carrego uma bolsa preta nas mãos.

— Aonde a senhora vai toda arrumada dessa maneira? — questiona, desligando a esteira.

Ele caminha até o outro lado da academia e pega uma toalha de rosto com os dizeres “Senhor Diniz” bordados em letra cursiva. Agrada-me a lembrança de ele ter mandado bordar uma dúzia dessas toalhas.

— Reunião de negócios.

Alfredo seca o rosto e os cabelos, jogando a toalha na nuca. Ele me olha com curiosidade enquanto abana a toalha sobre os fios outra vez. Pega sua *squeeze* e bebe um longo trago de água. Depois me olha.

— Reunião de negócios?

— Sim.

— *Que* reunião de negócios, senhora Hauser?

Dou-lhe um largo sorriso. Desde a volta dele da França quando Bernardo sofreu o atentado, há pouco mais de dois meses, que conversamos sobre aquela sua ideia de começar outra fundação. Entramos num acordo e resolvemos procurar por apoiadores e filantropos da cidade. E eu havia conseguido um horário com Benjamin Piers, um bilionário dono de redes de hotéis, porque entrei em contato com a assessoria e apresentei nosso projeto de filantropia. Como eu lhe disse no outro dia, gostaria de participar ativamente dessa nova fundação, coisa que não faço com a *Anjos Dubois*. E é o que eu estou fazendo. Participando ativamente.

— Sobre a nova fundação. Consegui um horário com Benjamin Piers.

Alfredo anda até as barra de musculação presa à parede. Se segura
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

nelas com firmeza e, antes de impulsionar o corpo para cima, inspira fundo.

A visão dos seus bíceps saltarem com o esforço e seu abdômen se contrair me deixa excitada.

— Ah, o dono da rede J.B Hotels.

— Exatamente.

— A que horas você volta? Henrique e Victória vêm para o jantar. —

pergunta, arfando, por causa do seu exercício.

— Por volta das 17. Tenho uma consulta com Luís às 15h30min.

Finalmente, ele deixa suas barras de musculação e se aproxima de mim, embora ele saiba que, suado dessa maneira, não possa me tocar.

— Vocês diminuíram bem as sessões. Esta é a sua primeira consulta no mês, certo?

— Primeira e única. Luís diz que já me recuperei do trauma, mas quer me ver ao menos uma vez a cada dois meses. Decidi visitá-lo uma vez por mês. Pelo menos, por ora.

Alfredo pensa em se aproximar, mas eu indico seu peito despido e encharcado de suor. Ele revira os olhos e para no meio do caminho.

— Isso merece uma comemoração. Depois do jantar.

Abro um sorriso tendencioso.

— Sim, claro… — pouso a mão na lateral do meu corpo, pensando em um segundo motivo para comemoração. — Você consegue estar aqui para preparar o jantar?

— Sim, ficarei em casa. Vou Buscar Enzo no colégio, aproveito pra roubar a Ana também. Quero conversar com ela.

Aceno em positivo. Naquela noite da sua volta, ele me contou sobre o abatimento de Enzo, que estava me deixando preocupada; era por causa de Ana.

Alguma coisa sobre a amizade deles. Como meu coração de mãe já suspeitava, Enzo gosta dela além da amizade, mas Ana não está sabendo —

ou não quer — retribuir a isso. Depois da conversa com ele, Enzo voltara ao normal, mas, às vezes, eu ainda o sinto deprimido.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Algum problema?

— Não… além do fato de estar complicada a amizade dos dois. Ontem à tarde Enzo e eu conversamos. Ele ainda está abatido, mas está disfarçando.

— Preciso me preocupar? — Ergo uma sobrancelha.

— De forma alguma. Vou apenas pôr aqueles dois frente a frente e intermediar a conversa.

— Alfredo… Eles são apenas crianças.

— Não. São dois adolescentes que precisam se entender de uma vez.

Suspiro. Não há chance de convencê-lo do contrário.

— Tudo bem. Depois me conte como foi. Bem, eu preciso ir. —

Aproximo-me dele com cuidado e beijo sua boca rapidamente.

— Pode me fazer um favor? Peça para chamarem o Joel pra mim.

Preciso que ele olhe o chuveiro daqui da academia. Deve ter entrado ar na encanação.

Aceno em positivo e o deixo para trás. Penso em procurar Joel no jardim — ele sempre está por lá —, mas, quando chego à cozinha, o vejo com a babá de Lara, sentado na mesa, com uma xícara de café nas mãos, conversando enquanto a babá dá a Lara uma banana com aveia. Ao me ver, ele logo se levanta, como se já soubesse que vou lhe pedir algo e se prontificando.

— Bom dia, senhora Hauser — me cumprimenta.

— Dispense as formalidades, Joel. Lívia está ótimo pra mim. Está ocupado?

— Apenas uma pausa rápida para um cafezinho. Precisa de mim?

— Alfredo precisa. Ele está na academia. Pediu para você ir até lá e dar uma olhada na encanação do chuveiro.

— Claro — diz, já saindo para atender ao pedido de Alfredo, mas o impeço.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Termine seu café primeiro. Não é nada urgente.

— Obrigado, senhora Hauser.

Sorrio com sua formalidade, mas não o corrijo.

— Aliás, como está sua família? — pergunto, pondo leite num copo.

Há algumas semanas a ex-esposa, agora esposa-outra-vez, se mudou para a casa do caseiro, juntamente com três das suas quatro filhas. — Estão bem acomodados, precisam de alguma coisa?

Caminho até Lara, bebendo meu leite, e afago seus cabelinhos cor de mel enquanto a vejo comer distraidamente com os olhinhos preso no *tablet* passando um desenho infantil. Está entretida e nem me dá atenção.

— Estamos ótimos, de verdade. As meninas adoraram o quarto, é grande, tem espaço para as três. Elas decidiram usar o terceiro quarto para montar uma sala de computador, uma mesa pra estudo, alguns livros, em vez de decidirem quem dormiria sozinha.

— Ah, que ótimo! Se precisarem de alguma coisa, não deixe de nos avisar. Agora, preciso ir. — Beijo a cabecinha de Lara. — Você se comporte, bonequinha — sussurro para ela, que continua a não me dar atenção.

***

Paro em frente ao espelho e o olho pelos nossos reflexos. Desamarro meu cabelo, ainda olhando a intensa íris azul de Alfredo. Já é noite, e tivemos um jantar agradável com Henrique e Vic, que finalmente se acertaram — o casamento está marcado para daqui seis meses. Balanço a cabeça suavemente, esparramando os cabelos pelos meus ombros.

— Como foi a conversa com Enzo e Ana? — pergunto enquanto o vejo sentado na cama, me olhando, me comendo com seus olhos. Ainda não tivemos tempo de conversar sobre nada de nossos dias. Quando cheguei, tive de terminar o jantar enquanto Alfredo foi resolver algumas questões inesperadas no Avenue.

— Foi bem tranquila. Os dois se entenderam. Pelo menos numa parte.

— Como assim? — Viro-me para a cômoda, pego o demaquilante e
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

algodão e passo pelo rosto, para tirar a maquiagem.

— Bem… ela explicou por que estava evitando Enzo e se negando a falar com ele. Alguma coisa sobre ter medo de não aprovarmos um relacionamento deles.

— Eu não aprovaria.

— Lívia…

Dou-lhe um sorriso sapeca.

— Eles são crianças, Alfredo. Não deviam estar pensando em namoro agora. Adoro Ana, e sei como Enzo gosta dela. Mas… — suspiro. — Não penso em ter uma nora. Não ainda. Eu só tenho trinta e cinco anos, Alfredo.

— Ah! — Ele parece suavizar a expressão. — Sim, nesse ponto, tem razão. Ana alegou o mesmo. Disse que quer se dedicar aos estudos, quer me dar retorno por eu pagar a escola dela. Quer me dar orgulho… ela falou até mesmo em trabalhar e me devolver o dinheiro, acredita?

Aceno em positivo levemente, passando o algodão na pálpebra.

— Acho que sei como ela se sente. Talvez sinta medo de as pessoas falarem dela, de ser acusada de… *interesseira.* — Olho para ele mais uma vez, ainda pelo espelho. Alfredo sabe que eu também já tive esses momentos, por causa de Fritz e suas acusações injustas.

— Sim, acho que sim. De qualquer maneira, eu lhe disse para tirar isso da cabeça. Ana é importante pra mim. Bom, os dois entraram num consenso, afinal. Ana não vai mais evitá-lo, e Enzo vai esperar mais um tempo para namorarem. Os dois irão focar nos estudos agora.

— Isso é bom.

— E o seu dia? Como foi com Benjamin?

— Foi ótimo. — Termino de tirar a maquiagem. Desabotoo minha camisa, sempre em contato com Alfredo pelo reflexo. — Benjamim vai nos apoiar nessa fundação em sociedade com a Hauser. Ele gostou muito da nossa iniciativa. Bem… nada muito diferente, muitas ONGs e Fundações fazem o mesmo. Eu também lhe contei um pouco sobre a *Anjos Dubois.*

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Alfredo agora se levanta do seu lugar e vem até mim, parando nas minhas costas, pousando suas fortes mãos na minha cintura. Seu toque quente me deixa excitada.

— Marquei para a próxima semana uma reunião com nós três. E eu estive pensando…

— Em quê, querida? — indaga, rouco, desatando meu sutiã atrás.

— Piers tem uma empresa de marketing e não está lucrando tanto mais.

Ele está querendo vendê-la. Pensei em comprá-la, torná-la mais rentável…

acredite, Frê, consegui uns minutinhos antes da sessão com Luís e fiz uma pesquisa no celular. Tenho algumas ideias para levantar a empresa.

— Estou te ouvindo — murmura, me abraçando por trás e beijando minha orelha. Depois se afasta para tirar o paletó e camisa social.

— E então, podíamos reverter todo o lucro para as Fundações. Metade para cada. O que acha?

— Acho que você é incrível. — Ele já está sem camisa e cinto desfivelado. Dá-me outro beijo na ponta da orelha, seus braços agora me rodeando, enquanto nos olhamos pelos nossos reflexos. Ele me aperta entre seus braços, meus seios despidos sendo comprimidos sob seus braços fortes.

— E faremos isso. Já fez uma proposta a Benjamin?

— Sim. Já contei todo o plano, na verdade. Ele disse que me dará uma resposta na próxima semana. Parece haver um concorrente.

— Disse que cobrimos o preço?

— Não.

— Deveria ter dito.

— Mas nós cobrimos?

Ele mordisca minha orelha.

— Sim. Eu quero isso. Sua ideia é ótima.

Sorrio para ele, encontrando nossas mãos e acariciando a dele.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Tem outra coisa. — Alfredo me espera continuar. — Benjamin me ofereceu um emprego.

Alfredo pisca algumas vezes.

— Ah. Você o enfeitiçou?

Rio alto e bato em seu braço.

— Não. Durante a conversa falei do meu tempo como Presidente da Hauser e da minha caminhada até o topo. Ele disse conhecer minha competência, acompanhou o crescimento da Hauser desde a saída de Carmen da presidência. Bem… e ele disse ter gostado do meu trabalho, da minha visão empreendedora… essas coisas.

— E então ele te ofereceu um emprego? Assim, do nada.

— Não. Ele já estava em busca de alguém. Quer dizer… ele começaria a se preocupar em buscar alguém dentro de algumas semanas. Então ele aproveitou o momento e fez a oferta.

— Certo… isso é bom, de verdade. — E então Alfredo sorri, me sufocando mais em seus braços. — Sei como trabalhar é divertido pra você.

Você aceitou a proposta?

— Não. Disse que ia pensar. É muito fora da minha experiência. Eu teria de gerenciar uma rede de hotéis brasileiros, não pertence ao grupo J.B., mas também é dele. São dez hotéis espalhados pelo Brasil.

— Não tem o que pensar, Li. É uma ótima oportunidade de aprendizagem também. Benjamin acredita na sua capacidade. Quem comandou uma empresa grande como a Hauser Alimentícia pode comandar uma rede de hotéis.

Penso por um instante, avaliando esse incentivo dele. Sorrio um pouco e seguro em sua mão, escorregando-a até meu abdômen despido. Fecho minha mão na sua, acariciando suavemente sua pele.

— Bem… mas tem outra coisa — nesse instante ergo os olhos, minhas mãos ainda nas suas, suas mãos ainda no meu abdômen, e encontro os seus.

— Eu estou grávida, Alfredo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

No mesmo instante ele parece perder a firmeza das pernas. Alfredo pestaneja seguidas vezes, me olhando pelo espelho, e eu não contenho meu sorriso de satisfação ao ver a emoção em seus olhos.

— Ah. Meu. Deus. — sussurra, e então me vira para ele. — Está falando sério? — questiona, alterando o olhar entre mim e meu abdômen. —

Lívia Diniz, está falando sério?

— Sim.

De repente, ele me ergue no ar, gritando de felicidade, e nos gira 360

graus. Acompanho seu riso, contagiada por seu humor com a notícia. Ele me beija profundamente, ainda estou no ar, sustentada pelos seus braços fortes; seguro seu rosto com as duas mãos e retribuo seu beijo na mesma medida, as lágrimas queimando meus olhos. Ele me põe no chão, mas não me afasta de seus braços.

— De quanto tempo?

— Quase dez semanas.

— Dez? E por que está me contando só agora?

Eu rio da sua euforia e agitação.

— Por que queria te dar uma felicidade dupla. Já sei o sexo do bebê.

Fiz um exame de sangue, mas precisei esperar até a oitava semana de gestação para ter um resultado com 99% de precisão.

Os olhos dele brilham em verdadeira expectativa. Sei como ele quer um homenzinho.

— É um menino, Frê. Teremos mais um menino.

Mais uma vez ele grita de felicidade. Mais uma vez me levanta do chão e me sufoca nos seus braços, beijando-me em seguida. Nem vejo quando ele me carrega até a cama e nos deita, ficando por cima, calculando seu peso para não me machucar. Então beija meu abdômen, mas sem malícia, e envolve suas mãos em torno de mim com um ar completamente paternal e protetor.

— Você fez de mim o homem mais feliz do mundo, sabia? — pergunta, olhando-me, sua boca em meu umbigo. Então, fica um segundo em silêncio.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Quase dez semanas? — inquire, quase letárgico, olhando fixamente para minha barriga. Afirmo com a cabeça em resposta. — Li… as contas batem.

Foi na noite em que voltei da França… não foi?

— Sim… foi. Na nossa reconciliação.

Um enorme sorriso ilumina o quarto. Ele volta pra mim, me puxando para cima do seu tórax, minhas pernas uma de cada lado do seu quadril. Ele brinca com meu rosto e com meu cabelo, os olhos tão cheios de passividade e amor. Lágrimas também. Oh, Deus, ele está emocionado.

— Isso merece uma comemoração. — rouqueja, tentando afastar a emoção dos seus olhos e da sua voz.

— Uma dupla comemoração, na verdade. — sussurro, mordendo seu lábio inferior, lembrando-lhe que já iríamos comemorar pela minha diminuição das sessões com Luís.

Alfredo abre outro sorriso estonteante.

— Eu te amo, Li. Obrigado por estar aqui, por nunca ter desistido de mim, apesar de tudo… todas as vezes que pisei na bola, e fui um imbecil, um babaca, um…

Calo-o com um beijo profundo, escorregando a mão pelo seu corpo.

— O passado não nos importa mais — murmurejo bem perto de sua boca, Alfredo fechou os olhos e agora respira com dificuldade; sinto sua ereção crescendo e pressionando contra minhas partes. — Quem você foi não me importa mais. Me importa quem você é *agora.* E agora você é um marido esplêndido, um pai dedicado, um homem que aprendeu a perdoar, um ser-humano melhor que transformou sua dor em algo bom, ajudando outras pessoas. Quem você foi não nos importa mais, querido. Quem você é agora, importa. E, agora, você é o pai do meu terceiro filho. E eu não poderia estar mais feliz com as minhas escolhas em relação a nós dois. Eu te amo, Alfredo.

E então eu uno nossas bocas, num beijo frenético e necessitado, mas também um selo para minhas palavras. Alfredo não me responde com palavras, mas com seu corpo.

Fazendo amor comigo febrilmente da maneira que somente ele sabe
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

como fazer.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

36

EU A PERDOO

Alfredo

ELA GIRA SEU CORPO DE SOBRE O MEU.

Deitada do meu lado, Lívia repousa a cabeça sobre meu tórax, enquanto ainda recuperamos o ar. Meus dedos se embolam em seus fios bagunçados e confusos, acariciando-os suavemente, e abro um sorriso pra mim mesmo.

Lívia está grávida outra vez, me contou há quase uma semana, e desde esse dia

eu não tenho me segurado.

A chegada desse bebê me deixa transbordando de felicidade, e todos da nossa família já sabem sobre esse novo membro — não me contive, precisei contar pra todos.

Agora, depois de uma rodada de sexo no meio da tarde com Lívia, eu me sinto completo. Como nunca me senti em toda uma vida. Lívia sempre preencheu esse vazio em mim, sempre deu sentido à minha vida patética de anos atrás. Eu percebi isso quando vi como seria doloroso viver sem ela do meu lado. Eu ansiei tanto por ter uma família grande com ela, e agora, eu tenho. Uma casa confortável e com crianças — nossos três filhos — e cães para tomarmos conta.

O que mais eu poderia querer? Além, claro, de fazer amor com ela todos os dias…?

Sou um homem maravilhosamente completo agora. Desde que Lívia entrou na minha vida, na verdade. Mas com essa nova gravidez, me sinto além de completo, me sinto transbordando.

— Benjamin me ligou hoje cedo — comenta, beijando meu ombro e escorregando sua língua gostosa pelo meu tórax. — Quer saber se aceito o NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

emprego.

— Você vai aceitar? — Viro-me para ela, baixando os olhos para seus seios magníficos. Ela se ajeita comigo, e ficamos um de frente para o outro.

— Não sei… Eu estava querendo curtir a gravidez, o bebê… mas…

— Mas…? — Ergo a sobrancelha. Eu sei como trabalhar é importante pra Lívia, e embora ela tenha afirmado querer um tempo pra nós e pras crianças, eu sei, se ela pudesse, na primeira oportunidade voltaria à sua rotina.

— Benjamin me fez algumas propostas pra flexibilizar meu horário.

Posso trabalhar trinta horas semanais; destas, dez em casa. Depois, ele me dá um

ano de licença-maternidade.

— Ele te quer mesmo trabalhando pra ele. Mas, independente da sua decisão, conte com meu apoio. Sempre, Li. — E sorrio, buscando sua boca para um beijo.

Lívia retribui, acariciando meu rosto.

— Você é incrível. — sussurra em meus lábios, olhando em meus olhos. Parece pensar um segundo antes de dizer: — Sabe como andam as coisas na Hauser?

Viro-me de costas, olhando o teto acima de nós e permito o escape de um suspiro.

— Bem, eu acho… Mamãe está mais por dentro do que eu. Aleksy está indo bem, apesar de ter vendido algumas ações das nossas subsidiárias e feito maus negócios, investindo em empresas não rentáveis. Mas no geral, parece estar tudo bem… Estaria melhor com você lá, mas…

Ela me dá um sorriso cansado e se deita sobre meu tórax, seu indicador contornando minha tatuagem, como é do seu costume, como me agrada exageradamente.

— Certo… Então, eu vou aceitar o emprego de Benjamin, Frê.

— Ótimo — digo-lhe, sorrindo. — Terá todo meu apoio, querida, pra conciliar sua vida profissional e pessoal.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia gira seu corpo sobre o meu, beijando-me avidamente e escorregando suas mãos esplêndidas pelo meu corpo. Então, fazemos amor outra vez.

***

— Tem alguma coisa te perturbando?

Estou na minha sala na Fundação Anjos Dubois. Depois de duas rodadas de sexo com minha esposa, e apesar de eu querer muito passar a tarde com ela, na borda

da piscina, vendo Lara e Enzo brincarem com os labradores — agora um pouco maiores —, eu ainda tenho responsabilidades e uma reunião com colaboradores e voluntários. E mesmo enquanto estava frente ao projetor, passando detalhes dos novos casos e dos futuros investimentos e expansões para atendermos a todos com qualidade, percebi Henrique tenso e distraído.

E então, agora, enquanto estamos sozinhos, resolvo saber o que o aflige. Meu irmão ergue o olhar pra mim, desviando sua atenção momentaneamente de alguns papéis que analisava.

— É, tem — afirma, com um suspiro. — E, sinceramente, preciso falar com alguém sobre isso.

Aceno com a cabeça, lhe mandando um sinal para continuar. A situação é engraçada. Em que momento da minha vida, eu e meu irmão tivemos esse tipo de convivência? Apesar de, nos últimos dois anos e meio, termos nos entendido e estarmos convivendo pacificamente, nunca fomos realmente confidentes um com ou outro. Escapa-me algum outro momento em que ele tenha desabafado comigo ou eu com ele.

— Estou com medo, porra, de minha relação com Vic estar comprometida — despeja, e exaspera forte, afagando os cabelos.

Franzo a testa e pestanejo, confuso com sua confissão. Victória e Henrique ficaram um tempo separados, depois daquela noite em casa quando ele a pediu em casamento, e ela, sutilmente, disse não. Mas eles se entenderam já tem algumas semanas, não entendo como diabos a relação deles possa estar comprometida mais uma vez.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Como assim, Henrique?

Ele se ajeita na cadeira à minha frente.

— Aquele tempo em que ficamos separados — começa, umedecendo os lábios —, eu… eu me envolvi com alguém. Eu estava puto da vida, com raiva… acabei extravasando.

— Eu entendo — respondo, acenando. — Isso é uma merda, não? A gente podia dar uns socos num saco, enfiar a cara no trabalho, levantar uns pesos, correr… Mas a gente trepa com a primeira mulher que passa na nossa frente. — Lembro-me de quando voltei pra França e estava emputecido e magoado com Lívia e eu também extravasei tudo isso no sexo sem compromisso, embora eu não tivesse procurado nada. Ainda assim, é algo que me causa arrependimento até hoje, principalmente as circunstâncias naquela época.

— É… — outro suspiro. — É uma merda. Ainda mais agora. A garota… a garota engravidou, Alfredo — confidencia, a voz um murmuro quase inaudível, carregada de medo e arrependimento.

Pestanejo, absorvendo a informação, eu queria poder lhe dar os parabéns, mas não é conveniente, então ele continua:

— Ela ficou num desespero, claro. Ainda está na faculdade, começando uma carreira, conseguiu um intercâmbio para o ano que vem… Um bebê agora atrapalharia toda a vida dela, entende? Ela me procurou, não quer o bebê de jeito nenhum, sugeriu um aborto… Mas — suspira pesado, desviando os olhos. — Eu não permiti… Porra, *eu* sou o pai, Alfredo, eu também tenho responsabilidade nisso.

— Sem contar que isso era o que mais queria, não é? — completo.

Henrique desvia o olhar mais uma vez.

— Sim. Sim. Eu sempre quis isso, mas… Minha relação com Lívia nunca foi estável o suficiente pra termos outro filho — e eu agradeço por isso, penso — e Victória já me disse que não quer ter filhos antes de tentarmos isso quando voltamos pela primeira vez.

— O que pretende fazer?

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não pretendo, já fiz. Marina vai levar a gestação adiante, depois vai me dar a guarda. Vou criar o bebê sozinho. E é isso o que me assusta, Alfredo. E se Vic… e se ela não aceitar, e se me deixar? — Então ele suspira, jogando o corpo para

trás. — Não quero ter de escolher entre minha futura esposa e meu filho, me entende? E talvez seja exatamente isso o que vai acontecer.

É uma situação complicada, e eu simplesmente não sei como aconselhá-lo ao melhor. Embora Henrique seja adulto o suficiente para resolver seus problemas sozinho.

— Eu acho que… vocês já passaram por muito, por coisas piores e superaram juntos tudo isso. Tenho certeza, vão superar isso também. Quando vai contar para ela?

— Não sei. Tenho medo. Medo de perdê-la, de ela ir embora de novo.

— Se Lívia e eu pudermos fazer algo por você… Não hesite em nos procurar.

Henrique acena em positivo, abrindo um sorriso sucinto. De repente, aquela tensão insólita em torno dele se dissipa bruscamente.

— E você, está curtindo esse novo bebê? — A simples menção me faz abrir um largo sorriso.

Estou prestes a responder como me sinto exageradamente ansioso pela chegada de Augusto Felipe Diniz Hauser (sim, já escolhemos o nome completo) quando meu ramal chama. Atendo-o e é Carina, anunciando a chegada de uma mulher que me dá ânsia somente em ouvir o nome dela atravessando a linha telefônica.

Angelina.

— O que essa mulher quer comigo, Carina? — questiono, segurando a raiva dentro de mim.

— *Ela apenas disse que precisa conversar com o senhor, seu Alfredo.*

Eu já lhe expliquei que o senhor não irá atendê-la sem horário marcado…

— E nem com horário marcado — interrompo-a. — Aliás, essa mulher está proibida de entrar aqui, Carina. Me entendeu? Mande-a embora.

NACIONAIS-ACHEROM

— *Sim, senhor Hauser.*

Ponho o telefone na base e faço um exercício mental.

— Alguém conseguiu tirar sua paciência. — aponta Henrique.

— Você nem imagina como. — exaspero.

— Bem… estou no meu horário, preciso ir.

Acompanho Henrique até a porta, desejando-lhe boa sorte com Victória e, pela primeira vez, o parabenizando pelo seu filho. Trocamos um abraço fraterno, no lado de fora, enquanto ele me diz que quer ser padrinho de Augusto. Rio e dou-lhe um tapinha nas costas, afirmando como gostaria disso.

Então, vejo-a se aproximando, driblando minha assistente e vindo em minha direção.

— Não tente me evitar, Alfredo — Angelina diz, a postura ereta.

Sangue ferve em minhas veias. Henrique olha para mim interrogativamente, como se exigisse uma explicação. Mantenho minha postura e lhe lanço um olhar de quem irá lhe explicar tudo mais tarde.

— Preciso chamar a segurança, seu Alfredo? — Carina pergunta.

Estou me inclinando para dizer um “sim, por favor!”, mas me contenho.

Preciso tirar Angelina definitivamente da minha vida e do meu caminho, e farei isso, proibindo sua entrada em qualquer propriedade minha, mas antes preciso deixar claro como ela me enoja.

— Não, não precisa. — respondo, sem tirar meus olhos cheios de raiva dos dela, tão insolentes, se divertindo com a situação.

— Eu ligo pra você, Alfredo — Henrique diz, se despedindo, então se vai.

— Você tem apenas um minuto — digo com desdém, dando passagem para ela. Angelina passa por mim, com um ar de vitória, mas ela mal sabe que essa guerra

ela já perdeu.

Balanço a cabeça para Carina, um sinal de que tenho tudo sob controle, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ela me devolve o aceno e volta para sua mesa. Antes de entrar na minha sala e fechar a porta para encará-la nos olhos e saber dos seus motivos para trazê-la até mim, eu tomo uma grande e demorada respiração para meus pulmões.

Finalmente me viro em sua direção. A presença dela me deixa irritado.

Não só pelo seu atrevimento passado de ter me beijado, mas porque esse seu atrevimento provocou uma avalanche de confusões e desentendimentos: agredi meu próprio filho, que deslocou o ombro por conta disso; fui obrigado a viajar e passar três semanas longe da minha mulher, brigado com ela, por causa desse maldito beijo. E, pensando bem agora, eu e ela não tocamos mais nesse assunto desde que nos entendemos quando da minha volta da França.

Muito por falta de oportunidades, pois Bernardo passou um tempo conosco até se recuperar totalmente e se instalar no próprio apartamento, e isso nos tomou um pouco mais um do outro, e muito porque não quisemos abordar esse assunto, preferindo enterrá-lo para não nos cansar mais mentalmente. Ou talvez porque Lívia confiou em mim o suficiente para saber que eu nunca beijaria Angelina por vontade própria.

— Diga o que quer. E seja sucinta. — enuncio, a voz amarga.

Ela me olha, inclinando um pouco sua cabeça para o lado.

— Vim me desculpar com você. Por ter te beijado aquele dia. Pela minha compostura de… ter me insinuado pra você, uma vez que é casado.

— Você não se insinuou, Angelina — retruco, caminhando até minha mesa e me sentando na cadeira giratória de couro atrás dela. — Você se *ofereceu* pra mim. São conceitos diferentes.

Ela abana a cabeça.

— Sim, tem razão. — Pelo menos tem a decência de concordar. — Mas porque estou realmente apaixonada por você.

Levanto-me do meu lugar outra vez, andando até a porta. Abro-a.

— Quanto a isso, não posso fazer nada. Se você veio se desculpar, já o fez. Agora, se retire, e não me procure mais.

— Oh, não seja rude, Alfredo. Nem vai aceitar minhas desculpas?

— Não, não vou. Você passou dos limites.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Foi só um beijo. Não seja dramático. Me desculpe, sim? — Sua voz é suave e manhosa, como se ela estivesse falando com uma criança.

— Angelina, por favor… — soo mais firme e aperto a maçaneta com mais força. — Retire-se.

— Não pode aceitar minhas desculpas por causa de um beijo, mas desculpou sua esposa por se deitar com David?

Inferno. Eu nem percebo, mas bato a porta para fechá-la com uma força desnecessária e caminho até Angelina a passos raivosos e decididos. Paro em sua frente, analisando-a. Seguro em seu braço, fechando meus dedos rudemente contra sua pele.

— Você pode ter plantado a dúvida em Lívia, mas não em mim. Estou vacinado contra seu veneno, Angelina — digo, entre os dentes, a raiva vindo do fundo do meu âmago para a superfície, e eu quero me controlar, embora ela mereça ser enxotada e humilhada por suas insinuações mesquinhas.

— Fui até o Avenue hoje, uma das suas funcionárias me disse que Lívia está grávida… O pai dela é caseiro seu, algo assim, e a mãe já está fazendo casaquinhos de tricô. — Solto o aperto em seu braço e me viro de costas para ela, andando pela sala. Aonde diabos ela quer chegar com isso? Penso em perguntar, mas não é necessário. — Já considerou que esse filho pode ser do…

David?

Volto-me em sua direção bruscamente, meus olhos ardendo em raiva, meu sangue fervendo, cada célula do meu corpo explodindo dentro de mim por essa maldita insinuação. Dou três longos passos até me chegar a ela e segurá-la pelos braços outra vez e arrastá-la em direção à porta.

— Já chega! Saia daqui!

Ela reluta e consegue se livrar do meu aperto.

— Por que a raiva, Alfredo? Sabe que é verdade, não é? As semanas gestacionais dela batem de quando ela se se deitou com David. Como pode aceitar isso, como pode perdoá-la?

— Ela e David não fizeram nada. — protesto, trincando o maxilar, jogando minhas injúrias para trás dos meus dentes. — Ele garantiu isso, e eu NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

acredito mais na palavra dele do que nas suas.

— Não seja ingênuo, Alfredo. Sua esposa estava bêbada, e que esposa, não? Uma mulher decente e casada não ficaria bêbada com outro homem.

— E uma mulher decente se oferece para um homem casado? —

devolvo, e ela se cala instantaneamente. — Foi o que eu pensei. Agora saia.

— Agarro-a pelo braço mais uma vez e a arrasto em direção à porta.

— Você é patético, Alfredo. Outro homem não perdoaria que a mulher tenha dado para outro! — Angelina começa a perder a compostura, está desesperada para me convencer, para me envenenar. — Como é sua consciência quando está fodendo sua esposa, pensando que outro homem a fodeu? O que Lívia é? Um depósito de esporro?

Essas palavras doem em mim além da minha compreensão. A raiva me vem à cabeça de uma forma insana e descontrolada. Quando percebo, já joguei

Angelina contra a parede e estou a segurando pelos dois braços com tanta força que posso ver sua pele branca sendo marcada pelos meus dedos.

— Vamos deixar uma coisa muito bem clara aqui, Angelina —

começo, quase salivando de raiva. — Nunca mais se refira à minha esposa dessa maneira… *Nunca mais, em sua patética vida em tentar me conquistar, se refira à minha esposa nesses termos!* — grito, fechando mais meus dedos em torno de seus braços. — Em segundo lugar, você não conhece minha vida com Lívia. Não conhece 1/3 da minha história com Lívia. Mas eu vou resumir pra você.

Angelina está me olhando nos olhos, tentando se livrar do meu aperto, como uma presa encurralada e amedrontada sabendo da sua morte. Mas eu sigo firme, ela irá ouvir tudo que tenho para dizer.

— Primeiro, eu brinquei com os sentimentos dela — continuo —, fui um babaca, um imbecil, e quebrei o coração dela. Eu a manipulei, a machuquei. Depois, ela tentou me ajudar com a morte da minha esposa e da minha filha, mas lá estava eu, sendo um estúpido, querendo-a longe de mim.

No fim, eu cedi porque ela me tem em suas mãos como nenhuma outra mulher um dia teve. Mas então, no primeiro obstáculo, eu pulo fora. E sabe o que eu fiz enquanto ela estava cuidando do meu filho *com leucemia* que eu deixei pra trás? Eu estava comendo outra mulher.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Faço uma pausa para respirar. Angelina ainda se remexe em baixo de mim, me pedindo para soltá-la, pois eu a machuco. E eu quero mesmo machucá-la porque ela me machucou ao insinuar que Lívia está grávida de outro homem e ela é um depósito de esporro. Deus, isso me machucou insanamente.

— Sim, isso mesmo. Enquanto Lívia estava desesperada com nosso filho lutando pela vida, com uma doença terrível, eu estava na França comendo outra mulher! E sabe o que mais? Lívia me perdoou depois disso, me perdoou todas as vezes… Mesmo relutante, mesmo depois de me fazer provar do meu veneno, ainda assim, ela me perdoou. Meus erros não são comparáveis aos dela.

Angelina solta uma risada sádica.

— Está me dizendo que seus erros são piores do que te trair?

— Não, Angelina! Porque não houve traição! Se Lívia se deitou com David, não foi traição, mas estupro. Se seu amigo nojento se aproveitou do estado embriagado de Lívia pra tê-la em sua cama, então, primeiro, ele é desprezível. Nem eu, quando era um babaca sem sentimentos, nunca transei com alguém sem consentimento. Em segundo, transar com uma pessoa dopada, incapaz de consentir, é estupro. Então, se David fez realmente fez isso, ele é um estuprador, e eu irei até o inferno se preciso for para condená-lo por ter estuprado minha esposa.

Angelina arregala os olhos, desviando-os de mim por um segundo.

Então torna a me olhar, empinando o queixo de uma maneira desafiadora.

— Ela disse estar embriagada, mas estava mesmo, será? — continua tentando me envenenar, me manipular, mas eu não cairei na sua rede, em suas mentiras e manipulações.

— Isso não importa mais. Só vá embora — decido não ouvir mais nenhuma palavra dessa víbora. Não por medo de ser convencido, mas por não aguentar mais olhar pra ela, meu estômago embrulha com suas palavras nojentas e suas mentiras descaradas.

Como ela pode tanto querer destruir meu casamento a todo custo?

— Está cometendo um erro, Alfredo — ofega, afastando-se da parede
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

agora que já não a seguro mais. — Está cometendo um grande erro perdoando essa mulher.

— Talvez eu esteja. Mas eu prefiro o arrependimento de tê-la perdoado ao arrependimento de ter desistido dela outra vez, sem ao menos tentar. Você não entende — dou uma risada nervosa, então relaxo, minha consciência limpa. — Lívia me perdoou mais vezes do que um ser-humano é capaz de perdoar. Se hoje

sou eu quem precisa perdoá-la, então eu a perdoo.

Sinceramente, eu a perdoo.

Afasto-me de Angelina, abro a porta mais uma vez. Mantenho-me impassível.

— Agora, vá embora e não me procure nunca mais. Estou pedindo educadamente para sair. Não me obrigue a ser estúpido e te jogar para fora desta sala.

Angelina me encara com os olhos cheios de ódio. Ajeita a roupa e o cabelo. Então passa por mim, me fuzilando com seus olhos. Sinto-me ameaçado, no entanto, mantenho-me inabalável. Ela se vai, pisando firme, e um alívio grandioso toma conta de mim. Afago o rosto, meu coração ribombando.

Eu não dou crédito às suas palavras, não compro nenhuma de suas mentiras, mas é impossível não me sentir dolorido. E embora eu esteja vacinado contra seu veneno, lá no fundo sinto uma faísca de… de que mesmo? Não dúvida, mas medo. Medo de minha esposa ter realmente sido violada.

***

Eu jurei a Lívia acreditar na versão de David. Mas por semanas as palavras da maldita Angelina ressoaram na minha mente, me atormentando.

Eu não permiti que esse seu veneno injetado me fizesse perder a razão ou mudar meu humor. Eu ainda continuei feliz e radiante com a vinda do nosso bebê, já, inclusive, montamos o quarto, todo azul, com ursinhos, uma poltrona e livros infantis. E foi um momento agradável. Lara ajudou, apesar de ainda emburradinha e enciumada com a chegada de um irmão, e também Enzo, mais alegre com a notícia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Mesmo jurando não me deixar ser contaminado por Angelina, quando fico sabendo do retorno de David ao Brasil, eu ligo para ele e marco de nos encontrarmos no Avenue. Preciso tirar essa questão a limpo, falar diretamente com ele. Limito a cumprimentá-lo quando me estica a mão. Ele percebe a minha

tensão e a recolhe. Talvez já saiba o motivo de tê-lo chamado.

Ele pede um café expresso; eu não quero nada.

— Vou direto ao ponto — digo, enquanto ele bebe seu café. — Transou com a Lívia?

David me olha por cima da borda de sua xícara, o cenho enrugado.

Apoia a xícara sobre o pires e limpa os lábios com o guardanapo.

— Transei — responde, e isso quase acaba comigo. Meu coração vem à garganta, minhas mãos já estão se erguendo para apertar o pescoço desse miserável, quando ele continua: — Na ocasião, ainda éramos namorados.

— Porra, David! — resmungo, uma mistura de raiva e alívio.

— E sabe o que mais? Depois, tomamos um banho, e ela me deu um pé na bunda. Simplesmente terminou comigo.

— Poupe-me desses detalhes. — Reviro os olhos.

— Deixe-me adivinhar: está achando que transei com Lívia por causa da noite em que ela dormiu na minha casa.

Sinto-me patético por isso. Ele já tinha afirmado que não aconteceu nada, por que eu tive essa necessidade idiota de vir confirmar?

— Não é isso. Eu não tinha dúvidas, mas Angelina…

— Angelina? — questiona, confuso.

Conto-lhe sobre todas as coisas terríveis ditas por Angelina a seu respeito, a respeito de Lívia.

— Que vaca! — David resmunga, e a expressão quase me faz rir.

Então, de súbito, ele olha pra mim. — Você não acreditou nela, não é? Não terminou com Lívia ou coisa do tipo por causa disso, não é? — Ele parece realmente preocupado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não. — balanço a cabeça. — Pela primeira vez, tomei a decisão certa.

— Ótimo. Eu posso garantir, Alfredo, não houve nada. Lívia tentou me beijar, mas estava me chamando pelo seu nome, e eu a recusei, sabia que não era certo me aproveitar do momento. E ela te ama; a gente vê naqueles olhos.

Mesmo eu…

—… você gosta dela? — interrompo-o

— Não sei. — confidencia, olhando seu café. — Eu achei que sim, há um tempo. Eu a amei, um milhão de anos atrás, e depois, quando nos reencontramos, também achei que pudesse gostar dela ainda. Mas agora…

Sei lá. Não, acho que não.

Resolvo não aprofundar mais no assunto. Incomoda-me sobremaneira esse tipo de confissão de outro homem sobre minha esposa.

— De qualquer forma — continuo —, agradeço por ter se preocupado com Lívia, por não tê-la deixado bêbada, na porta de casa sem as chaves —

penso em dizer “e por tê-la respeitado”, mas engulo minhas palavras. Ele não merece agradecimento por ter feito o correto.

— Não me agradeça.

Decido passar mais alguns minutos com David. Pergunto sobre seu projeto em Portugal, e ele me conta um pouco, bem animado, dizendo que voltará dentro de algumas semanas para acompanhar o projeto de perto.

Acabo por lhe falar da gravidez de Lívia, e David me parabeniza, soando muito sincero.

À noite, deitado, esperando por ela, eu sinto meu coração cheio de culpa. Viro-me em sua direção, me ajeitando na cama, vendo-a com uma das pernas

apoiadas no colchão, depois do banho, passando um hidratante na pele, das panturrilhas às coxas sedutoras. Ela nota meu olhar cabisbaixo.

— O que foi? — pergunta-me.

— Eu meio que… quebrei uma promessa.

Ela me olha, tensa.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu me deixei ser envenenado por aquela vadia da Angelina —

confesso, não podendo sustentar seu olhar no meu. — Ela insinuou… — paro um instante. Não falei sobre Angelina ter me procurado, das suas insinuações de o bebê não ser meu. Fiz isso pra proteger Lívia. Fecho os olhos. Deveria falar sobre isso *agora?* — Ela me procurou outro dia. Insinuou coisas, pôs em dúvida a paternidade do Augusto… pôs em dúvida se você estava mesmo bêbada naquela noite… Como se… se você tivesse ciência do que estava fazendo, entende?

A respiração dela começa a falhar, os olhos juntam lágrimas. Lívia deixa cair o hidratante das mãos. Engole em seco.

— Alfredo, eu juro…

— Eu acredito em você, meu bem… — sussurro, me engatinhando até ela. Sento sobre meus pés e seguro suas mãos. — Sempre acreditei, mas… eu tive aquela pontada de dúvida. Por isso pedi à assistente do David para me avisar quando ele retornasse. E ela me avisou. Eu fui procurá-lo, queria esclarecer isso de uma vez por todas. Me perdoe, Li. Fui um idiota por ter dado ouvidos a ela.

Eu também começo a chorar timidamente, me culpando por ter me deixado ser envenenado, por precisar procurar David pra sentir o alívio que eu não conseguia sentir mesmo quando Lívia me afirmou não ter acontecido nada entre os dois.

— Sua palavra devia ter sido o suficiente pra mim, mas… mas não foi.

Precisava ouvir da boca dele, você me entende, amor? E me perdoe por isso, por favor — suplico, as lágrimas salpicando meu rosto.

Lívia então se aproxima, fica de joelhos na cama e me abraça, seus braços se tornam meu mundo e meu remanso.

— O que David disse? — fala baixinho ao pé do meu ouvido.

— O mesmo que disse a você. E eu acredito nele. Mas não acreditei em você… Lívia, me diz, você me perdoa, não é? Me diz… — de repente ela se afasta e cola nossas bocas, me impedindo de continuar a falar. Beijamo-nos profundamente e, devagar, ela me deita na cama, caindo por cima do meu corpo.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Lívia toca em meu rosto, me acariciando com brandura.

— Não era só você que precisava dessa confirmação, Alfredo. —

murmura em minha boca. — Não se sinta culpado… Eu me senti do mesmo jeito, com medo, com dúvidas… Mesmo quando David assegurou. Mas Angelina…

— *Shhhh* — interrompo-a. — Não invoque o demônio.

Lívia gargalha alto e me beija mais uma vez.

— É sério. Não quero mais ouvir esse nome, Lívia. Nunca mais.

— Certo. Então aquela-que-não-se-pode-pronunciar-o-nome conseguiu plantar a dúvida em nós dois. Mas, o mais importante, Frê, é que não nos deixamos nos envenenar, apesar das nossas dúvidas. Isso não afetou nossa relação, querido. E isso é uma vitória em cima dela.

Abro outro sorriso, envolvo minha mão em sua nuca e a acaricio.

— Você está certa. Está certa, Li. Somos mais fortes do que isso tudo.

— Sim — sussurra, fechando os olhos e curtindo meus carinhos. — E

quer saber… mesmo com a dúvida plantada em nós, de uma coisa eu sempre tive certeza: o nosso amor resistiria a isso tudo. — Então ela abre os olhos pra mim, repletos de paixão e luxúria. — E agora vamos enterrar esse assunto. Quero fazer amor com você.

Sua boca recai sobre a minha, seus seios soltos pressionando contra meu tórax, me elevando a um nível de excitação quase inexplicável.

E não é somente excitação. É amor, também. E felicidade. E confiança.

E promessas cumpridas. E a paz que nosso relacionamento merece.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

37

RENOVADO

Lívia

ACORDO COM UM CHEIRO BOM DE CAFÉ PREENCHENDO O QUARTO.

Viro-me na cama, e ali está ele, com seu sorriso cretino e seu cheiro de pós-banho, olhando-me com veneração. Por cima dos seus ombros, sobre o criado-mudo, eu vejo a bandeja de café da manhã: uma xícara pequena de café, suco, cereal e frutas. Sorrio sonolenta e me sento ao seu lado, enquanto Alfredo traz a bandeja e a apoia sobre as minhas pernas.

— Bom dia, amor — finalmente diz, aos sussurros, surrupiando-me um selinho. Há um botão de rosa junto à bandeja, pego-a e inspiro fundo seu perfume. Tomo meu café preto e amargo — como eu gosto — e então olho para ele.

— O que você está querendo, Alfredo? — pergunto-lhe, pegando um morango.

Ele faz uma carranca de quem está ofendido.

— Ora, é só um agrado.

— Bem… você não é muito de trazer café na cama, exceto quando quer alguma coisa.

— Certo… — rendese e se ajeita melhor na cama. Rouba uma uva, comendo-a vagarosamente. — Quero conversar com você.

Ele pega outra uva, põe na boca e então se aproxima de mim, dando-me um beijo suculento com o sabor da fruta. Afasto-o delicadamente.

— Comece.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— É sobre Enzo. — confidencia, traçando a ponta de seu indicador pelo meu ombro e braço.

Apoio o copo de suco de volta à bandeja e limpo os lábios com o guardanapo. Busco pelo olhar de Alfredo, mas ele está ocupado demais passando seu dedo pela minha pele.

— O que tem Enzo? — questiono, mas não estou preocupada. Desde a conversa com Alfredo, Ana e Enzo no outro dia, ele melhorou bastante seu humor e comportamento, e, apesar de eu desconfiar que ele, Henrique e Alfredo mantêm alguma espécie de segredo pai-e-filho, eu resolvi não pressioná-los, respeitando a cumplicidade entre os três.

— Promete não surtar? — E ergue o olhar pra mim, seu dedo ainda sobre a minha pele. — Ele me pediu pra não te contar, o garoto ia ficar constrangido, mas agora… você deve saber.

Suspiro e dou uma mordida em outro morango.

— Não prometo nada. Mas diga-me.

— Enzo… começou a ter relações sexuais.

Pestanejo diversas vezes logo após essas palavras. A metade de um terceiro morango está no meio do caminho até minha boca, pois minha mão paralisou-se

instantaneamente. Engulo em seco, ainda processando a informação. Deus, eu ouvi errado, será? Enzo… tendo… relações sexuais?

Não, não pode ser. Ele é só uma…

Então interrompo meus pensamentos. Ele não é mais uma criança. Não é mais meu menininho de olhos azuis e cabelos pretos escorridos, hiperativo ao extremo, ansioso, agitado e peralta e me deu trabalho demais dentro de casa quebrando vasos e vidros, derrubando os retratos da parede ou amarrando os lençóis nas pontas da cama para fazer uma cabana.

— Li…? — Alfredo me tira do meu torpor.

Pisco mais uma vez, me encontrando com seus olhos azuis.

— Ele não tem mais oito anos, não é mesmo?

Alfredo ri um pouco e me traz para um abraço.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Não… Ele tem quatorze anos, Li.

Lágrimas picam meus olhos. Estou sendo dramática, eu sei. Enzo foi meu primogênito, meu menininho desde o dia em que o segurei nos meus braços pela primeira vez. Ele cresceu sem irmãos por mais de uma década, e toda a minha dedicação durante esse tempo foi exclusiva para ele. Vê-lo crescer, assim, tão rapidamente — e parece-me também tão subitamente —

aperta meu peito. Até ontem ele queria saber como nasceu, e eu me lembro de explicar-lhe algo sobre sementinhas e cegonhas. E agora… Agora ele simplesmente sabe como os bebês nascem.

Seco uma lágrima teimosa.

— Meu menininho está crescendo — choramingo, deitando-me no ombro de Alfredo. — Como foi que o tempo passou tão rápido, Frê? —

indago, mas ele permanece em silêncio.

Então me dou conta do meu equívoco. Olho para Alfredo, ele está olhando para as próprias mãos, umedecendo os lábios. Às vezes esqueço-me de que Alfredo perdeu muitos anos da vida do próprio filho, e sou a responsável por isso, por tê-lo privado da paternidade, com meu orgulho ferido, com meu coração ferido. Esqueço-me de que Alfredo realmente não o viu crescer *como eu* e Henrique vimos.

— Me perdoe, eu…

— É, o tempo realmente passou rápido — me corta, mas não me parece aborrecido. — Parece que foi ontem quando o conheci e o vi entrar correndo na casa da avó, gritando, e eu pensei "uma criança correndo pela casa?". Na época ele só tinha o quê, nove anos? E agora tem praticamente quatorze.

Convivi apenas cinco anos com ele, mas pra mim, é como… como se fosse desde sempre, sabe? — E sustenta meu olhar, sorrindo pequeno. — E eu também estou chocado com isso, Li. Quando ele veio me contar sobre estar fazendo sexo… minha reação foi igual à sua. Foi como se… eu finalmente me desse conta de que Enzo cresceu e não é mais uma criança.

Deixo outro suspiro escapar, afasto a bandeja das minhas pernas e me sento sobre elas, segurando nas mãos de Alfredo. Não vou negar, essa situação me deixa tão… deslocada. Meu menininho está crescendo, e é difícil assimilar isso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Então era isso o que me escondiam? — pergunto, sem tom acusatório.

— Sim. Ele me pediu pra não contar.

Abano em positivo e me sento no colo dele, envolvendo seu pescoço e o beijando.

— O que mais Enzo te contou?

Alfredo morde o lábio inferior, talvez analisando se me conta o restante ou não.

— Bem… a primeira transa dele foi… no quarto dele, e com Ana.

A informação não me deixa surpresa. Talvez eu já ponderasse a resposta. Alfredo e eu conversamos mais um pouco sobre isso; Henrique e ele conversaram com Enzo, e ainda conversam, sobre prevenção, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. E eu fico feliz por essa interação entre os três.

Depois de terminar meu café da manhã e tomar um banho (o Cretino me procurou no chuveiro e fizemos amor), estou procurando por uma roupa adequada. Tenho um encontro com Benjamin para os últimos acertos da minha contratação em uma das suas redes de hotéis, a *Nevada Hotel.* Alfredo está no quarto, na cama, me observando com seu sorriso safado, apenas de cueca, o corpo ainda levemente molhado.

— Não vai se vestir? — indago, vindo do closet com um vestido salmão.

— Ainda estou pensando… — responde, molhando os lábios sugestivamente.

Reviro os olhos e ponho a me vestir.

— Nem pensar, senhor Diniz. Tenho uma reunião com Benjamin dentro de uma hora.

— Ah, é tempo suficiente… — murmura.

Meus olhos se encontram com os dele, e minhas pernas quase perdem a vida. O tórax definido, a barriga chapada, seus músculos fortes e salientes, a NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

tatuagem no braço direito acabando na mama… esse conjunto de coisas o deixa terrivelmente sexy, dando-me água na boca. Inspiro fundo e me recomponho.

— Eu já disse não, Alfredo — digo, tentando soar mais rígida.

De repente ele se levanta e vem até mim, me abraçando pela cintura, o queixo em meu ombro. Nossos olhos se encontram a partir de nossos reflexos no espelho.

— Estive pensando… que tal renovarmos nossos votos?

Pestanejo um segundo.

— Por quê?

Ele dá de ombros, suas mãos circundando meu abdômen.

— Acho que, depois de tudo, devíamos. Nós passamos por provações e vencemos cada uma delas; nosso amor foi fortalecido… Eu só pensei nisso.

Podíamos fazer no nosso aniversário de três anos de casados; até lá… — ele agora dá a volta, se pondo em minha frente, suas mãos ainda em meu ventre

— sua barriga vai estar maior, podíamos aproveitar o momento e fazer o chá de bebê.

Analiso um instante sua oferta, os olhos azuis tão brilhantes como nunca os vi antes. E, aqui, agora, olhando para dentro deles, sei como o agradaria sobremaneira essa renovação. Então, se o deixa feliz, me deixa feliz também. E por isso, faremos.

— Claro… tudo bem.

— Sério?

— Sim… — e sorrio, sendo recebida com um beijo profundo. Afasto-o, estapeando-o no ombro. — Agora, deixe-me me trocar. — Ele se afasta rindo, pegando seu terno sobre a cama e se vestindo.

E eu me sinto ainda mais apaixonada por esse homem.

***

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Meses depois

Há um lindo e exagerado letreiro na parede da minha sala com os dizeres

“AUGUSTO”, as letras todas em azul-bebê. A mesa abaixo do letreiro acomoda um bolo de dois andares, também azul, e diversos docinhos e enfeites infantis. Bexigas azuis fazem um arco na parede, adornando toda a minha sala.

Vejo Lara se esgueirar pelo cômodo, engatinhando em direção à mesa.

Ela vem da cozinha e não me vê, pois estou ainda na escada, segurando uma mão no corrimão e outra na barriga, e fico a observado olhar para os lados e roubar um *cupcake* (adivinhem? Azul!) de cima da mesa e sair correndo.

Sigo-a com o olhar, Lara corre até o outro lado da sala, perto da porta de entrada, onde Alfredo está agachado. Ela lhe entrega o bolinho, que logo é devorado pelo pai.

— Alfredo Joseph Diniz Hauser! — advirto-o. Os dois prontamente se levantam; ela com as mãozinhas para trás, e ele tentando disfarçar a mastigação.

— Oi, amor. — E me dá um sorriso cretino.

— Você é pior do que as crianças, Alfredo. O que lhe disse sobre comer as guloseimas?

— Hã… — finge pensar. — Só quando os convidados chegarem?

Chego ao fim da escada, ele agora já ao sopé para esticar a mão para mim e me ajudar a descer os últimos degraus.

— Ah, então você não é surdo e nem tem problemas com interpretação.

— Foi só um, Li… e tem mais lá na cozinha, podemos repor.

Penso em lhe responder, mas dona Mercedes e seu Joel vêm da cozinha. Ela carrega mais uma bandeja de docinhos para distribuir pela mesa, e seu Joel, ao seu lado, a ajuda também. Ela está tagarelando alguma coisa sobre terminar mais um dos inúmeros casaquinhos de tricô para Augusto quando nos vê. Sorrio pensando nas gavetas entupidas desses casaquinhos confeccionados ao longo desses meses, Joel sempre a advertindo por exagerar nos mimos, mas eu e Alfredo adoramos cada um deles.

NACIONAIS-ACHEROM

Logo atrás, as duas caçulas dos caseiros surgem, trazendo mais um monte de bexigas para terminar de preencher alguns locais vazios do arco.

Apesar de termos contratado uma empresa para organizar a cerimônia de renovação dos votos e do chá de bebê ao mesmo tempo, a família Morais quis ajudar com uma coisa ou outra, e nós não o privamos disso.

— Olá, dona Lívia — diz a mais nova, Mariana, toda alegre. — Oi, seu Alfredo.

— Senhor e senhora Hauser, menina — adverte Joel.

— Deixe, Joel — Alfredo responde.

— Está quase tudo pronto, Lívia — dona Mercedes diz, repondo os doces surrupiados. — Lá no quintal já está tudo pronto. O bolo branco de três andares está tão lindo! E Enzo está roubando bem-casados lá também.

— Ah! Mas que coisa esses três — reclamo, olhando para Alfredo e Lara.

— Ficarei de olho nesses três para a senhora. Deveria ir se arrumar. A cerimônia é dentro de pouco. Vá, vá.

— Fica mesmo de olho neles pra mim? Vão comer tudo antes de os convidados chegarem.

— Sim, não se preocupe, minha filha. Aliás — e se vira para o Cretino

—, seu Alfredo, também deve ir.

— Ah, eu já estou pronto — resmunga, me fazendo olhá-lo de cima a baixo. Ele está vestido com uma calça jeans e camisa branca. Está simples e lindo, mas não adequado para uma cerimônia como a nossa.

— Não está falando sério, não é? — Ponho a mão na cintura.

Ele se diverte com minha pergunta e, roubando-me um beijo, responde:

— Não. Só gosto de te ver irritada.

— Cretino… — murmuro só para ele ouvir.

— Vão vocês dois. Fico de olho em Lara e em Enzo para não comerem mais nada. — insiste dona Mercedes.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Subimos, então, nós dois para o quarto. Alfredo me ajuda a me despir, sempre com cuidado exagerado em meu ventre saliente. Ele sente o bebê mexer num desses momentos e fica exageradamente alegre; ele se ajoelha, segurando-me pela barriga e conversando com Augusto. O bebê fica agitado toda vez que ouve a voz do pai, e sinto como será a forte a ligação desses dois; assim como Lara é apegada a Alfredo, e ele é apegado a Lara. Assim como ele tem uma ligação forte com Enzo desde quando o conheceu — e se mantém até hoje.

Ele me ajuda a fechar o vestido de um tecido leve, apertando-me suavemente na cintura e ressaltando meus seios já maiores por causa da gestação. Alfredo ajeita as alças no meu ombro, conversando comigo, enquanto ainda está de jeans e camisa branca.

Enquanto penteio o cabelo e me maquio, ele decide se arrumar. Veste camisa social azul, calça e colete pretos, penteando o cabelo para trás, deixando-o lindamente sexy e irresistível.

Depois de já estarmos prontos, descemos para o local da cerimônia, onde os convidados já nos esperam. Alfredo se posta perto do púlpito do cerimonialista, um sorriso quase não cabe em seu rosto. Estou na ponta extrema — o vento esvoaçando o vestido longo — enroscada aos braços de meu pai, enquanto caminho na direção dele, outra vez para, ser entregue ao meu homem.

Meu pai beija minha testa e acarinha minha barriga antes de se afastar.

Alfredo estica sua mão para mim, me ajudando a subir o degrau até o altar.

Ele sorri… tão lindo e contagiante… e me beija suavemente nos lábios.

Viramo-nos para o cerimonialista, meus olhos ainda presos à decoração singela e romântica do lugar.

— Queridos amigos e amigas, sejam bem-vindos a esta celebração do amor. Estamos reunidos hoje aqui para a renovação dos votos de Alfredo e Lívia. São três anos de casamento completados hoje, e, depois de alguns altos e baixos na vida do casal, resolveram reafirmar o amor um pelo outro. — O

cerimonialista segue dizendo mais algumas palavras, às vezes me atento a elas, às vezes não. Estou presa demais nesses olhos azuis encantadores na minha frente, me encarando de volta com um sorriso que mexe comigo. —

Assim sendo, vamos à renovação dos votos. Alfredo — ele se vira para meu

marido —, pode começar.

Alfredo pega em minhas mãos, olhando-me profundamente dentro dos olhos. Sua íris azul está brilhando como brilha apenas em momentos especiais. Quando nos casamos, ou quando Lara nasceu, por exemplo. Então, ele diz:

— Obrigado. — diz, de repente. — Não posso iniciar os meus votos sem te agradecer antes de tudo, Lívia. Obrigado por ter entrado na minha vida e me feito uma pessoa melhor. Obrigado por não ter desistido de mim quando precisei de você; obrigado por ter perdoado os meus erros, as minhas falhas; obrigado pelos nossos filhos lindos, obrigado por ter feito de mim o que eu sou hoje.

Alfredo faz uma pausa, ainda segurando minhas mãos e as acariciando.

Ergue, então, seus olhos pra mim e não posso dizer quem está mais emocionado. Inspirando fundo, ele torna a falar:

— Perdão. Perdão pelo modo como entrei na sua vida; perdão por todas as vezes que te magoei, intencional ou não; perdão pelas vezes em que eu desisti de você, embora você não tenha desistido de mim. Perdão se, às vezes, eu não sou o marido perfeito, ou se não demonstro meu amor por você e deixo em dúvida os meus sentimentos.

Ele traz minhas mãos para seus lábios e as beija.

— Mas, o mais importante agora é saber, Li, que eu te amo como nunca pude

amar alguém. Eu já fiz essa promessa antes, no conforto da nossa intimidade, mas vou reafirmar agora, perante todos, como testemunhas. Vou te amar pra sempre. Até que a morte nos separe — e sorri, enxugando uma lágrima descendo timidamente. — Além, na verdade. Vou te amar para sempre e mais um dia.

— Para sempre e mais um dia — repito, a voz embargada, enquanto ele me traz para um beijo sereno e apaixonado.

Meus ouvidos zumbem com assovios e aplausos dos presentes, e Alfredo, rindo em minha boca, afaga meu ventre. Afasto-me dele um centímetro, controlando minha emoção e minhas lágrimas. Minhas mãos tremem enquanto Alfredo desliza minha aliança pelo meu dedo anelar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Seguro sua mão forte e tremulante, também, e o olho nos olhos, buscando dentro do meu âmago todas as palavras ensaiadas para essa ocasião.

— De todas as minhas decisões sobre você — começo, entrelaçando nossos dedos —, não me arrependo de nenhuma. Apesar de… algumas vezes termos sido feridos, porque fomos orgulhosos ou porque estávamos de coração partido, eu não me arrependo. Se eu pudesse voltar no tempo e mudar alguma coisa no nosso passado… — balanço a cabeça em negativo —

eu não o faria. Nada. Porque nosso passado nos define hoje… E eu não poderia te amar mais se eu mudasse alguma coisa, e eu não poderia me sentir mais orgulhosa de você, de estarmos juntos, se eu mudasse alguma coisa. —

Levanto minha mão para seu rosto barbado, e agora úmido das lágrimas descendo tímidas, os olhos tão brilhantes como jamais vi, e o acarinho suavemente. — Eu te amo… como você é, o que você foi e o que você se tornou. Amo cada detalhe seu, amo seus defeitos e suas qualidades. Tudo o que você é, é tudo o que eu amo.

Tomo-o em mais um beijo, também sereno, também apaixonado, e mais uma salva de palmas e silvos ecoam pelo ambiente.

Depois da cerimônia, nos reunimos no jardim, onde cortamos o bolo branco de

dois andares, brindamos à nossa união e dançamos ao som de, claro… Scorpions. Nossos amigos e parentes vêm nos cumprimentar, perguntar do bebê, nos desejar felicidade. Bernardo e Ann-Marie, agora sua esposa; Carmen e Tarciso; Henri e Vic; David e sua nova namorada; meus pais, Ana Beatriz e sua tia Michele; Joel e sua família, Benjamin e sua esposa, alguns funcionários, amigos e acionistas da rede de hotéis Nevada Hotel, onde estou no comando há alguns meses, e tantos outros convidados.

À tardezinha, nos reunimos na sala para o chá de bebê. Todos os homens são expulsos e levados para o salão de jogos, onde irão beber cerveja e jogar pôquer ou pebolim, enquanto as mulheres permanecem na sala para o jogo do chá de bebê. No fim, estou apenas de calcinha e sutiã, com o corpo todo rabiscado de batom, e extremamente feliz, a casa rodeada de presentes para Augusto.

Limpo-me e visto uma roupa mais confortável, e nossa confraternização se estende até por volta de oito da noite. Os últimos NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

convidados a irem embora são Vic e Henrique, um pouco bêbados.

Alfredo me prepara um banho delicioso, e depois me faz massagens nos pés. Estou sucumbindo ao sono, sentindo-me relaxada com seus dedos esplêndidos quando o sinto me abraçar por trás e me beijar na nuca.

— Ei, dorminhoca… não vai me deixar na seca, vai? — sussurra, baixinho; e eu lhe cutuco com as costelas.

— Hoje não, Frê, estou exausta.

— Eu trabalho — insiste, murmurando e beliscando minha orelha com os dentes.

Rio e lhe dou outra cotovelada.

— Não insista, senhor Diniz. Hoje estou sem disposição.

Ele suspira e me faz virar em sua direção. Está sorrindo largamente, sua mão repousando em minha barriga para sentir o bebê remexendo.

— Me diz aquilo de novo? — pede, enroscando nossas pernas, afagando meu

rosto com uma das mãos, enquanto a outra continua em meu ventre. Augusto está agitado.

— Aquilo o quê?

— Nos seus votos.

Sorrio para ele e penso um instante antes de dizer. Nãos sei exatamente a qual parte se refere, mas tenho uma vaga ideia.

— Tudo o que você é, é tudo o que eu amo.

Alfredo fecha os olhos e sorri.

— Repete.

Então eu o faço.

— Eu não podia estar mais feliz, sabia? — indaga, baixinho, mordicando meu lábio inferior. — Me sinto… me sinto tão completo, Li.

Além disso. Sinto-me transbordando. E eu te amo tanto.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Enfio meus dedos em seus cabelos e o puxo para mim, colando nossas testas, sentindo sua respiração quente e acelerada contra meu rosto. Ah, ele está excitado, e eu sei disso.

— Você me agradeceu por entrar na sua vida. E eu também preciso fazer o mesmo. Apesar de tudo, você foi uma das melhores coisas que me aconteceu.

Ele se sente ofendido. Falsamente.

— Por que não *a* melhor coisa? — Cretino convencido

— Por que temos três filhos.

Alfredo contrai o rosto.

— Ah, então estou perdendo o primeiro lugar para nossos filhos?

— Não seja ciumento, não faça drama — rio e me aproximo, beijando sua boca.

Com cuidado, ele se põe entre minhas pernas, segurando todo o peso do seu corpo nos braços, e arremete ferozmente à minha boca, reivindicando-a toda para si. Esqueço-me de qualquer exaustão corporal. Entrego-me a este homem e ao amor que ele me oferece. Entrego-me não somente esta noite, mas para sempre.

Para sempre e mais um dia.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

38

DESEJO REALIZADO

Alfredo

APERTO A PONTE DO NARIZ, PROCURANDO MINHA PACIÊNCIA.

Pressiono mais o telefone no ouvido, tentando entender os argumentos de Fernando, um dos acionistas das minhas subsidiárias da Hauser Alimentícia, a vender uma rede de bar e restaurantes que temos na Argentina.

Exato.

Estou no comando outra vez da Hauser Alimentícia. Aleksy foi afastado do cargo depois de descobrirmos desvios de dinheiro e tramoias corruptas em conjunto com Fritz Hauser. Mamãe resolveu perdoá-lo caso ele vendesse suas ações da Hauser a um preço proposto por ela, bem abaixo do valor de mercado, e, sem saída, Fritz aceitou, estando hoje desmembrado da nossa empresa e fora do Conselho.

Inicialmente, pensamos em devolver o cargo à Lívia — afinal, sempre lhe pertenceu —, mas minha esposa recusou, pois não queria abandonar o comando da *Nevada Hotel*, pensando na oportunidade recebida de Benjamin alguns anos

atrás. Por fim, não houve outra saída, e aqui estou eu hoje.

Agora, de frente para a janela de vidro, enquanto do outro lado tentam me convencer a vendermos nossas ações, observo a cidade daqui de cima.

Fernando quer a todo custo, juntamente com os demais acionistas, a venda dessa nossa rede, pois, segundo eles, não nos rende tanto mais.

Mas eu não quero abrir mão dessas empresas. A maioria está localizada em cidades turísticas da Argentina, algumas são pequenas e dependem do comércio local e do turismo para sobreviverem. Os investidores interessados em comprá-la já alegaram fechar as menos rentáveis e fazer corte no quadro NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

de funcionários, e isso significa pessoas perdendo seus empregos. E eu não quero isso.

— Não adianta, Fernando — rebato, trocando o telefone de ouvido.

Augusto se remexe no meu colo, batendo as perninhas e apertando a chupeta na boca. Ele está acomodado no meu tórax segurado por um canguru, tentando dormir, mas a posição parece-lhe desconfortável. Ele é um pouco chato nesses quesitos, diferente de Lara, que dormia de qualquer maneira em qualquer canto.

Certo. Eu não deveria estar aqui agora. É sábado, e combinei um passeio no parque com as crianças, enquanto Lívia está em Amsterdã a negócios — a megera há dois meses é CEO da J.B Hotels. No entanto, no caminho, recebi essa ligação e precisei vir até a Hauser para resolver essa situação. Na área de estar da sala, Enzo está com Lara, desenhando em algumas sulfites, distraindo-a até eu solucionar esse problema com Fernando.

Enquanto ele tagarelava sobre como nos seria melhor vender a empresa, eu fiz uma busca pelo mercado atual, bolsa de valores, a cotação do dólar e o preço das ações da empresa.

— Eu não quero vender. E não vou — respondo, acariciando os cabelinhos castanho-claros de Augusto, agora quase sucumbindo ao sono. —

Em vez disso, quero comprar.

— *Do que está falando, Hauser?*

— Vou comprar as ações dos outros acionistas. Eles querem vender, mas eu não. Farei uma proposta na segunda-feira de manhã. Diga-lhes que cubro o valor oferecido pela *Inc. Formes.* Vou marcar uma reunião para nós aqui na sede da Hauser. Peça-lhes para comparecer às 10h00min.

Fernando suspira em derrota.

— *Tudo bem, Hauser. Como quiser. Ainda acho um grande erro.*

— Eu decido isso depois, Fernando. Até segunda-feira.

Desligo o telefone e olho para o outro lado da sala. Lara está rindo com o irmão, os dois pintando algum desenho impresso do computador na mesa da minha assistente. Aproximo-me deles, espiando-os, e Lara me nota, agora desocupado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Podemos ir agora, papai?

— Sim, minha princesa.

Olho para Enzo, já se levantando e juntando a bagunça de Lara de lápis e papéis.

— Avisou Ana sobre nosso atraso?

— Sim. Ela decidiu nos esperar no parque, disse ir caminhando mesmo.

Vamos nos encontrar por lá.

Enzo e Ana estão namorando tem alguns meses. E eu vejo como se gostam de verdade, como *Enzo* gosta dela de verdade, e isso me deixa imensamente feliz. Feliz em saber que, de alguma forma, ele não vai seguir meus passos do passado, não vai ser um cretino sem sentimentos que gosta de magoar as pessoas.

— Bem… então vamos indo. Antes do parque preciso passar na Anjos Dubois e

na Ophanim.

A Ophanim é minha fundação com Lívia para o apoio e auxílio nas comunidades carentes para crianças e adultos com o intuito de oferecer-lhes oportunidades de educação e trabalho. Todos os cadastrados passam por acompanhamento social, recebem uma ajuda de custo e cestas-básicas, as crianças são inseridas nas escolas, e os adultos, no mercado de trabalho. Nada é de mão-beijada. As crianças precisam manter a média de notas na escola de oito pra cima, os pais precisam estar com vacina e pesagens de seus filhos em dia, e as faltas na escola não podem ultrapassar quinze por cento de aulas no ano letivo. Além disso, também oferecemos cursos profissionalizantes, bolsas de estudos, e lazer — esporte, artesanato e arte. A grande maioria é convênio e parceria com organizações privadas, e existimos, principalmente, por doações e voluntariado.

Lívia e eu temos três empresas com o lucro todo revertido para nossas fundações , e posso dizer, nosso trabalho é gratificante. Na semana passada, inauguramos duas escolas num dos bairros mais carentes da cidade, as obras totalmente custeadas pelas nossas empresas, parcerias e doações.

Depois de passar rapidamente nas fundações e garantir estar tudo como deve estar, vou finalmente ao parque com as crianças. Enzo distrai Lara,
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

fazendo-a rir, enquanto Augusto cochila no bebê-conforto.

É um dia bonito e ensolarado. Tomamos sorvete, fazemos piquenique e brincamos no *playground*. Lara gosta demais da companhia não somente do irmão, mas também de Ana, pois ela é mimada e adorada pelos dois, o tempo todo. Agora, vejo os três sentados na grama, brincando de corre-cotia, enquanto vim hidratar Augusto. Ele está deitado no meu colo, bebendo um pouco de água e brincando com meu indicador quando uma mulher surge no meu campo de visão.

— Oh, Deus… É mesmo você? Alfredo Hauser?

A penumbra ofusca um pouco minha visão, e, no primeiro segundo, não posso identificá-la. Mas quando ela dá um passo para o lado, eu a reconheço.

— Ei… Wanessa.

Wanessa se senta do meu lado. Está diferente de quando a vi pela última vez — quase não a reconheço —, e isso foi há muito tempo, alguns meses antes de partir para Paris.

— Meu Deus… você está ótimo — diz, exultante, e me dá um abraço meio desajeitado.

Augusto se remexe no meu colo, quer ficar em pé, dispensando a mamadeira com água. Abano a cabeça e sorrio um pouco, guardando algumas coisas do bebê dentro da bolsa dele.

— Você também. Há muito não te vejo. Quase não te reconheci.

— Eu sei. Estou acabada, não é?

Deixo uma risada escapar.

— Não, você está bem… apenas diferente.

— É o trabalho e o casamento. Ambos me cansam. Esse menino é seu filho? Quanto tempo tem?

— Sim. Está com dez meses. — respondo, repleto de orgulho, pondo-o em seus pezinhos. Augusto se balança sorrindo abertamente, Wanessa brinca com ele, dizendo-me como se parece comigo. Tem os olhos azuis como os meus.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ele é muito lindo. Seu primogênito?

— Não. Meu caçula. É meu quarto filho, na verdade. Aqueles dois ali

— e aponto para Lara e Enzo brincando. Lara está colocando o lenço nas costas de Ana Beatriz — também são meus. Lara e Enzo.

— São todos lindos, Alfredo. Parabéns.

— Obrigado — agradeço, sinceramente.

— Inacreditável, não?

— O quê?

— Alfredo Hauser… casado. Quatro filhos. Se me dissessem, eu não acreditaria.

Solto uma gargalhada alta; é mesmo uma grande ironia do destino pra mim. Também sempre achei isso. Mas uma ironia que me alegra. Meus filhos me mudaram, minhas esposas me mudaram, e, apesar do modo como entrei na vida delas, não me envergonho de quem sou hoje, mas de quem fui; no entanto, também não tenho vergonha de falar do meu passado, pois assim tenho uma desculpa para exaltar Lívia, de como ela me mudou, de como foi de extrema importância na minha vida.

— É… eu sei. Entendo sua surpresa.

Nós conversamos por alguns instantes. Wanessa sabe um pouco sobre mim por intermédio daquela mulher com a letra “A” a qual não me agrada pronunciar ou ouvir seu nome, por isso a advirto suavemente para não tocar mais no nome dela. Aquela mulher foi uma pedra no meu sapato e evito a todo custo falar nela. Ela me fala um pouco da sua vida: casou, teve uma filha que foi morar com o pai em Orlando, se divorciou e tornou a se casar, mas, pelo seu tom e da forma como reclama do marido, parece-me iminente um segundo divórcio. Eu também lhe falo um pouco de mim, do meu casamento com Lívia e poupo-a dos meus dramas. Ela pode facilmente encontrar as informações necessárias sobre esse triste momento da minha vida com uma pesquisa rápida no Google.

— Espere… Lívia não é a garota do cinema?

— Ela mesma.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Isso não poderia ser mais irônico.

— Não, não poderia. — sorrio um pouco, beijando os cabelinhos de Augusto. —

Ela fez de mim um homem melhor, me deu filhos maravilhosos e lindos, me faz feliz todos os dias. Ela é incrível. Queria que a conhecesse.

— E onde ela está?

— Na Holanda, a trabalho. Ela é uma mulher de negócios, aquela megera.

— E você ficou com a parte doméstica? — questiona, um pouco sarcástica, me observando cuidar de Augusto.

— É… quase isso — devolvo, sorriso no rosto.

— Fico feliz por você, de verdade. Foi bom te ver, Alfredo. — diz-me, se levantando e deixando um beijo na bochecha de Augusto. — Mas eu preciso ir agora. Talvez a gente se encontre por aí.

— Talvez — murmuro, enquanto ela me dá um sorriso e se afasta.

Volto minha atenção às crianças brincando. Pego alguns brinquedinhos na bolsa de Augusto, ponho-o no gramado e me sento ao seu lado, apertando o bonequinho do *Mickey Mouse*, que começa a cantarolar alguma coisa, deixando meu menininho agitado.

Temos uma tarde além de agradável e divertida. Terminamos nosso sábado em casa com os labradores — agora enormes — Spike e Lola. As crianças adoram a brincadeira com os cães, correndo atrás deles, ou com eles, rolando na grama, gargalhando. Até eles resolverem pular na piscina.

Augusto fica agitado, também querendo brincar na água. Ele brinca e ri sem parar enquanto o seguro em meus braços. Lara está na boia, Enzo e Ana por perto, mas, vez ou outra, se afastam para trocarem alguns beijos.

Ao entardecer, assisto alguns desenhos na sala de mídia com Lara e Augusto; Enzo e Ana se afastaram, foram até o quarto namorar um pouco.

Nós jantamos por volta das nove da noite, e nos ajudamos com a organização da cozinha. Enzo se prontifica a pôr Lara para dormir. Cuido de Augusto, dando-lhe um banho e aquecendo a mamadeira. Ele demora um pouco mais a dormir, está irrequieto, sentindo falta da mãe, fora há três dias.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Ela ligou algumas vezes nesses dias, ou conversamos via Skype, para falar com as crianças, Augusto principalmente, ele é apegado demais tanto em mim quanto na mãe. Consigo finalmente fazê-lo dormir e decido deixá-lo comigo em minha cama. Lívia volta em dois dias, e a saudade dela quase quebra meu coração.

Pego no sono abraçando o corpinho de Augusto.

No meio da noite, sinto uma presença do meu lado, me abraçando por trás, deixando um beijo na minha nuca. Viro-me e topo com os olhos castanhos fascinantes, e, antes de ter tempo de entender sua presença aqui, Lívia me beija profundamente, girando-me na cama e deitando sobre meu peito. Tateio o lugar de Augusto, mas ele não está comigo.

— Já o levei pro quarto dele — sussurra em minha boca, tirando desesperadamente seu casaco.

— Li… Quando voltou?

— Cheguei há pouco — responde, baixando as calças. — Mudanças de planos. Voltei mais cedo. Estou morta de saudade.

Ela recai sobre minha boca outra vez. Troco de posição, ficando por cima dela, beijando seu pescoço, queixo, colo e seios. Minha excitação cresce entre minhas pernas.

— Droga… podia ter me avisado. Teria te buscado no aeroporto.

— E estragar essa surpresa gostosa? — E sorri maliciosamente, tirando o sutiã. — Até parece que você estava me esperando, dormindo assim, só de cueca. — Resvala sua mão até meu membro duro. Suspiro de prazer. —

Nunca vou me acostumar em você ser tão grande e duro dessa maneira, sabia?

Não a respondo. Puxo sua calcinha com tudo, tiro meu pênis para fora, passo meus dedos por sua vagina. Depois de lhe dar um oral magnífico, penetro-a com força, me deslizando para dentro dela com facilidade, e abafo seu grito de prazer

com um beijo profundo.

Fazemos amor até quase amanhecer o dia, matando nossa saudade um do outro, a saudade dos nossos corpos. Eu gemo seu nome, sibilando NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

declarações de amor enquanto a como com força, ou enquanto ela cavalga em mim. Faço promessas e juras de amor eterno enquanto tenho seu corpo sob o meu, grudado ao meu pelo nosso suor. Com minhas palavras eu digo o quanto a amo, o quanto ela me faz feliz e o quanto eu não saberia viver sem ela. Com meu corpo, eu reafirmo todas as minhas palavras.

Ao final, ela gira de sobre meu tórax, seu indicador — para variar —

contorna minha tatuagem. Os cabelos áureos bagunçados, a pele molhada de suor… ainda assim, ela é linda.

— Aliás… feliz aniversário. — deseja-me.

— Você se lembrou. — digo, sem-graça.

— Me lembrei, Frê, claro. Por que acha que voltei mais cedo? Fiz de tudo pra conseguir voltar antes do previsto. Queria estar aqui com você pra comemorar. Bem… e o dia somente começou. Ainda teremos outras rodadas assim.

Umedeço meus lábios, já sentindo minha ereção com a ideia.

— Obrigado. Ter você do meu lado todos os dias é meu melhor presente. Não preciso de mais nada.

— Precisa. De um bolo. E eu deixei um encomendado pra você. —

Gira sobre meu corpo, ficando em cima de mim, olhando-me nos olhos. —

Você merece. — E me beija profundamente.

Fazemos amor outra vez.

E ela sempre será o melhor presente da vida pra mim.

Eu não sei como reagir quando eles começam a cantar os parabéns.

Toda minha família está agora reunida na sala, num aniversário de última hora improvisado por Lívia. Mamãe e Tarciso, meus sogros Marcus e Katia, meu irmão Henrique, sua esposa, Vic; sua filha Nina, meu melhor amigo Bernardo e sua esposa, Ann; meus filhos, Lara, Enzo, Augusto… e por que NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

não Ana Beatriz? Joel e sua família, que, ao longo dos últimos dois anos também se tornaram meus amigos, minha família. As pessoas mais importantes pra mim, me desejando felicidade.

Três ponto oito. Trinta e oito anos. Mas eu só comecei a viver mesmo aos trinta e dois, quando voltei de Paris, quando Lívia ressurgiu na minha vida, quando tive Lauren, quando aprendi o verdadeiro significado de uma palavra tão simples e tão poderosa: amor.

Antes disso tudo, eu não vivia, eu apenas… existia.

Mas agora, enquanto vejo todos sorrirem e cantarem uma canção de aniversário, batendo palmas alegremente, eu me dou conta de como sempre fui rodeado de amor, de sentimentos, de carinho, e eu fui estúpido o bastante para nunca ter percebido isso antes, por ter demorado mais de trinta anos para me dar conta de como todos me amam. Eu venci o ódio. Todo o ódio pelo meu irmão. Todo meu ódio por Joel. Minhas desavenças com Victória. O

ódio de Lívia por mim.

Hoje, eu tenho o amor deles; sempre tive, na verdade, mas estava sendo babaca o bastante para fazer as pessoas passarem por cima desse sentimento por mim. E eu também os amo. Cada um deles. De formas diferentes, mas ainda assim, eu os amo.

Eles são minha família, minha base, minha alegria. Cada um aqui tem uma participação direta ou indireta pelas mudanças na minha vida, e eles me tornaram um homem melhor, menos egoísta e mesquinho, mais empático, mais humano. Até mesmo Sophie e Lauren, vivas em meu coração, são a causa das minhas mudanças.

— Faça um desejo. Mas em silêncio — Lívia diz quando acabam os parabéns e tenho de soprar as velinhas.

Olho pra eles, tentando controlar minhas lágrimas. Droga, desde quando sou tão emotivo?

— Eu já tive meu desejo realizado… — suspiro, afastando as lágrimas.

— Tenho uma família incrível, amigos incríveis. Sou feliz ao lado da minha esposa, tenho filhos lindos, claro, como eu — todos riem, e Lívia me estapeia. — Eu não quero mais nada, gente, além disso aqui — e abro os NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

braços. — Todos nós reunidos, como uma família. Sou um homem que tem tudo, e meu tudo não está na minha empresa, ou na minha casa confortável, ou na minha riqueza. Mas na minha família. Se eu perder vocês, então eu perco tudo. Eu só desejo isso. Nossa família unida. Para sempre.

— E mais um dia — Lívia completa.

Sorrio e apago as velinhas.

Silvos e palmas ressoam por todos os cantos. Lívia me beija profundamente.

Então eu sei, mais do que nunca. Sou um homem completamente realizado.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

EPÍLOGO

Enzo

LARA É INSUPORTÁVEL QUANDO SE TRATA DE ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS.

É perfeccionista ao extremo e isso me deixa irritado. Eu procuro não reclamar enquanto estou arrumando, pela décima vez, e no mesmo lugar, o letreiro com o

número 30 ordenado com pérolas. Ela insistiu comigo que Larissa, minha filha caçula, tirou o letreiro do lugar. Pois bem, pra não discutir com minha querida irmã, resolvi recolocar no lugar, mas ela sempre parece insatisfeita e me manda “fazer direito”.

Meus pais estão completando trinta anos de casado hoje. Bodas de Pérola. A casa está uma correria para preparamos uma surpresa pra eles.

Mamãe e papai ainda estão na cidade, e acreditam que virão passar um dia na nossa casa de campo sozinhos. Bem, eles passarão, mas depois da nossa surpresa.

A família toda está reunida para agilizarmos a festividade — ideia de Lara e do seu marido, que tem uma empresa de eventos — e corremos contra o tempo. Papai já saiu de casa com mamãe; embora com mais de sessenta anos, ainda é conservado, a visão o ajuda, e ele ainda dirige com muita maestria. E o danado é um coroa que faz sucesso no Clube do Tricô. Mentira, não há nenhum grupo de tricô; mas ele tem admiradoras, bem como minha mãe também. Continua sendo uma megera mandona, segundo meu pai, e linda. E sobre isso eu não discordo dele.

— Augusto está atrasado. Por que ele nunca pode chegar no horário?

— Lara reclama, reposicionando o bolo na mesa. Ela põe a mão na cintura e avalia a nova posição. Não gosta, por isso troca, experimentando um novo ângulo.

— Relaxa, Lara. Ele deve estar ocupado com o trabalho. Ele disse vir, só espere. Ele vai chegar antes do papai e da mamãe para a surpresa, não se preocupe.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Sabe se ele vai trazer aquela namorada dele… como se chama, mesmo? Valentina… ou alguma coisa assim.

— Valentina? Ele terminou com ela já tem uns dois meses. Está agora com uma tal de Susan, e ela já é a segunda depois da Valentina.

— Ele nunca vai parar com alguém, será?

— Falou Lara Beatriz Diniz Hauser, casada há um ano e meio depois de quinze namorados.

Ela faz uma cara feia e leva a mão à cintura.

— Não tive quinze namorados. Foram cinco, Enzo. Cinco. Ninguém é obrigado a se casar com o primeiro namorado, como você se casou com Ana.

Dou uma gargalhada alta, satisfeito com a posição do letreiro com o número 30.

— Nunca esteve com mais ninguém, sério isso? — Lara pergunta, curiosa; como sempre foi. Desde pequena.

Por um tempo eu senti vergonha disso. Mas não hoje. Ana Beatriz é minha alma gêmea, e não tenho vergonha de dizer que ela foi a primeira e única na minha vida. Acreditem se quiserem, mas eu não tive outra mulher senão ela. Estamos casados há doze anos e temos duas filhas. Larissa, cinco anos, e Maria Eduarda, nove. Eu não preciso de outras mulheres quando tenho três.

— Não, não tive.

— Augusto está tendo todas as namoradas que você não teve —

alfineta, me fazendo revirar os olhos.

Ela vem até mim dando saltinhos e me abraça, beijando-me na bochecha.

— Estou brincando, sabe disso. Acho super-romântico isso de Ana ter sido a única pra você. E se você está feliz, eu também estou. Mas, agora, estou mesmo preocupada com Augusto. Ele não para com ninguém.

Caminhamos para a cozinha, Lara quer conferir os docinhos e lembrancinhas. George, seu marido, está liderando a equipe de garçons, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

instruindo-os sobre suas posições no salão e nos arredores. Parece mais um

sargento traçando uma estratégia de batalha.

— Ele é jovem, Lara. Só tem 27, se lembra? Deixe-o aproveitar a vida.

Lara suspira e começa a contar as carreiras dos docinhos ainda nas caixas. Junto com George, confere o bar e o estoque de bebidas; depois, as mesas, conferindo se as toalhas estão impecavelmente brancas e com seus respectivos adornos. Deixo-os terminando a dar os últimos ajustes e vou procurar pela minha esposa. Ela está na sala de estar, arrumando o penteado *Black Power* de Larissa, como Ana mesmo costumava usar quando criança.

— Oi, querido. — cumprimenta-me, me recebendo com um beijo, e logo voltando a atenção à minha menina de pele negra e olhos verdes. —

Larissa conseguiu desarrumar o cabelo, correndo por aí.

— O vovô já chegou, papai? — Larissa pergunta, fazendo uma carinha feia quando Ana puxa com um pouco mais de força seus cabelinhos cacheados.

— Ainda não. Não pode estragar a surpresa dessa vez, certo? — digo, me lembrando de um aniversário do papai que fizemos. Seria surpresa, mas Larissa, com três anos na época, acabou contando pra ele um dia antes, nos frustrando.

Ela move a cabecinha em positivo e cruza os indicadores na frente dos lábios. Estou pensando em procurar um canto para ligar para Augusto e perguntar onde ele está, mas sou interrompido quando Maria Eduarda entra correndo e me abraça pelas pernas. Um segundo depois, um rapazinho entra junto, também correndo, Maria Eduarda grita, se põe atrás de mim e depois corre.

— Duda! — advirto, enquanto ela some pelo outro lado da sala — Sem correr!

— Deixe sua filha brincar, Enzo. Ah… Você chegou. — diz, e me viro para ver meu irmão trazendo um sorrisinho no rosto.

— Olá, cunhada. Oi, Enzo.

— Lara estava preocupada com você.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Se ela parasse de correr para cima e para baixo arrumando o que está perfeito, talvez tivesse visto minha mensagem no celular sobre eu já estar chegando.

Deixo minha esposa com Larissa na sala e caminho com Augusto até o quintal, perguntando como andam as coisas na H&D, uma das nossas subsidiárias, onde é ele quem comanda tudo como diretor-geral.

— Está tudo bem, não se preocupe.

— Está conseguindo conciliar a sua função com a Kelor Multimídia?

Recentemente Augusto abriu uma empresa de multimídia, onde ele é acionista principal, tornando-o também CEO. A empresa está no ramo há pouco tempo, menos de quatro anos, mas de um ano pra cá ganhou mais visibilidade e notoriedade, o quê, suponho, o consume mais.

— Sim. Não é fácil, mas eu sou bem flexível e amo meu trabalho.

Ele sorri, enfiando as mãos no bolso e olhando para os lados.

— Tio Henri vem pra cá hoje?

— Claro — abano a cabeça. — Ainda está o evitando? Já tem uns quatro meses, Guto.

— Não me chame de Guto — resmunga. Equivale a chamar meu pai de Alfredinho. — E respondendo a sua pergunta, sim, estou evitando o tio Henrique.

Rio um pouco e me viro em sua direção. Tudo bem, admito, eu também quis pular no pescoço dele quando soube que ele dormiu com Nina, tecnicamente minha prima, mas sendo filha do meu pai adotivo, é minha irmã também. E Augusto não se importou com nosso sangue. Henrique também não gostou, principalmente porque viu Guto saindo do quarto dela, e até lhe deu uma bronca, rendendo uma discussão com Alfredo e uma semana sem os dois irmãos se falarem. No entanto, isso já foi há mais de quatro meses, meus dois pais tornaram a se falar, Nina já esqueceu, assim como nosso pai, só Augusto parece ainda ter medo de Henrique.

— Deveria ter pensado nisso antes de dormir com a Nina.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Ah, não seja chato — rebate, num mau humor teatral.

Lara surge gritando com ele, e logo o arrasta para pô-lo a fazer alguma tarefa. Augusto reluta e reclama, mas cede às ordens de Lara.

Nossa irmã é uma mulher bonita e formada, professora de Balé na Lauren School Ballet — uma homenagem à nossa irmã falecida. É

determinada e teimosa, como mamãe, mas também muito empática e generosa. Nós três comandamos as fundações iniciadas por nossos pais há mais de trinta anos, a Ophanim e Anjos Dubois, e temos nossas próprias organizações que agregamos a elas. Lara tem uma escola de balé para crianças carentes; Augusto banca uma escola de música e artes marciais, e eu tenho projeto de bolsas de estudo no exterior.

Os convidados começam a chegar instantes depois e os colocamos todos no salão para a surpresa. Os carros ficaram no pátio dos fundos para meus pais não notarem nada ao chegarem. Alfredo me liga horas depois, está a dez minutos daqui. Pedi para me avisar quando chegasse, alegando apenas preocupação. Reunimos todos no grande salão, onde meus pais entrarão primeiro, pois eu lhe disse que comprei um presente de aniversário de casamento e quero que ele veja antes de tudo. Ficamos em silêncio, apenas aguardando.

De repente a porta se abre, e gritamos “SURPRESA” para eles.

— Crê nisso, Li? — pergunta ele, caminhando de mãos dadas com minha mãe até nós. Ele ainda a chama carinhosamente pelo apelido. — Essas crianças nos preparam uma surpresa.

Lara corre até nossos pais e os abraça simultaneamente, Augusto logo se junta ao abraço, e eu não demoro em me unir a esse gesto grandioso.

— Feliz aniversário pra vocês — Lara diz, beijando-os. Papai tem uma barba ruça, assim como os cabelos curtos e grisalhos, os olhos azuis se destacam no

meio de tantos fios brancos. Mamãe é mais vaidosa e pinta o cabelo, continua tão bela quanto sua juventude.

— Obrigada, meus amores. — mamãe responde, beijando cada um de nós. — São os melhores filhos do mundo, não são, Alfredo?

— Sim, os melhores. — responde, a emoção em seus olhos.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Abraçamo-nos outra vez, e agora o restante se une conosco. Minhas filhas, netas tão adoradas, minha esposa, meu pai Henrique, tia Vic, Nina, tio Bernardo e seu filho Jean…

Toda a nossa família unida, como meu pai desejou anos antes em uma festa de aniversário.

Sua promessa perdura até hoje.

Para sempre e mais um dia.

Fim

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

CENA EXTRA

AU REVOIR

Alfredo

CHEGO À FRANÇA POR VOLTA DE DEZOITO HORAS.

Enquanto desembarco, eu tento ignorar todos os meus pensamentos negativos e me praguejo infinitamente por não ter conseguido falar com Lívia como eu realmente queria. Eu precisei fazer uma viagem de última hora, por causa de Bernardo, para cá. Consegui um jato particular da Hauser Alimentícia, arrumei

duas ou três trocas de roupa para mim e parti. A viagem inesperada nem é o problema. O problema é eu ter viajado justamente num momento em que eu estou brigado com Lívia, porque eu fui um maldito escroto e bati no meu próprio filho — que, antes de eu partir pra cá, estava indo ao hospital porque, provavelmente, teve uma luxação no ombro.

A minha mente está a mil. Estou preocupado com Enzo, estou com medo de tê-lo machucado e amargamente arrependido por lhe levantar a mão.

Se ele realmente se machucou por minha causa, por causa do meu tapa nele, eu vou me sentir ainda mais péssimo do que já estou. Eu penso em ligar pra ela novamente , avisar da minha chegada e que ocorreu tudo bem com o voo.

Entretanto, eu me foco em correr até o hospital onde Bernardo está, primeiramente.

Sou autorizado a entrar para vê-lo enquanto um médico me explica seu estado de saúde: ainda em coma, mas estável. No quarto, junto com ele, encontro uma mulher conhecida. Ela me vê e sorri pequenino, seus olhos cor âmbar estão abatidos e cansados. Eu me sinto levemente deslocado por reencontrá-la assim, tão repentinamente, e por ela estar aqui, também. Afinal, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

antes de eu voltar para o Brasil na época em que Lívia me procurou para o exame de compatibilidade, ela não era colega de Bernardo — nem mesmo conhecida.

Cumprimento-a com um sussurro e vou até meu amigo, observando-o com uma tristeza enorme no meu coração. Bernardo é meu melhor amigo. Ele me abriu seus braços quando cheguei à Paris na juventude; um brasileiro que não falava uma palavra de francês, e Bernardo me ajudou muito. Depois, quando toda aquela reviravolta na minha vida aconteceu, outra vez Bernardo esteve lá pra mim, com sua amizade e com seu apoio. Vê-lo nesse estado, talvez entre a vida e a morte, me deixa perturbado e com medo. Eu o amo, de todo coração, e agora, enquanto acaricio seus dedos suavemente, tenho uma real dimensão de como ele se sentiu quando os papéis estavam invertidos.

— Ei, Bernardo — murmuro, numa esperança de ele me ouvir e me

compreender. — Olha, eu saí do Brasil, brigado com Lívia, por você. Deixei tudo pra trás, porque você é meu amigo. Você é meu *melhor amigo.* E vou estar aqui quanto tempo você precisar. Então, o mínimo que você precisa fazer por mim é sair dessa vivo, me entendeu?

Fico mais um tempo ao seu lado, afagando sua mão um pouco gelada, ouvindo o constante *bipe* do seu monitor cardíaco. Por fim, eu consigo me afastar e encarar Marie nos olhos.

— *Salut*, Marie — digo-lhe. Ela se levanta da sua poltrona ao lado da cama de Bernardo, vindo em minha direção e me abraçando.

— Oi, Alfredo — devolve, baixinho. — Quanto tempo. A última vez que nos vimos foi…

— É, eu sei — não a permito continuar. — E te peço desculpas por nunca nem ter te dado uma satisfação durante esses anos.

— Tudo bem. Você não me deve satisfação alguma. Bernardo me deixou a par dos motivos que te levaram a voltar e a ficar no Brasil. Seu filho está melhor, aliás?

— Sim, ele está. Obrigado por perguntar. Mas, me diga, como você e Bernardo se conhecem?

Marie me explica que dias depois daquele dia em meu apartamento NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quando Lívia apareceu de repente, eu não dei mais notícias. Ela então simplesmente me procurou na *Avenue Coffee*, e Bernardo lhe contou sobre meu retorno ao Brasil e dos meus motivos. A partir daí, os dois apenas manterem contanto, e Marie se tornou cliente da nossa cafeteria.

Caminhamos juntos para fora do quarto de Bernardo, ainda conversando, Marie me falando sobre o que aconteceu ao meu amigo e do seu envolvimento com Ann-Marie, sua amante. Passo um tempo conversando com Marie, nosso assunto girando em torno apenas de Bernardo e dessa coisa em sua vida.

— Se você quiser ir para seu apartamento e descansar, você pode, Alfredo — me diz, enquanto retornamos para o quarto dele carregando dois copos de isopores com café. — A viagem foi cansativa, não foi?

— Foi, sim. Não se importa se eu vier pela manhã?

— Claro que não. Vá. Aproveite e ligue para sua esposa — pontua, com um sorriso. À menção disso, eu me recordo de que preciso, mesmo, falar com Lívia.

Afasto-me até para fora do hospital e ligo para Lívia. Conversamos por alguns minutos, ela me parece mais calma, mas sei que ainda está ressentida comigo. Ainda precisamos conversar, mas isso só vai acontecer quando Bernardo melhorar e eu poder voltar para o Brasil; e eu não sei exatamente quando isso vai acontecer. Retorno para o quarto de Bernardo após encerrar minha ligação apenas para me despedir de Marie e prometer-lhe voltar pela manhã. Sigo de táxi até meu apartamento em Paris. Sinto-me extremamente cansado física e psicologicamente. Minha sala está às escuras e a atmosfera parece mofada. Eu deveria pagar alguém para abrir esse apartamento pelo menos uma vez por mês.

Eu não sei se é acaso, mecânico ou algo mais forte do que eu, mas, quando acendo as luzes, a primeira coisa em que olho nesse apartamento é a urna onde estão as cinzas de Sophie. Instantaneamente, meu coração pesa, intensificando meu cansaço psicológico. Adentro mais o apartamento, a passos vagarosos. Quando Sophie morreu, ela morreu com o desejo de retornar à França e fazer uma visita, pois já estava no Brasil havia pouco mais de um ano. Comentávamos sobre isso quando aconteceu o nosso acidente.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Sophie morreu com esse desejo. Trazer suas cinzas para cá foi uma forma de atender a esse último pedido. Eu as trouxe, um pouco tarde, ao voltar para França depois de descobrir a paternidade de Enzo e decidir que queria um tempo para esfriar a cabeça. Entretanto, durante as nove semanas de minha estadia na França desde então, eu nunca criei coragem de espalhar as cinzas de Sophie — como Lívia sugeriu — ou de simplesmente levar a urna para os parentes mais próximos delas, seus tios, que até hoje vivem em Monte Carlo.

Apenas deixei a urna ali, num canto da minha estante.

Toco a urna com a ponta dos dedos, sentindo-me levemente nostálgico, meu coração remendado batendo mais devagar e se despedaçando um pouco mais. Fecho os olhos e me afasto. Jogo minha pequena mala no sofá, tiro um par de roupas e sigo direto para um banho longo. Enrolado num roupão que encontrei por aqui, retorno para a sala. Ligo a tevê apenas para ter algum som de fundo e me impedir de ter pensamentos negativos. Paro frente à urna de Sophie, mais uma vez. Com um pouco de coragem e fôlego, toco-a com as duas mãos, e com mais uma dose de coragem, retiro-a do lugar onde repousa há mais de dois anos.

Busco um lugar para me sentar. Ainda tenho alguns porta-retratos de Sophie e Lauren no meu apartamento — ficaram para trás quando retornei às pressas para o Brasil por causa de Enzo — e procuro me pôr perto de um desses retratos. Com a urna em mãos e sobre meu colo, eu fico olhando para a foto de Sophie; nessa foto em questão, ela está com Lauren, sentada no gramado da nossa casa — hoje a Fundação Anjos Dubois — e, entre suas pernas, Lauren está sentada, tinha seis meses na época. Eu mesmo bati essa foto e me recordo como se fosse ontem.

Deixo a urna perto do retrato de Sophie com Lauren, levanto-me e sigo para o quarto, apagando as luzes. Todas as minhas forças estão completamente exauridas. Ponho uma roupa de cama limpa e me deito para dormir, mas já com uma ideia. Não me permitirei voltar ao Brasil sem ter a coragem de fazer o que devia ter feito para Sophie há muito tempo.

***

Já tem pouco mais de uma semana desde a minha chegada à Paris.

Bernardo está melhorando, mas ainda muito debilitado, e passa mais tempo
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

dormindo do que acordado. Ann-Marie, que não sofreu um arranhão, vem visitá-lo esporadicamente. Apesar de Antony, seu marido, ter sido preso, as coisas por aqui ainda não estão legais. Ann estava sendo perseguida por um primo do marido, por isso, Marie e eu abrimos as portas dos nossos apartamentos, onde ela dorme em dias alternados — embora ela tenha conseguido uma liminar o proibindo de se aproximar duzentos metros dela.

De qualquer maneira, eu aproveito que Marie e Ann estão fazendo questão de permanecerem no hospital em companhia ao meu melhor amigo para tirar um dia e cumprir algo essencial. Pego a urna da minha estante, com cuidado, e faço meu percurso até a Ponte Alexandre III. Sophie gostava daqui, ela não somente comentou sobre sua fascinação por esse determinado local em Paris como eu a trouxe aqui dias antes de transarmos pela primeira vez. Era noite, e a lua estava cheia, incidindo seus raios prateados sobre as água do Sena. Trocamos alguns beijos românticos e palavras de amor; à época eu ainda era um babaca imbecil e tinha intenções de abandoná-la logo depois de termos nossa primeira vez, então, nada do que eu lhe disse naquela ocasião era verdadeiro. Por isso, enquanto estou encostado à balaustrada da ponte, sentindo a brisa fresca atingir meu rosto, eu sinto o peso do arrependimento sobre meus ombros. Eu sempre vou levar esse peso comigo, sempre vou ter a minha parcela de culpa por sua morte. Os "*e se…*" vão me seguir e me atormentar pelo resto dos meus dias, e só o que me resta fazer é aceitar, aprender a conviver com isso.

— Eu não sei se isso vai servir de alguma coisa — murmuro, segurando a urna com firmeza —, eu não sei se você pode me ver de algum lugar, Sophie, se pode ver o que estou prestes a fazer por você. A vida é um mistério, não é? Ou talvez a morte seja um mistério maior. Quando estamos vivos e saudáveis, sabemos quem somos, onde estamos… Mas, ao morrer, temos algum tipo de consciência, Sophie? Você pode me ouvir, ou me ver?

Você sente? Você sente tanto pesar em não ter retornado à França como queria como eu sinto?

Abaixo os olhos, controlando minha respiração descompassada. Olho ao meu redor, algumas pessoas — turistas — zanzam para lá e para cá com suas câmeras fotográficas.

— Eu já achei que fui um péssimo marido pra você. Mas desde aquele
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

sonho, quando viajei com Lívia, e você me pediu para perdoar Joel, eu aliviei um pouco esse fardo. Não fui um marido maravilhoso pra você, mas também não fui péssimo. Razoável seria a palavra?

Como se não bastasse conversar com Lauren, em seu túmulo, quando vou visitá-

la, agora estou falando com as cinzas da minha esposa. O quão doentio ou insano isso é? Não me importo o quanto estou soando louco ou patético, continuo conversando com Sophie mesmo assim:

— Como eu estava dizendo, eu não sei se ter trazido suas cinzas para França, como uma forma de atender o seu desejo de estar aqui, vai ser a mesma coisa se, viva, você viesse pra cá. "O que vale é a intenção" não é o que dizem? — Suspiro, deixando minha cabeça pender um pouco. — Você sabe, eu teria vindo com você pra cá, como uma segunda lua de mel, sem você precisar me pedir duas vezes, não é? E eu acho que o ser humano é o animal mais patético da face da terra. Mesmo sabendo da incerteza do amanhã, ainda assim, fazemos planos. Nós fazemos planos, embora sabendo que eles podem ser frustrados no próximo segundo. Eu teria vindo com você, Sophie, eu teria atendido ao seu pedido. Mas a vida… a vida é uma grande incerteza. E eu te perdi antes de poder realizar o seu sonho. E isso me atormenta tanto, Sophie. Saber que você morreu querendo voltar pra cá… —

Faço uma pausa para respirar, eu nem vejo, mas meus olhos marejam levemente. — Saber disso acaba comigo de uma maneira inexplicável.

Eu olho para a linha do horizonte à minha frente, onde o céu azul-cobalto parece tocar as águas do Sena ou os inúmeros prédios rondando as margens do rio. Abaixo meu olhar para as minhas mãos firmes na urna de Sophie; contemplo um instante a aliança dourada em meu dedo esquerdo; recordo-me de Lívia, do seu amor, da sua paciência, do seu incentivo, da sua compreensão. Eu sempre tive um medo bobo de magoá-la ou incitá-la ao ciúme por causa da minha história com Sophie, mas Lívia se mostrou muito madura quanto a isso.

— De qualquer maneira, eu estou fazendo por você, mas por mim também, Sophie. Eu me sinto péssimo com a ideia de não ter podido realizar o seu desejo. Trazer suas cinzas aqui, tornar *você* um pedacinho da França, é a minha maneira de tirar o peso dos meus ombros e me sentir mais aliviado com esse fato.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Com uma vagarosidade quase mórbida, eu abro a urna. A natureza parece entender a minha intenção porque a brisa, antes suave, ganha um pouco mais de força, como se preparasse para levar as cinzas da minha falecida esposa. Apoio-

me com mais firmeza à balaustrada da ponte e inclino a urna para o lado, em cima do rio. Aos poucos, e com a ajuda do vento forte, as cinzas dela se espalham pelo ar e são levadas para longe até sumir completamente.

— Agora você está em casa, Sophie

sussurro, enquanto suas cinzas ainda se misturam ao vento. — Dentro dessa urna, guardada no canto de uma estante, dentro de um apartamento vazio não é estar em casa. Você pertence à Paris, à França. Eu devo isso a você. Agora, você está em casa, Sophie Dubois. Obrigado por tudo. E *au revoir.*

Depois de espalhar suas cinzas sobre as águas do rio Sena, eu permaneço mais algum tempo encostado à grade da ponte, curtindo o vento no meu rosto, que agora voltou a estar mais calmo, mas ainda forte o suficiente para levar uma lágrima teimosa que dos meus olhos escorreu.

— *Je'taime,* Sophie. Não se esqueça : *Je'taime. Au revoir, mon amour.*

Au revoir.

Caminho lentamente pela ponte Alexandre III de volta ao meu destino com uma paz interior que eu achei nunca ser capaz de alcançar.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

EPÍLOGO ALTERNATIVO

Alfredo

MUITOS ANOS DEPOIS…

EU LHE DISSE SER COMPLETAMENTE DESNECESSÁRIO.

Estou velho, não morto — apesar de estar com um pé na cova. Mas Lara é insistente e me acomodou em uma cadeira de rodas, embora contra minha vontade, para fazermos o percurso de ida e volta do cemitério. Mesmo com meus 80 anos, eu ainda sou um velho forte — resultado dos meus percursos matinais na juventude — e conseguiria muito bem andar alguns metros do carro até o

túmulo dela e depois voltar.

— Deixe-me andar, Lara — resmungo, enquanto ela me empurra. —

Você sabe, odeio essa coisa. Eu estive…

—… confinado a uma cadeira de rodas uns cinquenta anos atrás; eu sei, papai — ela diz, suavemente. — Eu cresci ouvindo sobre isso, se esqueceu?

— Então por que não me deixa andar?

— Porque eu me preocupo com você, papai — ela responde, sem nunca deixar a suavidade da sua voz. — Você pode cair e, na sua idade, seus ossos estão fracos e qualquer queda pode te machucar.

— Você me ofende, dessa maneira — resmungo, outra vez. Nunca pensei que me tornaria um velho resmungão.

Lara ri graciosamente, uma risada idêntica a da mãe dela.

Instantaneamente, meu coração se aperta de saudade. Hoje está fazendo um ano que Lívia partiu. E eu nem sei dimensionar o tamanho da minha dor de perdê-la para sempre. Meu amor por aquela Megera foi supremo e profundo, e eu acho inadmissível ela ter me deixado, ter partido primeiro, ter me deixado com um enorme e incurável buraco no lugar do meu coração, NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

porque, quando ela morreu, ela o levou junto. De um ano para cá, eu tenho somente *existido*, e não vivido; os dias se arrastam e se resumem a serem insuportáveis na ausência dela. Meus filhos e netos tornam meus dias melhores, mas não são como os anteriores a morte de Lívia. E nunca serão, na verdade.

Entendam, eu amo meus filhos e os filhos deles mais do que eu posso pôr em palavras. São tudo, absolutamente *tudo*, para mim. Tenho uma família enorme e que me dá muito orgulho. Entretanto, quando meus filhos conquistaram a independência deles — Enzo aos 18 já morava fora do Brasil, estudando; Lara, aos 22, foi para Paris para se tornar uma bailarina bem-sucedida, e Augusto, aos 17, conseguiu um intercâmbio em Berlim — a minha única companhia era a mãe deles. Vivemos só nós dois por mais de vinte anos. Éramos um a companhia do

outro, cúmplices**…** Houve uma época em que paramos de trabalhar e nos dedicamos um ao outro em tempo integral

— e foi uma época incrível —; às vezes sentávamos na varanda e ficávamos horas conversando, ela nos meus braços, e observávamos o céu, ou as estrelas, ou o pôr do sol. Lívia nunca gostou de ficar parada, por isso, quando nos aposentamos, ela aprendeu outras coisas: jardinagem, crochê, pintura…

Tudo para ocupar sua mente e se manter ativa. Assim, eu me recordo de muitas vezes ter a ajudado a podar uma muda, ou sentar-me ao seu lado segurando uma bola de lã, ou servir de modelo para ela em suas desastrosas pinturas — as quais eu nunca me atrevia a dizer que estavam horríveis.

Ficamos casados por mais de quarenta anos; desses quarenta, por mais de vinte vivemos somente nós dois. Por isso, quando ela partiu, numa manhã de quarta-feira, cochilando no nosso quarto enquanto eu tinha ido fazer uma caminhada matinal e curta, eu me senti completamente perdido, sozinho e sem rumo. Nada e nem ninguém nunca conseguiu curar essa imensa solidão que eu sinto desde a partida dela.

Amo meus filhos e meus netos; adoro a presença deles; eles enchem a casa e meu coração, mas Lívia — esposa, mãe e avó — foi quem esteve ao meu lado durante tantos anos, enquanto eles estavam vivendo suas vidas, construindo suas próprias famílias, tendo seus filhos. Sendo assim, sua ausência é pra mim irremediável e incurável. Sinto falta dela todos os dias e odeio a minha solidão, o sentimento de estar sozinho, de estar sem ela. É

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

doloroso demais para descrever com exatidão.

Desde a sua morte, eu venho, ao menos, uma vez ao mês visitar o seu túmulo. Trago-lhe flores e tenho a irritante e insana mania de conversar com ela, assim como eu fiz com Sophie e, até hoje, faço com Lauren, quando visito seu túmulo. Meus filhos se revezam para me trazerem, por vezes todos me acompanham, mas eu sempre achei desnecessário. Eu ainda posso muito bem dirigir ou caminhar sozinho. Mas eles insistem em virem comigo, e eu não tenho como contrariá-los.

— Eu nunca quis te ofender, papai — Lara diz, parando de me empurrar na maldita cadeira de rodas, contornando-me e se inclinando para beijar-me amorosamente no rosto. — Eu só me preocupo com você – alega, abrindo a porta do carro e me ajudando a me levantar.

Eu tenho forças o bastante para fazer isso sozinho — levantar e entrar no carro —, mas eu a deixo me ajudar mesmo assim, porque também gosto desse seu zelo e preocupação, embora seus exageros me deixem irritado.

Acho que agora sei como ela se sentia quando ela era criança e eu a sufocava com meus excessos de cuidado. Tanto que, quando Lara decidiu ir para Paris, Lívia e ela me prepararam para a notícia, pois sabiam que eu dificilmente permitiria que ela viajasse e morasse sozinha num país completamente estranho para minha filha. Elas levaram três semanas e cinco dias para me convencerem a deixar Lara morar em Paris para estudar. E não vou mentir: com Augusto o drama foi o mesmo — ou até pior, porque ele sequer tinha dezoito anos completos na época.

— Agradeço sua preocupação, minha filha. Mas seu velho pai aqui ainda sabe se cuidar — respondo-a, enquanto Lara fecha a porta do carro e depois se acomoda no banco do motorista.

— Igual ao mês passado, quando caiu no seu banheiro? — indaga, com um sorriso sarcástico nos lábios. Eu não a respondo, e Lara simplesmente faz nosso caminho de volta para minha casa, não antes de conferir os nossos cintos de segurança.

Em casa, ao chegarmos, toda minha família está reunida: Enzo com Ana Beatriz e suas duas filhas, Maria Eduarda e Larissa; George, esposo de Lara, e a filha deles, Lauren (em homenagem à minha falecida filha), de NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quinze anos; Augusto e sua esposa, Lavínia Müller, e seu filho, quem apelidamos de Juninho, com apenas sete anos de idade. Todos eles nos esperam para almoçarmos; a mesa comprida está bem-posta e farta, e há uma atmosfera alegre os rondando enquanto conversam.

Recebo abraços e demonstrações de carinhos de todos quando chego.

Não vou mentir: sou muito paparicado. Não há um final de semana que essa casa fica vazia, sempre um ou outro está aqui. Minha neta Lauren, por exemplo, vem todas as férias escolares para cá e me faz companhia. Duda e Larissa vêm esporadicamente, às vezes trazem namorados para eu conhecê-los. Lara me liga pelo menos três vezes ao dia. E não pensem que é somente porque estou morando sozinho há um ano. Antes mesmo da morte de Lívia, nossa família sempre foi atenciosa (e exagerada) dessa maneira.

Temos um almoço e uma tarde de conversa agradável em torno da mesa e depois no sofá. Eles conseguem me animar mais justamente hoje, que seria um dia de tristeza para mim. Às dezesseis horas estou exausto. Lara quer me ajudar a me levantar e me guiar até meu quarto para que eu possa descansar até o jantar, mas, com um movimento de mão eu dispenso sua ajuda.

— Papai está bem, Lara — Augusto a acalenta, com seu filho nos braços.

— Tem certeza de que não precisa de alguma coisa? Deveria comer algo até o jantar. Almoçamos meio-dia e o correto é comer de…

— Lara, eu estou bem, meu amor — digo-lhe, beijando sua testa amorosamente. — Se me dão licença, esse velho vai descansar. Desço para jantar com vocês.

Consigo, por fim, subir até meu quarto e me acomodar em minha cama.

Como é de meu costume desde a dolorosa partida dela, eu pego um retrato de Lívia — esse em questão, nós estávamos na Grécia, quando completamos vinte anos de casados — e o abraço forte contra meu peito, fechando os olhos e deixando meu sono me dominar. Durmo profundamente, e, em algum momento, eu acho que sonho com Lívia. Acordo, entretanto, com uma comoção no meu quarto. Abro os olhos, inexplicavelmente estou em pé e vejo Lara chorando copiosamente. Augusto tenta contê-la, enquanto Enzo acaba de sair do quarto às pressas dizendo algo sobre chamarem uma NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

ambulância.

Pestanejo um segundo e desvio os olhos para onde eu deveria estar dormindo. Então, a visão me deixa muito assustado. Vejo-me na cama, na mesma posição de antes, ainda abraçando o porta-retratos de Lívia, dormindo profunda e

tranquilamente.

— Papai! — Lara diz, chorando — Papai, por favor, acorde.

— Lara, ele… ele se foi — Augusto responde, a voz engasgada.

— Estou bem aqui — digo, mas eles parecem não me ouvirem. Tento me aproximar mais, porém, há alguma barreira que me impede.

Demoro apenas mais um segundo para entender o que se passa. Eu estou morto. A ideia me deixa um pouco perturbado, entretanto não consigo sentir nada além disso. Eu fico observando o desespero dos meus filhos diante à minha morte por um tempo. Lara chora muito e é a que precisa receber mais atenção para ser acalmada. Presencio os socorristas chegarem, me examinarem, confirmarem minha morte e então me levarem em uma maca. Lara sai do quarto, estarrecida, entre Enzo e Ana Beatriz. Augusto fica no meu quarto, chorando de uma maneira que só vi quando a mãe dele se foi, até sua esposa vir consolá-lo.

Sinto muito por ter partido assim, parecendo tão abrupto, deixando-os para trás, mas também me sinto leve, descansado, com a alma em paz, como se, enfim, eu tivesse meu descanso merecido.

— Eles vão se acostumar — uma voz atrás de mim soa suavemente. E, como num passe de mágica, não me encontro mais no meu quarto, mas em um campo aberto, onde o sol queima prazerosamente minha pele, e o céu é tão azul e límpido…

Volto-me para trás, no mesmo instante meus olhos se enchem de lágrimas. Corro para os braços de Lívia sem nem pensar duas vezes e a abraço forte, matando toda a minha saudade dela. O aroma dela é o mesmo de tantos anos atrás, e a maciez da sua pele quase me deixa em êxtase. Ela me afasta de seus braços um centímetro e me beija profundamente. Deus, tudo não passou de um sonho? Olho dentro dos seus brilhosos olhos castanhos.

Seu rosto, aqui e agora, não é o mesmo de quando faleceu. É mais jovial. É

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

como eu a reencontrei depois de dez anos na França.

Olho para minhas mãos. São jovens outra vez. Há um rio alguns metros de onde estamos, e caminho rapidamente até a margem, encarando meu reflexo na água.

— Tenho 32 anos de novo? — pergunto, um pouco confuso. Ela sorri pra mim de forma quase angelical.

— Você pode ter a idade que quiser aqui. Mas normalmente nos reportamos a uma época de suma importância da nossa existência — explica-me, pacientemente.

Penso por um segundo.

— Aos 32 anos eu voltei da França… e me vi apaixonado por você. E

isso me mudou muito — profiro, entendendo o porquê da minha aparência atual.

Lívia segura em minha mão e me acaricia suavemente, afirmando em positivo.

— Eu não pensei que você viria pra cá — ela diz, me puxando para debaixo de uma macieira. Esse lugar é tão… espetacular.

Sorrio um pouco de lado e, escorregando minha mão carinhosamente pela lateral do seu corpo, eu me aproximo de sua boca e sussurro:

— *Para sempre e mais um dia*. Se lembra?

— Você cumpriu. — E abre um contagiante e iluminado sorriso.

Trago-a para minha boca e a beijo profundamente, sentindo que teremos a eternidade juntos, transbordando todo meu amor por ela que é atemporal, incondicional e além da vida.

— Não importa onde eu esteja, sempre vou te amar… — declaro-me.

— Eu te amo, Lívia. Para sempre**…**

—… e mais um dia — Lívia completa, me arrastando de volta para sua boca, como se quisesse recuperar o tempo perdido em que ficamos separados.

Mas nós temos tempo agora.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Temos toda a eternidade.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

AMANTE IMPROVÁVEL

SPIN-OFF DE HENRIQUE HAUSER

Prólogo

Acordo com a imagem de suas costas brancas e despidas diante dos meus olhos. Ela está sentada na beira da cama, os cabelos louros na altura dos ombros recaídos, os braços cruzados, talvez escondendo os seios. Então a realidade me atinge como um soco forte quando as lembranças da noite passada vêm todas de uma vez à minha mente.

Eu traí minha mulher. Com a melhor amiga dela.

Suspiro alto, sentindo o gosto amargo do meu arrependimento na boca.

Ela parece me ouvir, por isso me olha por cima dos seus ombros, me oferecendo um sorriso pequeno.

— Oi… — sussurra, sem-jeito.

Levanto-me, a cabeça lateja. Estou tendo uma ressaca. Ainda nu, busco pelas minhas roupas jogadas no chão. Visto-me, sem saber como encará-la, o que dizer dessa situação. Foi um erro, com certeza. Deus, como eu pude dormir com Victória?

Ela me olha, desajeitada, os olhos verdes abatidos, mas, ao mesmo tempo, encantadores. E, em mais de dez anos, nunca reparei nisso.

— Olha, Victória…

— Eu sei — me interrompe, se levantando, os braços cruzados escondendo os seios, como supus. Ela pega o sutiã, se vira de costas pra mim e se veste. — Foi um erro.

Aceno em positivo, embora ela não possa ver.

— Eu estava bêbado… e com raiva.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

— Eu entendo — responde, vestindo a camisa, depois a calcinha e a calça jeans. Por fim, se vira pra mim, ajeitando os cabelos louros com as mãos.

Seus olhos verdes parecem frenéticos, e ela fica muda um instante, como se buscasse uma resposta a mais. Minha desculpa para esse erro foi estar bêbado e com raiva, mas… e ela? Qual a desculpa dela para ter dormido com o homem da melhor amiga? Ela não tem, e sabe disso, e talvez isso a corroa ainda mais.

Desvio meu olhar do dela para meu relógio de pulso. Pouco mais de cinco da manhã. Ela precisa ir embora antes que Lívia chegue. E só agora me dou conta do tamanho da minha imprudência. Eu não só traí Lívia, mas o fiz na minha casa com ela, na *nossa* cama, com a *melhor amiga*.

— Lívia não pode saber — dizemos ao mesmo tempo.

— Não, não pode — afirmo, enquanto Victória também concorda, acenando em positivo.

Passa por mim, indo até a sala. Sigo-a. Ela pega sua bolsa transversal e joga-a sobre os ombros.

— É melhor eu ir.

— Sim. Posso te levar se…

— Não, obrigada. Já fizemos muito, Henrique — responde, a voz arrastada, e

olha para os próprios pés.

Acompanho-a até a porta. Antes de partir, ela me olha uma última vez e, mesmo à meia-luz do corredor do meu apartamento, eu posso vê-los marejados. Penso em dizer alguma coisa, confortá-la de alguma forma do nosso erro, mas eu não encontro nada adequado. Talvez porque nem *eu* ainda digeri tudo isso. Ainda não acredito ter transado com ela, ter *traído* a mulher que amo.

Sem dizer uma palavra, ela se vai.

Fecho a porta, devagar, e me encosto a ela, afagando o rosto e o cabelo freneticamente. Neste instante estou com medo, arrependido e confuso.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Eu me repreendo severamente. Digo a mim mesmo que *nunca* mais algo do gênero irá se repetir.

E eu nunca estive tão redondamente enganado em toda minha vida.

Continue lendo no Wattpad…

Em breve na Amazon!

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

AMOR À SEGUNDA VISTA EM LIVRO FÍSICO

O primeiro livro de *Amor à Segunda Vista* será publicado pela *Editorial Hope*. Para adquirir um exemplar autografado e brindes exclusivos, entre em contato com a autora pelo *ac.nunes@outlook.com.br* com o assunto *"Livro Físico ASV"*.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

PLAYLIST

RHYTMH OF LOVE (Capítulo 8: Mãos à Obra), Scorpions, álbum: ***Savage Amusement*** , 1988, faixa 02.

YOU AND I (Capítulo 9: Para Sempre e Mais Um Dia), Scorpions, álbum: ***Pure Instinct***, 1996, faixa 10.

ALWAYS (Capítulo 9: Para Sempre e Mais Um Dia), Bon Jovi, álbum: ***Cross Road***, 1994, faixa 04.

HAVE A NICE DAY (Capítulo 9: Para Sempre e Mais Um Dia), Bon Jovi, álbum: ***Have a Nice Day***, 2005, faixa 01.

THE ZOO (Capítulo 16, Lembranças), Scorpions, álbum: ***Animal Magnetism,*** 1980, faixa 08.

SUPERMASSIVE BLACK HOLE (Capítulo 20: Lembranças), Muse, álbum: ***Black Holes and Revelations,*** 2006, faixa 03.

SINÔNIMOS (Capítulo 23: Por elas), Zé Ramalho, álbum: ***Voz & Violão - 40 Anos de Música***, 2016, faixa 18.

GARGANTA (Capítulo 30: A Inauguração), Ana Carolina, álbum: ***Ana Carolina,*** 1999, faixa 06.

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

60 HORAS ***(em físico, 1ª ed.; em e-book 2ª ed.):***

SINOPSE:

Hudson Cavalcanti é um sargento militar da pacata cidade de Alfaburgo, no interior de São Paulo. Ele vê sua vida totalmente mudada quando, após se deparar com a empregada morta no chão de sua cozinha, encontra um recado deixado pelo assassino, descobrindo então, que um veneno letal foi injetado em suas veias e sua esposa, sequestrada, corre risco de morte.

Para Hudson o tempo nunca foi um inimigo tão implacável, e ele descobrirá isso da pior forma possível. Acusado de um crime que não cometeu e fugindo de uma perseguição acirrada, ele tem apenas 60 horas para salvar sua mulher e a própria vida, tendo de conseguir um valor exorbitante exigido para o resgate, antes que o veneno em sua veia sanguínea lhe arranque o último suspiro.

Porém, durante sua corrida obstinada em resgatar a esposa, ele não contava com tantos obstáculos e imprevistos que o atrapalhariam. O tempo está passando. O sargento será capaz de acompanhá-lo?

60 HORAS é uma corrida alucinante contra o tempo, contra a morte, cheia de adrenalina, perseguições, emoção, e claro... Vingança!

(Para adquirir um exemplar autografado, entre em contato com a autora pelo e-mail: ac.nunes@outlook.com.br).

(Para

adquirir

um

exemplar,

acesse

o

link

https://www.amazon.com.br/dp/B01MQY7GVP ou leia de graça pelo Kindle
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Unlimited).

Box Contrato de Casamento ***(somente em e-book)***

SINOPSE: *Contrato de Casamento:* Após desistir de um casamento que salvaria sua família da falência, Sophia Hornet se vê obrigada a começar uma nova vida sozinha, longe do pai que insiste no casamento firmado para tirá-los da ruína. Decidida a não se submeter a um casamento sem amor, Sophia abandona o lar, e logo consegue um emprego na Swiss Chocolate, uma grande e conhecida empresa, comandada pelo jovem e herdeiro Daniel Müller, um homem discreto e evasivo... E que enfrenta problemas com sua herança.

Exigido em testamento pelo falecido pai, Daniel se depara com uma condição singular para o recebimento da parte que lhe cabe por direito: um matrimônio.

Assim, quando Müller conhece a história de Sophia, ele vê na garota a chance perfeita para, de uma vez por todas, ter acesso às ações que lhe pertencem. E então, lhe faz uma proposta tentadora: a promessa de reerguer a empresa e a família Hornet em troca de se casarem por seis meses, o tempo mínimo exigido em testamento para receber a herança.

Para Sophia, a proposta é uma chance de ajudar a família a se recuperar financeiramente, e ao mesmo tempo tirar de seu encalço o ex-noivo abandonado, que também persiste em procurá-la para concretizarem a união.

No entanto, Daniel e Sophia não esperavam que as coisas não saíssem como o planejado, se tornando, então, cada vez mais difícil manter o acordo do contrato. Em meio à farsa do casamento, as circunstâncias os obrigarão a conviverem juntos e a vivenciarem momentos que farão nascer um sentimento recíproco, e junto, uma relação conturbada de amor, ódio e intrigas.

Contrato de Casamento 2, spin-off de Heitor Müller: Tudo o que ele
NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

quer é sua liberdade de volta. Diferentemente do irmão Daniel, Heitor não medirá esforços para manter as aparências do seu casamento de fachada.

Muito pelo contrário. Ele provocará todos os limites.

Só o que ela tem são segundas intenções! E para conseguir o que quer não medirá as consequências.

Um jogo de sedução, astúcia, mentiras e uma revelação que não surpreenderá somente o protagonista.

(Para

adquirir

um

exemplar,

acesse

o

link

https://www.amazon.com.br/dp/B06XZJ61Z7 *ou leia de graça pelo Kindle Unlimited).*

O Natal do Cretino: Um Conto sobre Alfredo Hauser: ***(Conto somente***

em e-book):

SINOPSE:

Conto com o protagonista de Amor à Segunda Vista Às vésperas do Natal, Alfredo Hauser se junta a um grupo de amigos para comemorar a virada em uma boate parisiense. Após a noitada regada a muito álcool, Alfredo acorda ao lado de uma mulher, numa casa a três horas de Paris, sem carro, documentos ou dinheiro. Sem se lembrar do que aconteceu na noite anterior, o Cretino se vê obrigado a passar o natal na casa de uma total desconhecida, juntamente com os pais dela.

(Para

adquirir

um

exemplar,

acesse

o

link

https://www.amazon.com.br/dp/B01DMBX3K2 ou leia de graça pelo Kindle Unlimited).

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

FIQUE POR DENTRO

Quer acompanhar o trabalho da autora?

Fique por dentro.

Siga-a nas redes sociais.

Facebook: www. facebook.com.br/acnunes

Instagram: @mandy_nunes_

Wattpad: ac_nunes

Grupo no Facebook: www.facebook.com/groups/romancesacnunes

E-mail: ac.nunes@outlook.com.br

NACIONAIS-ACHEROM

Document Outline

- AMOR À SEGUNDA VISTA
- LIVRO 3
- TRAUMA
- DIFERENTE
- ILUSÃO
- AJUDA
- SESSÃO
- COINCIDÊNCIAS
- MENEZZES
- MÃOS À OBRA
- Lívia
- ADMIRADORA SECRETA
- EM FAMÍLIA
- A VOLTA
- I ♥ U
- MENTIRAS
- CONFRONTO
- SURPRESA
- LEMBRANÇAS
- O CONSELHO
- FRENTE A FRENTE
- CÓLERA
- ESPECIAL
- VIAGEM
- PERDÃO
- POR ELAS
- CONFISSÃO
- A DECISÃO
- UM NOVO MEMBRO
- JOEL
- O PEDIDO RECUSADO
- OS PAIS
- A INAUGURAÇÃO
- RECOMEÇO PARA TODOS

- BEIJO ROUBADO
- A DÚVIDA
- RECONCILIAÇÃO
- O TERCEIRO
- EU A PERDOO
- RENOVADO
- DESEJO REALIZADO
- Enzo
- Fim
- Alfredo
- Alfredo
- Prólogo
- YOU AND I (Capítulo 9: Para Sempre e Mais Um Dia), Scorpions, álbum: Pure Instinct, 1996, faixa 10.
- ALWAYS (Capítulo 9: Para Sempre e Mais Um Dia), Bon Jovi, álbum: Cross Road, 1994, faixa 04.
- THE ZOO (Capítulo 16, Lembranças), Scorpions, álbum: Animal Magnetism, 1980, faixa 08.
- SINÔNIMOS (Capítulo 23: Por elas), Zé Ramalho, álbum: Voz & Violão - 40 Anos de Música, 2016, faixa 18.
- GARGANTA (Capítulo 30: A Inauguração), Ana Carolina, álbum: Ana Carolina, 1999, faixa 06.